

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Adriano Martins Rodrigues dos Passos

ARQUEOGENEALOGIA DAS INTERDIÇÕES, SEPARAÇÕES E
SEGREGAÇÕES DE SEXO/GÊNERO NOS ESPORTES: O JOGO
DISCURSIVO SOBRE AS MULHERES

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliane Gonçalves

Goiânia (GO)
Dezembro, 2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☐ Dissertação ☒ Tese

2. Nome completo do autor

Adriano Martins Rodrigues dos Passos

3. Título do trabalho

Arqueogenealogia das interdições, separações e segregações de sexo/gênero nos esportes: o jogo discursivo sobre as mulheres

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☐ SIM ☒ NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **ADRIANO MARTINS RODRIGUES DOS PASSOS, Discente**, em 14/12/2020, às 10:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Gonçalves, Professor do Magistério Superior**, em 09/03/2021, às 09:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1735544** e o código CRC **0D5AF8CD**.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☐ Dissertação ☒ Tese

2. Nome completo do autor

Adriano Martins Rodrigues dos Passos

3. Título do trabalho

Arqueogenealogia das interdições, separações e segregações de sexo/gênero nos esportes: o jogo discursivo sobre as mulheres

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Gonçalves, Professor do Magistério Superior**, em 23/03/2022, às 14:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **ADRIANO MARTINS RODRIGUES DOS PASSOS, Usuário Externo**, em 24/03/2022, às 17:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2779926** e o código CRC **24F24655**.

Referência: Processo nº 23070.049635/2020-39

SEI nº 2779926

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

**Arqueogenealogia das interdições, separações e segregações de
sexo/gênero nos esportes: o jogo discursivo sobre as mulheres**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Linha de Pesquisa: Direitos Humanos,
Diferença e Violência.

Orientadora: Dra. Eliane Gonçalves

Goiânia (GO)
Dezembro, 2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

PASSOS, Adriano Martins Rodrigues dos
Arqueogenealogia das interdições, separações e segregações de
sexo/gênero nos esportes: o jogo discursivo sobre as mulheres
[manuscrito] / Adriano Martins Rodrigues dos PASSOS. - 2020.
505 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Eliane GONÇALVES .
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de
Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Sociologia,
Goiânia, 2020.
Bibliografia. Apêndice.
Inclui siglas, fotografias, abreviaturas, tabelas, lista de figuras, lista
de tabelas.

1. Arqueogenealogia. 2. Esportes. 3. Sexo/Gênero. 4. Interdições.
5. Segregações . I. GONÇALVES , Eliane, orient. II. Título.

CDU 3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata Nº 08 da sessão de Defesa de Tese de **Adriano Martins Rodrigues dos Passos** que confere o título de Doutor em **Sociologia**, na área de concentração em Sociedade, Política e Cultura.

Aos sete de dezembro de dois mil e vinte, a partir das quatorze horas na sala virtual (<https://meet.google.com/rmo-iuqj-xeo>), realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada “Arqueo-Genealogia das interdições, separações e segregações de gênero nos esportes: o jogo discursivo sobre as mulheres”. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Eliane Gonçalves (PPGS/ UFG) com a participação dos/as demais membros/as da Banca Examinadora: Professor Doutor Jordão Horta Nunes (UFG), membro titular interno; Professora Doutora Kátia Menezes de Sousa (UFG), membro titular externo; Professor Doutor Fernando Segura Millan Trejo (CIDE-México), membro titular externo; Professora Doutora Silvana Vilodre Goellner (UFRGS), membro titular externo. Durante a arguição os/as membros/as da banca fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão reservada a fim de concluir o julgamento da Tese tendo sido o candidato aprovado pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Eliane Gonçalves, Presidenta da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos/as Membros/as da Banca Examinadora.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

“Arqueogenealogia das interdições, separações e segregações de sexo/gênero nos esportes: o jogo discursivo sobre as mulheres”

A banca recomenda o trabalho para publicação.



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Gonçalves, Professor do Magistério Superior**, em 08/12/2020, às 09:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Silvana Vilodre Goellner, Usuário Externo**, em 08/12/2020, às 10:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernando Segura Millan Trejo, Usuário Externo**, em 08/12/2020, às 10:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **KÁTIA MENEZES DE SOUSA, Usuário Externo**, em 14/12/2020, às 10:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **ADRIANO MARTINS RODRIGUES DOS PASSOS, Discente**, em 14/12/2020, às 10:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jordão Horta Nunes, Professor do Magistério Superior**, em 14/12/2020, às 10:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1735173** e o código CRC **F767EB9C**.

Referência: Processo nº 23070.049635/2020-39

SEI nº 1735173

ADRIANO MARTINS RODRIGUES DOS PASSOS

Arqueogenealogia das interdições, separações e segregações de sexo/gênero nos esportes: o jogo discursivo sobre as mulheres

Tese de Doutorado apresentada em 07 de dezembro de 2020 à banca examinadora composta pelos /as seguintes professores /as:

Banca examinadora:

Prof. Dra. Eliane Gonçalves – Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFG) e Coordenadora do Grupo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade (SER-TÃO – UFG) (Orientadora)

Prof. Dra. Silvana Vilodre Goellner - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (UFRGS) e Vice-coordenadora do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO)

Prof. Dra. Kátia Menezes de Sousa – Programa de Pós-Graduação em Linguística (UFG) e Coordenadora do Círculo Goiano de Análise do Discurso (TRAMA - UFG)

Prof. Dr. Fernando Segura M. Trejo – PPGS/UFG e Centro de Investigación y Docencia Económicas (CIDE), México

Prof. Dr. Jordão Horta Nunes – Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFG) e Coordenador do Núcleo de Estudos sobre o Trabalho (NEST – UFG)

Prof. Dra. Lenise Santana Borges – Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PUC-GO) - (Suplente externo)

Prof. Dra. Telma Ferreira N. Durães – Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFG) - (Suplente interno)

Goiânia (GO)
Dezembro, 2020

*Dedico esta tese às mulheres da minha vida, dentre elas,
minha mãe Jovita e minha irmã Rejane.*

AGRADECIMENTOS



La Radeau de la Méduse – Musée du Louvre¹

A imagem acima é uma pintura histórica chamada *A Balsa da Medusa*, produzida por Théodore Géricault, entre 1818 a 1819. Ela retrata o suplício de naufragos e naufragas da fragata francesa *La Méduse*, afundada em 1816, perto da costa do continente africano. Impressionado com as notícias que narravam o resgate e a penúria vivida pelos/as sobreviventes, Géricault tentou capturar não apenas o sofrimento, a morte, a sede, o desespero e a violência que abraçou e suportou as sobrevivências, mas a resiliência, a vontade de viver e a esperança daqueles/as que restaram vivos/as, após serem submetidos/as aos arbítrios do tempo e do mar.

A intenção de começar os agradecimentos com a imagem d'A Balsa da Medusa foi a de compor um cenário, uma metáfora, que pudesse expressar alguns dos meus sentimentos e impressões, além de revelar a minha profunda gratidão a pessoas e instituições que foram as tábuas, cordas e barris d'água da minha própria balsa. Minha vontade foi dizer que a tese que vocês têm sob seus olhos, evidencia, ainda que muito parcialmente, a materialização de vivências, tempos, afetos, suportes, distanciamentos, conflitos, tratados de convivência, esperanças e resiliências, travadas sobre uma balsa que vagou por diversos mares, enfrentou várias tempestades e que aportou com muitas avarias e muitas histórias.

Ainda que satisfatória aos olhos de partes da comunidade acadêmica e de alguns regimes institucionais, não há nada de romântico na trajetória da construção de uma tese

¹ Disponível em: <https://www.louvre.fr/oeuvre-notices/le-radeau-de-la-meduse> Acesso em: 30 out. 2020.

de doutoramento. Este texto não é fruto apenas da minha dedicação, mas de renúncias, desprendimentos, abnegações e de dias vividos na solidão dos meus universos particulares. Foi escrito no interior de um mar revoltoso, de ondas extremas e à direita, de correntes autoritárias que empurravam e faziam engolir “novas verdades”, de ventos raivosos soprados por uma cristandade iludida e ébria com as notícias da aparição de um “novo” velho salvador. Como na fatídica Balsa da Medusa, durante minha trajetória formativa pessoas, crenças e coisas foram abandonadas. Alguns Adrianos não resistiram, outros teimaram sobreviver. Alguns subiram no mastro e apontaram teimosamente para uma pequena mancha de esperança, tão incerta quanto o minúsculo barco no horizonte da tela de Géricault, retratou para dizer que era necessário ter fé em meio à desgraça. Sim, por mais difíceis foram os dias, a minha balsa apontava esperança, me protegia, guiava, suportava e me apoiava. Assim, este trabalho só foi possível porque pude contar com pessoas maravilhosas e instituições incríveis que foram a minha própria balsa e para as quais teço minhas considerações de admiração, carinho e gratidão.

Primeiramente, gostaria de expressar meu agradecimento ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás que suportou a minha jornada, iniciada no mestrado, e que agora chega a um dos seus fins no doutorado. Minha gratidão às professoras e aos professores – Telma, Djaci, Tânia, Luiz Mello, Camilo, Marcela, Jean, Revalino, Camila, aos funcionários da administração da Faculdade de Ciências Sociais e da Secretaria da Pós-Graduação em Sociologia – Ramon, Letícia, Aline, Marcelo, Helder, Marlene e todos e todas do prédio das Humanidades. Meus agradecimentos especiais à professora Izabela Maria Tamaso por ter me permitido usufruir das instalações da FCS/UFG, mesmo aos finais de semana e feriados. Seguramente, vivi intensamente todo esse tempo na instituição. Por isso, teço também gratidão às minhas duas colegas de longa data, Verônica e Lú, responsáveis pela manutenção do prédio e pelos momentos regados a cafés e bate papos.

Gostaria de agradecer à Universidade Federal de Goiás, cuja existência e operação têm sido fundamentais na luta para a construção de uma sociedade menos desigual e mais diversa. Nas suas dependências, entre horas e horas de estudos, alguns momentos de balbúrdia, sempre me senti seguro e acolhido. Do mesmo modo, agradeço à Biblioteca Central Professor Alpheu Veiga Jardim que me abraçou e me acolheu com suas estantes e livros. Às reuniões e encontros, aprendizados e trocas de esperanças e afetos promovidas pelo SER-TÃO – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade e o TRAMA

– Ciclo Goiano da Análise do Discurso. Que todas as pessoas tenham o direito de vivenciar a universidade pública e gratuita, como eu a vivenciei. Foi mágico!

À minha orientadora, Eliane Gonçalves, por ter mediado minha vida acadêmica do mestrado ao doutorado, por ter influenciado meu crescimento e suportado minhas ausências físicas e emocionais. Minha gratidão pelas trocas de conhecimentos, afetos e esperanças. Meu corpo carrega cada palavra, cada sorriso, cada gesto compartilhado, eles são marcas fortes das trajetórias firmes, compridas e cumpridas.

Às professoras e professores da Banca Examinadora, professora Dra. Silvana Vilodre Goellner por ter sido minha fonte de inspiração, por ter me encantado com seus textos sobre as mulheres e suas histórias nos esportes. Professora Dra. Kátia Menezes de Sousa que me ensinou e me fez amar Michel Foucault, me acolheu nas discussões sobre o “careca” e sobre os estudos do discurso, me abraçou com braços e olhos de afeto e admiração partilhada. Professor Dr. Fernando Segura M. Trejo com o qual pude aprender sobre a Sociologia do Esporte, o Esporte para o Desenvolvimento da Paz, e com quem troquei conversas e criei projetos de motins. Suas mediações foram cruciais para a materialização desta tese, sem elas, muito me faltaria. *Merci beaucoup*, Fernando! Professor Dr. Jordão Horta Nunes que, seguramente, foi um dos meus melhores professores de metodologia e epistemologias científicas. Que me fez aprender que um texto deve ser escrito como se canta uma música, com frases confortáveis, com tempos para a retomada do fôlego, insistindo na diversidade dos campos harmônicos com tonalidades maiores, menores, harmônicas e melódicas. Agradeço com carinho e admiração as professoras Dra. Lenise Santana Borges e Dra. Telma F. Nascimento Durães que aceitaram a suplência na banca examinadora.

Je voudrais aussi remercier l’Université Paul Sabatier – Toulouse III, le CRESCO – Centre de Recherche Sciences Sociales, Sports et Corps, sous la direction de Dr. Christine Mennesson, qui m’a accueilli, m’a soutenu et m’a guidé dans l’avancement de mes recherches. Christine je tiens à vous exprimer toute ma gratitude. Vos enseignements soigneux et votre attention à mon égard m’ont particulièrement touché. Merci beaucoup! Je voudrais ensuite remercier Mmes Maria-Carmen Garcia, Charlort Vincent et M. Jean-Charles Basson ; les doctorants Delphine Azema, Laurence Boulaghaf, Charlotte Bruneau et Lise Charisou – amis du style « *mélangé* » brésilien et français. Catherine Malassis – pour l’aide que vous m’avez apportée avec la carte de la bibliothèque, cela m’a ouvert tout un monde! Felipe Anjos – mon ami, mon frère, Pedro Gomes – mon inspiration et modèle de résistance. Mes amis et amies, Gabriel Maffre, Tatiana Bichara Leal, Jurdete,

Chang Yn, Charlie, Denise dos Anjos, Benjamin et Flávia. À mon ancienne colocataire, Catherine Nieuwenhove, merci de m'avoir accueilli et aidé. À mon nouveau collègue, Samuel Legarto, qui aime la langue portugaise autant que j'aime la langue française et avec qui je peux maintenir un lien avec la France.

Às minhas amigas e amigos da vida e das coisas cotidianas, muitas vezes entrelaçadas com a academia e eternamente alinhadas às lutas contra as desigualdades sociais. Gratidão, muita gratidão: Samara Xavier por sua resiliência, teimosia e companheirismo. Yordanna, Juliana Jardel, Franczy Eide, Virgínia Cardoso, Jéssica Moura – furacões de fogo sobre racistas, fascistas, machistas, transfóbicos e homofóbicos. Eli Alves – e a força das suas magias. Regis Rezende – e suas críticas babadeiras. Simone, Marcilaine, Guilherme&Júnior, Joubert, Tatiele – preciosidades plantadas no mestrado e cultivadas para sempre. Elismênia, Deyvid, Marcinha, Gabriela, Thaysa de Miranda, Jéssica Moura, Anderson Ferreira – preciosidades potentes e transgressivas do doutorado. Nil Souza, Eliza Rebeca, Christiane (Dra. Holanda), Miguel Alves – fontes de críticas e resistências. Mário Júnior, Katiúscia, Daniel Sartejani e Luiz – minhas raízes nas línguas inglesa e francesa. Rafael Oliveira, Tom Silva Júnior, Humberto Paixão, Ana Cristina, Samuel, Lorena, Eli Velton, Gislene de Souza – das TRAMAS acadêmicas e da vida. Aos queridos, queridas e querides Luiz Mello, Camilo e Marcela pelos momentos que fomos tão SER-TÃO. À minha eterna colega e amiga Valéria pela conexão profunda, duradora e cheia de respeito e admiração. À Regina, Raquel, Maura, Cláudia, Elton, Ubiratan, Ilter, Mara e meu amigo Helder Carvalho que foram/são partes essenciais na minha formação humana e docente. Pablo Antón Mira por ser uma das pessoas mais maravilhosas que já conheci e que me presenteou com a arte do convite da defesa. Milie Jane e sua amizade à francesa, autônoma e acolhedora. Wanessa Damasceno por ter me apoiado e me ajudado com a danada da língua portuguesa, sua voz sempre me trouxe calma e respeito pelo tempo. À Raquel Alcântara, mais conhecida como Fafá, a mais amiga das amigas. Te amo!

Aos e às minhas alunas do Sesc Cidadania e do Instituto Federal de Goiás, Campus Inhumas – meu corpo ainda vibra com a energia que troquei com vocês, minha alma é eterna gratidão. Às potentes, resilientes e maravilhosas, Jordana Gabriella, Katharina Prado, Luciana Faustino, Megg Rayara, Sara York – musas (trans)inspiradoras! À Pedro, Poliana e Tatiana que, mesmo diante das (des)crenças mantiveram o projeto da Ginástica Rítmica no Estado de Goiás.

Meus profundos agradecimentos à minha irmã Rejane Passos, que me apoiou incondicionalmente e sem a qual eu nunca teria conseguido. À minha mãe, Jovita Martins, que mesmo impedida de continuar seus estudos, nunca deixou de me incentivar e me apoiar. Mãe, você é a minha balsa, meu porto seguro. Ao meu pai, Walter, por seu suporte, sua presença e sua alegria. Ao meu irmão Rogério e sua eterna crença em velhos e ignóbeis messias. À minha cunhada e cunhado, Gleyce e Márcio, meus sobrinhos Lorena, Ian e Enzo. Ao Cookie que esteve do meu lado por grande parte do caminho, mas que saiu já faz alguns meses, parar brincar em outro espaço-tempo.

Saudades e agradecimentos às minhas duas famílias cariocas: Tia Cemi, Naninha, Vivi, Dilsinho, Miguel, Jorge, Píu [*in memoriam*] e toda a galerinha. À Max Madeira meu querido amigo-irmão, Juliana, Ana Alice, Vovô, Vovó e Ana Júlia, amo muito todos e todas vocês.

Minha gratidão ao querido Silas, Adriana, Dra. Fernanda, Dr. Boaventura, pelo suporte à minha saúde física e mental. Ao pessoal que contribuiu financeiramente, após o fim da minha bolsa e quando tudo parecia perdido. Faço questão de nomear e agradecer profundamente cada um/uma de vocês. De coração, minha gratidão para: Clarice Martins Duarte, Danilo Herbert Q. Martins, Eliza Rebeca S. N. Vazquez, Fernando Moterane, Fernando Sado, Ileana Wenez, Jordão Nunes, Josué Vieira Filho, Joubert Silvestre, Júlio Rudgeri, Kátia M. de Sousa, Livia de Lima Cunha, Lucineia Scremin Martins, Marcelene B. Lima, Marcilaine M. da Silva Oliveira, Monica Mitchell, Raclene Ataíde, Regina Queiroz, Samara Domingas Xavier, Simone Chmara, Sonia Mara M. de C. Patriarca, Tatiana Bichara Leal, Tatiele de Souza, Thaísa L. F. Oliveira, Thaysa de Miranda

Gostaria de agradecer à Alexandra Elbakyan, fundadora da plataforma Sci-Hub, sem a qual a ciência ainda estaria totalmente aprisionada nas mãos de revistas e feudos de comércios epistêmicos. À Library Genesis, Libgen, por transgredir regras e disponibilizar um acervo incrível de livros e artigos. À Rita e à Julieta que, cada qual ao seu modo, me mantiveram acordado, consciente e abaixo do limiar da loucura, sem pirar com a ansiedade e o desejo. À Associação Brasileira de Intersexos (ABRAI) e à ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais que resistem para existir e que existem para reagir, conforme evoca o lema da Antra.

Por fim, meus agradecimentos ao CNPq e à CAPES, instituições que fomentaram minha bolsa durante todo o doutorado e que, mesmo combalidas e atacadas, são a garantia de que podemos acreditar em tempos melhores, com pesquisas libertadoras e com liberdade para pesquisar.

RESUMO

Nesta tese, busquei construir uma arqueogenealogia das práticas de interdição, separação e segregação das mulheres nos esportes, em especial na ginástica artística e no atletismo, a partir de um recorte histórico que cobriu o final do século XVIII e se estendeu até 2018. Focado basicamente nos regimes de verdade das ciências biomédicas, manuais e métodos de ginástica (exercícios físicos), manuais de etiqueta e bons modos, revistas e jornais do cotidiano, além de minutas, relatórios, memorandos, compêndios de regras e códigos de pontuação do Comitê Olímpico Internacional (COI), Associação Internacional das Federações de Atletismo (IAAF), Federação Internacional de Ginástica. Esses documentos foram recuperados através da *Bibliothèque Nationale de France*, do *Centre d'Études Olympiques*, da *Fédération Internationale de Gymnastique*, da Hemeroteca Digital Brasileira e por intermédio de e-mails trocados com a IAAF - *Archives and Records Management*. Mediante essa base de dados, me empenhei em identificar, classificar e analisar os acontecimentos (enunciados, práticas, eventos, ditos e não ditos) que emergiam, operavam e influenciavam na situação social das mulheres, suas corporalidades e a dinâmica do ordenamento do gênero no século XIX, XX e partes do XXI, tanto na Europa como no Brasil. Pensando especificamente sobre o esporte no interior dos Jogos Olímpicos Modernos, minha principal finalidade foi revelar e analisar os jogos de poder e saber em relação às mulheres, seus corpos e os usos que elas poderiam conferir a eles no interior de práticas corporais e esportes. Se de um lado, elas foram alcançando maior poder político, autoridade grupal, liderança e força carismática, por outro, seus avanços sobre o território esportivo, considerado de domínio dos homens, fizeram emergir toda a uma gama de estratégias, práticas, organizações, disposições, adaptações que tiveram a função de instituir e manter um quadro regulatório rígido, que ainda hoje se faz atuante. Esse dispositivo de segurança, sustentado por valores médios daquilo que os corpos sexuais poderiam ou não desempenhar, somado ao velho apego seletivo do ideal ético da igualdade de condições nas competições esportivas e de sentidos de valores sobre justiça e injustiça, tem garantido a perenidade das interdições, separações e segregações. Tudo isso mantido pela bicategorização sexual das modalidades, provas, equipamentos, regras, vestimentas, códigos de pontuação e mecanismos de valoração social, cultural e econômica de mulheres e homens atletas. Assim, a tese problematiza o aumento da participação das mulheres nos esportes e nas competições consubstanciado com a submissão dos seus desempenhos, estéticas e expressões, frente a um quadro regulador complexo, insidioso e eficaz, materializado na concepção de que a diferenciação das provas, aparelhos, movimentos corporais e expressões seja “natural” e que seja urgente, “necessário” e “justo” a implantação das políticas de elegibilidade que prometem proteger as atletas e as competições com mulheres, ainda que para isso, seja “inevitável” excluir e aviltar outras atletas, sobretudo mulheres negras com variações intersexuais e oriundas de países colonizados.

Palavras-chave:

Arqueogenealogia, Esporte, Sexo/Gênero, Interdições, Segregações

ABSTRACT

In this thesis, I sought to produce an archeogenealogy of the practices of interdiction, separation and segregation of women in sports, especially in artistic gymnastics and athletics, from a historical frame that covered the end of the 18th century and extended until 2018. Basically focused in regimes of truth of the biomedical sciences, gymnastics manuals and methods (physical exercises), etiquette and manners manuals, daily magazines and newspapers. As well as reports, minutes, memorandums and compendiums of rules and codes of points from the International Olympic Committee (IOC), International Association of Athletics Federations (IAAF) and of the International Federation of Gymnastics (FIG). These documents were retrieved through the Bibliothèque Nationale de France, Center d'Études Olympiques, International Federation of Gymnastics, Hemeroteca Digital Brasileira and through emails exchanged with IAAF - Archives and Records Management. Through this database, I endeavored to identify, classify and analyze the événements (statements, practices, events, said and unsaid) that emerged, operated and influenced the social situation of women, their bodies and the dynamics of gender ordering in the 19th, 20th and also parts of 21st century, both in Europe and in Brazil. Thinking specifically about sport competitions in Modern Olympic Games, my main purpose was to reveal and analyze the games of power and knowledge in relation to women, their bodies and the uses that they could confer on them in sports. If, in parts, they were achieving greater political power, group authority, leadership and charismatic strength, otherwise, their advances in the sports territory, considered a men's domain, made appear a range of strategies, practices, organizations, dispositions, adaptations that have had the function of establishing and maintaining a rigid regulatory framework, which is still active today. This security device, supported by average values of what sexed bodies could or could not perform, added to the ethical ideal of equal conditions in women's competitions and based on sense of values as justice and injustice, has guaranteed the perennity of the gender prohibitions, separations and segregations. All of this, from the sexual bi-categorization of sports, events, equipment, rules, sports clothes, codes of points and mechanisms for social, cultural and economic valuation of women and men athletes. Thus, the thesis problematizes the increase in the participation of women in sports and competitions, based on the submission of their performances, aesthetics and expressions, in the face of a complex, insidious and effective regulatory framework, materialized in the conception that the differentiation by tests, devices, body movements and expressions are "natural" and "necessary". This conjuncture has justified the implementation of eligibility policies that promises to protect women's athletes and competitions, through the exclusion and negation of other women athletes, especially black women with intersex variations and women from colonized countries.

Keywords:

Archeogenealogy, Sports, Sex/Gender, Interdictions, Segregations

RÉSUMÉ

Dans cette thèse, j'ai cherché à construire une archéogénéalogie des pratiques d'interdiction, de séparation et de ségrégation des femmes dans le sport, notamment en la gymnastique artistique et en l'athlétisme, depuis d'un cadre historique qui couvrait la fin du XVIIIe siècle et s'étendait jusqu'en 2018. Essentiellement axé sur les régimes de vérité des sciences biomédicales, manuels et méthodes de gymnastique (exercices physiques), manuels de la politesse, magazines et journaux du quotidiens, de même que les notes, rapports officielles, règlements et les codes de pointage du Comité International Olympique (CIO), Association Internationale des Fédérations d'Athlétisme (IAAF), Fédération Internationale de Gymnastique (FIG). Ces documents ont été récupérés par l'intermédiaire de la Bibliothèque Nationale de France, du Centre d'Études Olympiques, de la Fédération Internationale de Gymnastique, de l'Hemeroteca Digital Brasileira et de e-mails échangés avec l'IAAF par son département d'archives et gestion des documents. Grâce à cette base de données, j'ai travaillé pour identifier, classer et analyser les événements (énoncés, pratiques, événements, dits et non-dits) qui ont émergé, opéré et influencé la situation sociale des femmes, leur corps et la dynamique de la hiérarchisation des sexes au siècle XIX, XX et parties de XXI, à la fois en Europe et au Brésil. En pensant spécifiquement au sport, dans le cadre des Jeux Olympiques Modernes, mon objectif principal était de révéler et d'analyser les jeux du pouvoir et savoir en relation les femmes, leur corps et les usages qu'elles pouvaient leur conférer dans les pratiques corporelles et sportives. Si, d'une part, ils acquéraient plus de pouvoir politique, d'autorité de groupe, de leadership et de pouvoir charismatique, d'autre part, leurs marches sur le territoire sportif, considéré comme le domaine des hommes, ont engendré toute une gamme de stratégies, de pratiques, d'organisations, de dispositions et des adaptations dans un cadre réglementaire rigide, toujours actif. Ce dispositif de sécurité, soutenu par des valeurs moyennes de ce que les corps sexués pouvaient ou ne pouvaient pas accomplir, ajouté au vieil attachement sélectif de l'idéal éthique de l'égalité des conditions dans les compétitions sportives et des sens de la valeur de justice et d'injustice, a garanti la permanence des interdictions, séparations et ségrégations. Tout cela est maintenu par la bi-catégorisation sexuelle des modalités sportives, des tests, des équipements, des règles, des vêtements, des codes de pointage et des mécanismes de valorisation sociale, culturelle et économique des athlètes féminins et masculins. Ainsi, la thèse problématise l'augmentation de la participation des femmes aux sports, mais en fonction de la soumission de leurs performances, esthétiques et expressions, face à un cadre réglementaire complexe, insidieux et efficace. Matérialisée dans la conception que la différenciation des épreuves, des appareils, les mouvements et expressions du corps sont «naturels» et qu'il est urgent, «nécessaire» et «juste» de mettre en service les politiques d'éligibilité qui promettent protéger les athlètes et les compétitions avec des femmes, même si c'est «inévitables» d'exclure et avilir d'autres athlètes, en particulier les femmes noires avec des variations intersexes et originaires de pays colonisés.

Mots-clés:

Archéogénéalogie, Sport, Sexe/Genre, Interdictions, Ségrégations

LISTA DE ABREVIATURAS

AAU – American Athletic Union

AFI – Athletics Federation of India

BWAAA - British Women's Amateur Athletic Association

CAS – Court of Arbitration for Sport

CIPC – Comité International Pierre de Coubertin

CIO – Comité International Olympique

COB – Comitê Olímpico Brasileiro

COI – Comitê Olímpico Internacional

COP – Code of Points

DSD – Disorders (Differences) of Sexual Development

FIG - Fédération Internationale de Gymnastique

FRBG - Fédération Royale Belge de Gymnastique

FSFI – Fédération Sportive Féminine Internationale

FSFSF - Fédération des Sociétés Féminines Sportives de France

GA – Ginástica Artística

GAF – Ginástica Artística Feminina

GAM – Ginástica Artística Masculina

GR – Ginástica Rítmica

HA – Hiperandrogenia

IAAF – International Association of Athletics Federations

IOC – International Olympic Committee

JO – Jogos Olímpicos

JOI – Jogos Olímpicos de Inverno

JOV – Jogos Olímpicos de Verão

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans (travestis e transexuais), Queers, Intersexos, Assexuais e + para outras orientações e identidades

NBC - National Broadcasting Company

PCR – Polymerase Chain Reaction

SRY – Sex-determining Region Y

UEG - Union Européenne de Gymnastique

UFSGF - Union Française des Sociétés de Gymnastique Feminine

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

USFSA - Union des Sociétés Françaises des Sports Athlétiques

USGF - Union des Sociétés de Gymnastique de France

VT – Vaut Tumbling

WDNAAF - Women Division of the National Amateur Athletic Federation

LISTA DE EXTRATOS

Extrato 1 - Poetical Miscellanies (1727)	44
Extrato 2 - Traité sur la connoissance du royal jeu de paume (1783).....	55
Extrato 3 - Traité sur la connoissance du royal jeu de paume (1783).....	56
Extrato 4 - Traité sur la connoissance du royal jeu de paume (1783).....	57
Extrato 5 - Commentaires on some of the more important of the diseases of females (1827)	69
Extrato 6 - Parturition without pain. A code of directions for escaping from the primal curse (1878).....	70
Extrato 7 - Lectures on some of the distinctive characteristics of the female (1847)..	72
Extrato 8 - Lectures on some of the distinctive characteristics of the female (1847)..	72
Extrato 9 - On the relative influence of the male and female parents in the reproduction of the animal species (1854).....	73
Extrato 10 - The evolution of sex (1908 [1889])	75
Extrato 11 - Traité spécial d'hygiène des familles (1858).....	76
Extrato 12 - Traité de la menstruation (1868).....	77
Extrato 13 - Lectures on some of the distinctive characteristis of females (1847).....	80
Extrato 14 - Enunciados da obra The descent of man (1901 [1871]) de Charles Darwin	80
Extrato 15 - The physiology of woman (1882).....	89
Extrato 16 - The physiology of woman (1882).....	90
Extrato 17 - The physiology of woman (1882).....	91
Extrato 18 - The physiology of woman (1882).....	92
Extrato 19 - The sexes throughout nature (1875).....	93
Extrato 20 - The evolution of woman (1893).....	96
Extrato 21 - The descent of man (1871).....	97
Extrato 22 - The descent of man (1871).....	98
Extrato 23 - The descent of man (1901 [1871]).....	98
Extrato 24 - The evolution of woman (1893).....	100
Extrato 25 - The women of England (1838)	106
Extrato 26 - Nouveau manuel complet de la bonne compagnie (1839)	108
Extrato 27 - Nouveau manuel complet de la bonne compagnie (1839)	109
Extrato 28 - Entrevista com Susan B. Anthony, publicada em 1896	111
Extrato 29 - Entrevista com Susan B. Anthony (1896).....	113
Extrato 30 - Sex in mind and in education (1884)	119
Extrato 31 - Sex in mind and in education (1884)	120
Extrato 32 - Programa de admissão da Hampstead Physical Training College and Gymnasium (1903).....	124
Extrato 33 - La gymnastique, notions physiologiques et pégagogies, application hygiéniques et médicales (1884)	134
Extrato 34 - La gymnastique, notions physiologiques et pégagogies, application hygiéniques et médicales (1884)	135
Extrato 35 - Revista La vie au grand air (1899).....	137
Extrato 36 - La vie au grand air (1899).....	137
Extrato 37 - Viagens no Brasil: principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841 (1942 [1849])	141

Extrato 38 - Práticas corporais e conselhos para os homens jovens convenientes no Código do bom tom ou regras de civilidade (1845)	143
Extrato 39 - Regras para as moças no Código do bom tom ou regras de civilidade (1845)	143
Extrato 40 - Capa e ode ao levante feminino no Opúsculo humanitário (1853).....	144
Extrato 41 - Capa e extrato da Revista A Mensageira (15/10/1897)	145
Extrato 42 - Revista Médica Brasileira - Jornal da Academia Imperial de Medicina (1841)	147
Extrato 43 - Maria Spelterini, Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 1877	149
Extrato 44 - Detenção de mulheres capoeiras, Gazeta de Notícias, Brasil, 1878	150
Extrato 45 - Participação de mulheres brasileiras	151
Extrato 46 – Notícias sobre os Zappas Olympics no Le Figaro, 1885.....	161
Extrato 47 – Coubertin faz referência aos Jogos Olímpicos de Much Wenlock, 1890.....	163
Extrato 48 - La Revue Athlétique , 25/12/1890	164
Extrato 49 – A restauração dos Jogos Olímpicos segundo Coubertin, 1896	165
Extrato 50 - Bulletin du Comité International, Juillet 1894.....	167
Extrato 51 - Mémoires Olympiques, 1931	173
Extrato 52 – O cenário discursivo do século XIX aos olhos de Coubertin, 1896.....	181
Extrato 53 - Revue Olympique, n. 96, 1913	185
Extrato 54 - Capa e enunciado da Revue Olympique, n. 96, 1913a.....	186
Extrato 55 - Official Bulletin of the International Olympic Committee, 1927	187
Extrato 56 - Revue Olympique, n. 84, décembre 1912	191
Extrato 57 - Bulletin Officiel du Comité International, octobre, 1894	193
Extrato 58 - Mémoires Olympiques, 1931	197
Extrato 59 – A abertura dos primeiros Jogos Olímpicos pelo olhar de Coubertin	198
Extrato 60 – Entrevista de Pierre de Coubertin, concedida ao Le Journal, Paris, 27/08/1936.....	205
Extrato 61 - Revue Olympique, n. 79, juillet 1912	206
Extrato 62 - Matéria sobre a amazona Helen Preece, The New York Times, 05/11/1911	208
Extrato 63 - Políticas eugenistas sob a ótica do COI, Revue Olympique, n. 83, novembre, 1912	211
Extrato 64 - Prescrições de François Galton para as mulheres, Inquiries into Human Faculty and Its Development, 1883.....	213
Extrato 65 - Argumento de Coubertin para a interdição das mulheres nos Jogos Olímpicos, Revue Olympique, n. 79, juillet 1912	214
Extrato 66 - Como foi fundada a Fédération Internationale Féminine, L'Auto, 03/11/1921	230
Extrato 67 - Reunião da Comissão Técnica da FSFI, Jornal Le Gaulois, 30/12/1926	236
Extrato 68 - Minuta da Reunião do Conselho da IAAF, 13 e 14/08/1927, com a participação de Alice Milliat	242
Extrato 69 - Bulletin Officiel du Comité International Olympique, Septembre, 1929	246
Extrato 70 - Minuta da reunião do conselho da IAAF, Berlim, 19/05/1930.....	247
Extrato 71 - Minuta do Congresso da IAAF, Estocolmo, agosto de 1934.....	249
Extrato 72 - Minuta do Congresso da IAAF, Estocolmo, 1934	251
Extrato 73 - Official Bulletin of the International Olympic Committee, May 1935..	252
Extrato 74 - <i>Les sports et la femme. Amis et ennemis</i> , L'Auto, 17/01/1924	258

Extrato 75 - Crítica de Alice Milliat aos adversários da luta das mulheres nos esportes, L'Auto, 17/12/1924.....	259
Extrato 76 - Críticas de Alice Milliat ao domínio dos homens, L'Auto, 17/12/1924.....	259
Extrato 77 - Previsão para a cidade do Rio de Janeiro, nos anos 2000, feita na Revista da Semana (RJ), 20/05/1900.....	266
Extrato 78 - Anúncio do curso de formação em Educação Física para mulheres, Revista Feminina, janeiro de 1917	267
Extrato 79 - Revista da Semana, 20/05/1900	268
Extrato 80 - Revista da Semana, 31/08/1912	269
Extrato 81 - Mulher no Sport, Jornal do Brasil (RJ), 17/08/1913.....	271
Extrato 82 - O sport e a mão da mulher, Sport Illustrado, 07/08/1920	274
Extrato 83 - Representação das mulheres em eventos esportivos, Sport Illustrado, 08/01/1921	275
Extrato 84 - Críticas as mudanças no vestuário das mulheres brasileiras, Revista Feminina, março/1917	275
Extrato 85 - Práticas corporais indicadas para as mulheres nas primeiras décadas do século XX, Revista Feminina, fevereiro de 1919	281
Extrato 86 - Objetivos das práticas corporais para as mulheres na revista Educação Physica, n. 49, 1940.....	282
Extrato 87 - A mulher nos esportes, Jornal dos Sports, 03/10/1948	283
Extrato 88 - Inauguração dos Jogos da Primavera, 01/10/1949	284
Extrato 89 - Resistências à prática do futebol pelas mulheres, Educação Physica, n. 49, 1940	287
Extrato 90 - Matéria sobre o decreto lei n. 3.199 de 14/04/1941, na Revista Educação Physica, outubro de 1941	288
Extrato 91 - Le manifeste olympique, Coubertin, 1994/1892.....	306
Extrato 92 - The meeting of the olympian games, 1900	312
Extrato 93 - Giro gigante em um braço, Código de Pontuação Feminino 2017-2020	334
Extrato 94 - Regras especiais das competições com exercícios do Sistema Sueco de ginástica nos Jogos Olímpicos de Estocolmo em 1912	343
Extrato 95 - La vie parisienne, 02/07/1938	390
Extrato 96 - Le Miroir de Sports, 20/09/1938.....	391
Extrato 97 - Enunciado do L'Auto, 04/10/1938, sobre a desqualificação de Dora Ratjen	392
Extrato 98 - Notícias sobre Dora Ratjen no Journal Paris-soir de 16/02/1940.....	393
Extrato 99 - Exames de verificação do sexo/gênero, Pan-Americano de Winnipeg, 1967	409
Extrato 100 - Exames de verificação do sexo/gênero, Winnipeg, 1967	409
Extrato 101 - A importância dos testes de cromatina sexual na American Medical Association, 1966	413
Extrato 102 - Relato da Comissão Médica do COI sobre os exames de sexo em Grenoble 1968	417

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Smock Races: corredora trajando um avental holandês, ilustração de 1770 45

Figura 2 - Miss Trigger e Miss Wicket, ilustração de 1778	50
Figura 3 – A prática do Jeu de Paume, ilustração de 1757.....	51
Figura 4 - Capa da obra: <i>Traité sur la connoissance du royal jeu de paume et des principes qui sont relatifs aux diferentes parties qu'on y joue</i> , par Manevieux (1783) .	54
Figura 5 - Contracapa da obra de Charles D. Meigs (1847).....	71
Figura 6 – Sátira a Charles Darwin na obra: <i>Great drawings and illustrations from Punch 1841-1901</i> (1881)	79
Figura 7 - Dr/a. James Harry (s.d.).....	87
Figura 8 - Contra capa da obra: <i>The physiology of woman</i> (1882)	88
Figura 9 - Ilustrações publicadas entre 1867 e 1868, na revista britânica <i>Mr. Punch</i> (1867) com críticas à moda da burguesia europeia no final do século XIX.....	99
Figura 10 - Contracapa do: <i>Nouveau manuel complet de la bonne compagnie</i> (1839)	107
Figura 11 - Ilustração satírica sobre os “excessos” na vestimenta das mulheres burguesas no século XIX, publicada no periódico <i>Mr. Punch</i> de 1858.....	115
Figura 12 - Ilustração com tom crítico sobre a prática do ciclismo por parte das mulheres ao final do século XIX, publicada no periódico <i>Mr. Punch</i> de 1898.....	116
Figura 13 - Capa do programa de admissão da <i>Hampstead Physical Training College and Gymnasium</i> (1903)	122
Figura 14 - Prática do basquetebol exposta no programa de admissão da <i>Hampstead Physical Training College and Gymnasium</i> (1903)	122
Figura 15 - Contracapa do programa de admissão da <i>Hampstead Physical Training College and Gymnasium</i> (1903).....	123
Figura 16 - Exposição de etnografia colonial em Paris, França, Paris, 1889?	127
Figura 17 - Capa da revista: <i>La vie au grand air</i> (1899).....	136
Figura 18 - A atleta britânica Charlotte Dod (Lottie Dod) [s.d.].....	139
Figura 19 - Contracapa da obra: <i>Código do bom tom ou regras de civilidade</i> (1845)	142
Figura 20 - Programa oficial dos Jogos Olímpicos de Atenas em 1896	200
Figura 21 - <i>Le Journal</i> , Paris, 27/08/1936	204
Figura 22 – Matéria sobre Helen Preece no jornal estadunidense <i>Democrat and Chronicle</i> , 07/07/1912	207
Figura 23 - Desenho feito a mão, autor desconhecido, de Stamata Revithi.....	215
Figura 24 - <i>L'éducation sportive et physique de la femme</i> , Alice Milliat para o <i>Le Miroir des Sports</i> , 22/07/1920	228
Figura 25 – Programação das provas do atletismo nos Jogos Olímpicos de Amsterdã em 1928	238
Figura 26 - Contracapa da obra: <i>Trois dialogues de l'exercice de sauter, et voltiger en l'air de Arghange Tuccaro</i> , 1599	290
Figura 27 - Progressões pedagógicas na obra <i>Trois dialogues de l'exercice de sauter, Arghange Tuccaro</i> , 1599	291
Figura 28 - Exercícios na barra fixa, A ginástica alemã, Ludwig Jahn, 1828.....	303
Figura 29 - Primeiro modelo do cavalo de madeira estilizado de Ludwig Jahn, <i>Ginástica Alemã</i>	324
Figura 30 - Série obrigatória para as mulheres nas barras paralelas nos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936	336
Figura 31 - Trapézios utilizados por Francisco Amorós y Ordeano, método francês de ginástica	339

Figura 32 - Exercícios de equilíbrio na obra <i>Gymnastique Écletique Pour Tous Les Ages</i> (1871) de Jarry Bouffémont	342
Figura 33 – Padrão para colocação dos equipamentos da Ginástica Artística Masculina e Feminina nas competições oficiais da FIG	364
Figura 34 - Ficha de pontuação de hirsutismo (aumento na quantidade de pelos) organizada por Ferriman e Gallwey e utilizada pela IAAF em 2011. (Nota 0 (zero) em todos os campos indica a ausência de pelos).	437
Figura 35 – Escala Tanner-Whitehouse, utilizada pela IAAF na tarefa de qualificar a diferenciação sexual em mulheres (seios e áreas genitais).	437

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Vestido em algodão branco com apliques de asas de besouro, confeccionado em 1868, através de uma técnica luxuosa e cara, comum entre a burguesia europeia.	100
Imagem 2 - <i>A ciclista estadunidense Annie Londonderry (1895)</i>	113
Imagem 3 - Base da estátua de Kyniska de Esparta, 396-392 a.C.	153
Imagem 4 - The "bikini girls mosaic", século IV d.C.	155
Imagem 5 - Estátua da deusa Ártemis ou Diana	202
Imagem 6 - Dorando Pietri, chegada da prova de maratona nos Jogos Olímpicos de Londres 1908.	217
Imagem 7 - Vaso atribuído ao artista Polygnotos, 450 a 430 a.C., que retrata Perseu decapitando a Medusa, enquanto ela dormia.	221
Imagem 8 - Alice Milliat, primeira presidenta da Fédération Sportive Féminine Internationale	224
Imagem 9 - Alice Milliat na composição da Comissão de Arbitragem do Atletismo nos Jogos Olímpicos de Amsterdã, 1928	239
Imagem 10 - Cinesfera de Rudolf Laban	240
Imagem 11 - Karoline "Lina" Radke na linha de chegada dos 800 m - JO Amsterdã 1928	243
Imagem 12 - Estátua de Perseu com a cabeça de Medusa, Piazza de la Signora, Florência, Itália	255
Imagem 13 - Equipe de futebol do Dick, Ferr, Ladies Football Club, Preston, Londres	261
Imagem 14 - Mudanças no maiô de natação, Maria Lenk no ano de 1932 e depois em 1939	280
Imagem 15 - Maria Ester Bueno no Torneio de Tênis de Wimbledon em 1963.....	285
Imagem 16 - A primeira atleta brasileira finalista em Jogos Olímpicos, a carioca Aida dos Santos	286
Imagem 17 - Cavalo de madeira, recoberto de couro, com alças e pescoço ascendente, usado por Ludwig Jahn	324
Imagem 18 - Saltos sobre o cavalo, mulheres com apoio no comprimento e homens na largura do aparelho	326
Imagem 19 - Mesa de salto	327
Imagem 20 - Demonstração de ginástica sueca por mulheres nos Jogos Olímpicos de Estocolmo, 1912	331

Imagem 21 - Vlasta Dekanová nas séries das barras assimétricas e paralelas, Berlim 1936	336
Imagem 22 - Homens na trave de equilíbrio nos Jogos Olímpicos de Estocolmo em 1912	344
Imagem 23 - Gabriella Mészáros, trave de equilíbrio, Jogos Olímpicos de Berlim em 1936	344
Imagem 24 - Equipes campeãs da ginástica artística nos Jogos Olímpicos de Estocolmo em 1912	350
Imagem 25 – Conjunto de ginastas polonesas, Jogos Olímpicos de Berlim em 1936	350
Imagem 26 - Atleta da URSS, a grande campeã Larissa Latynina no Campeonato do Mundo de Ginástica de Moscou 1958 e Josef Walter, suíço vice-campeão no solo nos Jogos Olímpicos de Berlim 1936	360
Imagem 27 - Exemplo de uma organização espacial e disposição dos aparelhos num ginásio de ginástica artística	362
Imagem 28 - Correções e ajustes na ginástica artística	363
Imagem 29 - Aparelho para o incremento da “ponta dos pés” e o corpo (com)formado pelas ginásticas	373
Imagem 30 – Representante da URSS, campeã olímpica, Larissa Latynina, 1958.....	375
Imagem 31 - Vera Caslavská, Tchecoslováquia, Campeonato Europeu de Ginástica Artística de 1967.....	375
Imagem 32 - Olga Korbut, Sports Illustrated, March 19th, 1973.....	376
Imagem 33 - Olga Korbut, URSS, Jogos Olímpicos de Munique 1972 e Nadia Comaneci, Romênia, Jogos Olímpicos de Montreal 1976	377
Imagem 34 - Gabby Douglas, primeira mulher negra campeã no “individual geral”, Jogos Olímpicos de Londres 2012	380
Imagem 35 - Simone Biles e Alys Raisman, Jogos Olímpicos do Rio 2016.....	381
Imagem 36 – O atleta polonês Zdeněk Koubek	388
Imagem 37 - Mark Weston e sua esposa, Alberta Matilda.....	389
Imagem 38 - Stanisława Walasiewicz (Stella Walsh) à direita, cumprimentando Helen Stephens pela vitória nos 100 m rasos dos JO Berlim 1936.....	389
Imagem 39 - Protesto em favor da luta antirracista, Tommie Smith e John Carlos nos Jogos Olímpicos da Cidade do México em 1968	397
Imagem 40 - As campeãs do lançamento de disco, Tamara Press (URSS), Nina Ponomareva (URSS) e Lia Manoliu (ROM), Jogos Olímpicos de Roma, 1960	403
Imagem 41 - Tamara Press (à direita) abraçando sua irmã mais nova Irina Press	404
Imagem 42 - Tamara Press no arremesso de peso, Jogos Olímpicos de Roma, 1960.	405
Imagem 43 - Irina Press na prova dos 80 metros com barreiras.....	405
Imagem 44 - Corredora e recordista polonesa Ewa Klobukowska.....	414
Imagem 45 - A "carteira rosa" de Maria José Martínez-Patiños que confirmava sua aprovação no teste para cromatina sexual feito em 1983	420
Imagem 46 - A sul africana, recordista e campeã olímpica dos 800 metros nos JO Rio 2016, Caster Semenya	442
Imagem 47 - Dutee Chand preparada para o desfile de abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016	443

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro comparativo entre os sexos, confeccionado por Antoinette B. Blackwell em <i>The sexes throughout nature</i> (1875)	94
Quadro 2 - Componentes da Ginástica de Ludwig Jahn	301

TABELAS

Tabela 1 - Distribuição dos elementos acrobáticos e não acrobáticos nos códigos de pontuação masculino e feminino, ciclo 2017-2021	357
Tabela 2 - Exames obrigatórios para o sexo/feminilidade/gênero nos Jogos Olímpicos de Verão e Inverno (1968-1998)	418

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	28
CAPÍTULO I	
O corpo pulsa: discursos das ciências, educação, cultura e alguns embates das mulheres no século XIX	
1.1	Rápidos olhares sobre o século XVIII: algumas mulheres ainda correm, pulam e voleiam 42
1.2	Século XIX – lutas, resistências e vitórias, sinônimos de mulher 59
1.3	Os verbos e as carnes: jogos de verdade nas ciências no século XIX 62
1.3.1	<i>O corpo da mulher na ordem do discurso: Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos</i> 65
1.3.2	<i>Resistências femininas no campo científico: tensões e redefinições dos vetores do saber-poder</i> 82
1.4	Novas civilidades, novas restrições: de culta, feminina e recatada à “nova mulher” dos séculos XIX e XX 102
1.5	O jogo de verdade e poder no campo da educação formal 117
1.6	A mulher na ginástica, na educação física e no esporte: saudável, educada e discreta 131
1.7	Sobrevivência, reclusão e comedimento: princípios da cultura corporal da mulher brasileira no século XIX 136
CAPÍTULO II	
O reestabelecimento dos Jogos Olímpicos, patronagens e racionalidades no esporte: séculos XIX e XX	
2.1	Aqui e acolá, as mulheres sempre estiveram lá nos jogos e práticas corporais da antiguidade 143
2.2	Jogos Olímpicos Modernos: “gente estranha, festa esquisita”, mas tudo vai ficar “legal” 157
2.2.1	<i>Jogos de poder e saber e o projeto de continuidade as Olimpíadas por Pierre de Coubertin e o Comitê Olímpico Internacional</i> 169
2.2.1.1	<i>Racionalidades e racionalismos na instituição do COI e a burocratização das competições esportivas</i> 172
2.2.2	<i>O exercício de dar continuidade às Olimpíadas e aos Jogos Olímpicos</i> 179
2.2.3	<i>Jogos Olímpicos de Atenas 1896: a emergência de uma nova ordem</i> 196

CAPÍTULO III

Mulheres em campo: encarando patronagens e suplantando barreiras nas competições do século XX

3.1	Ártemis, Melpómene e Medusa: tragédias, lutas e vitórias das mulheres no contexto esportivo e olímpico	202
3.2	Correndo com Stamata Revithi, a Melpómene dos Jogos Olímpicos de Atenas 1896	215
3.3	O olhar da Medusa: Alice Milliat e a Fédération Sportive Féminine Internationale	220
3.3.1	<i>Os sorrisos das Medusas e os medos dos Perseus: novas estratégias, antigas lutas e outras conquistas das mulheres no campo esportivo</i>	255
3.4	Brasileiras no campo esportivo no século XX: para além de Medusas, Iaras e Mulas sem Cabeça	262
3.4.1	<i>Bela, feminina, mãe e do lar: o projeto paradoxal de modernização do Brasil na primeira metade do século XX</i>	265

CAPÍTULO IV

O processo de esportivização da ginástica artística e as dinâmicas das tecnologias disciplinares e de gênero

4.1	Funambulescas, ritualísticas e curativas: os “élans” dos predecessores dos métodos europeus de ginástica.....	290
4.2	O nacionalismo militar no método de ginástica alemã de Ludwig Jahn, o “pai da ginástica artística”	295
4.3	De Atenas 1896 aos dias atuais: partes do processo de esportivização da ginástica artística	306
4.4	Operações sobre aparelhos, eventos, regras, códigos de pontuação e concepções de feminilidade e masculinidade na ginástica artística	316
4.4.1	<i>Divisão sexual e generificação dos aparelhos, seus modos de uso, códigos de regras e pontuações</i>	322
4.4.1.1	<i>Mesa de salto e cavalo com alças</i>	323
4.4.1.2	<i>Barra fixa</i>	329
4.4.1.3	<i>Barras paralelas e barras assimétricas</i>	335
4.4.1.4	<i>Argolas</i>	338
4.4.1.5	<i>Barra (Trave de equilíbrio)</i>	342
4.4.1.6	<i>Solo</i>	345
4.5	A construção do sujeito da ginástica artística: operabilidades das tecnologias disciplinares e de gênero	359

CAPÍTULO V

Vontades de saber e poder: os jogos de poder e as tecnologias nos exames, políticas e regulações do sexo/gênero/feminilidades

5.1	Mulheres, corpos e ideologias: a intrincada trama da suspeição em relação ao sexo/gênero nos esportes	382
5.2	Jogos Olímpicos de Berlim 1936: a ideologia nazista e a emergência do discurso da “fraude do sexo”	387
5.3	Dos Jogos Olímpicos de Londres 1948 até Tóquio 1964: ensaios para a submissão das atletas e seus corpos	398
5.4	Toda a diferença anatômica será percebida, mas apenas algumas serão punidas: a compulsoriedade dos exames de sexo/gênero a partir de 1966	407
5.5	A economia microscópica da diferença na naturalização das desigualdades: as testagens da cromatina sexual (1968-1984) e dos locis SRY e DYZ-1 (1984-1998)	412
5.6	Políticas de elegibilidade para mulheres atletas: regulação e normalização do sexo/gênero e das performances	425
CONSIDERAÇÕES FINAIS		450
REFERÊNCIAS		467

INTRODUÇÃO

O corpo implica mortalidade, vulnerabilidade, agência: a pele e a carne nos expõem ao olhar dos outros, mas também ao toque e à violência. O corpo pode ser também a agência e o instrumento de tudo isso, ou o local onde “fazer” e “ser feito para” se tornam ambíguos. Embora lutemos por direitos sobre nossos próprios corpos, os próprios corpos pelos quais lutamos não são apenas nossos. O corpo tem sua dimensão invariavelmente pública; constituído como fenômeno social na esfera pública, meu corpo é e não é meu. (Butler, 2004, p. 21 – tradução livre)²

Na verdade, nada é mais material, nada é mais físico, mais corporal que o exercício do poder... Qual é o tipo de investimento do corpo que é necessário e suficiente ao funcionamento de uma sociedade capitalista como a nossa? (FOUCAULT, 1998b, p. 147)

O ano era 1978, o acontecimento era um famoso campeonato de mergulho realizado a partir dos altos penhascos em Acapulco, México. Uma mulher tinha sido a única a se classificar para as finais sob a bandeira dos Estados Unidos. Contudo, os outros competidores não aceitaram sua presença e ameaçaram deixar a competição, se acaso a atleta ousasse saltar. Um dos concorrentes teria dito que os mergulhos dos altos penhascos eram eventos que visavam provar a coragem dos homens que desafiavam a morte, por isso, era inconcebível para eles que uma mulher se achesse a fazer o mesmo (BRISON, 1983).

Dois anos antes, nos Jogos Olímpicos de Montreal em 1976, quando a romena Nadia Comaneci se tornaria conhecida como a “atleta nota dez” e entraria para o reino das pequenas fadas da ginástica (BARKER-RUCHTI, 2009), uma enfermeira e oficial do exército estadunidense chamada Margareth Murdock conquistava a primeira medalha de prata de uma mulher nas competições mistas de tiro dentro de um evento olímpico.³ Esse feito ganharia outra dimensão nos Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992, quando, sob a mira da chinesa Shan Zhang, a Federação Internacional de Tiro (FIT) testemunhou a atleta derrotar os sete homens que faziam parte das finais da prova de tiro com carabina.⁴ Se de um lado a performance levaria Zhang ao posto mais alto do pódio, do outro, sua ousadia incentivou a FIT determinar, logo após 1992, que o evento passaria a ser categorizado sexualmente, impedindo Zhang de defender seu título numa prova mista de tiro (BOHUON, 2012).

Em 2004, um ano após a quarta edição da Copa do Mundo de Futebol com mulheres, o então presidente da Federação Internacional de Futebol, Joseph Blatter, comentava que as atletas deveriam vestir roupas mais apertadas, o que segundo o dirigente, valorizaria e criaria estéticas

² “The body implies mortality, vulnerability, agency: the skin and the flesh expose us to the gaze of others but also to touch and to violence. The body can be the agency and instrument of all these as well, or the site where “doing” and “being done to” become equivocal. Although we struggle for rights over our own bodies, the very bodies for which we struggle are not ever only our own. The body has its invariably public dimension; constituted as a social phenomenon in the public sphere, my body is and is not mine” (Butler, 2004, p. 21).

³ https://en.wikipedia.org/wiki/Margaret_Murdock

⁴ <https://www.olympic.org/barcelona-1992/shooting/skeet-125-targets-mixed>

mais femininas dentro dos gramados.⁵ Por volta dessa época, Marta Vieira, uma jogadora de futebol proveniente do nordeste brasileiro, começava a se despontar como a melhor futebolista do Brasil e do mundo⁶. Numa das entrevistas dadas por Edson Nascimento, apelidado “Pelé”, um ex-futebolista das décadas de 1960 e 1970 e considerado o “Rei do Futebol”, o ex-atleta dizia que, embora Marta tivesse pernas mais bonitas que as dele, ela poderia ser chamada de a “Pelé de saias”.⁷ Designação que foi questionada pelas performances atléticas e vitoriosas de Marta, dentro e fora dos campos, quando a atleta conquistaria o título de a “Rainha do Futebol”, “Rainha dos Campos” ou “Rainha dos Gramados”.

Enquanto a cidade de Londres empreendia a XXX^a edição dos Jogos Olímpicos entre 27 de julho a 12 de agosto de 2012, alguns dirigentes e parte da mídia esportiva anunciavam que o evento prenunciava uma inédita igualdade de gênero nas competições olímpicas. Porém, quando a nadadora chinesa Yi Shiwen bateu dois recordes – o mundial nos 400 metros e o olímpico nos 200 metros, ambos na modalidade medley individual –, e ainda cravou na passagem do estilo peito um tempo menor do que o atleta estadunidense, Ryan Lotche, também campeão dos 400 metros medley, a imprensa esportiva começou a anunciar que Lotche tinha tido a sorte de não ter que competir contra Yi Shiwen, pois, poderia ter sido derrotado por ela.⁸

Juntos aos preparativos para a Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2012, a FIFA⁹ – *Federation International of Football Association* determinou que todas as atletas fossem submetidas a exames e testes para identificar e diagnosticar os corpos que, porventura, poderiam produzir, “em quantidade excessiva”, o hormônio testosterona. Mesmo que as atletas fossem consideradas elegíveis, a qualquer momento elas poderiam ser submetidas a outros testes, bastando que uma comissão de especialistas enxergasse “evidências” de masculinização, como o grande aporte de massa muscular, distribuição excessiva e irregular dos pelos, performances atléticas acima da média esperada para as futebolistas (SALAS, 2015). De acordo com o *Regulamento de Verificação do Gênero* da FIFA, essa atitude teria sido tomada para “resguardar o critério de elegibilidade do gênero para as competições da FIFA” (FIFA, 2011, p. 5 – tradução livre).

Em 2014, as tenistas afro-americanas Serena e Vênus Williams enfrentariam mais do que suas adversárias, elas tiveram que enfrentar o racismo e a misoginia que se alastrava dentro e fora do contexto das competições de tênis. A cor das suas peles, a estética dos seus corpos, as flexões que faziam dos códigos de feminilidade, suas performances atléticas e suas carreiras vitoriosas incomodaram o ex-presidente da Federação Russa de Tênis, antigo membro do Comitê Olímpico, Shamil Tarpishev. Em uma das coletivas de imprensa, Shamil enunciou que Serena e Vênus

⁵ <http://news.bbc.co.uk/sport2/hi/football/3402519.stm>

⁶ [https://pt.wikipedia.org/wiki/Marta_\(futebolista\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marta_(futebolista))

⁷ <http://globoesporte.globo.com/PAN/Noticias/0,,MUL78950-3873,00.html>

⁸ <http://en.people.cn/90779/7891277.html>

⁹ A FIFA compõe o quadro das Federações Internacionais vinculadas ao Comitê Olímpico Internacional.

seriam “os irmãos Williams”, que a aparência “musculosa” dos corpos das atletas não lhes confeririam a mesma elegância e beleza das tenistas russas. Consequentemente, anunciava Shamil, seria assustador jogar contra elas. Como punição, o dirigente foi suspenso das competições internacionais por um ano e teve que pagar uma multa de vinte e cinco mil dólares.¹⁰

Pelas minhas experiências como professor de Educação Física escolar, técnico esportivo e árbitro (voleibol e ginástica rítmica), vividas numa trajetória de mais de 20 anos de profissão, alguns dos exemplos acima não me soam estranhos, embora sempre tivessem me intrigado. É comum o discurso de que Educação Física escolar tenha que se primar pela diversidade dos seus conteúdos, pela garantia da inclusão e pelo ensino através de aulas mistas nas quais meninos e meninas podem se misturar, jogar pelas mesmas regras, defender as mesmas equipes e/ou competir entre si (PASSOS, 2014). Paradoxalmente, também é comum não só aceitar como justificar que as misturas entre os sexos sejam interditadas, em favor de competições organizadas por “olimpíadas escolares” ou “jogos internos”. O fato é que os currículos da Educação Física que se baseiam prioritariamente nos esportes reforçarão, no cotidiano das aulas, os princípios dessa cultura corporal de movimento¹¹, quais são, a competição e a categorização, particularmente e fundamentalmente, as bicategorizações sexuais. Assim, não me estranhava a prática das separações e segregações, mas elas me faziam questionar: O que tem garantido, mesmo após tantos progressos nos treinos, nas dietéticas, nos acompanhamentos médicos e psicológicos, na melhoria das instalações e equipamentos, as separações e as segregações de sexo/gênero no fenômeno esportivo contemporâneo? Sobre quais jogos de verdade esse processo se sustenta? Quais seriam e como funcionam as redes de intervenções que garantem e retroalimentam as justificativas para as divisões e as bicategorizações em relação ao sexo/gênero nos esportes?

Como se pode perceber nos exemplos listados no início do texto, a relação do esporte moderno com as mulheres tem se dado a partir de um complexo jogo de interdição, controle, regulação e segregação. No domínio das relações de gênero¹² no esporte, antigas crenças e códigos se misturam e conjugam saberes científicos, disputas e negociações políticas, preocupações morais, urgências educacionais e econômicas, o que torna o fenômeno duplamente espetacular: primeiro, porque o esporte se tornou um campo de combate no qual os homens competem entre si, expõem suas corporeidades, exaltam suas masculinidades e reforçam suas virilidades (CONNELL, 1995; ELIAS & DUNNING, 1992); segundo, porque os eventos esportivos servem

¹⁰ <http://en.espn.co.uk/tennis/sport/story/357645.html>

¹¹ Por cultura corporal de movimento quero dizer o conjunto de práticas relacionadas ao corpo e ao movimento, significadas e ressignificadas na história da sociedade ocidental e por culturas locais, que englobam: jogos, brincadeiras, lutas, esportes, ginásticas, danças e práticas de aventura (BRATCH, 2005b; BRASIL, 2018).

¹² “Gênero” aparece ao longo da tese como: 1) O sistema sexo/gênero (Rubim, 1975) e sua crítica enquanto “estilizações repetidas do corpo” (BUTLER, 2003, p. 59); 2) como relações sociais de sexo e na divisão sexual do trabalho (KERGOAT, 2009 e outras autoras, sobretudo francesas); 3) como forma primeira de significar as relações de poder (SCOTT, 1995).

como um pódio no qual os homens se conhecem, se reconhecem e gritam que são diferentes, quase que opostos, das mulheres e das feminilidades.

Quando começaram a ser configurados, os esportes modernos¹³ respondiam aos anseios de uma burguesia embriagada com as promessas dos novos modos de produção, com os avanços em áreas como as comunicações e meios de transporte, porém, zelosa em relação à manutenção dos seus arranjos de classe e ordenamento do sexo/gênero (CIPC, 2015; BOURDIEU, 2003, 2007). A emergência do esporte moderno respondia às necessidades e urgências que despontavam no cenário inglês, ao final do século XVIII e início do XIX, que dentre outras coisas objetivava disciplinar e educar os jovens estudantes, inicialmente só os filhos (homens) da burguesia, no interior de antigas instituições de ensino conhecidas como *public schools*. Com efeito, esses jovens “bem-nascidos” deveriam ascender aos negócios da família progredindo suas atuações e, assim, manter o projeto de expansão comercial e ideológica da Inglaterra, fato que influenciaria diretamente na dispersão do modelo esportivo inglês para outros continentes e países, como um dos subprodutos da dominação colonial (QUIJANO, 2005).

Por isso, quando me alinho à teoria de Michel Foucault, sustento que o esporte moderno, assim como o sexo/gênero e a sexualidade (FOUCAULT, 2011a), pode ser pensado como um “dispositivo”, que, no seu interior, congrega e faz funcionar uma rede de elementos variados, relativamente instáveis e maleáveis que, sob a disposição e o investimento em práticas, regimes de verdade, instituições, enunciados, códigos morais e culturais, cumpre uma função estratégica na instituição e na manutenção de estados de dominação nos quais existe pouco ou quase nenhuma instabilidade no jogo de poder (FOUCAULT, 1979, 1994).

Kátia Menezes de Sousa (2015) sustenta que recorrer ao dispositivo de Foucault, como componente teórico-analítico, torna possível a tarefa de demonstrar que o poder não se organiza e nem opera a partir de um ponto específico da estrutura social, mas que os poderes existem, se dispõem e funcionam de tal modo que ninguém escapa deles. Para ela, “o dispositivo, portanto, estaria inscrito em um jogo de poder, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam” (SOUSA, 2015, p. 80). Como exemplo, as relações entre o esporte e a educação formal, a saúde coletiva, a medicina, a economia, a política.

Como o objetivo geral da minha pesquisa foi o de investigar e revelar os jogos de poder e a emergência e operabilidade de tecnologias que têm flexionado diferentes modos de interdição, separação e segregação de mulheres e homens nas competições esportivas, minhas análises se voltaram para a intersecção entre os dispositivos do esporte e do gênero, interseccionando sempre que possível à raça e à classe, num período entre o final do século XIX até 2018 com a implantação das políticas de elegibilidade para mulheres atletas pela IAAF e o COI.

¹³ De maneira geral, utilizo “esporte” como sinônimo de “esporte moderno” ou “esporte contemporâneo”, porém, quando trato das práticas corporais antigas, anteriores às racionalizações ocorridas no século XIX, faço uso do termo “esporte antigo” para não deixar dúvidas do tempo histórico que narro.

A estrutura e as argumentações que sustentam essa tese partem da concepção de que o dispositivo funciona como uma matriz regulatória que organiza e dispõe certos investimentos, cadeias de processos, economias políticas e aparatos técnicos que carregam o poder até os indivíduos, sendo sobre essa rede operatória que aplico minha (re)leitura do conceito de “tecnologia” de Foucault (1982) e De Lauretis (1994).

O trato do dispositivo, como uma matriz regulatória, e das tecnologias, como redes operatórias é, ao mesmo tempo, pragmático e metodológico. Pragmático porque me possibilitou pensar o dispositivo com um conjunto complexo de elementos variados que, tanto no seu interior, como nas intersecções com outros dispositivos, participa de campos de negociações contínuos, relativamente estáveis e altamente produtivos. Como matriz regulatória, o dispositivo acolhe, ordena, refuta, institui e faz funcionar uma rede operatória, aqui chamada de tecnologias. São as tecnologias que, subsidiadas e operadas através de enunciados, ferramentas, estratégias, práticas, arquiteturas e técnicas, que se alastram e se capilarizam permitindo que o saber, o poder e a subjetivação alcancem os indivíduos, seus corpos e suas carnes, o que responde de maneira relativa aos ordenamentos do dispositivo. Relativa porque o poder não se circunscreve, não se interrompe e não se apanha, o que significa acreditar na capacidade de agenciamento e nas transgressões de alguns indivíduos e grupos sociais.

Por serem inúmeras e por possuírem disposições (estratégicas, constituintes e operacionais) muito variadas, foquei em apenas duas tecnologias: a) tecnologias disciplinares ou de controle (FOUCAULT, 2011a,b, 1988), que operam para docilizar, adestrar e tornar os corpos e os indivíduos úteis, (con)formados aos arranjos e às necessidades sociais, econômicas e culturais, historicamente negociadas; b) tecnologias de gênero, de De Lauretis (1994), para quem o gênero “é a configuração variável de posicionalidades sexuais-discursivas” (p. 214). Que, “[...] como representação e como autorrepresentação, [é] produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana” (DE LAURETIS, 1994, p. 208).

Diante disso, a concepção de tecnologia de gênero que aplico representa um conjunto de saberes, práticas, técnicas e estratégias que, ao produzir e reproduzir códigos; submeter atitudes e condutas; investir em modos de ser, sentir e se expressar; dispor e regular existências; sustentar normas e normalidades e orientar valores (estéticos, éticos, morais); promove o disciplinamento, a docilização e a normalização do indivíduo, seu corpo e suas expressões em relação a uma coerência relativa (no sentido de ser relacional e instável), em resposta às demandas dos dispositivos, aqui, o esporte e o sexo/gênero.

De modo geral, as tecnologias de gênero operam nos esportes mediante a construção e instituição de regras e regulamentos distintos para homens e mulheres; no processo de diferenciação sexual das provas, equipamentos, aparelhos e vestimentas; nas práticas de comparação das *performances* esportivas de homens e mulheres, como se a eficiência do corpo

dos homens representasse “o ápice do rendimento do corpo da espécie humana”, “o valor definidor do recorde”; no modo como os discursos científicos são colocados em jogo para criar, manter e instituir valor às diferenças sexuais, o que tem garantido as necessidades “naturalizadas” das interdições, separações e segregações de homens e mulheres; nas desvalorizações econômicas, sociais e culturais do trabalho das mulheres no campo esportivo (GOELLNER, 2007); nos regimes da “vontade de saber” coordenados pelas instituições esportivas que buscam historicamente marcadores para determinar a veracidade do sexo/gênero das atletas, regular seus corpos e normatizar suas performances atléticas; (BOUHON, 2008, 2012); no saber-poder que impõe a “correção” e “readequação” dos corpos de mulheres transexuais, travestis e intersex, dentro de um padrão considerado “normal” para mulheres cisgêneras¹⁴; nos jogos de poder para manter e garantir a ilusória ética da igualdade de condições nas competições esportivas.

Metodologicamente, pensar o dispositivo como estrutura e as tecnologias como ação, transação e procedimento, me possibilitou: 1) identificar e analisar algumas práticas discursivas relacionadas às mulheres, seus corpos e os usufrutos que elas poderiam/deveriam ter deles; 2) investigar a dinâmica dos jogos de poder em diferentes momentos históricos, a partir de distintas formações discursivas e práticas, no que dizia respeito aos modos de uso dos corpos de mulheres e homens; 3) revelar as negociações no processo de esportivização e na configuração do esporte moderno, a partir da retomada/continuidade dos Jogos Olímpicos e a conquista das mulheres do direito de se tornarem competidoras oficiais; 4) identificar e descrever partes das negociações que condicionaram e regularam a entrada das mulheres nas competições internacionais e nos Jogos Olímpicos; 5) revelar a dinâmica das interdições, separações e segregações baseadas no sexo/gênero no contexto esportivo em geral e, em específico, na ginástica artística e no atletismo; 6) determinar a dinâmica operacional das tecnologias de gênero na conformação das interdições, separações e segregações de mulheres e homens nas competições esportivas.

Diante disso, essa tese é o resultado sempre parcial, de um trabalho árduo realizado em arquivos no Brasil, na França e na Suíça, trabalho este situado e politicamente escolhido. As pesquisas bibliográficas focaram a história das mulheres e das relações de gênero no esporte, bem como em textos sobre as influências de mulheres pesquisadoras, dirigentes esportivas, atletas e outras que foram focos de resistência frente aos bloqueios e regulações assentadas no patriarcado, no machismo e na misoginia nos diversos campos de saberes - científicos, culturais, políticos, educacionais e esportivos.

O recorte histórico das pesquisas documentais foi organizado a partir de incursões no cenário discursivo do século XVIII e se estendeu até as políticas de regulação implementadas pela IAAF e o COI, em 2018. Essa periodização tem uma razão de ser: primeiro, para averiguar a

¹⁴ Cisgênero é uma terminologia cunhada no século XX para se contrapor ao prefixo Trans e que indica uma coerência entre sexo, gênero e corpo (anatomia, genótipo, hormônios etc.). Para uma leitura aprofundada, conferir (CIDADE, 2016).

passagem do modelo de esporte antigo para o esporte moderno, ao final do século XVIII; segundo, para identificar e revelar os jogos de verdade e poder dos discursos sobre as mulheres, seus corpos e como poderiam/deveriam usufruí-los no cenário do século XIX; terceiro, para averiguar e analisar as resistências e seus produtos a partir das instituições esportivas internacionais, particularmente as do COI e da IAAF, e da conquista do campo esportivo competitivo internacional empreendida nas primeiras décadas do século XX; e, por fim, para investigar a emergência e a dinâmica operacional de algumas tecnologias que, focadas nas mulheres e em relação ao ordenamento de gênero, garantem a perenidade das divisões, separações e segregações de mulheres e homens nas competições esportivas.

No Brasil, grande parte da pesquisa documental foi realizada através da plataforma da Biblioteca Nacional Digital do Brasil, especificamente a partir da Hemeroteca Digital Brasileira¹⁵, onde foi possível acessar jornais, periódicos, livros, livretos e obras raras. Na França, as pesquisas se deram entre março de 2018 e março de 2019, quando fui acolhido no *Cresco – Centre de Recherche Sciences Sociales, Sports et Corps* e tive acesso às obras das bibliotecas da *Université Paul Sabatier*, em Toulouse. Onde aprendi a lidar com a plataforma digital da *Bibliothèque Nationale de France*, conhecida como *Gallica*¹⁶. Foi através do *Gallica* que acessei quase a totalidade dos documentos históricos – tratados médicos, manuais de boas maneiras, manuais de educação física e ginástica, jornais, periódicos, gravuras e ilustrações –, que compõem o *corpus* discursivo dessa tese. Já na Suíça, fiz incursões nos arquivos do *Centre d'Études Olympiques*¹⁷, localizado na cidade de Lausanne, mas também através dos acervos digitais que a instituição disponibiliza como minutas de sessões e reuniões, o periódico oficial do COI, a *Revue Olympique*, relatórios oficiais das Olimpíadas e Jogos Olímpicos, políticas de regulação, etc. No mais, outras plataformas de extrema importância foram a biblioteca digital *Internet Archive*¹⁸, os sites Sci-Hub¹⁹ e Library Genesis (Libgen)²⁰.

O usufruto das fontes, pinçadas de diferentes momentos históricos, acondicionadas em arquivos digitais ou não, costuradas na trama narrativa que exponho, não significa que minha intenção foi construir a “história” das interdições, separações e segregações em relação ao sexo/gênero nos esportes, mas de revelar a existência e a operabilidade de jogos de verdade e poder e de algumas circularidades discursivas em recortes precisos, parciais e politicamente marcados pelos regimes dos seus tempos. A ideia foi de apresentar “os traços discursivos susceptíveis de permitir a reconstituição do conjunto das regras que, num momento dado, definem ao mesmo tempo os limites e as formas da dizibilidade, da conservação, da memória, da

¹⁵ <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

¹⁶ <https://gallica.bnf.fr/accueil/fr/content/accueil-fr?mode=desktop>

¹⁷ https://library.olympic.org/default/olympic-review.aspx?_lg=en-GB

¹⁸ <https://archive.org/>

¹⁹ <https://www.sci-hub.ren/>

²⁰ <http://libgen.rs/>

reativação e da apropriação” (REVEL, 2005, p. 18-19), desse modo, os extratos, as figuras, as imagens, os documentos e as ilustrações sugerem a existência de um traço discursivo, de pegadas aqui e acolá, que aponta a caminhada e algumas das suas paisagens, sem indicar, contudo, um destino fixo.

Seguramente, existe algo de arqueológico na minha pesquisa, porém, isso não significa que busquei provar a origem de um discurso ou de uma prática, mas confirmar que os enunciados, os discursos e as práticas eram (são) eles próprios acontecimentos. Os recortes apresentados confirmam a presença e a aparência dos discursos em diferentes formações discursivas e em momentos históricos particulares. Desse modo, a tarefa que empreendi foi a de escarafunchar antigos tratados, velhos manuais, jornais, revistas, relatórios e minutas, além de esmiuçar regulamentos, atas de reuniões e compêndios de regras para construir uma arqueogenealogia²¹ que pudesse expor proveniências, tensões e emergências de práticas discursivas no interior de conflitos localizados, muitas vezes, sustentados por saberes subalternizados. Minha intenção foi de indicar ou evidenciar a dinâmica do jogo, das disputas e negociações na luta das mulheres dentro do campo esportivo, como resistência à algumas instituições esportivas – Comitê Olímpico, Federação Internacional de Atletismo, Federação Internacional de Ginástica –, e, também, investigar como o poder e o saber balizaram tais disputas (FOUCAULT, 1979). Então nessa tese, “a arqueologia é o método próprio à análise da discursividade local, a genealogia é a tática que, a partir da discursividade local [...], ativa os saberes libertos da sujeição que emergem desta discursividade” (FOUCAULT, 1979, p. 172).

Ressalto que recorri a um tipo de construção estilística particular ao expor extratos, figuras, imagens, tabelas e quadros no corpo do texto. Por exemplo, o que chamo de “extrato” se refere aos recortes feitos diretamente dos documentos históricos e apresentados aqui como uma “imagem” do texto original, particularmente dos séculos XVIII, XIX e alguns do século XX. Esses extratos retratam as citações diretas ou os componentes diretamente conectados à tessitura das descrições e análises dos textos adjacentes. Essa escolha de apresentar esses recortes, “extratos”, como uma fotografia do texto original, se deu por:

- 1) respeito às estilísticas dos documentos, tipografias, imperfeições, marcas dos tempos e dos usos, rasuras e apontamentos, evidências de regras gramaticais próprias ao período,

²¹ Chamo minha tese de arqueogenealogia porque revelei elementos, artefatos, restos de tempos antigos como faz a arqueologia, contudo, a concepção de análise firmada é genealógica, pois, não se opera para revelar origens, toma o acontecimento não como um grande evento, mas como a emergência de um enunciado, de uma prática, de resistências localizadas, de dobras e reorganizações nos jogos de verdade e poder. Fazer genealogia, segundo Foucault (1979, p. 19) é: “se demorar nas meticulosidades e nos acasos dos começos; prestar uma atenção escrupulosa à sua derrisória maldade; esperar vê-los surgir, máscaras enfim retiradas, com o rosto do outro; não ter pudor de ir procurá-las lá onde elas estão, escavando os *basfond*; deixar-lhes o tempo de elevar-se do labirinto onde nenhuma verdade as manteve jamais sob sua guarda”.

e, confesso, o apego que cultivei durante os momentos nos quais folheava, esquadrinhava, apontava e me relacionava com os arquivos e documentos;

2) rejeitar certos regimes que normalizam e normatizam os textos acadêmicos e científicos através de determinações que “limpam” vestígios de sentido (histórico, estilístico, político), em favor de textos científicos pretensamente objetivos e neutros. Em outras palavras, minha vontade ao expor os recortes dos textos originais²² é de apontar estilísticas distintas da norma padrão, cujas regras determinam: reescrever, traduzir, talvez apontar “sics”, referenciar, condicionar em três linhas ou espaços recuados, em fontes X ou Y em tamanhos 10, 11 ou 12; como se o texto apresentado tivesse passado pela organização higiênica da regra acadêmica;

3) incentivar novas leituras, novos olhares e novas traduções, incentivando o/a leitor/a a fazer contato com a parte original do documento que utilizei.

Como os extratos, as imagens das mulheres, atletas e outras personagens também são elementos importantes na minha teia narrativa, pois, para mim, elas retratam e conjugam as distintas existências e estéticas de mulheres que resistiram, tensionaram e enfrentaram alguns dos regimes de interdições e segregações. Quando comecei a ler e a organizar meus próprios textos sobre as tecnologias de gênero, implantadas através de exames para a verificação do sexo/gênero de mulheres atletas, algumas fontes bibliográficas descreviam as atletas como “mulheres musculosas, masculinizadas”, cujas estéticas e performances atléticas denunciavam possíveis “fraudes”: homens estavam competindo como mulheres (WARREN, 2007). Essas descrições incomodaram a mim e à minha orientadora, não porque falavam de mulheres com músculos aparentes, rígidos e corpos atléticos, mas porque alguns textos justificavam que as denúncias sobre a veracidade dos seus sexos vinham de evidências estéticas, fora da “normalidade” em relação aos códigos daquele tempo. Pois bem, nossos olhos não enxergaram nada disso. O que vimos foram mulheres atléticas de diferentes raças, etnias e morfologias corporais, competindo e conquistando vitórias, tanto nos esportes, como em outros campos de representação política, social e cultural. Os corpos, as performances e as estéticas daquelas mulheres representavam e ainda representam lutas e existências políticas. A partir das obras de Foucault, Revel (2005, p. 44) explica que “A estética da existência, na medida em que ela é uma prática ética de produção de subjetividade, é, ao mesmo tempo, assujeitada e resistente: é, portanto, um gesto eminentemente político”.

Organização da tese

O arranjo que estrutura minha tese está baseado num texto introdutório, cinco capítulos e uma conclusão. O primeiro capítulo, *O corpo pulsa: discursos da ciência, educação, cultura e*

²² Originais em relação à obra e não em relação ao ineditismo.

alguns embates das mulheres no século XIX, faz uma breve retomada de algumas das práticas corporais²³ competitivas e não competitivas empreendidas pelas mulheres europeias durante o século XVIII. A intenção foi apresentar algumas evidências no sentido de problematizar alguns dos efeitos da passagem do esporte antigo – utilitário, ritualístico, militar (TUBINO, 2010) –, para o esporte moderno – codificado, sistematizado, sexualmente bicategorizado, institucionalizado, espetacular –, cujos processos foram marcados pelos usos de discursos (biomédicos, morais, educacionais, culturais) que inicialmente interditaram e depois passaram a controlar e regular as possibilidades das mulheres de ascender aos esportes competitivos. Depois, o texto sublinha alguns dos investimentos de diferentes jogos de verdade sobre as mulheres e seus corpos, tanto no cenário europeu como no brasileiro do século XIX, insistindo na tarefa de revelar partes das redes operatória das tecnologias disciplinares e de gênero, as resistências localizadas, os micropoderes e micropolíticas que organizavam as relações cotidianas, o campo das práticas corporais, o controle das conquistas individuais e as dinâmicas, nem sempre articuladas, de grupos de mulheres e movimentos de lutas sociais femininas e feministas, cujos efeitos seriam decisivos para as conquistas das mulheres no campo dos esportes competitivos e, posteriormente, sobre os eventos esportivos internacionais.

No segundo capítulo, *O reestabelecimento dos Jogos Olímpicos Modernos ao final do século XIX e as patronagens e racionalidades olímpicas no fio do século XX*, são analisadas as ações racionais de alguns indivíduos, particularmente, Pierre de Coubertin que se autointitulava o “patrono das Olimpíadas Modernas”, e de associações e instituições organizadas e operadas por homens europeus e estadunidenses, quase todos, oriundos das classes sociais privilegiadas, inseridos diretamente no projeto de reestabelecimento/continuidade²⁴ de um evento internacional, quadrienal e poliesportivo que ficou conhecido como Jogos Olímpicos. Embasado na teoria das ações racionais, racionalização, racionalidade e racionalismo de Max Weber e as concepções de Michel Foucault sobre o acontecimento, o discurso e o poder, sublinho e analiso os jogos de verdade que permitiram a realização dos “primeiros” Jogos Olímpicos da Era Moderna, sediados na cidade de Atenas em 1896, e, do mesmo modo, investigo e denuncio que o projeto que postulava princípios internacionalistas, “humanistas” e multi esportivos previa desde o início a exclusão das mulheres como competidoras oficiais e a interdição e controle dos homens das classes trabalhadoras e operárias no interior das competições sob a organização do COI.

²³ Diante da aproximação desse conceito com as ciências humanas e sociais, e mediante a compreensão de que o movimento humano carrega signos e significados que estão além da movimentação de músculos e ossos, será priorizada a utilização do termo “práticas corporais” quando o sentido for o de expressar qualquer manifestação cultural ou quando a finalidade for a de expressar, dentro do que Marcel Mauss chamou de “técnicas corporais”: “as maneiras como os homens [e mulheres], sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos” (MAUSS, 1974, p. 211).

²⁴ Como antes dos “primeiros” Jogos Olímpicos da Era Moderna de 1896 já existiam outros eventos esportivos que faziam o uso do termo “olímpico, utilizei reestabelecimento/continuidade no sentido de problematizar o ineditismo que alguns regimes de verdade rogam ao projeto e às ações de Pierre de Coubertin.

Intitulado, *Mulheres em campo: encarando patronagens e suplantando barreiras nas competições esportivas do século XX*, o capítulo três evidencia e analisa alguns dos discursos de Coubertin e do Comitê Olímpico que fundamentavam e justificavam as ações de exclusão das mulheres das competições, sobretudo as internacionais, com a presença de público, nos mesmos moldes das competições com homens e, sobretudo, daquelas nas quais as atletas pudessem ascender ao mesmo nível dos atletas. De maneira geral, essa política de interdição se baseava no discurso de que as mulheres não haviam participado dos antigos Jogos Olímpicos, por isso, seria justificado que também não fossem consideradas competidoras oficiais no projeto de continuidade das Olimpíadas da Era Moderna. Concomitantemente, as práticas interditórias eram sustentadas por discursos biomédicos e de cunho moral que enunciavam supostas incompetências físicas das mulheres; possíveis desvios dos papéis nos arranjos da divisão sexual do trabalho e na ordem do gênero; a presunção de que os esportes competitivos poderiam prejudicar o sistema reprodutivo e masculinizar o que deveria ser feminilizado; a moral que dizia que as competições com mulheres²⁵ não teriam apelo estético; os discursos que anunciavam que não haviam mulheres atletas suficientes e que as poucas competidoras existentes não estavam suficientemente organizadas e integradas às federações esportivas, impossibilitando que suas participações fossem garantidas em projetos como o dos Jogos Olímpicos (CIPC, 2015).

Ademais, o capítulo três expõe, analisa e problematiza as lutas, as resistências e as conquistas de algumas mulheres, atletas e dirigentes, tanto no campo das competições, como no campo das negociações políticas. Para tanto, discorro sobre uma parte da história da participação de Stamata Revith nos Jogos Olímpicos de 1896, cujo ato de resistência questionaria os discursos sobre o “sexo frágil” e enfrentaria as interdições impostas pela comissão organizadora e pelos homens assentados na patronagem olímpica. Exponho e analiso os jogos de poder no campo das negociações empreendidas entre a dirigente esportiva Alice Milliat que, no comando da *Fédération Sportive Féminine Internationale* (FSFI), primeira instituição internacional dedicada e dirigida quase que integralmente por mulheres –, encampou junto aos membros da patronagem olímpica, dirigentes esportivos e alguns dos componentes da Federação Internacional de Atletismo (IAAF), com o objetivo de oficializar a participação das mulheres atletas nos eventos

²⁵ Sempre que for possível utilizarei “com mulheres”, “com homens” ou, como sugere Goellner (2016), “para mulheres”, no lugar de “feminino” e “masculino” que se referem à expressão de códigos de masculinidade e feminilidade e não a identidades ou categorias. Particularmente, prefiro utilizar “com mulheres” à “para mulheres”, pois a preposição “com” tem valor semântico de “conteúdo”, “companhia” e “instrumento” e a preposição “para” se refere a “destino” e “finalidade”. Com efeito, se pensarmos as negociações políticas empreendidas sobre os binarismos, as bicategorizações e os ordenamentos de gênero que principiam o modelo esportivo contemporâneo, seria interessante apontar que as categorizações baseadas no sexo têm um caráter transitório, por isso, podem e devem ser revistas e reconsideradas. Por exemplo: enunciar “voleibol com mulheres” seria dizer que a prática desse esporte, naquele momento, está na companhia e é realizada por mulheres, mas que poderia ser também com homens e com homens e mulheres. De outro modo, o “voleibol para mulheres” insiste justamente no fato de que a modalidade foi “adaptada” e “instituída” para atender a um grupo essencializado, tido como de menor estatura e menor força de impulsão, e que por isso precisa jogar com a rede mais baixa que a dos homens, respectivamente 2,24 m e 2,43 m.

olímpicos e nas competições organizadas pela IAAF. Dentre outras exigências, a FSFI insistia na igualdade de valor entre os sexos, na participação das mulheres nos quadros de deliberação e arbitragem do COI/IAAF e que as instituições oferecessem a mesma quantidade de provas para homens e mulheres. Uma negociação parcialmente exitosa, pois as mulheres atletas foram oficializadas a partir dos Jogos Olímpicos de Amsterdã em 1928, contudo, foram submetidas a um programa com menos provas e somente Alice Milliat participou da comissão de arbitragem do atletismo naquele evento. Em troca, a FSFI começou a ser atacada e sitiada pela IAAF e o COI até ser deposta do jogo de poder em 1936.

Por fim, o capítulo se volta especificamente para o contexto das mulheres e das atletas brasileiras, evidenciando os jogos discursivos que enfrentavam e as negociações que empreenderam contra a estrutura social e as instituições esportivas patriarcais, machistas, misóginas, racistas e classistas. As barreiras institucionais e culturais foram estremecidas em 1932 com o pioneirismo da nadadora Maria Emma Hulga Lenk Zigler, nossa saudosa e inesquecível, Maria Lenk, primeira mulher brasileira a competir nos Jogos Olímpicos. Obstáculos que também foram enfrentados e vencidos pela não menos estimada e inesquecível, Aída dos Santos, primeira brasileira negra a chegar numa final olímpica, quando conquistaria o quarto lugar no salto em altura nos Jogos Olímpicos de Tóquio em 1964.

Intitulado, *O processo de esportivização da ginástica artística e as dinâmicas das tecnologias disciplinares e de gênero*, o quarto capítulo propõe narrar os processos pelos quais passou a ginástica – um conjunto de sistemas pedagógicos de exercitação e disciplinamento com grande projeção na Europa ao final do século XIX –, e que confluiria para a configuração de uma das modalidades que compõem o quadro regulatório do dispositivo do esporte: a ginástica artística. Para tanto, o capítulo aborda alguns dos métodos de ginástica que foram importantes no processo conflituoso de configuração da ginástica artística, em especial o método de ginástica alemã de Ludwig Jahn, suas perspectivas e as formas como as mulheres eram tratadas, os exercícios²⁶ que lhes eram prescritos, as interdições e controles que enfrentavam. Depois, o texto aponta para as análises sobre a constituição da ginástica artística como um dispositivo que, ao longo da sua história, regulou e foi regulado por uma série de tecnologias disciplinares e de gênero. Essas tecnologias operaram na elaboração, adaptação, definição, implantação e valoração baseadas na diferenciação sexual: a) diferentes aparelhos para “sexos diferentes”: somente o solo e a mesa de salto são compartilhados por homens e mulheres; b) eventos distintos com exigências próprias aos sexos: as mulheres competem no solo (com acompanhamento musical, executado entre 70 a 90 segundos), trave, assimétricas e salto (mesa de salto a 1,25 m de altura), os homens no solo (sem acompanhamento musical, executado entre 50 a 70 segundos), barra fixa, paralelas,

²⁶ Em relação ao termo “exercício físico”, pensado como uma subcategoria da “atividade física”, ele compreende uma ou mais atividades físicas planejadas, estruturadas e executadas repetidamente com a finalidade de manter, melhorar ou servir como comparação de um ou mais componentes da aptidão física (CASPERSEN, POWER & CHRISTENSON, 1985).

cavalo com alças, argolas e salto (mesa de salto a 1,35 m de altura); c) códigos de regras e pontuações (distintos valores para os mesmos elementos corporais); d) vestimentas, morfologias corporais, movimentos e expressões que flexionam códigos de feminilidades e masculinidades. Ao fim, um dos subcapítulos analisa a dinâmica e as operações das tecnologias de gênero e disciplinares desde a arquitetura dos ginásios, a distribuição espacial dos aparelhos, as regras para o uso e convivência, a formação corporal distinta e distintiva de homens e mulheres, a generificação dos movimentos corporais e o reforço dos códigos de feminilidades e masculinidades através da espetacularização²⁷ das expressões.

No quinto e último capítulo *Vontades de saber e poder: as tecnologias nos exames, políticas e regulação do sexo/gênero/feminilidades*, empreendo a construção de uma arqueogenealogia das práticas de controle, regulação e submissão das mulheres no contexto dos Jogos Olímpicos e alguns eventos coordenados pela Federação Internacional de Atletismo, entre 1928 a 2019. Evidencio a proveniência dos discursos que sublinharam a urgência de testes e exames que pudessem identificar e garantir a veracidade do sexo/gênero e, consequentemente, impor o controle e a regulação sobre as mulheres, seus corpos e suas performances. Que as suspeitas e as vontades de saber, em relação às atletas e seus corpos, são produtos das resistências da IAAF e do COI frente as investidas das mulheres no cenário das competições internacionais e suas conquistas nos Jogos Olímpicos de Amsterdã em 1928. Em consequência das conquistas, nos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936, no interior de disputas atléticas e ideológicas, circulavam boatos de que homens estariam competindo como mulheres e isso favoreceu a emergência de um enunciado, “fraude do sexo”, que engendraria as justificativas para a implantação de exames e testes para determinar o “verdadeiro sexo” das atletas.

Ainda no cenário das competições nos Jogos de Berlim 1936, algumas personagens são analisadas, dentre elas, as atletas Dora Ratjen, Stanisława Walasiiewicz, Helen Stephens e os dirigentes esportivos Avery Brundage e Sigfrid Edström que foram peças fundamentais nas negociações entre o COI, IAAF e a *Fédération Sportive Féminine Internationale*. Depois, minha atenção se volta para as primeiras investidas por parte de algumas instituições esportivas para criar, normatizar e institucionalizar as práticas de determinação do sexo/gênero, inicialmente, empreendidas por investigações anatômicas (caracteres sexuais primários). Regimes de escrutínio que ganhariam impulso com a entrada da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas nos contestes olímpicos, no quadro executivo do COI e, como resultado, a transferência das disputas e conflitos da Guerra Fria para os campos esportivos, sobretudo aqueles que poderiam prover

²⁷ Uso o termo “espetacularização” em dois sentidos inter-relacionados: o primeiro tem a ver com a promoção de um espetáculo, um show, um momento de demonstração; o segundo tem o sentido de um aparelho especular (espelho), a partir do qual os sujeitos se reconhecem e se identificam. Minha intenção é problematizar o esporte espetáculo, a ginástica artística e outras modalidades configuradas para apresentar e demonstrar performances atléticas em eventos bicategorizados sexualmente, investidos de padrões estéticos e que conjugam códigos de feminilidades e masculinidades dispostos num dado tempo e espaço.

maior visibilidade, como era o caso dos Jogos Olímpicos e dos Campeonatos Mundiais de Atletismo.

Em 1966 os testes para a determinação do sexo/gênero se tornam obrigatórios, e são realizadas as “naked parades”, desfiles nos quais as anatomias e as morfologias corporais e genitais eram inspecionadas por especialistas. Depois essas práticas se tornam mais complexas e mais excludentes com a implantação de testes citológicos e genéticos (cromatina sexual – 1968 a 1984; SRY e DYZ-1 – 1984 a 1998). Nos primeiros anos do século XXI, as políticas para elegibilidade marcaram a dinâmica das tecnologias de gênero com novos princípios e técnicas de investigação: em 2004, com *Stockholm consensus on sex reassignment in sports* (IOC, 2004), 2006 com a *Policy of gender verification* (IAAF, 2006) -, ambas, pela primeira vez, passaram a regular as performances das atletas mediante o controle dos níveis hormonais da testosterona sérica. Regimes de verdade que determinariam os princípios e as operabilidades das regulações posteriores: *Regulations governing eligibility of female with hyperandrogenism* (IAAF, 2011); *Regulations on female hyperandrogenism* (IOC, 2012); *Regulations governing eligibility of athletes who have undergone sex reassignment to compete in women's competition* (IAAF, 2011); *Consensus meeting on sex reassignment and hyperandrogenism* (IOC, 2015a), *Eligibility regulations for the female classification (athletes with differences of sex development)* (IAAF, 2018). Essas políticas sobre o gênero expandiram, se reorganizaram e anunciaram que as mulheres cisgêneras e intersex que apresentassem quadros de hiperandrogenia (“excesso” de testosterona sérica) e as mulheres transexuais e travestis, deveriam ser submetidas a regimes de controle hormonal, com cirurgias e/ou terapias se acaso quisessem competir internacionalmente. Nem mesmo o componente discriminatório e excludente dessas regulações mudou a posição do Tribunal Arbitral do Esporte que, em 2019, anunciaria que as discriminações seriam males necessários para manter a igualdade de condições nas competições com mulheres e o respeito às regulamentações da IAAF.

Nas considerações finais, resgato alguns dos discursos utilizados na configuração do esporte moderno e disorro se sua codificação, sistematização e institucionalização teria se dado pelo e para o reforço das diferenças sexuais, do ordenamento do gênero e em função da manutenção do domínio dos homens. Depois, problematizo como o avanço das mulheres sobre o campo esportivo pode promover autonomia, mas não necessariamente mais liberdade, dado que suas atuações e suas possibilidades nos esportes ainda estão organizados e regulados por uma gama de tecnologias que têm garantido as interdições, separações e segregações. Um ordenamento que tende a ser revisto e reestruturado quando as mulheres e suas atuações passam a ser importantes nas estratégias de políticas ideológicas.

CAPÍTULO I

O corpo pulsa: discursos da ciência, educação, cultura e alguns embates das mulheres no século XIX

1.1 Rápidos olhares sobre o século XVIII: algumas mulheres ainda correm, pulam e voleiam

No contexto francês e inglês no século XVIII, as mulheres oriundas particularmente das classes média e baixa tinham uma relativa autonomia em relação aos usos que faziam dos seus corpos dentro das possibilidades de certas práticas corporais. Por parte das mulheres das classes sociais mais elevadas: caça, montaria, dança, cróquete²⁸. Para as mulheres trabalhadoras e camponesas: corridas, danças e jogos tradicionais, realizados em função de eventos comemorativos diversos (STRUTT, 1801; RADFORD, 1994, 2017).

No Brasil Colônia, assim como em boa parte da Europa, imperava um tipo de cultura da reclusão para as mulheres das elites sociais. Aqui, as casas eram seus espaços de pertencimento e de convivência. Caminhadas, corridas, banhos de mar, jogos europeus como o críquete, cróquete e o *Jeu de Paume*, não faziam parte do cotidiano dessas mulheres, assim como também não eram comuns para a burguesia, em Portugal (WEHLING & WEHLING, 2005). Aqui, como lá:

Elas raramente apareciam às vistas ou iam à rua, e quando o faziam deviam cobrir com véus o rosto e com a barra da saia os pés. [...] De acordo com o padrão dominante, a mulher virtuosa a rigor só deveria sair de casa em poucas ocasiões: para ser batizada, frequentar missas, casar e ser enterrada. (WEHLING & WEHLING, 2005, p. 278).

O sedentarismo, misturado com o preconceito daqueles que olhavam a Colônia, a partir de Portugal, foi instituindo às mulheres da burguesia brasileira uma imagem negativa. Segundo diziam, elas eram “[...] precocemente envelhecida[s], gorda[s] e

²⁸ O croquete, croquet ou croqué (Brasil), é um esporte no qual uma bola, normalmente feita de madeira, deve ser conduzida com um taco, parecido com um grande martelo, e passada por balizas fincadas no solo. Já o críquete, muito praticado no Reino Unido, Índia e Paquistão, é um esporte em que um/a atleta rebate uma bola feita de couro, com serragem e outros materiais, após ser arremessada por um/a atleta da equipe adversária. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Croquet> e <https://escola.britannica.com.br/artigo/cr%C3%ADquete/481075> Acesso em: 05 maio 2020.

amatronada [aparência de matrona], empanturrada de doces e cercada[s] de mucamas, tratada[s] com sadismo e frequentemente compensando-se com intrigas, perversidades e outras práticas sádicas contra suas escravas” (WEHLING & WEHLING, 2005, p. 278).

Aquelas que escapavam da reclusão familiar, poderiam, se acaso suas famílias não tivessem condições ou se elas não conseguissem levantar o interesse de bons pretendentes, serem internadas em conventos ou casas de acolhimento confessionais. No limite, qualquer mulher poderia ser internada, fossem elas viúvas ou porque seus comportamentos, segundo os códigos morais da época, violavam a honra das suas famílias (WEHLING & WEHLING, 2005).

A vida cotidiana das mulheres no Brasil Colônia era determinada pela classe social a qual pertenciam. Se fossem das classes superiores, tinham vidas restritas ao lar e aos seus afazeres. Se fossem das classes desfavorecidas, mulheres comuns, brancas, negras ou índias, podiam se deslocar com mais facilidade pela cidade, mas isso não significava que eram livres, apenas que suas vidas não importavam na mesma medida que importavam as vidas das mulheres da elite.

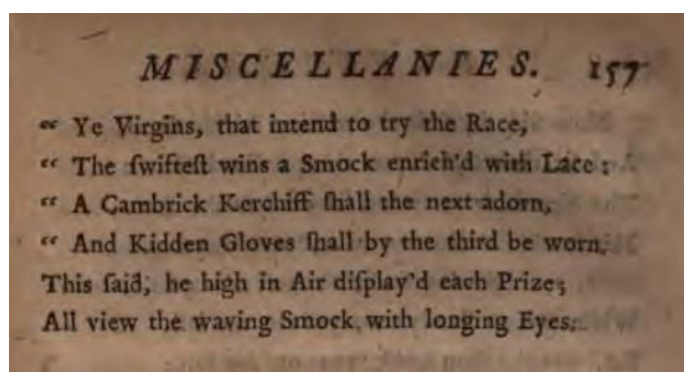
Conhecemos suas atividades: ela [a mulher comum] era, livre ou escrava, doméstica, roceira, costureira, cozinheira, feiticeira, lavadeira, cartomante, prostituta. Se livre, vivia agregada a uma família, quase sempre extensa, embora não necessariamente de senhores de engenho, e recebia pagamento ou presentes por pequenas tarefas. Se escrava, trabalhava para o senhor, para quem este determinasse ou ainda ‘ao ganho’, realizando tarefas cuja remuneração entregava a seu senhor. Geralmente recebia uma percentagem desta remuneração, com a qual formava seu pecúlio (WEHLING & WEHLING, 2005, p. 280-281).

Tratando especificamente do contexto inglês e francês, é possível afirmar que as mulheres sempre estiveram presentes em alguns esportes antigos, jogos tradicionais, atividades de caça e, sobretudo, nas danças. Ainda que não compusessem a maioria dos praticantes e que enfrentassem interdições e segregações, elas praticavam e influenciavam a dinâmica dessas atividades. Com efeito, antes do processo de codificação, regulamentação e institucionalização do esporte antigo para o esporte moderno, ocorrido ao final do século XIX e início do XX, as mulheres já estavam presentes no contexto das práticas corporais, o que, certamente, levantam algumas críticas sobre o discurso de incompatibilidade entre o esporte/competição e as mulheres, difundido pelo patrono dos Jogos Olímpicos, Pierre de Coubertin, até o final da sua vida em 1937 (CIPC, 2015). Antes da esportivização de algumas das práticas corporais, as mulheres não eram uma exceção, elas foram transformadas em desvios quando o esporte

moderno foi configurado por homens e para os homens, como descreveu Catherine Louveau (1998), Norbert Elias e Eric Dunning (1992).

Numa coletânea de poemas cujos temas giravam em torno de assuntos cotidianos, festejos populares, funerais e dias santos, chamada *Poetical Miscellanies* e publicada pelo inglês Richard Steele em 1727, o autor revela a participação de meninas em um evento que foi muito comum na Grã-Bretanha nos séculos XVIII e XIX, as corridas das “batas/camisolas” ou *smock’ races*.

Extrato 1 - Poetical Miscellanies (1727)



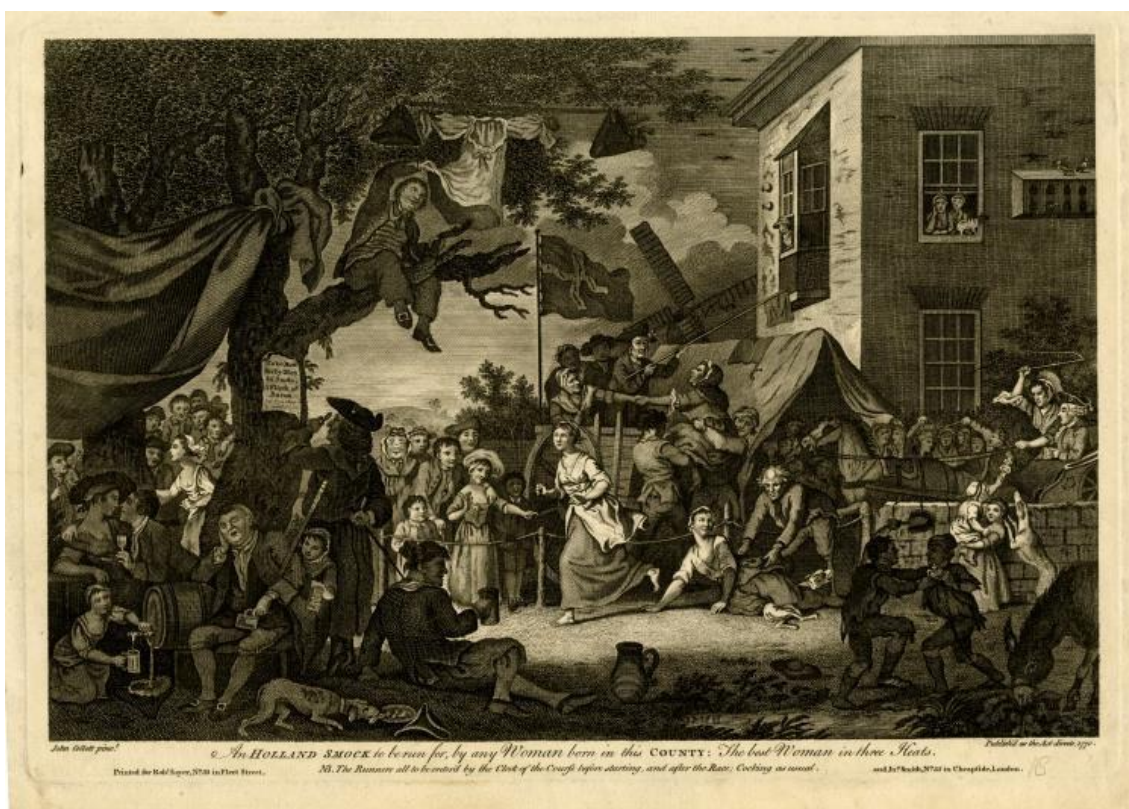
Fonte: STEELE, 1727, p. 157.²⁹

Joseph Strutt (1801), ao pesquisar os antigos jogos e passatempos na Inglaterra observou que as “smock’ races” eram eventos comuns no século XVIII. Eles atraíam a atenção das jovens camponesas por causa dos prêmios, especialmente o primeiro lugar que ganhava uma camisola semelhante a um avental holandês (camisa de mangas curtas com uma abertura na frente e que se estendia até a metade da coxa) que era adornado com fitas coloridas.

Na gravura abaixo, de 1770, é possível observar uma mulher ao centro que corre vestida com uma “smock”. Na descrição está escrito: “*An Holland Smock to be run for, by any Woman born in this country. The best Woman in three heats*”, algo como: “Um avental holandês a ser corrido/ganhado por qualquer mulher nascida neste país. A melhor ‘três mangas’”.

²⁹ “Vós virgens, que pretendem tentar a corrida/ A mais rápida ganha uma bata enriquecida com laços/ Um lenço de cambráia adornará a próxima/ E luvas serão usadas pela terceira/ Dito isto, ele exhibe no ar cada um dos prêmios/ Todas veem a bata com os olhos ansiosos” (STEELE, 1714, p. 157 – tradução livre).

Figura 1 – Smock Races: corredora trajando um avental holandês, ilustração de 1770



Fonte: The British Museu, 1770.³⁰

Radford (1994), após uma vigorosa pesquisa documental, sustenta que as *Smock Races* não eram realizadas apenas anualmente, mas em qualquer evento como casamentos, nas cerimônias de abertura de partidas de crôquete, festejos santos, e que os prêmios não eram sempre as “holland smocks”, já que as jovens corriam também motivadas pelos prêmios em dinheiro vindo de apostas. O pesquisador sustenta também que as corridas para as mulheres nos séculos XVIII e XIX eram divididas em seis categorias: 1) Corridas regulares; 2) Corridas ocasionais; 3) Corridas por aposta; 4) Corridas individuais; 5) Caminhadas e 6) Caminhadas espetaculares (RADFORD, 1994).

As “corridas regulares”, eram eventos locais em estreita relação com as comemorações dos “dias santos” ou com a realização de corridas a cavalo, feiras, festas do calendário, velórios, etc. Esses eventos perduraram no século XVIII, perdendo adesão nos primeiros anos do século XIX, embora tenham sido retomados entre 1820 e 1830. Mesmo que a participação das mulheres fosse comum, Radford (1994) relata que isso não significava regras sociais e culturais mais permissíveis em relação ao sexo, o que ocorria

³⁰Disponível

em:

https://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?assetId=384350001&objectId=3081835&partId=1 Acesso em: 20 out. 2020.

era que as corredoras deveriam ser atléticas (rápidas, fortes e resistentes) sem deixar, contudo, de expressar as estéticas de feminilidades daquele período. Um controle que Christine Mennesson (2004), McCrone (2006, 1984), Louveau (2007, 1998), Hargreaves (1985, 1994), dentre várias outras pesquisadoras, identificaram nas práticas discursivas dos esportes nos séculos XIX, XX e XXI.

Em uma de suas constatações, Radford (1994) relata que as mulheres procuravam respeitar as regras do gênero em relação aos seus comportamentos e também na forma como usavam seus corpos para atuar nas corridas, porém, as vestimentas que trajavam não as ajudavam no processo, embora, se escolhessem se vestir confortavelmente isso poderia ser arriscado, expondo-as aos assédios e insultos.

Para aquelas mulheres que levavam a sério as corridas, era óbvio que elas não correriam bem, sobrecarregadas com roupas volumosas e esse fato criava um problema inevitável. Qualquer mulher vestida adequadamente para correr seria certamente ofendida pelos puritanos locais e, dessa forma, às vezes causavam comentários: ‘mulheres e garotas escandalosamente vestidas’, ‘em vestido dificilmente reconciliável com as regras da decência’. (RADFORD, 1994, p. 51-52 – tradução livre).³¹

Sobre os eventos que Radford (1994) chamou de “corridas ocasionais”, eles eram eventos realizados por empreendedores que usavam as corridas com mulheres para chamar a atenção do público para as competições masculinas de críquete³². Inclusive, no ano de 1744 teria ocorrido uma dessas corrida “promocionais”, na cidade de Walworth Common, quando as duas participantes teriam corrido vestidas apenas com as partes de baixo, ‘in drawers only’ (p. 53). Como esses eventos poderiam causar tanto o interesse quanto o repúdio, parte da população começou a não aceitar que outras corridas com mulheres fossem realizadas, o que, segundo Radford (1994), diminuiu consideravelmente a frequência das “smock races”.

³¹ “For those women who took their running seriously, it was obvious that they could not run well encumbered with voluminous clothes, and this fact created an inevitable problem. Any woman dressing suitably to run well would almost certainly have offended the local puritanical element, and therefore, sometimes caused comments: ‘women and girls scantily clothed’, ‘in a dress hardly reconcilable with the rules of decency’”. (RADFORD, 1994, p. 51-52)

³² Apesar das críticas e das exigências por parte de movimentos feministas e de direitos humanos, a utilização das mulheres como chamariz para eventos masculinos ainda é uma realidade. É possível vê-las segurando guarda-sóis nas corridas de Fórmula 1, apresentando competidores nas lutas livres (UFC e MMA), distraindo o público entre um tempo e outro nas partidas de basquete, vôlei, futebol, etc. Disponível em: <https://sportv.globo.com/site/combate/noticia/curtinhas-dana-reage-a-pedido-de-veto-a-ring-girls-ninguem-trata-as-mulheres-melhor-do-que-nos.ghml> Acesso em: 07 out. 2019.

Ainda que raras, as “corridas por apostas”, mediante o recebimento de dinheiro por parte das campeãs, fizeram parte do contexto do reinado da Rainha Anne, entre 1703 e 1714 (RADFORD, 1994), sendo, inclusive, anunciadas em tons jocosos nos jornais da época.

Uma jovem mulher em Londres ofereceu correr 1.5 milhas [cerca de 2,4 km] contra qualquer outra mulher local por 50 ou 100 libras esterlinas – uma quantia muito alta de dinheiro. E no mesmo período uma mulher mais velha ofereceu correr contra qualquer mulher na Inglaterra, dez anos mais nova, não apenas um dia mais nova, porque ‘ela não vai se desvalorizar’. (RADFORD, 1994, p. 53 – tradução livre).³³

Diferentemente dos três eventos apresentados, nas “corridas solo” as mulheres, as adolescentes e/ou meninas não competiam contra outras, mas contra elas mesmas. Numa expressão do meio esportivo, as corredoras competiam “contra o relógio”. Eram contestes arranjados nos quais as corredoras deveriam cumprir uma distância determinada, num tempo previamente acordado, sob a promessa de uma pequena soma em dinheiro. De acordo com Radford (1994), é possível encontrar registros dessas corridas a partir de 1795, mas, depois, no século XIX, ocorreu um verdadeiro aumento dessas apostas. Certamente, porque alguns pais e mães incentivavam suas filhas na esperança de angariar dinheiro e garantir algum sustento, como por exemplo, teria sido o caso de Emma Matilda, uma criança de oito anos que participou de várias “corridas solo” no ano de 1823 (RADFORD, 1994).

Outro exemplo dessas corridas, teria sido o de uma adolescente de onze anos que teria participado de “corridas solo” contra o relógio, mas na companhia de um andarilho profissional.

Nada mais notável, no entanto, do que uma garota de 11 anos que se juntou a um andarilho profissional que havia apostado 18 quilômetros em duas horas. Em um percurso de ida e volta de meia milha, ela o acompanhou pelas primeiras duas milhas, depois correu para casa a uma distância não especificada com seus tamancos, voltou com os pés descalços e acompanhou-o nas últimas oito milhas, apesar das atenções indesejadas de uma multidão de meninos, um dos quais era tão problemático que ela teve que parar e brigar com ele, antes de alcançar

³³ “One young woman in London offered to run 1.5 miles against any other local woman for £50 or £100 – a very substantial sum of money. And at the same period an older women offered to run against any woman in England, 10 years younger, but not a day older, because ‘she will not undervalue herself!’” (RADFORD, 1994, p. 53).

o andarilho e terminar com ele. (RADFORD, 1994, p. 54 – tradução livre).³⁴

No tocante às caminhadas de médias e longas distâncias, apesar de existirem registros no século XVIII, elas se tornariam mais populares entre as mulheres no século XIX. Esses eventos eram organizados de forma espontânea pelas próprias andarilhas ou por familiares com a intenção de arrecadar dinheiro. Obviamente, “ganhar a vida” atuando nesses eventos era muito desgastante e perigoso para as mulheres, pois ao caminharem sozinhas enfrentavam as ameaças de homens por quase todo o trajeto (RADFORD, 1994). Algumas dessas andarilhas tinham mais de 60 anos, como foi o caso de Mary Motulullen que viajava de cidade a cidade com seus dois irmãos. Radford (1994) conta que, numa das suas longas caminhadas em 1826, Motulullen teria encontrado vários obstáculos para finalizar as 90 milhas (144,8 km) em 24 horas, dentre eles alguns homens que teriam apostado contra ela e que tentavam fazê-la desistir da prova. Como os homens não tiveram sucesso, Motulullen teria finalizado a caminhada. Porém, em outro momento, ela não teria tido o mesmo êxito, dadas as constantes perseguições ocasionadas novamente por homens, ela teria finalizado o curso com um atraso de oito minutos, não recebendo nada por seu esforço (RADFORD, 1994, p. 55).

Por fim, como última categoria dos eventos de corridas e caminhadas para as mulheres, as “corridas espetaculares”. Radford (1994) argumenta que, embora algumas práticas tivessem sido reportadas nos jornais do século XVIII, as performances foram noticiadas mais como “curiosidades”, por isso, ainda hoje são de difícil comprovação, pois não se sabe em que medida são descrições dos eventos ou se são apenas entretenimentos satíricos.

Os dados levantados por Radford (1994) revelam um cenário efervescente no século XVIII, eles comprovam que as mulheres nunca foram apenas espectadoras das configurações e reconfigurações das práticas corporais que levariam à constituição do esporte moderno, no século XIX. Diferentemente do discurso de interdição propagado por Pierre de Coubertin (CIPC, 2015), as mulheres reveladas por Radford (1994) não só

³⁴ “No more remarkable, however than a girl of about 11 who, joined in with a professional male pedestrian who had wagered to go 11 miles in 2 hours. On a half mile out-and-back course she kept up with him for the first 2 miles, then ran home an unspecified distance with her clogs, and returned bare-footed and kept up with him over the last 8 miles despite the unwanted attentions of a crowd of boys, one of whom was so troublesome she had to stop, and fight him, before catching up the pedestrian to finish with him.” (RADFORD, 1994, p. 54)

já participavam de várias competições, como seus feitos não deixavam dúvidas das suas possibilidades e capacidades corporais.

Outro aspecto importante é que, o atletismo, “carro-chefe” das propagandas para a retomada dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, dentro do contexto social da Grã-Bretanha no século XVIII, era uma prática majoritariamente feminina e não masculina. Isso significava que as mulheres respondiam por 80% (oitenta por cento) de todas as competições cujas programações tinham provas com corridas e caminhadas (RADFORD, 1994).

Em vários dos documentos analisados é comum encontrar a figura da mulher em práticas corporais de caráter recreativo ou ritualístico, às vezes, contrariando regras e convenções socioculturais. O *The Spectators*, um jornal de grande circulação na cidade de Londres, publicou em 05 de maio de 1711 a seguinte sátira sobre essas mulheres que se comportavam como homens³⁵:

Por outro lado, eu tenho frequentemente a oportunidade de ver um Andromache³⁶ rural, que chegou à cidade no inverno passado e é um dos maiores caçadores de raposas do país. Ela fala de cães e cavalos, e não faz nenhum esforço para pular um portão de seis barras. Se um homem lhe conta uma história abanada, ela lhe dá um empurrão com a mão em tom de brincadeira e o chama de cão insolente; e se o criado dela negligenciar os negócios dela, ameaça expulsá-lo da casa. Eu a ouvi, em sua ira, chamar um comerciante substancial de cão sujo; e me lembro de um dia, quando ela não conseguia pensar no nome de uma pessoa, ela o descreveu em companhia de homens e mulheres, de companheiro com os ombros largos. [...] Se esses discursos e ações, que por sua própria natureza são indiferentes, parecem ridículos quando procedem de um sexo errado, as falhas e imperfeições de um sexo transplantado para outro parecem negras e monstruosas. (ADDISON, 1711, [online], s.p. – tradução livre).³⁷

³⁵ Algumas das referências sobre as relações de gênero, particularmente as publicadas em jornais e revistas do século XVIII, questionavam as mudanças nos padrões sociais e ironizavam a crescente participação das mulheres em outras esferas que não fosse a do lar, a partir da sátira – estilo literário que ironiza as mudanças nos costumes, nos valores e nas instituições. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=Xpw5e> Acesso em: 02 out. 2019.

³⁶ “Andromache” faz referência a uma personagem das Amazonas que pela mitologia grega seria aquela que combate os homens ou que os mata. Andromache pode ser também “Andrômada” esposa de Heitor, morto na Guerra de Tróia por Aquiles. Disponível em: <https://www.paleothea.com/amazons.html> Acesso em: 02 out. 2019.

³⁷ “On the other hand I have very frequently the opportunity of seeing a rural Andromache, who came up to town last winter, and is one of the greatest fox-hunters in the country. She talks of hounds and horses, and makes nothing of leaping over a six-bar gate. If a man tells her a waggish story, she gives him a push with her hand in jest, and calls him an impudent dog; and if her servant neglects his Business, threatens to kick him out of the House. I have heard her, in her wrath, call a substantial trades-man a lousy cur; and remember one day, when she could not think of the name of a person, she described him in a large company of men and ladies, by the fellow with the broad shoulders. [...] If those speeches and actions, which in their

Além da sátira literária, a participação das mulheres em atividades consideradas como masculinas era ironizada por meio de outras práticas discursivas, dentre elas a confecção de gravuras e ilustrações. Uma dessas ilustrações, exposta logo mais abaixo, se encontra no *The British Museum*³⁸ e foi publicada em janeiro de 1778. Nela, é possível ver duas mulheres num prado e finamente vestidas, cada qual representando duas práticas corporais muito comuns na Grã-Bretanha no século XVIII, o cróquete e a caça. Enquanto a primeira segura um bastão do cróquete³⁹, a outra porta uma arma e exhibe o resultado da caça: três faisões.

Figura 2 - Miss Trigger e Miss Wicket, ilustração de 1778



Fonte: The British Museum, 1778.

Chamadas de “Senhora Wicket⁴⁰” e “Senhora Gatilho”, as mulheres foram retratadas em trajés pesados, com chapéus cheios de adereços, lenços e mesmo sapatos com pequenos saltos. Além disso, uma criança brinca ao fundo. Um conjunto de tecnologias que marcava o pertencimento ao sexo/gênero, ao mesmo tempo que ironizava, interditando, aquelas atividades, dado que todos aqueles apetrechos não faziam

own nature are indifferent, appear ridiculous when they proceed from a wrong sex, the faults and imperfections of one sex transplanted into another, appear black and monstrous.” (ADDISON, 1711, [online]).

³⁸Disponível em:

https://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details/collection_image_gallery.aspx?assetId=384200001&objectId=1641947&partId=1 Acesso em: 19 out. 2020.

⁴⁰ Wicket é a base a ser defendida ou atacada no jogo de cróquete. É feita de três bastões presos em uma das pontas e que, quando apoiada no solo, se assemelha a uma pequena pirâmide.

mais que as impedir de se movimentar livremente. Além do discurso imagético, a gravura traz o enunciado: “Miss Trigger you see is an excelente shot, and forty-five notches Miss Wicket’s just got” algo como: “Senhora Gatilho você vê, é uma excelente atiradora, e quarenta-einco pontos a Senhora Wicket conseguiu”.

Segundo Radford (2017, p. 183), em maio de 1767 os jornais londrinos reportaram uma notícia: uma “senhora francesa” treinava o *Jeu de Paume* na James Street, Londres, se preparando para uma competição que elegeria o/a melhor jogador/a da Inglaterra. O *Jeu de Paume* é uma prática corporal de origem francesa que consistia em rebater uma bola feita de couro de ovelha, com ou sem a utilização de uma raquete e que, por volta de 1870, foi codificado e deu origem ao que hoje conhecemos como “tênis”. A influência francesa no tênis está no próprio nome da modalidade, que é derivada do verbo “tener” e da expressão “tenez!”, que era anunciada quando os/as oponentes estavam prontos/as para iniciar o jogo, por isso diziam: “tenez!”, ou seja, “aqui estamos!” (IOC, 2017a, [online])

Figura 3 – A prática do Jeu de Paume, ilustração de 1757



Fonte: Bibliothèque Nationale de France.⁴¹

A dada “senhora francesa” descrita por Radford (2017), treinava todas as manhãs, entre as cinco e sete horas, numa das quadras situadas à James Street, e seu registro pode ser o primeiro sobre uma mulher no século XVIII a praticar um “esporte”, já com regras, mas não institucionalizado, não apenas por lazer, mas para efeito de ganhos financeiros.

⁴¹ Disponível em : <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b69426880/f1.item.r=jeu%20de%20paume> Acesso em: 19 out. 2020.

Com praticamente nenhuma informação sobre quem teria sido a tal “senhora francesa”, Radford (2017) pesquisou em outras fontes indiretas e levantou a hipótese de que “senhora francesa” seria Louise-Bonne Bunel, membro de uma família famosa pela prática do *Jeu de Paume*, inclusive entre as mulheres. Louise-Bonne Bunel, conta Radford (2017), teria jogado no dia 19 de fevereiro de 1768, contra ninguém menos do que o “senhor Tomkins”, um aristocrata que era conhecido como “o melhor jogador” da época. Apesar da fama de Tomkins, a disputa, elogiada pela qualidade técnica, foi vencida por Louise-Bonne por dois sets a um e, “Aqueles que perderam dinheiro (principalmente os Ingleses) não ficaram satisfeitos e demandaram uma revanche para recuperar suas perdas. A convicção no Sr. Tomkins era obviamente ainda alta...”, observou Radford (2017 p. 184 – tradução nossa).⁴²

Onze dias depois da primeira partida, sob a promessa de uma soma ainda mais considerável em dinheiro, Louise-Bonne e Tomkins se enfrentaram novamente sob os olhares de alguns lordes e outras pessoas de grande distinção social. Por quatro sets a dois, Louise-Bonne impôs com êxito suas qualidades técnicas e capacidades físicas frente às resistências do oponente. A expressão da sua vitória, garantida pela sua boa capacidade atlética e por seus golpes precisos e eficazes, foi descrita por Manevieux (1783, p. 161)⁴³, que dizia que a vitória de Louise-Bonne teria se dado porque ela era magra, tinha os membros bem alongados e se lançava ao jogo como um “gafanhoto”, dada a velocidade dos seus deslocamentos e o alcance dos seus golpes.

É inegável a relevância da história e dos feitos de Louise-Bonne Bunel para o esporte, particularmente, porque no século XVIII as mulheres não tinham muito acesso às práticas corporais competitivas que estavam em vias de serem esportivizadas. Se de um lado eram impedidas por razões socioculturais, por outro, os próprios discursos médicos reclamavam a elas uma natural predileção pelo sedentarismo, cuja explicação estava, além de outras coisas, na necessidade que as mulheres tinham de preservar as energias vitais⁴⁴ para que cumprissem a sina da reprodução, por isso, as práticas corporais, quando convenientes, deveriam ser aquelas não competitivas, lúdicas e de caráter terapêutico. O verbo competir não se conjugava no feminino, aliás, ele só entrou na ordem

⁴² “Those who lost their money (mainly the English) were not satisfied by the result and wanted a rematch to recoup their losses. Confidence in Mr. Tomkins was obviously still high...” (Ibidem, p. 184).

⁴³ “[...] elle s’élançoit dans le jeu comme une sauterelle; elle est maigre et les membres assez longues [...]” (MANEVIEUX, 1783, p. 161)

⁴⁴ Sobre a teoria vitalista, sugiro a leitura do texto: MYERS, Charles. Vitalism: a brief historical and critical review. *Mind, New Series*, v. 9, n. 34, p. 218-233, abril 1900.

do discurso quando as mulheres fincaram os pés nas competições esportivas internacionais nas primeiras décadas do século XX.

De certo modo, as práticas corporais competitivas que exigiam muito empenho e desgaste físico não eram bem vistas nem para os homens no século XVIII, especialmente quando os praticantes pertenciam às altas classes sociais. A ideia era que os exercícios físicos deveriam ter a medida correta para a manutenção da saúde, sem desvalorizar o posto distintivo e imperioso do intelecto. Assim, na relação entre o espírito, a inteligência e o corpo, os praticantes que buscavam as grandes performances corporais não serviam de modelos para a elite, nem entre os homens e muito menos entre as mulheres.

Os grandes esportistas do século XVIII tendiam a encarnar extremos: pugilistas com musculatura potente ou, ao contrário, jóqueis peso-pena. Raramente constituíam exemplos para o resto da humanidade. De uma maneira geral, não se considera que uma boa forma física constitua um dever com relação a si mesmo ou aos outros. (VIGARELLO & HOLT, 2008, p. 419).

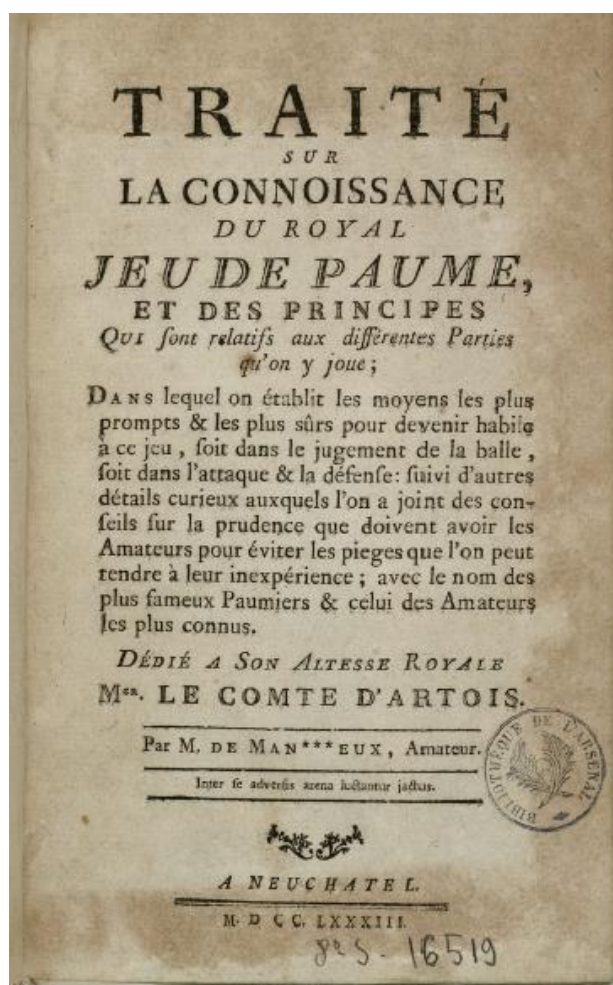
Diante de um cenário social, ainda mais restritivo com as mulheres de menor capital socioeconômico, os feitos de Louise-Bonne foram emblemáticos e transgressores frente aos discursos que relegavam às mulheres das altas classes sociais a casa, o lar como espaço de pertencimento. Já no caso das mulheres mais pobres, apesar de enfrentarem convenções sociais mais relapsas em relação aos usos que davam aos seus corpos, a luta pela sobrevivência, as jornadas de trabalho exaustivas, a falta ou a inexistência de estímulos, os impedimentos financeiros para a compra de equipamentos e o uso das instalações, praticamente tudo bloqueava seu acesso às práticas corporais competitivas. Desse modo, as conquistas de Louise-Bonne não tinham relação com a sobrevivência, como foi exposto em relação as corridas, elas encampavam outro plano, não menos importante, o da relação de gênero e da construção social das diferenças sexuais.

Em 1768, as performances da senhora Bunel [Louise-Bonne] teriam sido notáveis em vários níveis. Ao enfrentar um homem numa quadra de tênis pública e sendo o sujeito de uma aposta considerável, senhora Bunel demonstrou qualidades de independência, afirmação e confronto que seriam contrárias às expectativas por ela ser mulher. Demonstrar sua superioridade física sobre um homem dominante não tinha precedentes. Seu público teria assumido que os homens eram o sexo forte, mais corajoso e determinado, que em uma situação difícil homens seriam mais capazes de manter a cabeça elevada e pensar mais

claramente. A senhora Bunel virou todas as expectativas de cabeça para baixo. (RADFORD, 2017, p. 186 – grifo no original, tradução livre).⁴⁵

Uma análise do *Traité sur la connoissance du royal jeu de paume et des principes qui sont relatifs aux différentes parties qu'on y joue* escrito por Louis-Claude Bruyset de Manevieux em 1783, mesma obra utilizada por Radford no artigo *Was the long eighteenth century a golden age for women in sport? The cases of Mme Bunel and Alicia Thornton* (2017), constatou que Louis-Bonne não foi a única mulher a conseguir expressão no *Jeu de Paume*.

Figura 4 - Capa da obra: *Traité sur la connoissance du royal jeu de paume et des principes qui sont relatifs aux différentes parties qu'on y joue*, par Manevieux, 1783

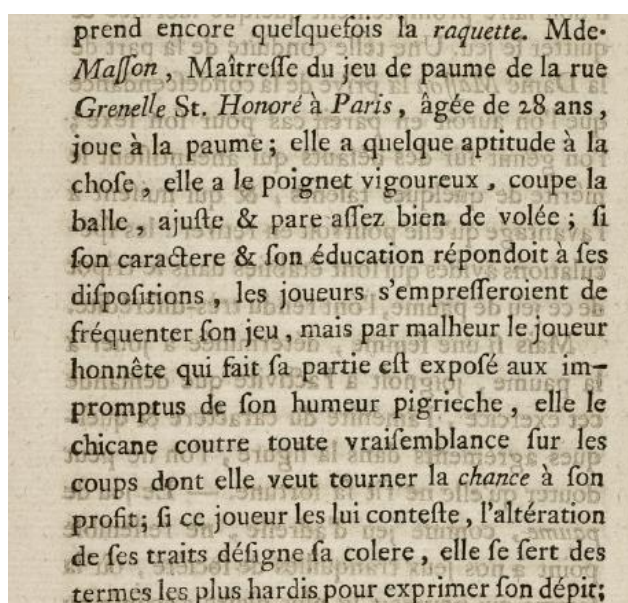


Fonte: MANEVIEUX, 1783.

⁴⁵ “In 1768, the performances of Mme Bunel would have been striking on several levels. By taking on a man in a public tennis court, and being the subject of considerable betting, Mme Bunel was demonstrating qualities of Independence, assertion, and confrontation that would have run counter to the expectation of her as a woman. Demonstrating her *physical* superiority over a dominant male was unprecedented. Her audience would have assumed that men were that stronger sex, more courageous and determined; that in a tight situation men would be more able to keep a level head, and think more clearly. Mme Bunel turned all those expectations on their head.” (RADFORD, 2017, p. 186)

Segundo a obra, uma senhora chamada Masson, 28 anos, era uma exímia praticante do jogo. Ela costumava treinar numa quadra que existia na Rua Grenelle, Paris, onde constantemente provocava outros jogadores para contestes valendo alguma soma em dinheiro. Manevieux (1783) relatava que madame Masson era uma mulher de personalidade forte que não media esforços para alcançar seus objetivos, mesmo que para isso, utilizasse de artifícios que não agradavam nem aos perdedores, nem ao próprio Manevieux – como dá a entender pela forma como ele descrevia a personagem.

Extrato 2 - *Traité sur la connoissance du royal jeu de paume*, 1783



Fonte: MANEVIEUX, 1783, p. 162.⁴⁶

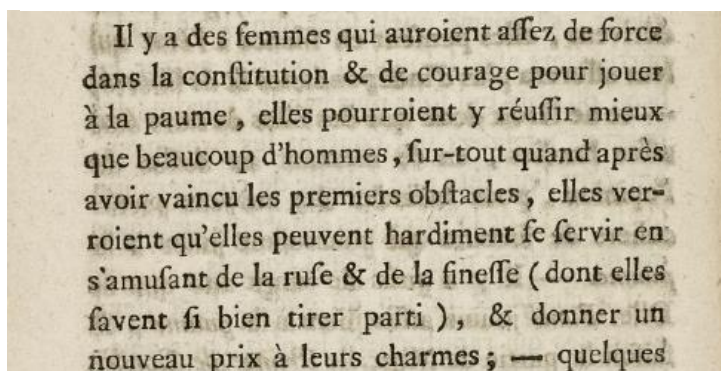
Manevieux, que foi um jogador amador do *jeu de paume* até ser baleado em 1793, durante a Revolução Francesa, e que parou de jogar por causa das consequências da sua lesão (RADFORD, 2017, p. 185 – nota de rodapé), apresenta na sua obra elementos interessantes e que merecem ser destacados. O primeiro diz respeito aos incentivos à prática feminina, presentes em várias partes do texto, que não eram comuns no século XVIII. O segundo aspecto tem relação com as críticas que ele tecia ao modelo social que

⁴⁶ “Madame Masson, mestra do jeu de paume à rua Grenelle St. Honoré em Paris, 28 anos, joga o jeu de paume; ela tem aptidão para a coisa, ajusta, defende e rebate muito bem. Se seu caráter e sua educação respondessem a suas disposições, os jogadores se apressariam em frequentar seu jogo, mas, infelizmente, o jogo honesto de sua parte é exposto aos improvisos do seu humor, ela se queixa de todos os golpes dos quais deseja tirar vantagem da sorte, se o jogador os contesta, a alteração dos seus traços mostra sua cólera, ela se serve dos termos mais impróprios para exprimir seu despeito [...]” (MANEVIEUX, 1783, p. 162 – tradução livre).

restringia as práticas corporais competitivas, especialmente em ambientes abertos e sobretudo dentro dos mesmos jogos e mesmos padrões reservados aos homens.

É significativo observar que, em meio ao cenário restritivo do século XVIII, Manevieux (1783) pudesse dizer que o *Jeu de Paume* além de conveniente podia ser também uma forma das jogadoras ganharem dinheiro e viverem como profissionais. Manevieux (1783) chegava a afirmar que se as mulheres fossem bem treinadas, elas poderiam ascender às mesmas qualidades técnicas e capacidades físicas que os homens.

Extrato 3 - Traité sur la connoissance du royal jeu de paume, 1783



Fonte: MANEVIEUX, 1783, p. 160.⁴⁷

Um século antes de Pierre de Coubertin e a patronagem do COI ter imposto o “amadorismo” como norma para a participação nas competições olímpicas, as apostas em contendas “esportivas” eram realidades para os homens e mulheres que praticavam o *Jeu de Paume*. Embora Vigarello & Holt (2008) tenham percebido que parte da sociedade europeia no século XVIII tivesse verdadeira afeição aos contestes extraordinários, às comparações que hoje consideraríamos sem sentido, como mulheres de setenta anos correndo contra crianças de dez, ou que mulheres jogassem contra homens, como ocorreu no *Jeu de Paume*, é intrigante ler nos extratos abaixo como Manevieux (1783) parecia acreditar no potencial das mulheres.

⁴⁷ “Existem mulheres que teriam força suficiente de constituição e coragem para jogar *Jeu de Paume*, elas poderiam jogar melhor que muitos dos homens, sobretudo, quando depois de ter vencido os primeiros obstáculos, elas veriam que podem audaciosamente se servir se divertir da astúcia e da delicadeza (as quais elas sabem bem tirar partido) e dar um novo preço aos seus charmes” (MANEVIEUX, 1783, p. 160 – tradução livre).

Extrato 4 - Traité sur la connoissance du royal jeu de paume, 1783

Mais si une femme , déterminée à jouer à la paume , joignoit à l'activité que demande cet exercice , l'aménité du caractère & quelques agréments dans la figure , l'on ne peut douter qu'elle ne fit sa fortune.

quand le beau sexe veut , il a plus de force & de courage qu'il ne croit. Ne voyons-nous pas à présent des femmes

(166)
s'adonner comme les hommes à des talents périlleux , danser sur la corde , assoupler leur corps à des situations effrayantes qui exigent autant de force que de confiance ? N'en voyons-nous pas d'autres courir droites sur des chevaux , & déployer dans cette attitude autant de grace que d'adresse ? Il est vrai que

Fonte: MANEVIEUX, 1783, p.163, 165-166.⁴⁸

Competições de *Jeu de Paume*, *smock races*, caminhadas, corridas contra o relógio, caça, turfe⁴⁹, uma profusão de práticas corporais com a participação de homens e mulheres, idosos, adultos, crianças no século anterior à esportivização e aos primeiros passos para a sistematização dos métodos ginásticos no século XIX. Na Inglaterra e na França, as manifestações de diferentes culturas corporais eram utilitárias e ritualísticas, com poucas regulamentações e nenhuma institucionalização a nível internacional, as práticas corporais faziam parte da programação de diversos eventos. Vigarello & Holt

⁴⁸ “Mas se uma mulher, decidida a jogar Jeu de Paume, agregasse à atividade que exige esse exercício, a amenidade do caráter e alguns atrativos do personagem, não podemos negar que ela faria sua fortuna [...] quando o belo sexo quer, tem mais força e coragem do que acredita. Não vemos mulheres hoje em dia, como homens, entregando-se aos talentos perigosos, dançando na corda, contorcendo seus corpos em situações assustadoras que exigem tanta força quanto confiança? Não vemos outras correndo diretamente a cavalo, e empregando nessa atitude tanta graça quanto habilidade?” (MANEVIEUX, 1783, p. 163, 165-166 – grifos nossos, tradução livre).

⁴⁹ Turfe são as corridas de cavalos, normalmente feitas em hipódromos sem a presença de barreiras ou obstáculos a serem ultrapassados. Nele, o foco está na velocidade. Já a equitação é o nome dado a um conjunto de três provas: adestramento, salto e concurso completo. No adestramento o cavaleiro ou a amazona deverá conduzir o animal na realização de difíceis manobras como marchar, dar a volta em torno de si mesmo, galopar, trotar. O salto demanda a superação de barreiras e obstáculos previamente dispostos. A velocidade, a constância e a precisão são as características dessa prova; é preciso transpor os obstáculos num menor tempo possível sem que nenhum seja derrubado. O concurso completo é uma prova composta de adestramento e salto. Disponível em: <http://www.cbh.org.br/> Acesso em: 09 out. 2019.

(2008) asseveram que na França as práticas eram organizadas conforme a necessidade do evento, dos/das participantes e tinham quase sempre um tom de excentricidade.

As competições eram talhadas sob medida para responder às necessidades dos participantes. Por exemplo, em 1790, se organizou uma corrida de 100 jardas seguidas de um salto de distância entre um homem de trinta e cinco anos e outro de setenta. Indivíduos leves eram obrigados a usar pesos a fim de poder correr contra homens mais pesados; às vezes o primeiro corredor partia num sentido diferente e o segundo no outro, e deviam percorrer distâncias diferentes. Esses acontecimentos eram concebidos não somente em vista de pôr à prova as capacidades físicas, mas também a astúcia e o senso estratégico dos indivíduos. (VIGARELLO & HOLT, 2008, p. 422).

Diferentemente do contexto inglês, as competições na França setecentista não buscavam medir, comparar, calcular e controlar os feitos dos corpos, não valorizavam ou, possivelmente, desconheciam a expertise, fosse no que tangia às práticas corporais ou aquelas relacionadas às ciências médicas (VIGARELLO & HOLT, 2008). Em outras palavras, a sistematização, medição e comparação de feitos atléticos era um traço cultural inglês e não era comum na França do século XVIII. Lembremo-nos do fato de que a especialização médica no contexto europeu só se tornou comum a partir do século XIX, quando os médicos generalistas começaram a ser substituídos pelos peritos em órgãos, doenças ou grupos sociais, como as mulheres e as pessoas com alguma doença psiquiátrica.

Ademais, o novo modelo de produção, que não tardaria a ser tomado como referência, não tinha afetado igualmente todos os países europeus. Enquanto na Inglaterra, o processo dava sinais do seu fôlego gigantesco, na França as pessoas ainda viviam suas rotinas no campo ou nas pequenas cidades, lidando com a terra e animais, respirando um ar que não havia sido contaminado com os vapores e fuligens do século XIX (VIGARELLO & HOLT, 2008). Desse modo, quando prescritas, as práticas corporais tinham um caráter mais pontual, ou como diria Foucault (1977), voltadas para o indivíduo e seu corpo, não para a população.

A França certamente manteve por mais tempo o caráter utilitário e ritualístico das práticas corporais entre sua população em relação ao que despontava na Inglaterra. Berço de um novo modelo de produção que exigia novas formas de organização social, econômica e política, a Inglaterra teria se aproveitado da sua afeição aos contestes para favorecer a instauração de um fenômeno social em relação aos usos dos corpos que, no limite, refletia as próprias características do seu sistema de produção, traduzido algum

tempo depois no lema olímpico: “citius, altius, fortius” – mais rápido, mais alto, mais forte.

1.2 Século XIX – lutas, resistências e vitórias, sinônimos de mulher

Existe uma dificuldade muito particular e extremamente complexa na tarefa de se construir uma análise sobre a história das mulheres e isso ocorre independentemente do campo de conhecimento. São histórias de lutas, conflitos, resistências e resiliências, da interposição de práticas que ameaçaram, desestabilizaram e modificaram a estrutura patriarcal, machista, sexista, racista e classista sobre a qual foi fundada a sociedade ocidental capitalista. As resistências que elas impuseram e fizeram funcionar nem sempre foram noticiadas ou exaltadas, ao contrário, muitas vezes foram invisibilizadas, recriminadas e quase sempre foram utilizadas para propagandear valores para o próprio sistema patriarcal e misógino. Por isso, para escrever sobre suas histórias é necessário ir além daquilo que o sistema deixou revelar. É preciso buscar nas resistências localizadas, nos micropoderes e micropolíticas, nas relações cotidianas, nas conquistas individuais, nas operações de grupos de mulheres, nos movimentos, nem sempre articulados, de lutas sociais femininas e feministas.

As mulheres lutaram e ainda lutam contra a dominação masculina e o ordenamento social baseado nas relações de gênero (BOURDIEU, 2016); contra os princípios do modelo capitalista de sociedade (FEDERICI, 2018; HARGREAVES, 1985); contra os entraves políticos, culturais e sociais impostos sua ascensão aos espaços públicos e de poder (SMITH-ROSENBERG & ROSENBERG, 1973, MELO, 2009); contra o controle instituído pelo domínio científico e seus regimes de verdade (MROZEK, 1987); contra os valores tradicionais, alguns deles renovados, definidores das “condutas morais”⁵⁰ (HARGREAVES, 1985); contra a profunda e profícua relação estabelecida entre o esporte, a ideologia militar, os ideais aristocráticos e as concepções de masculinidades e feminilidades (HEGGIE, 2016; CONNEL, 1995); contra as barreiras impostas para a manutenção do esporte como “reserva de proteção da virilidade” (ELIAS

⁵⁰ Utilizo aqui o conceito formulado por Michel Foucault, para quem o “código moral”: “[...] designa-se, assim, a maneira pela qual eles [elas] se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta, pela qual obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição, pela qual respeitam ou negligenciam um conjunto de valores; o estudo desse aspecto da moral deve determinar de que modo, e com que margem de variação ou de transgressão, os indivíduos ou grupos se conduzem em referência a um sistema prescritivo, que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura, e do qual eles têm consciência mais ou menos clara” (2006, p. 211).

& DUNNING, 1992); contra o domínio sobre seus corpos através das ideologias religiosas e morais (FOUCAULT, 2006), enfim, é praticamente impossível narrar a história das mulheres que não seja pelo viés da luta e da resiliência. Como canta Dandara Manoela:

Destino de Maria é ser
Maria de luta
[...]
Maria de revolução!⁵¹

Heleieth Iara Bongiovani Saffioti (1976), ao analisar a situação das mulheres e as suas representações na sociedade capitalista, traçou uma interpretação pertinente e profícua sobre gênero, classe social e trabalho, que serve também para compreender como as mulheres enfrentaram e ainda enfrentam inúmeros obstáculos para conquistarem e manterem o direito ao esporte e à competição esportiva. Sobre os obstáculos enfrentados pelas mulheres no campo do trabalho, Saffioti (1976), faz as seguintes observações:

As limitações que a estrutura social dos países capitalistas impõe à realização plena da mulher, quer enquanto trabalhadora, quer enquanto pessoa portadora de características especiais que a incluem na categoria sub-privilegiada do sexo feminino, apresentam-se como invariâncias, em qualquer concreção histórica daquele modo de produção. As condições possíveis entre as determinações essenciais do modo capitalista de produção e as determinações comuns a todos os tipos estruturais de sociedade resultam numa dupla determinação dos seres femininos, através do qual a sociedade afasta as possibilidades de acirramento extremo dos conflitos gerados pelo processo competitivo típico das sociedades de classes. (SAFFIOTI, 1976, p. 73).

O que Saffioti (1976) argumenta é que é possível observar na sociedade capitalista um *modus operandi* comum que historicamente tem instituído e mantido diferentes possibilidades para homens e mulheres. Sobre isso, Danièle Kergoat (2009) reforça que em todas as sociedades humanas as divisões das tarefas são feitas mediante a diferenciação e a naturalização sociocultural de atributos inerentes à homens e mulheres. Como resultado da diferenciação sexual, tais sociedades determinam tarefas distintas para os sexos, ao mesmo tempo em que lhes imputam valores também distintos. Hierarquizados, o trabalho e o seu resultado valem mais para os homens do que para as

⁵¹ Trecho da música “Mulher de luta” de autoria da cantora Dandara Manoela. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/dandara-manoela/mulher-de-luta/> Acesso em: 07 nov. 2019.

mulheres. E é essa separação distintiva que Kergoat (2009) chamou de “divisão sexual do trabalho”:

[...] a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações de sexo; essa forma é historicamente adaptada a cada sociedade. Tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de valor social agregado (políticas, religiosas, militares, etc.). (p. 67).

Como os entendimentos sobre a divisão sexual do trabalho acabam por se fixarem demasiadamente ao universo do trabalho, uma outra concepção, não excludente da dessa primeira, mas sua cúmplice, se tornou importante e necessária para as análises aqui empenhadas. Desse modo, é utilizado em conjunto com a divisão sexual do trabalho a expressão: “relação social”. A relação social é “[...] uma tensão que atravessa o campo social [...] [que] produz certos fenômenos sociais e, em torno do que neles está em jogo, constituem-se grupos de interesses antagônicos” (KERGOAT, 2009, p. 71), que no caso dessa pesquisa, são representados pelos interesses sociais de homens e mulheres.

Tomando o campo esportivo, as principais características das relações sociais de sexo, elencadas por Kergoat (2009), parecem úteis para compreender como a racionalidade e os acontecimentos no século XIX ajudaram na configuração do esporte moderno, cuja predileção pela distinção, ajudou a ampliar e naturalizar as diferenças entre homens e mulheres. Embora Kergoat (2009) não tenha discutido diretamente o esporte, a associação que ela buscou problematizar, formada entre as relações sociais de sexo e a divisão sexual do trabalho, também parece ser comum na arena esportiva. Conforme Kergoat (2009), como resultado da interlocução entre relações sociais e divisão sexual, é possível observar que:

- a relação entre os grupos [homens e mulheres] assim definidos é antagônica;
- as diferenças constatadas entre as atividades dos homens e das mulheres são construções sociais, e não provenientes de uma causalidade biológica;
- essa construção social tem uma base material e não é unicamente ideológica; em outros termos, a ‘mudança de mentalidades’ jamais acontecerá de forma espontânea, se estiver desconectada da divisão de trabalho concreta; podemos fazer uma abordagem histórica e periodizá-la;
- essas relações sociais se baseiam antes de tudo numa relação hierárquica entre os sexos; trata-se de uma relação de poder, de dominação. (KERGOAT, 2009, p. 71).

Se de um lado o impressionante progresso científico experimentado pela sociedade ocidental no século XIX, possibilitou a emergência de novas formas de atividades físicas⁵². Por outro, a racionalidade da esfera científica se tornaria uma “gaiola de ferro”, na qual especialistas “sem espírito, sensualistas sem coração” (WEBER, 2004, p. 86) tentariam dominar as mulheres e policiar os usos que elas davam aos seus corpos. Somada às relações sociais de sexo e a divisão sexual do trabalho, a trama dos discursos que emergiu com força e operabilidade no século XIX, riundos do século XVIII, tentou impedir a ascensão das mulheres às práticas esportivas, sobretudo aquelas de alto rendimento e competitivas.

1.3 Os verbos e as carnes: jogos de verdade nas ciências no século XIX

As afinidades do útero com todas as outras partes do organismo feminino são evidentes, e as relações de afinidade de todos os órgãos da mulher com o útero são muito numerosas e complicadas, tão íntimas e frequentes como distantes, penetrando em todo o seu ser, que quase parecem, usando a expressão de outro, ‘como se o Todo Poderoso, ao criar o sexo feminino, *tivesse pego o útero e construído a mulher em volta dele*’. E novamente, ele chama esse órgão ‘o grande órgão *central* da sua existência (HOLBROOK, 1878, p. 14-15).

O olhar não é mais redutor, mas fundador do indivíduo em sua qualidade irreduzível. E, assim, torna-se possível organizar em torno dele uma linguagem racional. [...] poder-se-á, finalmente, pronunciar sobre o indivíduo um discurso de estrutura científica. (FOUCAULT, 1977, p. XIII).

Yvonne Knibiehler, em *Les médecins et la ‘nature féminine’ au temps du Code Civil* (1976), propõe a questão: por que as mulheres que, até o final do século XVIII, participavam da política, exerciam a cidadania, lutavam por direitos civis e expunham suas ideias, passaram a ser controladas ao final da Revolução Francesa? Revigorando o questionamento de Knibiehler (1976), poderíamos acrescentar: por que as mulheres que, até o final do século XVIII, participavam de esportes antigos e se empenhavam em diversas práticas corporais, foram interditadas, reguladas, separadas e segregadas nos esportes e em diversas práticas corporais ao final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX?

⁵² Consciente dos conflitos e instabilidades, mas coerente com as demandas metodológicas, esta tese tenderá utilizar o termo “atividade física” para definir “[...] qualquer movimento corporal produzido pelos músculos esqueléticos que resulta em gasto de energia” (CASPERSEN, POWER & CHRISTENSON, 1985, p. 126). Enunciando que consta também no Glossário Temático – Promoção da Saúde, publicado em 2012, que visa elaborar e difundir os termos presentes na linguagem institucional do governo federal (BRASIL, 2012).

Knibiehler (1976) responde que a regressão na situação social e na ordem do poder das mulheres parece ter sido marcada por duas características: a exclusão desse grupo do cenário político e a retomada de uma nova cultura da reclusão, ambas amparadas não mais por concepções morais e religiosas, mas por uma esfera social particularmente produtiva e inquestionável: a ciência. Por sua vez, Ana Paula Vosner Martins (2004) ao analisar o discurso médico nos séculos XIX e XX e criar um diálogo com o texto de Knibiehler (1976), acrescenta outro que torna a resposta ainda mais interessante:

As ciências biológicas e a medicina da mulher contribuíram decisivamente para esse longo processo de ‘in-corporação’ das mulheres. Esses saberes não criaram algo totalmente novo sobre a mulher, já que havia uma tradição sobre o assunto. O que eles fizeram foi dar um novo significado para esta tradição, ao mesmo tempo que se diferenciavam dela porque individualizaram seu objeto, produziram um vocabulário e um conjunto de imagens realistas com o intuito de alcançar sua verdade e, assim o fazendo, fixaram-no na ordem imutável das coisas ditas, dos nomes, das representações. (MARTINS, 2004, p. 14).

Rodeadas e vigiadas por olhares insidiosos, cortadas e explicadas por instrumentos manipulados por maestros, “filantropos” e “trabalhadores sociais” (FOUCAULT, 1979, p. 136), as mulheres foram transformadas em “objetos científicos” e seus corpos em campos de testes e comparações por uma “pastoral moderna” (MARTINS, 2004, p. 14) que arrogava para si e para a ciência que operava uma pretensa neutralidade e inquestionável racionalidade científica. Na mesma medida em que as ciências vão despontando e progredindo no século XIX, as diferenças entre as “raças/etnias”, culturas e o sexo são perscrutadas, nomeadas, classificadas e ordenadas.

Se ao final do século XIX, as mulheres lutavam para conquistar algum protagonismo nos esportes, cuja sistematização e institucionalização se intensificava, por parte das ciências médicas e biológicas seus corpos não apenas as identificavam, mas eram concebidos como simulacros que limitavam suas capacidades e habilidades físicas no campo esportivo. Construídas como seres inferiores aos homens, reféns do seu próprio corpo, as mulheres deveriam se contentar com outras posições no pódio esportivo, se eram o “segundo sexo” (BEAUVOIR, 1980), deveriam ser também as ocupantes naturais do segundo posto, as eternas “medalhas de prata”.

Diferentemente dos homens, elas tiveram que enfrentar (e ainda enfrentam) distintas racionalidades no campo esportivo. De modo geral, os homens estiveram historicamente preocupados em: compreender o funcionamento e as possibilidades

adaptativas do corpo; os efeitos dos treinamentos físicos sobre suas capacidades e habilidades físicas; a criação de regimes dietéticos e substâncias para o aumento das suas performances; o saber lidar com o progresso constante das tecnologias (instalações, equipamentos, aparelhagem e vestuário); a assimilação e a exposição de valores nacionalistas e patrióticos; a criação de instituições que pudessem proteger os interesses de grupos e de um esporte específico; a realização de eventos nos quais pudessem se exhibir e glorificar suas competências físicas e técnicas; a instituição de modelos de imprensa e mídia que pudessem expor seus feitos, etc.

Já as mulheres, tidas como verdadeiras invasoras de um espaço que era masculino por excelência, tiveram que lutar contra as interdições que surgiam de praticamente todos os regimes de saber – ciência, religião, educação, política –; as proibições socioculturais criadas e que operavam na sociedade ocidental; os modelos de feminilidades que, seguramente, não eram consoantes às expressões dos lutadores, corredores, jogadores; os impedimentos em relação aos espaços e equipamentos esportivos; as desvalorizações das suas performances; os exíguos modelos de representatividade; as ausências de apoios econômicos, midiáticos e políticos; as restrições em relação às mudanças que os exercícios, as dietas e as substâncias poderiam ocasionar em seus corpos, etc. Assim, as batalhas travadas nos campos, ginásios, estádios e piscinas foram para as mulheres ramificações das lutas e dos movimentos que ocorriam em todos os outros espaços da ordem social.

Reconfigurado para responder a uma urgência que surgiu no período vitoriano, de 1837 a 1901, dentro da sociedade inglesa, o esporte moderno foi se tornando um dispositivo (conceito aprofundado adiante) importante para o controle dos corpos, a instituição de padrões de comportamento, a formação de identidades nacionais, a demonstração de superioridade entre diferentes grupos e a criação e manutenção das diferenças (gênero, raciais/étnicas, classe, globais (norte x sul), ideológicas). Entretanto, como qualquer outro dispositivo que buscava deter e fazer funcionar seu saber-poder, a configuração das práticas corporais dentro do modelo do esporte moderno também foi questionada e enfrentada. Isso explica, parcialmente, as ações de alguns indivíduos, importantes no processo de institucionalização do esporte, por terem ora se aproximado e ora distanciado de diferentes campos discursivos, cujas racionalidades poderia garantir o pertencimento dos esportes aos homens e também proteger as competições esportivas da entrada das mulheres.

Hargreaves (1985, p. 46 – tradução livre) assevera que “[...] as mudanças no esporte feminino não foram abruptas ou dramáticas, mas um processo de ajuste e acomodação, novas formas de atividade sendo formuladas concomitantemente com atitudes conservadoras estabelecidas”.⁵³ Desse modo, a interlocução avançada busca revelar e analisar a dinâmica dos discursos, as resistências, os ajustes e as acomodações que são configurados no século XIX e que depois se tornam regulares, quando as mulheres começaram a avançar não apenas dentro do campo esportivo, mas nas lutas por direitos políticos, econômicos, legais, educacionais, reprodutivos e, seguramente, nos usos que poderiam dar aos seus corpos.

1.3.1 O corpo da mulher na ordem do discurso: Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos

Na sua obra *a História da Sexualidade I: a vontade do saber* (2011a), Foucault incita pensar o poder não como algo dado, que pudesse nascer de um espaço específico e que pudesse ser controlado por um sujeito, mas como uma relação de forças difusas, instáveis e constantes, cujo foco inicial e mais visível tem sido as práticas de disciplinamento dos corpos e dos indivíduos. Nas palavras de Foucault (2011a, p. 88-89), o poder deve ser compreendido:

[...] primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeiras ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais.

Seguindo essa lógica, é possível observar que as práticas discursivas dentro dos domínios das ciências médicas, da educação formal e da cultura no século XIX resultaram de uma verdadeira “fermentação dos discursos” (FOUCAULT, 2011a, p.22) amontados e calcinados no século XVIII que, ao evocar o progresso da sociedade ocidental pela égide de uma evolução social, colocaram em funcionamento uma gama de tecnologias para vasculhar, detalhar, comparar, medir, ordenar, nomear e legitimar os sujeitos e governar

⁵³ “[...]It becomes clear from this account so far that changes in women’s sport were not abrupt or dramatic but rather a process of adjustment and accommodation, new forms of activity being formulated concomitantly with established conservative attitudes” (HARGREAVES, 1995, p. 46).

a população. Nesse jogo de poder, homens e mulheres foram ao mesmo tempo protagonistas e objetos, criaram e se tornaram sujeitos-objetos dos regimes de verdade que eles/elas mesmas ajudaram a construir. Porém, apesar da participação feminina, o verbo que proferiu a criação da carne feminina, da mulher, foi modulado por um coral estrategicamente afinado de bocas masculinas, famintas e desejosas pela manutenção da ordem e do progresso, cuja estrutura e o funcionamento estavam no domínio da mulher, seu corpo e sua força de trabalho.

Já na *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres* (1998), o autor focalizou o que chamou de cartografias do dispositivo que dava centralidade às experiências dos indivíduos ou as formas como os indivíduos se compreendem como sujeitos.

Como um dos objetivos desta tese é examinar os dispositivos do esporte e do sexo/gênero, a estratégia de Foucault pode ser muito útil, pois são analisados alguns campos de saber que influenciaram o esporte, algumas das relações de poder que controlaram as práticas corporais e as formas como certos os indivíduos passaram a se compreender como “atletas”. Do mesmo modo, são uteis para problematizar porque o substantivo “atleta”, mesmo sendo do gênero “comum de dois” – o atleta, a atleta, o ginasta, a ginasta –, tem sido enunciado e vivenciado como um substantivo masculino, como se esse fosse universal.

Caracterizado como um período no qual os discursos científicos passaram a ordenar e legitimar quase todos os aspectos da vida da população, o século XIX foi particularmente importante para a ginástica, o esporte, o lazer e a educação física. Nele começaram a ser elaborados os conceitos básicos sobre o corpo (SOARES, C.L., 2007) e as formas de sua constituição, educação, treinamento e uso, especialmente em relação à sua utilidade como força motriz dentro de um sistema econômico que se afeiçoava dia após dia com a produção de mais e mais mercadorias. Além disso, foi no século XIX que um movimento social liderado por mulheres inglesas se fortaleceu e conquistou direitos importantes que influenciaram outras mulheres de outros países. Frequentemente chamado de “Primeira Onda Feminista” (PINTO, 2010; THÉBERGE, 1995), o movimento favoreceu o papel da mulher nos mais diversos espaços sociais e políticos.

Exigindo direitos iguais, como o direito ao voto, e fazendo sua entrada na mão-de-obra e na educação superior, as mulheres colocam em questão as ideias recebidas sobre os papéis respectivos dos homens e das mulheres e ameaçam a posição masculina. Seu interesse crescente pelo esporte e sua maior participação nas atividades esportivas

constituem um outro desafio. (THÉBERGE, 1995, p. 106-107 – tradução livre).⁵⁴

De rebeldes, irracionais, lascivas e incontroláveis, as mulheres passaram a ser representadas como passivas, assexuadas e dispostas ao controle no final do século XVIII (FEDERICI, 2018). Essa matriz operou com vigor na Europa ocidental dentro das primeiras décadas do século XIX mediante o ideal civilizatório da moral vitoriana. Depois, já por volta da década de 1850, as representações de fragilidade e debilidade começaram a ser questionadas pela presença e o protagonismo de alguns grupos de mulheres em movimentos de lutas por direitos. Contudo, se por um lado elas conquistaram agências mais impositivas, por outro, no campo das práticas discursivas das ciências biomédicas, seus corpos são alocados em posições inferiores e subordinadas ao corpo dos homens (HARGREAVES, 1985).

Com o progresso da ciência, as leis naturais foram tomadas como práticas regulatórias e serviram como justificativas tanto para os problemas sociais como para as desigualdades entre os sexos. As demandas dos movimentos que se avolumavam e que poderiam causar mudanças profundas e ou instaurar conflitos dentro dos arranjos sociais eram rejeitadas pela utilização, conveniente, de regimes de verdade que muitas vezes emergiam justamente para estancar insurgências e ameaças à ordem social do gênero.

[...] o corpo se tornou elemento central e esfera de atividade definitiva para a constituição da feminilidade. [...] na sociedade capitalista, o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência, na mesma medida em que o corpo feminino foi apropriado pelo Estado e pelos homens, forçado a funcionar como um meio para a reprodução e a acumulação de trabalho. (FEDERICI, 2018, p. 34).

No século XIX nos Estados Unidos, Inglaterra, França e Alemanha (SMITH-ROSENBERG & ROSENBERG, 1973; ARNAUD, 1996; PFISTER, 1990), e com mais frequência no Brasil no século XX (MELO & SCHETINO, 2009), é possível observar toda uma produção discursiva sobre alimentação, domesticidade, passividade, feminilidade, afeição, moralidade profundamente enraizadas em bases biológicas, cuja

⁵⁴ “En exigeant des droits égaux, comme le droit de vote, et en faisant leur entrée dans la main-d’oeuvre et dans l’éducation supérieure, les femmes remettent en question les idées reçues sur les rôles respectifs des hommes et des femmes et viennent menacer la position masculine. Leur intérêt croissant pour le sport et leur participation accrue à des activités sportives constituent un autre défi.” (THÉBERGE, 1995, p. 106-107).

finalidade era garantir a manutenção dos valores tradicionais (SMITH-ROSENBERG & ROSENBERG, 1973) e dos papéis sociais das mulheres na ordem do gênero.

Durante o século XIX, forças econômicas e sociais em ação na Europa Ocidental e Estados Unidos começam a expor os papéis sociais tradicionais. Algumas mulheres começaram a questionar – e algumas a desafiar abertamente – seus espaços restritos na sociedade. Naturalmente, os homens esperançosos em preservar as relações sociais existentes, e em alguns casos, ameaçados como indivíduos ou como membros de grupos sociais particulares, empregavam argumentos médicos e biológicos para racionalizar os papéis sexuais tradicionais como enraizados inevitavelmente e irreversivelmente em prescrições da anatomia e fisiologia. (Ibidem, 1973, p. 333 – tradução livre).⁵⁵

Tratados médicos, manuais de cuidado com o corpo, compêndios educacionais, tutoriais de “boa conduta”, convenções moralidade e bons costumes, enfim, toda uma profusão de diretrizes era empregada por “filantropos sociais” (FOUCAULT, 1979, p. 136) ou pela “nova pastoral” (Ibidem, 2011a, p. 23) na tarefa de ordenar os indivíduos numa trama social cada vez mais complexa, instável, mas também produtiva e reprodutiva. A mulher, considerada “uma criatura moral, sexual, germinadora, gestativa e parturiente” (MEIGS, 1847, p. 5 – tradução nossa)⁵⁶, parecia ser prisioneira da natureza do seu próprio corpo. Sua existência, suas atitudes, suas vontades, seus desejos, sua moralidade, suas utilidades, suas capacidades intelectuais e físicas resultavam da qualidade e eficiência do controle imposto, assimilado e incorporado. Donald Mrozek (1987) argumenta que no período industrial e pós-industrial os homens consideravam e tratavam as mulheres como “sexo fraco”, porque a natureza lhes havia ausentado da capacidade do “controle natural” que os homens detinham.

A ‘fraqueza’ do ‘sexo mais fraco’ não significava que elas não poderiam prejudicar os homens; significava antes que elas eram moralmente fracas e, nesse sentido, fora de controle. Ironicamente e apropriadamente então, o papel da mulher como guardiã moral foi elevado, pelo menos como uma meta e talvez como um auxílio à conformidade social. No entanto, era essa fragilidade moral que parecia

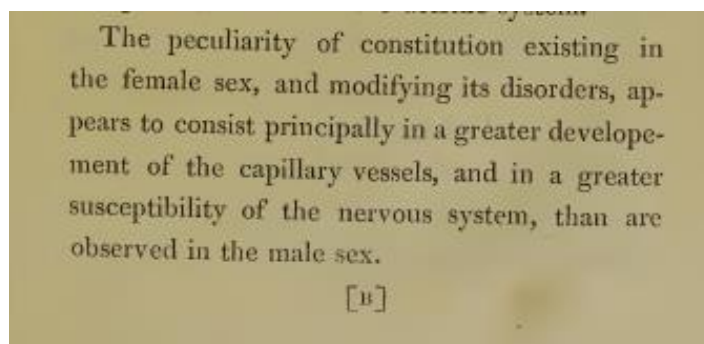
⁵⁵“During the nineteenth century, economic and social forces at work within Western Europe and the United States began to compromise traditional social roles. Some women at least began to question – and a few to challenge overtly – their constricted place in society. Naturally enough, men hopeful of preserving existing social relationships, and in some cases threatened themselves both as individuals and as members of particular social groups, employed medical and biological arguments to rationalize traditional sex roles as rooted inevitably and irrsibly in the prescriptions of anatomy and physiology.” (SMITH-ROSENBERG & ROSENBERG, 1973, p. 333)

⁵⁶ “[...] as a moral, a sexual, germiferous, gestative, and parturient creature.” (MEIGS, 1847, p. 5).

representar sérios perigos para os homens. (MROZEK, 1987, p. 283 – tradução livre).⁵⁷

Marshall Hall, médico inglês de grande projeção na Europa e nas Américas durante o século XIX, reforçava a relação entre as doenças neurológicas, particularmente a apoplexia (acidente vascular cerebral) e a epilepsia, com a “natural constituição” do corpo das mulheres. Na parte introdutória da obra *Commentaires on some of the more important of the diseases of females*, publicada em 1827, Hall M. enunciava que a quantidade e a qualidade dos referenciais teóricos somados aos anos de sua pesquisa provavam a sua preocupação e garantiam a veracidade científica do seu trabalho e, por conseguinte, das afirmações que fazia. Médico especialista em problemas neurológicos, Hall M. (1827) defendia que a natureza das mulheres as condicionava a serem afetadas pela tristeza profunda, letargia e toda uma sorte de distúrbios nervosos.

Extrato 5 - *Commentaires on some of the more important of the diseases of females*, 1827



Fonte: HALL, M., 1827, p. B.

O sexo feminino, por ser considerado mais sensível, era interpretado como mais suscetível que o sexo masculino, particularmente em relação às aflições, aos sentimentos angustiantes que, por não possuírem no século XIX um vocabulário específico, eram chamados de “doenças dos nervos”. Esses distúrbios causavam, como se supunha, sentimentos dolorosos de angústia na cabeça, no coração, nos flancos, enfim, em quase todas as partes do corpo das mulheres (HALL, 1827).

Para parte dos discursos médicos, toda a vulnerabilidade do corpo das mulheres estava conectada às mudanças fisiológicas e anatômicas, regidas por um órgão que se tornou sinônimo de feminilidade e de mulher: o útero. Segundo Smith-Rosenberg &

⁵⁷ “The ‘weakness’ of the ‘weaker sex’ did not mean that they could not harm men; it meant rather that they were morally weak and, in that sense, out of control. Both ironically and appropriately, then, woman’s role as moral guardian was elevated, at least as a goal and perhaps as an aid to social conformit. Yet it was this moral fragility which seemed to pose grave dangers for men.” (MROZEK, 1987, p. 283)

Rosenberg (1973), concebia-se que o útero estava ligado diretamente com o sistema nervoso e com todos os outros órgãos do corpo das mulheres e qualquer mudança no seu funcionamento acarretaria mudanças profundas na capacidade de procriação e também em seus comportamentos.

Martin Luther Holbrook, médico estadunidense de grande importância para o movimento higienista e para a “cultura física” nos Estados Unidos da América, em seu livro *Parturition without pain. A code of directions for escaping from the primal curse* (1878), relatava que numa conferência anual realizada pela Sociedade Médica no ano de 1870, um professor chamado Hubbard teria analisado o comportamento das suas pacientes a partir do equilíbrio e/ou desequilíbrio causado o útero. Como resultado, dizia Holdbrook (1878), Hubbard teria chegado à conclusão o órgão era o grande responsável por comandar toda a vida das mulheres.

Extrato 6 - *Parturition without pain. A code of directions for escaping from the primal curse*, 1878

during 1870, spoke as follows: “The sympathies of the uterus with every other part of the female

organism are so evident, and the sympathetic relations of all the organs of woman with the uterus are so numerous and complicated, so intimate and often so distant, yet pervading her entire being, that it would almost seem, to use the expression of another, ‘as if the Almighty, in creating the female sex, had taken the uterus and built up a woman around it.’” And again, he calls this organ “the great central *pivotal* organ of her existence.”

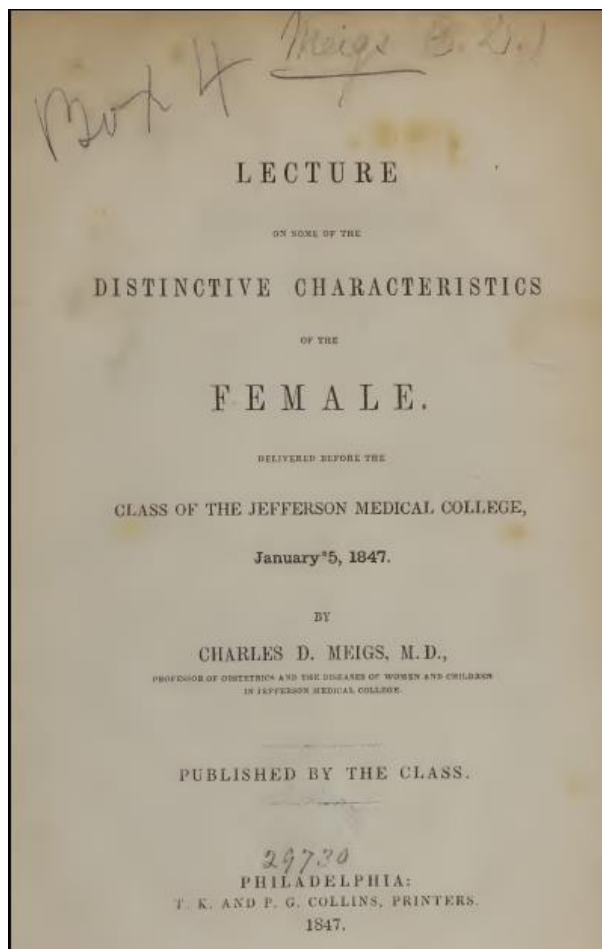
Fonte: HOLDROOK, 1878, p. 14-15.⁵⁸

Um olhar mais atento sobre a obra *Lecture of some of the distinctive characteristics of female* (1847), de Charles D. Meigs, médico obstetra que se opunha ao uso da anestesia durante o parto, que militava contra a ovariectomia (esterilização pela remoção cirúrgica de um ou ambos os ovários) e era contrário à ideia de que as mãos dos

⁵⁸ “As afinidades do útero com todas as outras partes do organismo feminino são evidentes, e as relações de afinidade de todos os órgãos da mulher com o útero são muito numerosas e complicadas, tão íntimas e frequentes como distantes, penetrando em todo o seu ser, que quase parecem, usando a expressão de outro, ‘como se o Todo Poderoso, ao criar o sexo feminino, tivesse pego o útero e construído a mulher em volta dele’. E novamente, ele chama esse órgão ‘o grande órgão *central* da sua existência’” (HOLBROOK, 1878, p. 14-15 – tradução livre, grifos no original).

médicos, mesmo que desprotegidas, pudessem ser veículos para as infecções⁵⁹, deixava entrever partes da regularidade discursiva sobre o corpo das mulheres no século XIX.

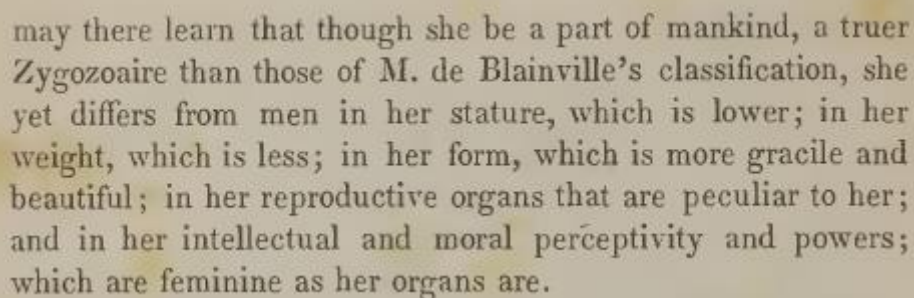
Figura 5 - Contracapa da obra de Charles D. Meigs, 1847



Fonte: MEIGS, 1847, s.p.

Na sua leitura sobre as características distintivas da fêmea, Meigs (1847) declarava que ela seria o resultado de inúmeras pesquisas e que as informações contidas ali não seriam apenas simples discursos, mas resultados das observações feitas em salas e aulas de anatomia, que foram posteriormente reunidas para oferecer uma visão mais ampla para os estudantes de medicina acerca das características que distinguem as fêmeas dos machos da espécie humana. Em um dos trechos, Meigs (1847, p. 5-6) afirmava:

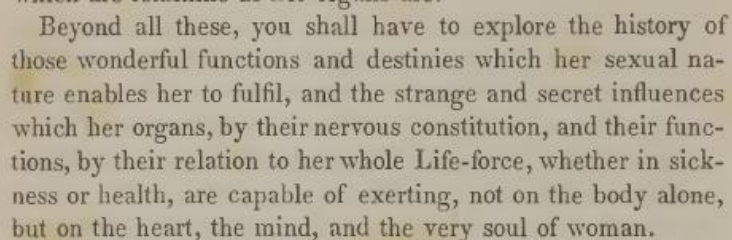
⁵⁹ Para mais informações sobre os polêmicos posicionamentos de Charles D. Meigs, sugiro a leitura do texto: “*Charles Delucena Meigs. A leader in American Obstetrics*” do American Journal of Obstetrics and Gynecology. Disponível em: [https://www.ajog.org/article/S0002-9378\(36\)90839-6/pdf](https://www.ajog.org/article/S0002-9378(36)90839-6/pdf) Acesso em: 14 nov. 2019.

Extrato 7 - Lectures on some of the distinctive characteristics of the female, 1847


may there learn that though she be a part of mankind, a truer Zygozoaire than those of M. de Blainville's classification, she yet differs from men in her stature, which is lower; in her weight, which is less; in her form, which is more gracile and beautiful; in her reproductive organs that are peculiar to her; and in her intellectual and moral perceptivity and powers; which are feminine as her organs are.

Fonte: MEIGS, 1847, p. 7.⁶⁰

Nesse enunciado, é possível observar a regularidade do discurso de que a mulher estava submetida aos desígnios da natureza incontestável do seu corpo e que suas ações, seu intelecto, assim como sua moralidade eram da ordem daquilo que a biologia do seu ser manifestava e permitia. Se de início sua propensão para as coisas lascivas e sua personalidade influenciável eram do domínio da sua aversão ao sagrado, no século XIX, será sua carne que definirá o verbo e não o contrário. A tirania do seu corpo, da carne das suas entranhas que fabricava outros seres humanos, juntamente com sua moral naturalmente incontinente, exigiam que a mulher e seu corpo fossem duplamente controlados, mantidos no limite entre a fatalidade ditada pela natureza e a utilidade ansiada pela ordem social, cultural e econômica, para que procriasse saudavelmente e se comportasse docilmente. Em outro trecho, Meigs (1847) evidenciava como ele compreendia a relação entre corpo-mulher, corpo-alma-moralidade dentro do discurso da racionalidade médica:

Extrato 8 - Lectures on some of the distinctive characteristics of the female, 1847


Beyond all these, you shall have to explore the history of those wonderful functions and destinies which her sexual nature enables her to fulfil, and the strange and secret influences which her organs, by their nervous constitution, and their functions, by their relation to her whole Life-force, whether in sickness or health, are capable of exerting, not on the body alone, but on the heart, the mind, and the very soul of woman.

Fonte: MEIGS, 1847, p. 7.⁶¹

⁶⁰ “[você] pode aprender que, embora ela faça parte da humanidade, [...], ela ainda difere dos homens em sua estatura, que é mais baixa; no peso dela, que é menor; em sua forma, que é mais graciosa e bonita; em seus órgãos reprodutivos que são peculiares a ela; e em sua perceptividade e poderes intelectuais e morais; que são femininos como seus órgãos” (MEIGS, 1847, p. 7 – tradução livre).

⁶¹ “Além de tudo isso, você deverá explorar a história dessas maravilhosas funções e destinos que sua natureza sexual lhe permite cumprir, e as estranhas e secretas influências, as quais seus órgãos, por sua constituição nervosa e suas funções, por sua relação com toda a sua força vital, seja na doença ou na saúde,

Nessa obra, enunciados como “fraqueza”, “natureza feminina”, “incapacidade”, “docilidade”, “obediência”, “ternura”, “destino” eram utilizados para descrever a mulher que, segundo Meigs (1847), “sua força intelectual é diferente daquela do seu senhor ou lorde. [...] Ela não discerne o curso dos planetas. Orion com seu cinturão e Arcturus com seus sóis não são mais do que lindos enfeites/bugigangas montados no céu” (*Ibidem*, p. 9 – tradução livre)⁶².

Smith-Rosenberg & Rosenberg (1973) constataram que a construção da representação da mulher no século XIX era contraditória. Ao mesmo tempo em que era compreendida como mais espiritual, mais próxima do Divino, ela era também considerada menos intelectual que o homem. Tida como um arcabouço moral, era também quem deveria ser controlada. Retratada por poetas e pintores como um ser angelical, era considerada como suspeita, diabólica, maquiavélica. Se sua voz simbolizava a doçura, a delicadeza, por ela poderiam ser proferidas impropérios ou palavras que enfeitiçariam o pobre, frágil, “sexo forte”.

No século XIX, se pressupunha que a morfologia corporal, muscular e óssea era repassada pelos progenitores enquanto as progenitoras eram responsáveis pela formação dos órgãos internos. Se os/as filhos/as herdavam dos pais a inteligência e a intelectualidade, da mãe herdariam as emoções e a piedade. No trecho abaixo, retirado da exposição feita por Alexander Harvey, antigo médico da *Aberdeen Royal Infirmary*, Reino Unido, feita em seis de junho de 1854 para a *Medical Society of Southampton*, representa bem esse discurso acerca da hereditariedade pelo viés da hierarquia sexual.

Extrato 9 - On the relative influence of the male and female parents in the reproduction of the animal species, 1854

Mr Orton's argument is, that in the reproduction of the animal species there is no casual blending of the parts and qualities of the two parents, but that each parent contributes to the formation of certain structures and to the development of certain qualities. And advancing a step further, he maintains that the male parent chiefly determines the external characters, the general appearance, in fact, the outward structures and locomotive powers of the offspring (*e.g.*, the brain, nerves, organs of sense, and skin, and likewise the bones and muscles more particularly of the limbs), while the female parent chiefly determines the internal structures and the general size and quality, mainly furnishing the vital organs (*e.g.*, the heart, lungs, glands, and digestive organs), and giving tone and character to the vital functions of growth, nutrition, and secretion.

Fonte: HARVEY, 1854, p. 3.⁶³

é capaz de exercer, não apenas no corpo, mas no coração, na mente e na própria alma da mulher” (MEIGS, 1847, p. 6 – tradução livre).

⁶² “[...] her intellectual force is different from that of her master and lord She discerns not the courses of the planets. Orion with his belt, and Arcturus with his suns are naught to her but pretty baubles set up in the sky” (MEIGS, 1847, p. 9).

⁶³ “O argumento de Orton é que, na reprodução das espécies animais, não há mistura casual das partes e qualidades dos dois progenitores, mas que cada um contribui para a formação de certas estruturas e para o

O papel da mulher na sociedade do século XIX, especificamente nos Estados Unidos, Inglaterra, França e Alemanha, era definido pelo propósito “natural” e “incontestável” da procriação. Mesmo os estudos que se debruçavam especificamente sobre o corpo das mulheres, cujas finalidades estariam na busca de explicações, curas ou remédios para suas doenças e dores, não estavam preocupados com o bem-estar das mulheres, mas com o bom funcionamento do seu sistema reprodutivo, com a manutenção da feminilidade e com a domínio do seu comportamento.

Gertrud Pfister (1990) ao analisar o discurso médico sobre a cultura física feminina na Alemanha no século XIX e início do século XX, constatou a regularidade de dois discursos: a primeira regularidade, emergia da teoria da força vital que pregava que os seres vivos tinham uma energia vital limitada não renovável, o que significava que o gasto energético das mulheres nas atividades físicas, exercícios e/ou esportes poderia influenciar na capacidade de procriação, haja vista que o corpo das mulheres teria como característica ser “anabólico”, ou seja, “construtor”, “sintetizador”, ao passo que o masculino era naturalmente “catabólico”, construído para “gastar” energia. Essa diferencial sexual, apoiada na “síntese” e no “gasto” de energia, foi amplamente difundida com a publicação em 1889 da obra *The evolution of sex* de autoria de Patrick Geddes & J. Arthur Thomson. Recorrendo às comparações entre os seres humanos e diferentes animais, insetos e até mesmo fungos, esses autores afirmavam – como é exposto no extrato abaixo –, que o óvulo era naturalmente passivo e o espermatozoide naturalmente ativo. Que as mulheres tinham tendências à estabilidade, enquanto os homens eram mais independentes, corajosos e isso lhes transformava nos grandes responsáveis pela variabilidade da população em seus aspectos genéticos, fenotípicos e mesmo morais.

desenvolvimento de certas qualidades. E avançando, ele sustenta que o pai determina principalmente que os caracteres externos, o geral, a aparência de fato, as estruturas externas e as condições locomotoras da prole (por exemplo, cérebro, nervos, órgãos dos sentidos e pele, e da mesma forma os ossos e os músculos, mais particularmente dos membros), enquanto a mãe determina principalmente as estruturas internas, o tamanho e as qualidades gerais, fornecendo principalmente os órgãos vitais (por exemplo, coração, pulmões, glândulas e órgãos digestivos), e dando tom e caráter às funções vitais do crescimento, nutrição e secreção” (HARVEY, 1854, p. 3 – tradução livre).

Extrato 10 - The evolution of sex, 1908 [1889]

are rarities. It is generally true that the males are more active, energetic, eager, passionate, and variable; the females more passive, conservative, sluggish, and stable. The males, or, to return to the terms of our thesis, the more katabolic organisms, often seem more variable, and therefore, as Brooks has emphasised, may have frequently been the leaders in evolutionary progress, while the more anabolic females tend rather to preserve the constancy and integrity of the species.

Fonte: GEDDES & THOMSON, 1908 [1889], p. 289.⁶⁴

É importante reforçar que o discurso que demandava o uso racional das energias vitais e não renováveis do corpo, não se aplicava a todas as classes sociais. As mulheres das classes média e baixa, que labutavam junto aos seus pares e como os homens, faziam parte de uma força produtiva essencial para a manutenção do sistema econômico e por isso, não eram amparadas pelas prescrições de descanso e lazer. Ao contrário, assim como ainda ocorre, enfrentavam duplas jornadas, nas fábricas e em casa.

Com relação à segunda regularidade discursiva, Pfister (1990) argumenta que existia o entendimento na sociedade do século XIX de que o útero, condutor da vida feminina, seria particularmente vulnerável, possivelmente por sua localização tanto anatômica como simbólica, uma vez que o ventre, sem a proteção do tórax e seus ossos poderia ser seriamente lesionado. Outra concepção, como constatou Martins (2004), era a que concebia o útero como um órgão particularmente instável e perturbável, de maneira que as excitações não só desequilibrariam, como causariam espasmos, dores ou mesmo outras doenças.

Num momento em que a sociedade europeia assistia e vivia o surgimento e a configuração uma biopolítica da higiene e da moral, na qual o controle dos instintos e dos vícios da carne se voltam para a mulher e a criança, será sobre o que devem fazer, como fazer e porque fazer que os manuais e os tratados médicos versarão. Sobre essa relação entre o corpo infante e o corpo das mulheres, em que as duas carnes “rogam” por verbos que as controlem e as tornem plenamente humanas, Foucault (2011a) assevera que a

⁶⁴ “É geralmente verdade que os machos são mais ativos, energéticos, ansiosos, apaixonados e variáveis; as fêmeas são mais passivas, conservadoras, lentas e estáveis. Os machos, ou, voltando aos termos de nossa tese, os organismos mais catabólicos geralmente parecem mais variáveis e, portanto, como Brooks enfatizou, podem ter sido frequentemente os líderes no progresso evolutivo, enquanto as fêmeas mais anabólicas tendem a preservar a constância e a integridade das espécies” (GEDDES & THOMSON, 1908 [1889], p. 289 – tradução livre).

construção do saber-poder sobre o corpo, a mulher, as crianças, o sexo, a masturbação se deu a partir de quatro grandes jogos estratégicos:

Histerização da mulher [...] a Mãe, com sua imagem em negativo que é a “mulher-nervosa”, constitui a forma mais visível dessa histerização.

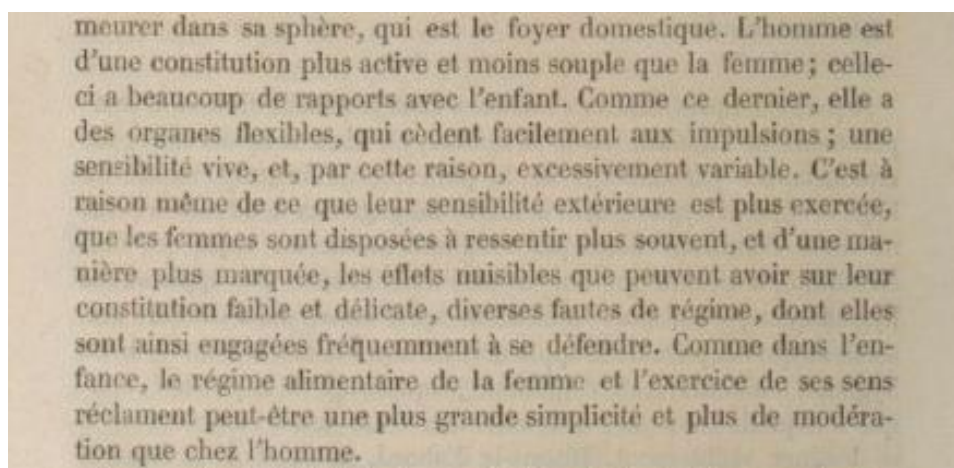
Pedagogização do sexo da criança [...] essa pedagogização se manifestou sobretudo na guerra contra o onanismo, que durou quase dois séculos no Ocidente.

Socialização das condutas de procriação: socialização econômica por intermédio de todas as incitações, ou freios, à fecundidade dos casais, através de medidas ‘sociais’ ou fiscais [...]

Enfim, **psiquiatrização do prazer perverso:** o instinto sexual foi isolado em instinto biológico e psíquico autônomo; atribuiu-se-lhe um papel de normalização e patologização de toda a conduta; enfim, procurou-se uma tecnologia corretiva para tais anomalias. (FOUCAULT, 2011a, p. 98-99 – grifos no original).

Tratadas como “criaturas” ou, quando jovens, como “a idade crítica”(RACIBORSKI, 1868), a concepção que se tinha era de que as mulheres, como as crianças, precisavam ser corretamente educadas, seus corpos débeis e frágeis deveriam receber estímulos proporcionais às suas condições. Enquanto alguns médicos se mostravam favoráveis à prática moderada de exercícios, outros insistiam que elas deveriam se manter dentro da sua esfera, que é a casa, como exposto a seguir.

Extrato 11 - Traité spécial d'hygiène des familles, 1858



Fonte: DEVAY, 1858, p. 108.⁶⁵

⁶⁵ “O homem tem uma constituição mais ativa e menos flexível que a mulher; esta tem muitas relações com a criança. Como esta última, ela possui órgãos flexíveis, que facilmente cedem aos impulsos; uma sensibilidade viva e, por esse motivo, excessivamente variável. É em razão da sua sensibilidade externalizada e mais exercida, que as mulheres estão propensas a sentir mais abertamente, e de uma maneira mais marcada, os efeitos nocivos sobre sua constituição fraca e delicada, vários erros alimentares, os quais elas frequentemente se engajam a defender. Como na infância, o regime alimentar da mulher e o exercício

Marcadas pela debilidade e a fragilidade “natural”, associadas ao útero, que por sua vez poderia ser afetado pela interrupção ou desregramento da menstruação, tudo parecia confirmar e exigir que as práticas corporais fossem vivenciadas com cautela. Entretanto, aconselhava-se que não fossem cuidados apenas os aspectos anatômicos e fisiológicos, afinal, a disciplina do corpo deveria engendrar em si mesma todo um conjunto de valores morais, higiênicos e comportamentais. Esse apelo à moral e ao regramento dos comportamentos, típico do movimento higienista e eugenista, pode ser observado nas recomendações de Adam Raciborski, médico e professor da *Faculté de Médecine de Paris*, no livro *Traité de la menstruation: ses rapport avec l'ovulation, la fécondation, l'hygiène de la puberté et de l'age critique, son role dans les diferentes maladies, ses troubles et leur traitement*, publicado em 1868, ao discorrer sobre a educação das adolescentes.

Extrato 12 - Traité de la menstruation, 1868

§ 1. De l'éducation physique à l'époque de la puberté.

Plusieurs conditions physiques se rattachent à l'existence d'une jeune fille au moment de la puberté, et chacune d'elles peut exercer quelque influence sur l'économie. Nous allons passer en revue les principales, telles que : le régime alimentaire, les exercices, l'air, les vêtements, etc.; l'application convenable de tous ces éléments constitue l'éducation physique, qui, avec l'éducation morale et intellectuelle, composent l'hygiène de l'époque de la puberté.

Fonte: RACIBORSKI, 1868, p. 284.⁶⁶

Cabe ressaltar que Raciborski não fazia objeção à prática de exercícios físicos pelas jovens, ao contrário, ele a recomendava, pois acreditava na sua importância para a conformação de hábitos de higiene e cuidados corporais, essenciais naquele momento de grande industrialização, aumento da densidade populacional nas grandes cidades europeias e da sedimentação do sentimento de nacionalidade. Não obstante, como em

de seus sentidos podem exigir maior simplicidade e moderação que dos homens” (DEVAY, 1858, p. 108 – tradução livre).

⁶⁶ “Várias condições físicas estão ligadas à existência de uma garota na época da puberdade, e cada uma delas pode exercer alguma influência na sua constituição. Vamos revisar os principais, como: a dieta, os exercícios, o ar, as roupas, etc.; a aplicação adequada de todos esses elementos constitui a educação física que, juntamente com a educação moral e intelectual, compõem a higiene do período da puberdade” (RACIBORSKI, 1868, p. 284 – tradução livre).

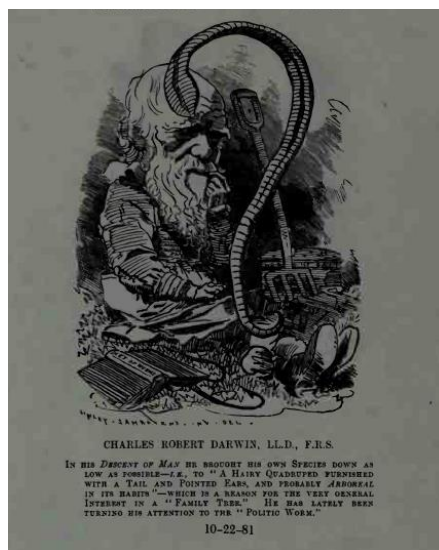
quase todas as obras analisadas até agora, a preocupação de Raciborski não era o bem-estar das adolescentes e mulheres, mas o pleno funcionamento do aparelho reprodutor, o controle das “doenças nervosas”, o incentivo na formação de hábitos de higiene, o domínio dos instintos e a moderação das condutas morais. Elementos que, no século XIX, faziam parte de um conjunto de princípios que, se aplicados corretamente, poderiam supostamente conferir um tipo de superioridade entre os povos e as nações. Conhecido por “darwinismo social”, seus princípios se fundamentaram a partir de domínios diversos como a biologia, psicologia, medicina, filosofia, estatística, antropologia, geografia, que garantiam que, como os seres vivos na teoria evolutiva, as sociedades mais “desenvolvidas” e “civilizadas” refletiam o grau de evolução e progresso do seu povo.

Por questões de foco epistêmico e metodológico, o darwinismo social não será analisado em sua profundidade, as problematizações, quando necessárias, serão feitas através e concomitantemente com as análises de duas das principais obras de Charles Darwin, *The origins of species* (1859) e *The descent of man* (1871), traduzidas para o português respectivamente como *A origem das espécies* e *A origem do homem e a seleção sexual*.

O inglês Charles Darwin é considerado um dos maiores cientistas do século XIX, suas produções científicas influenciaram na forma como a sociedade e os seres humanos são compreendidos. No que diz respeito à sociedade e aos arranjos sociais, a teoria possibilitava pensar o progresso e o sucesso econômico como produtos de um processo de evolução, na qual o mais forte e apto dominava o mais fraco e inapto. Por ela, foi plausível pensar que as sociedades mais desenvolvidas economicamente eram aquelas que contavam com indivíduos “mais evoluídos”.

No que concernia ao indivíduo, a teoria de Darwin ajudou que ele fosse retirado da centralidade da criação e devolvido à natureza, realocado na mesma taxonomia dos outros seres vivos (MARTINS, 2004; ROHDEN, 2001). A derrubada do homem do pedestal sagrado da criação, favoreceu inúmeras resistências e as críticas à teoria darwinista não foram poucas. Numa delas, exposta na ilustração abaixo, publicada em 1881, retrata um Charles Darwin confrontado e alinhado com a classe política, como se ambos fossem a escória da sociedade vitoriana.

Figura 6 – Sátira a Charles Darwin na obra: *Great drawings and illustrations from Punch 1841-1901*, 1881



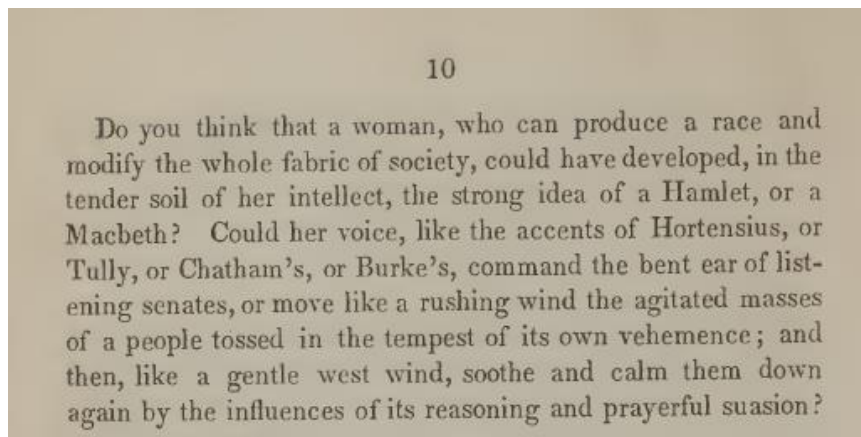
Fonte: APPELBAUM & STANLEY, 1981, p. 118.

“Em sua *Descent of man*, ele levou sua própria espécie o mais baixo possível - isto é, "um quadrúpede peludo, castigado com cauda e orelhas pontudas, e provavelmente anormal em seus hábitos" -, o que é uma razão do interesse geral em uma 'árvore genealógica', ele tem voltado sua atenção para o 'verme político'" (APPELBAUM & STANLEY, 1981, p. 118 – grifos no original, tradução livre).

Apesar das resistências, quando Darwin apresentou suas teorias, elas não eram necessariamente uma novidade, pois como discorrem Martins (2004) e Rohden (2001), já existiam outros movimentos de grande efervescência intelectual na Europa oitocentista que discutiam teorias de teor similar ao cientista britânico. Ao dar particular atenção às diferenças entre os sexos, sustentando seus argumentos a partir de análises comparativas entre os atributos anatômicos, fisiológicos, comportamentais, dietéticos e estéticos de diferentes animais e entre diferentes culturas humanas, Darwin, na verdade, reproduziu outros discursos que, no tocante à situação social das mulheres, determinavam a inferioridade destas na sociedade do século XIX⁶⁷.

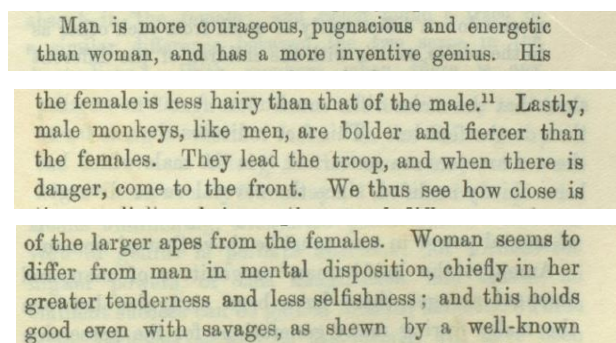
No trecho abaixo, é possível observar várias similaridades entre os discursos de Meigs (1847, obra já mencionada neste capítulo) e Darwin (1871):

⁶⁷ A *University of Cambridge* tem um projeto muito interessante chamado “Darwin Correspondence Project”, o qual analisa mais de 9.000 cartas trocadas entre Charles Darwin, amigos, críticos, familiares e mulheres sufragistas. Segundo consta na página do projeto, Darwin reproduzia os discursos sobre a situação social das mulheres e reforçava sua teoria de diferenciação em situações públicas (conferências, livros e ensaios), mas no espaço privado das trocas de correspondências ele tinha posições mais liberais, inclusive incentivando as mulheres em suas lutas. Disponível em: <http://www.darwinproject.ac.uk/> Acesso em: 27 nov. 2019.

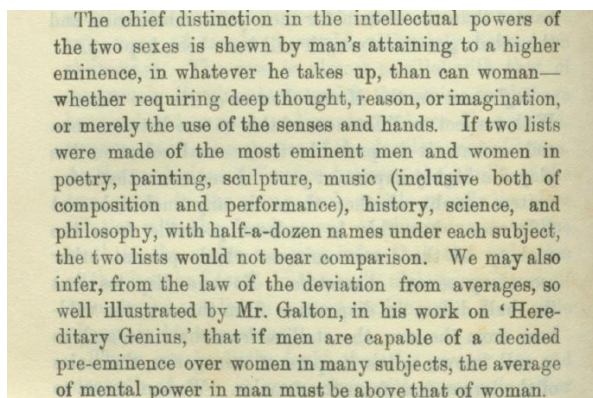
Extrato 13 - Lectures on some of the distinctive characteristics of females, 1847

Fonte: MEIGS, 1847, p. 10.⁶⁸

Na segunda parte do *The descent of man*, em seu capítulo XIX, intitulado *Secondary Sexual Characters of Man*, Darwin não pergunta, como havia feito Meigs. Ele sugere e afirma a existência das diferenças entre homens e mulheres, insistindo que essas diferenças refletiriam o grau de evolução natural e superior dos homens em relação às mulheres. Colocações que, certamente, responderam aos anseios dos arranjos sociais tradicionais que conclamavam o progresso econômico e social sem que as estruturas do ordenamento de gênero fossem revistas e desestabilizadas. Sobre isso, vejamos algumas das afirmações de Darwin:

Extrato 14 - Enunciados da obra *The descent of man*, 1901 [1871]

⁶⁸ “Você acha que uma mulher, que pode produzir uma raça e modificar todo o tecido da sociedade, poderia ter desenvolvido, no solo terno de seu intelecto, a forte ideia de um Hamlet ou um Macbeth? Poderia sua voz, com o tom/efusão de Hortensius, Tully, Chatham ou Burke, comandar os ouvidos atentos dos senadores ouvintes, ou mover como um vento forte as massas inquietas de um povo agitado na tempestade de sua própria veemência; e então, como um suave vento oeste, atizar e acalmar novamente pela influência de seu raciocínio e persuasão da sua oratória?” (MEIGS, 1847, p. 10 – tradução livre).



Fonte: DARWIN, 1901 [1871], p. 847, 855, 857, 857.^{69 70 71 72}

De acordo com Rohden (2001), a teoria de Darwin surtiu, na sociedade do século XIX, efeitos paradoxais. Ao mesmo tempo que criou o medo acerca de uma possível degeneração das raças, causou também uma efervescência intelectual. Boa parte do meio científico que, ainda se mantinha cético em relação às influências do meio ambiente no processo de evolução, passaram a considerar suas posições, se apoiando nas afirmações de Darwin. Mudanças de paradigmas que poderiam, conseqüentemente, ajudar no questionamento da imutabilidade das diferenças entre homens e mulheres, todavia, o que ocorreu foi justamente o contrário. Eles passaram a crer que as especificidades das mulheres, importantes para a procriação, deveriam ser administradas a partir do controle dos seus corpos e comportamentos, em concomitância com a regulação do meio ambiente (ROHDEN, 2001).

Ainda que Darwin não tenha formulado a teoria da evolução pensando especificamente nas sociedades humanas, ela foi utilizada por cientistas, políticos, educadores, como Herbert Spencer, Francis Galton, Cesare Lombroso e, também, por

⁶⁹ “O homem é mais corajoso, belicoso e enérgico e possui um gênio mais inventivo” (DARWIN, 1901, [1847], p. 847 – tradução livre).

⁷⁰ “Finalmente, os machos dos símios, como os homens, são mais audazes e ferozes do que as mulheres. Chefiar o grupo e quando existe perigo se colocam nos lugares de vanguarda” (DARWIN, 1901 [1871] – tradução livre).

⁷¹ “A mulher parece se diferir do homem na disposição mental, principalmente por sua maior sensibilidade e menor egoísmo; e isso se verifica entre os selvagens [...]” (DARWIN, 1901 [1871], p. 857 – tradução livre).

⁷² “A principal distinção nos poderes intelectuais dos dois sexos é que o homem conquista antes da mulher uma alta superioridade em tudo o que se ocupa, seja naquilo que requeira um pensamento profundo, razão, imaginação ou meramente o uso dos sentidos e das mãos. Se duas listas fossem feitas dos mais eminentes homens e mulheres na poesia, pintura, escultura, música (tanto na composição como na performance), história, ciência e filosofia, com meia dúzia de nomes para cada disciplina, as duas listas não suportariam comparações. Nós também podemos inferir, a partir da lei do desvio médio, tão bem ilustrada pelo Sr. Galton em sua obra sobre a ‘Hereditary Genius’ que, se os homens são superiores às mulheres em vários assuntos, a média mental do homem está além daquela da mulher” (DARWIN, 1901 [1871], p. 857 – tradução livre).

outros personagens como Adolf Hitler. Hitler se baseou nas teorias evolucionistas, racistas, higienistas, eugenistas e nacionalistas para dar seguimento ao seu plano de extermínio e a constituição de uma raça ariana pura, utilizando os Jogos Olímpicos de Berlim em 1936 como vitrine da sua ideologia.

Martins (2004) argumenta que a concepção de que o processo evolutivo estava condicionado ao domínio e superação do apto frente ao inapto, do forte frente ao fraco, que as diferenças raciais e sexuais eram resultado das lutas entre os seres vivos, acabou por possibilitar a emergência de discursos científicos que contribuíram para a manutenção das mulheres numa suposta hierarquia evolutiva.

Alocadas numa posição inferior aos homens, nada poderia ser mais justo que aceitassem a “prata”, o eterno e natural “segundo lugar” reservado ao “segundo sexo”. . Em função desse ideal regulatório, investidas e ameaças à “cidadela masculina” (TERRET, 2005), ao “bastião da virilidade” (ELIAS & DUNNING, 1992), representado pelas práticas corporais que se esportivizavam, foram de início recebidas com a interdição – “não as mulheres não podem, não conseguem e não devem participar” -, enunciavam os discursos. Depois, forçados os portões da cidadela, adaptações e mudanças tomaram o curso, garantindo que os sexos fossem separados, não apenas por divisões, mas por um processo de segregação que previa, dentre outras coisas, que as mulheres fossem controladas e reguladas e que suas feminilidades não se aproximassem das masculinidades.

1.3.2 Resistências femininas no campo científico: tensões e redefinições dos vetores do saber-poder

Londa Schiebinger (1993), ao analisar as mulheres na ciência, constatou que a ciência que dominaria a sociedade ocidental até a Renascença, foi construída por “mentes celibatárias” (*Ibidem*, p.13) em monastérios e outras instituições religiosas estritamente masculinas. Essa tradição fez com que grandes centros científicos, como foi o caso da *Oxford University*, só comesçassem a admitir professores casados no final do século XIX. Da vida familiar até a convivência com o sexo feminino, tudo poderia ser uma ameaça à intelectualidade dos cientistas no século XVIII e XIX. “Francis Bacon, por exemplo, considerava a esposa e filhos impedimentos para os grandes empreendimentos” (*Ibidem*, p. 13 – tradução livre).

Rohden (2001) acrescenta que a ciência biomédica desenvolvida até o final do século XVIII não tinha muito interesse na determinação dos papéis sociais através das

diferenças anatômicas entre homens e mulheres. Porém, para atender às urgências que emergiam no cenário europeu do século XIX, as ciências caminharam para a criação de um “imperialismo dos fatos” (ROHDEN, 2001, p. 34) e, conseqüentemente, se voltaram para a redefinição das representações, dos papéis sociais e funções das mulheres na ordem social. A diferença da sua carne, imperfeita em relação ao grau de perfeição que representava a carne dos homens (LAQUEUR, 2001), é problematizada e toma centralidade no dispositivo do sexo/sexualidade que se configurou no século XIX (FOUCAULT, 2011a).

Antes de dar continuidade é necessário fazer a retomada de um conceito importante neste trabalho. Diante do cenário turbulento e repleto de enunciados, de “descobertas” e “criações”, de emergência de regimes de verdade, de saberes e poderes, que ainda hoje determinam nossa forma de perceber e compreender as coisas, é preciso reforçar o significado e a operabilidade do conceito de dispositivo. Isso pode prevenir os riscos de pensarmos o conceito como algo estável, concreto e permanente, como se operasse como uma máquina especializada e muito precisa em sua função de manter e garantir determinadas práticas discursivas.

Gilles Deleuze (1996) ajuda na interpretação do dispositivo foucaultiano ao dizer que ele seria como um conjunto de linhas, uma trama composta por fios de natureza distinta, cuja direção traça caminhos muito variáveis, ora se entrecruzando, ora se distanciando, ora correndo em paralelo, ora se conectando. O dispositivo, segundo ele, seria decididamente um tecido em constante desequilíbrio, ao mesmo tempo em que suas linhas ditam direções, elas também podem causar tensões. Por isso, acresce Deleuze (1996), Foucault buscava nas crises, nas tensões que o tecido sofria, novas dimensões, novas linhas e novas positivities do dispositivo. Foucault (1979) sustentava que o dispositivo é ferramenta e resultado das relações de poder e resistências que compõem a trama do ordenamento social. Isso significa dizer que os regimes de verdades apresentados até o momento eram apenas uma parte da trama. Os “ditos” das ciências biomédicas não eram os únicos, não eram estáveis e não operaram continuamente, ao contrário, eles faziam parte de uma das linhas que eram tensionadas tanto internamente como externamente. Cientistas questionavam as suas ciências, assim como elas e eles eram questionados por movimentos sociais como os que as mulheres empreenderam a partir da metade do século XIX.

Se as relações de poder são resultado das disputas, conflitos, questionamentos e inquirições é porque existe liberdade nas estratégias que ditam as configurações do

arranjo do poder e dos regimes de verdade. Assim, como criticava a ideia de um homem universal e original, a noção de liberdade como um atributo humano que era indiferente às lutas sociais, econômicas, culturais, Foucault (1994a) acreditava que nas relações de poder sem liberdade ou em condições de reversão muito restritas, o que se via era a representação de um “estado de dominação”, que para ele seria:

Quando um indivíduo ou um grupo social chega a bloquear um campo de relações de poder, a torná-las imóveis e fixas e a impedir toda a reversibilidade do movimento – por instrumentos que podem ser tanto econômicos quanto políticos ou militares –, estamos diante do que a gente pode chamar de um estado de dominação. É certo que, nesse estado, as práticas de liberdade não existem ou não existem mais do que unilateralmente ou são extremamente restritas e limitadas. (FOUCAULT, 1994a, p. 711 - tradução livre).⁷³

O campo da ciência, nos séculos XVIII e XIX, no que se referia às mulheres, parece representar um tipo de “estado de dominação”, dado que foi pouco permeável à presença e às produções femininas. A questão que coloco é: como as mulheres poderiam construir resistências, regimes de verdades sobre elas mesmas, sobre a anatomia, fisiologia e a biomecânica dos seus corpos, se não podiam ser protagonistas dentro das ciências que construíam e difundiam as “verdades” na sociedade ocidental nos séculos XVIII e XIX? Alguns exemplos dessas interdições foram constatados por Schiebinger (1993) ao estudar a dinâmica de interdição das mulheres nas grandes academias de ciências europeias fundadas no século XVII. Em 1660 é fundada a *Royal Society of London* (a mais velha academia europeia de ciência), depois a *Académie des Sciences* em Paris em 1666, a *Akademie des Wissenschaften* em Berlim em 1700. Nessas velhas instituições patriarcais, foi somente em 1979 que a *Académie des Sciences* admitiu a primeira professora e cientista no seu quadro docente, a física e matemática Yvonne Choquet-Bruhat (Ibidem, p. 11), trezentos e treze anos após sua fundação.

Do mesmo modo das academias de ciências, o campo da medicina, apesar da história antiga da mulher nas práticas de cura e cuidado, se mostrou fechado à participação feminina até os fins do século XIX. Foucault (2011a) dizia que até o século XVIII a ciência havia dado mais atenção ao sexo masculino, depois, no século XIX foi sobre o

⁷³ “Lorsqu’un individu ou un groupe social arrivent à bloquer un champ de relations de pouvoir, à les rendre immobiles et fixes et à empêcher toute réversibilité du mouvement – par des instruments qui peuvent être aussi bien économiques que politiques ou militaires –, on est devant ce qu’on peut appeler un état de domination. Il est certain que, dans un tel état, les pratiques de liberté n’existent pas ou n’existent qu’unilatéralement ou sont extrêmement bornées et limitées” (FOUCAULT, 1994a, p. 711).

corpo e o sexo feminino que a ciência suportou com afincos sua atenção. E isso, certamente, fazia parte de um projeto que visava justificar e dar continuidade à exclusão das mulheres de certas esferas de poder (política, educação) e garantir seu papel social dentro do modelo vitoriano de sociedade. Como a medicina havia se tornado um domínio de grande confiança, as verdades enunciadas pelos médicos poderiam descrever e determinar a “verdade sobre o sexo”, justificando a partir de “evidências científicas” (anatômicas, fisiológicas, citológicas, neurológicas, hormonais, etc.) que as desigualdades seriam reflexos de “inquestionáveis” diferenças naturais entre os sexos. Desse modo, quando as mulheres sufragistas buscaram conquistar um espaço enunciativo na medicina, elas o fizeram porque:

Como a ciência, especialmente a medicina, servia como discurso legitimador da sexualidade, as sufragistas consideravam a admissão de mulheres na profissão médica como um componente necessário e integral de sua campanha. As médicas trariam um grau de confiança e segurança às pacientes que não eram possíveis com atendentes do sexo masculino e elas ajudariam a eliminar os abusos sofridos pelas mãos de médicos e cirurgiões. Porém, ainda mais importante era que através da compreensão de biologia e fisiologia, as médicas desempenhariam um papel de liderança na reconstrução de noções de feminilidade e masculinidade. As médicas se tornaram para o movimento das mulheres uma fonte de legitimidade científica, pois buscavam uma redefinição de identidade sexual para as mulheres que justificasse sua inclusão política. (KENT, 1990, p. 119 – tradução livre).⁷⁴

Diante desse trecho, é possível notar que as primeiras médicas não buscavam construir críticas à natureza, à essencialidade das diferenças, mas sim, sobre como as diferenças eram utilizadas para negar o acesso das mulheres à política e principalmente à educação. Ainda concebidas como inferiores intelectualmente, o discurso era que elas conservassem a força vital, não insistindo em áreas que pudessem exigir grande gasto de energia para seus corpos e sua razão inferior à dos homens, fosse em práticas corporais ou nos estudos aprofundados dentro das ciências.

Buscando reconstruir os discursos sobre a feminilidade e se mantendo protegidas das pressões morais, as primeiras médicas, “institucionalizadas”⁷⁵, atuaram nas áreas da

⁷⁴ “Because science, and especially medicine, served as the legitimizing discourse on sexuality, suffragists regarded the admission of women to the medical profession as a necessary and integral component of their campaign. Female physicians would bring a degree of comfort and security to their patients not available to them with male attendants and would help to eliminate the abuses they suffered at the hands of male doctors and surgeons. But more important, through their understanding of biology and physiology, female physicians would play a leading role in the reconstruction of notions of femininity and masculinity. Female doctors became for the women’s movement a source of scientific legitimacy as they sought a redefinition of sexual identity for women that would justify their political inclusion.” (KENT, 1990, p. 119)

⁷⁵ “Institucionalizadas” quer dizer das médicas que foram formadas dentro de instituições formais de ensino.

obstetrícia, pediatria e ginecologia (KENT, 1990, ROHDEN, 2001). Uma dessas pessoas, apesar de interdições que ainda hoje são operantes, alcançou grande prestígio como médica/o cirurgiã/ão⁷⁶, militar e inspetor/a geral dos hospitais da armada britânica entre 1813 e 1859, essa pessoa se chamava James Barry (HURWITZ & RICHARDSON, 1989; JEFFERSON, BLOOR & MAYNARD, 2015).

Segundo Hurwitz & Richardson (1989) e Jefferson, Bloor & Maynard (2015), James Barry, cuja expressão do gênero e vivência nos faria tê-lo/a como uma pessoa transexual, se graduou em medicina em 1812 pela *University of Edinburgh*, Escócia. Barry foi um/a excelente profissional, sendo respeitada/o dentro de dois espaços que eram interditados às mulheres, a medicina e o serviço militar. Através de uma dedicação fora do comum – não era casada/o, não tinha filhos/as e mantinha quase nenhuma relação com outros familiares, tinha tido um papel de destaque na Batalha de Waterloo em 1815 –, James Barry foi promovida/o ao mais alto posto para um profissional de medicina no exército inglês, ocupando o cargo de inspetor/a geral dos hospitais militares.

Apesar do respeito conquistado e da patente que ostentava, Barry foi alvo de comentários e suspeitas, pois seu “corpo franzino”, sua voz aguda, sua abstinência sexual, mas também a característica humanitária das intervenções sanitárias e médicas que propunha, parecia não condizer com aquilo que os militares esperavam para as expressões de masculinidade tradicionais. Quando Barry adoeceu, em 1859, e sofreu com complicações causadas por uma disenteria, foi sumariamente aposentada/o, ainda que tivesse feito pedidos para retomar seu posto. No verão de 1865, Barry morre sozinho/a em uma casa simples na capital inglesa. Durante a limpeza do cadáver, uma das assistentes, que não teria recebido o pagamento para seu serviço, vendeu o laudo do legista à imprensa que, por sua vez, divulgou que James Barry seria uma mulher, causando grande comoção na sociedade e na cúpula militar inglesa do final do século XIX (HURWITZ & RICHARDSON, 1989; JEFFERSON, BLOOR & MAYNARD, 2015). Sua história, num momento de grande efervescência intelectual e críticas aos modelos morais e culturais, cujas barreiras limitavam a participação das mulheres na educação, na política e no trabalho, serviu com um exemplo da capacidade e inteligência feminina.

⁷⁶ Considerando que era comum que mulheres, na tentativa de acessar espaços que eram reservados aos homens, se vestissem e se expressassem conforme o gênero masculino, e como não consegui registros sobre a identidade de gênero de James Barry, preferi utilizar os dois gêneros gramaticais para me referir a ele/ela.

Figura 7 - Dr/a. James Harry [s.d.]



James Barry as a young man, from a portrait miniature on ivory

Fonte: HURWITZ & RICHARDSON, 1989, p. 299.

No mesmo ano que James Barry foi aposentado/a compulsoriamente, em 1859, Elizabeth Blackwell, que havia se graduado em medicina nos Estados Unidos dez anos antes, em 1849, conseguiu ser, enfim, reconhecida profissionalmente no Reino Unido, onde as mulheres começavam a ganhar espaço na medicina, mas eram proibidas de exercer a prática cirúrgica.

A partir da metade do século XIX, várias mulheres que haviam conquistado espaços de enunciação na medicina e em outras áreas como a educação, começaram a publicar livros, ensaios e tratados, através de perspectivas que não haviam sido colocadas e que se tornariam cruciais para o avanço das mulheres em vários contextos sociais, dentre eles, nas práticas corporais e nos esportes. O corpo que outrora tinha sido débil, frágil, instável, passou a ser considerado de uma maneira distinta, afinal, o verbo que tinha ajudado a criar a carne feminina, não seria mais enunciado por sujeitos que almejavam o posto de protetores da ordem social⁷⁷. A formação de mulheres no campo da medicina ia ao encontro das feministas que vinham denunciando a utilização do saber médico pelos homens para violentar e submeter ainda mais as mulheres.

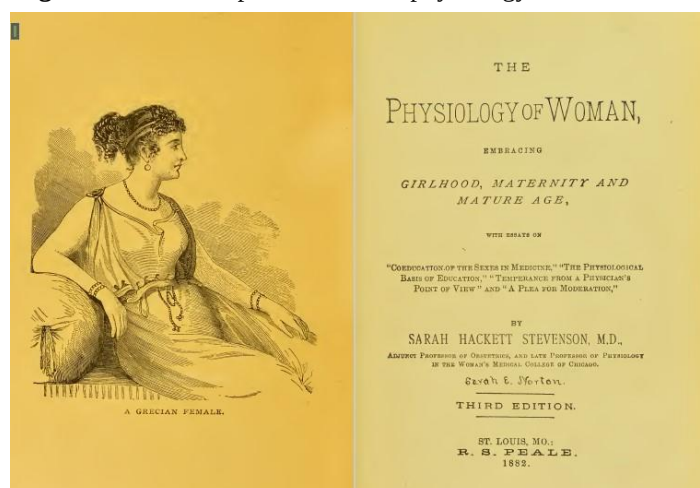
Elas alegavam que a profissão médica havia criado uma ideologia misteriosa que, longe de promover a saúde, permitia que os ‘guardiões da honra’ violassem as mulheres em nome da ciência e da experiência

⁷⁷ Enquanto algumas mulheres conquistavam o direito de estudar e exercer a medicina, várias proibições e empecilhos começaram a aparecer no Reino Unido, por volta de 1858. “The Medical Registration Act, introduced in 1858, did not exclude women explicitly, but the Royal Colleges, universities and medical institutions did so by either prohibiting women from studying medicine or from the academic examinations that would allow them to practise” (JEFFERSON, BLOOR & MAYNARD, 2015, p. 6)

médica. ‘Os verdadeiros guardiões de seus próprios interesses’, de fato, ofendiam as mulheres por suas práticas; eles realizavam procedimentos que demonstravam motivações e intenções brutais, agressivas e sexuais, em vez de altruístas. (KENT, 1990, p. 120 – tradução livre).⁷⁸

Sarah Ann Hackett Stevenson foi uma dessas mulheres que enfrentou as barreiras culturais, acadêmicas e profissionais, e que também conquistou o direito de exercer a medicina. Nascida em 1841 no estado de Illinois, EUA, Stevenson se graduou em medicina em 1863 e em 1876 se tornou a primeira mulher membro da AMA – *American Medical Association*⁷⁹. Entre suas principais obras estão: *Boys and girls in biology* (1875)⁸⁰, *The physiology of woman* (1882) – cuja capa é retratada abaixo –, *Wife and mother: or, informations for every woman* (1888).

Figura 8 - Contra capa da obra: *The physiology of woman*, 1882



Fonte: STEVENSON, 1882.

Diferentemente dos médicos que já foram apresentados, Sarah A. Hackett Stevenson advogava em favor da emancipação feminina e do tratamento igualitário entre os sexos, não concordava com o discurso de fragilidade do corpo das mulheres e não coadunava com o entendimento de que a missão natural da mulher deveria ser,

⁷⁸ “They charged that the medical profession had created a mystifying ideology that, far from promoting health, allowed the ‘custodians of their honour’ to violate women in the name of science and medical expertise. ‘The true guardians of their insterests’, in fact, offended women by their practices; they carried out procedures that demonstrated brutal, aggressive, and sexual rather than altruistic motivations and intentions.” (KENT, 1990, p. 120)

⁷⁹ Informações disponíveis em: <https://pt.findagrave.com/memorial/70712673/sarah-ann-stevenson> Acesso em: 26 nov. 2019.

⁸⁰ Essa obra é uma enciclopédia de biologia com as descrições e caracterizações dos cinco reinos dos seres vivos, sendo escrita num vocabulário mais acessível à meninos e meninas. Disponível em: <https://archive.org/details/boysgirlsiniolo00stev/page/n6> Acesso em: 26 nov. 2019.

exclusivamente, a de cuidar do lar e da prole. Já no prefácio da obra *The physiology of woman* (1882), Stevenson tecia várias críticas à concepção popular que a “ignorância” seria fundamental para manter a “inocência” das mulheres, quanto menos aprendessem, soubessem, experimentassem, maior seriam suas chances no cortejo. Em oposição, Stevenson (1882) declarava que a ignorância é que era a causa do sofrimento das mulheres. Para ela, os outros livros de medicina que haviam sido escritos por homens, diferentemente dos dela, causavam o sofrimento nas mulheres porque insistiam em dívidas da natureza feminina, como se elas fossem débeis, frágeis e inválidas.

Extrato 15 - *The physiology of woman*, 1882

As regards the many books upon similar subjects, there are none, to my knowledge, of any authority which do not teach that nature intended women to be invalids; hence the need of another book. This is not in any sense a medical book. Medicine is not,

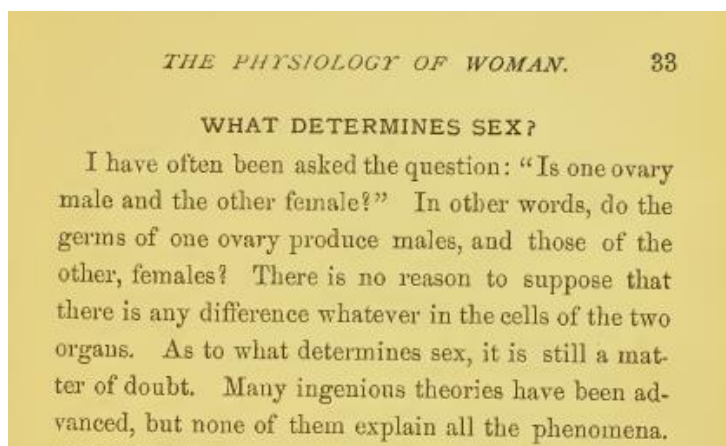
Fonte: STEVENSON, 1882, p. 17.⁸¹

A última oração do extrato acima retrata a dimensão das críticas que Stevenson (1882) fazia a alguns médicos da sua época que, segundo ela, utilizavam conhecimentos não científicos, baseados em concepções e conhecimentos populares, para tratar toda uma sorte de doenças ao mesmo tempo em que reproduziam valores e julgamentos equivocados sobre as mulheres. Enquanto alguns médicos restringiam a prática de atividades físicas para jovens e mulheres no período menstrual, Stevenson (1882), que não via a menstruação como um problema, argumentava a favor e ainda acrescentava que além dos exercícios na escola e fora dela, as mulheres precisavam de uma boa educação para como lidar com as mudanças sazonais de seus corpos. Inclusive, reforçava ela, outras observações mais apuradas e de caráter mais científico mostravam que no período que antecedia a menstruação as mulheres se tornavam ainda mais fortes.

Em outra passagem, ao descrever a anatomia e o funcionamento dos ovários, Stevenson (1882) criticava a crença dentro da medicina de que sexo da prole seria determinado pelos ovários: se o feto fosse gerado no ovário esquerdo seria uma fêmea, se gerado no direito, um macho.

⁸¹ “No que diz respeito aos muitos livros sobre assuntos semelhantes, não há, a meu conhecimento, nenhuma autoridade que não ensine que a natureza pretendia às mulheres é o de serem inválidas; daí a necessidade de outro livro. Este não é, de forma alguma, um livro de medicina” (STEVENSON, 1882, p. 17 – tradução livre).

Extrato 16 - The physiology of woman, 1882



Fonte: STEVENSON, 1882, p. 33.⁸²

Como foi mostrado anteriormente, a histeria era um mal que, segundo o regime de verdade médico do século XIX, acometia o "sexo fraco". Uma sina da natureza instável e sazonal, da moralidade supostamente vulnerável, de tal ponto que o sexo feminino ficaria marcado como naturalmente histérico. Stevenson (1882) argumentava que a histeria não era uma doença feminina, pois inúmeros homens já tinham sido acometidos por problemas similares, mas que, embora pudessem ter sido diagnosticados como "histéricos", os médicos preferiam diagnosticá-los como portadores de "doenças nervosas". Para além, segundo ela, outras doenças tendiam acometer violentamente os homens e nem por isso eram enunciadas como doenças típicas do sexo masculino, dentre elas citava: o tétano, a hipocondria, a enxaqueca e a epilepsia.

Stevenson (1882) criticava também que o saber médico tinha o costume de relacionar e nomear as doenças das pacientes com possíveis alterações em seus úteros e ovários, como se tudo na mulher girasse em torno desses órgãos.

⁸² "O QUE DETERMINA O SEXO?"

Eu tenho sido questionada: 'Um ovário é macho e o outro fêmea?' Em outras palavras, as sementes de um ovário produzem machos, e as sementes do outro, fêmeas? Não existe razão para supor que exista qualquer diferença entre as células dos dois órgãos. Quanto ao que determina o sexo, isso ainda é uma questão de dúvida. Muitas teorias engenhosas já avançaram, mas nenhuma delas explica todo o fenômeno" (STEVENSON, 1882, p. 33 – tradução livre).

Extrato 17 - The physiology of woman, 1882

When these diseases attack men they are called by their proper names and treated as diseases, and not as reflex actions of the sexual organs; whereas, the same affections in women are referred immediately to the uterus and ovaries.

Fonte: STEVENSON, 1882, p. 52-53.⁸³

Declaradamente feminista e alinhada às demandas sufragistas, Stevenson tecia críticas a vários campos do conhecimento no seu livro *The physiology of woman* (1882) e ela dizia que esperava inúmeras censuras, o que possivelmente pode ter ocorrido. A leitura diacrônica dessa obra, nos revela que Stevenson além de extremamente culta era muito sensata nas suas análises, sobretudo para os casos nos quais a medicina da época recorria a entendimentos metafísicos ou valores tradicionais para explicar, descrever ou determinar aspectos da vida das pacientes.

Alguns outros dos discursos que circulavam no século XIX versavam sobre uma suposta incapacidade feminina de suportar os gastos energéticos demandados pelo processo educativo, pelo trabalho externo e pelas atividades físicas. Esses discursos se apoiavam na teoria da força vital e no domínio que o sistema nervoso teria sobre as faculdades corporais e mentais das mulheres. Como resultado sustentavam o entendimento de que as mulheres não teriam energia suficiente para gerar uma criança e ao mesmo tempo estudar, trabalhar, praticar exercícios físicos ou participar de esportes com grande exigência física. Esse “medo” de que poderiam perder “as forças”, era visto por Stevenson (1882) como uma falácia, pois não levava em consideração que a maioria das mulheres viviam pesadas jornadas no trabalho no contexto doméstico e/ou fora dele.

Enquanto certos discursos, contrários à educação das mulheres, sustentavam que a busca pelo aprimoramento intelectual seria um fardo que elas não poderiam carregar, Stevenson rebatia: “No entanto, lavar é um trabalho perfeitamente legítimo para as mulheres. Todos os trabalhos contra a educação da mulher não dizem nada contra a lavagem” (STEVENSON, 1882, p. 77 – tradução livre)⁸⁴. Para ela, eram as assimetrias de poder entre homens e mulheres, somadas às constrictões comportamentais que exigiam

⁸³ “Quando essas doenças atacam homens eles as chamavam por seus nomes próprios e as tratavam como doenças, e não como ações reflexas dos órgãos sexuais; enquanto que as mesmas afecções nas mulheres atribuídas imediatamente ao útero e aos ovários” (STEVENSON, 1882, p. 52-53).

⁸⁴ “Yet washing is perfectly legitimate work for women. All the works against woman’s education say nothing against washing.” (STEVENSON, 1882, p. 77)

das mulheres uma enorme quantidade de energia, e isso as adoeciam. Num de seus enunciados Stevenson (1882, p. 68) confirmava a potência das suas críticas dizendo: *“Looks, not books, are the murderers of American women”*.⁸⁵

Na medida que o regime de verdade biomédico era construído no século XIX e que seus agentes “descobriam” e “nomeavam” as diferenças entre os sexos, atestando porque elas existiam e para que serviam, capacidades físicas como a força foi considerada masculina e a resistência como um atributo feminino. Stevenson (1882) replicava que não havia provas científicas que comprovavam tais assertivas e ainda questionava: Se a força era resultado da contração muscular, de onde viria a resistência das mulheres? Viria do seu sistema nervoso? Stevenson (1882), respondia que não, pois se as “autoridades” afirmavam que os nervos das mulheres seriam patologicamente irritadiços, eles não poderiam ser, ao mesmo tempo, resistentes. Isso seria um paradoxo, embora ela acreditasse que as mulheres eram de fato mais resistentes que os homens, pois além de sobreviverem às constrictões sociais, viviam mais do que os homens que seriam o “sexo forte”.

Extrato 18 - The physiology of woman, 1882

duration consist? Even the most plausibly constructed tables show that on the whole, the viability, or power to live, is greater in the female than in the male. Not all the evils of society and perils of childbirth have been able to affect the balance against woman. Medical men have to confess their astonishment at the amount of resisting and recuperative power manifested by the most delicately organized women. The

Fonte: STEVENSON, 1882, p. 54.⁸⁶

Como já foi dito anteriormente, os discursos que visavam frear os avanços sociais, econômicos, educacionais e culturais das mulheres, eram combatidos por Stevenson e inúmeras outras mulheres dentro de regimes de verdade distintos, mas convergentes em relação à construção das diferenças e a manutenção das desigualdades entre os sexos.

⁸⁵ “Aparência, não livros, são os assassinos das mulheres americanas”. (STEVENSON, 1882, p. 68 – tradução livre)

⁸⁶ “Mesmo as tabelas mais plausivelmente construídas mostram que, no geral, a viabilidade, ou poder de viver, é maior na mulher do que no homem. Nem todos os males da sociedade e os riscos do parto foram capazes de afetar o equilíbrio contra a mulher. Os médicos precisam confessar seu espanto com a quantidade de poder de resistência e recuperação manifestado pelas mulheres mais delicadamente organizadas” (STEVENSON, 1882, p. 54 – tradução livre).

Nesse contexto, duas mulheres se tornariam grandes críticas à teoria evolucionista de Charles Darwin, foram elas: Antoinette Brown Blackwell e Eliza Burt Gamble.

Antoinette Brown Blackwell foi uma ativista do direito das mulheres, abolicionista e a primeira mulher a ser ordenada ministra protestante nos Estados Unidos da América. Graduou-se em literatura em 1847 e em 1875 publicou o livro: *The sexes throughout nature*, no qual tecia críticas à teoria evolucionista, particularmente acerca da afirmação de Darwin sobre a relevância da seleção sexual, cujo papel das fêmeas era apenas escolher os machos mais fortes e aptos. Sem negar a existência e a importância do processo de seleção e sem contestar que machos e fêmeas eram naturalmente diferentes, Blackwell afirmava que a evolução das espécies não se dava pela escolha sexual, mas por um processo de adaptação e sobrevivência, no qual tanto os machos quanto as fêmeas participavam de forma equânime, em um processo de seleção amplo e não apenas em relação aos “mais fortes”

Extrato 19 - *The sexes throughout nature*, 1875

activity of brain. In brief, the evolution of secondary sexual characters developed in the male line, which Mr. Darwin has recognized and followed out extensively, assigning their origin chiefly to sexual selection, we may attribute chiefly to the broader Natural Selection, which, *securing both the survival and the advancement of the fittest, gradually selects secondary or indirect characters which enable average males, equally with average females, to contribute to the general advancement of offspring.*

Fonte: BLACKWELL, 1875, p. 31.⁸⁷

O que incomodava Blackwell, tanto na teoria de Charles Darwin quanto na teoria de Herbert Spencer na sua obra *Estática Social* de 1851, era a crença de que os machos tinham adquirido vantagens naturais frente as mulheres no processo evolutivo e que,

⁸⁷ “Em resumo, a evolução dos caracteres sexuais secundários desenvolvida na linha masculina, que o Sr. Darwin reconheceu e acompanhou extensivamente, atribuindo sua origem principalmente à seleção sexual, podemos atribuir principalmente à Seleção Natural mais ampla, que, *assegurando tanto a sobrevivência e o avanço do mais apto, seleciona gradualmente caracteres secundários ou indiretos que permitem que os machos médios, assim como as fêmeas médias, contribuam para o avanço geral da prole*” (BLACKWELL, 1875, p. 31 – tradução livre, grifos no original).

portanto, estariam no topo da pirâmide evolutiva. Blackwell (1875) reforçava que o que existia de fato e que deveria ser inclusive preservada eram as “relações equilibradas entre os sexos opostos” (BLACKWELL, 1875, p. 53 – tradução livre)⁸⁸. Equilíbrio que, segundo ela, seria alcançado com as divisões das funções sem, contudo, desvalorizar o trabalho e as funções que caberiam às mulheres.⁸⁹

No exercício de tentar provar que existia um equilíbrio entre os sexos, Blackwell (1875) criou tabelas comparativas a partir de atributos que lhes eram conferidos. Reforçando mais as divisões do que as enfraquecendo, ela anunciava que homens e mulheres eram equivalentes em relação ao conjunto amplo de atributos que cada sexo possuía, o que, certamente, oferecia munição para as divisões, separações e segregações em espaços e fenômenos sociais como o esporte moderno.

Quadro 1 - Quadro comparativo entre os sexos, por Antoinette B. Blackwell em *The sexes throughout nature*, 1875

MAN.

<i>Males.</i>		<i>Females.</i>
— Structure,	} = {	+ Structure,
+ Size,		— Size,
+ Strength,		— Strength,
+ Amount of Activity,		— Amount of Activity,
— Rate of Activity,		+ Rate of Activity,
+ Amount of Circulation,		— Amount of Circulation,
— Rate of Circulation,		+ Rate of Circulation,
— Endurance,		+ Endurance,
— Products,		+ Products,
— Direct Nurture,		+ Direct Nurture,
+ Indirect Nurture,		— Indirect Nurture,
+ Sexual Love,		— Sexual Love,
± Parental Love,		+ Parental Love,
+ Reasoning Powers,		— Reasoning Powers,
— Direct Insight of Facts,		+ Direct Insight of Facts,
— Direct Insight of Relations,		+ Direct Insight of Relations,
+ Thought,		± Thought,
± Feeling,		± Feeling,
± Moral Powers,		± Moral Powers.

Result in every Species.

The Females	=	The Males.

Comprehensive Result.

Sex	=	Sex.
Or,		

Organic Equilibrium in Physiological and Psychological
Equivalence of the Sexes.

Fonte: BLACKWELL, 1875, p. 58.

⁸⁸ “This is an admirable statement of my idea of the balanced relations of the opposite sexes” (BLACKWELL, 1875, p. 53).

⁸⁹ Como Blackwell não criticava a oposição natural entre homens e mulheres e sugeria a divisão sexual do trabalho, ela acreditava que o trabalho doméstico e o cuidado com a família eram atribuições naturais das mulheres. Para mais informações sobre Blackwell, sugiro a leitura do texto: Antoinette Brown Blackwell (1825-1921), disponível em: https://link.springer.com/content/pdf/10.1007%2F978-94-017-3400-4_9.pdf Acesso em: 27 nov. 2019.

Em 1893, Eliza Burt Gamble, professora estadunidense e também uma militante pelos direitos das mulheres, publicou o livro *The evolution of woman: an inquiry into dogma of her inferiority to man*. Numa tradução livre “A evolução da mulher: uma investigação sobre o dogma da sua inferioridade ao homem”. Embora o título faça alusão ao *The evolution of sex* de Patrick Geddes e John Arthur Thomson de publicado em 1889, o alvo das suas críticas foram as teorias de Darwin, particularmente em relação à obra *The descent of man, and selection in relation to sex* de 1871.

Gamble (1893) explicava que seus questionamentos nasceram em 1886, quando, após uma leitura cuidadosa da obra de Darwin, constatou que, apesar de todas as evidências, ele não teria reconhecido a superioridade da mulher e das fêmeas no processo evolutivo das espécies. Gamble (1893) apontava incisivamente que Darwin, mesmo tendo condições e sabendo que sua pesquisa indicava a superioridade das fêmeas, preferiu manifestar o mesmo espírito das eras anteriores e utilizar dos dados e fatos, em grande parte recolhidos por ele mesmo, para a construção de uma teoria que só viria favorecer ainda mais o domínio masculino.

Na tarefa de problematizar a teoria de Darwin, Gamble (1893) fez uso de uma técnica argumentativa engenhosa na obra *The evolution of woman: an inquiry into dogma of her inferiority to man*, cuja dialética se configurava da seguinte forma: ela inicia sua análise com a apresentação da tese de Darwin, sem criticá-la de imediato. Depois, no processo de estruturação da sua antítese, utiliza os dados e as argumentações do próprio Darwin, revelando as incongruências, os equívocos e as escolhas epistêmicas do autor que, segundo Gamble (1983), serviram para favorecer a ideia da superioridade do macho em relação à fêmea. Como resultado, a obra de Gamble (1983) interpõe interlocuções potentes, tornando a narrativa interessante, extremamente crítica, muito bem estruturada e com uma coerência argumentativa extraordinária⁹⁰.

Darwin (1901 [1871]) sustentava, a partir de outros pesquisadores, que o nível de complexidade, diferenciação e especialização de um organismo determinava seu avanço no processo evolutivo e que o alto o nível de organização alcançado estava relacionado com os papéis dos sexos no processo reprodutivo. Organismos mais evoluídos, na

⁹⁰ Ressalto que a obra me deixou impressionado, não porque seja realmente muito perspicaz e questionadora, mas porque foi produzida num contexto histórico e social impeditivo para as mulheres. A potência argumentativa de Gamble revela, em alguma medida, as resistências femininas e feministas atuantes no cenário científico do século XIX que, por razões de uma balança de poder desigual, eram relegadas ao segundo plano, como se fossem “apenas críticas” e não quebras de paradigmas.

concepção darwinista, são aqueles que carregam dentro si seus gametas que, após fecundados internamente mediante o contato com outro sexo, são gerados em segurança e, que, ao nascer, são alimentados através de substâncias produzidas pelo corpo da/do progenitor/a. Gamble (1893) comungava com essa perspectiva, entretanto, criticava que Darwin não havia concluído o que parecia ser óbvio, que somente as fêmeas podiam carregar, gerar, reproduzir e alimentar as crias, sendo, dessa maneira, o sexo “mais evoluído” e não os machos, como Darwin insistia em afirmar.

Extrato 20 - The evolution of woman, 1893

been heard. This silence on a subject of such vital importance to the student of biology is not perhaps difficult to understand ; the conclusion, however, is unavoidable that the individual which must nourish and protect the germ, and by processes carried on within her own body provide nourishment for the young during its pre-natal existence, and sometimes for years after birth, must have the more highly specialized organization, and must, therefore, represent the higher stage of development. Indeed, it is admitted by the scientists that the advance from the egg-layers to the milk-givers indicates one of the most important steps in the entire line of development ; and yet the peculiar specialization of structure necessary for its accomplishment was for the most part carried on within the female organization.

Fonte: GAMBLE, 1893, p. 11.⁹¹

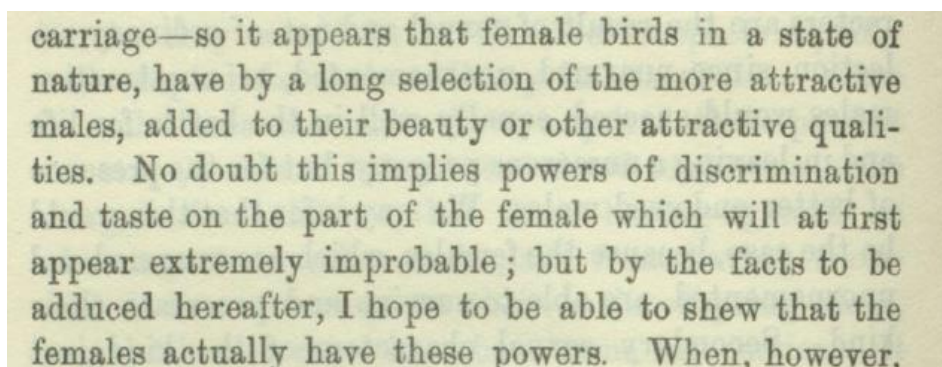
As críticas de Gamble eram (são) importantes porque as mulheres, particularmente as estadunidenses, inglesas e francesas já tinham avançado, mas não tinham conquistado totalmente, o direito ao voto, à propriedade, à educação igualitária e a participação política, por isso era necessário rever as bases discursivas do ordenamento social do gênero. Ademais, problematizar a teoria evolutiva, cujo cerne estava (está) na organização hierárquica das espécies e na qualificação de atributos inerentes aos sexos, poderia favorecer a participação das mulheres em outros espaços sociais como o das práticas corporais e do fenômeno esportivo (o/a mais rápido/a, mais forte, mais veloz, mais apto/a). Entretanto, os enunciados de Darwin (1901 [1871]) não ajudavam muito,

⁹¹ “Esse silêncio sobre uma questão de importância vital para o estudante de biologia não é difícil de entender; a conclusão, contudo, é que é inegável que o indivíduo que precisa alimentar e proteger o embrião, carrega-o dentro do seu próprio corpo e providencia alimento para ele durante sua existência pré-natal e às vezes depois do nascimento, precisa ter uma organização altamente especializada, e, dessa forma, representa o mais alto estágio do desenvolvimento. De fato, é admitido pelos cientistas que a passagem dos ovíparos para os mamíferos indica um dos passos mais importantes em toda a linha do desenvolvimento; e ainda, que a especialização peculiar da estrutura necessária para sua realização seja em grande parte conduzida dentro da organização feminina” (GAMBLE, 1893, p. 11 – tradução livre).

pois seus discursos sobre a incapacidade intelectual, a falta de força e vigor, e acerca de uma natural predileção das mulheres pela beleza, só tornavam suas lutas mais difíceis.

Gamble (1893) construía uma problematização para cada enunciado de Darwin. Ao passo que Darwin (1901 [1871]) afirmava que cabia aos machos das espécies a tarefa de manter e melhorar os seus descendentes por meio das lutas e da conquista das fêmeas, Gamble (1893), asseverava que o papel das fêmeas era ainda mais sofisticado, pois, como Darwin tinha constatado, mas se negou a admitir, elas tinham desenvolvido maior capacidade de discernimento e escolhiam com quem iriam se acasalar. Isso, para Gamble (1893), não só denotava o alto grau evolutivo das fêmeas como assegurava a elas mais percepção, racionalidade e inteligência, afinal, cabia às fêmeas analisar a beleza das plumagens, dos movimentos coreográficos, a qualidade das pelagens, o vigor, a força e a agressividade dos machos em suas lutas para conquistá-las. Aliás, Darwin já tinha constatado esse fato em rituais de cortejo e acasalamento de alguns pássaros, mas mesmo incomodado e, como ele dizia, sem respostas, não tentou rever o seu paradigma.

Extrato 21 - The descent of man, 1871



carriage—so it appears that female birds in a state of nature, have by a long selection of the more attractive males, added to their beauty or other attractive qualities. No doubt this implies powers of discrimination and taste on the part of the female which will at first appear extremely improbable; but by the facts to be adduced hereafter, I hope to be able to shew that the females actually have these powers. When, however,

Fonte: DARWIN, 1901 [1871], p. 326.⁹²

Indo além, Gamble condenava Darwin⁹³ que, ao analisar o “jogo de conquista” entre os seres humanos, anunciava que os homens não precisavam mais recorrer às lutas, às plumas ou às coreografias, pois a sedução nas sociedades “mais evoluídas” caberia às mulheres. Paradoxalmente essa concepção alocava as mulheres (fêmeas) num domínio que, na natureza e na teoria evolutiva, deveria ser dos machos (homens). Em outras

⁹² “[...] assim, isso mostra que as fêmeas dos pássaros na natureza, adquiriram, por causa da longa seleção dos machos mais atrativos, as qualidades de beleza e atratividade. Sem dúvida isso implica um poder de discriminação e gosto por parte da fêmea que a princípio pareceria muito improvável; mas pelos fatos trazidos doravante, eu espero ser capaz de mostrar que as fêmeas realmente têm esses poderes” (DARWIN, 1901 [1871], p. 326 – tradução livre).

⁹³ Darwin descreve esse processo no capítulo XIX do *The descent man*, que na edição de 1901 começa na página 846.

palavras, Darwin se alinhava às demandas da ordem de gênero e estabelecia que as fêmeas da espécie humana eram regidas pelas leis da natureza, enquanto os machos, por não precisarem lutar ou perseguir as fêmeas, se desenvolveriam dentro do domínio da cultura, aprimorando atributos distintos (quantitativamente e qualitativamente) das fêmeas.

Extrato 22 - The descent of man, 1871

men. With civilised people the arbitrament of battle for the possession of the women has long ceased; on the other hand, the men, as a general rule, have to work harder than the women for their joint subsistence, and thus their greater strength will have been kept up.

Fonte: DARWIN, 1901 [1871], p. 857.⁹⁴

Extrato 23 - The descent of man, 1901 [1871]

Man is more powerful in body and mind than woman, and in the savage state he keeps her in a far more abject state of bondage than does the male of any other animal; therefore it is not surprising that he should have gained the power of selection. Women are everywhere conscious of the value of their beauty; and when they have the means, they take more delight in decorating themselves with all sorts of ornaments than do

men. They borrow the plumes of male birds, with which nature decked this sex in order to charm the females. As women have long been selected for beauty, it is not surprising that some of the successive variations should have been transmitted in a limited manner; and consequently that women should have transmitted their beauty in a somewhat higher degree to their female than to their male offspring. Hence women have become more beautiful, as most persons will admit, than men. Women, however, certainly transmit most of

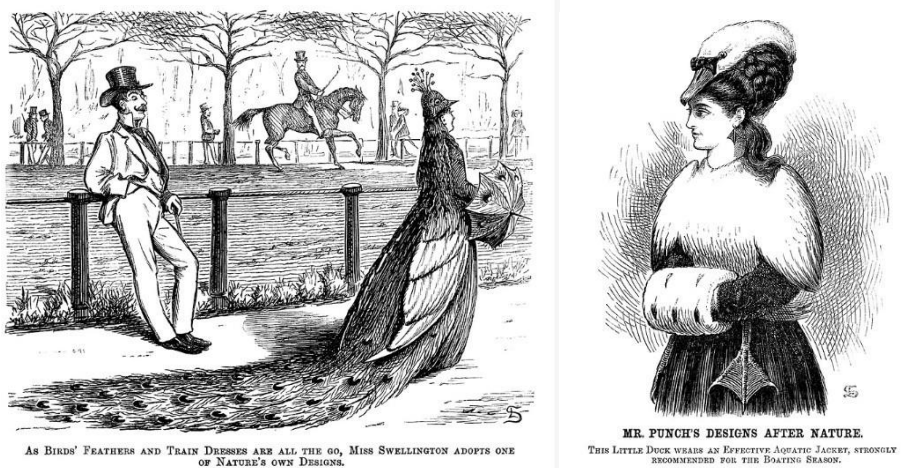
Fonte: DARWIN, 1901 [1871], p. 371-372.⁹⁵

⁹⁴ “Com os povos civilizados a arbitragem da batalha para a posse das mulheres cessou há tempos; de outro modo, os homens, com regra geral, têm trabalhado mais do que as mulheres para a subsistência conjunta e assim sua maior força tem sido mantida” (DARWIN, 1901 [1871], p. 857 – tradução livre).

⁹⁵ “O homem é mais poderoso no corpo e na mente do que as mulheres, e no estado selvagem ele a mantém em um estado de escravidão muito mais abjeto do que o macho de qualquer outro animal; portanto, não é

As afirmações de Darwin, sobre a predisposição das mulheres a serem belas e a procurarem pela ornamentação como forma de se tornarem atraentes aos homens, não era diferente da “moda para mulheres” que circulava na elite da sociedade vitoriana, marcada pelas influências das viagens científicas, pelos avanços da biologia comparada e da botânica. No limite, Darwin reforçava as tendências e justificava que elas tinham amparo científico na seleção natural das espécies. Todavia, era comum que alguns jornais da época publicassem ilustrações satirizando a vaidade e a forma como as mulheres da elite vitorianas⁹⁶ se vestiam e se comportavam⁹⁷, como podemos ver nas figuras abaixo.

Figura 9 - Ilustrações publicadas entre 1867 e 1868, na revista britânica Mr. Punch (1867) com críticas à moda da burguesia europeia no final do século XIX



Fontes: Punch Cartoons Photosshelter⁹⁸

de surpreender que ele tivesse ganhado o poder da seleção. Em toda parte, as mulheres são conscientes do valor de sua beleza; e, quando têm os meios, têm mais prazer em se enfeitar com todo tipo de ornamentos do que os homens. Eles emprestam as plumas dos pássaros machos, com os quais a natureza adornou esse sexo para encantar as fêmeas. Como as mulheres são selecionadas há muito tempo pela beleza, não é de surpreender que algumas das variações sucessivas tenham sido transmitidas de maneira limitada; e, consequentemente, que as mulheres deveriam tivessem transmitido sua beleza em um grau um pouco mais alto para as fêmeas do que para os filhos do sexo masculino. Portanto, as mulheres se tornaram mais bonitas, como a maioria das pessoas admite, do que os homens” (DARWIN, 1901 [1871], p. 371-372 – tradução livre).

⁹⁶ A utilização de penas, pele e escamas era recorrente quando se tratava dos vestidos de festa vitorianos, mas o que chamou muita atenção à época foi o uso de partes das asas de besouros como “joias” na confecção dos vestidos. Disponível em: <https://www.cheltenhammuseum.org.uk/collection/the-beetle-wing-dress/> Acesso em: 29 nov. 2019.

⁹⁷ Mais informações: <https://wsalibrary.wordpress.com/2018/06/04/mr-punchs-designs-after-nature/> Disponível em: 29 nov. 2019.

⁹⁸ Disponíveis em: <https://punch.photosshelter.com/gallery-image/Fashion-Cartoons/G0000ZtYufr5d7ac/I0000TlvleElqITw> e https://punch.photosshelter.com/gallery-image/Fashion-Cartoons/G0000ZtYufr5d7ac/I0000_CzND3ZZvO0 Acessos em: 29 nov. 2019.

Imagem 1 - Vestido em algodão branco com apliques de asas de besouro, confeccionado em 1868, através de uma técnica luxuosa e cara, comum entre a burguesia europeia.



Fonte: Fash Nerd⁹⁹

Considerando as datas das ilustrações, é possível perceber como o cenário vitoriano se traduzia na teoria de Darwin e como esta teria ajudado a reforçar a moda e os comportamentos da elite vitoriana.

Extrato 24 - The evolution of woman, 1893

We are still

living under conditions peculiar to a sensual age, and have not yet outgrown the requirements which condemn women to a style of dress which hinders the free movements of the body and which checks all the activities of life. In one way the woman of the present time may be said to resemble the male Argus pheasant, whose decorations, although they serve to please his mate, greatly hinder his power of motion and the free use of his body and limbs.

Fonte: GAMBLE, 1893, p. 72.¹⁰⁰

Com efeito, as críticas sobre o vestuário não eram direcionadas apenas aos valores e comportamentos da elite inglesa, mas também em relação às conquistas sociais,

⁹⁹ Disponível em: <https://fashnerd.com/2019/01/vas-fashioned-from-nature-driving-the-sustainability-dialogue/> Acesso em: 29 nov. 2019.

¹⁰⁰ “Ainda estamos vivendo em condições próprias à era sexual e ainda não superamos as disposições que condenam as mulheres a um estilo de se vestir que dificulta os movimentos livres do corpo e que controla todas as atividades da vida. De certa forma, pode-se dizer que a mulher de agora se assemelha ao faisão macho [da espécie] Argus, cujas ornamentações, embora sirvam para agradar a companheira, dificultam muito o movimento e o uso livre de seu corpo e membros” (GAMBLE, 1893, p. 72 – tradução livre). OBSERVAÇÃO: O faisão Argus é uma espécie do sudeste da Ásia. Existem alguns vídeos na plataforma Youtube que mostram o comportamento desse pássaro, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3IrlBKv1sE0> Acesso em: 18 jul. 2020.

econômicas e culturais de partes das mulheres inglesas que começavam a ganhar vulto. Não por acaso, uma das tecnologias de controle que as mulheres tiveram que lidar para ascender às práticas corporais, exercícios físicos e esportes foram as duplas interdições relacionadas às vestimentas.

Diferente do discurso de equivalência entre os sexos, pregado por Blackwell (1875), Gamble (1893) enfatizava a supremacia feminina no processo evolutivo apelando para os exemplos das fêmeas do mundo animal que tendiam ser menores, mais eficientes, gastavam menos energia, podiam nutrir as proles, tinham maior senso de percepção e proteção.

Em alguma medida, a histórica construção das diferenças entre os sexos, aproxima as concepções contemporâneas de Thomas Laqueur (2001) e Norbert Elias (1993,1994). Laqueur (2001) dizia que a ciência só se interessou pela tarefa de diferenciar homens e mulheres quando as diferenças se tornaram politicamente importantes. Já Elias (1993, 1994) reforçava que o “processo civilizatório”, se traduzia na perspectiva de que um certo número de normas de condutas – instituídas, vividas e “aperfeiçoadas” –, num dado momento, dentro da sociedade ocidental, se tornou um componente essencial na construção e no controle da vida dos indivíduos e na constituição da sociedade moderna. Nessa linha, a interlocução a seguir atende à vontade de saber e de ajuntar mais informações sobre como as normas de conduta, as prescrições, os ordenamentos, provenientes de dois outros regimes de verdade – cultura e educação – influenciaram na luta e na conquista das mulheres pela autonomia do uso dos seus corpos.

O conceito “civilização”, de acordo com Elias (1994), cobre uma grande variedade de processos, equipamentos, ferramentas, hábitos, formas de viver (habitação, alimentação, vestuário etc.), sistemas políticos, educacionais, econômicos, etc. Todavia, Elias (1994) acena para o fato de que o conceito de civilização não era o mesmo para ingleses, francesas e alemães, dado que para os dois primeiros a palavra resumia todo o orgulho e a importância das suas nações para o mundo, algo como um modelo a ser seguido, já para os alemães a civilização descrevia a “[...] aparência externa de seres humanos, a superfície externa da existência humana” (Ibidem, 1994, p. 24).

Distintamente dos ingleses e franceses, orgulhosos da civilização como sinônimo de suas sociedades, os alemães se vangloriavam do que realizavam e daquilo que haviam se tornado, o que significa que utilizavam o termo “cultura”, “*Kultur*” (Ibidem, 1994, p. 24). Ser “cultivado”, “*kultiviert*”, equivale a ter chegado no mais alto grau do que poderia ser considerado “civilizado”, entretanto, como constatou Elias (1994), se tornar alguém

cultivado seria dizer que a pessoa comunga com todos os valores da sua cultura, seria construir a si pela internalização de valores próprios da cultura que, por sua vez, representa os valores circunscritos àquela sociedade. “O conceito de *Kultur* delimita. [...] Até certo ponto, o conceito de civilização minimiza as diferenças nacionais entre os povos: enfatiza o que é comum a todos os seres humanos ou – na opinião dos que o possuem – deveria sê-lo” (Ibidem, p. 25).

Resumindo, no entendimento de Elias (1994), os franceses e os ingleses usavam a palavra “civilização” como sinônimo para suas próprias culturas, cujos valores deveriam ser copiados por aqueles que almejassem se tornar “civilizados”, dado que “o conceito de civilização inclui a função de dar expressão a uma tendência continuamente expansionista de grupos colonizadores” (Ibidem, p. 25).

É interessante notar que a teoria elisiana explica, ainda que parcialmente, a forte influência inglesa e francesa no processo civilizatório brasileiro; as diferentes concepções de corporeidade feminina por parte das alemãs e alemães e o desejo do Terceiro Reich de construir uma identidade alemã nos Jogos de Berlim 1936, fatos que serão apresentados no capítulo sobre a tecnologia de controle dos exames de verificação do sexo; e os conflitos entre o COI, na pessoa do francês Pierre Coubertin, e os professores da ginástica alemã na configuração da ginástica artística, analisados no capítulo sobre a genealogia dessa modalidade.

Aliás, é importante reforçar o papel da Inglaterra na reconfiguração de antigas práticas corporais a partir das suas *public schools*, e de Coubertin que, fortemente influenciado pela cultura civilizatória do seu país, França, buscou a retomada dos Jogos Olímpicos e os ideais do olimpismo que “[...] não reapareceu no seio da civilização moderna para desempenhar um papel local ou passageiro. A missão que lhe tem sido confiada é universal e secular. É ambiciosa; necessita de todo espaço e todo tempo” (CIO, 1913c, p. 119-120 – tradução livre).

1.4 Novas civilidades, novas restrições: de culta, feminina e recatada à “nova mulher” dos séculos XIX e XX

A partir do século XVIII, alguns países europeus, particularmente Inglaterra e França e um pouco mais tarde a Alemanha, passaram por mudanças profundas no sentido da modernização dos meios de produção, dos sistemas políticos e econômicos, e da reconfiguração das classes sociais cuja constituição anterior, se estabelecia através do poder de um Estado absolutista, chefiado por reis, rainhas e suas cortes. Com a ascensão

econômica, social e cultural de várias famílias, o ordenamento de classe foi reestruturado e os grupamentos familiares passaram a ser conhecidos como “burguesia”.

Detentora de grande parte dos modos de produção, a burguesia conquistou enorme influência nos domínios financeiros, militares, educacionais, legislativos, etc., onde imprimia seu *habitus* e reestabelecia novos valores em domínios que iam da cultura à moralidade, do trabalho às práticas corporais competitivas e de lazer, do tempo produtivo ao ócio, dos tempos de vida à relação da sociedade com a morte (ELIAS, 1992, 1993, 1994).

Com o avanço da burguesia, a mobilidade social que até então tinha sido definida pelo grau de parentesco com a realeza ou através da anuência do poder real, se tornou mais flexível e mais complexa, dado que as famílias burguesas poderiam ser de domínios econômicos diferentes (setor fabril, setor bancário, setor comercial, etc.), de classes sociais distintas (alta, média e pequena burguesia), pertencer a distintas ascenses religiosas. Marcadores sociais que transformavam as alianças familiares¹⁰¹ num verdadeiro jogo de interesses, cujo componente central, segundo Hargreaves (1985), foi a mulher. No limite, as mulheres foram e ainda são praticamente todas as sociedades ocidentais, o elemento essencial para a criação ou manutenção de alianças. Aliás, as alianças familiares compõem uma boa parte da centralidade das análises na obra *As estruturas elementares do parentesco* de Claude Lévis-Strauss e, também, foram problematizadas por Gayle Rubin (1993), que afirma que as alianças, realizadas através da troca de mulheres, criam relações de parentesco e o “Parentesco é organização, e a organização cria poder” (RUBIN, 1993, p. 21), mas um poder patriarcal e heterossexual.

A concepção na Europa vitoriana era que as mulheres tinham um papel fundamental no progresso das famílias da burguesia. Enquanto filhas – educadas, dóceis e saudáveis –, eram potencialmente os “bons partidos” garantiriam a manutenção ou a ascensão social, sendo esposas – refinadas, honradas, corretamente educadas e abnegadas –, eram vitrines que evidenciavam o sucesso e o poder dos maridos (HARGREAVES, 1985). Desse modo, a educação que recebiam era calculada, nem mais, nem menos daquilo que era necessário ao desempenho dos seus papéis sociais.

¹⁰¹ Como relação à construção de alianças a partir da “troca de mulheres” sugiro a leitura do artigo: RUBIN, Gayle. O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo. Trad. Christine Rufino Dabat, Edileusa Oliveira da Rocha e Sonia Corrêa. **Recife: S.O.S Corpo**, 1993. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1740519/mod_resource/content/1/Gayle%20Rubin_trafico_texto%20traduzido%20%286%29.pdf Acesso em: 04 dez. 2019.

Inúmeros manuais de boas maneiras, tratados de bem-viver, compêndios de bons costumes se tornaram comuns no século XIX e seus discursos oferecem uma visão parcial sobre a pedagogia civilizatória, o controle disciplinar e os regimes de verdade compartilhados por grande parte da sociedade europeia. De sua parte, Elias (1994) observou que os códigos de conduta foram ferramentas essenciais na reconfiguração da sociedade ocidental e do sujeito ocidental moderno. Ser civilizado significava ter consciência si e expressar adequadamente seu grau de civilidade, significava reforçar a sua distinção e se orgulhar do “[...] nível de *sua* tecnologia, a natureza de *suas* maneiras, o desenvolvimento de *sua* cultura científica ou visão do mundo, e muito mais” (ELIAS, 1994, p. 23 – grifos no original).

Somadas às características específicas dos valores e das ideologias de certas sociedades, as relações de gênero compuseram partes importantes nas trajetórias e nas operabilidades dos processos civilizatórios (DUNNING, 1999). A tendência, segundo Dunning (1999), é que o processo civilizatório tenha promovido a diminuição do poder das mulheres, porque a internalização do controle, a crença no papel legítimo do Estado e das instituições no disciplinamento, a diminuição do limiar de aceitação da violência, eram elementos que estranhavam as lutas sufragistas e as insurgências femininas e femininas. Mulheres que conflituosas, agressivas, que gritavam e exigiam direitos, eram exemplos de desvios comportamentais, suas atitudes evidenciavam falhas no processo civilizatório. Com efeito, deveriam ser “corrigidas”, por isso, muitas sufragistas inglesas temiam que homens pudessem se sentir ameaçados e utilizar da força física para confrontá-las e impedir suas lutas por direitos (KENT, 1990).

Sobre o ordenamento das condutas, a escritora inglesa Sarah Stickney Ellis, oriunda do protestantismo britânico, publicou vários manuais a partir de 1840, nos quais reforçava o dever religioso da mulher no desenvolvimento e no progresso da sociedade inglesa, especialmente pela importância da mulher na administração da esfera doméstica. *The women of England, their social duties, and domestic habits* (1838); *The daughters of England, their position in society, character and responsibility* (1842); *The wives of England, their relatives duties, domestic influence and social obligations* (1843) e *The mothers of England, their influence and responsibility* (1844), eram obras que, segundo Ellis, visavam as mulheres da classe média e a construção de bons hábitos que começavam nos “menores morais da vida doméstica” (ELLIS, 1838, p. 7).

De um modo geral, as obras de Ellis tratam de aspectos relativos aos afazeres domésticos, aos cuidados com o corpo, à educação, e tinham como fio condutor o controle

das condutas morais a partir das coisas simples do cotidiano doméstico das mulheres de classe média a alta. Na introdução do *The women of England* (1838), Ellis dizia que as características nacionais da Inglaterra eram valores exaltados e compartilhados pelos homens ingleses, mas que estes não deveriam esquecer das mulheres inglesas, as responsáveis por manter os lares ingleses confortáveis. Para ela, o bom funcionamento e a riqueza dos lares estavam “[...] intimamente associados e dependentes dos sentimentos e hábitos morais das mulheres [...]” (Ibidem, p. 10 – tradução livre).

Ser uma desportista ou se empenhar em práticas corporais de lazer e competitivas exigia que as mulheres burguesas cumprissem certos requisitos, dentre eles “se comportar como uma dama”, manter os deveres do lar em dia, não ultrapassar os limites que as ciências dispunham para os usos dos corpos e não desrespeitar as regras do decoro e da moralidade, aponta Hargreaves (1985). Como a participação das mulheres em eventos sociais era um fator importante para o reforço da distinção entre a burguesia, elas começaram a praticar jogos, esportes e a realizar exercícios físicos que eram considerados civilizados e polidos, as “conspicuous recreations” (HARGREAVES, 1985, 1994) que, numa tradução literal, significava “recreações distintivas” ou “recreações ilustres” e abrangia especialmente o críquete, o tênis e o cróquete.

Enquanto parte das inglesas já acenavam à possibilidade de lutarem por direitos, a escritora inglesa Ellis (1838) reforçava em seus compêndios, que nada deveria atrapalhar a missão da mulher no lar, caso contrário, a sociedade inglesa correria o risco de degeneração social. E essa degradação parecia ocorrer, aos olhos da autora, com as novas gerações, pois ela fazia constantes alusões às jovens mulheres que, para ela, já não queriam cumprir seus “deveres domésticos” e passavam a se importar com assuntos externos aos lares.

Extrato 25 - The women of England, 1838

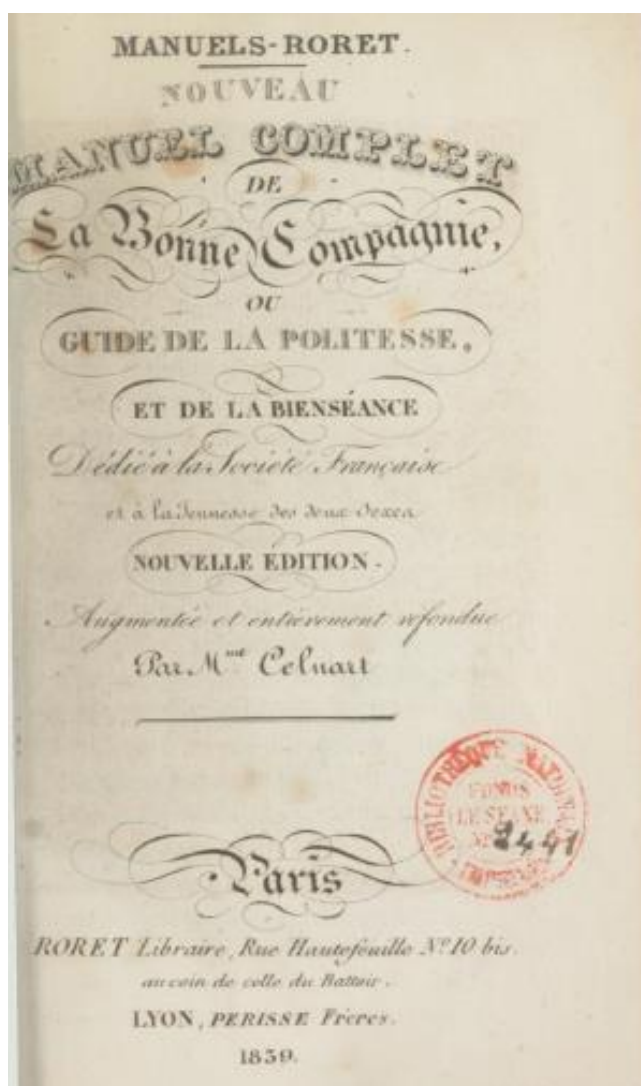
age. When the cultivation of the mental faculties had so far advanced as to take precedence of the moral, by leaving no time for domestic usefulness, and the practice of personal exertion in the way of promoting general happiness, the character of the women of England assumed a different aspect, which is now beginning to tell upon society in the sickly sensibilities, the feeble frames, and the useless habits of the rising generation.

Fonte: ELLIS, 1838, p. 11.¹⁰²

Um ano após a publicação do *The women of England* de autoria da inglesa Sarah Stickney Ellis, um guia de boas maneiras francês, escrito por Madame Celnart, chamado *Nouveau manuel de la bonne compagnie ou guide de la politesse, et de la bienséance* (1839), anunciava o que a sociedade francesa do século XIX esperava dos homens, mulheres e crianças, nas mais diversas situações de interação social. Tais publicações eram instrumentos que operavam desde o detalhe das menores coisas do cotidiano e alcançavam grande influência nos arranjos sociais amplos, aparecendo em países dominados pela ideologia colonialista como foi o caso do Brasil.

¹⁰² “Quando o cultivo das faculdades mentais avançou até o ponto de ter precedência sobre a moral, não deixando tempo para as utilidades domésticas e a prática do esforço pessoal para promover a felicidade geral, o caráter das mulheres da Inglaterra assumiu um aspecto diferente, que agora começa a contar na sociedade nas sensibilidade doentias, nos quadros fracos e nos hábitos inúteis da geração em ascensão” (ELLIS, 1838, p. 11 – tradução livre).

Figura 10 - Contracapa da obra: Nouveau manuel complet de la bonne compagnie, 1839



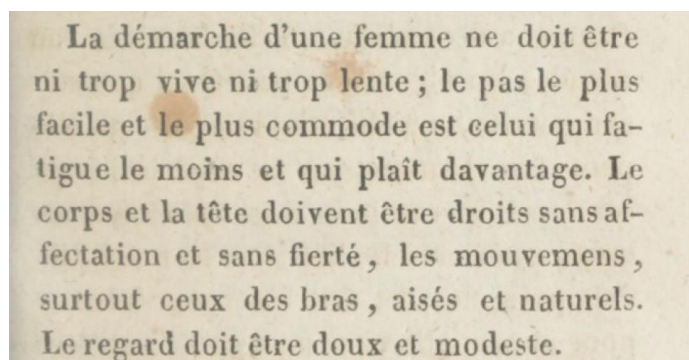
Fonte: CELNART, 1839, n.p.

A análise de instrumentos disciplinares, como os manuais de conduta, em uma pesquisa que almeja compreender sobre quais termos se deu a participação das mulheres nos esportes, se fundamenta no argumento de que esses documentos podem revelar algumas das estratégias das políticas sobre os corpos no século XIX. Ademais, esses documentos também podem evidenciar a biopolítica sobre a situação social de um grupo num dado período e deixar entrever as interdições e as restrições relativas aos usos e usufrutos que as mulheres e os homens poderiam conferir aos seus corpos. Disposição que certamente influenciaria a constituição de suas subjetividades, corporeidades e as formas como poderiam vivenciar as culturas corporais dos seus tempos. Aliás, partes desse maquinário coercitivo-condutivo ainda se fazem presentes nos dias atuais de modo direto na dispersão de dicas oferecidas por revistas de moda, cuidados com a aparência

corporal, a regulação de costumes ou de modo indireto através das relações sociais familiares, profissionais, institucionais.

O *Nouveau manuel complet de la bonne compagnie* de Élisabeth Celnart (1839), ensinava às mulheres da burguesia francesa de “bom tom”: o sentar nem altivo nem relaxado, a prudência atenta nas posições das pernas, a leveza precisa dos movimentos, a docilidade submissa das palavras, o tom acetinado da voz, a graciosa cadência e o gesto calculado do andar, etc.

Extrato 26 - *Nouveau manuel complet de la bonne compagnie*, 1839



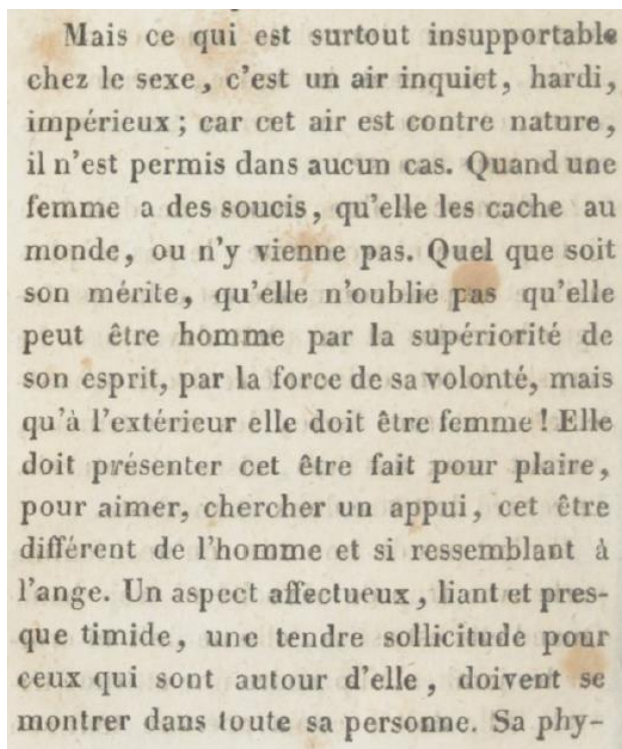
Fonte: CELNART, 1839, p. 135.¹⁰³

Foucault (2011b, 1998, 1980a) reforça que os procedimentos disciplinares se voltam para a “economia política do corpo”, na qual a análise dos processos é mais relevante que a análise dos resultados. A política disciplinar do corpo envolve um aparato técnico de caráter coercitivo, produzido, inscrito e em função de um regime de verdade que reinstaura sua força pela reiteração de si, para si e através de determinados grupos sociais e de práticas discursivas. A repetição das verdades, oferecidas por grupos legitimados e com potência legitimadora, vai, conseqüentemente, favorecer a criação de sujeitos inteligíveis capazes de serem decifrados por meio olhares treinados dentro de uma matriz de signos e significados. Seria esse processo de construção do sujeito e a sua “naturalização”, através de processos de repetição e reiteração dentro de um domínio de poder legitimado e legitimador, o que Butler (2003) chama de performatividade. Um

¹⁰³ “O andar de uma mulher não deve ser nem muito rápido, nem muito lento. O passo mais fácil e mais cômodo é aquele que fadiga menos e que dá mais prazer. O corpo e a cabeça devem estar eretos sem afetações e sem orgulho, os movimentos, sobretudo aqueles dos braços, confortáveis e naturais. O olhar deve ser doce e modesto” (CELNART, 1839, p. 135 – tradução livre).

exemplo da performatividade de gênero pode ser lido no excerto abaixo, no qual Celnart (1839) reforçava os comportamentos esperados para as mulheres.

Extrato 27 - Nouveau manuel complet de la bonne compagnie, 1839



Fonte: CELNART, 1839, p. 134.¹⁰⁴

No processo civilizador dos ingleses e franceses, Elias (1994) observou que os indivíduos considerados como civilizados eram aqueles que demonstravam de maneira evidente a aceitação e a incorporação das regras de suas sociedades. Eles e elas, por meio das suas ações, atitudes e ‘comportamentos’, deveriam evidenciar que “A história coletiva neles se cristalizou e ressoa” (Ibidem, 1994, p. 26). Pensando a partir do trecho de Celnart (1839), as mulheres que passassem pelas aulas de etiqueta, pelos cursos de bons modos, deveriam não só incorporar as regras, como deveriam expô-las na forma como se comportavam, falavam e viviam.

¹⁰⁴ “Mas o que é especialmente insuportável no sexo, é um jeito inquieto, ardil, imperioso; porque esse jeito não é natural, não é permitido em nenhum caso. Quando uma mulher tem preocupações, que ela as esconda do mundo ou não as apresente. Qualquer que seja seu mérito, não esqueça que ela pode ser um homem pela superioridade de seu espírito, pela força de sua vontade, mas que por fora ela deve ser uma mulher! Ela deve mostrar isso para agradar, amar, buscar apoio, sendo diferente do homem e, assim, semelhante ao anjo. Uma aparência afetuosa, afável e quase tímida, uma solicitude terna para os que a rodeiam deve ser demonstrada em toda a sua pessoa” (CELNART, 1839, p. 1839 – tradução livre).

Como o livre deslocamento e exposição das mulheres burguesas não era de “bom tom” ou apropriado, muitas famílias, influenciadas pelo progresso da arquitetura, incentivadas por novas formas de lazer, ansiosas para expor, distintamente e distintivamente, esposas e filhas, começam a alterar a composição estrutural e espacial das residências, anexando e utilizando áreas externas na frente (jardim) e atrás (quintal) para prática de jogos e passatempos, favorecendo que as meninas, jovens e mulheres pudessem se exercitar dentro dos princípios do decoro da sociedade vitoriana.

No contexto doméstico, a 'prática de jogos' se tornou uma conquista importante e elegante para as mulheres da classe média, na mesma categoria que as atividades graciosas muito admiradas, como tocar piano, cantar, desenhar e pintar, recitar poesia e bordar. Era uma maneira nova e relativamente agradável de a esposa de classe média exibir seus talentos como uma dama "cultu", de quem seu marido podia estar verdadeiramente orgulhoso. E, como o objetivo principal da filha era encontrar um marido, isso lhe dava uma oportunidade de se mostrar de maneira atraente ao sexo oposto, de uma forma aparentemente inocente e aceitável. Além disso, os jogos no contexto familiar eram vistos como positivamente desejáveis e respeitáveis, porque refletiam a natureza unida das relações familiares e promoviam a imagem da vida familiar. (HARGREAVES, 1985, p. 43 – tradução livre).¹⁰⁵

Diante do cenário fervilhante de mudanças do século XIX, os homens passaram a ver na família uma instituição essencial na luta contra o caos e a confusão social que parecia se instaurar (PARRATT, 1989). No seio abençoado e confinado da família, onde achavam que “reinavam” absolutos, eles buscaram consagrar o que consideravam o modelo de mulher perfeita: “inocente, pura, gentil e auto-sacrificada” (PARRATT, 1989, p. 142 – tradução livre). Porém, é importante ressaltar, esse modelo familiar não era comum a grande parte da população, especialmente em relação às classes sociais mais baixas (HARGREAVES, 1985, 1994) e aos modelos familiares ordenados por ideologias religiosas distintas. Por exemplo, adeptos de ramos religiosos como os Quakers se mostravam mais abertos à igualdade entre os sexos¹⁰⁶ o que a burguesia católica ou

¹⁰⁵ “In the home context, the ‘playing of games’ became an important, fashionable accomplishment for middle class woman, in the same category as those much admired genteel activities like playing the piano, singing, drawing and painting, reciting poetry and doing needlework. It was a new, comparatively enjoyable way for the middle class wife to display her talents as a ‘cultured’ lady of whom her husband could be truly proud, and since the daughter’s chief objective was to find a husband, it gave her scope to disport herself in appealing fashion to the opposite sex, in a seemingly innocent and acceptable form. Furthermore, games playing in the family context was viewed as positively desirable, as well as respectable, because it reflected the close-knit nature of family relationships and promoted the image of family life.” (HARGREAVES, 1985, p. 43).

¹⁰⁶ Os Quakers muitas vezes são chamados de “amigos do feminismo”, “feminist friends”, dado que sua ascense religiosa acenava positivamente à igualdade entre os sexos, o que explicaria o número muito grande

protestante, e isso teria sido fomentaria o protagonismo de mulheres feministas e/ou sufragistas. Dentre elas, uma personagem de grande projeção que foi Susan B. Anthony, feminista, sufragista, abolicionista, escritora e professora que, numa entrevista dada em 02 de fevereiro de 1896, revelava a importância da ideologia Quaker na formação da sua família e dela própria.

Extrato 28 - Entrevista com Susan B. Anthony, 1896



Fonte: ANTHONY, 1896, p. 10.

No extrato, à direita, se lê:

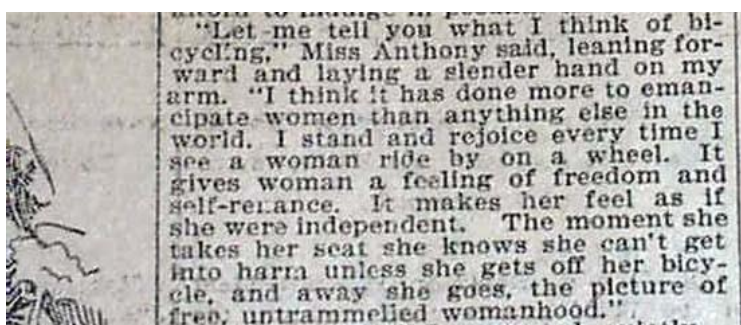
“Deixa eu falar da minha família e então você poderá entender isso melhor” ela continuou. “Eu nasci em South Adams, Mass [abreviação para Massachusetts, USA]. Minha mãe e meu pai nasceram na mesma cidade. Meu pai era um Quaker e minha mãe uma Metodista, então você pode ver de início a questão da nossa educação desde criança. Eram quatro garotas e dois garotos na minha família. Meu pai era um homem prático. Ele acreditava na igualdade das suas filhas, mesmo naqueles dias. Uma das minhas irmãs era uma esplêndida mulher de negócios e foi uma grande ajuda para meu pai. Ele dizia que colocaria Anthony & Daughters [Anthony & Filhas] na sua casa de negócios se ele não soubesse que essa ação o mataria. As pessoas eram muito fechadas naqueles dias”. (ANTHONY, 1896, p. 10 – tradução livre).

de mulheres feministas e sufragistas no século XIX pertencentes a esse ramo religioso. Para mais informações sugiro a leitura do texto de Nancy A. Hewitt – Feminist friends: agrarian Quakers and the emergence of woman's right in America (1986), disponível em: https://www.jstor.org/stable/3177982?seq=1#metadata_info_tab_contents Acesso em: 11 dez. 2019.

O enunciado de Anthony (1896) releva uma parte da anatomia política das resistências feministas que, a depender da ascese religiosa, poderia tanto impulsar como impedir as lutas femininas e feministas rumo à emancipação. Ainda que parte da sociedade não estivesse aberta às ideias progressistas, Anthony (1896) atestava que a convivência ou, no mínimo, a não interdição por parte dos pais e a presença de mães de caráter forte e progressista, seriam fundamentais para o desenvolvimento intelectual, político e cultural das suas filhas.

Como resultado de análises de uma revista dedicada à aristocracia britânica, publicada entre 1898 e 1907 e que se chamava *Womanhood*, Parratt (1989) ratificou o que outras pesquisadoras já haviam dito: que as mulheres ao lutarem contra o ideal da “mulher perfeita” vitoriana, desafiar algumas instituições, criticar crenças e mesmo o casamento, instituíram no ideário social a figura da “New Woman”, “nova mulher”. Termo que começou a ser utilizado na década de 1890 e que apontava outro modelo de mulher, uma antítese da “lady” vitoriana, disposta à evolução e ao progresso da sociedade capitalista, menos dependente do esposo, filhos e filhas, e o lar. Acreditava-se que essa “nova mulher” deveria ser mais ativa fisicamente, pois as práticas corporais que lhes eram convenientes – dentro do decoro –, não ameaçariam o seu posto de “sexo frágil”.

Desse modo, aproveitando as configurações sociais que emergiam, as mulheres europeias e estadunidenses começaram a usufruir dos seus corpos de maneiras cada vez mais ativas, retomando e constituindo novos valores às suas corporalidades. Aos poucos, não era mais apenas o corpo esteticamente apazível, nem um corpo fatalmente “reprodutor” e “dependente”, mas um corpo que podia ser forte, ágil, resistente e flexível e que usufruísse dos avanços e progressos que emergiam ao cair do século XIX. O corpo e seu usufruto foram elementos importantes para as lutas sufragistas e/ou feministas, não por acaso, Anthony (1896) afirmava que o uso da bicicleta tinha sido um dos grandes triunfos para emancipação das mulheres.

Extrato 29 - Entrevista com Susan B. Anthony, 1896

Fonte: ANTHONY, 1896, p. 10.¹⁰⁷

A história parece mostrar que Anthony (1896) tinha razão em relação à importância da bicicleta para a emancipação das mulheres, pois algumas dessas mulheres foram muito longe. A estadunidense Annie Londonderry pedalou com tanto afinco que, em setembro de 1895, se tornaria a primeira mulher a dar a volta ao mundo em cima de uma bicicleta (LENNON, 2015).

Imagem 2 - A ciclista estadunidense Annie Londonderry, 1895

Fonte: Total Women Cycling¹⁰⁸

¹⁰⁷ "Me deixa dizer o que eu penso da bicicleta", senhora Anthony disse, se inclinando e colocando sua delicada mão sobre meu braço. "Eu acho que ela tem feito mais para emancipar as mulheres que qualquer outra coisa no mundo. Eu observo e me alegro todas as vezes que eu vejo uma mulher andar de bicicleta. Ela dá a mulher um sentimento de liberdade e autoconfiança. Ela a faz se sentir como se fosse independente. No momento que ela se senta, ela sabe que não pode ser ofendida [machucada?], a não ser que ela desça da bicicleta. E qualquer lugar que ela vai representa a imagem de liberdade, de uma feminilidade sem restrições" (ANTHONY, 1896, p. 10 – tradução livre).

¹⁰⁸ Disponível em: <https://totalwomenscycling.com/lifestyle/10-facts-annie-londonderry> Acesso em: 30 nov. 2019.

Embora começassem a conquistar espaços e aumentassem a participação em diversas práticas corporais, as mulheres tiveram que enfrentar outras tecnologias de gênero que as impediam de se desenvolver ou usufruir com prazer e liberdade dos jogos, das brincadeiras, dos exercícios e dos esportes. Pela foto de Annie Londonderry, nota-se que o vestuário refletia o arranjo das relações de gênero. Ao mesmo tempo em que ele afirmava a diferença e a pertença a um dos sexos, enfatizava e operava sobre a contenção e o controle da sua liberdade. No século XIX, as roupas serviam como signos, enviando sinais que confirmavam o status social, a classe, o sexo e os hábitos daqueles e daquelas que as vestiam (CHRISP, 2005).

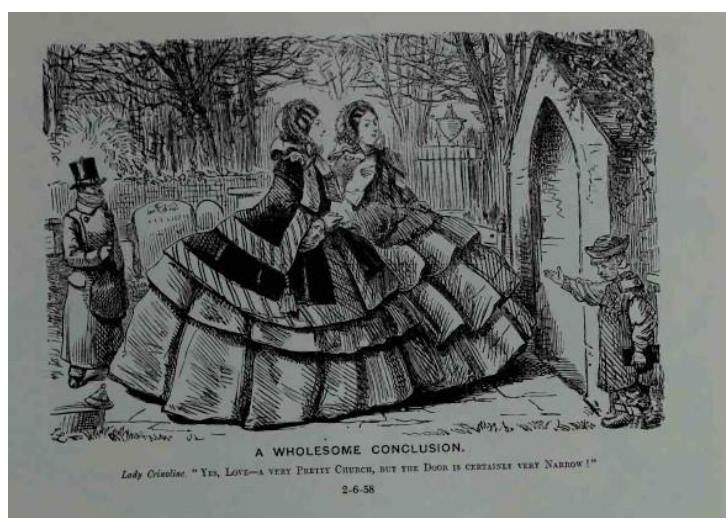
O vestuário, assim como outros elementos da cultura, cumpre uma função enunciativa, tem sentido e exerce uma tarefa no arranjo social. A função enunciativa, de acordo com Foucault (1972), vai além da existência de um conjunto de elementos linguísticos (sintagma), ela existe como resultado e em função de quatro componentes que podem ser vistos no vestuário: referencial (cumpre uma função para quem enuncia e quem recebe a enunciação); posição-sujeito (o sujeito que o enuncia, marcado e influenciado por outros enunciados, não é um sujeito metafísico, mas o resultado do acúmulo e das readaptações de outros enunciados); campo associado (o enunciado para cumprir uma função enunciativa existe somente em relação a um outro domínio associado a ele, portanto, não existe um enunciado neutro, livre e independente); material (a função enunciativa existe em função do tempo e do espaço nos quais o enunciado emergiu). Em outras palavras, a roupa cumpre a função de enunciar algo a alguém, é marcada e marca o pertencimento de que a veste, está associada a outros referenciais (discursos) e revela o tempo e o local do seu uso.

Até por volta de 1837, antes da ascensão da rainha Vitória ao trono, as roupas das mulheres da aristocracia inglesa eram mais leves, não era uma tendência “obrigatória” a utilização dos espartilhos e as crinolinas – armações metálicas usadas sob as saias –, para lhes conferir volume, ainda não tinham sido expandidas. No período de 1837 a 1860 (CHRISP, 2005), as roupas começaram a ficar mais pesadas e volumosas, os espartilhos se tornaram essenciais e cada vez mais constritores, os deslocamentos se tornaram ébrios e a liberdade foi capturada e controlada pela trama de algodão, lã e musselina.

Como resultado dessa verdadeira “pedagogia ortopédica” (VIGARELLO & HOLT, 2008), a mulher vitoriana, modelo copiado por vários países ocidentais, exibia uma constituição frágil, impotente e circunscrita, podia desenvolver problemas

respiratórios e posturais, dado que o espartilho impedia a expansão da caixa torácica. Alguns periódicos do século XIX, dentre eles o satírico Mr. Punch – já exposto anteriormente –, criticavam esse modelo de mulher “bibelô” da burguesia inglesa. As críticas vinham de ilustrações como a exposta logo abaixo, na qual se lê: “Uma saudável conclusão: *Lady Crinolina*. ‘Sim, eu adoro uma pequena igreja, mas a porta é certamente muito estreita’” (APPELBAUM & KELLY, 1981, p. 79 – grifos no original, tradução livre).

Figura 11 - Ilustração satírica sobre os “excessos” na vestimenta das mulheres burguesas no século XIX, publicada no periódico Mr. Punch de 1858



Fonte: APPELBAUM & KELLY, 1981, p. 79.

No periódico Mr. Punch, mas já ao final do século XIX, é possível encontrar ilustrações tanto com censuras quanto com achincalhamentos em relação às práticas discursivas vitorianas e as mudanças que ganhavam visibilidade. Na ilustração abaixo, publicada em 1898, ocorre um jogo enunciativo ambíguo interessante e comum ao gênero da sátira. Uma jovem ciclista em excursão pela Holanda encara, de forma sorridente, um senhor holandês vestido com os trajes típicos do seu país que, por sua vez, a observa com um olhar crítico. A cena tem o título escrito em latim “*Nosce te ipsum*” – “Conhece a ti mesmo” –, e sua descrição se dá pelo seguinte enunciado: “Jovem ciclista (em excursão pelo norte da Holanda), seguida de uma enunciação: ‘Que traje ridículo!’”.

Figura 12 - Ilustração com tom crítico sobre a prática do ciclismo por parte das mulheres ao final do século XIX, publicada no periódico Mr. Punch de 1898



Fonte: APPELBAUM & KELLY, 1981, p. 100.

Foucault (1979) dizia que qualquer revolução deveria ser iniciada nos mecanismos de poder que estariam fora do aparelho do Estado. Para ele, qualquer mudança só seria possível se as lutas minassem o poder estatal, os regimes sobre as vidas, a partir de fissuras cujos campos de ação estariam nas micropolíticas de lutas, transgressões e resistências localizadas. Segundo Kent (1990), as lutas das mulheres da primeira onda estava para além da conquista do direito ao voto, as sufragistas desejavam nada menos do que a total transformação das vidas das mulheres em qualquer que fosse o domínio. Dessa maneira, talvez seja possível afirmar que foi através dos interstícios das tramas dos regimes de verdade, valores e *habitus* que as mulheres começaram a conquistar a emancipação em vários espaços da ordem social. Que suas conquistas, mesmo que instauradas dentro de domínios “específicos”, como o direito ao voto e à educação, respingaram e influenciaram na forma como poderiam usufruir dos seus corpos e das práticas corporais. Da cultura dos modos ao vestuário, do “uso dos corpos” à “educação da mente”, da economia à política, das “menores coisas do cotidiano” ao comércio interno e externo, dos cuidados aos regimes médicos, a presença das mulheres na primeira onda dos movimentos feministas¹⁰⁹ garantiu inúmeros processos de empoderamento.

¹⁰⁹ Não havia um movimento sufragista, e muito menos um movimento feminista. A Primeira Onda feminista, por exemplo, foi composta por vários movimentos (KENT, 1990). Ao passo que algumas mulheres lutavam pelo direito ao voto, outras exigiam igualdade política, acesso ao ensino superior e mesmo a liberdade sobre o uso dos seus corpos. Elizabeth Blackwell (apresentada anteriormene), lutava pelo direito ao voto, mas não compactuava com as demandas por igualdade. Já Elisa Gamble, outra feminista do século XIX, desejava uma reforma profunda na sociedade. Ao contrário de Blackwell, Gamble

1.5 O jogo de verdade e poder no campo da educação formal

No decurso da incorporação das normas de conduta, a educação formal cumpriu e ainda cumpre um papel fundamental. As pessoas ali expostas, incorporam desde as mais tenras idades, a cultura e as regras de civilidade de suas sociedades, ao passo que também internalizam e passam a crer que os arranjos sociais são naturais e inquestionáveis. Provavelmente, o medo das mudanças e das possíveis instabilidades nos arranjos das relações de gênero, tenha um sido um dos porquês das restrições que as mulheres encontraram quando buscaram ter acesso ao sistema educacional, particularmente no que se refere ao nível da educação superior (KENT, 1990; HARGREAVES, 1985).

Várias foram as formações discursivas – biologia, fisiologia, psiquiatria, filosofia, pedagogia, psicanálise, teologia etc. – que ostentaram discursos contrários às demandas das mulheres por uma educação igualitária. Em vista disso e dentro da dinâmica que se espera de uma pesquisa genealógica, serão apresentadas algumas obras e expostos alguns dos seus enunciados que terão a tarefa de evidenciar a regularidade dos seguintes discursos:

- a. “Homens e mulheres são naturalmente diferentes, portanto, deverão receber educação diferenciada”;
- b. “O corpo da mulher não é capaz de suportar as mesmas pressões sociais que os homens, conseqüentemente, se forem expostas às demandas da educação superior, além de não conseguirem lograr sucesso, poderão ser vítimas do mal funcionamento dos seus órgãos”.

Decerto, outros discursos poderiam ser elencados, porém, esses já parecem suficientes para a construção de uma arqueogenealogia das interdições, separações e segregações das mulheres nas práticas corporais e em relação aos usos que poderiam dar ou não aos seus corpos.

Dentre os incontáveis agentes sociais do século XIX, o britânico Henry Maudsley foi uma figura proeminente, especialmente por seu pioneirismo nos estudos psiquiátricos,

não via equivalência entre sexos, para ela as mulheres representavam ao mais alto grau no processo evolutivo. Dessa maneira, ao tratar das demandas feministas, tentarei recorrer ao plural, “movimentos feministas” ou “movimentos sufragistas”.

ter cunhado o conceito de “sociopatia”¹¹⁰, influenciado Charles Darwin na sua obra *The expression of the emotion in man and animals*¹¹¹ de 1872, ter tido grande influência no sistema educacional britânico e, também, porque sempre que podia, expressava veemente sua desaprovação à educação superior para as mulheres, atacando frequentemente Elizabeth Garrett Anderson, sufragista e primeira mulher britânica a se qualificar como médica cirurgiã em 1865 (WISE, 2012).

Nas duas obras de Henry Maudsley analisadas – *Body and mind: an inquiry into the connection and mutual influence, specially in reference to mental disorders* (1870) e *Sex in mind and in education* (1884) – não é difícil achar enunciados com discursos desfavoráveis às mulheres. Na obra de 1870, Maudsley reforçava a estreita conexão entre corpo e mente das mulheres, na qual a própria natureza feminina seria mais propícia às doenças mentais, algumas, segundo ele, causadas pelas periódicas menstruações ou mesmo pela falta delas. Como o livro é voltado para as doenças mentais, não é de se espantar que os “objetos de estudo” de Maudsley tenham sido as “mulheres idiotas”¹¹² ou as histéricas¹¹³.

Através de estudos sobre “pessoas lunáticas, liberdade e médicos loucos” na era vitoriana, Sarah Wise (2012) percebeu que foi na obra *Sex in mind and in education* (1884) que Maudsley se mostrava ainda mais “consistentemente inconsistente” (WISE, 2012, p. 292 – tradução livre), destilando críticas às lutas femininas que, para ele, eram o resultado do ajuntamento de mulheres fanáticas e histéricas em torno de reivindicações contrárias às constrictões naturais aos sexos. Em vários trechos, Maudsley (1884) retomava o discurso de que as demandas femininas, feministas e sufragistas desprezavam os fatos da natureza, que suas exigências eram injustificadas, sendo preciosismos de mulheres que zelavam pela ignorância em relação a naturalidade dos seus papeis no arranjo social.

¹¹⁰ Para mais informações sobre a sociopatia, sugiro a leitura do *Antisocial Personality Disorder: Treatment, Management and Prevention*. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK55333/> Acesso em: 09 dez. 2019.

¹¹¹ As referências à Henry Maudsley estão nas páginas: 13, 36, 39, 245, 246, 297, 342 e 371. A obra original: *The expression of the emotion in man and animals* está disponível em: <https://archive.org/details/expressionofemot1872darw/page/n4> Acesso em: 09 dez. 2019.

¹¹² “Idiota” era um vocábulo muito utilizado para definir uma pessoa com baixa capacidade cognitiva ou com algum distúrbio mental. Na obra, pode-se encontrar referências ao vocábulo já na página de número 5. (MAUDSLEY, 1870, p. 5).

¹¹³ A histeria foi um diagnóstico médico comum para as mulheres no século XIX e o termo só deixou de ser utilizado na década de 1950. Crônica entre as mulheres, a histeria estava relacionada com a sexualidade feminina que hoje consideramos como “normal”. Para mais informações sobre a histeria, sugiro a leitura do livro *The technology of orgasm. “Hysteria”, the vibrator, and women’s sexual satisfaction* (1999) de Rachel P. Maine.

Extrato 30 - Sex in mind and in education, 1884

vocate the reform. Carried away by their zeal into an enthusiasm which borders on or reaches fanaticism, they seem positively to ignore the fact that there are significant differences between the sexes, arguing in effect as if it were nothing more than an affair of clothes, and to be resolved, in their indignation at woman's wrongs, to refuse her the simple rights of her sex. They would do better in the end if they would begin by realizing the fact that the male organization is one, and the female organization another, and that, let come what may in the way of assimilation of female and male education and labor, it will not be possible to transform a woman into a man. To the end of the chapter she

Fonte: MAUDSLEY, 1884, p. 4.¹¹⁴

Partidário da teoria vital, que sustentava que os corpos e os órgãos tinham aportes energéticos limitados e cujo gasto não poderia ser desperdiçado, Maudsley (1884) ratificava o discurso de que as mulheres não deveriam ser submetidas às mesmas exigências educacionais e físicas que os homens, uma vez que isso poderia afetar seus corpos e mesmo suas fertilidades. Nas suas palavras, “Quando a Natureza gasta numa direção, ela precisa economizar em outra” dizia Maudsley (1884, p. 5 – tradução livre)¹¹⁵.

Em outras partes do livro Maudsley (1884) questionava se seria justo conceder às mulheres o direito ao voto igualitário se eram os homens que eram enviados e lutavam nas guerras. Sustentava que as tentativas das mulheres de se igualarem aos homens eram sempre artificiais, pois seriam contrárias às leis da natureza, cuja mudança, caso ocorresse, não se sustentaria frente à uma possível revolução masculina. Se as mulheres não tinham força suficiente para dominar, dizia Maudsley, que elas se contentassem com aquilo que a “organização da sua espécie” havia lhe dotado.

¹¹⁴ “Levadas do zelo a um entusiasmo que beira ou atinge o fanatismo, elas parecem ignorar categoricamente o fato de que existem diferenças significativas entre os sexos, argumentando com efeito como se não passasse de um caso de roupa e a ser resolvido. Em sua indignação com os “erros de mulher”, recusam-lhe os direitos simples do seu sexo. Elas se sairiam melhor ao final se comesçassem a perceber o fato de que a organização masculina é uma e a organização feminina é outra, e que, aconteça o que acontecer no caminho da assimilação da educação masculina e feminina e do trabalho, não será possível transformar uma mulher em um homem” (MAUDSLEY, 1884, p. 4 – grifos nossos, tradução livre).

¹¹⁵ “When Nature spends in one direction, she must economize in another direction” (MAUDSLEY, 1884, p. 5).

Extrato 31 - Sex in mind and in education, 1884

health. They cannot choose but to be women : cannot rebel successfully against the tyranny of their organization, the complete development and function whereof must take place after its kind. This is not the expression of prejudice nor of false sentiment ; it is the plain statement of a physiological fact. Surely, then, it is unwise to pass it by ;

Fonte: MAUDSLEY, 1884, p. 7.¹¹⁶

Além das influências dos discursos médicos, as ideologias religiosas também intervieram na configuração e no estabelecimento da educação formal para as mulheres. Embora o ideal de laicidade ainda fosse forte na França, as instituições educacionais inglesas, estadunidenses e brasileiras, no século XIX, eram balizadas pelas asceses católicas, protestantes e metodistas. No caso francês, a laicidade foi implantada primeiramente nas escolas para os homens, ficando a educação das mulheres, por muito tempo, sob a direção de congregações religiosas (MAYEUR, 1988).

Na Grã-Bretanha, ao passo que nas primeiras interlocuções sobre a educação das mulheres, discutia-se sobre quais os níveis educacionais deveriam ser oferecidos e quais disciplinas lhes seriam úteis, as sufragistas projetavam a ascensão das mulheres a todos os níveis de ensino, sobretudo a educação superior (ARNAUD, 1996; KENT, 1990). Ainda que existisse algumas escolas mistas, abertas nas primeiras décadas do século XIX na Inglaterra e depois nos Estados Unidos, ainda se debatia sobre a conveniência das misturas, discussões que se arrastariam no século XX (FLETCHER, 2008).

Mesmo a função da educação ainda fosse alvo de dúvidas, pois se discutia se as mulheres deveriam receber instrução voltada às necessidades do lar ou se seriam formadas para outros campos de trabalho. Por fim, cabe dizer que boa parte das escolas inglesas, por exemplo, não eram administradas pelo Estado e sim, por agentes coligados

¹¹⁶ “Elas não podem escolher senão ser mulheres: não podem se rebelar com sucesso contra a tirania de sua organização, o desenvolvimento e a função que decorrem da sua espécie. Essa não é a expressão de preconceito nem de falso sentimento; é a afirmação clara de um fato fisiológico” (MAUDSLEY, 1884, p. 7 – tradução livre). OBSERVAÇÃO: É interessante como o enunciado proferido pela ex-atleta Ana Paula Henkel contra a participação da atleta transexual Tiffany Abreu é parecido com o de Henry Maudsley, inclusive a nível discursivo quando ambos anunciam o sexo/gênero a partir de uma essência, de um tipo de tirania que organiza e determina o papel de machos e fêmeas na espécie humana. Na sua fala, Henkel enuncia: “Não é preconceito, é fisiologia. Precisamos saber diferenciar isso”. A análise desse tipo de discurso está presente no Capítulo 6 desta tese. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/ana-paula-henkel/biologia-nao-e-de-esquerda-nem-de-direita/> Acesso em 14 ago. 2018.

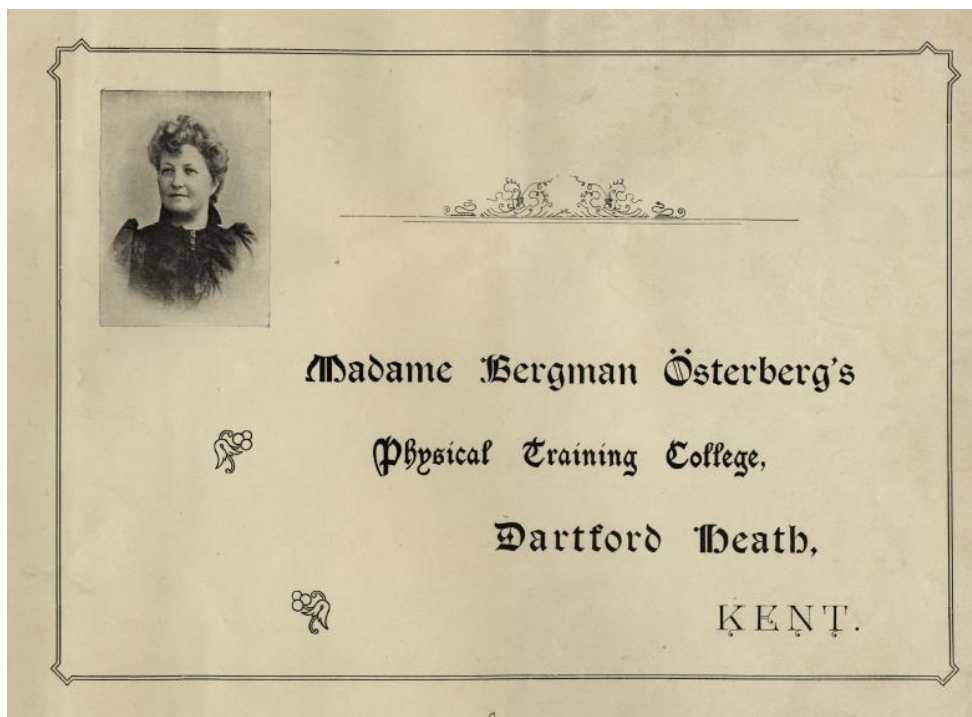
a ideologias religiosas e referendados por serem cidadãos de boa índole, uma situação que favorecia as discussões se a educação formal deveria ser da ordem do Estado ou fornecida por particulares, o que, certamente, apontava para debates sobre a dimensão do privado e do público (KENT, 1990).

Nesse processo, o aumento que ocorreu na participação das mulheres nas instituições educacionais, tem sido considerado por Mangan (2006) e Hargreaves (1985, 1994) como um dos componentes que teriam impulsionado o avanço das mulheres em várias esferas de poder, dentre elas as práticas corporais e as competições esportivas.

Escolas que, até 1850, tinham nos seus currículos a primazia dos “accomplishments”, regras de polidez, foram se atualizando e incluindo outras disciplinas, dentre elas a educação física ou a ginástica, possibilitando que as mulheres exercitassem seus corpos, desenvolvessem suas capacidades físicas, adquirissem habilidades que as faria tomar gosto pelas práticas corporais e pelos exercícios (MANGAN, 2006; HARGREAVES, 1985).

Com o aparecimento das escolas para moças, a educação física passa a fazer parte da formação das mulheres burguesas do século XIX, contudo, a sua prática inicialmente estava ancorada ao ideal regulatório de formar mulheres aptas à maternidade e à vida familiar. As escolas não só garantiam uma educação voltada à família como se estruturavam para tal, suas arquiteturas, rituais e valores eram os mesmos das famílias burguesas (HARGREAVES, 1985). Porém, com a inclusão das aulas de ginástica nas escolas para moças, o mercado de trabalho para docentes com conhecimentos sobre práticas corporais, especialmente a ginástica e o esporte, se expandiu e forçou a abertura de escolas preparatórias de instrutoras, como foi o caso da *Hampstead Physical Training College and Gymnasium* estabelecida em Londres e administrada pela sueca Martina Sofia Helena Bergman-Österberg, em 1885, voltada apenas para a formação de instrutoras que vinham de famílias das classes média e alta inglesa (Ibidem, 1985, p. 46, 1994, p. 49).

Figura 13 - Capa do programa de admissão da Hampstead Physical Training College and Gymnasium, 1903



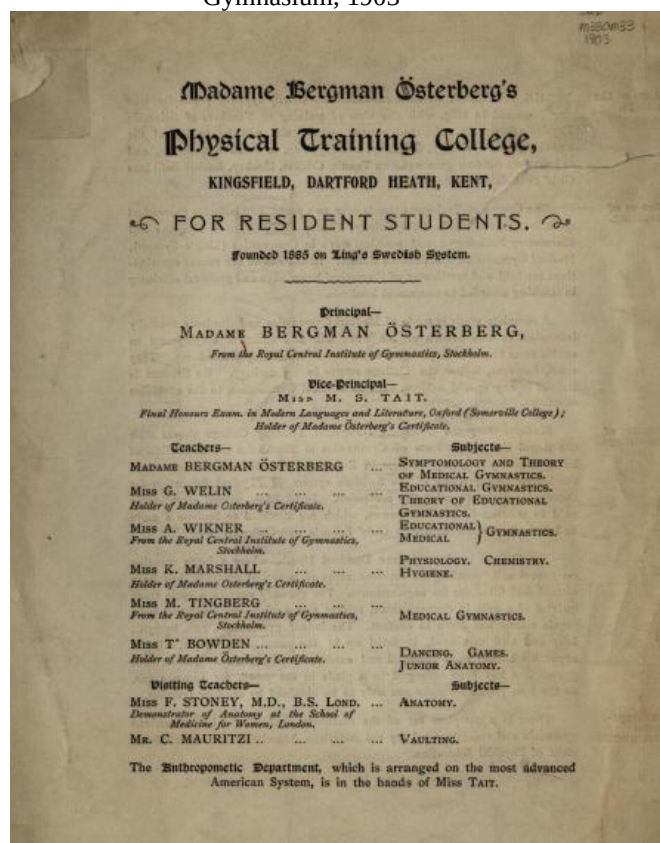
Fonte: HAMPSTEAD PHYSICAL TRAINING COLLEGE AND GYMNASIUM, [1903b?], p. 8.

Figura 14 - Prática do basquetebol exposta no programa de admissão da Hampstead Physical Training College and Gymnasium, 1903



Fonte: HAMPSTEAD PHYSICAL TRAINING COLLEGE AND GYMNASIUM, [1903b?], p. 8.

Figura 15 - Contracapa do programa de admissão da Hampstead Physical Training College and Gymnasium, 1903



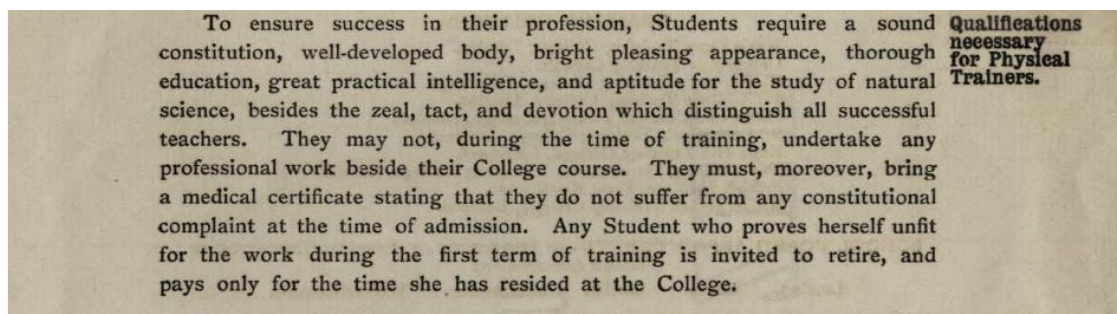
Fonte: HAMPSTEAD PHYSICAL TRAINING COLLEGE AND GYMNASIUM, [1903a?], p. 1.

As imagens acima podem passar a impressão de uma possível concretização da conquista das mulheres do direito às práticas corporais e aos esportes, todavia, como argumenta Mangan (2006, p. 146 – tradução livre), a história das mulheres nos esportes “é uma história de controle, confrontação, assimilação e mudanças”.¹¹⁷ O que significa dizer que as práticas corporais vivenciadas pelas mulheres no século XIX deveriam ser: 1) praticadas de modo prudente (sob os auspícios do discurso do poder deletério dos exercícios aos órgãos reprodutores e da incapacidade do corpo das mulheres em suportar grandes estresses); 2) úteis ao pleno desenvolvimento físico e moral (a partir do discurso que acenava para a utilização das práticas corporais como ferramentas no trato da moralidade, reforçado pelos princípios higienistas e eugenistas, todos eles voltados para os dois sexos, mas em maior grau para as mulheres); 3) a aquisição de uma aparência, que chamo e “estética da apazibilidade marital”, ou seja, de aparências e expressões de feminilidade que fossem atrativas para maridos ou pretendentes, e não para as próprias

¹¹⁷ “It is a story of control, of confrontation, assimilation and change.” (MANGAN, 2006, p. 146)

praticantes. Aliás, a beleza, a devoção, o tato, a educação e o corpo desenvolvido dentro dos modelos de feminilidade tradicionais faziam parte das exigências do programa de admissão da *Hampstead Physical Training College and Gymnasium*. Segundo instituição, o sucesso de uma instrutora de ginástica e educação física estava relacionado com a presença de qualidades e atributos anteriores à própria formação profissional.

Extrato 32 - Programa de admissão da Hampstead Physical Training College and Gymnasium, 1903



Fonte: HAMPSTEAD PHYSICAL TRAINING COLLEGE AND GYMNASIUM, [1903a?], p. 4.¹¹⁸

Na Inglaterra, a partir dos anos 1880, a educação física se tornava mais organizada e sistematizada e passava a fazer parte do currículo das “*girl’s public schools*”, e, por volta dos anos 1890, a disciplina começou a dar importância e a inserir no currículo, até então dominado pela ginástica sueca e calistênica, os jogos competitivos e esportes para as alunas (PARRATT, 1989). Por conseguinte, a ampliação do trabalho pedagógico, através da ginástica, jogos e esportes competitivos, promoveu aumentos substanciais no número de praticantes, motivando outras jovens da classe média a aderirem às práticas corporais sistematizadas ou não, de lazer ou competitivas. O aumento do interesse, somado às adesões que se avolumavam, foram recebidos pelos extratos sociais, políticos e educadores mais conservadores com desconfiança, por isso, as resistências aos progressos das mulheres logo se manifestaram, não necessariamente para impedir o

¹¹⁸ “Para assegurar o sucesso nas suas profissões, as estudantes precisam ter uma constituição sólida, corpo bem desenvolvido, boa aparência, educação completa, boa inteligência racional e aptidão para o estudo da ciência natural, além do zelo, tato e devoção que distingue todos as professoras de sucesso. Elas não podem, durante o tempo de treinamento, exercer nenhum trabalho profissional além dos cursos da Faculdade. Elas precisam, além disso, trazer um certificado médico confirmando que elas não sofrem de nenhuma doença no momento da admissão. Qualquer estudante que se mostre inapta para o trabalho durante o primeiro período de treino será convidada a se retirar e pagará apenas o tempo que ela residiu na Faculdade” (HAMPSTEAD PHYSICAL TRAINING COLLEGE AND GYMNASIUM, [1903a?], p. 4 – tradução livre).

processo, mas para controlá-lo e regulá-lo em sua evolução (PFISTER, 1990; PARRATT, 1989).

O processo que resultaria na emergência do esporte moderno, não previa que as práticas corporais fossem codificadas, sistematizadas e institucionalizadas para o proveito das classes sociais mais baixas, pelos trabalhadores e muito menos pelas mulheres de qualquer que fosse o extrato social. Ao contrário, os esportes que tinham sido encorajados nas *public schools* inglesas, nas primeiras décadas do século XIX, enfatizavam “os antigos valores de coragem e de honra com as ideias novas de competição e de esforço” (VIGARELLO & HOLT, 2008, p. 433). Princípios que, pelo ideal regulatório, não guardavam nenhuma relação de proximidade e utilidade com os modelos de feminilidade valorizados pela burguesia vitoriana.

No crepúsculo do século XIX, quando a sociedade europeia constatou o aumento da adesão das mulheres nas práticas corporais, sobretudo naquelas que eram do domínio masculino como as competitivas e realizadas ao ar livre, dois discursos se tornam regulares. O primeiro, resquício das décadas anteriores, retomava concepções sobre a natureza da fraqueza do corpo das mulheres e a influência deletéria dos exercícios sobre a função reprodutiva. O segundo, fortemente influenciado pelas ciências biomédicas, ratificava que as práticas corporais, especialmente aquelas com alto grau de exigência física e com forte apelo competitivo, poderiam “masculinizar” o corpo das mulheres, tornando-as pouco atraentes, afetando seus comportamentos e ameaçando seus papéis na manutenção da espécie (PFISTER, 1990, PARRAT, 1989, HARGREAVES, 1985, 1994; McCRONE, 1984, 2006).

Donald Mrozek (1987), ao analisar as representações de feminilidade das estadunidenses no século XIX, percebeu que os homens temiam os avanços das mulheres, especialmente aqueles que acenavam para o aumento da força, da resistência e da competitividade que, segundo o ordenamento patriarcal, poderia desestabilizar a sociedade e torná-la num reino governado por “amazonas”.

Personagens da mitologia grega, retomadas ao imaginário popular no século XVI, através dos relatos do espanhol Francisco Orellan, feitos na sua passagem pela região do rio Amazonas. Conforme Mrozek (1987), Orellan foi o responsável pela disseminação da figura da amazona na sociedade europeia a partir de um mítico confronto entre sua

esquadra e tribos de mulheres muito valentes montadas a cavalo e armadas com arco e flechas¹¹⁹. Para Mrozek (1987), a representação das amazonas era ameaçadora porque:

[...] os homens temiam que eles fossem desafiados e mesmo deslocados para o nível mais básico da ordem governamental. Eles temiam deslocamentos na força de trabalho e na política eleitoral. Além de tudo, eles receavam perder o controle dos assuntos públicos, políticos e econômicos que eles comandavam como um domínio especial masculino (MROZEK, 1987, p. 283 – tradução livre).¹²⁰

As amazonas descritas por Orellana eram altas e brancas, o que não seria muito provável encontrar na região amazônica no século XVI. Depois, no imaginário europeu do século XIX, duas representações racializadas das amazonas viriam a se tornar comuns: a primeira estava relacionada com o mito grego e atendia ao imaginário de que seriam mulheres brancas, bonitas, “fortes” e “instruídas” que não tinham desejos em relação aos homens que não fosse apenas para propósitos reprodutivos. A segunda representação vinha de uma mulher negra “forte”, “agressiva” e “selvagem” que, apesar de matar os homens, também os usaria para fins reprodutivos.¹²¹ Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017) constatou e discorreu sobre a conformação e a atribuição de sentidos de valor aos corpos negros, sobretudo de gays, afeminados, transexuais e travestis, argumentando que o corpo negro tem sido historicamente depreciado e diabolizado, desde suas representações imagéticas aos códigos linguísticos. Desse modo, não seria de se espantar que as representações das amazonas vindas das américas e áfrias carregavam toda uma ordem de valores depreciativos e em função da estrutura dominadora racista.

Enquanto as amazonas da mitologia grega ainda hoje são representadas no mundo imaginário da literatura e da música, as amazonas sul-americanas e africanas, materializadas na existência de guerreiras de algumas tribos africanas, faziam parte das atrações de feiras, circos e de exposições “científicas”. No cartaz logo abaixo, propaganda de uma “exposição de etnografia colonial”, cujos objetivos eram apresentar os costumes,

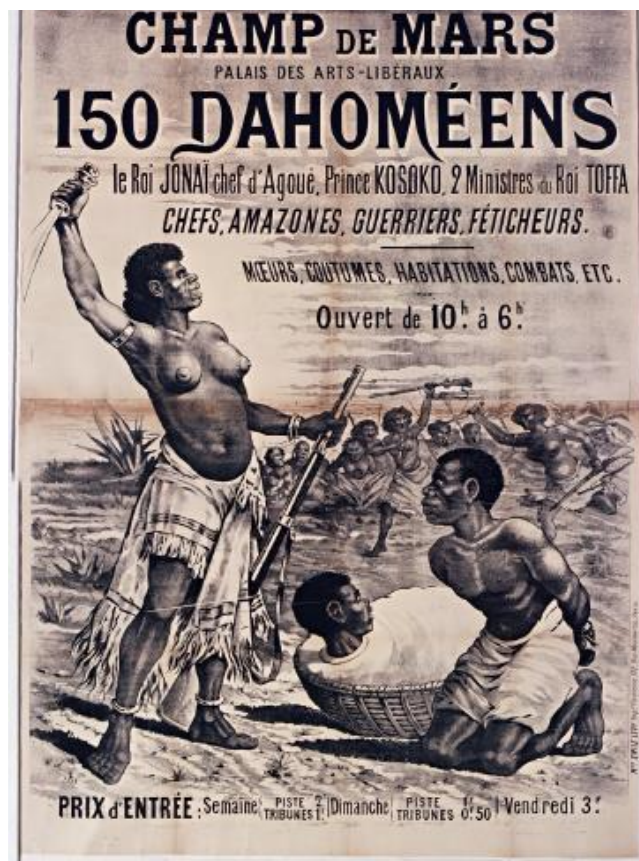
¹¹⁹ Para mais informações, ler a obra de CARVAJAL, Gaspar de. **Descubrimiento del río de las Amazonas según la relación hasta ahora inédita de Fr. Gaspar de Carvajal: con otros documentos referentes a Francisco de Orellana y sus compañeros**. Servilha, ESP: Imprenta de E. Rasco, 1844. Disponível em: https://archive.org/details/raha_103310/page/n7 Acesso em: 12 dez. 2019.

¹²⁰ “[...] men feared that they might be challegend even displaced to the governance of the basic social order. They feared dislocations in the work force and in electoral politics. Overall, they feared that they would lose control of public political, social, and economic affairs, which they dominated as a special masculine realm” (MROZEK, 1987, p. 283)

¹²¹ Para mais informações: ROQUE, Maria-Angels. The Amazones, the contribution of a Greek Myth in Patriarchal Imaginary. **Quaderns de la Mediterrànea**, n. 24, p. 39-47, Barcelona, 2017. Disponível em: https://www.iemed.org/observatori/arees-danalisi/arxiu-adjunts/quaderns-de-la-mediterrania/qm24/amazons_greek_myth_Maria_Angels_Roque_QM24.pdf Acesso em: 16 dez. 2019

as crenças, os comportamentos e o *ethos* guerreiro de uma nação subsaariana chamada Daomé, atual Benim, cujo rei era protegido por um exército de guerreiras¹²².

Figura 16 - Exposição de etnografia colonial em Paris, 1889?



Fonte: Bibliothèque Nationale de France¹²³

A “masculinização” da mulher, para além da ameaça que representava às esferas política e econômica, trazia a preocupação de um possível desequilíbrio no tecido social e o desmoronamento dos projetos de ordem e progresso que a sociedade machista e patriarcal delineava para o século XX (PFISTER, 1990, MESSNER, 1988). Que a sociedade continuasse sob o domínio masculino, que os homens fossem masculinizados, virilizados e que as mulheres “se mantivessem” femininas, esses eram os desejos e as crenças de partes do ordenamento social no século XIX e em partes do XX.

¹²² As relações entre raça, gênero e classe, especialmente no que concerne às atletas negras e sua suposta superioridade física, são discutidas no capítulo que trata dos exames de verificação do sexo. Outro aspecto a ser frisado é que o entendimento da sociedade do século XIX sobre a raça, especialmente a negritude, ainda estava sob a influência de obras como *The evolution of men* (1871) de Charles Darwin que pregava sua inferioridade no processo evolutivo.

¹²³ Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b9011234c/f1.item.r=amazones> Acesso em: 18 set. 2020.

Como aponta Dunning (1999), a luta contra uma suposta feminização¹²⁴ da sociedade fez parte de um movimento filosófico que se constituiu no século XIX, a “cristandade muscular”. Esse movimento entrou em voga nas escolas públicas inglesas durante o período vitoriano, sua perspectiva ditava a valorização e o desenvolvimento das capacidades e habilidades dos corpos dos homens mediante prescrições ascéticas – austeridade, disciplinamento, resiliência, uso controlado da força, o cultivo da moralidade religiosa –, com a finalidade de venerar e honrar a Deus e as tradições cristãs por intermédio de corpos saudáveis, bem estruturados e viris. Um ideário que não se distancia da atual figura do herói contemporâneo, forte, audaz, altruísta, íntegro, honrado, nacionalista e cristão. Rosen (1994), conta que no século XVIII, quando Rousseau foi questionado sobre qual seria a virtude essencial para um verdadeiro herói, teria respondido com efusão: “A masculinidade!” (ROSEN, 1994, p. 20). Mas essa masculinidade conclamada por Rousseau, não era a masculinidade violenta, brutal e selvagem dos antigos heróis ou dos guerreiros medievais, mas uma que fosse civilizada, socialmente útil e que pudesse ser inculcada em todos os homens. (ROSEN, 1994).

Rosen (1994) acrescenta que a cristandade muscular não emergiu como um movimento institucionalizado. Ela foi o resultado de um conjunto de discursos que circulavam no período vitoriano, vindo de homens socialmente influentes. Surgiu quando os homens “progressistas” perceberam que a dominação social que impunham não era “suficiente” para enfrentar os novos arranjos sociais, costumes e valores, por isso, era necessário que redefiniram o ideal regulatório da masculinidade: uma masculinidade progressista, mas coerente com as tradições do cristianismo.

O movimento rotulado por seus depreciativos como ‘cristandade muscular’ surgiu, talvez paradoxalmente, entre homens notadamente liberais, os Socialistas Cristãos, que haviam lutado pelo movimento cartista, por melhorias nas condições de vida e até por direitos limitados para as mulheres. (ROSEN, 1994, p. 17 – tradução livre)¹²⁵

¹²⁴ Ainda que Dunning (1999) tenha utilizado o termo “feminilization”, preferi traduzir como “feminização” porque a concepção do autor é que o movimento da “cristandade muscular” resistia às mudanças nos significados e valores ocasionadas pelo aumento da participação das mulheres em diferentes campos sociais. Desse modo, me alinho à Silvia Yannoulas (2011), para quem a feminilização seria o aumento do quantitativo de mulheres numa dada ocupação e a feminização as transformações qualitativas ocasionadas pela alteração na composição da divisão sexual em favor das mulheres.

¹²⁵ “The movement labeled by its derogators as ‘muscular Christianity’ arose, paradoxically perhaps, among notably liberal men, the Christian Socialists, who had fought for the Chartists, for improvements in living conditions, and even for limited rights for women” (ROSEN, 1994, p. 17).

Foram vários os agentes que ajudaram na construção e difusão da cristandade muscular. Na Inglaterra, dois desses agentes foram Charles Kingsley e Thomas Hughes. Primeiro, Charles Kingsley foi um padre, professor universitário, reformador social, romancista e atleta britânico que publicou obras de grande apelo moral, cristão e higienista, dentre elas, *Two years ago* (1857), *Women politics* (1869) e *Health and education* (1874). O segundo, Thomas Hughes que, no mesmo ano que Kingsley, em 1857, publicou uma novela literária chamada *Tom Brown's School Days*¹²⁶, que conta a história de um aluno, Tom Brown, da *Rugby School*, instituição que se considera ser o berço do esporte moderno (BRACHT, 2005; SOARES, 2005), educado para comungar valores cristãos, força, liderança e violência.

De maneira resumida, a cristandade muscular, sob a qual Tom Brown se constituiu e dava graças, oferecia um meio e uma justificativa na luta para “reatualizar” a representação de Cristo, cujos ideais de bondade, humildade, compaixão, tolerância, amor ao próximo, lealdade, etc., poderiam ser, problematicamente, atributos mais femininos do que masculinos (HALL, D., 1994; ROSEN, 1994, FASICK, 1994). Com efeito, esses valores não só fragilizavam os homens como poderiam se tornar um entrave aos projetos de ordem e progresso que a sociedade capitalista precisava colocar em prática. Ademais, acerca das relações de gênero, a cristandade muscular, por seu entendimento de que as “leis naturais” representavam fielmente as “leis de Deus”, pregava, pelo prisma da teoria da evolução, que a competição era “natural” do sexo masculino e que as mulheres, após serem “conquistadas”, deveriam atender positivamente ao dever, também “natural”, da procriação e dos papéis no arranjo social.

No limite, algumas problematizações poderiam ser levantadas, se acaso fosse o objetivo desta pesquisa, a partir do fenômeno da cristandade muscular em relação à participação das mulheres nos esportes:

1. Poderíamos pensar como alguns esportes se tornaram uma arena “naturalmente” masculina, na qual as feminilidades, ora negadas, ora exarcebadas, podem servir para proteger e garantir o domínio das masculinidades;
2. Como alguns esportes, dentre eles, dois que “nasceram” na Inglaterra, o rugby e o futebol, ainda guardam nas suas características os princípios da

¹²⁶ Vários filmes se basearam na obra de Thomas Hughes, dentre eles, o *Tom Brown's Schooldays* dirigido por Dave Moore, disponível na plataforma Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=s1MK7YEP-kY>.

subjugação, violência controlada, nacionalismo e apelo a uma estética masculina viril;

3. Sobre a construção da fé, do fanatismo que alguns torcedores e torcedoras têm por seus times e que resulta, frequentemente, em combates violentos com outros grupos de torcedores/as;
4. Que o princípio higienista, presente no ideário da cristandade muscular, reforçaria a estreita e histórica relação entre as mulheres e as políticas de natalidade;
5. A noção enraizada e constantemente reiterada do atleta, quase sempre do sexo masculino, ganhador de uma medalha olímpica ou internacional, como representante da figura do herói nacional;
6. A utilização por parte de alguns políticos, no caso clássico dos Estados Unidos, de feitos esportivos como forma de garantir que possuem as disposições necessárias para o desempenho das funções públicas;
7. Por fim, mas não último, o caráter hierárquico da “cristandade muscular” teria amparado a separação entre homens e mulheres nos esportes e nas práticas corporais. Isso teria se dado através da crença em uma imutável natureza das diferenças entre os sexos. Aliás, além da *Rugby School*, outras instituições dedicadas aos valores cristãos, ajudaram no desenvolvimento e na disseminação do esporte moderno, como foi o caso da YMCA – *Young Mens Christian Association* (Associação Cristã de Moços), criada em Londres em 1844, que depois, nos Estados Unidos da América, promoveu a codificação e expansão do basquete (1894) e do vôlei (1895).

Como podemos notar até o momento, dentro de um sentido de racionalização e burocratização da vida (WEBER, 2004), pelas possibilidades garantidas por um afluxo de acontecimentos (FOUCAULT, 2006c), por uma economia política que visava construir uma “segunda natureza” para homens e mulheres, fundamentais para o processo civilizatório (ELIAS, 1994; ELIAS & DUNNING, 1992), como ferramenta de higienização, eugenia e manutenção da ordem física, psicológica e social (FOUCAULT, 2011a, 2011b; SOARES, C.L., 2007, 2005; FAURE, 2008; FAUCHÉ, 1999), os esportes e as práticas corporais, particularmente nos séculos XIX e XX, foram tomados como elementos estruturais e funcionais de uma sociedade ansiosa pela produção e comercialização de mercadorias. Como elemento principal, o corpo foi marcado

sexualmente, docilizado, domesticado, separado e (re)habilitado, assim, produziria mais, melhor, em menor tempo, sem que, contudo, ameaçasse a estrutura que o havia criado e que dependia do seu bom funcionamento.

1.6 A mulher na ginástica, na educação física e no esporte: saudável, educada e discreta

Enquanto alguns estudos sobre o século XVIII sustentam que as mulheres detinham uma certa liberdade em relação aos usos que davam aos seus corpos e na forma como participavam de diferentes práticas corporais, no século XIX, pelo menos até as últimas décadas, as práticas corporais competitivas e de formação, como foi o caso das ginásticas, foram tomadas dentro do processo de esportivização como áreas de domínio eminentemente masculino¹²⁷. Campo que buscou justificativas e proteções, frente à ameaça da feminilização e feminização dos esportes, nos regimes discursivos das ciências, filosofia, educação, política e da religião. Na sociedade moderna, os progressos científicos agiram paradoxalmente em relação às mulheres, “A medicina da época vitoriana libertou o corpo masculino, mas espartilhou o das mulheres da classe média. Ela sublinhava as diferenças entre os sexos e considerava que os exercícios que exigiam vigor apresentavam perigos para as mulheres” (VIGARELLO & HOLT, 2008, p. 453).

Quando as mulheres europeias, inglesas, francesas e alemãs adentraram o ambiente escolar, sob a regência do Estado, elas começaram a receber as primeiras instruções institucionalizadas e formalizadas, sobre as práticas corporais, especialmente a ginástica e a dança. Dessa maneira, o esporte moderno não foi a via de primeiro contato que as mulheres tiveram com a pedagogia institucionalizada do corpo. Até meados de 1900, a prática esportiva para as mulheres na França, dentro dos moldes do esporte moderno, era quase inexistente. Foi somente por volta de 1914 que alguns clubes de natação e atletismo foram abertos na cidade de Paris (VIGARELLO & HOLT, 2008, p. 453).

Conforme Vigarello & Holt (2008, p. 458), “No começo do século XX, o esporte ainda era considerado uma invenção dos britânicos, uma bizarrice bem inglesa”. Com efeito, foi no hiato das duas Guerras Mundiais que os esportes para mulheres ganharam impulso e começaram a progredir. E nessa tarefa de disseminar o esporte para as mulheres

¹²⁷ Vigarello & Holt (2008) chamam a atenção para a utilização de brasões e escudos por parte das equipes esportivas como se estas representassem uma família, um clã. Aplicados às roupas os brasões identificam as equipes, as nações, reforçam a identidade individual e coletiva, transformam os “uniformes” em “mantas sagradas”, muitas vezes guardadas e/ou expostas em museus como prova do heroísmo do usuário.

e determinar a participação feminina nas competições internacionais, a francesa Alice Milliat, presidente da FSFI – *Fédération Sportive Féminine Internationale*, teve um papel fundamental, que é retomado no capítulo III – Mulheres em campo: encarando patronagens e suplantando barreiras nas competições do século XX.

A ginástica, muitas vezes chamada de educação física, era uma ferramenta utilizada tanto pelo sistema educacional como através das prescrições feitas por médicos, médicas e militares. Seu princípio fundamental não era o da competição, do divertimento, da glorificação de líderes e da valorização de características individuais. Não se considerava que a ginástica fosse periculosa ou inconveniente para as mulheres. Ao contrário, mediante a organização e a prescrição de movimentos cuidadosamente estudados e padronizados, a ginástica para as mulheres era reconhecida como um dispositivo eficiente para educar os corpos, automatizar posturas e hábitos, inculcar valores morais e culturais, domesticar músculos, ossos e órgãos, docilizar as almas, corrigir os egos impulsivos e enérgicos, e, fundamentalmente, sublinhar os “quatro cês” dos papéis femininos no arranjo social: casar, conceber, criar e cuidar. Como foi observado por Vigarello & Holt (2008), a ginástica era uma ferramenta perfeita para os tempos pós-guerra, quando as nações precisavam aumentar seus plantéis de soldados (VIGARELLO & HOLT, 2008).

A ginástica tinha um aspecto normativo: ela propunha exercícios cuidadosamente graduados, que deviam ser executados de maneira precisa. A ginástica alemã, em particular, visava criar uma disciplina coletiva do corpo para fins militares evidentes. A ginástica excluía a iniciativa e a competição. O individualismo, que faz parte integrante dos esportes, mesmo coletivos, lhe era estranho. (VIGARELLO & HOLT, 2008, p. 421).

A palavra “ginástica” definia, assim como hoje, várias atividades e metodologias. No século XIX, podia significar atividade física (qualquer movimento humano), exercício físico (movimentos com algum grau de sistematização), sistemas e métodos (conjunto de exercícios para a educação do corpo, da moral e dos costumes), prática corporal recreativa ou formativa (exercícios realizados individualmente ou em grupo, festivais de ginástica). Até os dias de hoje, o substantivo, ginástica, tem sido utilizado unido a termos adjetivantes, como por exemplo, ginástica de academia, ginástica artística, ginástica facial, ginástica calistênica, ginástica corretiva, ginástica somascética (soma – corpo, ascético – exercitar), ginástica alemã, ginástica sueca, ginástica francesa, ginástica de aparelhos, ginástica militar, ginástica ortopédica e ginástica feminina.

A ginástica foi uma das primeiras práticas corporais a conceber uma adjetivação feminina, o que teria ocorrido antes mesmo de ter sido utilizada como componente principal das aulas de educação física para as mulheres nas instituições formais de ensino. Destoando da “liberdade” que esporte moderno rogava a si mesmo, a ginástica era prescritiva e utilizada para fins pedagógicos. Como o esporte moderno, a ginástica também reproduzia o discurso da ordem social patriarcal que acreditava que a prática pudesse operar como uma órtese¹²⁸, contendo em si e ajudando a inculcar valores e comportamentos nos indivíduos. Por intermédio das contagens, poses, ordens, repetições, das dinâmicas das contrações e relaxamentos, a ginástica fixava os verbos nas carnes (ser, fazer, poder, dever, pertencer) e sublinhava o pertencimento dos indivíduos (sexo, classe social, nacionalidade, “normalidade”).

Independentemente da partícula que a adjetivava, a ginástica no século XIX objetivava inicialmente a formação de um modelo humano específico: homem, masculino, branco e sem deficiência física. Quando as mulheres se tornaram “importantes”, a ginástica que lhes era prescrita não tinha uma função formativa, constitutiva, mas preservar, em pleno funcionamento e conveniência, sua “natureza

Alfred Collineau, francês, doutor em medicina, professor no Curso Normal¹²⁹ e conservador das coleções da Escola de Antropologia, na sua obra *La gymnastique, notion physiologiques et pédagogies, applications hygiéniques et médicales*, de 1884, fazia um retorno à cultura grega antiga, do mesmo modo que já havia feito Rousseau (1912 [1764]), para explicar a importância da ginástica na formação do homem cidadão. No que se referia às mulheres, Collineau (1884), asseverava que o modelo espartano, favorável ao treinamento das mulheres nas aulas de ginástica e na luta, não deveria ser retomado, dado que as espartanas que conquistavam muita destreza e vigor, acabavam por deixar de lado seu dever familiar, uma afirmação que não corresponde ao que historiadores e historiadoras sustentam atualmente (YOUNG, 2004).

Assim como outros sujeitos, Collineau (1884) também ocupava uma função enunciativa, ou seja, imerso na regularidade discursiva da sua época, reiterava a relação inequívoca das mulheres com os deveres do lar e da maternidade. A ginástica que Collineau (1884) incentivava para os meninos e que lhes promoveria liberdade, formação

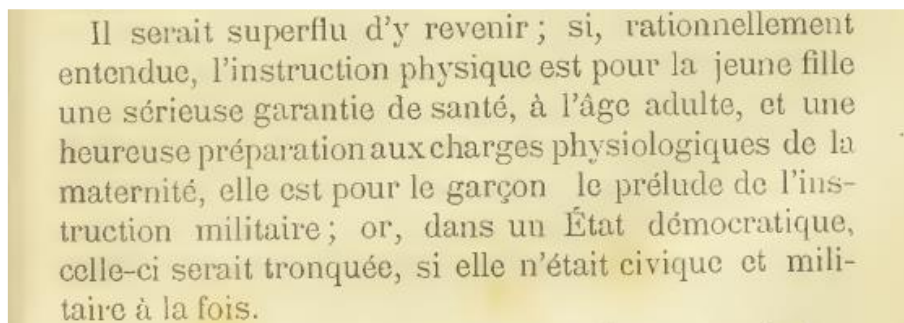
¹²⁸ ÓRTESES: Aparelho destinado a suprir ou corrigir a alteração morfológica de um órgão, de um membro ou de um segmento de um membro, ou a deficiência de uma função.

PRÓTESES: Aparelho ou dispositivo destinado a substituir um órgão, de um membro ou parte do membro destruído ou gravemente acometido.

¹²⁹ Nível de ensino responsável pela formação de professores e professoras para o ensino elementar.

cívica e militar, servia para garantir que as meninas cumprissem o destino da sua natureza. Collineau (1884) argumentava que instruções físicas iguais para meninas e meninos seria supérfluo, pois cada sexo tinha uma tarefa na sociedade, por isso precisavam de formações distintas.

Extrato 33 - La gymnastique, notions physiologiques et pégagogies, application hygiéniques et médicales, 1884



Fonte: COLLINEAU, 1884, p. 807.¹³⁰

Na obra, Collineau (1884) apresenta aspectos relacionados à filosofia, expõe e analisa alguns problemas que julgava característicos de uma época e para os quais indicava a ginástica como uma ferramenta de intervenção eficiente. Para os meninos, indicava toda uma gama de jogos e exercícios que pudesse torná-los fortes, vigorosos e moralmente centrados. Para as meninas, prescrevia jogos com arcos e cordas, e jogos em círculo (rodas), baseados no trabalho com o ritmo e a flexibilidade (*la souplesse*); nada que fosse demasiadamente extenuante deveria fazer parte das instruções para as meninas.

¹³⁰ “Seria supérfluo voltar a isso; se, racionalmente entendida, a educação física é para a menina uma séria garantia de saúde, na idade adulta, e uma preparação feliz para os encargos fisiológicos da maternidade, é para o menino o prelúdio da educação militar; no entanto, em um estado democrático, seria incompleta se não fosse cívica e militar” (COLLINEAU, 1884, p. 807 – tradução livre).

Extrato 34 - La gymnastique, notions physiologiques et pégagogies, application hygiéniques et médicales, 1884

teront son éducation physique.
Les exercices qui demandent un grand déploiement de force ne sauraient être le fait de la jeune fille. Pour elle, au contraire, on insistera sur les mouvements qui exigent de la souplesse, de la grâce ou qui

favorisent les attitudes régulières du corps. « La Gymnastique des jeunes filles doit, en effet, ainsi que le fait remarquer avec justesse M. Hillairet (1), avoir pour but un développement régulier de l'organisme, l'affermissement de la santé plutôt que l'accroissement des masses musculaires et de la force matérielle ».

Fonte: (COLLINEAU, 1884, p. 354-355)¹³¹

O ideário da mulher “bela, maternal e feminina” (GOELLNER, 2003) não estava circunscrito às ginásticas e à educação física das escolas francesas, ele estava presente e era retomado nas narrativas de alunas do primeiro colégio de formação de professoras de ginástica e educação física da Inglaterra, o *Hampstead Physical Training College and Gymnasium*, criado em 1885 por Madame Bergman-Österberg.

Como qualquer fenômeno, as novidades que a instituição apresentava à sociedade inglesa oitocentista não agradavam aos séquitos mais conservadores. Se formar professoras e instrutoras no campo dos exercícios físicos e da ginástica, com aulas de anatomia e biologia, já era uma grande ousadia, ultrajante seria formar professoras que poderiam ensinar os esportes, um dos passatempos preferidos dos homens da aristocracia. Quatorze anos após a fundação da *Hampstead Physical Training College*, o que a instituição fazia ainda era visto como novidade e causava curiosidade. O basquetebol, que foi “inventado” nos Estados Unidos, em 1891, já aparecia na grande curricular da *Hampstead* em 1903 (figura 20), e somente em 1936 seria inserido nas competições olímpicas. Por isso, em 20 de agosto de 1899, uma revista esportiva francesa de circulação semanal e cuja característica era publicar várias ilustrações em cada uma das

¹³¹ “Os exercícios que demandam um grande uso de força não devem ser feitos pela jovem. Para ela, ao contrário, insistiremos nos movimentos que exigem da flexibilidade, da graça ou que favoreçam as atitudes regulares do corpo. ‘A Ginástica das jovens deve, assim como aponta M. Hillairet (1), ter por objetivo um desenvolvimento regular do organismo, a consolidação da saúde ao invés das massas musculares e da força material’” (COLLINEAU, 1884, p. 354-355 – tradução livre).

suas edições, chamada *La vie au grand air*, estampava na sua capa principal a imagem de Marguerite Ugalde, uma famosa mesossoprano, em uma posição de altivez e concentração, empunhando uma carabina durante a prática do tiro ao pombo.

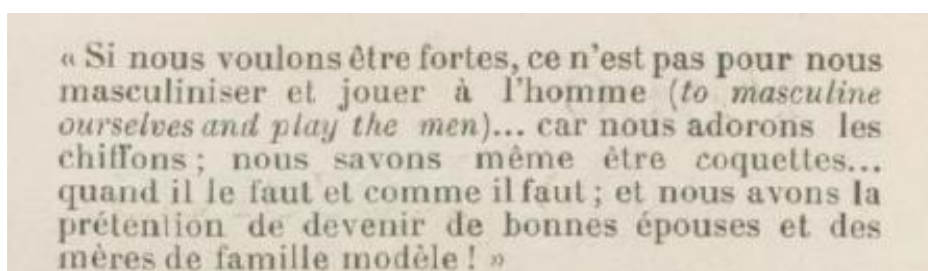
Figura 17 - Capa da revista: *La vie au grand air*, 1899



Fonte: LA VIE AU GRAND AIR, 1899, p. 580.

Além da representatividade das mulheres na capa principal, a edição trazia uma reportagem sobre o centro de formação de Madame Bergman-Österberg, chamado pelo repórter esportivo, Paul Manoury, de *Physical Culture College*. Espantado com a seriedade e a qualidade do trabalho da *Hampstead Physical Training College*, Manoury não economizou elogios, reclamando aos leitores e leitoras a importância da instituição, da metodologia e dos conteúdos ensinados.

Ricamente ilustrada com nove fotos, algumas com enquadramento amplo que era uma das particularidades da *La vie au grand air*, a matéria de Manoury (1899) foi o resultado de entrevistas com as impressões que havia tido ao visitar a instituição. O ineditismo da *Hampstead* se misturava com a reiteração, tanto por parte do jornalista quanto da parte de Madame Bergman-Österberg e algumas alunas, de enunciados que reforçavam o alinhamento às representações tradicionais, as formações educacionais eram dedicadas às mulheres da burguesia e em respeito aos valores dessa classe social. Rejeitando uma possível “masculinização” e tentando suavizar qualquer ameaça ao domínio “natural” dos homens nos esportes, uma das alunas fazia a seguinte afirmação:

Extrato 35 - Revista La vie au grand air, 1899

Fonte: MANOURY, 1899, p. 587.¹³²

Para Vigarello & Holt (2008), o casamento e a vida familiar eram as “carreiras” da maioria das mulheres das classes alta e média europeia, quando praticavam esportes ou competiam, muitas estavam menos interessadas em expor suas aptidões atléticas e mais ansiosas para que pudessem ser vistas e, talvez, escolhidas por algum pretendente. Esportes considerados refinados e civilizados, como o tênis, o críquete e o crôquete, se transformavam em espaços de sociabilidade importantes no jogo da conquista. Neles, o domínio dos homens e as expressões tradicionais de masculinidade não deveriam ser ameaçados, consequentemente, algumas mulheres fortes e atléticas negociavam com a política de gênero dissimulando capacidades físicas, disfarçando estéticas corporais, regulando os usos das habilidades físicas e técnicas, ao mesmo tempo que ratificavam que o domínio daquele esporte era masculino. A título de exemplo, o texto abaixo revela essa negociação de gênero, quando Madame Bergman-Österberg criticava os privilégios dos homens nos esportes, conclamava a participação das mulheres, exaltando a superioridade física “natural” dos homens.

Extrato 36 - La vie au grand air, 1899

Fonte: MANOURY, 1899, p. 586.¹³³

¹³² “Se nós queremos ser fortes, não é para nos masculinizar e jogar ao estilo dos homens (masculinizar nós mesmas e jogar como os homens)... porque nós adoramos os tecidos; nós sabemos mesmo ser vaidosas... quando e como é necessário; e nós temos a pretensão de nos tornarmos boas esposas e mães de família modelo!” (MANOURY, 1899, p. 587 – tradução livre).

¹³³ “— Por que as mulheres seriam privadas do prazer dos esportes? Os homens têm privilégios suficientes sem ter que nos negar a felicidade e os bons efeitos que esses esportes oferecem. — De resto, nós não temos

Apesar do receio que pudessem ser preteridas no plano dos cortejos, algumas mulheres vitorianas, predominantemente das classes alta e média, não jogavam apenas para serem vistas, elas levavam as competições à sério, buscavam aperfeiçoar os golpes, treinavam os deslocamentos e insistiam na melhoria das suas capacidades físicas e técnicas. Um caso clássico foi o da atleta britânica Charlotte Dod, conhecida como Lottie Dod, que, entre 1886 a 1908, venceu várias competições de diferentes modalidades esportivas (golfe, tiro com arco, hóquei e tênis) (LAYDEN, 1997).

Lottie Dod, conhecida como “a pequena maravilha” (VIGARELLO & HOLT, 2008, p. 455), vinha de uma família rica que a incentivava a estudar e a praticar esportes e atividades físicas. Aos quinze anos, Lottie Dod espantou o campo esportivo por duas vezes. Primeiro, porque venceria as competições de tênis na modalidade simples de Wimbledon em 1887 e, segundo, porque vestiria um uniforme escolar – saia plissada, camisa branca e mangas bufantes –, como se fosse uma vestimenta esportiva. Comportamento que só lhe foi permitido porque a comissão organizadora entendeu que a competidora era uma estudante, desse modo, as vestimentas estavam condizentes com a sua situação (LAYDEN, 1997). Esse modelo colegial, depois se tornaria tendência nos uniformes para as competições de tênis para as mulheres.

Lottie Dod, ganhou competições de tênis, tiro com arco (arco e flecha), hóquei, golf e ainda praticou o esqui, era uma mulher que possuía “[...] um perfil incomum e não era considerada como um modelo a imitar pelas moças da classe média. [...] Para uma moça, era, aliás, mais importante ser graciosa e sedutora numa quadra do que jogar bem” (VIGARELLO & HOLT, 2008, p. 455-456). Mesmo que se alinhasse às expressões de feminilidades tradicionais a partir da sua vestimenta, pelo apelido de caráter diminutivo e infantilizado, os comportamentos aguerridos e as vitórias afastavam Lottie Dod do que a ordem social do gênero previa para as mulheres ao final do século XIX. Um dos problemas para as atletas era lidar com as exigências físicas, técnicas e táticas do esporte e, concomitantemente, corroborar as normas de gênero. Nas palavras de Louveau (2007), “Fazer parecido é mais fácil que ser e se mostrar igual” (p. 64 – tradução livre).

tantas necessidades como eles de adquirir força e saúde através de exercícios e jogos racionais [ponderados]? *Mens sana in corpore sano* é especialmente necessário para as frágeis criaturas que somos, mais do que para os robustos que vocês são!” (MANOURY, 1899, p. 586 – grifos no original, tradução livre).

Figura 18 - A atleta britânica Charlotte Dod (Lottie Dod) [s.d.]



Fonte Tennis Fame Hall¹³⁴

1.7 Sobrevivência, reclusão e comedimento: princípios da cultura corporal da mulher brasileira no século XIX

A transmigração da família real portuguesa em 1808, trouxe mais do que um contingente enorme de pessoas, ela trouxe um projeto civilizatório europeu com adaptações coerentes à cultura portuguesa. A instalação da corte portuguesa transformou a cidade do Rio de Janeiro na metrópole da América portuguesa e promoveu mudanças arquitetônicas, econômicas, sociais e culturais profundas na tessitura da sociedade brasileira. Particularmente, nas quatro grandes cidades da época, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Salvador, a elite portuguesa copiava, adaptava e valorizava o *habitus* europeu, sobretudo os costumes, os valores, os comportamentos, os gostos que ingleses,

¹³⁴ Disponível em: <https://www.tennisfame.com/hall-of-famers/inductees/lottie-dod> Acesso em: 04 nov. 2020.

franceses, holandeses disseminavam através das trocas culturais e comerciais (BARREIRO, 2002). Porém, muitas das mudanças promovidas pela vinda da corte portuguesa não chegavam às classes sociais mais baixas que eram compostas por homens e mulheres brancas, negros e negras libertas, indígenas e mestiços. Esse grupo, segundo Kidder *apud* Barreiro (2002, p. 54), vivia “[...] ‘Deus dará’. Suas necessidades são poucas e simples, conforma-se em geral, à produção espontânea da natureza”.

Ainda que eminentemente agrário e extrativista, com uma economia que se estruturava no ato de escravizar povos africanos e indígenas, o Brasil, das primeiras décadas do século XIX, era um “mundo”, um possível eldorado, que levantava curiosidades e esperanças. Por isso, recebia a visita e muitas vezes se tornava o destino de imigrantes europeus que traziam na bagagem suas próprias culturas corporais e o gosto pelas práticas corporais, muitas delas já acostumadas com a presença das mulheres. Condição que favoreceu, ainda que timidamente, a constituição de um *habitus* esportivo em partes da burguesia brasileira. Processo que foi, contudo, lento, dado que a sociedade brasileira se estruturava e funcionavam a partir de uma divisão sexual do trabalho que, para as mulheres, se baseava nos quatro “cês”, “casar, conceber, criar e cuidar”, como já foi exposto anteriormente.

Presenciamos ainda nesse período o nascimento de uma nova mulher nas relações da chamada família burguesa, agora marcada pela valorização da intimidade e da maternidade. Um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível. (D’INCAO, 2015, p. 223).

Muitas vidas, muitas vivências e variadas experiências, a situação social das mulheres no Brasil do século XIX, possivelmente só se assemelhava em um aspecto. A saber, tanto para as mulheres da burguesia quanto para as das classes mais baixas, ambas, em alguma medida, viviam dentro de um sistema de dominação masculina e patriarcal. Ao passo que as mulheres da elite viviam, até o final do século XIX, dentro de um regime de reclusão, sendo preparadas para o casamento e a maternidade, as mulheres das classes mais baixas tentavam sobreviver entre o que a moralidade da época rezava e as necessidades básicas de sobrevivência, dentre elas a proteção das suas vidas frente às perniciosas investidas dos homens (D’INCAO, 2015, FONSECA, 2015, SOIHET, 2015).

A mulher pobre, cercada por uma moralidade oficial completamente desligada da sua realidade, vivia entre a cruz e a espada. O salário minguido e regular do seu marido chegaria a suprir as necessidades domésticas só por um milagre. Mas a dona de casa, que tentava escapar à miséria por seu próprio trabalho, arriscava sofrer o pejo da ‘mulher pública’. (FONSECA, 2015, p. 516).

George Gardner, médico e botânico britânico que esteve no Brasil em 1836, escreveu uma série de relatos sobre a geografia, a economia, os hábitos, os comportamentos, a alimentação, as relações sociais no Brasil Império. Numa de suas observações, Gardner (1942 [1849]) criticou como as mulheres da elite viviam reclusas, sedentárias e como elas não se deslocavam pelas ruas e eram ausentes em eventos realizados em ambientes abertos.

Extrato 37 - Viagens no Brasil: principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841, 1942 [1849]

VIAGENS NO BRASIL

11

As mulheres são geralmente pequenas e, quando moças, bastante atraentes; mas com o correr dos anos se tornam quase todas mui corpulentas, porque, bem alimentadas, fazem pouco exercício. No Rio e em outras grandes cidades sempre aparecem às visitas de estranhos, mas isto não se dá quase nunca no interior, onde elas continuam esquivas, embora de grande curiosidade. Passei às vezes uma semana toda em casas onde sabia que havia senhoras, sem jamais ver delas senão os olhos negros que espiavam nas frinchas das portas dos aposentos internos.

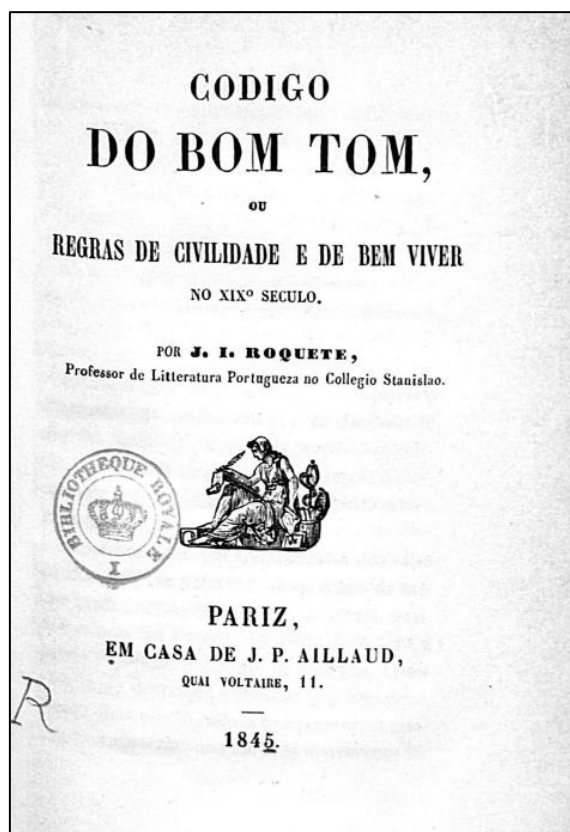
Fonte: GARDNER, 1942 [1849], p. 11.

Na mesma década que Gardner publicava sua obra, fazia-se circular entre a elite brasileira, assim como ocorria na Europa, guias de boas maneiras, sob sugestivos títulos como “Código do Bom Tom” ou “Regras do Bem-viver”. Esses guias faziam parte da educação e do adestramento dos hábitos da elite escravocrata, mas ficaram ainda mais conhecidos e operantes após a Independência do Brasil, quando a burguesia buscou suprir a vacância deixada pela Corte Portuguesa e porque o país desejava obter o reconhecimento internacional.

Em uma dessas ferramentas civilizatórias, sob o título de *Código do bom tom ou regras de civilidade e de bem viver no XIX século (1845)*, de autoria de José Inácio Roquete, um professor de literatura portuguesa, letrado na etiqueta francesa, que segundo ele, se devia à sua vivência em Paris por 10 anos, após ficar viúvo e lá ter educado seus

dois filhos. Uma educação que Roquete (1845) reforçava, não deveria ser igual para os sexos, pois, “Entre os dous sexos nada deve haver de comum senão as virtudes moraes” (ROQUETE, 1845, p. 159).

Figura 19 - Contracapa da obra: Código do bom tom ou regras de civilidade, 1845



Fonte: ROQUETE, 1845, p. 468.

Pelos enunciados de Roquete (1845), as regras para os homens deveriam ser mais flexíveis e voltadas para a construção de alianças externas. Os jovens burgueses e aristocratas eram educados para as relações sociais, para que operassem produtivamente nos campos comerciais, políticos, educacionais e que garantissem o progresso e a ordem da sociedade brasileira. Já as regras para as mulheres burguesas insistiam na conformação, contenção e utilidade, os bons modos e o refinamento serviam para valorizar os apelos da feminilidade, incentivar que as vivências fossem moderadas e que suportassem – sustentar e aceitar –, as vidas privadas e públicas dos seus maridos. Pelos ideais de Roquete (1845), o homem vivia para a expansão e a construção de relações, e a mulher vivia para o suporte e a contenção.

Conquanto houvesse menções à necessidade da prática de exercícios, cuidados com a higiene, a manutenção da saúde e a importância sobre divertimentos refinados em

espaços abertos para os homens, o manual de Roquete (1845), não fazia nenhuma menção às práticas corporais (recreacionais ou de cuidado com o corpo) para as mulheres, exceto quando se detinha na conveniência da dança e dos trabalhos manuais para o sexo frágil. Pelo manual, aos homens Roquete aconselhava:

Extrato 38 - Práticas corporais e conselhos para os homens jovens no Código do bom tom ou regras de civilidade, 1845

Aproveita o tempo da mocidade para dares grandes passeios a cavallo, ou a pé, dansares, fazeres exercicios gymnasticos, jogares a pella, a bola, a barra, para nadares, ires á caça e á pesca; porém não desprezes os estudos sedentarios, que de necessidade serão um dia tua unica occupação. Prevê que virá um dia em que a força e a agilidade te abandonarão; se não tiveres cultivado tua intelligencia e não tiveres amor á leitura, serás aborrido a ti mesmo e insupportavel aos outros: é grande necedade deixar-se surprehender pelo tempo, e os moços frivolos e estonteados tornão-se velhos insipidos e rabugentos. Corre a vida do homem tão

Fonte: ROQUETE, 1845, p. 468.

E para as mulheres, Roquete avisava:

Extrato 39 - Regras para as moças no Código do bom tom ou regras de civilidade, 1845

— 389 —
Se o desejo de tomar ar, ou de colhêr uma flor, desejo mui innocente e mui proprio da tua idade, te fizer sair da sala, não te affastes muito para longe das janellas, de modo que todos possam ver o que fazes, e ouvir o que dizes. Muito desejo, minha filha, que não tomes um certo ar pensativo e estasiado, que fica muito mal ás donzellas, e ainda mesmo ás senhoras casadas, pelo que se fazem dignas de censura, sendo a menor a de merecerem o nome de *romanticas* ou *romanescas*. Quem quer meditar recolhe-se ao seu quarto, ou a uma solidão.

Fonte: ROQUETE, 1845, p. 389.

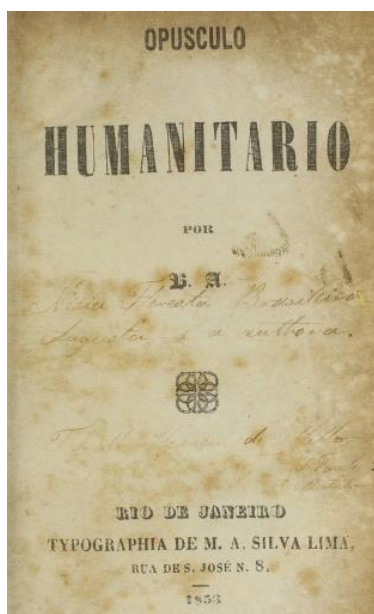
O cenário da sociedade brasileira na primeira metade do século XIX não parecia favorável às mulheres em relação às práticas corporais. Todavia, documentos históricos (diários, cartas, literatura, revistas e jornais, etc.) apontam a existência de uma tessitura social altamente complexa, hierarquizada (classe social, raça/etnia) e muito instável. Ao

passo que as historiadoras e historiadores conseguiram construir descrições muito próximas da realidade da elite brasileira, poucos foram os documentos que descreveram especificamente a vida cotidiana que não os diários de viagem, matérias jornalísticas, documentos cartoriais, etc.

Apesar da falta de dados sobre o cotidiano da população pobre, negra e indígena, as análises apresentam a existência de uma infinidade de micropoderes e de resistências, fosse em relação às mulheres e os usos que davam aos seus corpos ou das pessoas escravizadas, indígenas e pobres. Melo & Schetino (2009) sustentam que, apesar de não existir evidências claras de movimentos feministas organizados, na transição entre os séculos XIX e XX, os jornais e revistas da época já utilizavam termos como “feminista” ou “feminismo”, revelando as influências europeias e estadunidenses em terras tupiniquins.

Entre as resistências, Nísia Floresta, uma das mais importantes feministas brasileiras do século XIX, educadora, escritora e poetisa, denunciava na sua obra *Opúsculo humanitário* de 1853, a situação da mulher brasileira e reivindicava o papel da educação como uma ferramenta de extrema importância para a emancipação feminina. Uma demanda semelhante da que já ocorria no seio do movimento sufragista inglês.

Extrato 40 - Capa e ode ao levante feminino no *Opúsculo humanitário*, 1853



Em quanto pelo velho e novo mundo vai
resoando o brado—emancipação da mulher—
nossa debil voz se levanta, na capital do im-
perio de Santa Cruz, clamando— educae as
mulheres !

Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados !
governo, que vos dizeis liberal ! onde está a
doação mais importante dessa civilização, des-
se liberalismo ?

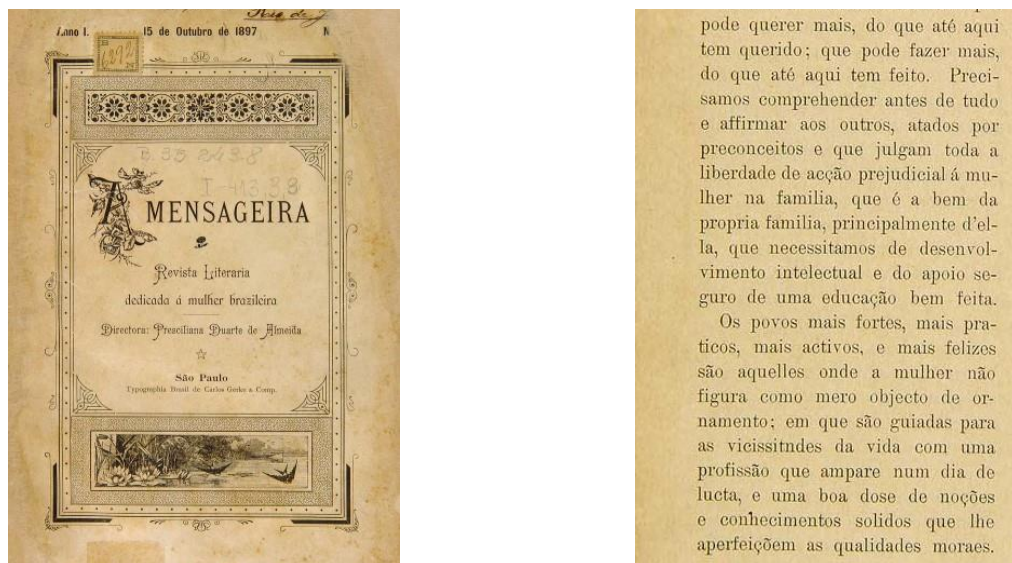
Em todos os tempos, e em todas as nações
do mundo, a educação da mulher foi sempre
um dos mais salientes característicos da civi-
lização dos povos. Na Asia, esse berço mara-

Fonte: FLORESTA, 1853, p. 3.

Quarenta e quatro anos depois, em outubro de 1897, um ano após a primeira edição dos Jogos Olímpicos, a subalternização das mulheres, denunciada por Nísia

Floresta em 1853, não parecia ter mudado. Num periódico chamado *A Mensageira*. *Revista literária dedicada á mulher brasileira*, sua diretora, Presciliana Duarte Almeida, aclamava a existência de um tipo de prontidão das mulheres brasileiras – certamente, mulheres da elite e da classe média –, para a luta por melhorias na educação e na forma como a sociedade às compreendiam e tratavam.

Extrato 41 - Capa e extrato da Revista A Mensageira, 15/10/1897



Fonte: ALMEIDA, 1897, p. 3.

Enquanto as constrições sociais operavam com mais eficiência nas mulheres burguesas, José Carlos Barreiro (2002), ao analisar através de cartas, diários e outros escritos o imaginário dos viajantes no Brasil do século XIX, constatou que o cenário do cotidiano brasileiro, especialmente das classes mais baixas, era repleto de atividades e práticas corporais, heranças dos povos africanos e indígenas. Danças, jogos musicados e rodas conviviam com práticas corporais utilitárias como o nado, os tiros com arco e a canoagem, e, também, com o teatro que era usado para a aculturação e a catequização da população escravizada e indígena.

Como observou Barreiro (2002), exceto para o caso do teatro, as outras práticas corporais enfrentavam resistências por parte da elite brasileira, o que não impedia que existissem e fossem praticadas nos entremeios das interdições. Aliás, as mulheres das classes sociais mais baixas, por viverem em um regime de controle distinto das mulheres da elite, tendiam a participar com mais frequência das danças, jogos musicados e rodas, gozando de uma liberdade corporal interdita às mulheres e moças da burguesia escravocrata.

A formação social do povo brasileiro trazia uma outra particularidade, a estética do corpo, na forma de se movimentar e se apresentar, simbolizava o posicionamento social do indivíduo. Os músculos salientes, torneados e a pele bronzeada, apreciados nos nossos dias, confessavam o pertencimento às classes mais baixas e interditava o acesso aos espaços de poder. Por consequência, a elite escravocrata, pelo menos até o final do século XIX, não estimava as práticas corporais que não estivessem relacionadas às festas santas ou que não fossem utilitárias como a cavalaria. Situação que começou a mudar quando o noticiário começou a informar que alguns métodos de exercícios físicos (ginástica) estavam sendo utilizados por países europeus para o fortalecimento da saúde e a correção de problemas posturais. De outro modo, os filhos das famílias burguesas que haviam estudado na Europa e que retornavam traziam para o país o gosto da aristocracia por recreações e esportes refinados, úteis para a formação de indivíduos “distintos”, competitivos e empreendedores como era o caso dos ingleses e como era o desejo de ser da aristocracia brasileira (MELO, 2011, 2007).

Com efeito, foi mediante um processo de assimilação que o Brasil incluiu oficialmente a prática da ginástica para homens no currículo escolar em 1851 (KNIJNIK, 2003, p. 59). Já as mulheres da burguesia e da classe média só começaram a entrar em contato com a ginástica, dentro da educação formal, no final do século XIX. O primeiro livro sobre a educação física no Brasil, enunciava já no título qual seria o público a ser atendido: *Tratado de Educação Física: moral dos meninos*¹³⁵, Joaquim Jerônimo Serpa (1828) (KNIJNIK, 2003).

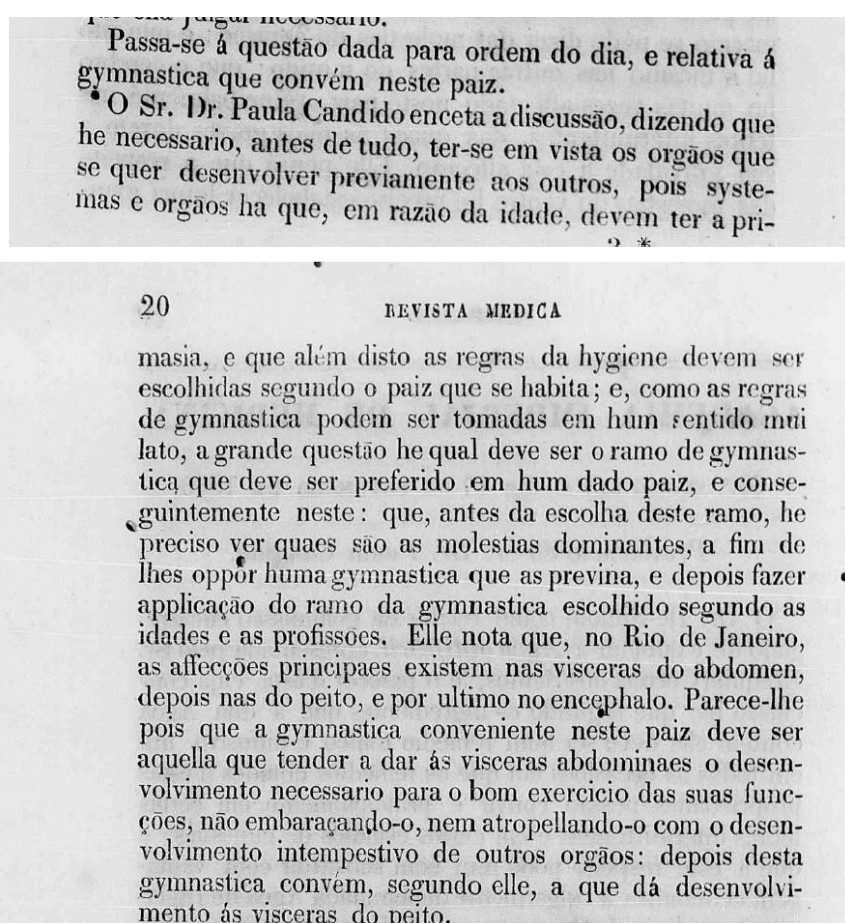
A partir da metade do século XIX é possível encontrar discussões sobre os benefícios, malefícios ou que tipo de ginástica, se seria o método geral ou o método alemão, se a prática deveria ser implantada no sistema educacional brasileiro, se deveria ser prescrita para todos e todas. No que concerne aos esportes, diferentemente de alguns países europeus, eles foram incluídos progressivamente nas aulas de educação física, o que tornou nosso currículo mais eclético e diversificado (MELO, 2007). Apesar disso, era a ginástica o método de exercício que causava menos estranheza e desconfiança, dado que os esportes, ainda pouco conhecidos, ainda eram vistos como passatempos, com

¹³⁵ Tentei de todos os modos encontrar a digitalização dessa obra, mas não obtive sucesso. Essa tentativa se junta às outras, igualmente fracassadas, de encontrar documentos históricos no Brasil. Infelizmente, nosso país não conta com uma política forte e estável de digitalização e disponibilização sem restrições dos acervos históricos das nossas bibliotecas, o que dificulta muito as pesquisas e que parece promover um círculo vicioso de citações advindas sempre dos mesmos livros, obras e artigos, escritos por pesquisadores e pesquisadoras que tiveram acesso aos documentos originais, e, consequentemente, um excesso de “apud” o que enfraquece novas leituras e interpretações.

pouca função pedagógica e, às vezes, arriscados demais para serem tomados como conteúdo na formação educacional (MELO, 2007).

Mas que ginástica deveria ser ensinada? Quais benefícios deveriam ser esperados da sua prática? Quais perigos a prática poderia oferecer? Esses e outros questionamentos pautavam as discussões de profissionais da medicina, cujos regimes de verdades, seguramente, tiveram grande impacto na constituição da cultura corporal brasileira. Na 60ª Sessão Geral da Academia Imperial de Medicina, realizada no Rio de Janeiro em 17 de setembro de 1840, se discutia sobre os benefícios e malefícios da ginástica:

Extrato 42 - Revista Médica Brasileira - Jornal da Academia Imperial de Medicina, 1841



Fonte: REVISTA MÉDICA BRASILEIRA, 1841, p. 19-20.

O esporte moderno, nos moldes do que vimos nascer na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, demorou um pouco para desembarcar no Brasil. Foi com a Independência do Brasil, em 1822, que o país começou a se abrir às influências estrangeiras, buscando reconhecimento e ansiando pertencer ao “mundo civilizado”, cujos modelos eram dados de um lado pela Inglaterra e sua burocracia e sagacidade

comercial, e, por outro, pela cultura e refinamento franceses¹³⁶, sinônimos à época de “civilização” (ELIAS, 2004).

Entre 1822 a 1850, pouco se praticava no Brasil que pudesse ser chamado de “esporte moderno”, institucionalmente organizado, com calendários próprios, corpo técnico especializado ou em vias de especialização, geração de um contingente de apreciadores (MELO, 2007, p. 68). Porém, isso não significa que outras práticas corporais, não estivessem presentes no cotidiano da gente brasileira, algumas delas, inclusive, eram praticadas nos moldes dos “esportes antigos” em rituais, com fins utilitários ou guerreiros. Corridas de cavalo, corridas de canoas, natação, corridas e caminhadas, esgrima, arco e flecha, artes circenses, luta e equitação (pelo adestramento de animais e touradas), já eram realidade no cotidiano brasileiro das primeiras décadas do século XIX (MELO, 2007).

A partir da década de 1850, matérias e anúncios, presentes na Gazeta de Notícias, publicada no Rio de Janeiro, revelam que o turfe, a ginástica – escolar e circense –, a natação, esportes “atléticos ingleses” – corridas e saltos –, a esgrima, festivais de ginástica, vão se tornando comuns no cenário brasileiro. Embora a ginástica fosse ensinada sobretudo para os meninos, o conteúdo começa a ser visto como vantajoso para as meninas, desde que fosse acompanhado de sólida educação moral. O circo e exposições equestres e zoológicas faziam propagandas de espetáculos com acrobacias nos quais a presença das mulheres não era uma exceção (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1877).

A italiana Maria Spelterini, primeira mulher a atravessar as cataratas do Niágara caminhando sobre uma corda, estava em tournée pela América do Sul e realizou espetáculos na cidade do Rio de Janeiro. Em uma das suas performances, realizada no dia 06 de setembro de 1877, Spelterini teria impressionado a plateia com suas perigosas evoluções funambulescas, habilidades físicas e pela sua feminilidade, qualidades que, segundo o extrato abaixo, teriam encantado um dos espectadores, ansioso para cortejá-la.

¹³⁶ A influência francesa é nítida até mesmo na estilística das dissertações e teses das faculdades de medicina, constantemente seus autores utilizam de expressões em francês na escrita dos seus trabalhos. Com 576 teses, defendidas entre 1821 a 1852, o site abaixo ratifica minha percepção. Disponível em: <http://hpcs.bvsalud.org/vhl/temas/historia-saberes-medicos/teses-medicas/> Acesso em: 22 dez. 2019.

Extrato 43 - Maria Spelterini, Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 1877

SPELTERINI

Exhibiu ante-hontem os seus perigosos trabalhos na corda, esta celebre funambula, digna deveras da admiração que produz pelo arrojado e firmeza com que executa os seus exercicios.

O publico sympathizou com a gentil acrobata assim que ella appareceu no circo.

A attenção fixou-se n'ella não só pela belleza das suas formas esbeltas e airozas como pela intrepidez e graça de que deu sobejas provas nos varios trabalhos que executou no meio de geraes applausos.

A concurrencia era immensa e maior do que permite a lotação do edificio.

Entre os espectadores notava-se um moço allemão que ha uns poucos d'annos se apaixonou pela corajosa gymnastica, e cuja mão pretende, mas que não lhe será concedida senão no dia em que elle tiver animo de ir fazer o pedido em regra.... em cima da corda.

Fonte: GAZETA DE NOTÍCIAS, 1877, p. 2.

Os povos que foram escravizados lutavam por próprias sobrevivências e para manter suas culturas, seus ritos, suas crenças, suas culturas corporais. Antônio L. C. Pires (2012), argumenta que a capoeira, perseguida desde o século XVIII, cujas raízes vinham dos povos bantos da África centro-ocidental, ganhou novos significados e participou da construção identitária e da resistência de negros e negras no Brasil. Por seu caráter “transgressivo” e porque dotava seus/suas praticantes de capacidades e habilidades físicas ameaçadoras à ordem escravagista, a capoeira favorecia a formação de “[...] grupos e interferiram nas relações de poder no espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro, nas relações entre escravos e senhores e entre os próprios escravos” (PIRES, 2012, p. 283). Dessa maneira, a prática que era perseguida por ser delituosa, foi alçada à condição de criminosa no Código Penal de 1890 (PIRES, 2012, p. 285), o que confluiu para uma enorme quantidade de detenções, especialmente na cidade do Rio de Janeiro, noticiadas diariamente nos jornais da época.

Apesar da prática da capoeira ter sido mais frequente entre homens, algumas mulheres foram presas porque executavam, segundo a letra do código penal, “movimentos de agilidade”, “se agrupavam e corriam”, “praticavam desordens” e “utilizavam de armas” (PIRES, 2012, p. 285). Um dos jornais de circulação diária no Rio de Janeiro, o Gazeta de Notícias de uma terça-feira, 29 de fevereiro de 1878, na sua seção intitulada “Occorrencias da rua”, anunciava a prisão de três mulheres que haviam “engalfinhado em puros e genuínos exercícos de capoeiragem”.

Extrato 44 - Detenção de mulheres capoeiras, Gazeta de Notícias, Brasil, 1878

Ora que haja capoeiras homens vá que seja... mas que a seita conte em seu gremio capoeiras mulheres, isso é o que dá para scismar!

Como quer que seja a policia teve de prender, ante-hontem á noite, as Sras. DD. Isabel Maria da Conceição, vulgo *Néné*, Anna Maria de Andrade e Deolinda (esta ultima escrava do Dr. Bandeira de Gouvêa), que se haviam engalfinhado em puros e genuinos exercicios de capoeiragem!!

Eis explicada a razão porque as capoeiras brotam com tamanha fertilidade... Se elles já nascem capoeiras das capoeiras mãis!...

Oh! raça endiabrada!

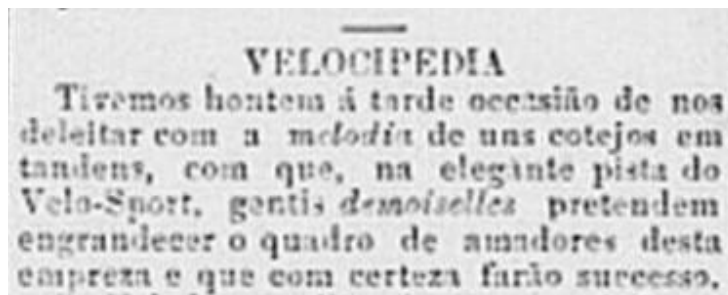
Fonte: GAZETA DE NOTÍCIAS, 1878, p. 1.

Outra prática corporal, mas que era vinculada à burguesia era o turfe, um dos primeiros “esportes” a se estruturar no Brasil (MELO, 2011, 2007). A relação histórica da cultura portuguesa com a cavalaria para o lazer, fins militares ou como meio de transporte, acenou positivamente para a emergência do turfe em algumas cidades brasileiras a partir de 1850 (MELO, 2007). Como os espaços de sociabilização e construção de alianças já não se limitavam aos bailes, teatros e saraus, os eventos de corridas de cavalo eram, para as mulheres da elite, momentos para serem vistas, apreciadas e consideradas. Considerados como divertimentos refinados, utilizados para reforçar a posição social, as corridas de cavalo promoviam momentos de liberdade e evidenciavam a presença feminina nas competições. De certa maneira, ao permitir a presença das mulheres, esses eventos abrandavam as constrições e reinstituíam novas leituras sobre o público e o privado, alterando a dinâmica da situação social das mulheres na última metade do século XIX (MELO, 2011; MELO & SCHETINO, 2009).

A prática do esporte moderno pelas mulheres brasileiras, sustentam Melo & Schetino (2009), Quitzau (2017), Melo (2011, 2007) e Goellner (2005b), só se tornaria mais frequente e mais sistematizada a partir das primeiras décadas do século XX, pois antes, “[...] a estrutura extremamente conservadora da sociedade não permitia às mulheres grande participação em ambientes sociais, dentre eles o esportivo, uma vez que eram criadas para serem esposas e mães” (GOELLNER, 2005b, p. 88). Numa dessas participações extraordinárias, Melo (2007, 2011) relata que, em 1897, num recém-inaugurado velódromo (chamado à época de belódromo) na cidade do Rio de Janeiro, ocorreu uma competição feminina na qual as jovens, em duplas, pedalavam numa

bicicleta do tipo “tandens”, que é um modelo de bicicleta no qual duas ou mais pessoas podem pedalar juntas.

Extrato 45 - Participação de mulheres brasileiras em competições de ciclismo, 1897



Fonte: JORNAL DO BRASIL, 1897, p. 2.¹³⁷

Para finalizar, dois pontos precisam ser expostos, o primeiro se refere ao domínio masculino e patriarcal da sociedade brasileira do século XIX, condição que transformou a história das mulheres nas práticas corporais, suas lutas e resistências um campo com pouca documentação que verse diretamente sobre o assunto. São poucos os relatos escritos por mulheres, e mesmo quando elas definiam o teor dos seus textos, era difícil não serem influenciadas pela visão da conjuntura social na qual viviam as mulheres do seu tempo. Ademais, as narrativas foram ainda mais prejudicadas quando a interlocução se dava através das classes sociais mais baixas e em relação à raça/etnia.

O segundo ponto, é que o olhar aqui apresentado sobre a história das mulheres brasileiras no esporte é frágil e localizado. Frágil por não representar toda a complexa constituição e as lutas das mulheres brasileiras na conquista do direito ao uso dos seus corpos; localizado, porque a tessitura da formação brasileira é uma das mais ricas e complexas do mundo, dado o processo escravista, o racismo e o pouco capital das classes sociais mais pobres. Como já foi dito anteriormente o cotidiano das mulheres negras, indígenas e/ou pobres, possivelmente nos apresentaria um quadro distinto do que foi apresentado nesta tese, mais complexo e resiliente.

¹³⁷ “VELOCIPEDIA – Tivemos hontem á tarde occasião de nos deleitar com a melodia de uns cotejos em tandens, com que, na elegante pista do Velo-Sport, gentis demoiselles pretendem engrandecer o quadro de amadores desta empreza e que com certeza farão sucesso” (JORNAL DO BRASIL, 1897, p. 2).

CAPÍTULO II

O reestabelecimento dos Jogos Olímpicos, patronagens e racionalidades no esporte: séculos XIX e XX

Métis é a “sabedoria, a prudência”. O sânscrito tem mātih, e o latim, metīri, “medir”, no sentido físico e moral. Foi a primeira esposa ou amante de Zeus e foi ela quem lhe deu uma droga, graças à qual Crono devolveu todos os filhos que havia engolido. Tendo ficado grávida, Úrano e Géia revelaram a Zeus que Métis teria uma filha e mais tarde um filho que o destronaria, como ele próprio fizera com o pai Crono. A conselho de Géia ou da própria esposa, Zeus a engoliu e no tempo devido nasceu Atená, das meninges do deus.

Junito de Souza Brandão (Mitologia Grega, v. 1, 1996, p. 266).

2.1 Aqui e acolá, as mulheres sempre estiveram lá nos jogos e práticas corporais da antiguidade

Conta a história que Lycurgus ou Licurgo, um importante legislador da *polis* de Esparta, que viveu por volta do século VIII a.C, quando inquirido sobre a instrução física compulsória que a sociedade espartana dava às suas jovens, teria respondido que as “mães fortes produzem bebês fortes que, por conseguinte, se tornam soldados fortes” (YOUNG, 2004, p. 116 – tradução livre). A prática, vista pelos atenienses, que mantinham relações pouco amistosas com Esparta, como nociva e funesta, mesmo que fosse intensa, parecia proporcionar uma liberdade que faltava às mulheres de Atenas.

As espartanas não eram obrigadas a viver com seus maridos, o treinamento físico para as jovens era compulsório e as mães deveriam transferir para os instrutores militares a responsabilidade pela criação dos filhos quando eles completavam 7 anos (YOUNG, 2004). Na prática, as mulheres espartanas, ao menos no que concernia à criação dos meninos, se libertavam do destino de muitas mulheres de outras culturas e outras épocas. Com mais tempo “livre”, algumas espartanas se empenhavam em outros afazeres como a criação, domesticação e corridas com cavalos para a participação nos Antigos Jogos Olímpicos, mesmo que as regras não as permitissem ser competidoras (YOUNG, 2004; GUTTMANN, 2004).

David C. Young (2004) conta que nos anos de 396 e 392 a.C., a espartana Kyniska foi a grande campeã das corridas de carroça com quatro cavalos, uma das provas mais célebres dos Antigos Jogos Olímpicos. Nessas competições o campeão ou campeã era o

dono ou a dona das carroças e dos cavalos e não necessariamente o/a condutor/a. As vitórias de Kyniska, dona de carroças e cavalos, foram tão importantes que as escavações arqueológicas na antiga cidade de Olímpia, iniciadas no século XVIII, revelaram que existia naquele sítio uma estátua em bronze em homenagem a Kyniska, assentada sobre uma base em mármore com os seguintes dizeres: “Os reis de Esparta são meus pais e irmãos. Eu, Kyniska, ganhando com minha carroça e meus cavalos velozes, ergui essa estátua. Eu declaro que sou a única mulher de toda a Grécia a levar essa coroa¹³⁸” (KYNISKA, 396-392 a.C. *apud* YOUNG, p. 113 – tradução livre).

Imagem 3 - Base da estátua de Kyniska de Esparta, 396-392 a.C.



Fonte: Museu Odysseus Culture¹³⁹

Depois de Kyniska, outras três mulheres ganharam competições nas provas de corridas com carroças puxadas por quatro e dois cavalos, foram elas: a espartana Eurylenois por volta de 366 a.C., a macedônia Bellistiche nos anos de 268 e 264 a.C., e Theodota de Elis, campeã nos dois últimos séculos a.C. (YOUNG, 2004). Além das participações nos Jogos Olímpicos da Antiguidade, as gregas também participavam de um outro evento, um festival chamado Heraia em homenagem a deusa Hera e realizado a cada quatro anos, no qual eram realizadas corridas entre as jovens (YOUNG, 2004).

O filósofo grego Lúcio Méstrio Plutarco (*apud* YOUNG, 2004) relatava que as espartanas, além de correr, às vezes lutavam entre si, em eventos que eram precedidos por marchas (paradas), nas quais as atletas, assim como faziam os homens, desfilavam

¹³⁸ “The kings of Sparta are my fathers and brothers. I, Kyniska, winning with my chariot and swift horses, have set up this statue. I declare that I am the only woman from all Greece to take this crown.” (KYNISKA, 396-392 a.C. *apud* YOUNG, 2004, p. 113).

¹³⁹ Disponível em: http://odysseus.culture.gr/h/4/eh430.jsp?obj_id=11021 Acesso em: 20 out. 2020;

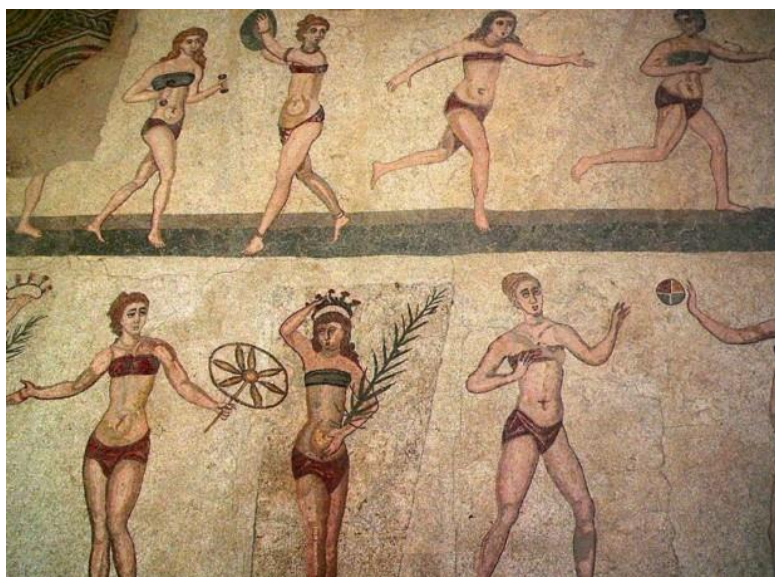
nuas. A nudez, segundo o filósofo, não era vergonhosa, porque nos desfiles prevalecia a modéstia e não a intemperança, sendo inclusive, uma forma que a sociedade espartana tinha para provocar nos jovens o desejo sexual e, conseqüentemente, aumentar o interesse pelo casamento e a reprodução (YOUNG, 2004; GUTTMANN, 2004).

Sobre as competições, achados arqueológicos têm revelado que as mulheres não só participavam de alguns contestes na Grécia Antiga, como seus feitos eram muito celebrados, inclusive por suas famílias. Isso ficou comprovado quando foram encontradas evidências de uma escultura, composta de três estátuas que teriam sido erigidas sob o mando de Herrmesianax em homenagem às suas três filhas (Tryphosa, Hedeia e Dionysia), vencedoras de competições em festivais na Grécia Antiga no século I d.C. (YOUNG, 2004; GUTTMANN, 2004).

Além dessas mulheres, o geógrafo e viajante grego Pausanias discorria sobre um fato que aconteceu nos Jogos Olímpicos, quando a grega Kallipateira teria se vestido de homem para acompanhar seu filho numa competição. Porém, entusiasmada com a vitória do filho, Kallipateira teria corrido ao seu encontro e, no afã das comemorações, teria deixado o tecido que cobria seu corpo cair, revelando ao público sua presença num evento interdito às mulheres (YOUNG, 2004). Kallipateira, que era filha de um líder grego e mãe do campeão, não foi punida, mas sua atitude teria incentivado os organizadores a proporem que os técnicos e os atletas deveriam competir a partir daquele momento nus (YOUNG, 2004). Talvez, esta tenha sido a primeira descrição da emergência de uma tecnologia de gênero em um evento olímpico que surge, pontualmente e especialmente, com o propósito claro de manter as separações e as interdições das mulheres no campo esportivo.

Outras representações das mulheres nos esportes antigos surgem por volta do ano 4 d.C. numa importante vila romana, cujo piso em mosaico retratava mulheres vestidas em trajes parecidos com o contemporâneo biquíni ao mesmo tempo em que praticavam esportes como, o lançamento de dardo, disco, corridas, saltos e um jogo com bola. Essa representação, descoberta na década de 1920, causou tanto euforia quanto descrença por parte de alguns arqueólogos que buscavam explicar o significado daquelas imagens (mulheres com trajes mínimos e praticando esportes) (YOUNG, 2004).

Imagem 4 - The "bikini girls mosaic", IV d.C.



Fonte: Daily Art Magazine¹⁴⁰

Young (2004) sustenta que para alguns pesquisadores, e ele não os cita, o mosaico “garotas de biquíni” teria sido construído para o divertimento dos homens que utilizavam os “banhos romanos”, o que significava não representavam a existência de mulheres atletas. Porém, alguns pesquisadores e pesquisadoras ao analisarem cada uma das figuras e compará-las com outras representações esportivas presentes em antigos vasos gregos, teriam constatado que os movimentos e as posições dos corpos das atletas eram similares às representações gregas de esportistas homens, o que sustentaria que as “garotas de biquíni” da *Villa Romana del Casale, Piazza Armerina*, Sicília, Itália, não eram “apenas” alegorias de mulheres em trajes minúsculos, mas o retrato de uma possível realidade social na qual as mulheres se envolviam em práticas corporais, inclusive nas competições esportivas (YOUNG, 2004).

Antes de dar continuidade, faz-se necessário dizer que a exposição conduzida até agora, não denuncia a construção de uma linha histórica da participação das mulheres nas práticas corporais ou nos esportes antigos e modernos, no limite, ela tem como finalidade problematizar os discursos que asseguravam uma possível impotência do corpo das mulheres, apresentados nos capítulos anteriores, criticar as afirmações de alguns indivíduos, especialmente Pierre de Coubertin, o “patrono” dos Jogos Olímpicos Modernos, para quem a “ausência das mulheres nos Jogos Olímpicos da Antiguidade e

¹⁴⁰ Disponível em: <https://www.dailyartmagazine.com/ancient-bikini-girls/> Acesso em: 20 out. 2020.

em outras competições” justificaria as interdições das atletas nos eventos olímpicos (CIPC, 2015).

Diante do exposto, este capítulo busca responder aos seguintes questionamentos:

- a) O que permitiu que o reestabelecimento dos Jogos Olímpicos surgisse na Europa do século XIX?
- b) Sobre quais discursos foi apoiada a tarefa de reestabelecer as competições internacionais dentro de um evento olímpico?
- c) Como se configuraram as relações de poder entre formações discursivas distintas (ciência, política, cultura, religião) no projeto de retomada dos Jogos Olímpicos?
- d) Sobre quais discursos se apoiaram as políticas de exclusão das mulheres nos Jogos Olímpicos?
- e) Como emergiram e como funcionaram as resistências contrárias à exclusão das mulheres nas competições olímpicas?

Para tanto, este capítulo apresenta análises realizadas em cartas, anotações e excertos de jornais, dados elencados numa coleção de escritos intitulada *Pierre de Coubertin (1863-1937) Olimpismo - Seleção de Textos* (CIPC, 2015), assim como bibliografias referentes ao tema, incursões em jornais da época – disponíveis em bibliotecas digitais¹⁴¹ –, análise da *Revue Olympique* e outros documentos (relatórios oficiais, memorandos, etc.) de sites como o *Centre d'Études Olympiques*¹⁴² e o *L84 Foundation*¹⁴³. Sempre que possível, todos esses documentos serão citados a partir do original, como tem sido a metodologia adotada até agora.

O que se apresenta poderá dar uma boa dimensão dos acontecimentos e dos discursos que possibilitaram a emergência e a consolidação do maior evento esportivo do mundo. Analisa como os Jogos Olímpicos Modernos influenciaram e ainda influenciam a maneira como os esportes são praticados, sobre quais regras se baseiam e que efeitos provocam na forma como as mulheres usufruem dos seus corpos nas práticas corporais e como se estruturam certas interdições, separações e segregações em relação aos atributos culturalmente instituídos aos sexos.

¹⁴¹ Bibliothèque Nationale de France. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/accueil/fr/content/accueil-fr?mode=desktop> Internet Archive. Disponível em: <https://archive.org/>

¹⁴² <https://www.olympic.org/fr/centre-etudes-olympiques>

¹⁴³ <https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll1/search>

2.2 Jogos Olímpicos Modernos: “gente estranha, festa esquisita”, mas tudo vai ficar “legal”

O título acima, baseado na letra da música “Eduardo e Mônica”¹⁴⁴, composta em 1986 por Renato Russo o memorável vocalista do grupo Legião Urbana, reflete um pouco do caminho que diferentes agentes sociais trilharam e como suas ações influenciaram a retomada daquele que é um dos maiores eventos do mundo, as Olimpíadas e os Jogos Olímpicos.

Chamo “gente estranha”, porque a patronagem dos Jogos Olímpicos que tem sido comumente endereçada ao francês Pierre de Coubertin ignora que outros agentes sociais já tivessem realizado outros eventos esportivos que, inclusive, utilizavam o termo “olímpico” e que, também, tinham entre seus objetivos instituir o gosto pelos esportes e as competições. No ano de 1970, o historiador Eugen Weber, na introdução do seu artigo, *Pierre de Coubertin and the introduction of organised sport in France (1970)*, dizia achar estranho que a principal manifestação esportiva mundial fosse atribuída a uma nação que, no final do século XIX, não comungava abertamente o fenômeno esportivo e que não tinha a mesma tradição dos ingleses, por conseguinte, para Eugen Weber também parecia insólito que um aristocrata francês pudesse ser nomeado como o patrono dos Jogos Olímpicos Modernos.

Sobre a expressão “festa esquisita”, minha crítica mira a manipulação dos regimes de verdade que têm reiterado que os Jogos Olímpicos, extintos por volta de 393 d.C., só foram retomados em 1896, quando a cidade de Atenas recebeu a primeira edição do evento, organizado pelo Comitê Olímpico e capitaneado por Coubertin. Isso dá a entender que os Jogos em sua concepção “moderna” eram, até 1896, desconhecidos, inteiramente novos, um “acontecimento estranho” que buscava fazer seu renascimento no solo europeu, através da forte influência do poder cultural francês e da potente originalidade dos esportes ingleses. Concepções que, segundo Young (2004), não correspondem aos fatos, embora “Até hoje, o COI e a mídia ainda mantêm essa ilusão, e a maioria das pessoas, mesmo a maioria dos gregos, a segue como um rebanho de ovelhas” (YOUNG, 2004, p. 140 – tradução livre)¹⁴⁵.

¹⁴⁴ Letra da música “Eduardo e Mônica” do Legião Urbana. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/eduardo-e-monica.html>. Acesso em: 26 dez. 2019.

¹⁴⁵ “Baron Pierre de Coubertin, and Coubertin alone, Olympic officials and the media have told us for a century, was the first and only person to have this happy idea. Then he almost single-handedly implemented it, holding the first modern Olympics in Athens, in 1896. To this day the IOC and the media still maintain this illusion, and most people, even most Greeks, follow it like a flock of sheep. But it is quite wrong.” (YOUNG, 2004, p. 140)

Apesar dessa “retórica da paternidade”, tanto o COI como Coubertin tinham conhecimento da existência de outros eventos olímpicos. Em documentos do COI é possível encontrar relatos de Coubertin sobre uma competição inglesa que era promovida num pequeno vilarejo sob o comando de Willian Penny Brookes e que se proclamava “olímpica”. No periódico, *La Revue Athlétique*, de 25 de dezembro de 1890, Coubertin descreveu e analisou no *Le Jeux Olympiques à Much Wenlock* esse evento e afirmou que teria sido um dos discursos de Brookes que o teria incentivado na implantação do seu projeto olímpico (COUBERTIN, 1890).

Diante disso, é preciso ter prudência na leitura e interpretação dos escritos do Comitê Olímpico e principalmente de Coubertin, haja vista que em certos trechos Coubertin conclamava para si mesmo a paternidade do “reestabelecimento” dos Jogos Olímpicos Modernos. Aqui é preciso dizer o seguinte: a rogatória de Coubertin não é de todo incoerente, dado que o projeto olímpico que ele ajudou a implantar era realmente distinto daqueles anteriores ou que ainda existiam, como o de Brookes, particularmente porque o projeto de Coubertin previa a realização de um evento internacional, multiesportivo e quadrienal. Já, os jogos que já ocorriam na Inglaterra, Alemanha e mesmo na Grécia, eram todos eles eventos nacionais conectados às tradições locais. Dessa maneira, a paternidade de Coubertin seria aquela de ter implantando um evento esportivo a nível internacional, cujos princípios se baseavam num tipo de ideal ético que chamou de Olimpismo e que, de fato, o distinguiria dos outros eventos que já se faziam presentes na Europa durante o século XIX.

Young (2004) sustenta, e é ratificado por John R. Gold & Margaret M. Gold (2011) e Kristine Toohey & A. J. Veal (2007), que o movimento para o reestabelecimento dos Jogos Olímpicos emergiu na década de 1830, quando um poeta e jornalista grego chamado Panagiotis Soutsos, ao constatar a penúria da Grécia após a conquista da independência, frente ao Império Otomano, percebeu que seu povo precisava restaurar as suas forças, suas dignidades e vontades de vencer. E para essa tarefa, pensava Soutsos, seria necessário retomar e fazer circular na Grécia a história das glórias do país, a importância da sua literatura, filosofia e política, a beleza e a perfeição da sua arte e o heroísmo e ineditismo dos Jogos Olímpicos (YOUNG, 2004; GOLD & GOLD, 2011; TOOHEY & VEAL, 2007).

Em 1833, Soutsos publicou um poema chamado *Dialogues of the Dead*, no qual o fantasma de Platão emergia do submundo e, ao ver sua terra destruída e o seu povo arrasado, gritava: “Onde estão todos os seus grandes teatros e estátuas? Onde estão seus

Jogos Olímpicos?” (SOUTSOS, 1834, p. 15 *apud* YOUNG, 2004, p. 141 – tradução livre)¹⁴⁶. Respondendo ao chamado do fantasma de Platão, Soutsos teria tomado para si a tarefa de reestabelecer os Jogos Olímpicos, cujos valores poderiam, segundo ele, reconstruir e reedificar o nacionalismo grego. Em 1835, Soutsos enviou um memorando para o Reio Otto, no qual explicava os motivos e pedia que o governante permitisse o reestabelecimento dos Jogos Olímpicos. Apesar do pedido ter sido deferido, nada foi colocado em prática, o que fez com que Soutsos tomasse uma atitude arriscada. Em 1824, ele mandou imprimir e faz circular, a partir do seu jornal o *The Sun*, um reforço à sua ideia e conclamava: “Deixe que os Jogos Olímpicos sejam revividos em Atenas!” (YOUNG, 2004, p. 142 – tradução livre)¹⁴⁷. Pedido que não foi concretizado, como ocorreu com o anterior, mas que ajudou a disseminar o discurso de retomada dos eventos olímpicos, tocando alguns agentes que se tornariam figuras importantes nesse processo.

Sozinho, Soutsos não tinha conseguido muita coisa, mas suas palavras e o discurso de reestabelecimento dos JO haviam chegado a um rico grego refugiado na Romênia, chamado Evangelis Zappas, que teria se interessado em ajudar a recriar as competições esportivas e criar na Grécia um festival para a valorização da agricultura, comércio e indústria nacionais. Em 1856, Zappas utilizou da sua influência e solicitou ao Rei Otto que permitisse a realização dos Jogos, o que foi autorizado com a condição de que o próprio Zappas patrocinasse financeiramente a organização e a realização do evento.

Entretanto, ainda que o desejo de restaurar o patriotismo tenha sido bem recebido, a retomada dos antigos Jogos Olímpicos não agradava àqueles que viam no projeto um possível retrocesso da sociedade grega aos velhos costumes e comportamentos que, segundo eles, deveriam ficar no passado (YOUNG, 2004; GOLD & GOLD, 2011). Mesmo assim, Zappas e Soutsos conseguiram realizar o evento em 1859, nomeando-o como Jogos Olímpicos Rurais e Industriais, título que logo seria trocado para Zappas Olympics, como forma de homenagear seu primeiro patrocinador. Com o sucesso do evento, Zappas passou a afirmar que ele era o “idealizador” do projeto, e assim afastou o protagonismo de Panagiotis Soutsos (YOUNG, 2004).

Os Zappas Olympics foram realizados até 1889. Em 1890, sob ordens do príncipe grego Constantino os Zappas Olympics foram cancelados, pois o regente queria que os jogos fossem realizados a cada quatro anos e não anualmente. Porém, após quatro anos

¹⁴⁶ “Where are all your great theaters and marble statues? Where are your Olympic Games?” (SOUTSOS, 1834, p. 15 *apud* YOUNG, 2004, p. 141).

¹⁴⁷ “Let the ancient Olympic Games be revived in Athens” (YOUNG, 2004, p. 142).

algumas notícias começaram a informar que outros jogos olímpicos estavam em fase de organização por um grupo de homens aristocratas, dentre eles Coubertin, e que serviriam não apenas para substituir, mas para engrandecer os “pequenos” Zappas Olympics (YOUNG, 2004; GUTTMANN, 1992).

Notícias sobre os Jogos Olímpicos Rurais e Industriais (Zappas Olympics) aportaram na Inglaterra por volta do ano de 1859 e chegaram até um pequeno vilarejo chamado Wenlock. Lá, um “médico praticante” de nome Willian Penny Brookes ficaria impressionado com as notícias dos jogos gregos e se poria a criar um evento nos mesmos moldes, mas, também, com competições próprias das tradições da sua região. Esse evento foi batizado inicialmente de *Meeting of the Olympians Class*. Depois, quando começou a ganhar vulto e projeção nacional, o *Meeting of the Olympians Class* foi rebatizado para *National Olympic Games* (YOUNG, 2004; GUTTMANN, 2004).

Os dados até então apresentados parecem contestar a retórica de que o reestabelecimento dos Jogos Olímpicos tenha sido obra da vontade de um indivíduo ou um grupo de aristocratas. Aliás, Foucault (2006) dizia que não há nada de original, essencial ou universal nem no indivíduo e nem no enunciado proferido. O indivíduo, segundo Foucault (2006), seria o resultado histórico de uma infinidade de atravessamentos, interseccionalidades, influências e direcionamentos, consequentemente, suas ações seriam sugestionadas, dependentes e submetidas às possibilidades oferecidas pela ordem dos discursos e em função dos acontecimentos contíguos.

Por exemplo, se usarmos a teoria foucaultiana para pensar o “sujeito Coubertin”, ela indicará que esse sujeito ocupava uma posição, uma função diante dos discursos do seu tempo. Isso significa dizer que Coubertin enunciava o que os discursos do seu tempo lhe permitiam enunciar, se ele anunciava a realização de um evento esportivo internacional, era porque já existiam enunciados e discursos sobre esse tipo de competição. Coubertin fazia uso dos enunciados existentes e, também, constituía sua própria subjetividade por meio deles, era um francês, barão, educador, esportista, homem e fervorosamente contrário a participação das mulheres nas competições esportivas públicas. Desse modo, Coubertin, assim como qualquer outro sujeito foucaultiano, se encontraria disperso “[...] nos diversos status, nos diversos lugares, nas diversas posições que [pudesse] ocupar ou receber quando exerce[sse] um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala[va]” (FOUCAULT, 1972, p. 61) e, por conseguinte, suas práticas “[...] não [seriam], entretanto, alguma coisa que o próprio indivíduo invent[ava]. [Seriam]

esquemas que ele encontra[va] em sua cultura e que lhe [eram] propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social” (FOUCAULT, 2006a, p. 276).

Em pesquisas feitas através do site da *Bibliothèque Nationale de France*, no endereço eletrônico *Gallica.bnf.fr*, com os termos “Zappas” e “Zappas Olympics” foram encontradas várias matérias jornalísticas do século XIX que noticiavam o evento grego e diziam que seus objetivos eram fortalecer o patriotismo e dispersar notícias sobre o progresso econômico grego. O extrato abaixo, do jornal francês *Le Figaro* de 27 de dezembro de 1885, quando Coubertin ainda era um jovem de 22 anos e ainda não tinha sequer apresentado seu projeto olímpico, revela algumas informações pertinentes:

Extrato 46 – Notícias sobre os Zappas Olympics, 1885

31^e Année — 3^e Série — Numéro 301

Le Numéro : 15 cent. à Paris, 20 cent. dans les Départements

Dimanche 27 Décembre 1885

FRANCIS MAGNARD
Directeur en chef

A. PÉRIER
Directeur de la Rédaction

RÉDACTION
De midi à minuit, rue Drouot, 26

Les manuscrits ne sont pas rendus

BUREAUX
26, rue Drouot, 26

H. DE VILLEMESSANT
Fondateur

FERNAND DE RODAYS
Administrateur

ABONNEMENTS

Paris	19 ^{fr} 50
Provinces	16 ^{fr}

ANCIENS, RÉCLAMES & PETITES ANNONCES

Indication Prix, Tarif de Ch. 10, rue Cassette-Saint-Jacques
et au Palais, 26, rue Drouot

LE FIGARO

ATHÈNES, 15 décembre. — En vertu d'un décret rendu par le roi de Grèce, Georges I^{er}, l'ouverture de l'exposition d'Athènes, qui doit avoir lieu dans le palais connu sous le nom de Zappion, a été fixée au mois de novembre 1887.

Le magnifique palais du Zappion est dû à la générosité de deux patriotes hellènes, MM. Evangile Zappas et Constantin Zappas, si connus en Orient par leurs nombreux bienfaits. Le monument comprend une magnifique rotonde au centre, une galerie circulaire soutenue par des colonnes de marbre et six grands salons.

Le plan en est dû à un architecte français, M. Boulanger, et sa construction a coûté environ deux millions.

Cette exposition aura pour but de faire ressortir les progrès accomplis par la Grèce jusqu'à ce jour. On y trouvera les produits de l'agriculture, de l'industrie, du commerce et des arts grecs; les outils et les machines les plus perfectionnés et pouvant être utilisés en Grèce y seront exposés.

A cette occasion, les anciens jeux Olympiques seront rétablis. Plusieurs académiciens prendront la parole pour exposer les progrès réalisés par la Grèce dans ces derniers temps. C'est la quatrième exposition de ce genre que crée l'honorable M. Zappas dans le but de stimuler le travail de ses concitoyens.

Vers la fin de l'exposition, un jury distribuera des récompenses aux exposants; elles consisteront en médailles d'or, d'argent et de bronze, portant d'un côté l'effigie du roi Georges I^{er}, et de l'autre le nom du fondateur de l'exposition.

Argus.

Fonte: LE FIGARO, 1885, p. 3.¹⁴⁸

¹⁴⁸ “Em virtude de um decreto fixado pelo rei da Grécia, George 1^o, a abertura da exposição de Atenas, que deve se realizar no palácio conhecido sob o nome de Zappion, foi fixada para o mês de novembro de 1887. O magnífico palácio Zappion é devido à generosidade de dois patriotas helênicos, o senhor Evangeli Zappas e Constantin Zappas, conhecidos no Oriente por suas benfeitorias. O monumento compreende uma magnífica sala circular ao centro, uma galeria circular sustentada por colunas de mármore e seis grandes salões. O plano foi de um arquiteto francês, senhor Boulanger, e sua construção custou quase dois milhões. A exposição terá por objetivo revelar os progressos alcançados pela Grécia até os nossos dias. Lá encontraremos os produtos da agricultura, da indústria, do comércio e das artes gregas; e as ferramentas e as máquinas mais avançadas utilizadas na Grécia também serão expostas. Na ocasião, os antigos jogos Olímpicos serão reestabelecidos. Muitos pesquisadores/acadêmicos tomarão a fala para expor os progressos

Guttmann (2004), Young (2004), Gold & Gold (2011) e Toohey & Veal (2007) reiteram que a emergência dos Jogos Olímpicos Modernos não foi o resultado isolado da vontade e das conspirações patrocinadas por Coubertin ou um pequeno grupo de aristocratas. Ao contrário, antes mesmo de Soutsos, Zappas e Brookes, outros eventos esportivos tinham sido realizados no século XVII, como foi o caso dos *Cotswold Games*, empreendidos na Inglaterra em 1604 (GOLD & GOLD, 2011, p. 21). Ademais, os autores e autoras asseveram que durante o século XIX teria ocorrido uma profusão de jogos na Grécia, Alemanha, Estados Unidos da América, e que quase todos eles, curiosamente, utilizavam os termos “Olímpico” ou “Olimpíada” (TOOHEY & VEAL, 2007; YOUNG, 2004).

Aliás, Young (2004) e Gold & Gold (2011) afirmam que Coubertin teria participado como convidado de honra e teria se impressionado com os jogos realizados por Brookes em outubro de 1890, já sob o título de *National Olympic Games*. Outro fato foi que Brookes, no discurso de abertura dos *National Olympic Games* de 1866, teria defendido tanto a internacionalização dos jogos como sua permanência na cidade de Atenas. Informações que não têm sido mencionadas, ao menos como deveriam, nas histórias oficiais publicadas pelo Comitê Olímpico Internacional (YOUNG, 2004; TOOHEY & VEAL, 2007).

Aqui é preciso fazer um adendo às afirmações de Young (2004) e Toohey & Veal (2007), pois Coubertin chegou a publicar um artigo em 1890, como já foi colocado anteriormente, no qual relatou sua participação no *National Olympic Games*, reconhecendo o empenho do seu organizador, Willian Penny Brookes, e confessando a importância de Brookes para o projeto de retomada dos Jogos Olímpicos que ele apresentaria dois anos depois em Paris. No extrato abaixo, Coubertin reconhece os atos de Brookes:

realizados pela Grécia nos últimos tempos. Esta será a quarta exposição desse gênero criada pelo honorário senhor Zappas com o objetivo de estimular o trabalho dos seus compatriotas. Ao fim da exposição, um júri distribuirá prêmios aos expositores que consistirão em medalhas de ouro, prata e bronze que de um lado terão gravada a esfinge do rei Georges 1º e do outro o nome do fundador da exposição” (LE FIGARO, 27 dez. 1885, p. 3 – tradução livre).

Extrato 47 – Coubertin faz referência aos Jogos Olímpicos de Much Wenlock, 1890



Fonte: COUBERTIN, 1890, p. 705.¹⁴⁹

Young (2004) pondera que não dá para desconsiderar a importância de Coubertin para o reestabelecimento dos Jogos Olímpicos e sua característica internacional, mas que suas ações resultaram de processos históricos, de acontecimentos localizados e não dos desejos e vontades isoladas de um barão francês.

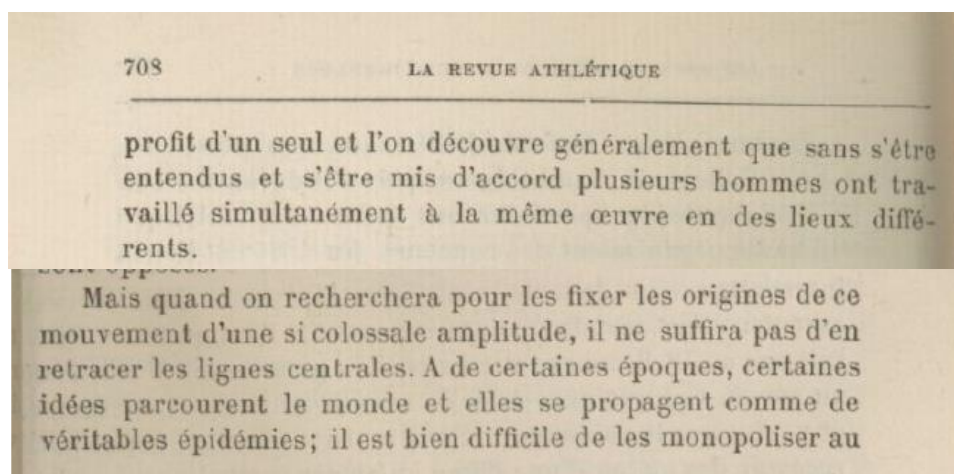
Nossos jogos modernos são, de fato, a criação de um grego, e a Grécia moderna tinha Jogos Olímpicos antes de Coubertin nascer [Coubertin nasce em 1863]. A Inglaterra teve Jogos Olímpicos quando Coubertin ainda era criança. Coubertin foi importante para o avivamento e merece grande parte do crédito, assim como os pais desconhecidos da ideia olímpica, uma ideia que acredito que Coubertin nunca poderia ter

¹⁴⁹ “Os Jogos Olímpicos em Much Wenlock - Uma página da história do atletismo - Posso adivinhar vossa dificuldade ante a dupla de palavras que formam este nome bárbaro e as antigas lembranças que ele evoca. Much Wenlock é uma vila de Shropshire, um condado situado nos confins do País de Gales, e **se os Jogos Olímpicos que a Grécia moderna não conseguiu ressuscitar revivem hoje, isso não se deve a um heleno, mas, certamente, ao Dr. W. P. Brookes.** Foi ele quem os inaugurou faz 40 anos, e segue sendo ele, com 82 anos, mas sempre alerta e cheio de vigor, quem os organiza e anima” (COUBERTIN, 1890, p. 705 – grifos nossos, tradução livre).

concebido por conta própria. (YOUNG, 2004, p. 140 – tradução livre).¹⁵⁰

Até a concretização dos Jogos Olímpicos da Era Moderna em 1896, os discursos de Coubertin e do seu grupo de aristocratas pareciam manter um tom mais flexível em relação à concepção de que o evento não tinha apenas um patrono, mas que era o resultado de uma onda de acontecimentos na Europa do final do século XIX. Entretanto, após Atenas 1896 os discursos passariam a reforçar que os Jogos Olímpicos Modernos haviam sido reestabelecidos e que a ideia da sua retomada se devia exclusivamente a Coubertin. Nos dois extratos apresentados abaixo é possível observar essas “mudanças” de perspectivas. Ao passo que no primeiro, Coubertin admitia que existia no século XIX um movimento de dispersão do esporte na Europa, em consonância com o aparecimento de eventos competitivos regionais e mesmo nacionais, no segundo, publicado em 1896, Coubertin reivindicava a paternidade dos Jogos Olímpicos Modernos.

Extrato 48 - La Revue Athlétique, 1890

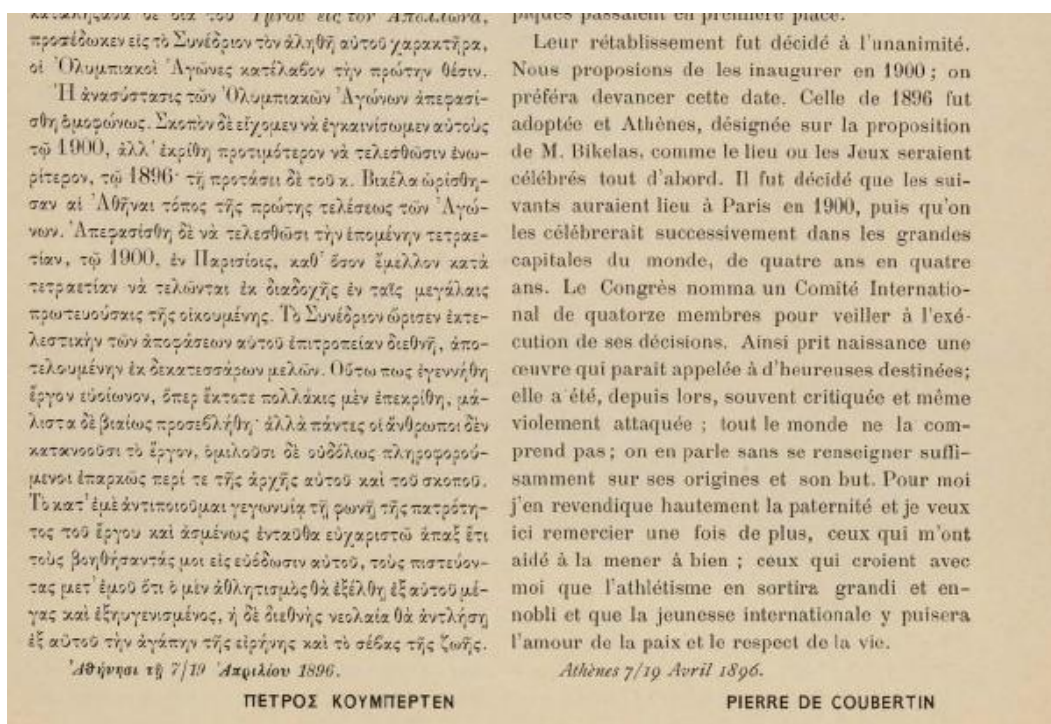


Fonte: COUBERTIN, 1890, p. 707-708.¹⁵¹

¹⁵⁰ “Our modern games are, in fact, the brainchild of a Greek, and modern Greece had Olympic Games before Coubertin was even born. England had Olympic Games when Coubertin was still a toddler. Coubertin was important to the revival, and deserves much of the credit. But so do some other unsung fathers of the Olympic idea, an idea which I believe Coubertin never could have conceived on his own.” (YOUNG, 2004, p. 140).

¹⁵¹ “Quando se procura estabelecer as origens de um movimento de amplitude tão colossal, não é suficiente fixar suas linhas principais. Em determinadas épocas, certas ideias percorrem o mundo propagando-se como verdadeiras epidemias. É muito difícil monopolizá-las em benefício de uma única pessoa, e normalmente descobre-se que, sem haver sido escutados nem se ter chegado a um acordo, vários homens trabalharam simultaneamente na mesma tarefa desde lugares diferentes” (COUBERTIN, 1890, p. 707-708 – tradução livre).

Extrato 49 – A restauração dos Jogos Olímpicos segundo Coubertin, 1896



Fonte: COUBERTIN et al., 1896, p. 7.¹⁵²

Certamente, a ideia para o reestabelecimento dos Jogos Olímpicos, creditada muito frequentemente a Coubertin e ao seu grupo de aristocratas, não corresponde aos fatos históricos. Coubertin e o COI contribuíram para a emergência de um regime de verdade que foi naturalizado com o cozer do tempo e com os reforços constantes de outros domínios discursivos como a educação, mídia, história etc. Aliás, a dinâmica desse processo é o mesmo para o caso das “verdades” historicamente assentadas sobre as mulheres, seus corpos, seus atributos e os usos que elas podem/devem fazer deles. Estatutos que fazem acreditar que as atletas sejam “naturalmente” mais lentas, mais frágeis, menos fortes e velozes que os atletas, portanto, separar os sexos nas competições, determinar regras diferenciadas, instituir equipamentos adaptados para mulheres e

¹⁵² “Sua restauração foi decidida por unanimidade. Propusemos inaugurá-los em 1900, mas preferiu-se adiantar a data. Adotou-se a de 1896 e, com a proposta do Sr. Bikelas, Atenas foi designada como o primeiro lugar no qual seriam realizados os Jogos. Decidiu-se que os seguintes seriam realizados em Paris em 1900, e que então fossem realizados a cada quatro anos nas grandes capitais do mundo. O congresso nomeou um Comitê Internacional de quatorze membros para velar pela execução de suas decisões. Assim nasceu uma obra que parecia chamada a ter um destino feliz; desde então tem sido frequentemente criticada e inclusive violentamente atacada; nem todo mundo a compreende, e fala-se dela sem saber suficientemente de suas origens e dos seus objetivos. **Pessoalmente, reivindico em voz alta sua paternidade**, e quero agradecer aqui uma vez mais àqueles que me ajudaram a conduzi-la a bom porto; àqueles que acreditam comigo que o atletismo sairá engrandecido e enobrecido, e que a juventude internacional extrairá de tudo isso amor pela paz e respeito pela vida” (COUBERTIN, et. al., 1896, p. 7 – grifos nossos, tradução livre).

homens, seria uma atitude imprescindível para a manutenção do ideal ético do “*fair play*”, a saber, a criação e manutenção de padrões competitivos justos em igualdade de condições.

No que diz respeito à crença do ineditismo do projeto Coubertin e do COI, duas questões acionam discussões. A primeira diz respeito às concepções anacrônicas que dirigiram na direção da criação de um evento esportivo ao final do século XIX, a partir das crenças, valores e estatutos do passado do olimpismo grego. Mesmo que o cenário europeu mostrasse “novos ares”, “novos valores” e “novas conquistas”, Coubertin e o COI optaram por seguir regimes de verdade que excluíam a participação das mulheres, mesmo diante dos jogos de Brookes cuja programação contava com eventos para as mulheres. O segundo ponto tem relação com o que teria sido possível, por isso, está na conjectura: Quais resultados a sociedade ocidental teria alcançado no campo das competições esportivas, dos usos dos corpos e das relações de gênero se acaso as mulheres tivessem sido incluídas no projeto de Coubertin? Seguramente, não se pode afirmar quais teriam sido os resultados, mas se pode garantir que exemplos, distintos do projeto que levou a cabo Coubertin e o COI, existiam nos eventos realizados por Soutsos, Zappas e Brookes, que tinham, inicialmente, como princípio, a participação das mulheres (ainda que restrita a alguns eventos) e a dos trabalhadores (indústria, comércio, agricultura), duas categorias que não foram acolhidas no modelo masculino, aristocrático, “amador”, branco e cristão do plano de Coubertin e do seu grupo de aristocratas.

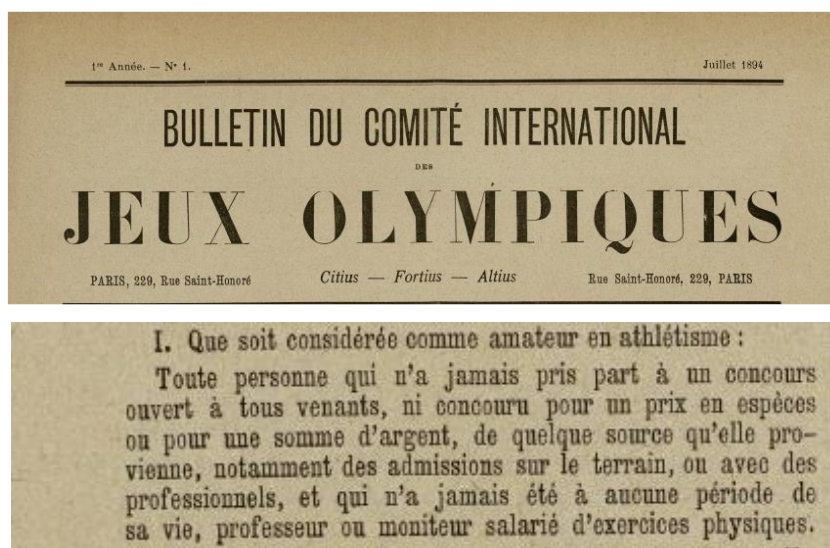
Como qualquer instituição, fruto da racionalidade da sociedade moderna, o Comitê Olímpico Internacional confirma algumas das características que Max Weber (2004) elencou para uma instituição burocrática. Conforme esse autor, as instituições burocráticas são aquelas nas quais os meios são analisados e determinados de uma maneira formal e objetiva para que, numa condução criteriosa e constante, possam atingir objetivos estabelecidos previamente. E, neste caso, os objetivos que o COI havia determinado inicialmente apontavam a recusa de lidar com as lutas de classe, resultando na exclusão dos trabalhadores¹⁵³, especialmente aqueles que executavam “trabalhos manuais” ou profissões que poderiam favorecer os atletas (artistas circenses, instrutores esportivos, ferreiros), países não europeus ou ainda colonizados (a princípio, Coubertin quis manter os Jogos Olímpicos na cidade de Paris e a participação das colônias se davam

¹⁵³ O uso do gênero masculino em “trabalhadores” tem relação com o fato de que inicialmente as discussões eram sobre quais condições os profissionais poderiam ou não participar, e nisso, a questão da participação das mulheres não era discutida.

sob a bandeira do colonizador), as mulheres que, segundo Coubertin, não teriam nada a angariar aos Jogos Olímpicos, a não ser por suas presenças nas arquibancadas e pelo reconhecimento dos feitos dos homens através dos aplausos (CIPC, 2015).

Desde a conferência para a aprovação do projeto olímpico em 1894 até sua morte em 1937, Coubertin continuou sustentando sua contrariedade com o profissionalismo no esporte, e isso também dizia respeito ao histórico do indivíduo, pois todo aquele que tivesse ganhado recompensas financeiras, independentemente de quando isso tivesse acontecido, seria excluído das competições olímpicas. Os indivíduos não poderiam viver dos ganhos financeiros de uma determinada prática corporal, por exemplo, os artistas circenses ou os jogadores, ou mesmo, outros profissionais que não tinham nada a ver com o contexto esportivo, como por exemplo, ferreiros ou operários. Aplicada pela *Amateur Rowing Association* (CIO, 1894a) mesmo antes da retomada dos Jogos Olímpicos, a exclusão de trabalhadores das competições era uma prática relativamente comum dentro das outras federações esportivas, desse modo, o que ocorreu foi que o COI e Coubertin tentaram se alinhar à crença de que os esportes e suas federações seriam espaços de lazer e recreação da aristocracia e não para o ganho financeiro do operariado.

Extrato 50 - Bulletin du Comité International, Juillet 1894



Fonte: CIO, 1894a, p. 1 e 3.¹⁵⁴

¹⁵⁴ “Que seja considerado como amador no atletismo [esporte]: Toda pessoa que jamais tenha tomado parte em um concurso aberto a todos, nem concorreu por um prêmio em espécie ou por uma soma de dinheiro de qualquer fonte que ele provenha, especialmente relacionada ao terreno esportivo, ou através de profissionais, e que não tenha sido em nenhum período da sua vida, professor ou monitor assalariado de exercícios físicos” (CIO, 1894a, p. 3 – tradução livre).

Sobre das mulheres, Coubertin alegava que não havia criado os Jogos Olímpicos pensando nelas, a não ser que participassem da entrega das medalhas e aplaudissem os competidores (CIPC, 2015). Num momento em que as mulheres lutavam para minimizar as diferenças de poder em relação aos homens, a emergência dos discursos sobre um novo projeto olímpico, não ajudava e não seria uma questão importante para algumas das sufragistas e feministas. “Os jogos definitivamente não significavam minimizar as diferenças entre homens e mulheres. Naquela época os jogos não eram uma plataforma para a luta das mulheres por direitos” (GUTTMANN, 1992, p. 4 – tradução livre)¹⁵⁵ Contudo, outras mulheres, não necessariamente militantes dentro dos movimentos feministas e sufragistas institucionalizados, foram a campo negociar direitos em relação às práticas corporais e sobre os usos que queriam dar aos seus corpos. Como essa questão é central nas discussões desta tese, será retomada com maior profundidade no próximo capítulo, mas por agora, as partes apresentadas servem para problematizar a característica burocrática do COI e como operavam partes das suas racionalidades.

O sociólogo Alan G. Ingham, no artigo *The sportification process: a biographical analysis framed by the work of Marx, Weber, Durkheim and Freud* (2004), sustenta que uma das características principais da instituição burocrática é que seu poder pode ser exercido para além do seu campo de controle primário. Ingham (2004) defende que os/as atletas subsistem em uma relação com as instituições esportivas que transita entre a “associação voluntária” e a “organização compulsória”. “Atletas, afinal de contas, não eram membros do COI até as proclamações instrumentais e intrincadas dos Jogos de Sidney em 2000, mas eles/elas devem aderir às suas regras e regulamentações para competir” (INGHAM, 2004, p. 21 – tradução livre)¹⁵⁶. Essa relação de dependência, domínio e subjetivação se dá em todos os campos do esporte institucionalizado, pois só é atleta – seja lá qual seja a modalidade –, aquela/aquele que aceita e faz funcionar o conjunto das racionalizações que garantem as características e as práticas da modalidade. Como adverte Ingham (2004, p. 21), “[...] perdemos nossa autonomia no processo de tomada de decisão e nos deparamos com um poder heterônomo e abstrato que, através do

¹⁵⁵ “The games were definitely not meant to minimize the differences between men and women. They were never intended, in those days, as a platform for women's rights. The games began as a sports festival for men, and if Coubertin had had his way, women would have remained forever restricted to the role of admiring spectators” (GUTTMANN, 1992, p. 4).

¹⁵⁶ “Athletes, after all, were not members of the IOC until the instrumental and devious proclamations of the 2000 Sydney Games, but they must adhere to its rules and regulations to compete” (INGHAM, 2004, p. 21).

mercado ou de sua autoridade racional-legal, pode exercer uma hegemonia despótica e abrangente”.

O processo de racionalização que caracterizou a sociedade moderna ajudou a instituir tanto o esporte quanto o/a atleta, sustentou a criação de um grupo de “especialistas” que, por sua vez, criaram e determinaram regras e regulamentações, estabeleceram metas – ser mais forte, mais rápido, mais veloz, mais perfeito, mais equilibrado –, e com isso, não só afastaram dos indivíduos o poder de decidir, como constrangeram as/os atletas aos esforços extremos, aos treinos intensos e constantes, aos usos de suplementos, vitaminas e até mesmo hormônios, a aceitarem a dor e a exaustão física e psicológica, a lutarem contra seus próprios corpos em razão de capacidades, habilidades e estéticas, a reforçarem que suas existências e suas competências estão em consonância com os atributos socialmente definidos aos seus sexos. Em resumo, a racionalidade como uma relação de saber-poder, fortaleceu as federações esportivas, estabeleceu o Comitê Olímpico Internacional que, por sua vez, ao se valer do apelo histórico dos Jogos Olímpicos, se tornou numa instituição de caráter legal, não porque estipula leis, mas porque as legitima, reiterando de maneira redimensionada o ordenamento social (classe, raça/etnia, sexualidade, gênero, colonialismo) e as relações econômicas da sociedade contemporânea.

2.2.1 Jogos de poder e saber e o projeto de continuidade das Olimpíadas por Pierre de Coubertin e o Comitê Olímpico Internacional

Não as ideias, mas os interesses material e ideal, governam diretamente a conduta do homem. Muito frequentemente, as ‘imagens mundiais’ criadas pelas ‘ideias’ determinaram, qual manobreiros, os trilhos pelos quais a ação foi levada pela dinâmica do interesse.

Max Weber (Ensaio de Sociologia, 2008, p. 323).

Apesar de Weber e Foucault não terem admitido que um único fator pudesse servir como modelo universal de explicação, os dois consideravam, a partir de concepções distintas, que a racionalização, no caso de Weber, e a “acontecimentalização”, para Foucault, foram processos importantes para a estruturação da sociedade moderna.

A teoria de foucaultiana não nega a importância da racionalização. O que ela não consente é com a ideia de que a sociedade moderna partilhasse de um tipo de racionalidade universal. Cético e crítico em relação aos universalismos, Foucault fazia as seguintes ressalvas à concepção de “racionalização” de Weber:

Eu acho que a palavra ‘racionalização’ é perigosa. O que nós temos que fazer é analisar as racionalidades específicas mais do que invocar o progresso da racionalização em geral. Ainda que o Aufklärung [esclarecimento, iluminação] tenha sido uma fase muito importante na nossa história e no desenvolvimento político e tecnológico, eu acredito que nós temos que nos referir a processos mais remotos se quisermos entender como ficamos presos em nossa própria história. (FOUCAULT, 1982, p. 779-780 – tradução livre).¹⁵⁷

Foucault (1982) sugeria que a construção de uma teoria mais empírica, que evidenciasse a relação entre a teoria e a prática, e que resultasse na construção de um novo olhar sobre a economia das relações de poder, deveria vislumbrar a diversidade das resistências que emergiam de encontro às distintas formas de poder.

Para usar outra metáfora, ela consiste em usar essa resistência como um catalisador químico, a fim de trazer à luz as relações de poder, localizar sua posição e descobrir seu ponto de aplicação e os métodos utilizados. Em vez de analisar o poder do ponto de vista de sua racionalidade interna, devemos analisar as relações de poder através do antagonismo das estratégias. (FOUCAULT, 1982, p. 780).¹⁵⁸

Weber (2012), por sua vez, via na racionalização o processo que possibilitou a emergência e o fortalecimento da sociedade ocidental a partir do controle e do ordenamento, dados pela lógica e a razão em detrimento aos valores religiosos e místicos. A racionalização, segundo ele, teria fornecido as condições necessárias para as mudanças nos sistemas estruturais e institucionais e, conseqüentemente, novas e profundas modificações nos sistemas econômicos, com o crescimento e expansão dos centros urbanos, a melhoria dos meios de transporte e, também, a instrumentalidade que seria utilizada no governo das populações.

De sua parte, Foucault (2006c) alegava que o pensamento weberiano era demasiadamente encadeado, sobretudo a ideia de que as instituições e os indivíduos, quando tomam decisões, as tomam de forma racional porque acreditam que alcançarão

¹⁵⁷ “I think that the word ‘rationalization’ is dangerous. What we have to do is analyze specific rationalities rather than always invoke the progress of rationalization in general. Even if the Aufklärung has been a very important phase in our history and in the development of political technology, I think we have to refer to much more remote processes if we want to understand how we have been trapped in our own history.” (FOUCAULT, 1982, p. 779-780).

¹⁵⁸ “To use another metaphor, it consists of using this resistance as a chemical catalyst so as to bring to light power relations, locate their position, and find out their point of application and the methods used. Rather than analyzing power from point of view of its internal rationality, it consists of analyzing power relations through the antagonism of strategies.” (FOUCAULT, 1982, p. 780)

os resultados que haviam almejado. Para Foucault (2006c), nossas ações não estão diretamente conectadas à uma vontade lógica e contínua, ao contrário, elas resultam das possibilidades que o meio oferece. Dito de outro modo, as ações – práticas discursivas –, se dão na ordem dos acontecimentos (FOUCAULT, 2012). Nessa lógica, Foucault (2006c) sustentava que, ao invés de analisarmos o processo de racionalização, como um atributo da modernidade, devemos examinar as “acontecimentalizações”, ou seja,

[...] as conexões, os encontros, os apoios, os bloqueios, os jogos de força, as estratégias, etc., que, em um dado momento, formaram o que, em seguida, funcionará como evidência, universalidade, necessidade. Ao tomar as coisas dessa maneira, procedemos, na verdade, a uma espécie de desmultiplicação causal. (FOUCAULT, 2006c, p. 341).

Apesar de algumas discordâncias, as aproximações entre Weber e Foucault não são impossíveis, pelo contrário, em alguma medida a racionalidade instrumental, o racionalismo ou a racionalização weberiana não excluem as influências e os intermédios das “acontecimentalizações” foucaultianas. Ingham (2004), ao levantar possibilidades para o uso da teoria weberiana na análise do fenômeno esportivo, sublinha que a valorização que a sociedade moderna e contemporânea imputa ao esporte não é independente do processo de racionalização que foram submetidas as práticas corporais nos séculos XIX e XX. Consoante ao autor, a racionalidade instrumental – *ação* em relação a um objetivo deliberadamente escolhido –, mais a racionalização – compreendida como um *processo* que orienta as ações –, tornou possível a codificação das práticas corporais, a criação de instituições reguladoras, a formação de uma burocracia legitimada e legitimadora que, em ação conjunta, possibilitou a constituição, compreensão, aceitação e a prática do esporte em várias dimensões e com objetivos particulares nas distintas esferas da vida social.

Foucault (2006c) já havia acenado positivamente para a utilização do conceito de racionalidade, porém, não como um “tipo ideal” weberiano, mas com um processo inscrito nas práticas, nas relações de poder.

Não creio que se possa falar de "racionalização" em si, sem, de uma parte, supor um valor razão absoluto e sem se expor, de outra, a pôr um pouco de qualquer coisa sob a rubrica das racionalizações. Penso que é preciso limitar essa palavra a um sentido instrumental e relativo. [...] Digamos que não se trata de aferir práticas com a medida de uma racionalidade que as faria apreciar como formas mais ou menos perfeitas de racionalidade; mas, antes, de ver como formas de racionalizações se inscrevem em práticas, ou sistemas de práticas, e que

papel elas desempenham ali. Pois é verdade que não há "práticas" sem um certo regime de racionalidade. Porém este, mais do que medi-lo por um valor razão, gostaria de analisá-lo segundo dois eixos: a codificação prescrição, de uma parte (no que ele forma um conjunto de regras, de receitas, de meios em vista de um fim etc.), e a formulação verdadeiro ou falso, de outra (no que ele determina um domínio de objetos em relação aos quais é possível articular proposições verdadeiras ou falsas). (FOUCAULT, 2006c, p. 342).

Consciente das aproximações e dos distanciamentos entre a teoria weberiana e a teoria foucaultiana e alinhada ao objetivo de construir uma arqueogenealogia das interdições, separações e segregações das mulheres nos esportes, as análises que despontam se basearam nas práticas discursivas e nas estratégias levadas a cabo por Coubertin e pelo COI, as resistências¹⁵⁹ à consecução do projeto olímpico, o jogo discursivo entre diferentes domínios (esferas de valor), a saber, esportivo, religioso, político, moral e estético, e as emergências discursivas em diferentes acontecimentos nos séculos XIX e XX. É preciso reforçar que as análises das ações individuais, de grupos e/ou institucionais não são concebidas como “naturalmente” racionais – em relação ao foi feito e aos objetivos que almejavam –, nem que foram realizadas sem a interferência da ordem discursiva, mas que se instauraram dentro de campos de negociação, nos quais, a racionalização e a racionalidade instrumental operaram em conjunto e em relação com os acontecimentos, os regimes de verdade, os jogos de poder, as resistências.

2.2.1.1 Racionalidades e racionalismos na instituição do COI e a burocratização das competições esportivas

Incorporado às instituições, às interpretações culturais e às estruturas da personalidade, o racionalismo¹⁶⁰, gestado pelo sistema doutrinário do liberalismo, se tornou uma conduta percebida na sociedade moderna ocidental. Weber (2014) acreditava que um dos meios através dos quais a racionalização – o ordenamento e a institucionalização das condutas, os “regimes de verdades” na teoria foucaultiana –, se conformou e marcou a modernidade, se deu a partir da organização burocrática. As

¹⁵⁹ As resistências têm sido uma evidência desde a retomada da ideia de continuidade dos Jogos Olímpicos, seja através dos grupos que representavam os esportes que não haviam sido elencados para o programa inicial, seja por grupos que não aceitavam as novas influências culturais sobre seus esportes, seja pelos grupos de indivíduos que haviam sido excluídos. No limite, as resistências nunca deixaram de existir e sempre estiveram presentes em todas as edições dos Jogos Olímpicos da Era Moderna.

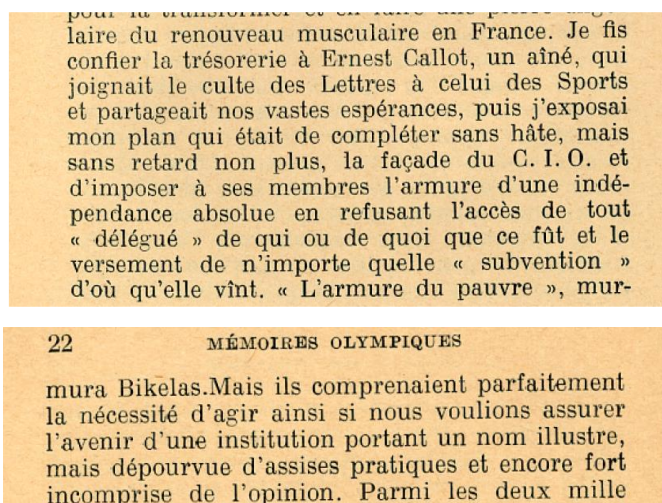
¹⁶⁰ Carlos Eduardo Sell (2012) ao analisar a racionalidade e a racionalização em Weber, observou que junto ao autor e alguns dos pesquisadores/as, o conceito de “racionalismo” não alcançou consenso epistemológico. Todavia, nas análises feitas por Sell, é possível, ainda que provisoriamente, dizer que o racionalismo se relaciona com a disposição, a atitude do indivíduo em agir para alcançar um dado objetivo.

instituições, como é o caso do COI, tendo fins ideais ou materiais, passaram a se estruturar e atuar através do instrumento eficaz da burocracia que, por sua vez, se instituiu pelo processo de racionalização dos meios e fins (WEBER, 2014).

Por isso, numa instituição como o COI, a burocracia através de sua superioridade técnica, focada na garantia de precisão, velocidade, unidade, clareza, redução de atritos, controle dos custos, docilização dos corpos e das relações, especialização e hierarquização das funções, historicamente tentou se distanciar daquelas práticas consideradas improdutivas, pessoais ou que poderiam fugir do alcance dos objetivos pré-determinados, e se alinhou aos modelos de poder-saber que confeririam bases produtivas e controláveis ao processo. Um exemplo do processo de burocratização foi a implantação de um comitê formado por homens com grande capital econômico e cultural, de diferentes nacionalidades, escolhidos arbitrariamente e que trabalhavam em consonância com um código ético-moral – instituído por eles mesmos –, mediante objetivos previamente definidos, cujo resultado convergiu para materialização do Comitê Olímpico Internacional, fundado concomitantemente com o congresso realizado em Paris, no ano de 1894, no qual também foi aprovado o projeto de continuidade dos Jogos Olímpicos.

No trecho abaixo, publicado em 1896, Coubertin descrevia como foi o processo e as condições para a criação do primeiro Comitê Olímpico:

Extrato 51 - Mémoires Olympiques, 1931



Fonte: COUBERTIN, 1931, p. 21-22.¹⁶¹

¹⁶¹ “Confiei a tesouraria a Ernest Callot, homem maduro que rendia culto simultâneo às Letras e ao Esporte, e que compartilhava nossas grandes esperanças. Expus imediatamente meu plano, que consistia em completar sem pressa, mas também sem demora, a fachada do COI e investir a seus membros a armadura de uma independência absoluta, recusando a admitir qualquer tipo de ‘delegado’, qual fosse sua procedência, e a aceitar subvenções de nenhuma classe. ‘Armadura do pobre’, murmurou Bikelas. Ele,

A implantação de um comitê, confiado à concretização de um evento de nível internacional, revelava que o projeto olímpico exigiria dos agentes um racionalismo que precisava “encerrar um mundo de contradições” (WEBER, 2004, p. 69). Organizar, definir, instituir, negociar, controlar, calcular eram verbos que deveriam ser usados frente às diferenças (valores, regras, regulamentos, características) entre os esportes, aos conflitos entre atletas e grupos institucionalizados, à ausência de instituições esportivas nacionais e internacionais, aos conflitos políticos, econômicos e culturais entre diferentes nações, às lutas de classe¹⁶² encampadas pelo ideal do amadorismo¹⁶³, aos diferentes valores e objetivos das práticas corporais, como foi o caso da ginástica e os esportes.

Através da racionalização, dizia Weber (2004), as pessoas passaram a acreditar que poderiam dominar os elementos da natureza, as condutas, a vida, o corpo, dado que a progressiva intelectualização, a apuração das técnicas, o cálculo e o controle das variáveis e a melhoria dos meios tecnológicos sublinhavam que a dominação era possível. Weber (2004) enfatizava que o processo de racionalização teria se dado por meio de três elementos constitutivos básicos: 1) desencantamento histórico do mundo; 2) a separação da estrutura religiosa das estruturas morais e legais, que ordenam a vida social; 3) o distanciamento, muitas vezes tenso e conflitivo das esferas de juízo de valor: científico (cognitivo-instrumental), estético-expressivo e moral-prática, constituindo lógicas próprias.

Na racionalização assumida pelo COI é possível observar a relação conflituosa entre os discursos religiosos cristãos e o culto ao corpo que o projeto olímpico parecia fazer retornar. Se de um lado ocorria um distanciamento das ações do COI das práticas e valores nos ritos e rituais considerados profanos nos antigos Jogos Olímpicos, por outro, ocorria um certo alinhamento, complicado e instável, entre os discursos sobre o “corpo

porém, compreendia perfeitamente a necessidade de agir assim se quiséssemos assegurar o futuro de uma instituição batizada, desde já, com um nome ilustre, mas que carecia de bases sólidas e, de fato, ainda era desconhecida por parte da opinião pública” (COUBERTIN, 1931, p. 21-22 – tradução livre).

¹⁶² As lutas de classe não eram uma questão importante para Coubertin e os aristocratas do COI. “Embora o Frenshman fosse altamente cético em relação ao culto ao amadorismo, ele o adotou, pelo menos em público, e parecia não ter consciência de que seu objetivo central era a exclusão das classes mais baixas das competições esportivas em benefício dos ‘melhores’”. (GUTTMANN, 1992, p. 3-4 – tradução livre).

¹⁶³ “O amadorismo no final do século XIX significava a inelegibilidade de todos aqueles que realizavam qualquer tipo de trabalho manual, independentemente de o trabalho estar ou não relacionado ao esporte” (GUTTMANN, 1992, p. 4 – grifos no original, tradução livre). A exclusão dos e das atletas profissionais perdurou, com interpretações variadas do que seria o profissionalismo, até os Jogos Olímpicos de Seul 1988. Hoje, apenas duas federações internacionais restringem a participação dos seus e suas atletas, a Federação Internacional de Boxe (não permite a participação de lutadores e lutadoras profissionais nos Jogos Olímpicos), e a Federação Internacional de Futebol permite que cada país inclua no time masculino apenas três atletas acima de 23 anos, já para as equipes de futebol feminino não há restrição com relação à idade, nem ao nível profissional.

atlético” e os discursos sobre o “ascetismo corporal”, como foi o caso da “cristandade muscular”. Dessa forma, houve um distanciamento das racionalidades nas quais o mágico e o místico eram referência e uma aproximação das racionalizações religiosas – catolicismo e protestantismo – que seriam altamente produtivas e suficientemente conciliadas ao sistema de produção de mercadorias (WEBER, 2004). Isso permitiu que as asceses religiosas fossem ratificadas ao mesmo tempo em que o corpo entrava em cena como uma ferramenta importante para o sistema econômico e político.

Sobre as relações de poder entre o COI e o domínio político, social e econômico, apesar do liberalismo ter provocado mudanças no contexto da Europa do século XIX e XX, essas mudanças não foram direcionadas e vivenciadas de igual modo por homens e mulheres, nem pelas distintas classes sociais. No limite, o liberalismo, ao acenar positivamente às liberdades individuais, criou e fortaleceu as tensões nas lutas por autonomia, cidadania, participação política e pública tanto por parte das mulheres quanto por parte das classes sociais mais baixas.

Luis Felipe Miguel e Flávia Biroli (2010), ao analisarem três vertentes explicativas sobre a participação das mulheres na política, afirmam que a luta feminina e feminista pela liberdade civil se desdobrou a partir do recrudescimento das separações entre público e privado, dado que um dos pilares do racionalismo liberal era a manutenção da cidadania incompleta das mulheres.¹⁶⁴ Isso significa dizer que, a liberdade civil na esfera pública deveria obedecer à criação de contrapontos, de ajustes, de compensações, dentre eles, a sujeição das mulheres às tarefas da esfera privada, a admissão da essencialidade dos seus papéis na reprodução e no cuidado com a prole, a submissão aos discursos de diferenciação sexual e o domínio da esfera privada, como espaço de atuação e “pertencimento” das mulheres, pela esfera pública, como espaço “naturalmente” dos homens.

Pelas análises feitas por Messner (1988), o domínio masculino sobre algumas das esferas sociais teria passado por dois momentos de fortes contestações, o primeiro no final do século XIX e o segundo no século XX, que resultaram no que Messner (1988) chamou de “crise da masculinidade”. O primeiro momento dessa crise se deu entre os anos de 1890 e 1920, quando ocorreu um aumento da participação das mulheres no sistema de

¹⁶⁴ A participação incompleta da mulher aparece também no projeto do COI para os Jogos Olímpicos, uma vez que entre os anos de 1896 a 1928 as mulheres não competiram como atletas oficiais, e mesmo depois, foi somente nos JO Rio 2016 é que as mulheres puderam competir em todas as modalidades oferecidas. Entretanto, suas participações ainda continuam incompletas nos cargos de direção, como técnicas ou preparadoras físicas, no valor das suas premiações, na visibilidade dos seus feitos, na falta de apoio governamental e midiático, etc.

produção assalariado, no campo da educação e quando as fronteiras sociais do ordenamento do gênero se estreitam, causando nos homens de alguns países ocidentais um verdadeiro medo da feminilização e da feminização da sociedade (MESSNER, 1988, p. 200).

Já a segunda crise parece ter se dado após a Segunda Guerra Mundial, quando ocorreu uma contínua erosão dos modelos tradicionais de masculinidade ao logo da racionalização e burocratização do trabalho, dos sucessivos aumentos do desemprego estrutural – cujas causas apontavam para a diminuição da produção industrial pesada (siderúrgica, estaleiros, ferrovias) –, da perda de postos ou do valor do trabalho físico, das mudanças para uma economia mais orientada à prestação de serviços, o que teriam possibilitado às mulheres ascender aos mesmos cargos de trabalho que os homens e, assim, disputar e negociar com mais poder suas agendas.

Diante das ameaças e das negociações encampadas pelas mulheres, os homens, que um dia tinham acreditado que eram os “entes essenciais e universais”, “o modelo de humanidade”, se viram na necessidade de defender antigos domínios. Nessa tarefa, as resistências emergiram de vários campos, dentre eles, a política dos corpos. Assim, o campo das práticas corporais se tornou fundamental para que através dos exercícios físicos, ginásticas e esportes os homens pudessem reafirmar a superioridade dos atributos de seus corpos e das suas masculinidades sobre as feminilidades. No caso do esporte, a prática passa a ser, então, “[...] uma arena de luta crucial sobre as concepções sociais básicas da masculinidade e feminilidade, e como tal tornou-se uma arena fundamental de disputa ideológica em termos de relações de poder entre homens e mulheres” (MESSNER, 1988, p. 199 - tradução livre)¹⁶⁵.

Não foi ao acaso que a garantia da participação das mulheres, como atletas oficiais, tenha sido adiada até o ano de 1928, justamente ao final da primeira crise da masculinidade, constatada por Messner (1988), mas também como resultado das lutas e resistências vindas de mulheres como Alice Milliat, Sophie Elliott-Lynn¹⁶⁶ e suas companheiras na Fédération Sportive Féminine Internationale, mais as pressões que vinham das lutas sufragistas e de movimentos feministas e femininos. Em resumo, se existe algo que possa caracterizar as mulheres em relação ao esporte competitivo,

¹⁶⁵ “[...] a crucial arena of struggle over basic social conceptions of masculinity and femininity, and as such has become a fundamental arena of ideological contest in terms of power relations between men and women” (MESSNER, 1988, p. 199).

¹⁶⁶ O nome de batismo de Sophie Elliott-Lynn era Sophie Peirce-Evans, por isso, alguns documentos e artigos ora fazem referência ao primeiro, ora ao segundo nome.

especialmente na arena olímpica, foram as suas lutas, suas resistências e suas conquistas frente à ordem social do gênero. Como uma instituição burocrática, domínio de circulação e (re)produção de discursos, o COI tinha como finalidade a dominação tradicional, legal e carismática das competições esportivas dentro dos eventos olímpicos. Assim, como resultado das relações de poder que se instauravam, o COI também constrói e faz funcionar estratégias de resistência, pois, como dizia Foucault (1979, p. 214), “O poder, na verdade, não se exerce sem que custe alguma coisa”.

É pela crença na existência e na importância das resistências que as teorias de Weber e de Foucault se aproximam e se reconhecem, pois, ambos tinham preocupações com o mundo muito similares, especialmente, na forma como pensavam como o indivíduo poderia ou não conduzir sua vida frente à despersonalização, característica dos processos de racionalização, ou diante dos regimes de verdade que perseguem o assujeitamento e a docilização da sua existência. Conforme Guilherme Ramon Borges (2005) Weber e Foucault ansiavam:

[...] compreender a dominação subjetiva na sociedade, a especial servidão, a criação de processos disciplinares a fim de garantir o avanço estatal, a opção pela liberdade de escolha humana, e não simplesmente política, de uma liberdade de consciência na constituição de uma ética própria, em suma, da auto-justificação da condução consciente da vida. (BORGES, 2005, p. 673).

Numa aula ministrada em 4 de abril de 1979, Foucault discorria sobre a arte de governar que teria surgido nos séculos XVI-XVII e que se tornaria dependente e passaria a funcionar mediante o cálculo das forças das relações de poder. Nas palavras de Foucault:

A partir dos séculos XVI-XVII – foi o que procurei lhes mostrar ano passado –, a regulação do exercício do poder não me parece ser feita segundo a sabedoria, mas segundo o cálculo, isto é, cálculo das forças, cálculo das relações, cálculo das riquezas, cálculo dos fatores de poder. Ou seja, não se procura mais regular o governo pela verdade, procura-se regulá-lo pela racionalidade. Regular o governo pela racionalidade é, parece-me, o que se poderia chamar de formas modernas da tecnologia governamental. (FOUCAULT, 2008b, p. 422).

Ao seu modo, Weber já havia alertado que a racionalização e os processos de burocratização da vida poderiam despersonalizar e objetificar as pessoas, encurralando-as entre as esferas de valor ou aprisionando-as na “gaiola de ferro” das burocracias que, segundo ele:

Significa principalmente, portanto, que não há forças misteriosas incalculáveis, mas que podemos, em princípio, dominar todas as coisas pelo cálculo. Isso significa que o mundo foi desencantado. Já não precisamos recorrer aos meios mágicos para dominar ou implorar aos espíritos. [...] Os meios técnicos e os cálculos realizam o serviço. Isto, acima de tudo, é o que significa a intelectualização. (WEBER, 2008, p. 97).

Em praticamente toda a sua obra, Foucault evocou a importância das resistências, fosse pelo viés da crítica, da negação, dos atravessamentos, das inconstâncias ou das existências estilísticas, estéticas transgressoras e localizadas. Foucault (2008b) acreditava que as resistências que poderiam desestabilizar as relações de poder, seriam aquelas que emergiam de subjetividades resilientes e transgressoras, de existências e vivências intolerantes à instituição de possíveis estados de dominação. Segundo ele, as resistências se fortaleceriam e operariam pela edificação de práticas do cuidado de si, do estabelecimento de uma ética da amizade e em resposta à construção de estilísticas da existência conflitantes com a ordem do poder (FOUCAULT, 2008b). Dito de outro modo, essas resistências despontariam quando a pessoa, consciente das relações de poder que incidem sobre ela, pudesse instituir para si formas de viver, pensar, agir através de uma ética da amizade, na qual o cuidado de si, convida e estimula o outro a também cuidar de si. Sobre isso, Foucault assevera:

Não se pode cuidar de si sem conhecer. O cuidado de si é obviamente o conhecimento de si [...] mas é também o conhecimento de certo número de regras de condutas ou de princípios que são ao mesmo tempo verdades e prescrições. Cuidar de si é se munir dessas verdades: é aí que a ética está ligada ao jogo da verdade”. (FOUCAULT, 1994a, p. 713 - tradução livre).¹⁶⁷

As práticas do cuidado de si, das quais fala Foucault (1994a), se configuram como uma série de práticas essencialmente sociais, que não são dadas através de invenções absolutamente individuais, mas oferecidas pela cultura e submetidas à economia de grupos sociais, ou, como explica Foucault,

[...] essas práticas não são, contudo, qualquer coisa que o indivíduo inventa. São os esquemas que ele encontra dentro da sua cultura e que

¹⁶⁷ “On ne peut pas se soucier de soi sans connaître. Le souci de soi est bien entendu la connaissance de soi [...] mais c’est aussi la connaissance d’un certain nombre de règles de conduite ou de principes qui sont à la fois des vérités et des prescriptions. Se soucier de soi, c’est s’équiper de ces vérités : c’est là où l’éthique est liée au jeu de la vérité” (FOUCAULT, 1994, p. 713).

a ele são propostas, sugeridas, impostas por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social. (FOUCAULT, 1994a, p. 719 - tradução livre).¹⁶⁸

2.2.2 O exercício de dar continuidade às Olimpíadas e aos Jogos Olímpicos

Mercúrio (Hermes), filho de Júpiter [Zeus] e de Maia, era o deus do comércio, da luta e de outros exercícios ginásticos e até mesmo da ladroeira; em suma, de tudo quanto requeresse destreza e habilidade. Era o mensageiro de Júpiter e trazia asas no chapéu e nas sandálias. Na mão, levava uma haste com duas serpentes, chamada caduceu.

Thomas Bulfinch (O livro de ouro da mitologia: história de deuses e heróis, 2002, p. 14).

Michel Foucault não escreveu especificamente sobre o esporte, mas sua concepção de poder como práticas em relação, seu olhar sobre as maquinarias de controle e as vigilâncias criadas por diferentes regimes de verdade, suas análises sobre a arte de governar, que esquadrinha as vivências e as existências, mas também, suas evocações às práticas de resistências, às distintas condições para o cuidado e aos usos dos corpos, tornaram sua teoria importante e produtiva para pesquisas sobre o esporte e/ou práticas corporais. O poder, o corpo, os processos disciplinares, as tecnologias de controle, as relações de poder, a biopolítica e o biopoder são ferramentas analíticas que Foucault utilizou proficuamente nas obras que têm fundamentado as discussões até aqui

Ao passo em que Weber, nascido em 1864 e falecido em 1920, tenha sido uma testemunha vivente da racionalização no século XIX, Foucault foi uma “testemunha dos arquivos” dos regimes de verdade, dos acontecimentos dos séculos XVIII e XIX, períodos que ocupam posições de destaque nas teorias foucaultianas, sobretudo para análises do aparato estratégico, instrumental e institucional no disciplinamento dos corpos e a docilização os indivíduos. Em *Vigiar e Punir* (2011b), por exemplo, Foucault sustentava que a formação do sistema disciplinar, que ainda hoje observamos nas escolas, nas indústrias, nos hospitais, assim como, nos ginásios, piscinas e quadras de treinamento esportivo, chegou ao seu estado mais intenso, na França em 1840, com a abertura oficial da Colônia de Mettray. Um espaço de confinamento, mas sem muros, onde foram colocadas em prática tecnologias coercitivas que moldavam os comportamentos dos “jovens delinquentes”.

¹⁶⁸ “[...] ces pratiques ne sont pas néanmoins quelque chose que l’individu invent lui-même. Ce sont des schémas qu’il trouve dans sa culture et qui lui sont proposés, suggérés, imposés par sa culture, sa société et son groupe social” (FOUCAULT, 1994a, p. 719).

Esse reformatório, segundo Foucault (2011b), era uma mistura “do claustro, da prisão, do colégio, do regimento” (p. 278), no qual o uso dos exercícios e de técnicas de ginástica eram importantes ferramentas para a manutenção da ordem interna, normatização e normalização dos comportamentos. Um tipo de maquinaria disciplinar que não se distinguia muito daquelas utilizadas para o ensino dos métodos ginásticos e dos esportes desde as primeiras décadas do século XIX, no treinamento das táticas, nos reforços das posições, na definição e incorporação dos papéis, nos acompanhamentos dos deslocamentos, enfim, de toda uma gama de estratégias, metodologias e técnicas utilizadas, cuja liberdade na prática se daria prioritariamente pelo controle do corpo e, em alguma medida, pela submissão às regras.

No extrato abaixo, Foucault descreve o cotidiano da Colônia de Mettray que, por sua vez, também pode ser observado num ginásio de ginástica artística, numa quadra ou campo esportivo, numa piscina, especialmente ao nível do treinamento para a alta performance¹⁶⁹:

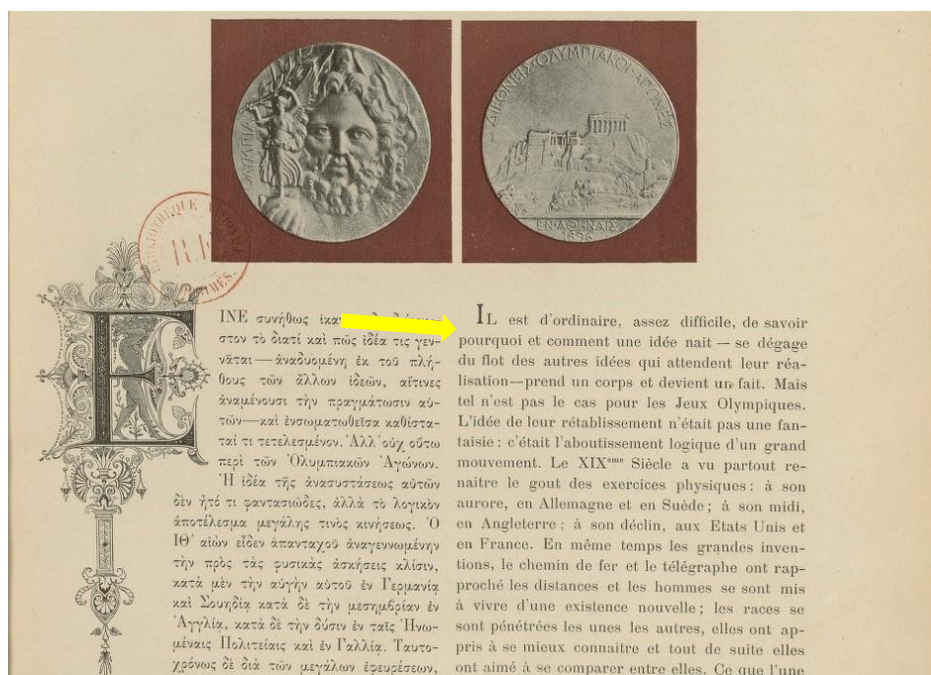
Têm que fabricar corpos ao mesmo tempo dóceis e capazes: controlam as nove ou dez horas de trabalho cotidiano (artesanal ou agrícola); dirigem as paradas, os exercícios físicos, a escola de pelotão, as alvoradas, o recolher, as marchas com corneta e apito; mandam fazer ginástica; verificam a limpeza, presidem aos banhos. Adestramento que é acompanhado por uma observação permanente; continuamente se avalia o comportamento cotidiano dos colonos; é um saber organizado como instrumento de apreciação perpétua. (FOUCAULT, 2011b, p. 279).

Como abordei no capítulo I, o esporte moderno foi ganhando seus contornos no século XIX ao sabor e mediante à industrialização, urbanização, tecnologização dos meios de produção, dos transportes e das comunicações, aumento do tempo livre da burguesia, instituição dos sistemas de ensino, fortalecimento dos governos estatais, mas também, no caso das mulheres, pelos êxitos das lutas feministas, pelas conquistas das sufragistas, pelas vitórias de mulheres ligadas aos esportes e outras práticas corporais, e, sobretudo, pela guinada que elas deram com relação à autonomia e aos usos dos seus corpos.

¹⁶⁹ Existem inúmeros vídeos na plataforma do Youtube, onde pode-se assistir e compreender como se dá o funcionamento de um ginásio de treinamento de ginástica artística, inclusive, é comum escutar palavras como “moldar” e “construir” uma ou um ginasta. O nome do documentário no link a seguir é “Made in America”. Normalmente, o verbo “to make” (fazer) e o seu tempo verbal no passado “made” são utilizados para mercadorias, como “Made in China”, “Made in Brazil”, etc. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=x_zqx-YHAbU Acesso em: 06 jan. 2019.

Coubertin e os primeiros membros do COI, por terem vivido toda a agitação social dos séculos XIX e XX, relatavam que a sociedade europeia, na qual haviam buscado apoio para a continuidade dos Jogos Olímpicos, se encontrava em constantes mudanças e por isso propícia e ansiosa para receber o projeto olímpico. Numa dessas afirmações, extraída de uma obra publicada logo após a realização dos JO Atenas 1896, Coubertin revelava dois a presença do processo de racionalização e a emergência de acontecimentos, ambos essenciais para a consecução do seu projeto.

Extrato 52 – O cenário discursivo do século XIX aos olhos de Coubertin, 1896



Fonte: COUBERTIN *et al*, 1896, p. 1.¹⁷⁰

Seguramente, o século XIX foi palco de grandes mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas, e, por conseguinte, fez emergir racionalismos que cobiçavam o progresso e a evolução e ao mesmo tempo se apegavam ao desejo de manter o *status quo* dos privilégios conquistados. Para a burguesia aristocrata europeia, fundada em um ordenamento patriarcal e cristão, as ameaças pareciam emergir de vários domínios, alguns muito próximos, como foi o caso das mulheres, e outros mais distantes, como foi o caso dos pedidos de outros países não europeus para sediarem os Jogos Olímpicos, o racismo

¹⁷⁰ “A ideia de sua recuperação não era uma fantasia; era o fim lógico de um grande movimento. O século XIX, em toda parte, reavivou o gosto dos exercícios físicos: na madrugada, na Alemanha e na Suécia [métodos ginásticos]; ao meio dia na Inglaterra [esportes]; em declínio, nos Estados Unidos e na França. Ao mesmo tempo, as grandes invenções, a ferrovia e o telégrafo uniram as distâncias, e os homens começaram a viver uma nova existência; as raças se entrecruzaram, aprenderam a se conhecer melhor e imediatamente gostaram de se comparar umas com as outras” (COUBERTIN *et al*., 1896, p. 1 – tradução livre).

estrutural e sistematizado, as exigências por parte de profissionais do esporte, o que exigiu da patronagem medidas para a manutenção do seu poder e regalias.

Em relação à participação feminina, foi mediante o medo da perda e a vontade de manutenção, que alguns homens do final do século XIX, dentre eles Coubertin e Charles Darwin, recusaram acreditar que as mulheres pudessem ascender às esferas públicas. Era sobre o “estar” e “participar” dos espaços públicos que se baseavam alguns dos discursos que interditavam a participação feminina nos eventos esportivos. Para além de uma pressuposta “fraqueza feminina”, o que causava receio era a visibilidade¹⁷¹ que os esportes poderiam conferir. Aliás, visibilidade e liberdade foram duas justificativas dadas por Susan B. Anthony (1896) ao defender o protagonismo da bicicleta nas lutas feministas. Por sua parte, Coubertin afirmava que nada poderia ser mais “antiestético” e comprometedor do que uma mulher competindo em público, que suas performances não eram dignas de atenção e, portanto, seriam desinteressantes e tediosas, um discurso que manteve até sua morte em 1937, mas que ratificou, num texto sob o título *Pax Olympica*, escrito em comemoração aos JO de Berlim 1936:

Pessoalmente, não aprovo a participação de mulheres em competições públicas, o que não significa que se devam abster de praticar um grande número de esportes, com a condição de que não sejam um espetáculo. (COUBERTIN, 1936 *apud* CIPC, 2015, p. 575).¹⁷²

Coubertin escolheu desconsiderar que as mulheres já competiam, uma vez que, antes do seu projeto olímpicos, algumas já haviam realizado feitos esportivos notáveis; Ann Glanville, remadora inglesa, já tinha batido a equipe masculina francesa de remo numa competição em 1833¹⁷³ realizada na cidade costeira de Le Havre, França; Annie Londorrey já havia dado a volta ao mundo pedalando; Charlotte Dod (Lottie Dod) já tinha ganhado cinco títulos simples, dois títulos em duplas mistas no tênis e havia se sobressaído nas competições de hockey; Nell Saunders e Rose Harland já tinham realizado a primeira luta feminina de boxe reconhecida pela Federação Internacional de

¹⁷¹ Sobre a “visibilidade” das mulheres nas competições esportivas, é interessante apontar as influências do televisionamento das competições olímpicas a partir dos JO de Berlim 1936, quando o mundo se incomoda com as performances femininas que pareciam, aos olhos daquele tempo, impossíveis e “próximas demais” das performances masculinas. Cenário que se mostrou fértil para as exigências dos exames de verificação do sexo que discutimos no capítulo 5.

¹⁷² A transcrição do discurso original não foi encontrada no formato digital. Segundo a fonte secundária (CIPC, 2015), o trecho foi extraído de *Pax Olympica*, publicado por *Organisationskomitee für die XI Olympiade*, Berlim, 1936.

¹⁷³ Mais informações sobre Ann Granville nos seguintes sites: <https://saltash.org/saltash-people/ann-glanville.html> e <https://www.transceltic.com/cornish/ann-glanville-champion-female-rower-of-world> Acesso em: 30 dez. 2019.

Boxe em 1876¹⁷⁴, e tantas outras já “apareciam” no beisebol, críquete, cróquete, golf e nas corridas e marchas.

Além dessas atletas, Hargreaves (1994), constatou que entre 1880 e 1890, vários clubes esportivos foram abertos no Reino Unido e inúmeros deles começaram a aceitar a participação das mulheres. Hargreaves cita, por exemplo, a importância dos institutos politécnicos que se proliferaram e que permitiram a prática de esportes pelas mulheres, em especial a partir do final de 1880. Florence Carpentier (2018), acrescenta que as décadas de 1880 e 1890 testemunharam a criação dos primeiros clubes de futebol com mulheres, dentre eles, o *Lady Footballer* e o *British Ladies Football Club*, fundados 30 anos antes dos outros clubes de futebol europeu com a presença de futebolistas (CARPENTIER, 2018, p. 64).

Ou seja, o racionalismo, a atitude pragmática voltada para a realização de um objetivo imediato, como dizia Weber (2004), que foi empregado pela patronagem dos Jogos Olímpicos, evidenciava uma estratégia de menosprezo das conquistas das mulheres, resultando na arquitetura de uma barreira que durou trinta e dois anos, de 1896 até 1928, mas que deixou marcas nas políticas do COI¹⁷⁵.

Como o grego Dimítrios Vikélas foi votado para ser o primeiro presidente, Coubertin¹⁷⁶ foi escolhido para o cargo de secretário geral do COI. A partir do seu cargo, Coubertin defendia com vigor que o COI deveria ser supranacional, “geopolítico”, independente política e financeiramente, e capaz de engendrar na sociedade ocidental os ideais do “Olimpismo” que se constituíam de “toda uma pedagogia física, intelectual, moral e estética”¹⁷⁷ (CIO, 1913b, p. 20 – tradução livre), na qual estariam presentes:

As artes, as letras, um cerimonial grandioso, o contato com a religião, as convocações cada vez mais ardentes ao nobre espírito cavaleiresco – base de toda atividade desportiva, duradoura e pura – e, por último as manifestações pedagógicas destinadas a evidenciar, de uma maneira sempre crescente, o papel educativo tão importante que pode ter os

¹⁷⁴ Mais informações sobre a luta entre Nell Saunders e Rose Harland, no site: <http://www.wbanmember.com/tag/nell-saunders/> Acesso em: 06 jan. 2019.

¹⁷⁵ Foi somente em 1996 que o COI patrocinou a primeira conferência de mulheres nos esportes, cujas discussões e apontamentos serviram para as políticas de gênero da instituição. Disponível em? <https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Documents/Conferences-Forums-and-Events/Conferences/IOC-World-Conferences-on-Women-and-Sport/IOC-World-Conference-on-Women-and-Sport.pdf> Acesso em: 05 ago. 2020.

¹⁷⁶ Antes de ocupar o cargo de Secretário Geral, Pierre de Coubertin foi Secretário Geral do *Conseil de l'Union des Sociétés Françaises des Sports Athlétiques* com sede em Paris. Já o primeiro presidente do COI foi o grego Dimítrios Bikelas, que recebeu parecer favorável de Coubertin por achar que os presidentes deveriam ser itinerantes, de acordo com os países sede dos Jogos. Para Coubertin, o cargo de secretário geral era mais interessante, pois para ele, as secretarias normalmente são os motores das administrações eficazes. (CIPC, 2015, p. 313).

¹⁷⁷ “toute une pédagogie physique, intellectuelle, morale et esthétique” (CIO, 1913, p. 20).

exercícios físico intensivo [...]. (COUBERTIN, 1920 apud CIPC, 2015, p. 476).¹⁷⁸

O Olimpismo, defendido pela patronagem do COI, segundo Jean Saint-Martin (2016), resultava de um conjunto de valores de caráter elitista, misógino, religioso, moral e com ânsia de universalização, fosse por sua inclinação colonizadora ou por sua ambição de querer ajudar a moldar o homem universal. Pensado sob a ótica da teoria de Norbert Elias (1993, 1994), o projeto olímpico e os ideais do “Olimpismo” foram estratégias e resultados de um processo civilizador que, encampado pela Europa ocidental, ansiou alcançar novos recantos e novas populações, como parece ficar evidente no enunciado de Saint-Martin (2016):

Se trata então de promover os ideais de democracia e de liberdade, e ao mesmo tempo o de promover um homem desenvolvido nos planos cultural, intelectual, estético e moral. Nesse sentido, o Olimpismo é uma forma de educação cívica que toma sua força de um projeto política de transformação da sociedade [...]. (SAINT-MARTIN, 2016, p. 28 - tradução livre).¹⁷⁹

Como as práticas racionais e calculadas de qualquer projeto, a empreitada para a retomada dos Jogos Olímpicos teve que lidar com resistências dentro do círculo de patronagem e também fora dele, em esferas de valor diversas. O comitê que organizou os primeiros Jogos Olímpicos, por exemplo, era formado por homens da aristocracia, da burguesia, de círculos militares, intelectuais e artísticos, que conjugavam diferentes valores culturais, asceses religiosas próprias, distinções nobiliárquicas e burguesas, experiências esportivas ou de uso dos corpos particulares, desse modo, alguns dos membros suspeitavam das aproximações entre “seus” esportes com “outros” esportes, receavam o poder uns dos outros, acenavam distintivamente o valor das suas nacionalidades e culturas.

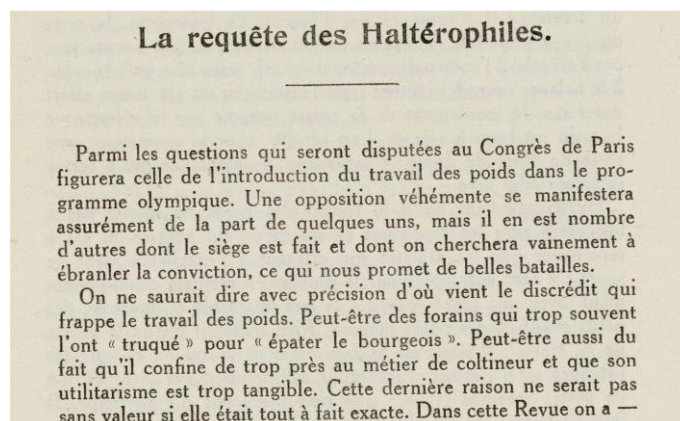
Sobre as disputas entre os valores dos diferentes esportes, no ano de 1913 o COI publicou um artigo na sua revista “*Revue Olympique*”, no qual demonstrava a sua preocupação sobre o conflito que as competições de halterofilismo poderiam causar nos

¹⁷⁸ Extraído originalmente: “La victoire de l’Olympisme” em: La Revue Sportive Illustrée Belgique, vol. 16, julho de 1920, n. 2, [p. 2].

¹⁷⁹ “Se trata entonces de promover los ideales de democracia y de libertad, y al mismo tiempo hacer la promoción de un hombre desarrollado en los planos cultural, intelectual, estético y moral. En este sentido, el Olimpismo es una forma de educación cívica que toma su fuerza de un proyecto político de transformación de la sociedad [...]” (SAINT-MARTIN, 2016, p. 28)

Jogos Olímpicos, agravadas pela presença relativamente comum dos halterofilistas em feiras e festivais circenses, cujo aprendizado e experiência seriam demasiadamente úteis e “injustas” em relação aos atletas da aristocracia nas competições de levantamento de peso.

Extrato 53 - *Revue Olympique*, n. 96, 1913a



Fonte: CIO, 1913a, p. 185.¹⁸⁰

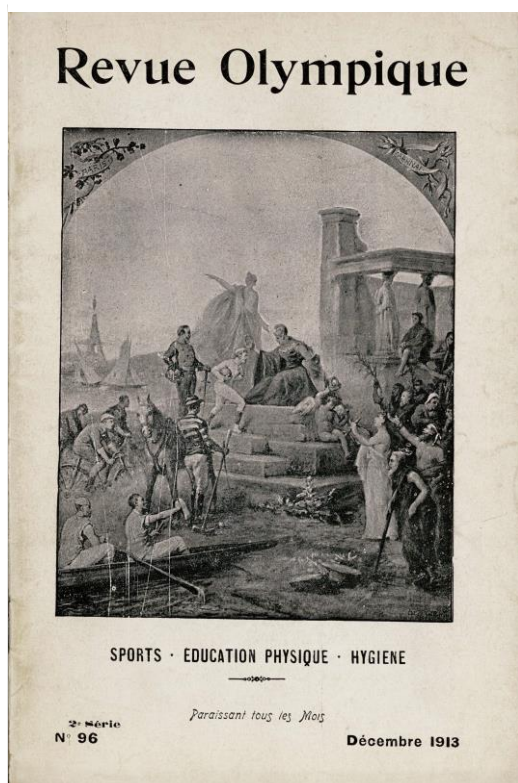
Mas o que mais incomodava os membros do COI eram as influências sobre os assuntos, eventos e regulamentações vindas de pessoas e instituições externas ao movimento olímpico, sobretudo aquelas que almejavam tirar algum proveito financeiro e político dos Jogos Olímpicos. Também na *Revue Olympique* de dezembro de 1913, mas num artigo chamado “A questão do dinheiro”¹⁸¹, o COI¹⁸² fazia a seguinte observação:

¹⁸⁰ “O pedido dos halterofilistas - Entre as questões que serão disputadas no Congresso de Paris figurará a da introdução do trabalho com pesos no programa olímpico. Uma oposição veemente se manifestará certamente da parte de alguns, mas há muitos outros cujo cerco está feito e cuja convicção procuraremos em vão abalar, o que nos promete grandes batalhas. Não saberíamos dizer com precisão de onde vem o descrédito que ataca o trabalho com os pesos. Talvez das feiras [circos, festivais de rua] onde frequentemente “fingem” para “impressionar os burgueses”. Talvez também do fato de que o trabalho com pesos remeta demais aos trabalhadores braçais [“colporteur” designa as pessoas transportam pesadas cargas] e que seu utilitarismo seja muito tangível. Esta última razão não seria sem valor se ela não fosse a todo caso exata” (CIO, 1913, p. 185 – tradução livre).

¹⁸¹ “La question d'argent” (CIO, 1913, p. 184-185)

¹⁸² É importante dizer que grande parte dos artigos publicados entre 1896 e 1937 com a autoria do COI, foram, de fato, escritos por Coubertin. Aliás, em alguns desses artigos Coubertin cita a si mesmo, como se o COI se dirigisse a ele.

Extrato 54 - Capa e enunciado da Revue Olympique, n. 96, 1913a



qu'anime vraiment l'esprit sportif. Comment à l'origine de ces conflits nous trouvons, si nous cherchons bien, une cause unique : c'est l'invasion du domaine sportif par ceux que nous avons déjà eu occasion d'appeler les « mètèques du sport » journalistes en quête de copie, médecins en quête de clients, ambitieux en quête d'électeurs, fainéants en quête de distractions, gens de tout acabit en quête de notoriété. C'est cette vile populace qui a donné à la « question d'argent » une importance hors de proportion avec son rôle. Grâce à tout le tapage mené autour de cette question la recette se perd qui reste pourtant la seule dont on puisse se servir pour préparer un vainqueur aux Jeux Olympiques. Il faut pour cela : premièrement, des muscles; deuxièmement, de l'énergie; troisièmement, de la persévérance. Versez ensuite la monnaie nécessaire mais si vous n'avez pas les trois autres ingrédients, l'opération devient inutile....

Fonte: CIO, 1913a, p. 184-185.¹⁸³

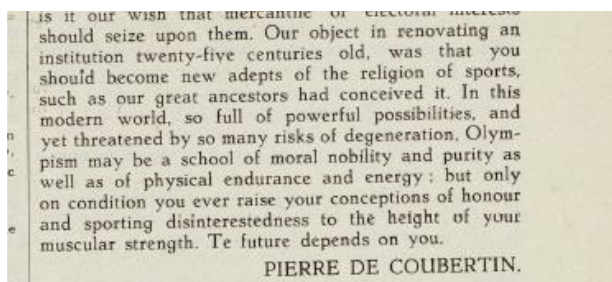
Por parte das diferentes ascèses religiosas – cismadas com possíveis ameaças aos seus racionalismos dogmáticos, através do politeísmo e de uma valorização exacerbada do corpo em relação à alma ou ao dever cristão –, eram construídos outros tipos de resistências em relação às concepções do projeto de retomada dos Jogos Olímpicos. É preciso sublinhar que na tradição dos Jogos Olímpicos Antigos os campeões eram considerados heróis e alçados à condição de semideuses, que as competições serviam para a glorificação de deuses do panteão, para fins funerários ou em comemoração de reinados e conquistas bélicas (YOUNG, 2004), história que não agradava e não coadunava com os valores da cristandade. Aliás foi por causa do caráter pagão e em atendimento à ascese cristã, que os Jogos Olímpicos da Antiguidade foram condenados à extinção em 393 d.C.

¹⁸³ “Se olharmos com atenção, na origem desses conflitos encontramos somente uma causa: a invasão do domínio esportivo por aqueles aos quais já havíamos tido a oportunidade de chamar ‘estrangeiros do esporte’, jornalistas em busca de notícias, médicos em busca de clientes, candidatos ambiciosos em busca de eleitores, ociosos em busca de distração, gente de todo tipo em busca de notoriedade. Esse populacho ruim tem dado à ‘questão financeira’ uma importância que não tem comparação com seu papel. Devido ao alvoroço que se levantou em torno desse assunto, perdeu-se uma receita que é, no entanto, a única que cabe empregar na preparação de um vencedor dos Jogos Olímpicos. Para isso, necessita-se primeiro músculos; depois, energia; e em terceiro lugar, perseverança. Daí depois o dinheiro necessário, mas se careceis dos outros três ingredientes, a operação se torna inútil...” (CIO, 1913, p. 184-185 – tradução livre).

sob ordens do Imperador Romano Teodósio I, na tentativa de banir as expressões religiosas não cristãs que poderiam ameaçar sua campanha de imposição e expansão do cristianismo a partir de Roma.

Em vários dos textos escritos por Coubertin e/ou pelo COI, pode-se observar como foram gerenciados os conflitos entre a esfera religiosa cristã e o processo de racionalização dos Jogos Olímpicos. Coubertin, especialmente ao final do século XIX, quando ainda buscava apoio para seu projeto, fazia referências às dificuldades que encontrava no trato com as resistências que emergiam dos regimes do catolicismo e do protestantismo. As resistências irrompiam frente às negociações que Coubertin tentava realizar, valorizando de um lado os dogmas cristãos e do outro enaltecendo as práticas corporais e os usos dos corpos. Para ele, “o esporte era uma religião com igreja, dogmas e cultos...” (COUBERTIN, 1931, p. 102 – tradução livre)¹⁸⁴, e o ideal do olimpismo era, em si, uma religião, um culto ao corpo e, também, uma tentativa de frear uma suposta degenerescência da raça, através da implantação de mais uma estratégia higienista e eugenista.

Extrato 55 - Official Bulletin of the International Olympic Committee, 1927



Fonte: IOC, 1927, p. 11.¹⁸⁵

Antes da consecução do projeto dos Jogos Olímpicos, em 1894, Coubertin já fazia críticas às condições impostas pelo poder religioso aos atletas, cuja participação nas competições deveria ter a anuência da igreja, algo que só dificultaria o processo de racionalização dos eventos esportivos internacionais e o desenvolvimento do esporte:

Hoje nos é muito difícil imaginar um ciclista que, para ser admitido num velódromo, vá pedir na prefeitura da cidade um certificado de bons

¹⁸⁴ “pour moi le sport était une religion avec église, dogmes, cultes...” (COUBERTIN, 1931, p. 102).

¹⁸⁵ “Ao renovar uma instituição que tem vinte e cinco séculos, quisemos que vocês voltem a ser adeptos da religião do esporte, tal e como a conceberam nossos antepassados. No mundo moderno, cheio de grandes possibilidades e, ao mesmo tempo, ameaçado por perigosas decadências, o Olimpismo pode constituir uma escola de nobreza e pureza morais, bem como de energia física e resistência; mas com a condição de que vocês elevem sem cessar sua concepção de honra e de desinteresse desportivo à altura de seu impulso muscular” (IOC, 1927, p. 11 – tradução livre).

anteriores, *nem mesmo a um praticante de esgrimista [sic] que vele as armas numa igreja como um cavaleiro da Idade Média*. (CIPC, 2015, p. 529 – grifos nossos).¹⁸⁶

Conflitantes, mas altamente profícuos, os controles impostos pelas religiões no passado, particularmente pela Igreja Católica, ora interditavam, ora permitiam e valorizavam algumas práticas corporais, notadamente aquelas que eram úteis para a manutenção e a expansão do seu poder, a saber, a cavalaria, esgrima e em alguma medida as lutas.

Conhecemos melhor, ainda que insuficientemente, as manifestações do espírito desportivo da Idade Média, pois a Igreja, ao elaborar a regulamentação da Cavalaria e ao tolerar mais tarde os torneios, teve de afastar-se temporariamente de sua severidade antidesportiva. [...] a Igreja, uma vez desligada da Cavalaria, voltou sua desconfiança para a cultura física, na qual acreditava encontrar um perigoso precursor da liberdade de pensamento. (CIPC, 2015, p. 263).¹⁸⁷

Na primeira citação abaixo, Coubertin descrevia uma das suas visitas à sede da Igreja Católica no ano de 1905, quando buscou a anuência do líder católico, Papa Pio X, que era natural de uma pequena cidade próxima à Veneza, Itália, e que, segundo Coubertin, era um apreciador da prática do remo e, por isso, poderia ser condescendente com a realização dos Jogos Olímpicos. Depois, numa conferência proferida no Salão de Atos da prefeitura do 16º distrito de Paris, em 9 de março de 1929, Coubertin criticava os extremismos de algumas asceses religiosas que não aceitavam a valorização do corpo e não incentivavam a prática de exercícios físicos e esportes.

Nosso costume de catalogar as coisas nos leva a chamar paganismo a adoração dos ídolos; como se toda religião, inclusive a mais material, não tivesse espiritualistas; como se toda religião, inclusive a mais mística, não tivesse adoradores de ídolos; vejam, então, o eterno bezerro de ouro, hoje mais incensado e mais poderoso que nunca. Mas existe um paganismo autêntico, do qual a humanidade nunca conseguirá se desfazer e do qual, me atrevo a dizer esta aparente blasfêmia, não seria bom que se libertasse por completo; é o culto do ser humano, do corpo humano, espírito e carne, sensibilidade e vontade, instinto e consciência. (CIPC, 2015, p. 558).¹⁸⁸

Das hostilidades iniciais, tão numerosas e às vezes tão violentas, não resta nada ou quase nada. No início, a Igreja Católica mostrou-se mais

¹⁸⁶ “*Le Néo-olympisme*”, em *Le Messenger d’Athènes*, Atenas, 1894, n. 39, pp. 287-288.

¹⁸⁷ Segundo o CIPC (2015), o enunciado original está no artigo: “*Ce que nous pouvons maintenant demander au Sport*”, editado pela *Association des Hellènes Libéraux de Lausanne*, Lausanne, 1918.

¹⁸⁸ Olympie, conferência proferida em Paris, no salão de atos da Prefeitura do XVIº distrito, Genebra: Burgi, 1929.

que desconfiada. Num dia de 1905 fui ao Vaticano para dissipar o mal-estar. Diziam-me que o piedoso Papa Pio X, totalmente ocupado com a salvação das almas, não iria me escutar. Mas o antigo patriarca de Veneza havia incentivado as proezas de seus gondoleiros, e eu não duvidava de sua benevolência. Foi grande na verdade. Depois de abençoar a renovação daquelas atividades pagãs, o Papa me disse que logo me daria uma prova tangível de sua simpatia; e no ano seguinte, realmente, reuniu no Vaticano os ginastas dos Patronatos Católicos da França, da Bélgica, da Itália e de outras nações; no pátio de São Damásio, sobre o suntuoso estrado construído para a ocasião, o Soberano Pontífice presidiu seus exercícios. (CIPC, 2015, p. 561).¹⁸⁹

Para além das dificuldades impostas pela Igreja Católica, as resistências também emergiam a partir das ascetes protestantes, cuja racionalização havia definido que o esporte ou qualquer outra prática corporal só deveriam servir como meio de reestabelecer a força física e nunca como divertimento, lazer ou “gasto do tempo livre”, uma vez que o tempo deveria ser gasto no labor, cujo sucesso seria a comprovação da anuência de Deus. Sobre os usos racionais do tempo e das funções dos corpos pelos protestantes, Weber faz as seguintes considerações no livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (2004):

Apenas devia servir a um fim racional: à necessária restauração da potência física. Já como simples meio de descontrair e descarregar impulsos indisciplinados, ai se tornava suspeito e, evidentemente, na medida em que fosse praticado por puro deleite ou despertasse fissura agonística, instintos brutais ou o prazer irracional de apostar, é evidente que o esporte se tornava pura e simplesmente condenável. O gozo *instintivo* da vida que em igual medida afasta do trabalho profissional e da devoção era, exatamente enquanto tal, o inimigo da ascese racional, quer se apresentasse na forma de esporte “grã-fino” ou, da parte do homem comum, como frequência a salões de bailes e tabernas. (WEBER, 2004, p. 152 – grifos no original).

De fato, as relações de poder entre diferentes formações discursivas nem sempre eram conflituosas, ao contrário, algumas esferas de valor utilizavam dos racionalismos umas das outras para aumentar e/ou (re)definir seus regimes de atuação. Para além das permissões que a Igreja concedia à cavalaria, esgrima, hipismo e, em alguma medida, às lutas, as racionalizações cristãs impulsionaram a crença no sujeito e no corpo, favorecendo a constituição do “sujeito incorporado” portador de um “corpo assujeitado”, como foi o caso da “cristandade muscular” fartamente discutida no capítulo anterior.. Pela ascese religiosa cristã, o corpo confessa a verdade e “[...] constitui o sujeito como sujeito de veridicção” (FOUCAULT, 2006a), aquele que é a “verdade” e que a confessa por meio

¹⁸⁹ *Olympie*, conferência proferida em Paris, no salão de atos da Prefeitura do XVIº distrito, Genebra: Burgi, 1929.

da sua existência, saúde, retidão e perfeição das suas morfologias. Em alguma medida, as práticas do sujeito esportista da “cristandade muscular” se aproximavam da ascese grega do corpo analisada por Foucault em *A hermenêutica do sujeito* (2006a):

[...] não temos que fazer sobre nós mesmos, façanhas (a ascese filosófica desconfia dos personagens que enaltecem as maravilhas de suas abstinências, de seus jejuns, de sua presciência do porvir). Como um bom lutador, devemos aprender exclusivamente aquilo que nos permitirá resistir aos acontecimentos que podem produzir-se; devemos aprender a não nos deixar perturbar por eles, a não nos deixar levar pelas emoções que poderiam suscitar em nós. (FOUCAULT, 2006a, p. 603).

As negociações dos membros do COI em relação aos discursos religiosos revelam um verdadeiro “embaralhamento” de diferentes regimes de verdades, mas a regularidade de uma prática discursiva chama a atenção. Mediante o uso de discursos estético-expressivos, o COI buscava apaziguar os conflitos com as ascèses cristãs reforçando que o ideal olímpico, assim como a cristandade, objetivava incentivar e valorizar a “pureza”, a “moralidade”, a “beleza utilitária do corpo”, a “honradez”, o “congressamento”, a “paz”, o “patriotismo”, a “harmonia”, a “cidadania”, a “ordem”, o “progresso”, a “civildade” e o “respeito”. O apelo estético-expressivo era uma das preocupações do olimpismo:

Para que o Olimpismo se manifeste é necessário que o instinto desportivo seja cercado por preocupações estéticas, bem como por preocupações morais, que convide a filosofia para que arbitre suas competições e que a religião nacional, laica ou não, seja de certo modo seu pano de fundo. (CIPC, 2015, p. 208).¹⁹⁰

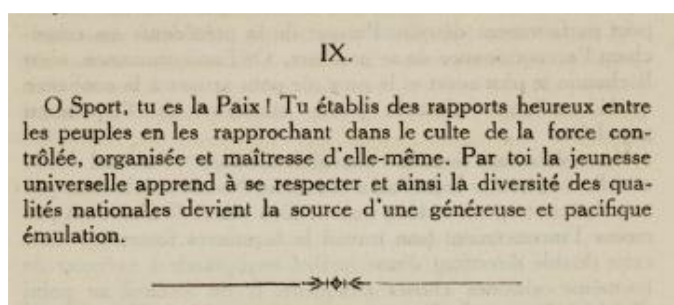
Seguramente, o COI, em especial as ações de Coubertin, manipulou habilmente os elementos estético-expressivos – signos, símbolos e significados –, para a concretização dos Jogos Olímpicos: a bandeira olímpica branca com cinco círculos coloridos, representado a paz e a união dos diferentes continentes; a chama olímpica que simboliza o renascimento dos Jogos Olímpicos a cada quatro anos; o hino olímpico, composto por Spiridion Samara para os JO de Atenas 1896, que conclama os/as atletas a tarefa de perseverar, resistir e competir; o moto “*citius, altius, fortius*”, criado pelo padre dominicano Henri Didon em 1891, que dispõe ser o/a mais rápido/a, alto/a e forte; as

¹⁹⁰ Apesar e inúmeras tentativas, não foi possível acessar o “L’Olympisme à l’école. Il faut l’encourager”, em: La Revue Sportive Illustrée, ano 30, 1934, número especial, p. 36. Alguns

solenidades de abertura e encerramento repletas de regras de condutas “cerimonialistas”; as cerimônias de premiação com a execução do hino e o hasteamento da bandeira nacional do campeão ou campeã¹⁹¹; os constantes reforços positivos às atitudes do “fair play” (CIPC, 2015).

Sob o lema de subsidiar a “paz mundial”, baseada na mítica ἐκεχειρία, *ekecheiria*, que ocorria quando atenienses e espartanos cessavam por trinta dias as disputas bélicas e se engajavam nas competições dos antigos Jogos Olímpicos (YOUNG, 2004, p. 13 e 175), o COI encaminhou o projeto de continuidade do evento com o discurso de que esportes e as competições nacionais e internacionais seriam ferramentas essenciais para a construção de uma sociedade mais saudável, liberta, mas também controlada e civilizada. Num texto que escreveu sob o pseudônimo de Hohrod Eschbach, cuja origem são duas placas de localidades vizinhas à casa da família da sua esposa, Coubertin ganhou o prêmio na categoria obra literária nos Jogos Olímpicos de Estocolmo de 1912, com o texto *Ode ao Esporte*, no qual sublinhava a importância do esporte para a paz e o desenvolvimento social:

Extrato 56 - Revue Olympique, n. 84, décembre 1912c



Fonte: CIO, 1912c, p. 181.¹⁹²

Oitenta anos depois da publicação da *Ode ao Esporte* de Coubertin, Elias e Dunning (1992) publicaram a obra *A busca da excitação*, na qual afirmavam que uma sociedade carente de espaços, com pouco incentivo às práticas corporais e com escassos momentos agradáveis de excitação, poderia testemunhar um tipo de enfraquecimento do

¹⁹¹ Segundo Allen Guttmann (1992), a problemática da “nacionalização” dos Jogos Olímpicos, observada no hasteamento e na execução dos hinos nacionais durante as cerimônias de entrega das medalhas, fez com que o COI tentasse retirar as menções aos países, trocando pela bandeira e hino olímpico, mas em todos os congressos que essa mudança foi proposta, ela não foi aceita.

¹⁹² “Oh, esporte, tu és a Paz! Estabeleces boas relações entre os povos, aproximando-os com o culto à força controlada, organizada e mestra de si mesma. Por ti aprende a respeitar-se a juventude do mundo inteiro e assim a diversidade das qualidades nacionais se transformam em fonte de emulação generosa e pacífica” (CIO, 1912c, p. 181 – tradução livre).

seu ordenamento social, uma vez que as tensões dos indivíduos não encontrariam “válvulas de escape”. Sem ter onde e como extravasar a excitação, o controle da violência pelos indivíduos se tornaria difícil, instável e não seria incorporada eficientemente. Segundo Elias & Dunning (1992), “Numa sociedade em que as inclinações para as excitações sérias e de tipo ameaçador diminuíram, a função compensadora da excitação-jogo aumentou” (p. 113), o que, significava dizer que os países que permitissem o extravasamento da energia através dos esportes e outras práticas corporais, tenderiam a ser menos violentos e com indivíduos autocontrolados.

Em *A verdade e as formas jurídicas* (2002), Foucault discorre sobre as mudanças nos sistemas jurídicos e penais dos países europeus ao final do século XVIII e durante todo o século XIX, particularmente na Inglaterra e a França, onde ele percebeu que as penalidades aplicadas aos crimes e delitos passaram a visar “[...] menos a defesa geral da sociedade que o controle e a reforma psicológica das atitudes e do comportamento dos indivíduos” (Ibidem, p. 85). E, para alcançar esses objetivos, não bastavam apenas encarcerar ou punir, mas foi preciso implantar estratégias de vigilância e disciplinamento que fizessem os indivíduos se autocontrolar e controlar os outros.

Pode-se conjecturar que Elias e Dunning (1992) pensaram o “controle da excitação” pelo esporte, como Foucault (2006) analisou as mudanças no regime jurídico e penal, na qual:

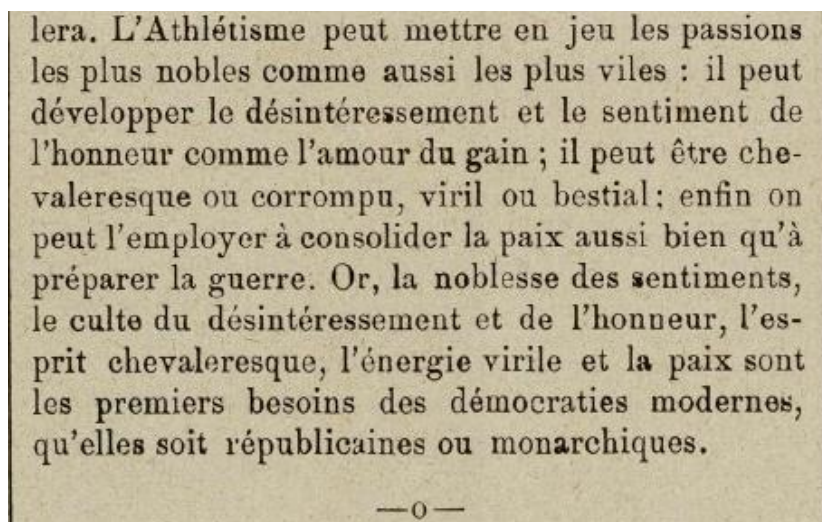
Toda a penalidade do século XIX passa a ser um controle, não tanto sobre se o que fizeram os indivíduos está em conformidade ou não com a lei, mas ao nível do que podem fazer, do que são capazes de fazer, do que estão sujeitos a fazer, do que estão na iminência de fazer. (FOUCAULT, 2006, p. 85).

Algumas pessoas poderiam perguntar: Mas por que o controle da violência está sendo levantado aqui? O que isso tem a ver com o projeto de continuidade dos Jogos Olímpicos e a interdição das mulheres nesse evento? Uma das respostas poderia estar no fato de que o projeto olímpico, desde sua materialização em 1896, possuía como objetivo promover o esporte em nível internacional de maneira supragovernamental e supostamente apolítica, para desse modo, contribuir com a construção de um mundo melhor e mais pacífico¹⁹³. Todavia, nos discursos do COI e de Coubertin, especialmente

¹⁹³ Carta Olímpica de junho de 2019. Disponível em: <https://library.olympic.org/Default/doc/SYRACUSE/208113/charte-olympique-etat-en-vigueur-au-26-juin-2019-comite-international-olympique> Acesso em: 07 jan. 2020.

entre 1894 e 1937, aparecia frequentemente a afirmação que o projeto olímpico devia se alinhar às necessidades da sociedade que, segundo eles, se encontrava em franca degeneração, com adultos preguiçosos e adolescentes insolentes e sem controle (CIPC, 2015). Embora o projeto de construção social tivesse um público alvo, os homens e não as mulheres, o discurso do Olimpismo para os homens tinha um tom que era mais de direcionamento e mediação do que de dominação. As energias dos praticantes não deveriam ser tolhidas, mas que fossem utilizadas para a construção de corpos fortes, viris e refinados, segundo o COI, três pilares que sustentariam o progresso das sociedades modernas.

Extrato 57 - Bulletin Officiel du Comité International, octobre, 1894b



Fonte: CIO, 1894b, p. 1¹⁹⁴

Num discurso feito pelo Consul Geral de El Salvador, Pedro Jaime Matheu, que ser tornou membro do COI em 1918, é possível perceber a continuidade da concepção de que as energias dos homens/atletas deveriam ser canalizadas apropriadamente.

As energias que o cultivo dos músculos dá ao indivíduo desenvolvem todas as suas faculdades concomitantemente, e fazem-lhe suportar melhor as privações e os cansaços, ser mais atento e submisso à disciplina, e nos momentos decisivos, ter mais sangue frio, sentir-se mais viril e chegar ao abnegado heroísmo. O futuro de um país depende

¹⁹⁴ “O atletismo pode colocar em jogo as paixões mais nobres, assim como as mais vis; pode desenvolver o desinteresse e o sentido de honra, bem como o afã pelo lucro; pode ser cavaleiresco ou estar corrompido, ser viril ou bestial; cabe, finalmente, utilizá-lo para consolidar tanto a paz quanto para preparar a guerra. Pois bem, a nobreza de sentimentos, o culto pelo desinteresse e pela honra, o espírito cavaleiresco, a energia viril e a paz são as primeiras necessidades das democracias modernas, sejam republicanas ou monárquicas” (CIO, 1894b, p. 1 – tradução livre).

da virilidade da sua raça [...] assim, todos os países devem se preocupar em levar a seus programas educativos a ‘cultura física’ como indispensável para formar ‘corpos sãos, vigorosos, esbeltos e ágeis’. (MATHEU, 1917 *apud* CIPC, 2015, p. 740).

Analisando esses regimes que visavam garantir que os homens alcançassem altos níveis de performance e desenvolvimento (físico, intelectual, moral), e pensando a partir da teoria de Elias & Dunning (1992), na qual, o processo civilizador se materializaria pelo controle da violência e a inculcação do autocontrole dos impulsos, pode-se inferir que o alijamento das mulheres dos processos de disciplinamento mediante a excitação/violência calculada do esporte, pode ter se dado por alguns fatores: o primeiro, dizia respeito ao vínculo imposto socialmente entre as mulheres e o ambiente privado dos lares, onde elas seriam educadas, disciplinadas e controladas, sem ter a necessidade de outras tecnologias de controle; o segundo fator, considerava que os atributos estimados para a feminilidade – beleza, graça, dependência, fragilidade –, não seriam alcançados através das exigências físicas e psicológicas nos esportes. Os esportes, campo de construção, valorização e inculcação da virilidade e das expressões de masculinidade, não poderiam responder à construção e incorporação de feminilidades.

A tecnologia de controle das mulheres pelo confinamento, não só parecia instituir uma relação essencializada entre a esfera privada e a situação social das mesmas, como reforçava o entendimento de elas faziam parte de um grupo que não precisava ser docilizado e civilizado por meio da prática esportiva, dado que a vida vivida no ambiente “protegido” e controlado do lar já atendia a esse objetivo (LOVISOLO, 2010). Aliás, como já foi reforçado anteriormente, nos discursos de interdição das mulheres, Coubertin argumentava que não era contra a prática de exercícios físicos e alguns esportes pelas mulheres, mas que isso ocorresse em ambientes fechados e sem a presença de público. Coubertin era particularmente contrário a qualquer participação das mulheres nas provas do atletismo, pois ele considerava que esse esporte era a maior herança dos antigos Jogos Olímpicos, por isso, era inconcebível a presença das mulheres nas raias dos estádios (CIPC, 2015).

De mais, um dos discursos de Coubertin e do COI, que ainda perduram nos dias atuais, era que as mulheres não deveriam se envolver com os esportes considerados violentos, pois a “natureza” desses eventos seria incompatível com a candura feminina, podendo ocasionar o retrocesso das mulheres no processo civilizador, como argumenta Lovisolo (2010):

Quando pensamos o esporte a partir do gênero parece que há evidências consideráveis que levam a pensar que as modalidades esportivas, mesmo as de contato e com graus relativos de violências, foram crescentemente vistas como civilizadoras no caso dos homens. No caso das mulheres, muitos desses esportes foram vistos como contrários à natureza feminina e, mais ainda, como masculinizantes e como fatores que podiam ajudar a desenvolver a violência entre as mulheres. Assim, os esportes teriam para os homens, pelo seu poder mimético, a capacidade de torná-los mais civilizados. No caso das mulheres poderia agir na direção contrária da flecha civilizatória. (p. 34).

As concepções sociais que enunciavam que as mulheres não seriam seres dotados de agressividade, violência e raiva, portanto, não precisavam passar pelo mesmo processo civilizatório que os homens, revela um outro lado do problema: que as mulheres têm sido educadas para disfarçar a raiva, a indignação, a excitação, o desejo, a ferocidade, e que exibam o choro, a dor, o tédio, a instabilidade, a dependência, num verdadeiro “jogo de máscaras”. Mary Valentis e Anne Devane (1994) ao analisar como algumas mulheres se percebiam e que imagem construíam de si, depois de momentos de raiva e fúria, constataram que algumas se sentiam monstruosas, como se seus comportamentos agressivos tivessem revelado uma face monstruosa delas mesmas que, segundo as autoras, elas diziam parecer a face da Medusa – mito grego do “sexo feminino” com cobras no lugar dos cabelos e que petrificava quem encarava seus olhos. “Treinadas desde a infância, as mulheres são hábeis em mascarar suas raivas, muitas vezes por trás de doenças mentais e físicas” (VALENTIS & DEVANE, 1994, p. 3 – tradução livre)¹⁹⁵.

Todavia, Valentis e Devane (1994) constataram que as mulheres têm aprendido a tirar as máscaras, impor seus desejos, vontades, indignações e não sentir vergonha daquilo que expõem, assunto que é analisado no próximo capítulo, que trata da batalha de Alice Milliat e suas companheiras da *Fédération Sportive Féminine Internationale*, contra o Comitê Olímpico Internacional, para a participação das mulheres nos Jogos Olímpicos como atletas oficiais.

¹⁹⁵ “Trained from infancy to be good, women are adept at masking their rage, many times behind mental or physical illness” (VALENTIS & DEVANE, 1994, p. 3).

2.2.3 Jogos Olímpicos de Atenas 1896: a emergência de uma nova ordem

As escavações arqueológicas conduzidas na Grécia entre 1875 e 1881, quando as ruínas da cidade de Olímpia foram expostas e espalharam notícias sobre a sede dos Jogos Olímpicos Antigos, reforçaram os discursos sobre uma possível retomada do evento, mas dentro das configurações que a sociedade moderna aspirava e insparava, influenciado diretamente as ações de Coubertin e outros homens na implantação de um projeto olímpico com dimensão internacional (CIPC, 2015).

No dia 25 de novembro de 1892, em um congresso em comemoração aos cinco anos da fundação da *Union des Sociétés Françaises des Sports Athlétiques* (USFSA)¹⁹⁶, Coubertin apresentou pela primeira vez seu projeto para a retomada dos Jogos Olímpicos, porém, suas ideias não receberam muita atenção dos congressistas. Foi somente dois anos depois, em outro congresso realizado pela USFSA entre os dias 16 a 24 de junho de 1894, que ao apresentar pela segunda vez seu projeto, Coubertin conseguiu ter sucesso para suas demandas.

Após analisar as circunstâncias e as possibilidades dentro da realização do congresso da USFSA em 1894, Coubertin chamaria para si a responsabilidade de definir e organizar o programa do evento, atitude que, para ele, diminuiria as chances de fracassar novamente na apresentação das suas ideias. Desse modo, no programa do congresso, Coubertin colocou os tópicos relacionados ao “amadorismo e o profissionalismo” nos primeiros dias, ao passo que as questões relacionadas às olimpíadas ficaram os últimos dias. Coubertin (1931) relatava que tudo havia sido preparado para que o foco do congresso fosse os Jogos Olímpicos, a tal ponto que, num dado momento, passou a circular entre os congressistas que o nome do evento tinha sido alterado, passando para *Congrès International de Paris pour le rétablissement des Jeux Olympiques*, mudança que teria pego os participantes de surpresa, causando lhes um sentimento de desconfiança, mas também de curiosidade (CIPC, 2015; COUBERTIN, 1931).

O congresso foi realizado no salão de conferências da *Université de Sorbonne* em Paris – uma instituição de grande poder discursivo –, cujo espaço é ornamentado pelo famoso quadro do artista francês Puvis Chavannes, chamado o “Bosque Sagrado”, foi aberto com a primeira execução do Hino de Apolo, descoberto nas ruínas da cidade grega de Delfos. Cenário que ecoava entre os participantes a magnitude do projeto, fazendo-os

¹⁹⁶ Pierre de Coubertin foi um dos agentes centrais para a fundação da *Union des Sociétés Françaises des Sports Athlétiques* (USFSA) em 1887, desse modo, ele tinha grande influência dentro da instituição.

experimental, sentir e incorporar que as ideias apresentadas iam além do que previam para um congresso esportivo. Num dos trechos da obra *Mémoires Olympiques*, publicada em 1931, Coubertin dizia:

Extrato 58 - *Mémoires Olympiques*, 1931

tion de l'harmonie sociale pour l'assistance dans l'ambiance espérée. Une sorte d'émotion nuancée se répandit comme si l'antique eurythmie transparaissait à travers le lointain des âges. L'Hellénisme s'infiltra de la sorte dans la vaste enceinte. Dès ces premières heures, le Congrès avait abouti. Je savais que, désormais, consciemment ou non, personne ne voterait contre le rétablissement des Jeux Olympiques.

Fonte: COUBERTIN, 1931, p. 18.¹⁹⁷

Com a aprovação do projeto, duas comissões foram organizadas, a primeira tinha como responsabilidade discutir as questões do amadorismo e a segunda focava na tarefa de definir e organizar as ações do Olimpismo. Nas discussões, Coubertin ratificava que as Olimpíadas deveriam ser realizados a cada quatro anos e que no final do ciclo fossem realizados os Jogos Olímpicos, além disso, ele insistia que os estudantes não deveriam participar das competições e que as comissões organizadoras se encarregassem de dotar o evento de um caráter moderno (COUBERTIN, 1931). De pronto, para a consecução dos primeiros jogos, outra comissão foi criada e o grego Bikelas, amigo de Coubertin, foi escolhido presidente e responsável por organizar o evento na cidade de Atenas em 1896.

Entretanto, a Grécia passava por grave crise econômica e os gastos para a implantação do evento não eram viáveis, desse modo, o Primeiro Ministro grego Charilaos Trikoupis se tornou um opositor ferrenho. As restrições impostas por Trikoupis se somavam aos conflitos que ele tinha com o príncipe Constantino I, um grande entusiasta do projeto de internacionalização proposto pelo COI, o que resultou na exoneração do primeiro-ministro logo após o retorno do rei da Grécia, George I que atendeu prontamente o pedido do seu filho (CIPC, 2015; MALLON & TURE, 2009). Coubertin (1931) dizia que a aceitação do príncipe grego foi crucial para que a Grécia

¹⁹⁷ “Uma sorte de emoções misturadas transbordava como se a antiga eurythmia transparecesse das eras distantes. De tal modo que o helenismo se infiltrava em todo o recinto. Desde as suas primeiras horas, o congresso havia alcançado seu objetivo. Eu sabia que a partir daquele momento, conscientemente ou não, ninguém votaria contra o reestabelecimento dos Jogos Olímpicos” (COUBERTIN, 1931, p. 18 – tradução livre).

aceitasse sediar os primeiros Jogos Olímpicos e foi um personagem essencial para os preparativos das instalações esportivas na cidade de Atenas.

Com a aprovação dos monarcas gregos, mas com pouco mais do que um ano para os preparativos, a materialização dos primeiros Jogos Olímpicos exigiu da patronagem a manutenção e o alinhamento interno dos seus discursos e práticas. Os membros do COI e da comissão organizadora se mantiveram politicamente ativos, primeiro solicitaram que as federações e organizações esportivas interessadas no evento deveriam criar e compartilhar entre seus praticantes um compêndio de regras padronizadas e que realizassem competições para selecionar os melhores atletas de cada país. Nesse período, a patronagem e a comissão organizadora buscaram apoios políticos e financeiros para a restauração do antigo Estádio *Panathinaiko*, refeito com placas de mármore branco, como a suntuosidade que o evento merecia. Os meios de comunicação em massa (jornais, rádios e revistas) de vários países foram contatados e notícias sobre os preparativos, datas importantes, textos que enunciavam a importância do evento e dos esportes na constituição da saúde e da moralidade da população (COUBERTIN, 1931; SAINT-MARTIN, 2016; CIPC, 2015). No seu livro de memórias olímpicas, um efusivo Coubertin descrevia a abertura dos Jogos de Atenas em 1896:

Extrato 59 – A abertura dos primeiros Jogos Olímpicos pelo olhar de Coubertin, 1931

L'heure enfin sonna où dans le stade restauré et resplandissant de blancheur, la foule fut admise à pénétrer et où le roi Georges scella le rétablissement des Jeux Olympiques en prononçant la formule sacramentelle : « Je proclame l'ouverture des Jeux de la première Olympiade de l'ère moderne ». Assitôt le canon tonna, un lâcher de pigeons emplît le stade de ses vols joyeux, des chœurs entonnèrent la belle cantate composée par l'artiste grec Samara et les concours commencèrent. L'œuvre entrait dans l'histoire. « All that is your work », me dit Gebhardt avec lequel nous parlions toujours anglais... Le

Fonte: COUBERTIN, 1931, p. 36.¹⁹⁸

¹⁹⁸ “A hora enfim chegou onde, num estádio restaurado e de uma brancura resplandecente, a multidão penetrou e o rei George sela o reestabelecimento dos Jogos Olímpicos, pronunciado as palavras ritualísticas: “Declaro aberto os Jogos da primeira Olimpíada da era moderna”. Em seguida salvas de canhão, milhares de pombas encobriram o recinto com seu alegre voo, os coros entoaram a bela cantada, original do compositor grego Samara, e começaram as competições. A obra entrava para a história. “*All that is your work*” me disse Gebhardt, com quem sempre falávamos inglês. (COUBERTIN, 1931, p. 36 – grifos no original, tradução livre).

Discursos de caráter estético-expressivo, moralista, nacionalistas higienista e eugenista ditavam o andamento do projeto olímpico, cujo norte, sob a ótica de Coubertin, deveria valorizar as performances e atributos dos atletas e concomitantemente engrandecer as disposições pedagógicas, morais e civilizatórias (ELIAS, 1993, 1994) do evento. Com efeito, ao atleta não bastava apenas ser o mais rápido, mais alto ou o mais forte, como estimava o lema *citius, altius, fortius*¹⁹⁹, era preciso que seu comportamento e seu corpo exibissem a correta relação entre valores morais e religiosos com disposições físicas, intelectuais e artísticas, o atleta olímpico deveria testemunhar a viabilidade do projeto para a reconstituição do “homem ocidental moderno”.

A máxima “*citius, altius, fortius*” não sublinhava apenas a eficiência atlética, mas o ideal regulatório de Coubertin e a patronagem olímpica para a humanidade – o homem europeu, branco, cristão, heterossexual e sem deficiência. Ser *Citius* (o mais rápido) não só nas corridas, mas também no que se referia à capacidade de compreensão, à vivacidade, à inteligência, à busca pelo progresso. *Altius* (o mais alto) não somente para as metas esportivas, mas para com os objetivos que aperfeiçoassem a moral dos indivíduos e que elevassem o grau evolutivo da sociedade. E que os atletas fossem *fortius* (o mais forte) não só nas lutas esportivas, mas nas suas lutas diárias contra a devassidão e os vícios e em favor da ordem (CIPC, 2015, p. 577).

Mesmo que Pierre de Coubertin²⁰⁰ não acreditasse que a Grécia pudesse ter condições para receber os primeiros Jogos Olímpicos, foi nesse cenário repleto de simbolismos que os primeiros Jogos Olímpicos Modernos ocorreram entre 5 a 15 de abril de 1896²⁰¹ na cidade de Atenas (COUBERTIN, 1931, p. 27). Quinze países, Alemanha, Austrália, Áustria, Bulgária, Chile, Dinamarca, Estados Unidos, França, Grã Bretanha, Grécia, Hungria, Suécia e Suíça foram representados por 245 homens²⁰² que competiram em quarenta e três eventos em nove esportes (MALLON & TURE, 2009), como consta

¹⁹⁹ “O mais famoso é o lema Olímpico mais antigo, “*citius, altius, fortius*”. O padre dominicano Henri Didon colocou-o no centro de seu discurso durante uma entrega de prêmios em 7 de março de 1891 diante da associação desportiva de alunos da “*Ecole Albert-le-Grand*” por ele dirigida em Archeuil, próximo de Paris. Coubertin, que estava presente, tratou disso numa breve nota na revista *Les sports athlétiques*.¹ Posteriormente voltaria com frequência a esse lema, já que respondia com bastante exatidão a sua concepção da pedagogia desportiva. Essa foi a razão que permitiu ao congresso fundador de 1894 escolher essas três palavras como lema do novo movimento Olímpico” (CIPC, 2015, p. 577).

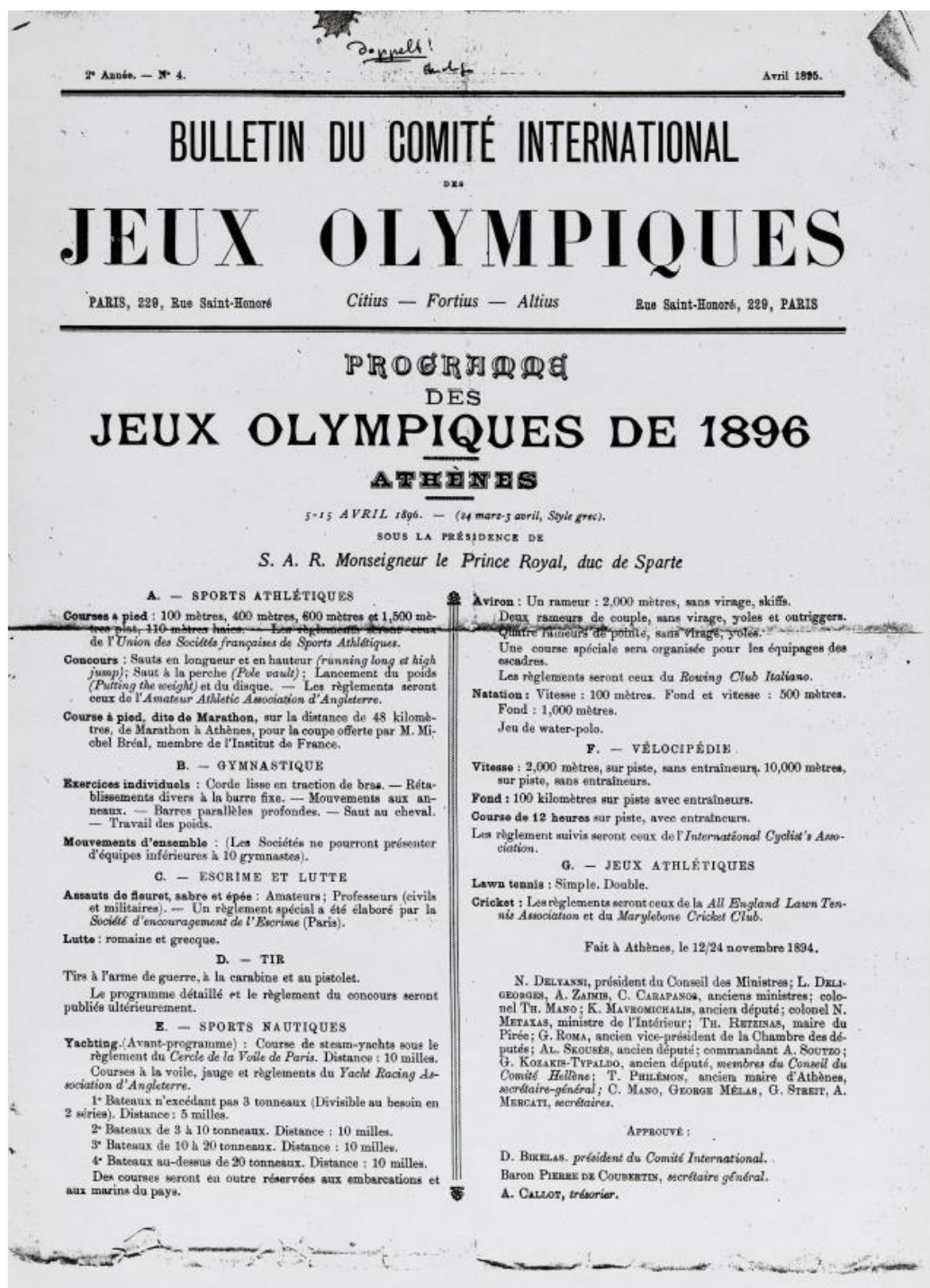
²⁰⁰ Pierre de Coubertin queria que os primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna fossem realizados na cidade de Paris, mas “embebedos de helenismo.” (CIPC, 2015, p. 312).

²⁰¹ Como a Grécia seguia o Calendário Juliano, alguns documentos podem enunciar que os Primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna foram realizados entre 25 de março e 3 de abril de 1896.

²⁰² As mulheres começaram a participar dos Jogos Olímpicos em Paris 1900, entretanto, somente na Olimpíada de Berlim 1936, elas foram incluídas oficialmente como atletas olímpicas. (CIPC, 2015).

na programação exposta logo abaixo, publicada no *Bulletin du Comité International* de abril de 1895.

Figura 20 - Programa oficial dos Jogos Olímpicos de Atenas em 1896



Fonte: CIO, 1895, p. 1.

Apesar dos conflitos, das resistências e das intermináveis negociações, os Jogos Olímpicos de 1896, segundo relatava Coubertin, alcançou um dos seus principais

objetivos que era o de reunir vários países em um evento multiesportivo e internacional. Todavia, Coubertin considerava que o evento não tinha sido grandioso no quesito recordes, visto que nenhum foi batido na ocasião (COUBERTIN, 1931; CIPC, 2015). Porém, dizia ele, a vitória do grego Spiridion Louis na prova da maratona – cerca de 42 quilômetros, entre a cidade de Maratona e Atenas –, sua chegada carregada de emoção e simbolismo no *Panathinaikos* fez a população ateniense relembrar e festejar uma parte da gloriosa história grega. A vitória, contava Coubertin, fez o príncipe Constantino I descer da tribuna real e tomar Spiridion nos braços, levando-o aos pés do trono do Rei George I, onde foi ovacionado com um verdadeiro herói nacional (COUBERTIN, 1931).

Assim como havia feito Fidípedes – o herói grego que teria corrido o trajeto entre Maratona e Atenas para avisar que os atenienses haviam derrotado os persas –, Spiridion também levou esperança para o povo grego e foi considerado herói, contudo, esse acontecimento poderia ter sido ainda mais rico e interessante, se a participação da grega Stamata Revithi, a primeira mulher nos Jogos Olímpicos Modernos, não tivesse sido interdita por Coubertin e pela patronagem olímpica. Uma história que Coubertin não fez questão de contar e que o COI demorou admitir, mas que é discorrida a seguir.

CAPÍTULO III

Mulheres em campo: encarando patronagens e suplantando barreiras nas competições do século XX

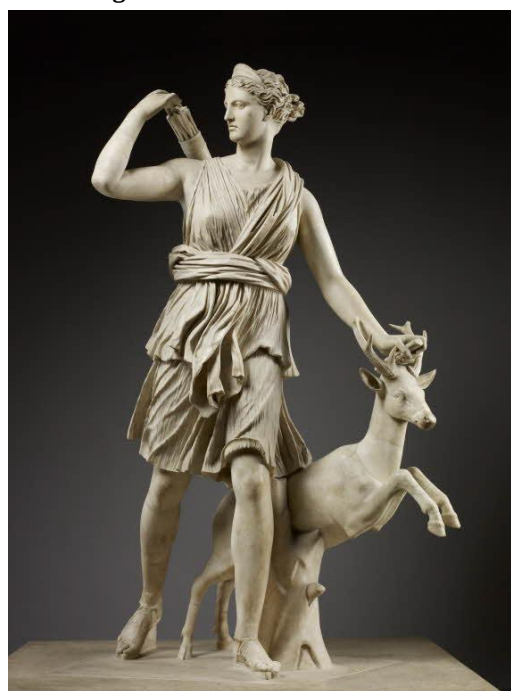
Sejam quais forem as ambições atléticas femininas, não podem ter a pretensão de ganhar dos homens em corridas, em esgrima, em equitação... Portanto, fazer que aqui interviesse o princípio da igualdade teórica dos sexos equivaleria a incorrer em uma manifestação platônica desprovida de sentido e de alcance. (CIO, 1912a, p. 110).

Constatamos que a oposição masculina vem de um velho espírito de dominação, do desejo de ter sempre as mulheres sob tutela, da crença de as tornar outra coisa que não objetos úteis ou agradáveis ao homem. (MILLIAT, 1924, p. 4).

3.1 Ártemis, Melpômene e Medusa: tragédias, lutas e vitórias das mulheres no contexto esportivo e olímpico

Conta a lenda que a filha da deusa Letos e do deus Zeus, Ártemis ou Artemísia, no grego Ἄρτεμις, e chamada de Diana na mitologia romana, logo ao nascer teria ajudado sua mãe no parto do seu irmão gêmeo, Apolo. Quando criança, entre os seis pedidos que seu pai lhe concedera, Ártemis teria solicitado que pudesse ter vários nomes. Assim, dizia ela, não seria confundida com seu irmão gêmeo, Apolo. Deusa da vida selvagem, da caça, da lua, do parto e da virgindade, Ártemis era também a deusa protetora das meninas e das amazonas, livrando-as do julgo e das ameaças dos homens. Por sua capacidade física e excelência na utilização do arco e flecha, Ártemis era considerada a melhor caçadora entre os deuses, deusas e os e as mortais (GRIMAL, 2005). De figura imponente e aguerrida, Ártemis representava a capacidade de luta, ímpeto e resistência. Atributos importantes na trajetória das mulheres que lutaram e conquistaram o direito de participar das competições esportivas nos séculos XIX e XX, e daquelas mulheres que, ainda hoje,

Imagem 5 - Deusa Ártemis ou Diana



Fonte: Museu do Louvre, Paris, França

avançam, ameaçam, conquistam e reconfiguram o esporte que, há tempos, tem sido considerado como um domínio legítimo dos homens e das masculinidades.

Concebido para atender a humanidade, o projeto de continuidade dos Jogos Olímpicos interposto por Coubertin e a patronagem olímpica, excluía inicialmente as mulheres, os atletas “profissionais”, os operários e trabalhadores e os estudantes (adolescentes). Seu ideário não se destinava a todos e todas, mas sim, a um grupo de homens aristocratas que se reuniam em grêmios, relativamente fechados, e que nos seus tempos livres praticavam um ou mais esportes como passatempo ou *hobby*.

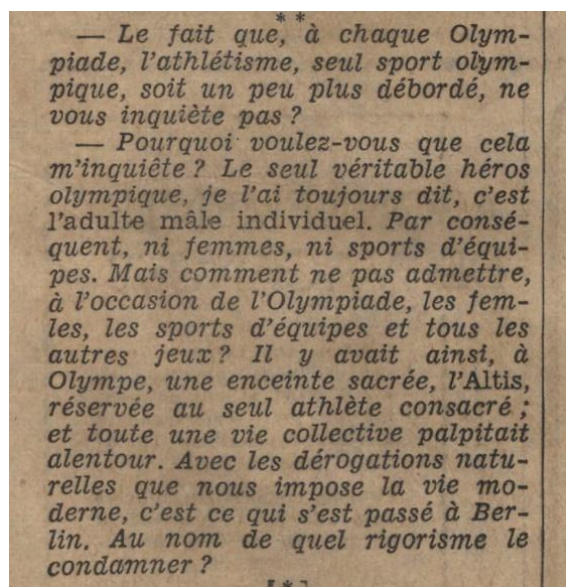
Ainda que tenham participado de algumas das edições dos Jogos Olímpicos, até o ano de 1928 as mulheres não eram consideradas como competidoras oficiais pelo COI²⁰³, portanto, não recebiam medalhas ou certificados e suas performances serviam mais como “demonstrações” da prática de esportes considerados esteticamente aprazíveis, crôquete, tênis, golf, etc. Entre os Jogos Olímpicos de 1896 e 1912, as demonstrações eram escolhidas e organizadas pelas comissões das cidades-sede, embora o COI não as proibisse, não acenava positivamente às mulheres nos campos de competição. Situação que começou a mudar em 1912 e perdurou até 1925, quando o próprio Coubertin passou a reforçar, durante seu mandato, que as mulheres não deveriam ser aceitas em nenhuma hipótese, em nenhum evento e em nenhum local que não fosse nas arquibancadas ou nas tribunas (CIPC, 2015). Apesar da grande influência, as concepções de Coubertin não encontravam ecos em todos os membros do COI, o que não significava que fossem mais progressistas, mas porque tinham vivências e compreensões distintas e, certamente, já percebiam que a participação das mulheres nas competições esportivas era produto dos acontecimentos e das mudanças sociais, progresso dos países “desenvolvidos” (LENSKYJ, 2016).

Apesar das exclusões “calculadas” e das participações “controladas”, as mulheres, antes mesmo do final do século XIX e já no século XX, não nunca deixaram de lutar, conquistar, construir e fazer emergir resistências contra o ideário do homem, “protótipo do heroísmo”, em qualquer que fosse o campo social. Numa entrevista concedida por Coubertin ao *Le Journal* de 07/08/1936, oito anos após as mulheres conquistarem o posto de competidoras oficiais, é possível perceber seu recalque e insistência no “homem” como o único modelo possível para o atleta e o herói olímpico.

²⁰³ Até 1912 a participação das mulheres nos Jogos Olímpicos dependia da comissão organizadora do país sede, entre 1912 e 1924 o COI recrudescia sua posição negativa à participação feminina, desse modo, foi somente a partir de 1928 que as mulheres entraram definitivamente no programa olímpico.

Fonte: Le Journal, Paris, 27/08/1936²⁰⁴

Extrato 60 – Entrevista de Pierre de Coubertin concedida ao Le Journal, Paris, 1936



Fonte: COUBERTIN, 1936, p. 1.²⁰⁵

Ao pesquisar sobre a adesão de mulheres e homens às práticas corporais durante os séculos XIX e XX, Louveau (1984) constatou que a história das técnicas esportivas e dos jogos, os gestos, as regras, os regulamentos, os locais onde são implantados, os equipamentos que são utilizados, a sua organização institucional (estrutural e política), foram configuradas e reconfiguradas colocando e mantendo os homens como protagonistas, personagens centrais e “exclusivos” do cenário das práticas corporais, enquanto as mulheres seriam alocadas nas plateias, como se estivessem ávidas para aplaudir as demonstrações de força, vigor, resistência e coragem dos contestes dos homens.

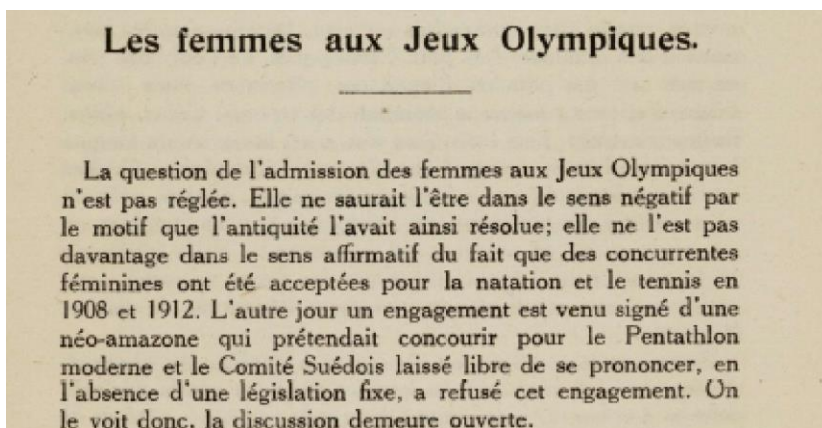
No esporte, como em outros setores da vida pública, as mulheres foram as primeiras a serem colocadas ‘à margem’, a assistir, incentivar, confortar e recompensar aqueles que podiam legitimamente mostrar sua força, combater e conquistar. (LOUVEAU, 1984, p. 24 – tradução livre).

²⁰⁵ “– O fato de que o atletismo, o único esporte Olímpico, permaneça um tanto sobrecarregado em cada Olimpíada, não o inquieta?

– Por que você acharia que isso me inquieta? O único verdadeiro herói olímpico, eu tenho dito sempre, é o homem adulto individual. Consequentemente, nem mulheres e nem esportes em equipe. Mas como não admitir nas Olimpíadas as mulheres, nem os esportes em equipe, nem os outros jogos? Em Olímpia havia um recinto sagrado, o Altis, reservado somente ao atleta consagrado. Toda uma vida coletiva palpitava ao seu redor. Com as derrogações naturais que nos impõe a vida moderna, isso é o que aconteceu em Berlim. Em nome de que rigorismo poderíamos condenar isso?” (COUBERTIN, 1936, p. 1 – grifos nossos, tradução livre).

O excerto da autora descreve, parcialmente, um discurso que era comum entre Coubertin e alguns dos membros da patronagem dos Jogos Olímpicos até o final da década de 1930. Num congresso realizado em 1912²⁰⁶, na cidade de Paris, Coubertin negou que fosse colocada em votação uma petição sobre a participação das mulheres, afirmando:

Extrato 61 - Revue Olympique, n. 79, juillet 1912a



Fonte: CIO, 1912a, p. 109.²⁰⁷

A “neoamazona”, a qual se refere o enunciado, era a britânica Helen Preece, uma das atletas de maior sucesso das primeiras décadas do século XX, que, segundo os jornais da época²⁰⁸, tinha todos os requisitos necessários para participar do pentatlo moderno (hipismo, esgrima, natação, tiro esportivo e corrida) nos Jogos de Estocolmo em 1912, mas que ainda assim, teve seu pedido negado. Como justificativa, o comitê sueco reforçou que não existiam eventos, regulamentos e regras que pudessem suportar a participação de Helen Preece ou qualquer outra mulher (HECKER, 2014), mesmo que a atleta tivesse atributos compatíveis com os dos atletas da mesma modalidade, como os jornais da época faziam questão de notabilizar.

²⁰⁶ Entre 1896 e 1912, as participações das mulheres eram definidas pelos comitês das cidades sedes, o COI, apesar de não apoiar tal atitude, não a proibia. Porém, a partir de 1912 a situação mudou e Coubertin pessoalmente passou a encampar as proibições das participações femininas (LENSKYJ, 2016, p. 39).

²⁰⁷ “A questão da admissão das mulheres nos jogos Olímpicos não está regulamentada. Ela não poderia ser se não no sentido negativo, uma vez que a antiguidade tinha assim resolvido; e nem em sentido afirmativo pelo fato de que as concorrentes femininas terem sido admitidas na natação e no tênis em 1908 e 1912. Recentemente chegou um compromisso de participação assinado por uma neo-amazona que pretendia participar do pentatlo moderno, e o Comitê sueco, livre de se pronunciar a respeito pela ausência de uma legislação estabelecida, recusou o pedido. Vemos então, que a discussão se mantém aberta” (CIO, 1912a, p. 109 – tradução livre).

²⁰⁸ Democrat and Chronicle Rochester, New York, 07 Jul 1912, p. 28. Disponível em: https://www.newspapers.com/clip/15002888/democrat_and_chronicle/ Acesso em: 08 jan. 2020. The Washington Herald Washington, District of Columbia, 07 Jul 1912, p. 13. Disponível em: https://www.newspapers.com/clip/15002274/the_washington_herald/ Acesso em: 08 jan. 2020.

Figura 22 – Matéria sobre Helen Preece no jornal estadunidense Democrat and Chronicle, 1912



Fonte: Democrat and Chronicle, 07/07/1912²⁰⁹

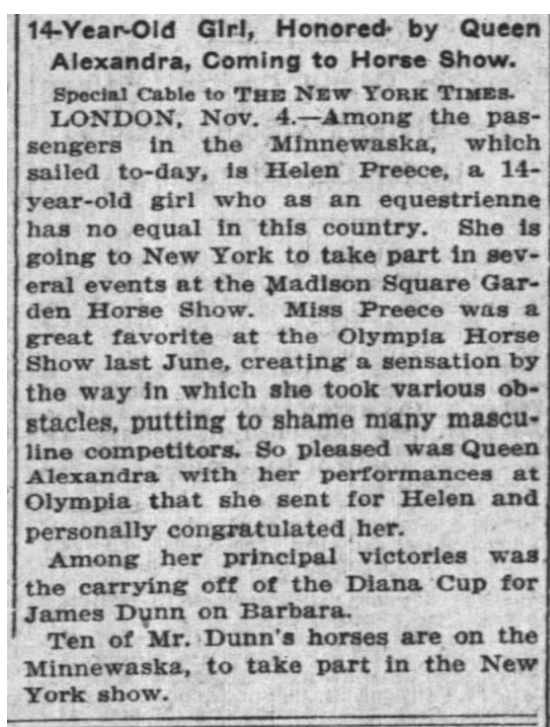
O caso de Helen Preece, problematiza Hecker (2014), revela como as posições do COI se baseavam na proteção do pentatlo como se este fosse um domínio naturalmente dos homens. Nas primeiras décadas do século XX, quatro das cinco provas do pentatlo (esgrima, tiro esportivo, natação, corrida e hipismo) eram consideradas de domínio “natural” dos homens. O hipismo, o tiro, a esgrima e a corrida tinham sido práticas importantes para os homens nas guerras e conquistas de outros povos, por isso, parecia absurdo que Preece, uma garota de quinze anos, quisesse competir contra os homens. Por

²⁰⁹ Disponível em: https://www.newspapers.com/clip/15002888/democrat_and_chronicle/ Acesso em: 20 out. 2020.

outro lado, o pentatlo era um dos únicos eventos olímpicos para o qual Coubertin reclamava a paternidade. Era, segundo ele, uma prova “completa” que servia para coroar o atleta “perfeito”, aquele que dominava cinco dos esportes essenciais para a constituição humana (CIPC, 2015, p. 425). Ademais, Coubertin ratificava que “[...] o pentatlo moderno representa o ponto alto da Olimpíada. Em nenhuma outra prova o esforço muscular foi tão intenso, nem o altruísmo dos atletas tão grande” (CIPC, 2015, p. 437).

Certamente, foram muitas as pressões enfrentadas pela patronagem olímpica, disposta a proteger a “essência” masculina do pentlato das ameaças vindas da garota de quinze anos, dado que Preece tinha ganhado grande projeção na mídia, reflexo do seu sucesso nas competições, e havia recebido honrarias de membros da realeza como foi o caso do presente que recebeu da Rainha Alexandra da Dinamarca. Alguns jornais da época, como o que foi o caso do New York Times de 05 novembro de 1911, anunciavam que Preece era tão boa que suas performances envergonhariam os melhores cavaleiros.

Extrato 62 - Matéria sobre a amazona Helen Preece, The New York Times, 1911



Fonte: THE NEW YORK TIMES, 1911, p. 33.²¹⁰

²¹⁰ “Helen Preece montará aqui

Garota de 14 anos, homenageada pela Rainha Alexandra, virá ao Horse Show

Special Cable para o The New York Times

Londres, 4 de novembro. Entre os passageiros do Minnewaska, que navegaram hoje, está Helen Preece, uma garota de 14 anos que como amazona não há nesse país. Ela está indo para New York para participar de alguns eventos no Madison Square Garden Horse Show. A senhoria Preece foi a grande favorita do Olympia Horse Show em junho passado, *sendo a sensação do momento quando superou vários obstáculos*,

Apesar de terem dado provas de suas competências, as mulheres foram interditas no pentatlo moderno dentro da Federação Internacional das Associações Atléticas até a década de 1970, e foi somente em 2000 que elas conquistaram o direito de participar dessa modalidade nos Jogos Olímpicos (IOC, 2020). As modalidades esportivas que foram (e ainda frequentemente são) consideradas como naturalmente masculinas e de domínio dos homens, foram aquelas que demoraram mais tempo para ser inseridas na programação para as mulheres nos Jogos Olímpicos, o futebol (1996), levantamento de peso, pentatlo, taekwondo e triatlão (2000), luta estilo livre (2004), golf e rugby (2006), boxe (2012) são alguns exemplos (IOC, 2020).

Seguramente, e aqui a flexão do advérbio não é desacertada, Helen Preece não foi a única mulher a ser impedida de participar das competições olímpicas, antes de 1928. E, certamente, a ousada garota de quinze anos também não fazia parte da grande massa de mulheres que sequer possuíam tempo livre suficiente para ingressar numa prática corporal como o esporte, que além do tempo, exigia (exige) conhecimento das regras, equipamentos e instalações para a sua realização.

De acordo com Elias (1992), foi por dispor de tempo livre e condições financeiras, para se deslocar durante as estações de ano, que a burguesia inglesa pode desenvolver seus *hobbies*.

[...] durante a “estação”, para Londres, aí viviam alguns meses nas suas casas de cidade, gozavam os prazeres da vida urbana - o jogo, os debates e os mexericos da sociedade. Desta forma, o modo de vida da aristocracia e da pequena nobreza com terras ou, pelo menos, dos seus sectores abastados, ligava a vida da cidade à vida do campo, e deste modo pode explicar-se porque é que, no século XVIII, divertimentos de ar livre tais como o críquete, que associava costumes rurais e maneiras das classes mais altas, ou a realização de confrontos urbanos como o boxe, que adaptou o costume das classes de níveis mais baixos ao gosto das classes mais altas, sofreram a transformação particular verificada nos desportos. (ELIAS, 1992, p. 64-65).

Para Anita DeFrantz (1997, p. 18), o projeto interposto pelo COI, concebido como uma ferramenta civilizatória que deveria atender à sociedade ocidental, excluía cinquenta e um por cento (51%) da humanidade, quando recusava o acesso das mulheres ao projeto.

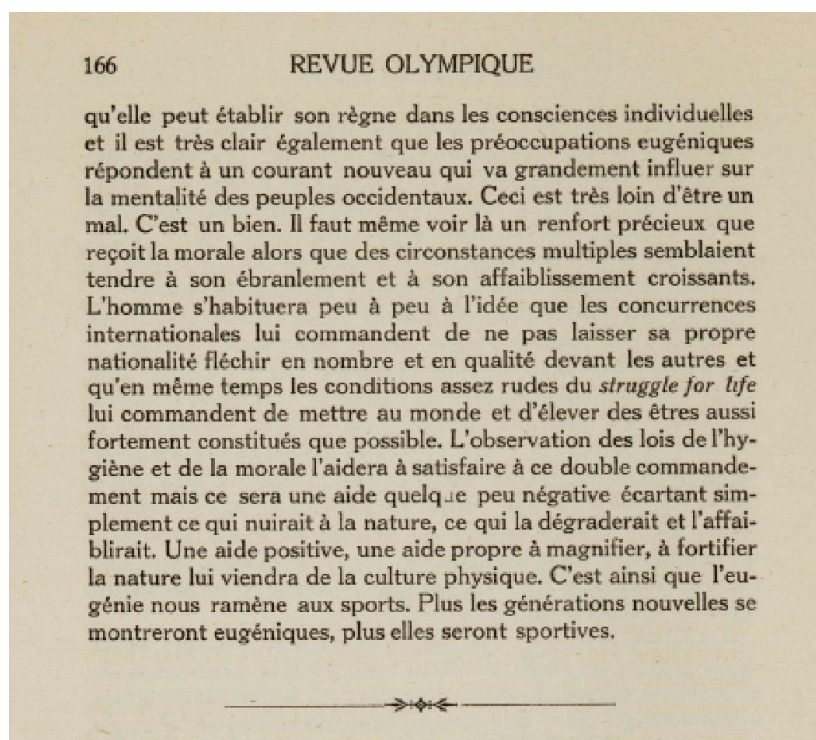
envergonhando muitos competidores masculinos. De tão satisfeita com sua performance a Rainha Alexandra foi até ela para cumprimentá-la pessoalmente. Entre suas principais vitórias estão a Diana Cup para James Dunn em Barbara. Dez cavalos do senhor Dunn estão em Minnewaska para participar da apresentação em New York” (THE NEW YORK TIMES, 1911, p. 33 – grifos nossos, tradução livre).

Em sua forma institucional, a exclusão durou 32 anos, se mantendo ativa entre 1896 a 1928. Todavia, no que se refere à estrutura e ao sistema esportivo, as exclusões e interdições ainda persistem, operando através da falta de incentivo (social, cultural e econômico); desvalorização profissional e financeira das atletas; constantes comparações entre as performances de homens e mulheres; controle do corpo e dos usos que as mulheres fazem dele, etc.

As interdições, no discurso da patronagem dos Jogos Olímpicos, se apoiavam em regimes de verdades de diferentes campos de conhecimento e aparelhos políticos, culturais, econômicos e sociais. A título de exemplo, as práticas discursivas do COI, sobre as diferenças entre os sexos, a ideia de hierarquização da raça/etnia, o medo da degenerescência, o desejo pela instituição da moralidade e a manutenção da “pureza da raça”, recorriam e circulavam a partir do poder-saber de agentes como Jean-Jacques Rousseau, Charles Darwin, Herbert Spencer e Francis Galton, primo de Darwin e um dos mentores da teoria da eugenia.

Ainda que a patronagem ratificasse sua desaprovação em relação à violência da segregação racial e ao controle da reprodução, o COI sustentava que a eugenia seria uma política importante para as nações, devendo ser implantada mediante a “conscientização individual”²¹¹ e não como política de estado (CIO, 1912b). Na edição de novembro de 1912 da *Revue Olympique*, num artigo chamado *L'eugénie*, o COI, após tecer algumas críticas, argumentava que a eugenia poderia:

²¹¹ Ainda que o discurso do COI tem sido o de valorização do indivíduo, que os jogos não seriam espaços para propagandas nacionalistas, as regras dos JO não permitem a participação de indivíduos, os e as atletas são selecionados e selecionadas pelos seus países e competem sob sua bandeira. Entretanto, a partir dos Jogos Olímpicos de Barcelona 1992 o COI passou a aceitar indivíduos apátridas, chamados de Participantes Olímpicos Independentes ou Atletas Olímpicos Individuais/Independentes, que por sua vez desfilam e competem sob a bandeira olímpica. Tais atletas, indivíduos, só são aceitos e aceitas mediante análises criteriosas de justificativas como guerras, desmantelamento do país, conflitos, etc. Desse modo, é possível afirmar que a política do COI não é totalmente voltada para o indivíduo, e sim, baseada na concepção do poder estatal como regente e “mandatário” dos indivíduos.



Fonte: CIO, 1912b, p. 166.²¹²

Pelo extrato, é possível observar que a eugenia não era uma “nova onda” que deveria ser suprimida, mas manipulada em benefício do projeto olímpico, sob o viés da competição esportiva internacional. O que a patronagem fez foi instituir um acontecimento amistoso aos princípios da teoria eugênica, lançados por Francis Galton em 1869, através da obra *Hereditary Genius*, mas que se disseminariam com a publicação do *Inquiries into Human Faculty and Its Development* em 1883, também de Galton, onde o termo “eugenia” definia o indivíduo que era “*hereditarily endowed with noble qualities*” (dotado de nobres qualidades herdadas), (GALTON, 1883, p. 24 – tradução livre),

²¹² “[...] estabelecer seu reino dentro das consciências individuais e é muito claro que as preocupações eugênicas respondem à uma nova onda que vai influenciar fortemente a mentalidade dos povos ocidentais. Isso está muito longe de ser um mal. Isso é um bem. É preciso mesmo ver aqui um esforço precioso que receba a moral, uma vez que as múltiplas circunstâncias pareciam tender à confusão e ao enfraquecimento constante. O homem se acostumará pouco a pouco à ideia que as competições internacionais o guiem, que ele não deixe sua própria nacionalidade enfraquecer em número e em qualidade frente aos outros. Que ao mesmo tempo, as condições, frequentemente rudes, da *luta pela vida*, o façam aparecer para o mundo e ele se eleve a partir de outros tão fortes como ele. Observar as leis de higiene e moral o ajudará a cumprir esse duplo comando, mas será uma ajuda um tanto negativa se ele simplesmente descartasse o que poderia prejudicar a natureza, o que a degradaria e a enfraqueceria. Uma ajuda positiva, uma ajuda apta a enaltecer, a fortificar a natureza virá pela cultura física. É assim que a eugenia nos leva aos esportes. Quanto mais as novas gerações se mostrem eugênicas, mais elas serão esportivas” (CIO, 1912b p. 166 – tradução livre, grifos no original).

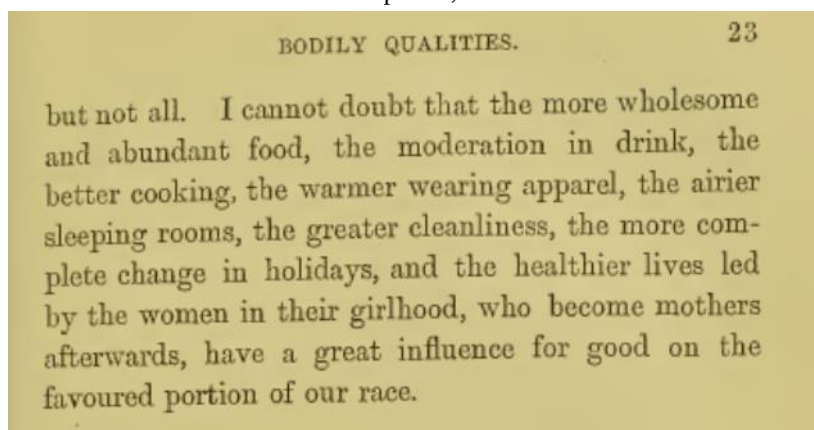
concepção que costurava as intenções dos Jogos Olímpicos e que respondiam ao ideal do Olimpismo.

Segundo observou Foucault (1979), o movimento eugenista e higienista resultavam, dentre outros acontecimentos, do enfraquecimento das monarquias e do fortalecimento da noção de população como um corpo social, cuja “saúde” e funcionamento dependeriam da vitalidade e robustez dos indivíduos. Buscava-se, desse modo, conservar a saúde da sociedade (inglesa, francesa, alemã) como buscava-se assegurar o vigor e a vitalidade do rei, dado que o corpo do rei representava a sociedade que governava.

Não há um corpo da República. Em compensação, é o corpo da sociedade que se torna, no decorrer do século XIX, o novo princípio. É este corpo que será preciso proteger, de modo quase médico: em lugar dos rituais através dos quais se restaurava a integridade do corpo do monarca, serão aplicadas receitas, terapêuticas como a eliminação dos doentes, o controle dos contagiosos, a exclusão dos delinquentes. A eliminação pelo suplício é, assim, substituída por métodos de assepsia: a criminologia, a eugenia, a exclusão dos ‘degenerados’... (FOUCAULT, 1979, p. 145).

Duas perspectivas aproximavam a eugenia de Galton com o projeto de continuidade dos Jogos Olímpicos. A primeira estava no discurso dos dois projetos que professava que a mulher seria um indivíduo coadjuvante, uma peça de suplementação e complementação do homem. Já a segunda, estava na estratégia de controle das mulheres e seus corpos, fosse pela exclusão do cenário esportivo ou pela manutenção das mulheres nos espaços restritos do lar, onde, “naturalmente”, deveriam desempenhar a função de cuidar das proles e dos seus maridos. Num dos subcapítulos, enquanto Galton recomendava os exercícios para o fortalecimento dos homens e seus descendentes, ele sugeria para as mulheres:

Extrato 64 - Prescrições de François Galton para as mulheres, *Inquiries into Human Faculty and Its Development*, 1883



Fonte: (GALTON, 1883, p. 23)²¹³

No contexto dos Jogos Olímpicos a teoria eugênica ganhou grande projeção nas competições que ocorreram em Berlim em 1936, quando Adolf Hitler – tentando impor ao mundo o seu modelo de perfeição, a “raça ariana” –, manipulou/utilizou o evento para disseminar a ideologia nazista, assunto que comporá a narrativa do último capítulo da minha pesquisa, sobre os exames de verificação do sexo/gênero e as políticas de elegibilidade para mulheres atletas.

Mary Douglas (1976), oferece sustentações interessantes para problematizar os argumentos comumente utilizados por Coubertin e o COI quando tratavam da situação das mulheres nas competições. O homem, no discurso da patronagem, representava o ideal de “pureza”, aquilo que ditava o enquadramento e era ele próprio o modelo, suas carnes não escondiam enigmas, elas ofereciam respostas e instauravam ideia regulatórios. Inversamente, a mulher era aquela que não era modelo nem modelagem, “não pertencia à tradição dos Jogos Olímpicos”, seu “destino” ou o resultado da “evolução das espécies” havia lhe reservado um lugar no segundo plano, o “segundo sexo”. Portanto, a inserção da “impureza” que representava, poderia oferecer “perigo” a estrutura e o funcionamento do ideal regulatório (macho, masculino, viril). Usando da teoria de Douglas como uma ferramenta analítica, a noção do “perigo” de que pudesse ocorrer nos Jogos Olímpicos uma possível desordem e/ou poluição do sistema pode ser observada no enunciado abaixo, no qual, Coubertin argumentava que o principal motivo para recusar a

²¹³ “Não posso duvidar que quanto mais comida saudável e abundante, moderação na bebida, melhor comida, roupas mais quentes, quartos de dormir mais arejados, maior limpeza, grandes mudanças nas férias e vidas mais saudáveis conduzidas pelas mulheres em suas mocidades, que depois se tornam mães, exercem uma grande influência para o bem de uma parte favorecida ou nossa raça” (GALTON, 1883, p. 23 – tradução livre).

participação das mulheres era que não havia mulheres atletas suficientes para as competições e que seria insensato deixá-las participar em alguns eventos e proibí-las em outros.

Extrato 65 - Argumento de Coubertin para a interdição das mulheres nos Jogos Olímpicos, *Revue Olympique*, n. 79, juillet 1912a

Mais il y a un autre motif d'ordre pratique celui-là. Organiserait-on des épreuves séparées pour les femmes ou bien accepterait-on les engagements pêle-mêle sans distinction de sexe, qu'il s'agisse d'un concours individuel ou d'un concours par équipes? Ce dernier procédé serait logique puisque le dogme de l'égalité des sexes tend à se répandre. Seulement il suppose des clubs mixtes. Il n'en existe guère à l'heure actuelle, en dehors du tennis et de la natation. Or, même avec des clubs mixtes, quatre vingt quinze fois sur cent, les éliminatoires favoriseront des hommes. Les Jeux Olympiques, ne l'oublions pas, ne sont pas des parades d'exercices physiques mais visent l'élévation ou du moins le maintien des records. *Citius, altius, fortius*. Plus vite, plus haut, plus fort, c'est la devise du Comité International et la raison d'être de tout l'olympisme. Quelles que soient les ambitions athlétiques féminines, elles ne peuvent se hausser à la prétention de l'emporter sur les hommes en courses à pied, en escrime, en équitation.... Faire intervenir ici le principe de l'égalité théorique des sexes, se serait donc se livrer à une manifestation platonique dépourvue de sens et de portée.

Fonte: CIO, 1912a, p. 110.²¹⁴

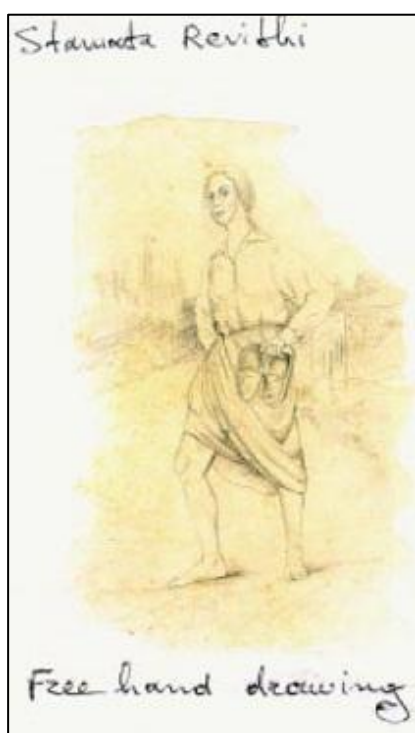
Tão forte era o discurso de proteção à “pureza” do esporte, algo como uma verdadeira reserva da masculinidade e virilidade (ELIAS & DUNNING, 1992), eram os discursos sobre a “fraqueza” da mulher e sobre o receio de que suas participações pudessem “poluir” tanto o esporte quanto o ideário do atleta herói. O discurso da fraqueza, se baseava, dentre outros campos discursivos, na teoria de Darwin que dizia que a “Mulher parece se diferenciar do homem na disposição mental, principalmente na sua maior ternura e menor egoísmo [...] O homem é o rival de outros homens; ele se deleita nas competições [...] Assim, o homem acabou se tornando superior à mulher” (DARWIN,

²¹⁴ “Mas há outro motivo, dessa vez de ordem prática. Serão organizadas provas separadas para as mulheres? Ou a mescla sem distinção de sexo será aceita? Já que se trata de uma prova individual ou por equipes. Este último procedimento seria lógico, posto que o dogma da igualdade de sexos tende a se estender. Para isso, se supõe a existência de clubes mistos, que hoje em dia só abarcam o tênis e a natação. Pois bem, mesmo com clubes mistos, em noventa e cinco por cento das vezes as eliminatórias favorecerão os homens. Não nos esqueçamos de que os Jogos Olímpicos não são desfiles de exercícios físicos, mas visam a superação, ou, pelo menos, a manutenção das marcas. *Citius, Altius, Fortius*. Mais rápido, mais alto e mais forte constitui o lema do Comitê Internacional e a razão de ser de todo o Olimpismo. Sejam quais forem as ambições atléticas femininas, não podem ter a pretensão de ganhar dos homens em corridas, em esgrima, em equitação... Portanto, fazer que aqui interviesse o princípio da igualdade teórica dos sexos equivaleria a incorrer em uma manifestação platônica desprovida de sentido e de alcance” (CIO, 1912a, p. 110 – grifos no original, tradução livre).

1871, p. 857, 860 – tradução livre). Esse tipo de concepção não só circulava, como amparava e subsidiava a emergência de “novas” versões, mais “aperfeiçoadas” e operacionais, acionadas tanto para interditar quanto para controlar os esportes e as formas como as mulheres poderiam usufruí-los.

3.2 Correndo com Stamata Revithi, a Melpómene dos Jogos Olímpicos de Atenas 1896

Figura 23 - Desenho feito à mão, autor desconhecido, de Stamata Revithi



Fonte: Lives Running, 2020

Para algumas das genealogias da mitologia grega, as nove musas eram filhas de Mnemósine e Zeus, apesar de cada uma ter uma função, era o trabalho em equipe que lhes proviam força e poder. Junto a reis e rainhas, elas podiam sussurrar palavras que induziam aqueles e aquelas que detinham grande poder a tomar decisões de forma que as querelas fossem resolvidas e a paz voltasse a reinar. As nove Musas gregas eram: Calípe – musa da poesia; Clio – musa da história; Polímnia – musa da pantomima (expressão facial, corporal, mímica); Euterpe – musa da flauta; Terpsícore – musa da poesia ligeira e da dança; Érato – musa da lírica coral; Melpómene – musa da tragédia; Talia – musa da comédia; e Urânia – musa da astronomia (GRIMAL, 2005, p. 319-320). Grimal (2005, p. 319) conta que, “O canto mais antigo das Musas é o que elas entoaram depois da vitória dos Olímpicos sobre os Titãs, para celebrar o surgimento de uma nova ordem”.

Distante da existência etérea das Musas, mas cria da mitologia e da cultura grega, a proeza mundana de uma grega, chamada Stamata Revithi ou Stamati Revithi²¹⁵, alcançaria um espaço mítico nas historiografias dos Jogos Olímpicos Modernos. Revithi,

²¹⁵ Existem alguns historiadores e historiadoras que têm defendido que foram duas mulheres que tentaram participar dos Jogos Olímpicos de 1896, mas, como os dados ainda são desconhecidos e a grande maioria dos trabalhos acabou por citar apenas Stamata Revithi, manteremos o foco nessa personagem, visto que sua história além de estar bem documentada, se apresenta com um fato muito importante na conquista das mulheres do direito às competições esportivas. Mais informações sugiro os artigos presentes nos seguintes links:

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09523367.2014.958668?scroll=top&needAccess=true> e <https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll1/id/22853/rec/5>.

uma mulher da classe baixa ateniense, possivelmente viúva e mãe, alguém que, para a patronagem olímpica, certamente, não era vista como uma ameaça, visto que parecia “lutar” individualmente e não possuía capital econômico e político para fazer frente ao projeto olímpico dos aristocratas autoempossados, passaria para a história como a primeira mulher a participar, “não oficialmente”, dos Jogos Olímpicos da Era Moderna.

Stamata Revithi, assim como suas antecessoras – apresentadas no início deste capítulo, Kynika, Euryleonis, Bellistiche, Theodota –, questionou e colocou, literalmente, à prova as políticas de interdição aplicadas às mulheres nos Jogos Olímpicos de 1896, realizados na cidade de Atenas (FOUNARAKI & PAPAKONTANINO, 2011; TARASOULEAS, 1997).

A participação de Revithi foi duplamente extraordinária, primeiro porque transgrediu, em campo, as imposições do COI, e, segundo, porque ela cumpriu o trajeto de quarenta quilômetros (40 km) entre a cidade de Maratona e Atenas, num tempo que a colocaria, se lhe tivessem dado o direito de competir, entre as quatro primeiras colocações na maratona (GOELLNER, 2005). A maratona tinha sido criada para homenagear a histórica Batalha de Maratona em 490 a.C., quando um soldado ateniense, Fidípides, teria corrido entre as cidades de Maratona e Atenas para informar ao seu povo que a batalha contra os persas tinha sido vitoriosa. De tão exausto, Fidípides teria falecido após contar as boas novas (TARASOULEAS, 1997).

Desde a inclusão no programa olímpico, feita pela comissão organizadora de Atenas 1896, a maratona sempre causou desconfianças por parte da patronagem olímpica, que viam na prova uma excessiva tentativa de valorização da cultura grega em detrimento ao ideal de internacionalidade dos Jogos Olímpicos. Além disso, o COI argumentava que a prova era muito extenuante, demorada e que poderia ser pouco atrativa ao público, impaciente para conhecer o grande vencedor (CIPC, 2015). O que a patronagem tinha como certo é que a maratona era um evento verdadeiramente desafiador, de tal modo que, teria sido mortal para Fidípides e difícil para os atletas que conseguiram chegar ao Estádio Panathinaikos.

Se foi difícil para os atletas que contavam com a anuência dos organizadores do evento e de partes da sociedade grega, foi muito desafiador para Revithi que, além de correr, teve que enfrentar vários contratempos para concluir o percurso de 40 km, apenas um dia após a competição dos homens. A prova era tão desafiadora que, doze anos após Atenas 1896, o italiano Dorando Pietri, ao adentrar o estádio nos Jogos Olímpicos Londres 1908, teria cambaleado por dez minutos enquanto cumpria os últimos 400 metros

do trajeto final. Embora tenha chegado em primeiro lugar, Pietri foi desqualificado em prol do estadunidense Jhonny Hayves, segundo colocado, que teria alegado que Pietri havia recebido ajudas dos fiscais da prova para concluir a corrida, como se pode ver na imagem abaixo (MALLON & HEIJMANS, 2011, p. 299).

Imagem 6 - Dorando Pietri, chegada da prova de maratona nos Jogos Olímpicos de Londres 1908



Fonte: Sport and the British, BBC, 2012.²¹⁶

Consternados pela dramaticidade e pelo desfecho do evento, os membros do COI discorreram sobre o “heroísmo” de Pietri, sustentando que as vitórias, as conquistas não deveriam ser apenas dos “mais rápidos, mais altos e mais fortes”, como determinava o lema, mas da garra, determinação e “hombridade” dos atletas. “Então, quem poderá negar que, numa corrida de mais de quarenta quilômetros, fracassar na chegada não seria quase o equivalente a uma vitória?” (CIO, 1908, p. 116 – tradução livre), questionava a patronagem na tarefa de apaziguar os ânimos do comitê italiano e do público, após a desclassificação de Pietri. Uma problematização que poderia ter sido levantada, se acaso o COI tivesse acenado positivamente para a participação de Revithi, mesmo que, segundo poderia pensar a instituição, ela chegasse em segundo, terceiro ou quarto lugar na prova.

Como se não bastasse a exigência física e mental da corrida, Revithi teve que se apoiar num tido de determinação “dianesca”²¹⁷ para executar o plano de correr a maratona. Inicialmente, Revithi tentou participar da prova através da sua inscrição no evento, como haviam feito os outros atletas. Porém, ao invés de ter seu pedido recusado

²¹⁶ Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/programmes/p00nq9rc> Acesso em: 20 março 2020.

²¹⁷ Em referência a grande determinação da deusa grega Diana e em substituição ao adjetivo “hercúlea”, referente ao deus grego Hércules, que no latim era chamado de Hércules.

de imediato, ele foi colocado “em espera” para a análise por parte da comissão e do COI, situação que a impediria de chegar à cidade de Maratona, ponto de partida da corrida. Talvez, já percebendo que não seria autorizada, Revithi se deslocou para Maratona e lá se juntou ao comboio dos atletas, acreditando que assim seu pedido seria aprovado (TARASOULEAS, 1997).

Conforme Tarasouleas (1997), desde o início a imprensa grega demonstrou interesse na luta e determinação de Revithi, acompanhou seu trajeto até Maratona e a nomeou como “a famosa maratonista”. Perseverante, Revithi dizia: “Eu competirei. Se o comitê não me permitir correr com os outros corredores, eu os seguirei logo atrás” (TARASOULEAS, 1997, p. 53 – tradução livre).²¹⁸

Em Maratona, Revithi decidiu acampar junto aos sete corredores que se preparavam para prova. Alguns deles tentaram aconselhá-la a desistir da sua empreitada, dizendo que, mesmo que fosse permitida sua participação, ela demoraria a terminar o trajeto da corrida e quando entrasse no Panathinaikos, o público já teria ido embora. Tamanho desprezo fazia Revithi (re)lembrar seus conterrâneos que o processo de dominação não era apenas em relação ao gênero, e nisso, dizia: “Não despreze nós mulheres quando vocês homens têm sido desprezados pelos estadunidenses” (TARASOULEAS, 1997, p. 54).²¹⁹

Após alguma espera, a resposta do Comitê ao pedido de Revithi foi negativa e como justificativa, alegavam que o tempo para a sua inscrição havia se expirado. Mas, em contrapartida, afirma Tarasouleas (1997), o COI teria “prometido” que criaria um pelotão com mulheres, o que não foi cumprido. Ao perceber que não teria sucesso por “meios institucionais”, Revithi decidiu correr um dia após a corrida dos homens, marcada para o dia 10 de abril de 1896 (29 de março no calendário grego)²²⁰, antes, tentou ser abençoada – como haviam feito os outros atletas –, mas o padre da cidade de Maratona, Yanni Velioti, se recusou e, como justificativa, alegou que somente os competidores oficiais poderiam receber a bênção divina (TARASOULEAS, 1997).

No dia 11 de abril, sozinha, Revithi partiu da cidade de Maratona rumo à Atenas. Como Fipídiēs, a grega também levava uma mensagem, a de que as mulheres poderiam fazer mais do que a patronagem olímpica poderia imaginar. Correndo, ao mesmo tempo

²¹⁸ “I will compete. If the committee does not allow me to run with the other runners, I will follow behind”. (TARASOULEAS, 1997, p. 53).

²¹⁹ “Don’t demean us women when you men have been demeaned by the Americans, snapped Revithi, and the runner was silenced.” (TARASOULEAS, 1997, p. 54).

²²⁰ Como a Grécia seguia o Calendário Juliano, alguns documentos apresentam que os Primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna foram realizados entre 25 de março e 3 de abril de 1896.

em que segurava a saia acima dos joelhos, Revithi chegou ao final da prova após cinco horas e meia. Contudo, como não lhe foi permitido dar a última volta na pista interna do Panathinaikos – espaço que Coubertin e os autoempoados aristocratas haviam definido como “solene para a exaltação dos varões” (CIPC, 2015) –, ela correu ao seu entorno. Sua performance, extraordinária, a teria colocado, oficialmente, na frente de vários homens que competiram na mesma prova (GOELLNER, 200; TARASOULEAS, 1997; FOURNARAKI & PAPAKONTANINO, 20115), aliás, ela poderia ter feito um tempo ainda melhor, se não tivesse parado para chupar algumas laranjas no caminho, como teria dito para um jornal da época (TARASOULEAS, 1997).

Conta Tarasouleas (1997) que o feito de Revithi foi noticiado em vários jornais, e alguns deles teceram críticas à postura do COI por não ter aceitado a inscrição da atleta e não ter lhe dado o direito de finalizar a prova no Estádio. Através das histórias que a imprensa local havia descrito, a experiência de Revithi foi considerada uma odisseia, digna das narrativas mitológicas, por isso, logo começaram a chamá-la de Melpómene, a musa grega da tragédia (TARASOULEAS, 1997; FOURNARAKI & PAPAKONTANINO, 2015). Considerando sua importância na historiografia das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos, Revithi certamente poderia ser chamada de Fama, a deusa grega das notícias, positivas e negativas. Positivas, porque Revithi se tornou uma referência nas lutas das mulheres dentro de uma instituição ainda fortemente patriarcal, que somente em 1984 incluiu a prova de maratona com mulheres na programação olímpica, e que, apenas em 2013, viu quatro mulheres se tornarem membros, representando 26,6% do número de membros (IOC, 2020). Negativas, porque, apesar de ter exposto a política de exclusão das mulheres nas competições olímpicas, a patronagem ainda tem mantido tais políticas que, sob o manto da igualdade de condições, têm interditado e regulado a participação de mulheres transexuais e travestis e mulheres Intersexos.

3.3 O olhar da Medusa: Alice Milliat e a Fédération Sportive Féminine Internationale

*Eu te vi uma vez, Medusa; nós estávamos sozinhas.
Eu olhei diretamente no seu frio olho, frio.
Eu não fui punida, não fui petrificada
[...]
Mas eu vi você Medusa, você atendeu ao meu desejo
E quando deixei você, estava vestida em pensamentos...
Sendo permitido, talvez, nadar no meu caminho
[...]
Eu viro o seu rosto! É o meu rosto.
Essa raiva congelada é o que devo explorar –
Oh lugar secreto, fechado e devastado!
Este é o presente pelo qual agradeço à Medusa.*

*The Muse as Medusa
May Sarton (1971)²²¹*

Uma boa parte de nós compartilha na memória uma imagem comum da mítica personagem grega, a Medusa. Em muitos imaginários ela seria um monstro, metade mulher, metade serpente, com a pele recoberta de escamas e dentes afiados, com uma cabelereira formada por venenosas serpentes e com um olhar tão assustador que petrificava quem ousasse encará-la. Era tão poderosa que o “herói” Perseu teria utilizado um escudo espelhado para conseguir se aproximar, matá-la e decepar sua cabeça sem que olhasse diretamente nos seus olhos²²². Entretanto, essa história mítica do “herói” musculoso, viril e “corajoso” que mata o monstro – personificado na figura de uma mulher –, parece oferecer o surgimento de outras formas de narrar esse conflito entre o “homem herói” e a “mulher monstro”.

Na mitologia grega, Medusa é descrita e sua história é narrada de várias formas. Numa das versões, ela e suas duas irmãs, Stheno e Euryale eram as Górgonas, seres monstruosos, fruto da união de Ketos e Phorkys, que viviam no mundo subterrâneo e eram protegidas por suas outras três irmãs, também “monstruosas”, chamadas Dino, Ênio e Pênfredo, conhecidas como as Greias. Das três górgonas, apenas Medusa era mortal e, conforme afirma Stephen R. Wilk (2000), não há narrativas que expliquem a sua

²²¹ Esse poema faz parte da obra *The grain of mustard seed*, publicado após três anos da morte da autora em 1995. É possível acessá-lo mediante a criação de um *login* no seguinte endereço: <https://archive.org/details/grainofmustardse00mays>. O poema em questão também está na obra *The Medusa reader* (2003, p. 107-108) de Marjorie Garber e Nancy Vickers, devidamente listada nos referenciais desta tese.

²²² Para uma versão não tão recente no cinema, a cena da batalha entre Perseu e a Medusa é mostrada no filme *Fúria de Titãs*, 1981. <https://www.youtube.com/watch?v=8X7W-oPhY48> Acesso em: 20 jan. 2020.

mortalidade. As górgonas tinham cabeças escamosas, presas de javalis, mãos de bronze e eram aladas, suas línguas eram protuberantes, seus olhos brilhantes, tinham serpentes presas nas cinturas e seu olhar petrificava quem as encarasse. Os cabelos cacheados, com serpentes no lugar de cabelos, só começaram a ser descritos na obra de Ovídio, *Metamorphoses*, já no século 8 d.C. (WILK, 2000).

Em outra versão, que parece ter sido iniciada com a obra de Píndaro, por volta do século V a.C., Medusa era uma donzela que havia se atrevido a comparar sua beleza com a da deusa da guerra e da justiça, Atena, e, por isso, foi amaldiçoada pela deusa e condenada a nunca mostrar seu rosto sem petrificar quem a contemplasse. A Medusa que Píndaro descrevia, já não era mais o monstro de cabeça escamosa com na obra de Ovídio, mas uma bela mulher, de “belas bochechas” (MILNE, 1946, p. 126). Uma imagem que foi ratificada pela descoberta de um vaso produzido entre 450 a 430 a.C., adquirido e exposto no *The Metropolitan Museum* em Nova York, EUA.

Imagem 7 - Vaso atribuído ao artista Polygnotos, 450 a 430 a.C., que retrata Perseu decapitando a Medusa enquanto ela dormia.



Fonte: The Metropolitan Museum, New York, USA.²²³

Uma terceira versão, aquela que nos interessa e que tem sido utilizada por algumas autoras como Mary Valentis, Anne Devane, Mary Sarton, Hélène Cixous (1995), dentre outras, trata de uma Medusa diferente, dialogicamente mais potente e uma fonte criativa

²²³ Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/254523> Acesso em: 20 out. 2020.

e produtiva que tem inspirado a construção de epistemologias feministas. Segundo essa versão, Medusa teria sido uma bela jovem, guardiã do templo de Atena, que foi estuprada²²⁴ pelo deus Poseidon nas dependências do templo da deusa da guerra e da justiça. Enfurecida, mas sem que tivesse o poder de punir Poseidon, a deusa da justiça resolve punir Medusa, transformando os cachos dos seus cabelos em serpentes e os seus olhos em poderosos instrumentos petrificadores, assim, ela não poderia ser nem acariciada e nem contemplada sob o risco de matar qualquer proponente. Teria sido essa a Medusa que o “herói” Perseu decaptou e passou a mostrar pelo caminho como um troféu da sua “coragem” e “virilidade”. Entretanto, como Atena tinha sido a mandante do assassinato, quando Perseu chegou no templo entregou a cabeça da Medusa à deusa que, passou a utilizá-la para ornar seu próprio escudo, simbolizando o medo e o olhar petrificante da guerra e da justiça. (VALENTIS & DEVANE, 1994; WILK, 2000; GARBER & VICKERS, 2003; GRIMAL, 2005).

O mito da Medusa, especialmente essa terceira versão, tem sido utilizado por várias áreas do conhecimento, em diferentes funções, a partir de interpretações distintas e com objetivos particulares:

Poetas a chamam de Musa. Feministas a têm adotado como símbolo do poder feminino. Antropólogos interpretam sua imagem como embutida na lógica paradoxal de amuletos, talismãs e relíquias. Psicanalistas entenderam as serpentes que envolviam sua cabeça como um símbolo do medo da castração. Teóricas/os políticos a colocaram como uma representação da revolta. Artistas pintaram-na em expressões que vão do sublime ao horroroso. Os escritores cânones (Homer, Dante, Shakespeare, Goethe, Shelley) invocaram sua história e entoaram tanto sua glória como sua vergonha. Os/as mais aventureiros/as pós-modernos/as designers e performers a veem como um modelo, um logotipo e um símbolo para a era atual. (GARBER & VICKERS, 2003, p. 1 – tradução livre).²²⁵

Sigmund Freud, por exemplo, utilizou da alegoria para construir uma explicação psicanalítica na qual a decapitação significava o medo da castração e a perda do falo (VALENTIS & DEVANE, 1994). Já Mary Valentis e Anne Devane no livro *Female rage*.

²²⁴ Algumas versões falam que Medusa não foi estuprada por Poseidon, mas que a relação sexual teria sido consensual (WILK, 2000; GARBER & VICKERS, 2003).

²²⁵ “Poets have called her a Muse. Feminists have adopted her as a sign of powerful womanhood. Anthropologists read her image as embedded in the paradoxical logic of amulets, talismans, and relics. Psychoanalysts have understood the serpents wreathing her head as a symbol of the fear of castration. Political theorists have cast her as a figure for revolt. Artists have painted her in moods from sublime to horrific. The most canonical writers (Homer, Dante, Shakespeare, Goethe, Shelley) have invoked her story and sung both her praise and her blame. The most adventurous of postmodern designers and performers see her as a model, a logo, and a figure for the present age.” (GARBER & VICKERS, 2003, p. 1).

Unlocking its secrets, claiming its power (1994), constataram que as mulheres que participaram da pesquisa²²⁶ conduzida por elas, relataram que a figura da Medusa era aquela que melhor representava o aspecto da ira e da raiva feminina. Essas mulheres, ainda que não soubessem muito sobre o mito da Medusa, diziam que nos momentos de raiva e agressividade, se sentiam “*the most horrific woman in the world*” (VALENTIS & DEVANE, 1994, p. 6), como se fossem monstruosas e petrificadoras.

Valentis e Devane (1994) criticam que, às mulheres se tem ensinado, desde a mais tenra idade, que devem mascarar seus sentimentos, especialmente a raiva, a ira, o desejo. Nas situações que elas expõem esses sentimentos, elas são chamadas de violentas, desequilibradas e doentes, como se somente aos homens fosse permitido ser agressivo, aguerrido, violento e/ou sexualmente ativo. A ira das mulheres, sugerem as autoras, surge em situações nas quais a “esperança” por melhores condições de trabalho, equidade salarial, mais espaço na política, direito ao seu próprio corpo etc., não são consideradas na “realidade” de suas vidas. É por meio do resultado insatisfatório entre a “esperança” e a “realidade” que emerge a “ira feminina”, dizem elas (VALENTIS & DEVANE, 1994). A ira, a raiva, a violência podem ser ao mesmo tempo destrutivas e construtivas, mas como desorientam o frágil ordem do gênero e as atribuições sociais conferidas aos sexos, esses sentimentos e comportamentos são considerados como desviantes e incomuns para as mulheres.²²⁷ A essas mulheres, o regime de verdade da medicina vitoriana conferia o diagnóstico de “doença emotiva”, “histéricas”, acometidas por males dos “vapores femininos”.

Sempre houve mulheres que se recusaram a conspirar com as forças da repressão, que usaram o segredo da raiva e o compartilharam com outras pessoas para promover causas feministas. [...] Aqueles que temem todo o potencial das mulheres manteriam a raiva em segredo, mas a história contemporânea sugere que as mulheres estão prontas para recuperar sua ira e usá-la para transformar a si mesmas e a sua sociedade. (VALENTIS & DEVANE, 1994, p. 8).²²⁸

²²⁶ A pesquisa foi realizada com mulheres com idades entre 18 a 80 anos, de diferentes classes sociais e com ocupações muito variadas (VALENTIS & DEVANE, 1994, p. 4).

²²⁷ Num vídeo publicitário lançado pela empresa de materiais esportivos, Nike, é possível observar o quão incômodo é para o ordenamento do gênero quando as mulheres agem como os homens. O título da propaganda é Dream Crazier, algo como, Sonho louco, que representa parte da interpretação social acerca das atitudes e comportamentos das mulheres executam performances e comportamentos esportivos como as masculinas. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=65iG4Pg31WU&list=PLYRtGvNPoigUjrXvETG4RhyN2IgB_tV_W Acesso em: 21 jan. 2020.

²²⁸ “There have always been women who have refused to collude with the forces of repression, who have used the secreto f rage and shared it with others to advance feminist causes. [...] Those who fear women’s full potential would keep rage a secret, but contemporary history suggest that women are ready to reclaim their rage and use it to transform themselves and their society” (VALENTIS & DEVANE, 1994, p. 8).

O olhar da Medusa é aquele que ameaça, se impõe, expressa a dimensão da ira, aquele que petrifica os que não acreditam, enfrentam ou questionam (tentam interditar) seu poder. O olhar da Medusa está atrás das máscaras que as mulheres foram ensinadas a usar, mas que elas têm retirado sem culpa e nem remorso. Que essas máscaras sejam retiradas quando lhes for conveniente! Que as usem quando lhes for necessário! Que o olhar da Medusa lhes seja útil. Afinal, como questiona Stephen Wilk (2000), quantas das figuras mitológicas encararam a posição dos dominadores (deuses, protetores, guardiães) como ousou fazer Medusa? Quantas deusas do olimpo grego eram realmente ameaçadoras aos olhos dos homens? Wilk, responde:

De todas as possíveis candidatas, somente a Górgona [Medusa] tem a aparência selvagem e ameaçadora para servir como um símbolo, prontamente reconhecível da ira e protetor dos segredos das mulheres. E embora a Górgona seja aclamada como o símbolo da ira feminina, ela é mais do que isso – é o símbolo do empoderamento da ira feminina. A Górgona não apenas intimida, ela pode colocar em prática as ameaças. Ela pode transformar os homens em pedra. Ela pode amedrontar os inimigos. (Ibidem, p. 219 – tradução livre).²²⁹

No que concerne à inserção das mulheres nos grandes eventos esportivos, a francesa Alice Milliat²³⁰ foi uma das que tirou as máscaras e ousou expor a face da Medusa frente às interdições das mulheres pela patronagem dos Jogos Olímpicos. Milliat, assim como Medusa, encarou, afrontou o protetorado de alguns homens, afeitos a manter os esportes como um reino da virilidade, que comandavam as competições esportivas no início do século XX. “A batalha de Alice Milliat [foi] de tentar destronar os ‘Deuses do estádio’, caros à

Imagem 8 - Alice Milliat, primeira presidenta da Fédération Sportive Féminine Internationale



Fonte: Fondation Alice Milliat, Paris, France

²²⁹ “Of all of the possible candidates, only the Gorgon has the savage, threatening appearance to serve as an immediately recognized symbol of rage and a protector of women’s secrets. And although the Gorgon is hailed as the symbol of female rage, it is actually more than that – it is the symbol of empowered female rage. The Gorgon doesn’t merely threaten; it can carry out its threats. It can turn men into stone. It can frighten off the enemy” (WILK, 2000, p. 219).

²³⁰ Em 1996 o governo francês criou a *Fondation Alice Milliat* na cidade de Paris, que tem feito trabalhos de conscientização e inclusão das mulheres nos esportes e mantido viva a história de Milliat, uma das primeiras dirigentes de instituições esportivas no mundo. Disponível em: <https://fondationalicemilliat.com/en/home/> Acesso em: 31 jan. 2020.

Pierre de Coubertin, para permitir às atletas entrar no recinto olímpico” (ROSOL, 2004, p. 72 – tradução livre)²³¹

Alice Joséphine Marie Million nasceu em 5 de maio de 1884 na cidade portuária e industrial de Nantes, França, onde sua mãe, costureira, e seu pai, empregado no ramo de negócios, buscaram incentivá-la nos estudos, possibilitando que pudesse trabalhar como professora do ensino primário. Alice era a mais velha de quatro irmãs e um irmão. Em 1904, ainda com 20 anos, abaixo da idade da maioridade civil, ela se mudou para Londres onde se casou com seu compatriota, Joseph Milliat, quatro anos mais velho e de quem adotou o sobrenome, Milliat. Como muitas jovens na casa dos vinte anos, Alice se mostrava aberta às novas experiências da vida, sua idade e as influências dos acontecimentos à sua volta a fizeram aprender e praticar regularmente o remo (TERRET, 2010; CARPENTIER, 2018). O remo se tornou popular em algumas cidades com rios, como foi o caso de Londres com o Tâmesa e de Paris com o rio Sena. Além desse esporte, Milliat praticou o futebol, cuja participação das mulheres começou pelo pioneirismo dos clubes ingleses.

Além das vivências esportivas, Milliat fez algumas viagens e teve a oportunidade de conhecer outros países europeus e suas culturas, possivelmente porque, como muitas francesas advindas de famílias de classes sociais mais baixas, ela tenha trabalhado em casas de famílias ricas, viajando como tutora de crianças e adolescentes (CARPENTIER, 2018).

Vivendo e experimentando novidades na cidade de Londres, Alice Milliat certamente foi influenciada por dois grandes fenômenos do final do século XIX e início do século XX, a saber, o desenvolvimento e expansão dos esportes e as lutas dos movimentos sufragistas e feministas ingleses. Um exemplo é saber que a escola fundada em 1885, por Madame Bergman-Österberg, a *Hampstead Physical Training College and Gymnasium*²³², ainda que não fosse a única em Londres, já tinha grande projeção, reforçando os êxitos das mulheres no campo das práticas corporais. Ademais, como constatou Hargreaves (1994), a *Regent Street Polytechnic*, que era inicialmente uma escola politécnica e clube esportivo exclusivo para homens cristãos, foi aberta às mulheres em 1888 e, dois anos depois, em 1890, as mulheres que eram afiliadas ao clube passaram a ter acesso, uma noite por semana, à piscina onde aprendiam e treinavam a

²³¹ “La bataille d’Alice Milliat sera de tenter de détrôner les « Dieux du stade » chers à Pierre de Coubertin, pour permettre aux athlètes femmes d’entrer dans l’enceinte olympique.” (ROSOL, 2004, p. 72)

²³² A fundação e as características do *Hampstead Physical Training College and Gymnasium* de Madame Bergman-Österberg foram discutidas no capítulo 2.

natação. Ainda na década de 1890, vários clubes esportivos para mulheres foram abertos em Londres como foram os casos dos clubes de golf, tênis, hóquei, ginástica etc. (HARGREAVES, 1994, p. 103).

Após quatro anos de casada, em 1908 Alice ficou viúva e isso a fez decidir voltar a Paris, onde começou a participar ativamente dos movimentos em favor das mulheres no esporte. Um cenário que era pouco animador, mas que não era menos instigante e produtivo, dado que quatro clubes dedicados aos esportes e ginástica com mulheres foram fundados em Paris no início do século XX: *Fémina Sport*, *En-avant* e *Académie*, voltados aos esportes e a *Union Française des Sociétés de Gymnastique Féminine* (UFSGF), que oferecia a prática das ginásticas sueca, calistênica e alemã.

Com relação à ginástica, Alice Milliat não guardava boas lembranças da prática compulsória nos seus tempos de colegial, por isso, entre os quatro clubes, ela escolheu o *Fémina Sport*, onde inicialmente participou das atividades esportivas e depois teve suas primeiras experiências com a administração esportiva.

A posição defensiva de Milliat, em relação aos métodos ginásticos oferecidos às mulheres francesas, nas primeiras décadas de 1900, merece ser analisada, ainda que rapidamente. Embora tenham influenciado positivamente nas formas como as mulheres (europeias) passaram a usufruir dos seus corpos e, conseqüentemente, na conquista de espaço nas competições esportivas, os clubes esportivos e de ginástica divergiam naquilo que concebiam e indicavam como conveniente ou não às mulheres.

As maiores diferenças entre essas instituições pioneiras diziam respeito às suas opiniões sobre quais esportes eram adequados para as mulheres (da calistenia ao futebol), como as atletas deveriam se vestir, se os espectadores deveriam assistir ao esporte feminino, se deveria haver competições para mulheres e se o esporte feminino deveria ser dirigido por mulheres ou por homens. (CARPENTIER, 2018, p. 65 – tradução livre).²³³

Em 1915, o mais antigo clube com mulheres esportistas da França, em Paris e, possivelmente o mais progressista, o *Fémina Sport*²³⁴ elegeu Alice Milliat como sua

²³³ “The biggest differences between these pioneering institutions concerned their opinions on which sports were suitable for women (from callisthenics to football), how sportswomen should dress, whether spectators should be allowed to watch women’s sport, whether there should be competitions for women and whether women’s sport should be run by women or by men.” (CARPENTIER, 2018, p. 65).

²³⁴ Como se tem frisado, as mulheres que tinham condições de praticar e participar das atividades esportivas eram em sua grande maioria das classes sociais mais altas. O *Fémina Sport*, por exemplo, era formado por mulheres com alto nível educacional e por estudantes. “Delapierre, championne de France sur 83 m haies en 1921, prépare un doctorat de philosophie. Suzanne Liébrard, l’une des meilleures athlètes françaises :

presidenta (CARPENTIER, 2018). Anos mais tarde, em 1917, ela ajudou a criar a *Fédération des Sociétés Féminines Sportives de France* (FSFSF)²³⁵ que passou a conglomerar as demandas das federações esportivas para mulheres na França. Inquieta e muito competente na lida com questões administrativas e políticas, Milliat se tornou presidenta da FSFSF em 1919, e, como uma das suas primeiras ações, redigiu e enviou ao COI um memorando, no qual demandava que fosse aceita a participação das mulheres em todos os eventos programados para os Jogos Olímpicos de Antuérpia, que seriam realizados em 1920 (TERRET, 2010; LENSKEYJ, 2016). Milliat exigia o direito de participação especialmente nas provas de atletismo.

Alguns pesquisadores, dentre eles Thierry Terret (2010) e Pierre Arnaud (1996), foram criticados por pesquisadoras como Florence Carpentier (2018) e Nathalie Rosol (2004), porque eles têm afirmado que Alice Milliat não poderia ser considerada feminista, pois, conforme suas óticas, ela não teria militado em favor das causas feministas e também não teria mantido relações com as sufragistas. Porém, Carpentier (2018) e Rosol (1996), julgam essa sustentação seja equivocada, uma vez que Milliat teria mantido por toda a sua vida, atitudes que valorizavam de algum modo a inserção das mulheres no ordenamento social, um exemplo, foi que ao ser eleita presidenta da FSFSF, ela aproveitou sua influência e os subsídios que recebia do Ministério da Guerra Francesa e passou a indicar apenas mulheres para os cargos de dirigentes das federações esportivas sobre as quais a FSFSF tinha influência (CARPENTIER, 2018, p. 66 – tradução livre).

Como uma mulher que buscava negociar com o ordenamento patriarcal e machista, e como um sujeito do qual falava Foucault (2006a), Milliat atuava conforme o enredo discursivo dos acontecimentos do seu tempo. Ela reforçava em entrevistas (D'ESPEZEL, 1927) e artigos, escritos para periódicos como o *Le Miroir des Sports* (1920, p. 34), que a luta para garantir a participação das mulheres nos esportes não tinha como objetivo criar um espaço para compará-las aos homens, muito menos para provar que elas poderiam ser melhores do que eles. Os esportes, acrescentava Milliat, seriam importantes para as mulheres porque a partir deles a França – ela falava especificamente

deux fois championne nationale en 1917 et 1918 et détenant le record de France sur cinq épreuves, travaille comme comptable.” (ROSOL, 2004, p. 69).

²³⁵ Segundo Carpentier (2018), a criação da *Fédération des Sociétés Féminines Sportives de France* foi uma tentativa de reunir numa só instituição as características das três instituições esportivas em atividade na França (*Fémina Sport*, *En-avant* e *Académia*) e as demandas das atletas desses clubes para, assim, criar e conduzir as competições esportivas femininas. Mas um fato não teria agradado a Alice Milliat, apenas duas mulheres faziam parte do quadro organizacional da FSFSF, ela, como tesoureira e Marie Surcolf como vice-presidenta. Ademais, é importante ressaltar que as federações esportivas enfrentavam resistências e críticas ferrenhas da *Fédération Française Féminine de Gymnastique et d'Éducation Physique* (FFFGEP), entidade que se posicionava totalmente contra à participação feminina nos esportes (ROSOL, 2004).

do seu país —, alcançaria melhores resultados no projeto de aperfeiçoamento da raça, se as mulheres fossem ser fortes e saudáveis (MILLIAT, 1920).

Figura 24 - L'éducation sportive et physique de la femme, Alice Milliat para o Le Miroir des Sports, 1920

34

LE MIROIR DES SPORTS

L'ÉDUCATION SPORTIVE ET PHYSIQUE DE LA FEMME

POUR l'éducation physique et sportive féminine, la période préhistorique semble close et la date du 11 juillet 1920, journée triomphale des Championnats de France d'athlétisme féminin, marquera dans nos annales la consécration officielle de notre victoire sur la routine, les préjugés et l'esprit de monopole de nos frères sportifs.

Loin de nous la pensée de nous endormir sur nos lauriers ; nous savons qu'il nous reste encore des combats à livrer, mais nous puiserons, dans les résultats déjà obtenus et dans les encouragements officiels que ces derniers nous ont suscités, l'énergie nécessaire pour persévérer dans la voie que nous nous sommes tracée.

Si les familles commencent à comprendre que les bienfaits de l'éducation physique et sportive ne doivent pas être réservés exclusivement aux jeunes gens, si elles s'accoutument graduellement à voir leurs filles revêtir le costume convenant le mieux aux exercices à exécuter, si des personnalités du monde sportif et certains grands services publics secondent nos efforts avec bienveillance, il ne faut pas se hâter de conclure que nous n'avons plus qu'à laisser faire pour implanter dans notre pays tout entier les saines méthodes qui nous sont chères.

De récentes discussions publiques nous ont prouvé, une fois de plus, que nombre de nos gouvernants — pour ne citer que ceux-là — n'ont pas encore compris le rôle de la femme dans notre société moderne. Ils en sont encore à la conception de la ménagère gardienne du foyer, uniquement préoccupée d'assurer le bien-être matériel de la famille, et probablement ils lui déniaient même le droit à la culture de l'esprit et à l'exercice de ses facultés intellectuelles. Ils ne comprennent pas que, pour donner à notre France la suprématie physique nécessaire à sa tranquillité et à sa prospérité, pour la hisser à ce point de vue au rang qu'elle occupe déjà dans l'ordre artistique et intellec-

tuel, il nous faut des femmes robustes capables de lui donner des enfants sains, vigoureux et nombreux.

Sans même envisager la question dans ce sens patriotique et utilitaire, le droit à la santé n'est-il pas le même pour toutes et pour tous ? L'air, l'eau et la lumière qui sont nos plus précieux auxiliaires, sont la propriété de chacun ; à nous de les utiliser au mieux, sans distinction de sexe.

En nous aidant à renverser le redoutable édifice des préjugés et erreurs séculaires, sportifs, nos frères, vous travaillez à votre propre triomphe, contrairement à ce que nombre d'entre vous pensent peut-être encore. Il serait cruel de réclamer de vous l'humiliation publique de votre amour-propre, mais reconnaissez, en votre for intérieur, que pour être sportifs, vous n'en êtes pas moins hommes et sensibles à l'influence féminine. Moins d'entre vous abandonneraient les terrains d'entraînement et plus nombreux seraient les nouveaux adeptes si vous nous aidiez tout d'abord à faire apprécier par les femmes, sur elles-mêmes, les bienfaisants effets de la culture physique et du sport.

Notre but n'est pas de faire des femmes phénomènes capables de battre des records en essayant d'égaliser les performances masculines. Des exemples sont nécessaires pour créer l'émulation, pour propager l'amour des exercices de plein air, et aussi — disons-le sans

fausse modestie — pour contribuer à la renommée de la France à l'étranger, mais si nous pratiquons « vos » sports, ne croyez pas que ce soit dans l'idée de vous éclipser, pas plus qu'avec l'arrière-pensée de vous obliger à acquiescer les qualités domestiques considérées jusqu'à présent comme notre apanage exclusif.

Nous voulons simplement fortifier notre corps en même temps que notre esprit, mettre notre éducation physique au même rang que notre éducation intellectuelle et morale. Chaque jour, nous gagnons du terrain, les étapes franchies sont marquées par nos grandes manifestations, mais il convient d'insister sur ce point que nous mettons la culture physique au premier rang de nos préoccupations. Il n'existe, en France, aucun club féminin où la pratique continue de la culture physique ne soit une condition *sine qua non* de l'entraînement sportif proprement dit. Nos athlètes ne feraient pas de 80 mètres en 10 s. 4/5 ; de 300 mètres en 48 s. ; de 1.000 mètres en 3 m. 24 s. etc., si elles n'y étaient, tout d'abord, préparées par des exercices de culture physique. Le football, le hockey, la natation, l'aviron et bien d'autres sports seraient interdits à beaucoup de sportives si elles ne mettaient à la base de leur entraînement, les exercices quotidiens indispensables.

Les sportives resteront longtemps encore l'exception, mais leur exemple entraînera vers la pratique de la culture physique les fillettes aussi bien que les adultes. Lorsqu'elles auront fondé une famille, elles ne voudront pas laisser leurs enfants ignorants des joies et avantages que le sport procure, elles ne s'opposeront pas à ce que leurs maris fréquentent les terrains d'entraînement et elles continueront elles-mêmes cette pratique d'une culture physique intelligente dont on ressent les bienfaits à tous les âges.

M^{me} A. MILLIAT,
Présidente de la Fédération
des Sociétés féminines sportives de France.

UNE PARTIE DE BASKET-BALL

SAUT EN HAUTEUR ET SANS ÉLAN

M^{me} A. MILLIAT EN CANOE

UN MATCH DE FOOTBALL

SAUT EN LONGUEUR AVEC ÉLAN

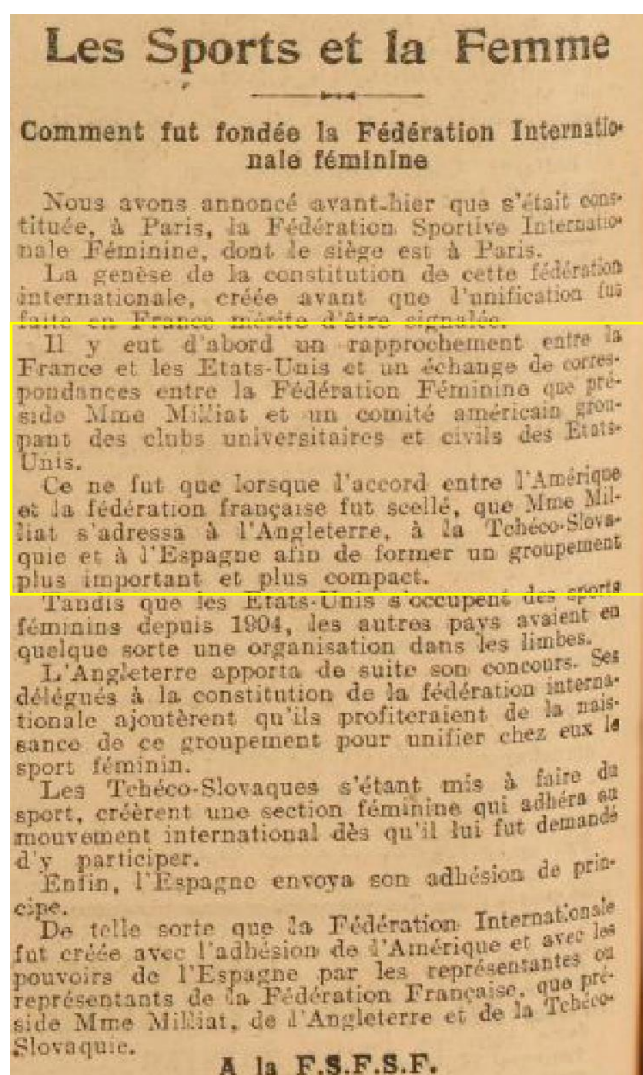
Source gallica.bnf.fr / INSEP (Institut National du Sport de l'Expertise et de la Performance)

Em 1921, depois de ter ignorada pela primeira vez pelo COI, Milliat tirou algumas das suas máscaras. Como a Medusa, encarou os olhares de recusa e reprovação de uma sociedade ainda patriarcal e machista, enfrentou com vigor as objeções de dirigentes, encabeçou algumas das afrontas aos “deuses” das federações esportivas – comandadas majoritariamente por homens –, confrontou o desprezo do panteão formado pelos membros do COI, como resultado, ajudou a criar os *Women’s Olympic Games*²³⁶, um evento multiesportivo internacional dedicado apenas às mulheres, realizado em Monte Carlo, Principado de Mônaco, com a participação de 300 atletas de cinco países (GUTTMANN, 1992; TERRET, 2010). O *Women’s Olympic Games* seria realizado novamente nos anos de 1922 e 1923, com uma programação que oferecia competições de basquete, onze provas de atletismo, incluindo a corrida de 800 metros que, nos JO de Amsterdã 1928, teria sido o pivô e a “prova” que teria exposto a “fragilidade” das mulheres para as corridas com distâncias superiores a 200 metros (LENSKYJ, 2016).

Apesar do sucesso da primeira edição do *Women’s Olympic Games*, o evento era patrocinado e organizado por homens, dirigentes esportivos e atletas provenientes do pequeno Estado-Nação mediterrâneo. O cenário, com homens no protagonismo da organização, incomodou Milliat desde o início. Com efeito, ela e algumas das suas companheiras, dentre elas, Sophie Elliott-Lynn, aproveitaram dos acontecimentos, dos discursos e das negociações políticas em meio aos *Women’s Olympic Games* para lançar a ideia da criação de uma federação internacional esportiva comandada por mulheres e em favor delas, cujo objetivo principal era realizar uma competição multiesportiva de caráter internacional com mulheres como as únicas protagonistas, dentro do mesmo alinhamento político que Milliat havia implantado na FSFI (ROSOL, 2004).

Dessa maneira, no ano de 1921, Milliat esteve à frente nas reuniões para a fundação da *Fédération Sportive Féminine Internationale* (FSFI), porém, como a tarefa era “dianesca”, Milliat recebeu ajuda de outras mulheres, de novas Medusas que já lutavam pelo esporte para as mulheres nos Estados Unidos da América, Espanha e Tchecoslováquia (FSFSF, 1921). O empreendimento e a disposição dessas mulheres na fundação da FSFI foram relatados no periódico francês *L’Auto* de 03 de novembro de 1921.

²³⁶ Lenskyj (2016) e Guttmann (1992) reforçam que não foi Milliat a organizadora desses eventos, mas o prefeito da cidade de Monte Carlo e o presidente de um clube esportivo local.



Fonte: FSFSF, 1921, p. 4.²³⁷

Para Carpentier (2018), mesmo que Milliat tivesse conduzido a fundação da FSFI, sua escolha para presidir a instituição não estava garantida, pois algumas dirigentes acreditavam que o comando da FSFI, por se tratar de instituição esportiva internacional, demandaria da presidência um grande poder diplomático e experiência com relações internacionais, atribuições cujo cargo, segundo elas, deveria ser preenchido por um homem e não por uma mulher. Não obstante, Milliat não deixaria que a presidência da FSFI fosse dada a um homem, pois frequentemente reforçava: “desejo que os membros

²³⁷ “Primeiro, houve uma aproximação entre a França e os Estados Unidos da América, e uma troca de correspondências entre a Federação das Feminina, presidida por Madame Milliat e um comitê estadunidense que agrupa os clubes universitários e civis dos Estados Unidos. [...] Foi somente quando o acordo entre a América [Estados Unidos da América] e a federação francesa foi selado, que Madame Milliat se dirigiu à Inglaterra, Tchecoslováquia e Espanha para formar um grupo mais importante e mais compacto” (FSFSF, 1921, p. 4 – tradução livre).

do comitê incluíam várias mulheres e gostaria, se possível, que as mulheres fossem maioria, desde que elas tenham a expertise exigida e que sejam capazes de servir à Federação Internacional de Esportes Femininos” (FSFI, 1921 apud CARPENTIER, 2018, p. 75 – tradução livre)²³⁸.

Como ocorreu nas negociações dentro das lutas feministas e sufragistas, no século XIX, os homens não foram excluídos dos processos e das intervenções a favor das mulheres nas competições esportivas. A propósito, Milliat sabia que seria imprudente excluir a participação dos homens, do mesmo modo, seria insensato se distanciar das instituições que regulavam a prática esportiva, mesmo que elas e seus dirigentes não fossem partidários das competições com mulheres atletas, como eram os casos da Federação Francesa de Atletismo, da Federação Internacional das Associações Atléticas, da Federação Internacional de Ginástica e do Comitê Olímpico Internacional (CARPENTIER, 2018; ROSOL, 2004). No limite, “o mais forte motivo para aceitar dirigentes homens foi que Milliat, como muitas reformadoras feministas da época, acreditava que o suporte masculino era necessário para tranquilizar os oponentes das emancipações femininas e obter suporte político” (CARPENTIER, 2018, p. 68 – tradução livre)²³⁹.

Com o sucesso dos *Women’s Olympic Games* de 1921, a recém-criada FSFI partiu para a tarefa de organizar seu próprio evento, com a diferença que nesse processo as mulheres se ocuparam da direção e consecução do projeto. Dentre outros objetivos, Milliat e a diretoria da FSFI desejavam que o evento organizado por elas se tornasse uma vitrine para as competições esportivas com mulheres como atletas e dirigentes. Queriam também que a visibilidade que conquistassem pudesse ser usada para coagir a comissão de organização e a patronagem olímpica que, empenhadas na organização dos VIII Jogos Olímpicos, programados para serem realizados na cidade de Paris, em 1924²⁴⁰, permitisse a participação das mulheres nas competições, como atletas oficialmente reconhecidas.

²³⁸ “wish that the members of the committee include several women and would like, if possible, for women to be in the majority, as long as they have the expertise required and are able to serve the International Women’s Sports Federation” (FSFI, 1921 apud CARPENTIER, 2018, p. 75).

²³⁹ “the most important reason for accepting male managers was that Milliat, like most feminist reformers at the time, believed that male support was necessary to reassure opponents of women’s emancipation and to obtain political support.” (CARPENTIER, 2018, p. 68).

²⁴⁰ A escolha de Paris como sede dos JO de 1924 foi defendida por Coubertin que desejava festejar, “em casa”, os 30 anos do projeto de continuidade dos Jogos Olímpicos. Desse modo, essa edição tinha um apelo afetivo muito forte para o patrono dos Jogos.

Para dar seguimento ao plano, a FSFI realizou em 1922 os primeiros *Women's Olympic Games*²⁴¹, sob sua direção, e nenhuma cidade poderia ter sido mais providencial do que a cidade de Coubertin, Paris, onde ocorreriam os VIII Jogos Olímpicos em 1924 (CARPENTIER, 2018; TERRET, 2010; ROSOL, 2004; GUTTMANN, 1992). Dentro dessa mesma racionalidade, teria ocorrido a segunda edição dos *Women's Olympics Games* prevista para o ano de 1926 na cidade de Bruxelas, Bélgica – pátria do belga Henri Baillet-Latour, substituto de Pierre de Coubertin na presidência do COI em 1925²⁴² –, se os patrocinadores não tivessem desistido do evento, forçando a FSFI a transferir o evento para a Gotemburgo, Suécia (GUTTMANN, 1992).

Os *Women's Olympic Games* de 1922 foram realizados no estádio Pershing, nos arredores de Paris, onde cerca de vinte mil espectadoras e espectadores assistiram com entusiasmo tanto ao evento quanto às efusivas manifestações contrárias à participação das mulheres em competições esportivas (TERRET, 2010; GUTTMANN, 1992). Numa dessas práticas de resistência, a delegação estadunidense que havia sido enviada para Paris com o suporte da *Amateur Athletic Union*, tinha enfrentado em casa pesadas críticas de colegas de professoras de educação física nos Estados Unidos, para os quais as mulheres deveriam competir apenas dentro das suas próprias instituições de ensino, sem a presença de público externo (GUTTMANN, 1992, p. 46). Discurso que era o mesmo de Coubertin e do COI.

Apesar dos protestos, mas considerando o sucesso dos jogos de 1922, Milliat redige e envia, no mesmo ano²⁴³, um segundo pedido endereçado ao COI. Ela acreditava que as performances das atletas, no estádio Pershing, assim como, o grande interesse do público pelas competições com mulheres, fossem fatos suficientes para reverter a interdição das mulheres para os Jogos Olímpicos de Paris em 1924, porém, nem mesmo todos esses acontecimentos foram bastante para mudar as concepções do COI (CARPENTIER, 2018). Como resposta ao memorando da FSFI, o COI alegou que a instituição deveria tratar diretamente com as federações esportivas internacionais, uma vez que, dizia a patronagem, eram elas que determinavam as regras e os regulamentos das modalidades e das competições, cabendo a elas permitir ou não a participação das mulheres (LENSKYJ, 2016).

²⁴¹ Apesar de terem sido os segundos *Women's Olympics*, esse evento foi o primeiro realizado pela FSFI sob a coordenação de Alice Milliat.

²⁴² Lenskyj (2016, p. 42) afirma que Henri de Baillet-Latour teria substituído Coubertin na presidência do COI em 1929, quando de fato, a substituição ocorreu em 1925, de acordo com o Olympic Museum. Disponível em: http://olympic-museum.de/president/pres_ioc.html Acesso em: 31 jan. 2020.

²⁴³ Lenskyj (2016) sustenta que o segundo pedido foi feito em 1923 e não em 1922.

Se o desejo da FSFI e de Milliat era promover maior visibilidade às demandas das mulheres nos esportes, elas conseguiram. Entretanto, junto com a visibilidade vieram também novas resistências por parte daqueles que não acenavam a ideia de assistir mulheres competindo. Alguns membros do COI e dirigentes de federações esportivas importantes, como a IAAF – *International Association of Athletics Federations* – fundada em 1912 e com enorme influência sobre o COI –, começaram a se sentir incomodados com o crescimento do poder da FSFI, com a grande aceitação pública das competições com mulheres, e com a utilização da palavra “olímpico”, presente no nome do evento da FSFI, que, contudo, não tinha sido “autorizada” pelo COI (GUTTMANN, 1992).

Em 1926, pouco antes dos jogos de Gotemburgo, Alice Milliat²⁴⁴ se reuniu com Sigfrid Edstrøm²⁴⁵, vice-presidente e co-fundador da IAAF, e acordaram que a IAAF apoiaria o evento da FSFI²⁴⁶, mas, em contrapartida a FSFI deveria aceitar as mesmas regras da IAAF para o atletismo para os homens, respeitando as possíveis adaptações que a IAAF julgasse necessárias para as competições com mulheres. Além disso, a FSFI se comprometia em retirar a palavra “olímpico” do nome do evento²⁴⁷, passando a chamá-lo de: *Women's World Games*, Jogos Mundiais Femininos (GUTTMANN, 1992, p. 46).

Em troca do apoio da IAAF²⁴⁸ e de um certo protagonismo nos Jogos Olímpicos de 1928, a FSFI e Milliat fizeram um acordo. No limite, a negociação instituída entre a FSFI/Milliat e a IAAF/COI expressava em si uma relação de gênero, visto que se deu entre uma instituição que respondia aos interesses das mulheres no esporte e uma instituição que havia sido fundada e protegia os interesses dos homens. Essa negociação, pela ótica dos estudos de Foucault, parece refletir bem o funcionamento do poder, como Foucault o analisou na *Microfísica do Poder* (1979, p. 236 – grifos nossos), onde argumentava: “De modo geral, eu diria que o interdito, a recusa, a proibição, longe de

²⁴⁴ Antes da reunião com Sigfrid Edstrøm, as integrantes da FSFI fizeram uma votação e, apesar de várias discordâncias, autorizaram que Alice Milliat representasse a instituição. (CARPENTIER, 2018).

²⁴⁵ Sigfrid Edstrøm se tornou presidente da IAAF e membro do COI em 1920, em 1921 se tornou membro executivo do COI e isso estreitou as relações entre a IAAF e o COI (LENSKYJ, 2016, p. 40). Uma relação que se mantém muito “produtiva”, como se pode observar no capítulo cinco, onde se discute a criação e a implantação dos exames de verificação do sexo.

²⁴⁶ O congresso internacional da IAAF que aceitou a participação das mulheres no atletismo ocorreu entre os dias 5 a 8 de agosto de 1926, conforme o *Bulletin Officiel du Comité International Olympique*, n. 4, outubro de 1926. Disponível em: <https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll1/id/25780/rec/14> Acesso em: 29 jan. 2020.

²⁴⁷ Existem divergências com relação ao ano no qual o COI exigiu a retirada da palavra “olympic” do nome do *Women's Olympic Games*, Terret (2010, p. 1163), por exemplo, sustenta que isso teria ocorrido logo após os jogos de 1922 em Paris, cidade de Coubertin. Já Lenskyj (2016, p. 36), sustenta que a mudança ocorreu em 1926, antes dos II Jogos Mundiais Femininos.

²⁴⁸ A primeira instituição esportiva a admitir a participação das mulheres nos Jogos Olímpicos foi a Federação Internacional de Natação em 1912 (DeFRANTZ, 1997).

serem as formas essenciais do poder, são apenas seus limites, as formas frustradas ou extremas. *As relações de poder são, antes de tudo, produtivas*". E quais foram as "produtividades" das relações de poder entre a FSFI e a IAAF/COI? Certamente foram inúmeras, mas isso não significa dizer que todas foram positivas para as mulheres no contexto esportivo.

A tarefa de Sigfrid Edstrøm²⁴⁹, por exemplo, não era apenas a de submeter o controle da FSFI aos poderes da IAAF e do COI, ele buscava era a total interdição das mulheres nas competições esportivas. Ainda que ele tivesse convencido os membros da IAAF e do COI a permitirem a participação das mulheres, num um número reduzido de eventos nos Jogos Olímpicos de Amsterdã em 1928, Edstrøm deixaria evidente, alguns anos depois, suas reais intenções, escritas numa carta em 1935 que ele enviou para Avery Brundage – um personagem que aparecerá novamente no capítulo referente aos exames de verificação do sexo/gênero –, na qual dizia: "Eu suponho que você saiba que a federação da senhora Milliat tem nos causado tantos problemas que certamente não temos nenhum interesse em apoiá-la. Gostaríamos que todas essas coisas desaparecessem da face da terra" (EDSTRØM, 1935 *apud* CARPENTIER, 2018, p. 77 – tradução livre)²⁵⁰. O teor e a eloquência do enunciado revelam todo o grande incômodo que a FSFI e Alice Milliat causavam em alguns dos "deuses dos estádios", como Rosol (2004, p. 72) se referia aos membros do COI, em especial ao Barão Pierre de Coubertin.

Por parte de algumas das integrantes da FSFI era comum a coexistência de dois discursos. O primeiro, defendido por Milliat, referendava a ideia de que as mulheres poderiam e deveriam competir nos mesmos esportes que os homens, por isso, os Jogos Mundiais Femininos seriam um dos degraus para a conquista e aceitação nos Jogos Olímpicos onde os sexos vivenciariam o mesmo evento. A racionalidade de Milliat, somada à sua personalidade determinada e caprichosa, causava constrangimento e críticas por parte das dirigentes e atletas inglesas, dentre elas Sophie Elliott-Lynn ou também conhecida por seu nome de batismo, Sophie Peirce-Evans, uma das companheiras de luta de Milliat e membro-fundadora da FSFI. De sua parte, Elliott-Lynn dizia que as mulheres, por serem "naturalmente" diferentes dos homens, deveriam ter suas próprias competições

²⁴⁹ Entre 1946 a 1952, Sigfrid Edstrøm ocupou a presidência do COI, sendo substituído por seu amigo, o estadunidense Avery Brundage que dirigiu o COI entre 1952 a 1972. A lista com os presidentes dos COI está disponível em: http://olympic-museum.de/president/pres_ioc.html Acesso em: 02 fev. 2020.

²⁵⁰ "I suppose you know that Mme Milliat's Federation has caused us so much trouble that we certainly have no interest at all to support it. We should like the whole thing to disappear from the surface of the earth". (Edstrøm, 1935 *apud* CARPENTIER, 2018, p. 77).

e que almejar um evento misto só tenderia enfraquecer o protagonismo das atletas (CARPENTIER, 2018).

A objeção de Elliott-Lynn tinha um peso muito forte, pois ela, como presidente da WAAA – *Women's Amateur Athletics Association* que havia sido fundada em 1922, e era um dos braços da AAA – *Amateur Athletics Association* – órgão regulador do atletismo inglês –, era uma figura de grande projeção e poder, além do fato de ter sido fundamental para que Milliat conseguisse fundar a FSFI.

Na reunião que definiu a aproximação da FSFI com a IAAF, realizada em 1926, Elliott-Lynn teria dito que as mulheres não tinham nada a ganhar com os Jogos Olímpicos, pois o evento, “feito por homens para homens”, tenderia a negligenciar a participação das mulheres (WARE, 2005). Como foi voto vencido, Elliott-Lynn começou a militar a favor do boicote aos Jogos Olímpicos de Amsterdã 1928²⁵¹ e, depois, contra os Jogos Olímpicos de 1932 em Los Angeles, Califórnia, EUA (LENSKYJ, 2016; CARPENTIER, 2018).

No jornal francês *Le Gaulois* de 30 de dezembro de 1926, alguns meses após o encerramento dos Jogos Mundiais Femininos de Gotemburgo, foi noticiada a minuta de uma reunião da FSFI. Nela, a instituição revelava suas exigências ao COI, em troca da anuência para a participação das atletas federadas à FSFI nos Jogos Olímpicos de 1928. O extrato, exposto logo abaixo, mostra que as dirigentes da FSFI tinham trabalhado para definir quais seriam as metas da FSFI na organização dos jogos de 1928 e quais responsabilidades o COI teria para a consecução do acordo.

- a) A FSFI reivindicava que dois dias fossem reservados para o atletismo com mulheres e que o programa do evento fosse elaborado por uma comissão composta por três integrantes, nomeadas pela FSFI;
- b) Se acaso não fosse possível aumentar o número de provas do atletismo nos jogos de 1928, a FSFI autorizaria a participação das atletas federadas, mas com a condição de que uma comissão, FSFI e COI, se engajasse para que a quantidade de provas fosse aumentada para os Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1932;

²⁵¹ Seamus Ware (2005), constatou que Eliott-Lynn teria participado do Pedagogical Congress realizado pelo COI em Praga em 1925. Segundo o pesquisador, ela teria apresentado um trabalho intitulado *Women's Participation in Athletics*, cujos princípios se baseavam nas concepções médicas sobre o corpo feminino – Eliott-Lynn tinha grande admiração pela medicina. Lenskyj (2016) afirma que o texto apresentado por Eliott-Lynn, era fortemente baseado na teoria da força vital, que pregava a economia das energias para serem usadas no processo reprodutivo (maternidade), um posicionamento que, segundo Lenskyj (2016), certamente agradou a audiência masculina do congresso. Ware (2005) sugere que a participação de Eliott-Lynn possibilitou que a IAAF e o COI determinassem as provas para o atletismo feminino nos JO de Amsterdã em 1928.

- c) A FSFI exigia que a presidenta da banca de arbitragem das competições de atletismo com mulheres fosse uma de suas integrantes, e que caberia à FSFI o papel de designar uma árbitra para cada competição com mulheres;
- d) Milliat e as membros da FSFI, pediam que o COI fizesse todo o esforço possível para divulgar o nome da FSFI nos documentos oficiais dos Jogos Olímpicos de Amsterdã em 1928;
- e) Por fim, a FSFI requeria que os comitês olímpicos nacionais passassem a comportar em seus quadros dirigentes uma ou duas integrantes das federações femininas nacionais (BRUNI, 1926, p. 6).

Extrato 67 - Reunião da Comissão Técnica da FSFI, Journal Le Gaulois, 1926



DIVERS

— A la Fédération sportive féminine internationale.

Réunion de la commission technique, sous la présidence de Mme Milliat. Présents : docteur Bergmann (Allemagne), vice-président ; Mmes Elliott-Lynn (Grande-Bretagne), Bergmann (Allemagne), Passavant (Autriche), MM. Lilie (Suède), Valousek (Tchécoslovaquie), Sterba (Pologne).

Conformément aux décisions du quatrième congrès, la commission a établi : acceptation des records en dimensions métriques seulement ; suppression des courses entre 200 et 800 mètres. Elle a établi la liste des épreuves acceptées dorénavant comme records du monde, fixé le poids du disque à un kilo, celui du poids à quatre kilos, celui du javelot à 600 grammes, style classique avec faculté d'employer le style libre pendant 1927. Pour les haies, considérant que la question n'est pas au point, la commission a décidé de remettre sa décision à l'année prochaine, mais a fixé comme étude les distances suivantes : 83 m. comme précédemment, 80 m. avec haies espacées de 8 m. avec 12 m. au départ et 12 m. à l'arrivée, haies uniformément de 0 m. 75.

D'autre part, le comité international a voté l'ordre du jour ci-dessous :

« 1^o Opposé à toute expérience dont il ne peut prévoir l'issue, le comité demande que, aux Jeux d'Amsterdam, deux jours soient réservés à l'athlétisme féminin avec un programme élaboré par la commission de trois membres qu'il nommera. En cas d'impossibilité d'augmentation du programme par suite de difficultés techniques, le comité vote la participation et ses membres s'engagent à travailler dans le but d'obtenir une participation complète en 1932 afin d'atteindre les buts que la Fédération s'est fixés. Ces décisions sont prises à la condition formelle que la présidente soit membre du jury (*sic*) et que la Fédération désigne un juge dans chacune des épreuves féminines.

« 2^o Les membres du comité international s'engagent à faire tous leurs efforts pour que le nom de la FSFI soit mentionné dans tous les imprimés relatifs aux sports athlétiques aux Jeux d'Amsterdam. Ils feront, chacun dans sa sphère d'action, les démarches nécessaires pour que les comités olympiques nationaux comprennent un membre ou plusieurs membres de chaque fédération féminine nationale.

« Le comité international se réunira en août 1927 à Breslau et le cinquième congrès aura lieu à Amsterdam en 1928. »

Notre avis est que l'athlétisme féminin n'a rien à gagner en versant dans l'exhibitionnisme auquel vise le comité international. Il est aussi que le comité international olympique ne consentira pas à alourdir un programme qu'il cherche au contraire à réduire.

Georges Bruni

Fonte: BRUNI, 1926, p. 6.

Ao final da matéria, o repórter esportivo francês Georges Bruni (1926) evidenciava a estrutura patriarcal e machista da sociedade francesa e, conforme seu ponto de vista, dentro do Comitê Olímpico Internacional:

Nossa opinião é que o atletismo feminino não tem nada a ganhar se dedicando ao exibicionismo ao qual o comitê internacional se destina. O comitê olímpico também não consentirá em aumentar um programa que ele procura, ao contrário, reduzir (BRUNI, 1926, p. 6 – tradução livre).²⁵²

As duas frases do enunciado revelam dois discursos que circulavam na Europa nas primeiras décadas do século XX. O primeiro enunciado diz respeito ao discurso da impropriedade das exposições públicas das competições com mulheres, frequente nos enunciados de Coubertin: “Se há mulheres que querem jogar futebol ou lutar boxe, são muito livres para fazer isso, sempre e quando não haja espectadores” (CIPC, 2015, p. 177). Já o segundo enunciado sugere que o COI tinha mais poder que a FSFI, por isso, caberia a ele controlar as negociações com as mulheres, consentindo ou negando suas participações nas competições. Embora o COI tivesse aceitado a participação das mulheres, o enunciado deixava entrever que algumas das demandas seriam ignoradas e que cabia ao órgão o “direito” de determinar em quais eventos as competições com mulheres seriam permitidas. E foi justamente essa a arquitetura (de controle) que a FSFI viu emergir e funcionar nos primeiros Jogos Olímpicos que as mulheres puderam participaram como atletas oficialmente reconhecidas.

Como foi enunciado anteriormente, Milliat queria que a participação igualitária das mulheres em todos os eventos com homens²⁵³, porém, mesmo que as exigências da FSFI já tivessem sido publicitadas em jornais e revistas, não foi isso que o COI acatou e colocou em prática nos Jogos Olímpicos de Amsterdã em 1928. Embora, nos Jogos Mundiais Femininos de Gotemburgo em 1926, as mulheres já tivessem participado de 12 provas no atletismo (60 metros, 100 metros, 250 metros, 1000 metros de marcha, revezamento 4 x 100 metros, lançamento de disco, lançamento de dardo, arremesso de peso, salto em altura, salto em distância com corrida, salto em distância sem corrida, corrida com obstáculos) (BARKER-RUCHTI, GRAHN & ANNERSTEDT, 2013, p. 876), em Amsterdã 1928 elas participaram apenas de cinco provas contra 22 provas dedicadas aos homens, conforme figura abaixo:

²⁵² “Notre avis est que l’athlétisme féminin n’a rien à gagner en versant dans l’exhibitionisme auquel vise le comité international. Il est aussi que le comité olympique ne consentira pas à alourdir un programme qu’il cherche au contraire à réduire.” (BRUNI, 1926, p. 6).

²⁵³ Terret (2010) afirma que o desejo de igualdade entre os sexos de Milliat não era compartilhada por grande parte das mulheres francesas. Enquanto a FSFI via cair o número de membros, clubes de ginástica e educação física com concepções conservadoras aumentavam suas participações no cenário francês, em 1928 a *Fédération Française Féminine de Gymnastique et Éducation Physique* (FFFGEP) contava com mais de 500 clubes filiados, algo que nunca foi alcançado pela FSFI.

Figura 25 – Programação das provas do atletismo nos Jogos Olímpicos de Amsterdã em 1928

JOGOS OLÍMPICOS DE AMSTERDÃ 1928					
PROVAS DO ATLETISMO					
<table><tr><td>MULHERES 5 PROVAS</td></tr><tr><td>100 metros 800 metros Revezamento 4 x 400 m Salto em altura Lançamento de disco</td></tr></table>	MULHERES 5 PROVAS	100 metros 800 metros Revezamento 4 x 400 m Salto em altura Lançamento de disco	<table><tr><td>HOMENS 22 PROVAS</td></tr><tr><td>100 metros 200 metros 400 metros 800 metros 1500 metros 5000 metros 10.000 metros Maratona 3000 m com obstáculos 110 m com barreiras 400 m com barreiras Salto em altura Salto em distância Salto triplo Salto com vara Lançamento de dardo Lançamento de disco Arremesso de peso Arremesso de martelo Decathlon Revezamento 4 x 400 m Revezamento 4 x 1600 m</td></tr></table>	HOMENS 22 PROVAS	100 metros 200 metros 400 metros 800 metros 1500 metros 5000 metros 10.000 metros Maratona 3000 m com obstáculos 110 m com barreiras 400 m com barreiras Salto em altura Salto em distância Salto triplo Salto com vara Lançamento de dardo Lançamento de disco Arremesso de peso Arremesso de martelo Decathlon Revezamento 4 x 400 m Revezamento 4 x 1600 m
MULHERES 5 PROVAS					
100 metros 800 metros Revezamento 4 x 400 m Salto em altura Lançamento de disco					
HOMENS 22 PROVAS					
100 metros 200 metros 400 metros 800 metros 1500 metros 5000 metros 10.000 metros Maratona 3000 m com obstáculos 110 m com barreiras 400 m com barreiras Salto em altura Salto em distância Salto triplo Salto com vara Lançamento de dardo Lançamento de disco Arremesso de peso Arremesso de martelo Decathlon Revezamento 4 x 400 m Revezamento 4 x 1600 m					
Fonte:(Adaptado de: IOC, 1928, p. 375)					

No limite, apenas uma das demandas da FSFI foi atendida pelo COI e a comissão responsável pelos Jogos Olímpicos de Amsterdã, uma vez que Alice Milliat fez parte da comissão de arbitragem das provas do atletismo com mulheres atletas. Apesar desse fato, não há no *Official Report of the Olympic Games of 1928* (IOC, 1928) menções nem à Milliat e nem à FSFI²⁵⁴, exceto pela foto da comissão de arbitragem do atletismo, exposta logo abaixo, na qual Milliat aparece sentada ao lado direito de Sigfrid Edstrøm, então presidente da IAAF. Ademais, leituras do *Official Report* apontam que o COI e a comissão de organização ignoraram e sequer sublinharam a conquista e a presença das atletas no evento. A propósito, menções às mulheres só foram feitas em duas ocasiões, a primeira na publicação de uma carta, escrita por Coubertin, endereçada à comissão de organização, na qual se desculpava por não ter comparecido à abertura dos Jogos Olímpicos de Amsterdã, parabenizava a comissão e os atletas pelo sucesso dos Jogos e, como de praxe, voltava a reforçar sua antipatia em relação às competições com mulheres (IOC, 1928, p. 12). E uma segunda vez, quando nas regras gerais anunciavam que as

²⁵⁴ Não foram encontradas menções nem na versão francesa – *Fédération Sportive Féminine Internationale* (FSFI) e nem na versão em inglês – *International Women's Sports Federation* (IWSF).

mulheres tinham sido admitidas no evento: “As mulheres são admitidas em certas provas dos Jogos Olímpicos; o programa mencionará as provas que elas podem disputar” COI (IOC, 1928, p. 70 – tradução livre).

Imagem 9 - Alice Milliat na composição da Comissão de Arbitragem do Atletismo nos Jogos Olímpicos de Amsterdã, 1928

GOVERNING BODIES :
INTERNATIONAL AMATEUR ATHLETIC FEDERATION
President: J. S. EDSTRÖM, Sweden.
Secretary and Treasurer: H. KJELLMAN, Sweden.

Correspondence-address:
J. S. EDSTRÖM, Vesteras (Sweden).



The jury of appeal. Second from the right J. S. EDSTRÖM (Sweden), third from the left G. A. Burger (Holland).

Fonte: IOC, 1928, p. 371.

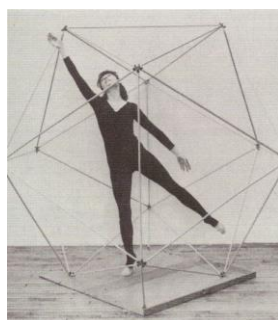
Sem a pretensão de fazer uma análise semiótica da imagem acima, nota-se no primeiro plano que Milliat e os demais membros da comissão de arbitragem se reúnem em torno de uma mesa onde são tomadas as decisões sobre possíveis apelações, ou seja, essas pessoas, nesse cenário, julgavam os recursos contra possíveis equívocos da arbitragem ou atos antideportistas dos e das atletas, dito de outro modo, esse era um espaço de poder em relação às competições do atletismo. Como se pode ver, Milliat era a única mulher entre os oito integrantes da comissão, e se sentava à direita de Sigfrid Edström, o mesmo dirigente que, sete anos depois, em 1935, pregava com clamor que a

FSFI e “todas essas coisas (mulheres atletas)” desaparecessem da face da Terra (EDSTRØM, 1935 *apud* CARPENTIER, 2018, p. 77).

Na imagem, Alice Milliat era a única que se apoiava sobre seu cotovelo esquerdo na “mesa do poder”. Apoiar-se sobre os cotovelos era uma postura considerada “pouco refinada” para a sociedade francesa²⁵⁵ até meados dos anos 1950, especialmente para mulheres, dado que representava falta de elegância e boas maneiras. Pela forma como Milliat está sentada, não ao centro da cadeira, mas mais ao seu lado esquerdo, é provável que essa posição tenha favorecido seu apoio na mesa. Apesar dessa postura, um tanto quanto “relaxada”, seu semblante insinua sisudez e, a meu ver, uma certa contrariedade. O olhar focado, penetrante e mais circunspecto do que os dos homens à sua volta, Milliat parecia simbolizar a luta e a conquista de todas as mulheres que ousaram ser pioneiras em espaços tradicionalmente masculinos. Estava cercada, mas não vencida. Certamente, a profundidade do seu olhar de Medusa sinalizava parte da sua ira frente às tentativas da patronagem olímpica e da IAAF de dominar e submeter a FSFI aos seus desígnios.

Tal como ocorria com as mulheres europeias burguesas durante o período vitoriano, o código do vestuário representava as relações de gênero e de classe na sociedade, restringindo duplamente a liberdade das mulheres. De um lado, restringia os movimentos que elas poderiam executar, dentro das suas cinesferas. Esse termo criado por Rudolf Laban (1978), um dos grandes estudiosos da dança da primeira metade do século XX, significa o alcance normal que os seres humanos podem conseguir a partir dos movimentos dos seus membros (estendendo-os ou flexionando-os), sem que o corpo se desloque.

Imagem 10 - Cinesfera de Rudolf Laban



Fonte: Secretaria de Educação do Paraná²⁵⁶

²⁵⁵ Como foi discutido no capítulo dois, o *Nouveau manuel complet de la bonne compagnie*, escrito por Élisabeth Celnart (1839), exemplifica a forma correta e de “bom tom” no ato de sentar-se, a prudência atenta das pernas, a leveza precisa dos movimentos, a docilidade submissa das palavras e do tom de voz, a graciosa cadência e o gasto calculado do andar.

²⁵⁶ Disponível em: <http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=262> Acesso em: 21 out. 2020.

Como demonstrei em outro trabalho (PASSOS, 2014), a cinesfera, é um conceito que pode ser útil para analisar as relações sociais, particularmente as de gênero. Nas observações de aulas de Educação Física para turmas do 9º ano da Educação Básica, os alunos (homens) tendiam a executar movimentos mais amplos, com a extensão dos seus membros (braços abertos, pernas abertas, tronco estendido ou flexionado), e seus movimentos costumavam “invadir” a cinesfera das alunas (mulheres), mais constrictas, com membros “educadamente” fechados, pouco expansivos. Nessa perspectiva, as roupas pesadas, vestidas por Milliat, dificultavam tanto os movimentos dentro da sua própria cinesfera, como em relação aos deslocamentos no campo das competições, aonde seus sapatos de saltos provavelmente afundariam, tornando-a lenta e às vezes impedindo sua locomoção, situação não muito diferente do que ocorria no cotidiano das mulheres burguesas daquele tempo (corpos retraídos e deslocamentos controlados).

Por fim, Milliat vestia um pequeno chapéu *cloché*, um modelo que protege muito pouco o rosto dos raios solares, mas que, em contrapartida, serve para conter e ocultar a cabeleira, elemento igualmente presente em tradições culturais diversas. Com efeito, não é de se espantar que a Medusa criada por poetas e escritores gregos fosse uma mulher com cabelos cacheados de serpentes, que se movimentavam ameaçadoramente, congelando de medo e terror os homens.

É difícil afirmar o quanto Milliat teria ficado decepcionada com a conjuntura dos Jogos Olímpicos de Amsterdã e como os acontecimentos que se desenrolaram após o evento. Contudo, pesquisadoras como Carpentier (2018), Rosol (2004) e Natalie Barker-Ruchti, Karin Grahn e Claes Annerstedt (2013) sugerem que ela teria ficado descontente e mesmo desanimada com o COI e a IAAF, cujas ações não acenavam para a igualdade entre os sexos nas competições esportivas.

Como comprova o extrato abaixo, a IAAF cede a tarefa da escolha das árbitras (1 ou 2 para cada evento com mulheres), e deixa a “promessa” que a FSFI seria a responsável pelo programa do atletismo com mulheres nos próximos Jogos Olímpicos (Los Angeles 1932). O fato é que o poder da FSFI, ou poderíamos dizer, o poder das mulheres, não era suficientemente forte a ponto de alavancar mudanças profundas nas estruturas machistas e patriarcais da IAAF e do COI, conseqüentemente, as mudanças a favor das mulheres para os Jogos Olímpicos de 1932 ficariam aquém do que haviam almejado Milliat e a FSFI.

Extrato 68 - Minuta da Reunião do Conselho da IAAF, 13 e 14/08/1927, com a participação de Milliat

Section 22.

WOMEN'S SPORTS.

Madame Milliat, President of the F.S.F.I., entered and was introduced to the members of the Council.

Madame Milliat thanked for her appointment as member of the Commission for ladies' events at the Olympic Games of 1928.

The various details regarding the women's events at the Amsterdam Olympic Games were carefully considered.

The Council invited Madame Milliat and her Federation to appoint 1 or 2 judges in each event for the women's sports.

Regarding future Olympic Games, the F.S.F.I. was invited to make up a programme for ladies' events and to put said programme in the hands of the I.A.A.F. before the 15th February next year.

Section 23.

Fonte: IAAF, 1927, p. 6.

A animosidade do discurso de Coubertin, somada aos regimes de verdade que determinavam a fragilidade, fraqueza e incompetência do corpo das mulheres nas competições esportivas, assim como o pouco poder da FSFI, frente ao domínio patriarcal do campo esportivo, eram resistências importantes nas relações de poder entre os “deuses dos estádios” e as “esportistas endiabradas”, como o jornalista Peyronnet de Torres se referiu às atletas, nas críticas que fazia à FSFI e que foram publicadas num artigo do *Le Miroir des Sports* em 18 de março de 1925 (TORRES, 1925).

Durante as competições de 1928, tanto o COI quanto a IAAF se mantiveram “alertas” no sentido de terem que “rever” quais esportes e provas seriam ou não convenientes para as mulheres atletas. E nada poderia ter sido pior do que as notícias fantasiosas sobre a prova dos 800 metros com mulheres que um jornalista fez circular na mídia.

A presidenta do grupo de trabalho “mulheres e esporte” do COI no ano de 1997, Anita L. DeFrantz (1997) afirma que a controvérsia sobre a prova dos 800 metros, nos Jogos Olímpicos de Amsterdã em 1928, começou quando um “reputado” jornalista estadunidense, John Tunis, publicou um artigo no qual descrevia o evento da seguinte forma: “Sob nossos olhos, na pista de corrida, se encontravam onze pobres mulheres, cinco abandonaram antes do fim da corrida e cinco caíram na linha de chegada” (TUNIS, 1928? *apud* DeFrantz, 1997, p. 19). Esse enunciado e a foto da campeã do evento – com olhar baixo e aparência cansada (certamente, comum nas provas de resistência) –, a alemã Lina Radke, foram a “gota d’água”, a “desculpa/razão” que o COI e a IAAF precisavam para tomar uma decisão que, certamente, como sugere DeFrantz (1997), já vinha sendo preparada: interditar a participação das mulheres em qualquer corrida acima dos 200 metros. Uma interdição, baseada num fato inverídico, que perdurou nas competições

olímpicas até os Jogos Olímpicos de Roma em 1960, ou seja, por 32 anos (DeFrantz, 1997). Durante todo esse período, o COI manteve a concepção de que as mulheres eram incompetentes para corridas em distâncias maiores que 200 metros, regime que explica, parcialmente, a admissão tardia da maratona com mulheres (42 quilômetros e 195 metros) somente a partir dos Jogos Olímpicos de 1984.

Imagem 11 - Karoline "Lina" Radke na linha de chegada dos 800 m - JO Amsterdã 1928



Fonte: IOC, 2020.²⁵⁷

Após Amsterdã 1928, Milliat percebeu a fragilidade e a desigualdade das relações de poder que havia ajudado a construir entre a FSFI, o COI e a IAAF. Ela e algumas das integrantes da FSFI, possivelmente não perceberam, mas as negociações que estavam construindo com o COI/IAAF tinham as mesmas características das relações matrimoniais do seu século, cujo fundamento estava no poder da representação do homem como “chefe de família”. O que poderiam esperar dessas instituições estruturadas e operadas por homens burgueses com grande capital econômico e social, que não fosse o desprezo e a vontade de manutenção dos seus reinos? Uma pergunta que a própria Milliat (1927) já tinha respondido meses antes dos Jogos de Amsterdã:

Infelizmente, não temos líderes; os homens que se interessam pelo esporte masculino não se dão conta que poderiam servir à sua própria causa, dando algum interesse ao esporte feminino; eles se limitam ao

²⁵⁷ Disponível em : <https://www.olympic.org/karoline-lina-radke> Acesso em: 21 out. 2020.

eterno egoísmo masculino... (MILLIAT, 1927, p. 86 – tradução livre).²⁵⁸

Além das resistências amparadas nas concepções do COI e da IAAF, a conquista das competições olímpicas foi dificultada por mulheres estadunidenses que integravam a *Women Division of the National Amateur Athletics Federation* (WDNAAF) que, no 5º Encontro Anual realizado entre os dias 3 a 5 de janeiro de 1929, votaram para que as atletas estadunidenses não participassem dos Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1932. Segundo a WDNAAF, “[...] os jogos envolvem treinamento especializado para poucas, oferece oportunidades para a exploração de garotas e mulheres e apresentam a possibilidade de esforços excessivos nos períodos de treinos e competições” (NATIONAL AMATEUR ATHLETIC FEDERATION, 1929, p. 242 – tradução livre), distinto do programa que a *Women Division* pregava, constituído de “esportes e jogos do tipo certo e da maneira certa” (NATIONAL AMATEUR ATHLETIC FEDERATION, 1929, p. 242 – tradução livre).²⁵⁹

Enfrentando resistências que vinham de mulheres em outras instituições, e ao se dar conta que a FSFI não alcançaria as metas traçadas para os Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1932, Milliat e as integrantes da FSF, decidiram organizar os III Jogos Mundiais Femininos²⁶⁰. O evento que foi realizado na cidade de Praga, capital da República Tcheca, em 1930, contou com a participação de dezesseis países dentro de um programa expandido com mais de quinze eventos, dentre eles a prova dos 800 metros (LENSKYJ, 2016). Prova que foi colocada propositalmente em afronta à falsa notícia de 1928 e como uma forma de contradizer o discurso de “fragilidade do corpo feminino” usado pelo COI ao interditar as corridas acima de 200 metros para as mulheres.

Mesmo que a FSFI tivesse solicitado à IAAF o aumento da quantidade de provas no atletismo com mulheres, de cinco em 1928 para dez em 1932, o que ocorreu foi que a prova dos 800 metros foi eliminada. O programa dos Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1932 era composto por seis provas (80 metros, 100 metros, revezamento 4 x 100

²⁵⁸ “Malheureusement, nous n’avons pas de dirigeants; les hommes qui s’intéressent au sport masculin ne se rendent pas compte qu’ils pourraient servir leur propre cause en donnant quelque intérêt au sport féminin; ils se cantonnent dans l’éternel égoïsme masculin...” (MILLIAT, 1927, p. 86).

²⁵⁹ “[...] the games involve specialized training for few, offer the opportunity for the exploitation of girls and women, and present the possibility of overstrain in the period of training and competition). [...] sports and games of the right sort and in the right way” (NATIONAL AMATEUR ATHLETIC FEDERATION, 1929, p. 242).

²⁶⁰ A velocista estadunidense Stella Walsh, uma personagem importante nos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936 e das suspeitas sobre o “verdadeiro sexo” das atletas, participou dos 3º Jogos Mundiais Femininos (LEIGH & BONIN, 1977, p. 79).

metros, salto em altura, lançamento de dardo e lançamento de disco), ou seja, os 800 metros foi substituído pela corrida de 80 metros, o revezamento que era, em 1928, 4 x 400 metros passou para 4 x 100 metros, e a prova do lançamento de dardo que não constava no programa de 1928, foi incluída pela primeira vez (IOC, 1928, 1933). Em resumo, a dinâmica desses programas evidencia a “atualização” das tecnologias de controle de gênero por meio das constantes adaptações das provas e das regras, dos controles sobre os corpos e os usos que as mulheres dão a eles, operações que “permitem as participações” sob condições de distanciamento e segregação e às custas da manutenção das diferenças entre os sexos.

O desejo pela diferenciação entre os sexos e o anseio pela proteção do esporte, como reino masculino, se mantiveram operantes mesmo após a troca do comando do COI, em 1925, quando Baillet-Latour substituiu Coubertin. Embora fosse considerado um progressista, Baillet-Latour, após os Jogos de Amsterdã 1928, numa sessão realizada em julho de 1929, como é possível ler abaixo, participou junto com o conselho executivo do COI da aprovação da retirada das provas de atletismo para as mulheres, mantendo apenas os eventos que consideravam apropriados como a ginástica, a natação, a esgrima e o tênis (CIO, 1929, p. 17).

BULLETIN OFFICIEL du COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE		17
4. Comité International Olympique Séssion de la Commission Exécutive, Vittel, 23-25 juillet 1929. La Commission Exécutive du Comité International Olympique s'est réunie à Vittel, les 23, 24 et 25 juillet. Étaient présents : MM. le Comte de Baillet-Latour, Président ; le Baron Godefroy de Blonay, Vice-Président ; le Marquis de Polignac ; le Général R. J. Kentish ; le Général Ch. H. Sherrill ; S. E. le Dr. Lewald. Mr. J. S. Edström était excusé. Le Président a fait part de la mort de M. Maurice Pescatore, délégué du C. I. O. au Luxembourg et de la démission de Lord Cadoqan, délégué en Grande-Bretagne. Un télégramme de condoléance a été adressé à Madame Pescatore. Un vote par écrit pour l'élection des nouveaux candidats sera demandé aux membres du C. I. O. en même temps que la ratification définitive des modifications à apporter aux articles 8, 12, 13, 16, 17 et 26 des Règles Générales, discutées par le C. I. O. pendant la Session de Lausanne. La Commission s'est occupée ensuite de la préparation du Congrès Olympique de Berlin qui se tiendra dans le Herrenhaus du 25 au 30 mai 1930. Trois commissions sont dès à présent prévues : Commission d'Amateurisme, Commission chargée de l'étude des mesures à prendre pour la réduction du Programme des Jeux, Commission des Terrains de Jeux Publics. La Presse sera admise aux séances plénières. La Commission Exécutive se réunira le vendredi 23 mai à 9.30 heures ; le Comité International Olympique le vendredi 23 à 3 heures, le samedi 24 à 9.30 et à 3 heures. Conformément au désir exprimé à Lausanne par le C. I. O. la Commission Exécutive a procédé : 1° à l'étude d'un programme définitif des Jeux et examiné les demandes d'admission de nouveau Sports. Un rapport sera présenté à la Session du C. I. O. qui précédera le Congrès et connaissance sera donnée au Congrès du Programme définitif, celui-ci ayant fait l'objet d'une décision préalable du C. I. O. 2° à l'étude des Cinq points proposés par Mr. Edström, au sujet desquels le Président inscrira, en son nom personnel à l'ordre du jour du Congrès, les quatre propositions et les deux vœux suivants :		
«Les noms des concurrents devront parvenir au Comité Organisateur au moins quinze jours avant la date de la première épreuve de chaque sport sans que des modifications puissent encore être apportées.» «Le Comité Organisateur devra être en possession des engagements et des noms des concurrents, au plus tard à minuit, le jour de la clôture des délais fixés par le présent article.»		
X. Nombre d'Engagements. «Pour les épreuves individuelles, trois concurrents par nation (sans remplaçants).» «Pour les Sports qui pratiquent les épreuves individuelles et les épreuves par équipes, est seule admise une des deux épreuves au choix de la Fédération Internationale.»		
Vœux proposés au Congrès. 1) «Le Congrès réitère le vœu formulé déjà au Congrès Olympique de Prague, priant les Fédérations Internationales de faire des Jeux Olympiques leurs championnats du monde et tout au moins de n'avoir pas de championnats du monde l'année des Jeux olympiques.» 2) «Chaque Fédération Internationale continuera à décider pour chaque sport des épreuves qui seront disputées après accord avec la Commission Exécutive du C. I. O. ; mais le Congrès exprime le vœu que le nombre des épreuves dans chaque sport soit réduit au minimum afin de permettre, conformément à l'idée olympique, d'ouvrir les Jeux à tous les sports inscrits au Programme, en vertu de leur valeur éducative.» Ces Propositions et ces Vœux seront préalablement discutés par le C. I. O. à la réunion de Berlin, chaque membre restant libre de son vote au Congrès. La Commission a examiné enfin les diverses solutions de la question de l'Amateurisme qui paraissent devoir être éventuellement proposées au Congrès et fixé pour chacune d'elles la ligne de conduite qu'elle recommandera au C. I. O. Elle juge préférable qu'aucune proposition à ce sujet n'émane du C. I. O. La Commission, après avoir étudié la possibilité de la création d'un Conseil technique, a pris connaissance des progrès réalisés depuis le mois d'avril par les Comités Organisateurs des Jeux de la Xe Olympiade (Los Angeles 1932) et des IIIèmes Jeux Olympiques d'Hiver (Lake Placid, 1932). Le Président a fait un rapport sur les négociations en cours au sujet des réductions à obtenir des compagnies de navigation. Le Général Ch. H. Sherrill a été désigné comme Président de la Commission des Concours d'Art de la Xe Olympiade. Le Président a été prié de se charger lui-même de la correspondance avec le Bureau International de Pédagogie Sportive. La Commission a reçu Mr. Bolanachi, et lui a exprimé tous ses regrets de ce que le Comité Olympique Égyptien n'ait pas partagé sa manière de voir et maintenu envers et contre tout les Jeux d'Alexandrie. Après avoir examiné la situation financière et décidé des mesures à prendre pour faire rentrer les cotisations, la Commission Exécutive s'est ajournée au mois de mars. La prochaine réunion se tiendra à Berlin.		
IV. Participation des Femmes. (Règles Générales). Les Femmes ne sont admises dans les Jeux Olympiques que dans les épreuves de gymnastique, de natation, de lawn-tennis et de patinage.		
Epoque et Durée des Jeux (Protocole) La durée des jeux ne doit pas excéder deux semaines dont trois dimanches.		
IX. Engagements (Règles Générales) «Si dans un pays il n'existe pas de Comité Olympique National, ce pays devra en former un avant d'être admis à prendre part à des Jeux Olympiques.»		

Fonte: CIO, 1929, p. 17.

Após a sessão de 1929, conduzida pelo COI, o pedido de remoção do atletismo para as mulheres foi levado à plenária da assembleia realizada pela IAAF na cidade de Berlim, em 19 de maio de 1930, quando alguns dos membros da IAAF se mostraram insatisfeitos com a atitude Comitê Olímpico (IOC, 1930, p. 3-4). Para a IAAF, os membros do COI não respeitaram o que havia sido acordado anteriormente, ou seja, que

as mulheres participassem em um número reduzido de provas, adaptadas ou trocadas quando fosse necessário.

Extrato 70 - Minuta da reunião do conselho da IAAF, Berlim, 1930

3:0. Count Baillet-Latour's proposal that women should
be admitted to the Olympic Games only in Gymnastics, Swimming,
Lawn Tennis and Skating competitions, but not in Athletics,
being against the decision already taken by the I.A.A.F. at the
Amsterdam Congress, it was recommended to the delegates to the
Olympic Congress to act according to the decisions taken by the
I.A.A.F.

Fonte: IAAF, 1930, p.3-4.

A retirada total das provas do atletismo para as mulheres dos Jogos Olímpicos de 1932 só não ocorreu porque o presidente da *American Athletic Union* e membro da IAAF, o estadunidense Gustavus Kirby, em um congresso olímpico, realizado na cidade de Barcelona, em 1931, teria conclamado que a IAAF boicotasse os jogos de 1932, se acaso as mulheres fossem excluídas do evento (LENSKYJ, 2016; GUTTMANN, 1992). Guttmann (1992) afirma que Kirby e Avery Brundage tinham ficado impressionados com as demonstrações das atletas alemãs em um evento que visava “provar” que as mulheres teriam todas as condições para competir e participar dos Jogos Olímpicos. No congresso de 1931, Kirby teria feito a seguinte afirmação:

Eu, pessoalmente, vi grupos de garotas em roupas curtas que trotavam pelos campos ou pistas de corrida, participando de corridas de 100 metros, participando do salto em distância e saltitando em todos os tipos de movimentos atléticos e ginásticos; e à minha afirmação direta se esse tipo de exercício era ruim para elas, a resposta foi invariavelmente que, pelo contrário, era bom para elas. (KIRBY, 1931? *apud* GUTTMANN, 1992, p. 49 – tradução livre).²⁶¹

Diante das ameaças, o COI revoga sua determinação e, em 1932, oferece seis provas no atletismo com mulheres, cuja participação contaria com a presença de 54 atletas

²⁶¹ “I personally saw groups of young girls in the scantiest kind of clothing trotting around the fields or running tracks, engaging in 100 metre runs, taking part in the broad jump, and hopping about in all kinds of athletic and gymnastic movements; and to my direct statement as to whether or not such character of exercise was not bad for them, the answer invariably was that on the contrary, it was good for them.” (KIRBY, 1931? *apud* GUTTMANN, 1992, p. 49).

de 11 países. Do total de atletas nos Jogos Olímpicos de 1932, as mulheres representaram menos do que 10% (IOC, 1933). Um percentual pouco expressivo que, além de não agradar à FSFI e à Milliat, deixava entrever um possível retrocesso – se acaso não fossem tomadas atitudes –, para os Jogos de Berlim em 1936. Com efeito, no congresso da IAAF, realizado nos dias 29/07, 08 e 09/08 de 1932, a FSFI, representada pelo médico e dirigente esportivo suíço, Francis-Marius Messerli, apresentou um ultimato ao COI e à IAAF: se o programa do atletismo para mulheres não fosse igual ao para os homens, nos Jogos de Berlim, seria melhor que as mulheres não participassem do evento (IAAF, 1932, p.54-55).

Apesar do teor efusivo e ameaçador, na prática a FSFI já não reunia forças e aos poucos algumas das federações que amparavam suas ações começaram a se vincular diretamente à IAAF, pois diziam que as agendas de mulheres e homens deveriam ser tratadas apenas por uma entidade. Dessa maneira, o ultimato dado pela FSFI em 1932, marca, sob o ponto de vista de Mary H. Leigh e Thérèse M. Bonin (1977, p. 80), esse o início do fim da *Fédération Sportive Féminine Internationale* e da história de Alice Milliat como a primeira dirigente esportiva internacional do mundo.

Dois anos após o ultimato feito ao COI, a FSFI realizou em 1934 a quarta edição dos Jogos Mundiais Femininos, que foram ocorreram em Londres, entre os dias 9 e 11 de agosto, quando 12 provas foram realizadas nas competições de atletismo (DROZDEK-MALOLEPSZA, 2014). Esse evento contou com a participação mulheres importantes para as análises feitas no capítulo cinco, cujo foco é a emergência dos exames de verificação do sexo/gênero no contexto das competições esportivas internacionais. Essas mulheres foram: a atleta polonesa, Stanisława Walasiewicz, que já havia sido a grande vencedora dos III Jogos Mundiais Femininos de 1930, com três medalhas de ouro e uma de bronze, e que voltou a ganhar em 1934, quando se tornou campeã dos 60 metros e vice-campeã nos 100 e 200 metros; e a atleta tcheca Zdenka Koubklova que venceu e bateu o recorde da prova dos 800 metros na quarta edição dos jogos femininos em Londres 1934 e que, em 1935, se submeteria à redesignação genital²⁶² (DROZDEK-MALOLEPSZA, 2014).

Depois dos Jogos Mundiais Femininos de Londres 1934, a FSFI foi perdendo força no cenário francês e europeu. As modalidades esportivas que representava – o

²⁶² A ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais tem utilizado o termo “readequação genital” ou “redesignação genital”, sob o argumento de que o sexo, assim como o gênero não estão na morfologia dos genitais, mas no plano da identidade das pessoas, por isso, as cirurgias são para readequação da genitália à subjetividade e não ao ordenamento do sexo/gênero.

basquete, badminton, natação, dentre outras –, passaram a se filiar às federações nacionais e internacionais de cada um dos esportes. Federações internacionais como a de atletismo da Alemanha passaram a questionar a importância da FSFI, sugerindo sua extinção e conclamando que o atletismo para mulheres passasse a ser “governado” – esse é o termo que utilizavam no documento – exclusivamente pela IAAF. No congresso da IAAF, realizado na cidade de Estocolmo, em agosto de 1934, com a presença de Alice Milliat, a minuta trazia a seguinte sugestão do presidente da Federação Alemã de Atletismo, Karl von Halt:

Extrato 71 - Minuta do Congresso da IAAF, Estocolmo, agosto de 1934

SECTION 13.
Women's Athletics.

Germany had made the following suggestion to the Congress:

"We propose that the I.A.A.F. at its Congress in Stockholm decides to govern Women's sport in field and track events for the whole World completely. The members of the I.A.A.F. should be requested to permit Women's athletics only within the I.A.A.F. A special Commission for Women's sport shall not be recognised. The work on the Women's sport shall take place within the scope of the present organisation of the I.A.A.F.

The reasons for this proposal are:

83

1. Women's sport is not held high within the International Olympic Committee. The Women's Sport Federation is not represented with the I.O.C. This would be different if the I.A.A.F. alone appears as representative for the Women.

2. In Women's sport there are every second year in the most important events two World's championships, namely:

- a) at the Olympic Games and
- b) at the Women's World's Games.

This double arrangement is a load on the National Associations. If the I.A.A.F. takes over the Women's sport, the Women's World's Games become unnecessary.

3. The National Associations will save money by belonging to one Federation instead of two: not only membership fees but also expenses to take part in meetings and congresses."

The Council having discussed this question recommended to the Congress to accept Germany's proposal with the amendment that the Members of the I.A.A.F. should be requested to leave the *Fédération Sportive Féminine Internationale*.

“Nós propomos que a IAAF nesse Congresso em Estocolmo decida governar todos os eventos de atletismo feminino no mundo. Os membros da IAAF seriam consultados a permitir o atletismo feminino, alçada única da IAAF. Uma comissão para o esporte feminino não deve ser reconhecida. O trabalho sobre o esporte feminino deve se dar dentro do escopo da presente organização da IAAF.

As razões para esta proposta são:

1. O esporte feminino não é mantido dentro do Comitê Olímpico Internacional. A Federação de Esporte Feminino não é representada dentro do COI. Isso seria diferente se a IAAF aparecesse sozinha como representante das mulheres.
2. Os esportes femininos estão a cada dois anos nos dois eventos esportivos mais importantes do mundo:
 - a. Os Jogos Olímpicos e
 - b. Os Jogos Mundiais Femininos

Essa dupla organização é um peso para as associações nacionais. Se a IAAF assumir os esportes femininos, os Jogos Mundiais Femininos se tornam desnecessários.

3. As associações nacionais economizarão dinheiro mantendo uma federação ao invés de duas: não somente as taxas de filiação, mas também os gastos para a participação em assembleias e congressos”.

O Conselho após discutir essa questão recomendou ao Congresso aceitar a proposta alemã, com a retificação que os membros da IAAF que participam da Federação Esportiva Feminina Internacional devem ser solicitados a sair dessa instituição. (IAAF, 1934, p. 82-83 – tradução livre).

Na condução das discussões sobre a proposta da federação alemã, o relator do congresso explicava que Milliat, apesar de ausente, tinha enviado um relatório. Nele, Milliat criticava a falta de incentivo e apoio da IAAF, mas que, ainda assim, a FSFI havia crescido e se espalhado por 30 países. Por fim, Milliat repreendia as ações da IAAF que, para ela, ao invés de incentivar o esporte para mulheres, tinha desvirtuado o foco do congresso para julgar a legitimidade da FSFI, deixando de discutir se as mulheres deveriam seguir o mesmo programa dos homens ou se os Jogos Olímpicos acatariam o programa dos Jogos Mundiais Femininos (IAAF, 1934).

Por fim, segundo o relator, Milliat anunciava à IAAF que num congresso realizado pela FSFI em Londres, dias antes – conforme extrato abaixo –, a instituição havia decidido que “A FSFI desistiria dos Jogos Femininos Mundiais quando um programa completo para as mulheres fosse incluído nos Jogos Olímpicos, sob a condição que a FSFI tivesse uma representação direta no COI” (MILLIAT, 1934 *apud* IAAF, 1934, p. 83-84 – tradução livre). Porém, as integrantes da FSFI tinham ciência da relutância do COI, no

sentido de permitir a participação das mulheres em todos os esportes, cabia à FSFI resistir e continuar o projeto de organização e realização dos Jogos Mundiais Femininos.

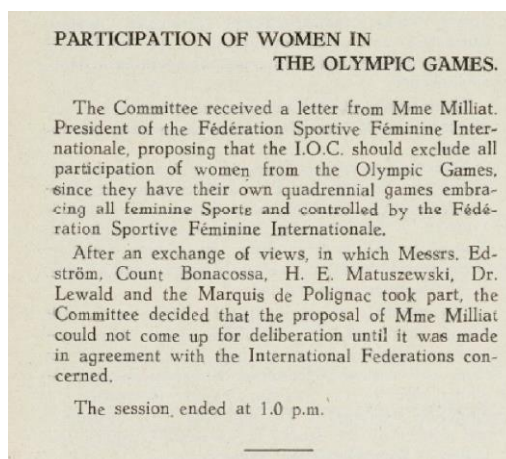
Extrato 72 - Minuta do Congresso da IAAF, Estocolmo, 1934

"The F.S.F.I. will agree to give up the Women's World's Games when a complete programme for women athletics is included in the Olympic Games, and under

the condition to have a direct representative on the International Olympic Committee. The F.S.F.I. note that the I.O.C. is more and more reluctant to have women take part in the Olympic Games in every kind of sport. Under such circumstances the F.S.F.I. think that we must take up again the idea of organising Women's Olympic Games including every kind of women's sport."

Fonte: MILLIAT, 1934 *apud* IAAF, 1934, p. 83-84.

Seguindo o plano de afastar a FSFI do COI, talvez pensando na sobrevivência da instituição e temendo que os esportes para mulheres passassem a ser controlados por homens, em fevereiro de 1935, na cidade de Oslo, Noruega, no congresso do COI para os Jogos Olímpicos de Berlim em 1936, foi apresentado outro comunicado da FSFI para a patronagem olímpica. Nessa carta, a instituição solicitava que fossem excluídos todos os eventos para mulheres dos Jogos Olímpicos, dado que as mulheres já tinham seus próprios jogos e competições, realizados a cada quadriênio, assim como ocorriam com as Olimpíadas. Como resposta, Sigfrid Edström, presidente da IAAF e membro do COI, assim como outros membros, sustentaram que a proposta não poderia ser deliberada sem que antes tivesse sido acordada com as outras federações internacionais, pois, afirmavam, a FSFI não tinha legitimidade perante todas elas (IOC, 1935).

Extrato 73 - Official Bulletin of the International Olympic Committee, 1935

Fonte: IOC, 1935, p. 11.

Com a proximidade dos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936, mais do que nunca, a FSFI, que havia lutado por um programa completo para as mulheres nas competições olímpicas e tinha reforçado a importância do papel das mulheres na organização das suas próprias competições, teve que garantir a sua própria existência. Como resultado das negociações, empreendidas em campos assimétricos de poder, e, apesar de ter tido êxito na inclusão das mulheres nas competições olímpicas, a FSFI tinha se tornado “vítima do próprio sucesso”, como sublinhava Ghislaine Quintillan (2000, p. 28) que, em 1997, foi presidente da comissão para o esporte para mulheres do COI.

Em outro congresso organizado pela IAAF, realizado numa terça-feira, 28 de julho de 1936, na cidade de Berlim, foi colocado em plenária, pela última vez, exigências da FSFI, e foi nessa data que os dirigentes da IAAF tomaram para si o controle total sobre o atletismo mundial ofertado às mulheres. Analisando esse acontecimento, a partir das concepções que Foucault (1979) tinha sobre a “governamentalidade” ou a “teoria do governo”, pode-se dizer que IAAF e o COI não “impuseram” uma lei sobre a FSFI e as mulheres, mas trabalharam tacitamente para estruturar e sistematizar o esporte competitivo numa disposição burocrática que impediu a evolução e o fortalecimento da FSFI e interditou que as mulheres (dirigentes e atletas) ascendessem aos cargos de poder e representação dentro das instituições legitimadas e legitimadoras (federações esportivas nacionais e internacionais, órgãos governamentais que regulavam a prática esportiva dentro dos seus países e o comitê olímpico). Essa racionalidade instrumental (WEBER, M., 2014), focada no objetivo de disponibilizar para si e em favor de si [IAAF/COI/homens], o domínio e o controle sobre um grupo [FSFI/mulheres] que buscava liberdade e igualdade, mas que “quase escapou”, é revelada no processo que

conformou o poder da IAAF, exposto por Edstrøm, no congresso de Berlim, em 1936. Processo que pode ser resumido da seguinte forma:

- Segundo Edstrøm, o primeiro pedido para que a IAAF tomasse para si o “governo” do atletismo com mulheres foi feito em 1922 pela Federação Belga de Atletismo;
- Em julho de 1923, a IAAF criou uma comissão que tinha como função trabalhar na criação de regras específicas para as competições com mulheres;
- Para Edstrøm, a fundação da FSFI, em 1921, ocorreu em decorrência da hesitação dos membros da IAAF em aceitar, organizar e instituir as competições de atletismo para mulheres;
- Em 1926, uma comissão da IAAF se reuniu com as dirigentes da FSFI e decidiram cooperar (o que já foi apresentado), para tanto, a IAAF tinha consentido que controle do esporte para mulheres (especificamente, o atletismo) poderia ser feito por parte da FSFI, além disso, a IAAF acenou positivamente que seus membros pudessem se filiar à FSFI. Por parte da FSFI, ela havia aceitado em 1926, segundo Edstrøm, a se submeter às regras criadas pela IAAF e também tinha concordado com o programa para o atletismo para mulheres definido pela IAAF para os Jogos Olímpicos de Amsterdã em 1928;
- Em relação à essas negociações, continuava Edstrøm, muitos países já tinham sugerido que os esportes com mulheres fossem regidos pelas mesmas instituições que dirigiam os esportes com homens. Edstrøm argumentava que, nesses países, o sistema esportivo com duas federações, era considerado problemático e caro, e como o esporte com mulheres não tinha o mesmo suporte institucional internacional (COI), seria melhor que ele fosse gerenciado pela mesma instituição esportiva dos homens;
- No ano de 1934, uma solicitação proposta no congresso da IAAF demandava que o atletismo com mulheres fosse controlado exclusivamente pela IAAF e que a organização e realização de qualquer competição fosse condicionada ao controle da entidade;
- Em 1936, uma comissão formada pelos dirigentes do atletismo francês, representado por Joseph Genet, e do atletismo alemão, pela pessoa do Dr.

Karl von Halt (o mesmo que havia solicitado a extinção da FSFI em 1934), cancelou todos os acordos que haviam firmado anteriormente com a FSFI, como consequência, dizia Edstrøm, a IAAF estava livre para agir dentro dos seus próprios critérios, sem a intermediação da FSFI;

- Na mesma reunião de 1936, a FSFI havia solicitado quer a IAAF reconhecesse os recordes das atletas em suas competições, que a entidade aumentasse a oferta de provas de atletismo com mulheres e que apoiasse a FSFI na realização dos 5º Jogos Mundiais Femininos;
- Como resposta, a comissão da IAAF determinaria que o programa para mulheres, nos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936, ofereceria as seguintes provas: 100 e 200 metros, revezamento 4 x 100 metros, 80 metros com barreiras, salto em altura e em distância, lançamento de disco e dardo, arremesso de peso, ou seja, nove eventos;
- Por fim, a comissão da IAAF informava que não consentiria com a realização dos 5º Jogos Mundiais Femininos e que, a partir daquela data (1936), ela seria a única responsável por governar o atletismo com mulheres (IAAF, 1936, p. 6, 7, 8).

Leigh & Bonin (1977) sustentam que após a investida da IAAF, em 1936, as dirigentes da FSFI não teriam se reunido para rejeitar as ações da IAAF, nem para tentar dar seguimento ao projeto dos 5º Jogos Mundiais Femininos, ou para dissolver oficialmente a FSFI. O que Leigh & Bonin (1977) apontam é que, se a FSFI não foi “oficialmente encerrada”, num sentido legal, isso quer dizer que a instituição ainda existe²⁶³. Com relação a sua ex-presidenta, Alice Milliat, após “perder” mais uma batalha (talvez a mais traumática), ela se retirou totalmente do ambiente esportivo e viveu o restante da sua vida distante da mídia e do campo de luta que havia ajudado a fundar. Num domingo de primavera, dia 19 de maio de 1957, já com 73 anos, Alice Milliat faleceria anonimamente em Paris e seu corpo seria levado para uma a cidade de Nantes, na foz do rio Loire, onde sua lápide, sem identificação, só seria descoberta após pesquisas realizadas por Andre Devroin, em 2005²⁶⁴ (CARPENTIER, 2018).

²⁶³ Segundo Quintillan (2000), as atividades da FSFI teriam chegado ao fim em 1938. A pesquisadora não informa se a instituição encerrou legalmente sua existência.

²⁶⁴ Somente em 2016 foi fundada a Fondation Alice Milliat, em Paris, com o objetivo de cobrir a mídia esportiva com mulheres e promover projetos para a valorização da participação das mulheres nas competições esportivas na França e internacionalmente. Disponível em: <http://fondationalicemilliat.com/en/home/> Acesso em: 16 ago. 2020;

3.3.1 Os sorrisos das Medusas e os medos dos Perseus: novas estratégias, antigas lutas e outras conquistas das mulheres no campo esportivo

Imagem 12 - Estátua de Perseu com a cabeça de Medusa, Piazza de la Signora, Florência, Itália



Fonte: Greek Myths & Greek Mythology.

A cabeça da Medusa foi decepada, Perseu, no júbilo da vitória, poderia levantá-la e exibi-la, mas deveria fazê-lo com cuidado, pois, a Medusa mesmo decapitada ainda era muito poderosa e não deixara de causar medo. Seu poder não era um poder qualquer! Sua face mortificada ainda mantinha o olhar que petrificava, amedrontava e impunha respeito, de modo que a deusa Atena a utilizaria na confecção do seu próprio escudo. A justiça e a guerra, duas das

jurisdições de Atena, sempre exigiram verbos similares, lutar, combater, conquistar, convencer, dominar, eram alguns exemplos. E nada poderia ser melhor do que a cabeça de Medusa para simbolizar que, para se fazer justiça, assim como para se fazer guerra, era preciso ter ira, gana, raiva para lutar e combater, nessa condição, a guerra combinava mais com a justiça do que essas duas instâncias poderiam combinar com a paz.

Ainda hoje, pesquisadoras (ROSOL, 2004; QUINTILLAN, 2000) e pesquisadores (TERRET, 2010; ARNAUD, 1996) argumentam que a dissolução da FSFI teria sido um “mal previsto” para a consecução do objetivo de incluir as competições com mulheres no programa oficial dos Jogos Olímpicos. Outras pesquisas asseveram que as negociações, as “idas e vindas” da FSFI junto à IAAF e ao COI, evidenciam que Alice Milliat, Sophie Elliott-Lynn e outras dirigentes não estavam dispostas a entregar o governo do esporte com mulheres ao controle dos homens (LEIGH & BONIN, 1977; LENSKEYJ, 2016). Talvez, sugere Lenskyj (2016), o que essas mulheres instituíram teria sido mais um jogo de estratégias do que um jogo de “tudo ou nada”.

Foucault (1979) dizia que as práticas de resistência não buscam necessariamente a destruição do poder, dado que ele não seria localizado e nem verticalizado, mas disperso e horizontalizado. As resistências, segundo ele, lutam contra os efeitos do poder (1979).

E nessa perspectiva, pode-se sustentar que a busca pelo controle e domínio do esporte e do atletismo para mulheres, por parte da IAAF e do COI, ocorreu pelo aumento do poder da FSFI e suas dirigentes, bem como das mulheres europeias em espaços que as patronagens pensavam ser naturalmente e essencialmente dos homens. E isso fica evidente, quando uma das últimas dirigentes da FSFI, Madame Gagneux-Bisson, secretária geral e tesoureira, afirmou em 1974 que a IAAF ao testemunhar o sucesso dos Jogos Mundiais Femininos, teria constatado que havia ignorado o poder do esporte para mulheres e, assim, buscou, passo a passo, usurpar o controle das competições com mulheres das mãos da FSFI (LEIGH & BONIN, 1977, p. 80).

Certamente, é difícil afirmar quais teriam sido os objetivos almejados pelas ações racionais de Milliat, Elliott-Lynn, Gagneux-Bisson e outras dirigentes, porém, Lenskyj (2016, p. 37) expõem três possíveis propósitos da FSFI:

1. Organizar, realizar e garantir a existência dos Jogos Mundiais Femininos, criados, gerenciados e mantidos por mulheres e para as mulheres, em contraposição às restrições do COI;
2. Incluir um programa completo para as mulheres nos Jogos Olímpicos, desse modo, os Jogos Mundiais Femininos seriam apenas uma das estratégias para que alcançassem esse objetivo;
3. Adaptar seus princípios e objetivos em resposta aos avanços do COI e da IAAF, forçando essas instituições a aceitar o programa sugerido pela FSFI.

As análises dessas três assertivas exigem ter em mente que as três primeiras décadas do século XX foram cruciais para a configuração do esporte moderno. Nesse período, o processo de racionalização e codificação das práticas corporais chegava ao ápice com a criação de diferentes federações, especializadas em esportes distintos, tanto a nível nacional quanto internacional. Logo, esses órgãos passaram a realizar encontros, assembleias e congressos, com o objetivo de normatizar as regras das modalidades e para instituir o regulamento e o formato das suas competições. Para tanto, um quadro de burocratas, formado exclusivamente por homens – médicos, advogados, empresários, militares e aristocratas –, foi criado e começaria a operar em vários espaços sociais. Presidentes, secretários gerais, tesoureiros, comissões de arbitragem, comitês técnicos, etc., foram empossados e começaram a regular as práticas esportivas, intermediando as

relações entre as federações regionais, confederações (nacionais) e as federações internacionais, mais o Comitê Olímpico Internacional.

Weber (2014), possivelmente, diria que a criação dessa conjuntura especializada e burocratizada teria se dado em decorrência do processo de racionalização das práticas corporais, o que não parece um argumento equivocado.

Todavia, naquilo que se refere às ações racionais relacionadas aos objetivos, talvez seja prudente pensar que os agentes, ainda que tivessem consciência das suas ações, no sentido de alcançar os fins que almejavam, elas foram condicionadas pelos acontecimentos do cenário político, social, econômico e cultural.

O esporte, como um dos últimos bastiões da masculinidade (ELIAS & DUNNING, 1992), um reino no qual as competições, em especial as internacionais, como os Jogos Olímpicos, foram durante décadas verdadeiros festivais para o desfile de orgulhosos e caprichosos “Perseus”. Coubertin (2015), um amante do corpo masculino, dizia que os Jogos Olímpicos eram festas que buscavam valorizar a virilidade, a beleza e a força dos varões muscularmente formados, moralmente guiados e intelectualmente desenvolvidos.

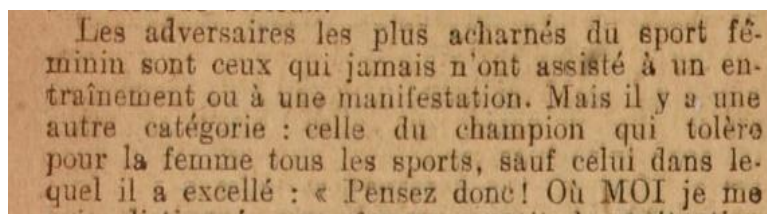
Lenskyj (2016) argumenta que os Jogos Olímpicos sempre privilegiaram alguns grupos frente outros, sua organização mediante a união de homens aristocratas “auto-eleitos”, evidenciava que o modelo de competição olímpico não era representativo para as práticas corporais do mundo. Hoje, suas regras, explícitas ou implícitas, se baseiam historicamente em concepções de sexo/gênero, sexualidade, classe social, nacionalidade, religião, raça/etnia e ou habilidades dos e das competidoras que, incentivando a participação de determinados grupos e desfavorecendo outros. Os Jogos Olímpicos, ao sublinharem o antigo *ethos* “mais rápido, mais alto e mais forte”, exigem corpos e existências que interditam, separam e segregam vários grupos sociais (mulheres negras e pobres, pessoas com deficiência, mulheres transexuais, travestis e Intersexo, grupos religiosos (islâmicos), pessoas apátridas) no “correto” ordenamento de gênero e da divisão sexual do trabalho.

Como explicam Helena Hirata e Daniele Kergoat (2007), a concepção de “divisão sexual do trabalho” nasceu na França e tem servido para problematizar “a distribuição diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho, nos ofícios e nas profissões, e as variações no tempo e no espaço dessa distribuição” (p. 596). As autoras afirmam que, “falar em termos de divisão sexual do trabalho é: 1. mostrar que essas desigualdades são sistemáticas e 2. articular essa descrição do real como uma reflexão sobre os processos

mediante os quais a sociedade utiliza essa diferenciação para hierarquizar as atividades, e, portanto, os sexos, em suma, para criar um sistema de gênero” (p. 596).

No limite, dois fatores ajudaram na construção do menosprezo que o COI e a IAAF tinham em relação ao esporte praticado por mulheres: a ignorância e o medo. Num artigo publicado no periódico *L'Auto* de 17 de janeiro de 1924, cujo título era *Les sports et la femme. Amis et ennemis* (Os esportes e a mulher. Amigos e inimigos), Milliat discorria sobre o menosprezo daqueles que ela chamava de “inimigos do esporte feminino”:

Extrato 74 - Les sports et la femme. Amis et ennemis, *L'Auto*, 1924

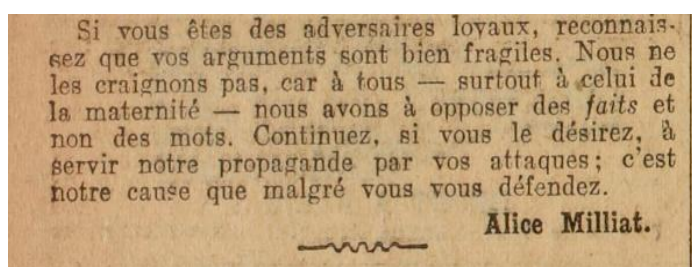


Fonte: MILLIAT, 1924, p. 4.²⁶⁵

Nesse mesmo texto, Milliat (1924) manifestava que, “não gostar do esporte feminino”, como ocorria com muitos homens, deveria ser tomado como uma opinião pessoal, uma questão de gosto. No entanto, querer ter a pretensão de determinar o que convinha ou não às mulheres, “alto lá!”, protestava Milliat (1924, p. 4). Já para aqueles que alegavam o esporte (as competições) não era benéfico para as mulheres, Milliat (1924) argumentava que alguns médicos e pesquisadores da época não sabiam dizer sequer se o esporte era benéfico para os homens, então, por que teriam o direito de professar sobre os esportes que seriam ou não inconvenientes para as mulheres? Milliat acrescentava que as mulheres já vinham praticando várias modalidades, esportivas ou não, com ou sem fins competitivos, e, conseqüentemente, não seriam persuadidas a cessar seus progressos no campo das práticas corporais. No texto de 1924, a presidenta da FSFI censurava:

²⁶⁵ “Os piores adversários do esporte feminino são aqueles que nunca participaram de um treinamento ou evento. Mas há uma outra categoria: a do campeão que tolera as mulheres em todos os esportes, exceto naquele em que ele se destacou” (MILLIAT, 1924, p. 4 – tradução livre).

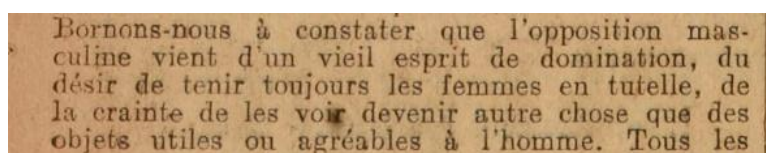
Extrato 75 - Crítica de Alice Milliat aos adversários da luta das mulheres nos esportes, L'Auto, 1924



Fonte: MILLIAT, 1924, p. 4.²⁶⁶

Em um outro recorte do mesmo texto, Milliat (1924) afirmava que a interdição das mulheres no campo do esporte era o resultado de uma construção histórica de dominação e controle que privilegiava os homens enquanto objetificava as mulheres, não só para submetê-las, mas também, para torná-las apazíveis aos desejos dos homens.

Extrato 76 - Críticas de Milliat ao domínio dos homens, L'Auto, 1924



Fonte: MILLIAT, 1924, p. 4.²⁶⁷

A oposição homem-mulher era (é) histórica e social e Bourdieu (2016) compartilharia essa concepção, apontando que o “natural”, “essencial”, “eterno”, “[...] não é mais do que o produto de um trabalho de eternização que compete a instituições interligadas, tais como, a Família, a Igreja, a Escola e também, em outra ordem, o esporte e o jornalismo” (p. 8).

Outro ponto interessante se apresentava quando Milliat (1924) ressaltava que o desejo de dominar as mulheres era traduzido na busca por tê-las e mantê-las sob a tutela dos homens. Essa busca pelo controle das mulheres, além de ter sido uma das estratégias para a manutenção da dominação masculina, como diria Bourdieu (2016), pode ser considerada também como parte de uma estratégia de controle social, populacional, uma das ferramentas da governança e da manutenção de um tipo de seguridade afeita à ordem

²⁶⁶ “Se vocês são adversários leais, reconheçam que seus argumentos são muito frágeis. Nós não acreditamos neles, sobretudo naquele da maternidade. Nós temos que nos opor aos fatos e não às palavras. Continuem, se vocês desejarem, a se servirem da nossa campanha para seus ataques; esta é nossa causa, apesar de vocês se defenderem dela” (MILLIAT, 1924, p. 4 – tradução livre).

²⁶⁷ “Constatamos que a oposição masculina vem de um velho espírito de dominação, do desejo de ter sempre as mulheres sob tutela, da crença de as tornar outra coisa que não objetos úteis ou agradáveis ao homem” (MILLIAT, 1924, p. 4 – tradução livre).

de gênero instaurada e em operação. Nesse caso, Revel (2005), ao considerar os conceitos foucaultianos, sustenta que o controle social que Foucault analisou em várias das suas obras se relacionava com duas ordens: a população (controlar um determinado grupo a partir de um modelo útil e ditado pelo ordenamento social); e a individualização (controlar a existência e os modos de vida dos indivíduos) (REVEL, 2005).

Nessa economia, a mulher, como criticava Milliat (1924), tinha sido convertida num indivíduo que precisava ser normatizado e normalizado²⁶⁸, para atender às necessidades do ordenamento do gênero. Ser mulher significava (ainda significa) atender aos padrões de beleza e moralidade, satisfazer os padrões corporais e comportamentais ditados pela sociedade patriarcal, na qual o corpo, “belo” e “controlado”, só seria “perfeito” se fosse também sadio e fértil.

Em relação a “masculinização”, Pfister (1990) constatou que ela não representava um problema apenas porque poderia se opor ao “destino natural das mulheres”, mas porque parecia alterar a própria ordem social, de tal modo que, desestabilizaria a divisão sexual do trabalho e, por conseguinte, a estrutura do regime de poder, no qual, os homens ocupavam o topo.

Para Messner (1988) e, em certa medida também para Fausto-Sterling (2000), a busca pela polarização dos sexos sinalizava uma das reações à “primeira crise da masculinidade” (MESSNER, 1988, p. 199-200), dado que, as mulheres começaram a ocupar muitos espaços e a exercer várias funções que, até a Primeira Guerra Mundial, eram de domínio dos homens. Dentre essas conquistas, as mulheres lograriam êxito na instituição de novas formas de viver e de usufruírem dos seus corpos. Em alguma medida, isso explica porque houve um crescimento da participação das mulheres nos esportes a partir de 1911, que foi prontamente respondida, após o fim da guerra, em 1918, com a emergência de outras tecnologias de gêneros, visando o recrudescimento das interdições e a regulação das práticas corporais com mulheres. Equipes esportivas com mulheres, atuantes até 1918, foram coagidas direta e indiretamente por clubes esportivos dirigidos por homens, e algumas delas encerraram suas atividades, como foi o caso da *Dick, Kerr, Ladies Football Club* da Inglaterra.

²⁶⁸ De acordo com Tomaz Tadeu da Silva (2009, p. 83), “Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é ‘natural’, desejável e única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade. Paradoxalmente, são as outras identidades que são marcadas como tais”.

No outono de 1922, um time de futebol de jovens inglesas chegou à cidade de Quebec a bordo do SS Montclare, tudo pronto para uma excursão pela América do Norte. O Dick, Kerr Ladies Football Club recebeu o nome de seu empregador, uma fábrica de munição em Preston. Formado durante a Primeira Guerra Mundial para arrecadar dinheiro para as batalhas da guerra e para a caridade, elas eram imbatíveis e altamente populares, atraindo multidões enormes, como as 53.000 pessoas que foram ao Goodison Park, em Liverpool, no Boxing Day 1920. A Federação de Futebol masculina ressentida da sua popularidade, e sob o pretexto de que as arrecadações da bilheteria não eram inteiramente destinadas à caridade, tomaram medidas para proteger o jogo dos homens. Em 1921, proibiram as mulheres de jogar em campos afiliados à FA em toda a Grã-Bretanha. (A. M. Hall, 2005, p. 32 – tradução livre).²⁶⁹

Imagem 13 - Equipe de futebol do Dick, Kerr Ladies Football Club, Preston, Londres



Fonte: Women in Football, 2020.²⁷⁰

É possível que a conjuntura dos vários discursos e racionalidades das federações esportivas internacionais, na tarefa de regular, controlar e dominar o esporte praticado por mulheres, que se instaurou na França, Inglaterra e Espanha, ao fim da Primeira Guerra

²⁶⁹“In the fall of 1922, a football team of young English women arrived in Quebec City aboard the SS Montclare, all set for a tour of North America. The Dick, Kerr Ladies Football Club was named after their employer, an ammunition factory in Preston. Formed during World War I to raise money for the war effort and charity, they were unbeatable and highly popular, attracting huge crowds such as the 53,000 who came to Goodison Park in Liverpool on Boxing Day 1920. The all-male Football Association resented their popularity, and on the pretense that gate receipts were not going entirely to charity, took action to protect the men’s game. In 1921 they banned women from playing on FA affiliated pitches throughout Britain” (A. M. HALL, 2005, p. 32).

²⁷⁰ Disponível em: <https://www.womeninfootball.co.uk/news/2017/12/15/remembering-dick,-kerr-ladies-100-years-on/> Acesso em: 20 out. 2020.

Mundial, se baseava no retorno dos combatentes às suas cidades, empregos e atividades do cotidiano. Quando retornaram, esses homens traziam consigo o desejo de retomar o controle sobre tudo aquilo que haviam deixado para trás: o trabalho, o lar, as diversões, os esportes e as mulheres. Conquanto, a retomada do controle pelos homens não seria mais possível, não nos mesmos moldes, pois as mulheres europeias, operárias, enfermeiras, médicas, professoras, esportistas, dirigentes, comerciantes, ex-combatentes, já tinham aprendido novas formas de resistência.

A “primeira crise da masculinidade” conferiu dispositivos que subjugaram a FSFI, entretanto, ainda que Milliat, Elliott-Lynn e Gagneux-Bisson tivessem sido decapitadas, isso não significava que estavam derrotadas. Essas Medusas não estavam sozinhas. Perseu, assim como a IAAF e o COI, glorificou seu poder através da demonstração da cabeça da Medusa, porém, ignorou que Medusa tinha duas irmãs, Esteno e Euríale, que, diferentemente da irmã mortificada, eram imortais, assim como eram as “irmãs” criadas pela FSFI.

3.4 Brasileiras no campo esportivo no século XX: para além de Medusas, Iaras e Mulas sem Cabeça

A expressão popular “mula sem cabeça” tem, em algumas das regiões do Brasil, o sentido de enunciar uma pessoa “avoadada”, “desorientada”, ou seja, ser chamada de “mula sem cabeça”, no contexto social brasileiro, seria um insulto, uma injúria. Aqui, possui um significado e uma função distinta.

A tarefa de aproximar um mito grego, a Medusa, e duas lendas brasileiras, a Iara e a Mula Sem Cabeça, se explica pelo fato de que algumas das versões sobre o surgimento dessas três entidades narram histórias de mulheres (seres antropomorfos com características femininas) que foram duplamente violentadas e punidas. As três foram submetidas a situações de violência simbólica e/ou física perpetradas por homens e, ainda assim, foram punidas por “contravenções” que não cometeram.

A lenda da Iara é de origem tupi e nasceu na região amazônica, onde também é conhecida como Mãe d’água, moradora das águas doces e protetora dos seus habitantes. Conta-se que Iara era uma índia muito bonita, corajosa e uma habilíssima guerreira, qualidades que faziam seus irmãos invejá-la, a tal ponto que, num dado momento, eles teriam resolvido matá-la, dado que não conseguiam suportar a ideia de ela fosse mais poderosa e exitosa que eles.

Conscientes da superioridade de Iara, os irmãos armaram uma emboscada e em conjunto confrontaram sua irmã. Porém, como Iara era hábil nas artes da guerra, ela reverteu a dinâmica da luta a seu favor e, com isso, matou aqueles que queriam aniquilá-la. Seu pai, que também era o pajé da tribo, ficou enfurecido com a morte dos filhos e ordenou que Iara fosse severamente castigada. A pena, para a bela e aguerrida índia de cabelos negros, olhos castanhos, foi ser lançada no encontro das águas dos rios Solimões e Negro, na Bacia Amazônica, onde o pai desejava que a filha morresse afogada. Os peixes e outros animais aquáticos, ao testemunharem o martírio da jovem índia, se compadeceram, por isso, ela foi salva e transformada numa sereia, um ser metade peixe, metade mulher. Sua beleza poderia cegar os incautos, a voz doce e o canto melodioso poderia atrair os homens, levando-os a se afogarem nas águas dos rios.²⁷¹

A lenda da Mula Sem Cabeça, comum no Nordeste, Sudeste e no Centro-Oeste do Brasil, é contada em diferentes versões, mas as principais narram que ela teria sido uma mulher solteira que havia mantido relações sexuais fora do casamento e que, por isso, foi punida. Essa versão moralista era utilizada pelas famílias com a finalidade de controlar as filhas, a fim de guardar suas virgindades e garantir melhores arranjos matrimoniais. Essas práticas culturais, cujo fim era “valorizar” (monetizar) a mulher dentro de campos de negociações de poder, no qual, era “trocada” para estabelecer alianças familiares, foram analisadas por Gayle Rubin (1993) no artigo *O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo*.

A segunda versão da história da Mula Sem Cabeça narra que ela teria sido uma mulher que manteve relações sexuais e amorosas com um padre e, como punição, foi transformada num animal, numa mula – um mamífero híbrido resultado do cruzamento entre um asno e uma égua –, que soltava fogo no pescoço decapitado e que, às quintas-feiras, corria pelas pradarias e florestas, relinchando e matando com suas patas outros animais e qualquer pessoa que estivesse em seu caminho.

Como a transmutação, mulher para a Mula Sem Cabeça, teria sido o resultado de uma punição “divina”, somente o padre, que havia se relacionado afetivamente ou sexualmente com aquela mulher, poderia desfazer o feitiço. O “perdão” do sacerdote implicava que sua amante fosse amaldiçoada por sete vezes antes dele iniciar as celebrações sagradas. O mesmo padre, responsável pela punição e o sofrimento da sua amante, era também aquele que deveria expô-la e amaldiçoá-la publicamente. Toda essa alegoria, contada e recontada, operava na regulação das relações amorosas e sexuais fora

²⁷¹ Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/folclore/iara.htm> Acesso em: 20 out. 2020.

do matrimônio e, especialmente, no controle de possíveis fornicações entre sacerdotes e fiéis, dado que, pelos princípios católicos, os padres, monges e freiras devem manter o voto da castidade, somente o Cristo deveria ter direito aos seus corpos.²⁷²

De alguma maneira, Medusa, Iara e Mula Sem Cabeça, oferecem narrativas nas quais as mulheres são seres ininteligíveis, dotados de comportamentos instáveis e ameaçadores para a ordem social patriarcal e misógina. Mesmo que, na lenda, a Iara pudesse se expressar através dos cânticos, sua voz, assim como, as vozes da Medusa e da Mula Sem Cabeça, foram subtraídas, nenhuma delas podia questionar, argumentar e reivindicar. A Medusa e a Mula sem Cabeça foram decapitadas, seus rostos e suas identidades, não poderiam ser encarados. A Mula Sem Cabeça sequer possuía uma face, a expressão da sua face foi espoliada e a representação da sua existência se revelava através de um corpo decapitado que vertia labaredas de ira e ódio.

Resguardando e asseverando a existência de vários distanciamentos, as mulheres brasileiras também tiveram que enfrentar o poder patriarcal, assim como fizeram Milliat, Elliott-Lynn, Gagneux-Bisso e outras. Elas também foram educadas a usar máscaras para ocultar suas iras, fúrias e indignações, mas, como Medusas, elas mostraram outras faces e causaram em terras tupiniquins o temor e o ressentimento dos homens. Temerosos pelos possíveis desequilíbrios na estrutura patriarcal, esses homens buscaram garantir a ordem social através do domínio e do controle das mulheres, dos seus corpos e das formas como elas poderiam usufruí-los. Abaixo da linha do Equador, as Iaras brasileiras “cantaram” astutamente suas demandas, arrastaram aliados e aliadas, vocalizaram seus posicionamentos políticos, ao mesmo tempo que entoavam as mudanças que ecoavam dos movimentos feministas, femininos e sufragistas.

Da mesma forma como teria ocorrido com Milliat, as mulheres atletas no Brasil, também devem ter “soltado fogo pelas ventas”²⁷³, quando constatarem e enfrentaram o funcionamento e a positividade das tecnologias de controle dos dispositivos do sexo/gênero e do esporte nos caminhos para a ascensão ao campo esportivo, às práticas corporais e ao direito de usufruírem dos seus próprios corpos.

²⁷² Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/folclore/mula-sem-cabeca.htm> Acesso em: 20 out. 2020.

²⁷³ A expressão “soltar fogo pelas ventas” é utilizada quando uma pessoa se encontra numa situação de muita raiva, por vezes, resultado de contrariedades.

3.4.1 Bela, feminina, mãe²⁷⁴ e do lar: o projeto paradoxal de modernização do Brasil na primeira metade do século XX

Uma das características do processo de inserção das mulheres brasileiras nos esportes, na primeira metade do século XX, é que, segundo Devidé (2004), ele não se deu apenas por questões e escolhas individuais, mas como resultado de políticas de interesse do Estado brasileiro. Tais políticas tinham como projeto a formação de uma mulher saudável, feminina, heterossexual e fértil, apta a cumprir com os deveres reprodutivos, na mesma medida que deveria zelar das tarefas do lar (SCHPUN, 1997; GOELLNER, 2003, 2005b,c; DEVIDÉ, 2004; GOELLNER & FRAGA, 2003, 2004). Porém, alertam Jéferson Luis Staudt e Magna Lima Magalhães (2018), como a finalidade do Estado era a criação de uma “raça brasileira”, civilizada, moderna, sadia e com fenótipo similar aos países europeus, como Inglaterra, França e Alemanha, o projeto de regeneração da raça previa tanto a invisibilização e a “naturalização” do pertencimento às classes mais baixas, quanto o branqueamento do corpo negro. De acordo com Staudt & Magalhães (2018, p. 238): “A mulher negra era um corpo que não poderia ser visto nem dito em espaços nos quais transitariam os entendimentos de beleza, fragilidade, maternidade e regeneração social”. Afirmção que Oliveira (2017) ratifica, acrescentando que o corpo negro se torna ainda mais marcado negativamente quando é vivido, experienciado e evidenciado por mulheres negras travestis e transexuais. Aliás, se tem um grupo que tem sido perseguido e interditado nas competições esportivas internacionais é justamente esse marcado pela raça, classe, procedência geográfica, orientação sexual e identidade de gênero, algo que veremos no capítulo sobre os exames de verificação do sexo.

Foi nas primeiras décadas do século XX, como observou Mônica Raisal Schpun (1997), que as famílias da oligarquia rural começaram a migrar para as grandes cidades brasileiras, especialmente para São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Esse fluxo, em conjunto com as tecnologias e os avanços científicos, induziu grandes mudanças nessas cidades, os sistemas de transporte foram modernizados, estratégias e aparatos sanitários foram implantados e aprimorados, novas possibilidades de lazer foram importadas e instaladas. Contudo, como o aparato da governamentalidade tinha como função a manutenção e o reforço da distinção social, as mudanças e os avanços não foram disponibilizados para toda a população, mas para um grupo de famílias ricas. Uma

²⁷⁴ Título baseado nas obras de Silvana Vilodre Goellner: *Bela, maternal e feminina. Imagens da mulher na revista Educação Physica* (2003) e *A bela mãe e mulher* (2005c).

pequena burguesia que se orgulhava de poder viver (copiando) o “*way of life*” inglês e/ou o “*façon de vivre*” francês, ao mesmo tempo que “ditava” modas e alguns comportamentos.

As tradições e as origens destas famílias não cessam jamais de ser apregoadas, evidentemente. Mas, além da vontade de marcar sua diferença, essa oligarquia chique pretende também marcar seu sucesso. De origem rural, ela pôde, graças às riquezas trazidas pelo café, tornar-se urbana e viver numa grande cidade cosmopolita: outros tantos signos de reconhecimento que se somam, sem contradizê-las, às marcas de prestígio conferidas pela genealogia – esta última sendo, aliás, bastante duvidosa. (SCHPUN, 1997, p. 64).

No cair do século XIX, o periódico carioca, *Revista da Semana*²⁷⁵, estampava na capa as festividades em comemoração aos quatro séculos do “descobrimento” do Brasil. E, dentre os artigos da revista, um trazia uma previsão para o futuro da cidade do Rio de Janeiro. O autor, Urbano Duarte (1900), estimava que, nos anos dois mil, a cidade do Rio de Janeiro iria ultrapassar em beleza e funcionalidade a cidade de Paris, que havia sido sede da Exposição Universal de 1900, e que servia de modelo de urbanidade para um Brasil ansioso pela ordem e o progresso ao estilo europeu.

Extrato 77 - Previsão do futuro da cidade do Rio de Janeiro para os anos 2000, *Revista da Semana* (RJ), 1900



Fonte: DUARTE, 1900, p. 7.

Nessa mesma conjuntura social, sequiosa para “alcançar o primeiro mundo” e, assim, participar do grupo dos países “modernos e civilizados”, as mulheres das classes alta e média progridem rumo dentro do campo educacional e profissional, aumentam os

²⁷⁵ A *Revista Semanal* foi um periódico carioca focado na classe média, com uma escrita de fácil leitura que circulou entre os anos de 1900 a 1959, sendo o primeiro a publicar imagens de fotos. Para mais informações sugiro: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/66248782862929906730788619121886547386.pdf> Acesso em: 23 fev. 2020.

percentuais de mulheres alfabetizadas, algumas alcançam o nível superior²⁷⁶ (MELO & SCHETINO, 2009) e outras conquistam o direito de exercerem profissões, até então, concebidas como masculinas, como foram os casos da medicina, advocacia e do ensino e instrução de exercícios físicos (professoras de educação física), esta última, anunciada num periódico de 1917.

Extrato 78 - Anúncio do curso de formação em Educação Física para mulheres, Revista Feminina, janeiro 1917



Fonte: REVISTA FEMININA, 1917, p. 40.

Por uma parte da sociedade, os avanços das mulheres foram comemorados, mas para uma outra parte, eles serviriam para inflar as críticas e ofereceriam argumentos para que políticos, intelectuais e formadores de opinião pedissem prudência, afinal, a ascensão das mulheres parecia indicar, aos olhos dos homens, que elas não estavam satisfeitas com as funções do “belo sexo” e poderiam querer mais e mais, inclusive, participar e, talvez, se apoderar dos espaços, profissões e práticas tradicionalmente e “naturalmente” dos homens. Temia-se que elas passassem a viver ao “*façon d’être homme*” (maneiras de ser/viver dos homens), eles poderiam negligenciar as tarefas do lar, do matrimônio e do cuidado, coisas do “*façon d’être femme*” (maneiras de ser/viver das mulheres).

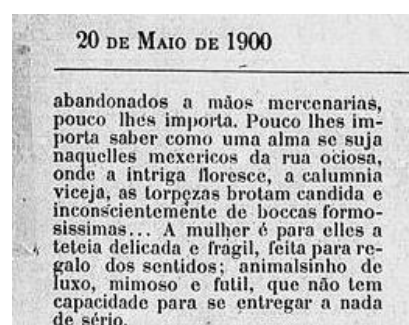
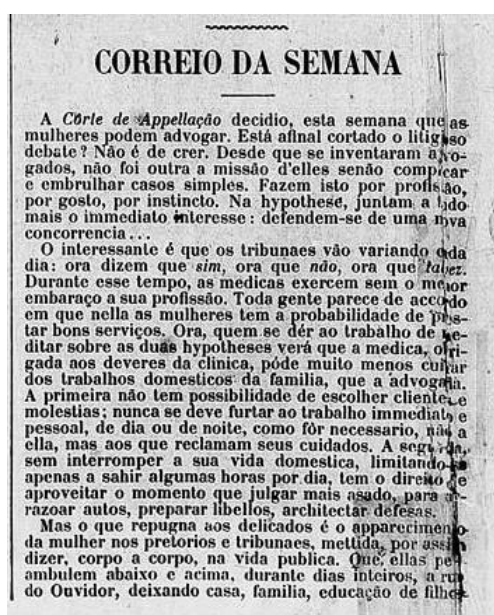
Em 1900, algumas das discussões dos periódicos giravam em torno das últimas conquistas das mulheres no campo do ensino superior e do trabalho, como exemplo, se elas deveriam ou não ter o direito de advogarem. Ainda que algumas brasileiras já exercessem a medicina, algo que começou nas últimas décadas do século XIX²⁷⁷, para

²⁷⁶ As mulheres brasileiras conquistaram o direito do acesso ao Ensino Superior a partir do Decreto n. 7.247 de 19 de abril de 1879.

²⁷⁷ Em 1881, mediante uma bolsa de estudos concedida pelo regente D. Pedro II, Maria Augusta Generoso Estrela se torna a primeira brasileira a se formar em Medicina pelo New York Medical College and Hospital for Women, nos Estados Unidos da América. (ACADEMIA DE MEDICINA DE SÃO PAULO, [online]).

alguns formadores de opinião, a prática da advocacia parecia ser uma função distante da “natureza feminina”. Como advogar demandava criar relações sociais (políticas e econômicas), exigia que fossem treinadas a retórica (a arte de convencer) e a oratória (a arte de falar), essas habilidades poderiam ser utilizadas pelas mulheres para perturbar e questionar a ordem social e também para lhes garantir a circulação e exposição em espaços pouco amigáveis às suas presenças, como se podeler no excerto abaixo (MEDEIROS & ALBUQUERQUE, 1900, p. 3).

Extrato 79 - Revista da Semana, 20/05/1900



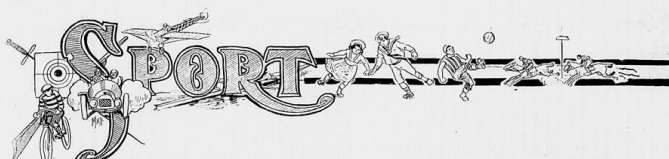
Fonte: MEDEIROS & ALBUQUERQUE, 1900, p. 2-3.

Com efeito, quanto mais as mulheres avançavam nos territórios que os homens consideravam ser “naturalmente” seus, mais estratégias, novos regimes de verdade e tecnologias de controle do gênero foram colocados em operação. Aqui, como na Europa, o desejo de controlar as mulheres estava na ordem dos seus avanços.

O crescimento da participação das mulheres nas práticas esportivas, aponta Goellner (2005c), pode ser analisado através de duas dimensões, a primeira pela concepção que o aumento poderia ser uma ameaça, dado que as performances e as expressões atléticas das mulheres, além de ganharem visibilidade, poderiam expor também os perigos que as aproximações e os avanços incorreriam ao universo

tradicionalmente conectado aos homens. A segunda, representa a complementaridade que as participações femininas poderiam conferir aos homens, pois, uma sociedade sequiosa para ser civilizada precisava estar atenta aos modelos de progresso, cuja totalidade só seria alcançada se homens e mulheres estivessem juntos, mas distintamente posicionados (divisão sexual do trabalho). O extrato exposto logo abaixo, retirado da Revista da Semana de 1912, parece apresentar as duas dimensões que Goellner (2005c) se refere:

Extrato 80 - Revista da Semana, 1912



O sport constituiu o motivo da maioria se não de todas as festas importantes de domingo.

O *Jornal do Brasil* não se cansa de dizer e demonstrar em um completo noticiário sportivo dos domingos, segundas e quintas-feiras que é de florescimento o estado actual dos sports e a *Revista da Semana* sem desdizer-o, afirma que o motivo desse progresso é ter o sport cahido no agrado do pessoal formoso, do gentil e bello sexo carioca.

Antigamente os nossos lindos palminhos de ca-

foot-ball, não sabemos porque, mas torem que é um regalo; além disso são remadoras... e que lindas remadoras... coradinhos como a romã quando está amadurecendo.

As que tomaram parte no pareo feminino, na regata de domingo eram bellas patricias que mostraram núnque a valer e que foram até mais admiradas e applaudidas no seu esforço e na sua belleza sadia, pelo exercicio do sport.

Um bravo pois á mulher sportiva !...



Um aspecto do Pavilhão na praia de Botafogo, por ocasião da regata de domingo

vas (lá dellas...) quando muito sorriam no jogo da peteca e do Diavolo, depois applaudiram as guarnições de remadores e acclamaram os mais bellos cavallos no Jockey e no Derby e os mais valentes eyeistas, não porque entendessem do riscado, mas porque eram concorrentes á victoria o mano, o priminho Lulu' ou o... um seu conhecido...

Hoje a coisa é diversa: as dulcinças de qualquer mortal não gostam mais da peteca e fazem coisas que põem os marmanjos boquiabertos porque não as podem imitar. Empunham com vigor o cabo de uma *raquette* e derrotam valentes *tennis-men*; sobre os patins em area lisa de cimento são mais irrequietas que as andorinhas; não jogam o

ROWING

A REGATA DE DOMINGO EM BOTAFOGO
— O CAMPEONATO E AS PROVAS CLÁSSICAS

“Midosi” e “Julio Furtado”

A *Revista da Semana* recebeu gentilissimos convites e por isso assistiu á grande regata que a Federação do Remo promoven em Botafogo.

Esteve no Pavilhão Central, onde felicitou os directores da Federação; esteve no mar, a bordo das barcas *Segunda*, *Visconde de Moraes* e *Sexta*, onde

Fonte: REVISTA DA SEMANA, 1912, p. 19?.

No excerto se lê:

O sport constituiu o motivo da maioria se não de todas as festas importantes de domingo.

O *Jornal do Brasil* não se cansa de dizer e demonstrar em um completo noticiário sportivo dos domingos, segundas e quintas-feiras que é de florescimento o estado actual dos sports e a *Revista da Semana* sem desdizel-o, afirma que o motivo desse progresso é ter o sport cahido no agrado do pessoal formoso, do gentil e bello sexo carioca.

Antigamente os nossos lindos palminhos de earas (lá delas...) quando muito sorriam no jogo da petéca e do Diavolo, depois applaudiram as guarnições de remadores e aclamaram os mais bellos cavalos no Jockey e no Derby e os mais valentes cyclists não porque entendessem do riseado [pautado], mas porque eram concurrentes á victoria o mano, o priminho Lulu' ou o... um seu conhecido...

Hoje a coisa é diversa: as dulcinéas de qualquer mortal não gostam mais da petéca e fazem coisas que põem os marmanjos boquiabertos porque não as pôdem imitar. Empunham com vigor o cabo de uma raquete e derrotam valentes *tennis-men*; sobre os patins em area lisa de cimento são mais irrequietas que as andorinhas; não jogam o *foot-ball*, não sabemos porque, mas torcem que é um regalo; além disso são remadoras... e que lindas remadoras... coradinhas como a romã quando está amadurecendo.

As que tomaram parte no pareo feminino, na regata de domingo eram bellas patrícias que mostraram muque a valer e que foram até mais admiradas e applaudidas no seu esforço e na sua beleza sadia, pelo exercicio do sport.

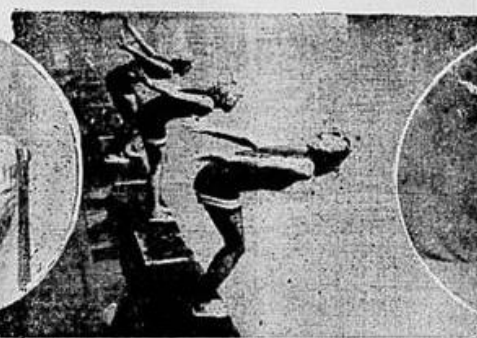
Um bravo pois à mulher sportiva!... (REVISTA DA SEMANA, 1912, p. 19?)

Do mesmo modo que existiam artigos jornalísticos que chamavam as mulheres brasileiras às práticas corporais e aos esportes, como no excerto acima e abaixo, este publicado em 1913, encontra-se também matérias, artigos e mesmo decretos-leis²⁷⁸, alguns dos mais emblemáticos editados nos anos de 1940, que interditavam e/ou controlavam a participação das mulheres nos esportes, cuja compreensão de alguns políticos, médicos e formadores de opinião (“filantropos sociais”, como diria Foucault (2011a)) eram considerados “prejudiciais” à saúde reprodutiva da mulher e possíveis dispositivos de masculinização. Embora, os avanços das mulheres brasileiras no campo esportivo fossem significativos, particularmente na primeira metade do século XX, eles ocorreram num campo de disputas e negociações altamente instáveis e constantes tentativas de interdição, por parte de regimes de verdade fortemente dependentes dos valores patriarcais e machistas que estruturavam e faziam funcionar a sociedade brasileira.

²⁷⁸ Decreto-Lei n.º 3199, do Conselho Nacional de Desportos, de 14 de abril de 1941.

Extrato 81 - Mulher no Sport, Jornal do Brasil (RJ), 1913

A mulher no Sport


O «Re. rd» mundial feminino, em 50 jardas, sendo a partida fóra d'agua, acaba de ser batido na capital das Ilhas Ha. vai, pela graciosa senhorita Ruth Wayson Stacker, cujas photographias se vêem acima, graças ao Sr. J. J. Williams que nol-as enviou de Honolulu. O record era de Miss Fannie Durack, que o anno passado, na Australia conseguiu fazel-o em 31" 2/5; Miss Stacker cobriu egual percurso agora em 31" exactos.

Com a devida venia reproduzimos o seguinte trecho da acmata e brilhante chronica:

"Não ha muitos annos ainda, as miétes americanas e ingliezas, ridicularizavam as *demoiselles* francezas, por serem tão frangissas que eram incapazes de sustentar uma partida de croquet, mesmo contra crianças. As francezinhas amaram o pião á unha e principiam a dedicar-se a toda a especie de sport — e hoje são rivais respeitadas e muitas vezes victoriosas das americanas na Inglaterra e da França."

O tennis, a patinação, a natação, a aeronautica, enfim, todos os sports têm innumeras adeptas na França e não poucas são as que têm obtido brilhantes victorias em importantes campeonatos. Além disso, é franceza a mulher que tem o incontestavel direito de ser classificada — a primeira sportswoman do mundo—Mlle. Marvingt.

A vida sportiva de Mlle. Marvingt é admiravel. Natação, ciclismo, alpinismo, aeronautica, aviação, equitação, gymnastica, athletismo, esgrima, tiro, enfim, todos os sports, ella os exerce, em todos beilha como campeã. O seu sangue frio, a sua coragem, a sua destreza e a sua indifferença com que encara a morte nos mais arriscados exercicios fizeram que lhe dessem o titulo de Noiva do perigo.

Não é um exemplo que se deva indicar, mesmo porque, não é facil segui-lo.

Entretanto, serve para provar que não ha razão para a negação que, no geral, as nossas patricias têm por todo quanto é sport.

Houve algumas que se dedicaram ao remo; fizeram uma regata e... prompto.

Ora, eu não digo que uma senhora deva bater-se a sabre, jogar o bos, dar mergulhos de 20 metros de altura, etc.

Mas um pouco de natação e de gymnastica sueca, pelo menos, são exercicios salutareos que infalivelmente hão de concorrer para dar elegancia, força e saúde á mulher, nova ou não, que os praticar regularmente."

De certo as nossas patricias devem acceitar os conselhos da senhorita Laura Cervaihaes, mesmo porque não serão as primeiras a fazel-o.

O Rio já tem assistido a provas femininas em regatas. Temos formosas patricias que sabem remar e nadar, socias dos clubs de regatas Boqueirão do Passeio, Gragoatá e S. Christovam.

No Fluminense E. C., á rua Guanabara, no Automovel Club, em Botafogo, no Paysandú C. C., em Laranjeiras, na Quinta da Boa Vista, no Rio Cricket A. A., em Icarahy, no Bangú A. A., ha excellentes quadras de "tennis", onde, aos domingos, se vêem tantas moças sadias, bem dispostas e naturalmente elegantes, a disputar partidas de tennis.

Temos patricias que, com firmeza e maestria, já vimos com elegancia no volante de automoveis e ainda outras distinctas amazonas.

Quem sabe mesmo se dentro de pouco tempo não teremos de registrar o nome de uma rival de Mlle. Marvingt, na aeronautica ou na aviação?

O Aero Club Brasileiro admittiu já a sua primeira socia; chama-se Marina Pires da Silva, é uma senhorita filha de distincta familia.

Será, quem sabe? a nossa futura Heléne Dutrien ou Jane Herren.

Fonte: JORNAL DO BRASIL, 1913, p. 16.

[...] O tennis, a patinação, a natação, a aeronáutica, enfim, todos os sports têm innumeras adeptas na França e não poucas são as que têm obtido brilhantes victorias em importantes campeonatos. [...] Ora, eu não digo que uma senhora deva bater-se a sabre, jogar o bos, dar mergulhos de 20 metros de altura, etc. Mas um pouco de natação e de ginástica sueca, pelo menos, são exercícios salutareos que infalivelmente hão de concorrer pra dar elegância, força e saúde á mulher nova ou não, que os praticar regularmente. (JORNAL DO BRASIL, 1913, p. 16).

De modo geral, na primeira década do século XX, houve um aumento da participação das brasileiras em diferentes práticas corporais e esportes, porém, embora os esportes fossem considerados benéficos, era prescrito que as práticas tivessem um cunho

mais recreacional e realizadas em espaços exclusivos (situação que excluía as mulheres das classes sociais mais baixas). Ademais, era conveniente que as mulheres se envolvessem em esportes que não ameaçassem as funções “naturais” dos seus corpos e que suas feminilidades não fossem colocadas em risco pela masculinização “natural” que a prática esportiva oferecia.

Entre os acontecimentos esportivos nas primeiras décadas do século XX, destaca-se a realização da primeira regata com mulheres que se tem notícias no Brasil, como foi constatado por Goellner (2005b). O evento foi realizado num domingo, 15 de outubro de 1911, na enseada do Botafogo (RJ), e teria contado com a presença do Presidente da República, Hermes da Fonseca (JORNAL DO BRASIL, 1911, p. 4), o que reforçava o ineditismo do acontecimento. Porém, diferentemente das outras regatas (com homens) que ocorreram no mesmo dia, a regata com as mulheres não foi competitiva e sim, uma demonstração. As demonstrações tinham dinâmicas e funções distintas das competições. Eram momentos para a exposição do incomum, do extraordinário, não tinham como fim “avaliar ou mensurar” qualidades atléticas, não eram importantes porque apontavam “a melhor atleta” ou “a equipe vencedora”, mas porque exibiam o que algumas mulheres poderiam fazer e como faziam.

Se os esportes poderiam parecer ser “livres demais”, “desmedidos em excesso”, “afeitos às ações passionais, impulsivas”, “essencialmente espetaculares”, “naturalmente virilizantes”, as ginásticas, especialmente o método sueco e a calistenia, pareciam oferecer sistematizações eficientes e convenientes para a tarefa de fortalecer e feminizar a carne e o comportamento das mulheres (reforça-se, mulheres das altas classes sociais), além de conferirem poucos perigos para o “belo sexo”. Mediante a execução “cientificamente” certificada e controlada, as sessões de ginástica eram empreendidas em ambientes fechados, longe das “afobações” e das “incivilidades” das competições esportivas. Nesses ambientes, verdadeiros simulacros dos espaços domésticos, as carnes e os corpos das mulheres poderiam ser esculpidos em contornos aprazíveis (respeitando os ideais regulatórios de feminilidade e em função dos “gostos” dos homens); os movimentos, caprichosamente educados, seriam elegantes e calculados; a geografia da procriação poderia ser fortalecida e possíveis fraquezas regionais e localizadas seriam fortalecidas (especial atenção era dada à região do quadril); os modos e os gostos passariam por processos de refinamento; os cuidados com o corpo e a saúde cumpririam funções utilitárias aos arranjos sociais, não deveriam dizer respeito apenas às vontades

das praticantes (se exercitava não para si, mas em resposta às necessidades do ordenamento social do gênero e da divisão sexual do trabalho).

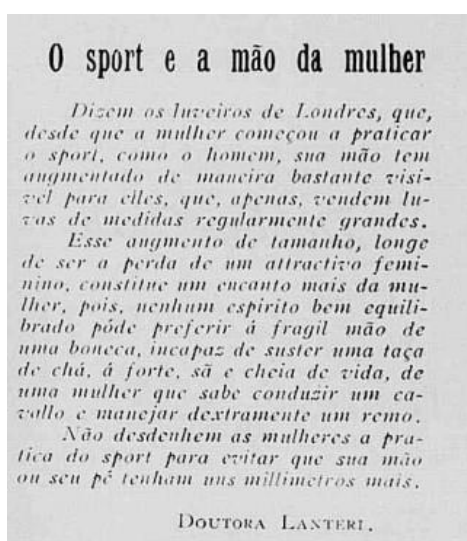
Como afirma Schpun (1997), a ginástica se tornaria, num primeiro momento, uma prática corporal que convinha ao corpo e à existência das mulheres, pois a ginástica:

[...] completamente despida de competitividade, de agressividade, de desejo de vitória, ou seja, das emoções constitutivas dos jogos coletivos. Ela não colabora em nada para desenvolver a ambição individual. Elemento fundamental no processo de socialização dos meninos, [...], esta característica é completamente desprezada no das meninas. (Ibidem, p. 51).

Diferentemente de alguns esportes (praticados em estádios, campos, quadras, piscinas), a prática dos exercícios ginásticos (especialmente os exercícios calistênicos ou a “ginástica feminina”) não exigia grandes instalações ou muitos equipamentos, ela poderia ser empreendida em pequenos espaços, mesmo no “conforto e segurança do lar”, e não tinha um caráter competitivo (SCHPUN, 1997). A ginástica era uma ferramenta importante na ortopedia do gênero porque incorporava as normas e os códigos do ordenamento sexual que regulavam as mulheres das classes média e alta da sociedade. Os esportes, por serem demasiadamente competitivos e por possuírem uma essência aguerrida, inquieta e propensa aos rompantes de excitação, não eram apropriados (“se praticados como os homens”), pois poderiam virilizar aquelas que deveriam ser feminilizadas.

Num sábado, 07 de agosto de 1920, o periódico carioca *Sport Illustrado* estampava num texto curto as críticas da Doutora Lanteri – a ítalo-argentina, Julieta Lanteri, primeira médica da América Latina e militante pelos direitos das mulheres –, em relação as concepções correntes à época que diziam que as mãos e os pés das mulheres poderiam aumentar seus tamanhos (o preconceito parecia ter vindo das resistências contrárias às atletas inglesas) por causa da prática esportiva (o futebol com mulheres era uma das modalidades que mais causava conflitos).

Extrato 82 - O sport e a mão da mulher, Sport Illustrado, 1920



Fonte: LANTERI, 1920, p. 3?.

As críticas de Lanteri colocavam em evidência a existência, na década de 1920, da preocupação em relação ao ideal regulatório estético para as mulheres, o que apontava que “Feminizar a mulher [seria], sobretudo, feminizar a aparência e o uso do seu corpo” (GOELLNER, 2005c, p. 97), por isso, era necessária parcimônia no vestuário, na alimentação, no uso das maquiagens e na prática de exercícios e esportes (GOELLNER, 2005c). A inteligibilidade da mulher e da feminilidade se fundamentava no equilíbrio entre: um tipo de decoro que buscava ocultar e uma “vontade de ver” e desnudar, um certo atrevimento que deveria expor partes do corpo a algumas contemplações vantajosas.

Periódicos, como o *Sport Illustrado*, com grande difusão entre o público que acompanhava o campo esportivo carioca e nacional, tinham a prática de publicar, até o final dos anos 1920, fotos de jovens mulheres, torcedoras ou transeuntes a “caminho da missa”, “retornando para seus lares”, e textos repletos de adjetivos como: “elegantes”, “finas”, “educadas”, “encantadoras” e até mesmo “ lindas flores do campo” (SPORT ILLUSTRADO, 1921 – conforme imagem abaixo). A presença das mulheres nos espaços esportivos operava como um elemento cenográfico, situação que foi constatada também por Schpun (1997), cujas observações relatam que as atletas brasileiras eram constantemente retratadas em posições “feminilizadas”, sem relação com os movimentos que característicos das modalidades que praticavam. Uma prática que diferia com as fotos dos atletas, quase sempre em posições vitoriosas ou situações do jogo (chutando bolas, deferindo golpes no boxe, caindo para defender o gol, remando, saltando).

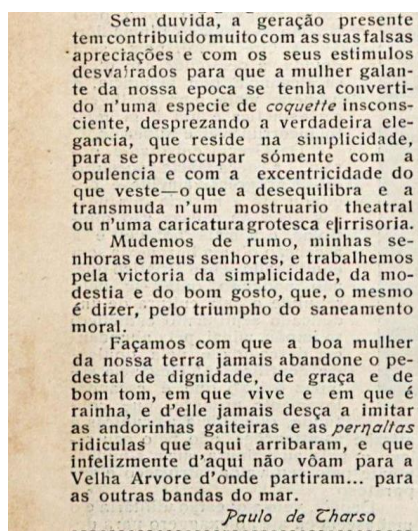
Extrato 83 - Representação das mulheres brasileiras nos eventos esportivos, Sport Illustrado, 1921



Fonte: SPORT ILLUSTRADO, 1921, p. 20?.

No excerto abaixo, retirado de um artigo de 1917, chamado “A elegância ...debanda”, assinado por Paulo de Tharso e publicado na Revista Feminina, periódico paulista que circulava nas grandes cidades brasileiras, o autor criticava a mudança no vestuário feminino. Tharso dizia que anteriormente o vestuário era: “De *frimousses*²⁷⁹ iluminadas por sorrisos estudados e por belezas ephemerhas [...] as divas de todos os dias, atirando aos minores olhares sobranceiros e aguçando-lhes a sensualidade com gestos saltitantes e leves” (THARSO, 1917, p. 19? – grifos no original), mas que, com o progresso da sociedade, as jovens começaram a se vestir como “coquetes” (jovens que gostavam de chamar a atenção).

Extrato 84 – Críticas às mudanças no vestuário das mulheres brasileiras, Revista Feminina, março 1917



Fonte: THARSO, 1917, p. 19?.

²⁷⁹ Numa tradução aproximada a palavra *frimousse* significa ter uma face contente, uma “carinha linda” e alegre, não como uma mulher adulta, mas como uma criança ingênua e brincalhona.

O extrato corrobora, ainda que de forma localizada, com a constatação que o ideal de progresso da sociedade brasileira estava fortemente alinhado ao discurso de manutenção das tradições e dos valores, especialmente no que se referia às mulheres das altas classes sociais. O modelo de mulher, representado pela figura da “santa”, deveria estar acima das influências que vinham do Velho Mundo, suas atitudes e comportamentos, regidos pela graça e pela ponderação, confirmariam o seu pertencimento a uma “raça” gestada por ideologias eugenistas, higienistas e racistas. O “saneamento moral”, que Tharso (1917) estimava e que, segundo ele, triunfaria na sociedade brasileira, deveria impedir que as “coquettes” – mulheres que gostavam de despertar a atenção pelo prazer de seduzir –, influenciassem as nossas “dignas” mulheres brasileiras, protegendo-as dos modismos trazidos pelas “andorinhas gaiteiras e pernaltas” que voavam da Velha Árvore (Europa) (THARSO, 1917).

Goellner (2005c), por sua vez, observou que as influências vindas do além-mar, especialmente aquelas que propagavam notícias sobre as lutas e as conquistas das mulheres europeias, causavam grande desconforto na sociedade patriarcal brasileira, pois se considerava que a aproximação das brasileiras das causas feministas poderia resultar num possível processo de masculinização e desordem dos arranjos de gênero.

Ainda sobre as influências europeias, Schpun (1997) observou que fotos de Suzanne Lenglen – uma tenista francesa, conhecida como Divine, a primeira grande estrela do tênis internacional –, circulavam nos periódicos esportivos no Brasil entre os anos de 1919 até 1938, período que a francesa reinou invicta nas competições. De acordo com Jamain (2005, p. 40), com o final da Primeira Guerra apareceu na França novas silhuetas que marcariam o fim do reinado do vestido, da elegância e do refinamento que eram exigidos às mulheres tenistas nas competições, em seu lugar, entraram os shorts, bermudas, maillots e ombros à mostra, cuja grande modista teria sido a francesa Suzanne Lenglen²⁸⁰, muitas vezes chamada pejorativamente de “coquete”.

Dessa maneira, existia nas primeiras décadas do século XX uma conjuntura social que se movimentava com a emergência de modismos e o aumento da participação das mulheres nos esportes.

²⁸⁰ Numa prospecção, feita na plataforma Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil no Jornal do Brasil (RJ), entre os anos de 1920 a 1929, foram encontradas setenta e duas ocorrências para o sobrenome de Suzanne Lenglen. As vitórias e os jogos da atleta francesa foram amplamente divulgados pela mídia carioca, o que sugere como a estilística da atleta pode ter influenciado as atletas do tênis brasileiro. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_04&pasta=ano%20192&pesq= Acesso em: 25 fev. 2020.

As práticas corporais e esportivas presentificam-se como acessível opção de divertimento. Proliferam, nos centros urbanos, os clubes recreativos, as agremiações, as federações, os campeonatos, as regatas, as travessias, as demonstrações atléticas, os clubes de ginástica, os certames esportivos, os parques de lazer, os campos de futebol, os estádios, ao mesmo tempo em que se multiplicaram os espectadores e os participantes. Como uma manifestação urbana em franca expansão, o esporte recheia com entusiasmo as horas de lazer imprimindo nas cidades a imagem do espetáculo. (GOELLNER, 2005b, p. 87).

Com o envolvimento das mulheres atletas em instituições como o Clube de Regatas Boqueirão do Passeio (RJ) (1897), Clube Atlético Paulistano (SP) (1900), Fluminense Football Club (RJ) (1902), Clube de Regatas Botafogo (RJ) (1904), dentre outras –, nas duas décadas seguintes, 1920 a 1930, ocorreu um avanço quantitativo e qualitativo das competições esportivas com mulheres, possivelmente, porque o cenário esportivo brasileiro ainda estava sob a influência da primeira participação do Brasil nos Jogos Olímpicos em 1920, na cidade belga de Antuérpia. Um evento que recebeu muita atenção do Jornal do Brasil (RJ), a começar pelo temor, registrado em 05 de janeiro de 1920, que a participação brasileira não se confirmasse no evento, que iniciaria em 14 de agosto do mesmo ano, ocasionado pela falta de incentivo e o descaso das autoridades do país (JORNAL DO BRASIL, 1920; GOELLNER, 2005b).

Conforme Schpun (1997), existia um certo desconforto na sociedade brasileira no sentido de trocar o “*savoir-vivre*” – que capitalizava os valores distintivos das classes sociais que podiam se envolver nos esportes –, com o “*savoir-faire*” – que se consolidava na “vontade de ganhar” das competições esportivas –, o que, em outras palavras, significava que as altas classes sociais concebiam a prática esportiva com um passatempo aristocrático, distintivo, classista e não como um preparatório para as competições. Dessa maneira, assistir mulheres jogando o futebol, como ocorreu na primeira partida realizada no Brasil, em 1921 (GOELLNER, 2005a), pode ter feito os grupos que dominavam os locais para a prática esportiva, em sua grande maioria clubes e associações fechadas aos seus filiados, se sentirem constrangidos e incomodados, afinal, pensavam eles, as atletas pareciam não jogar pelo prazer de viver e pertencer a uma classe social, mas pela “excitação da vitória” (ELIAS & DUNNING, 1992), pelo “gosto do pódio”, pelo “prazer da conquista”.

Por certo, esses fatores, somados à imaturidade da cultura esportiva e da falta de políticas públicas, quase impediram a participação da delegação brasileira nos Jogos Olímpicos de Paris em 1924. Um transtorno que só foi contornado com a ajuda de

cidadãos (particularmente empresários do ramo agrícola) que resolveram arcar com as despesas da viagem e da hospedagem dos atletas.

Não foi o Estado constituído, nem as Forças Armadas nem a Confederação Brasileira de Desportos – criada em 1914 – que garantiu a viagem de nossos atletas. Foi o improviso de uns cidadãos e o entusiasmo de outros que garantiram nossa presença neste espetáculo mundial. Impulsionados por uma atitude esportiva e pela ideia da confraternização universal, alguns paulistas organizaram um movimento junto à Federação Paulista de Atletismo na tentativa de recolher recursos para enviar uma pequena delegação a Paris. (GOELLNER, 2005b, p. 88).

Situação que não mudaria frente à iminência dos Jogos de Amsterdã em 1928, puderam competir oficialmente. Contrariamente ao que ocorreu nos Jogos de 1920 e 1924, para Amsterdã não houve um movimento social forte o suficiente que ajudasse os atletas e dirigentes a captar patrocínios para o empreendimento (GOELLNER, 2005b).

Com o fiasco e, possivelmente, pressionados pelas notícias de que os países progressistas vinham participando dos eventos esportivos internacionais, depois do hiato, 1924 e 1928, o país começou a se organizar para os Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1932. Os jornais brasileiros noticiaram a venda de selos e toda uma gama de eventos para angariar meios para o patrocínio da delegação.²⁸¹ Los Angeles sediaria o segundo evento do tipo nos Estados Unidos, que já havia realizado os “problemáticos” Jogos Olímpicos de Saint Louis em 1904, como atestava um relatório do COI:

Os Jogos foram similares aqueles de 1900 [Jogos Olímpicos de Paris] e duraram quase cinco meses. Muitos eventos não foram classificados como ‘Olímpicos’, mas tinham o status apenas de campeonatos esportivos na programação da Exposição Universal [Exposição Universal de Saint Louis 1904]. Foi comum que os atletas que competiam nas categorias individuais não representassem uma equipe internacional. Depois de 1904, o fundador dos Jogos Olímpicos modernos, Pierre de Coubertin, jurou que nunca mais organizaria os Jogos Olímpicos em conjunto com uma feira/exposição. (IOC, 2017b, p. 1).²⁸²

²⁸¹ http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=112518_01&pagfis=1053

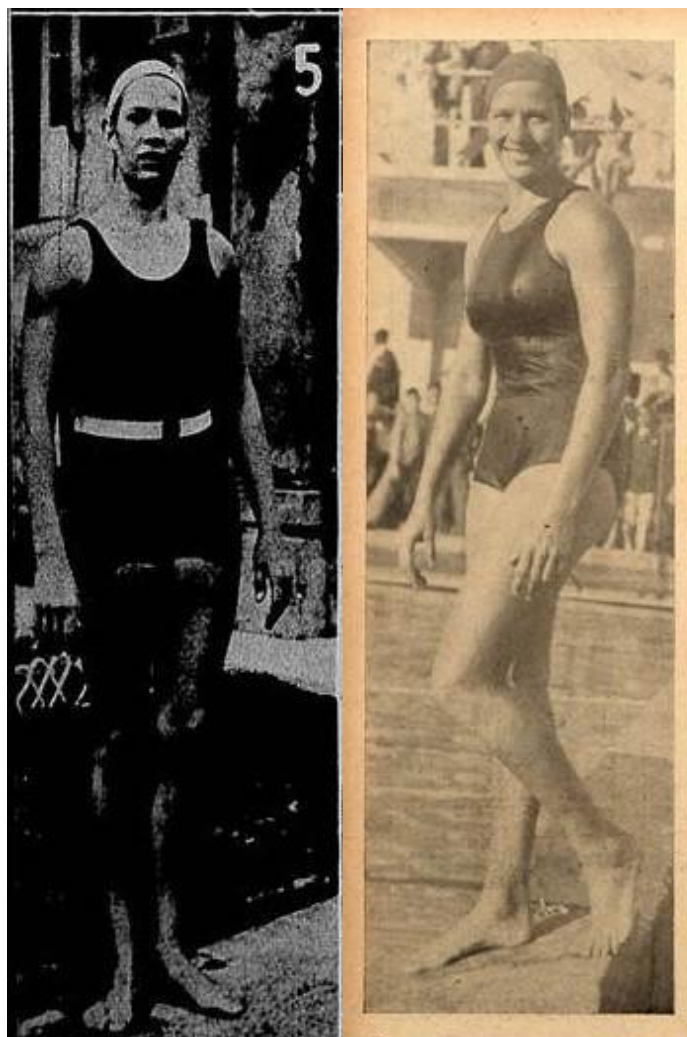
²⁸² “The Games were very similar to those of 1900 and lasted almost five months. Numerous events were not labelled “Olympic”, but had the status of sporting championships only in the framework of the world fair. The athletes often competed as individuals who were not really linked to an international team. After 1904, the founder of the modern Olympic Games, Pierre de Coubertin, swore never again to organise the Olympic Games alongside a fair” (IOC, 2017b, p. 1).

Compenetrada na tarefa de organizar um evento que reforçasse a posição estadunidense no cenário político, econômico e esportivo do pós-Primeira Guerra, e determinada a retificar a reputação do país que não havia tido sucesso com os Jogos Olímpicos de Saint Louis 1904, a comissão organizadora de Los Angeles 1932 não mediu esforços para convidar e influenciar politicamente o maior número possível de países. A comissão organizadora queria receber com prontidão uma grande quantidade de atletas e inserir inovações na realização do evento: os Jogos Olímpicos de Los Angeles 1932 foram os primeiros a serem realizados em dezesseis dias; pela primeira vez os atletas homens foram acomodados em uma só vila (vila olímpica) e as mulheres foram alojadas em um hotel; a cerimônia de premiação ganhou o formato atual, no qual o primeiro lugar fica no ponto mais alto do pódio e o pavilhão nacional é hasteado em homenagem ao/à vitorioso/a; cronômetros automáticos foram instalados, assim como foram feitas fotos automáticas para a comprovação da ordem de chegada dos e das vencedoras nas provas do atletismo (IOC, 2017b).

Além dessas inovações, esses jogos foram importantes para o Brasil, pois, pela primeira vez na história do país, uma mulher brasileira participou de uma competição olímpica. Pioneirismo que coube a uma jovem de 17 anos, descendente de imigrantes alemães, a nadadora Maria Lenk que, quatro anos depois, em 1936, seria diplomada professora de Educação Física. Votre e Mourão (2001) chamam a atenção para o fato de que o pioneirismo de Lenk começou no cenário azulejado das piscinas, mas suas influências foram muito além, a começar pelo vigor, determinação e a técnica apurada da atleta. Qualidades que, muitas vezes, causava sensações dúbias numa sociedade que ainda relutava a se acostumar às novas representações atléticas e corporais desenvolvidas pelas atletas. Além das suas qualidades técnicas e da sua personalidade competitiva, Lenk ajudou a desestabilizar os códigos sexuais que regulavam o vestuário esportivo para as nadadoras²⁸³. Ela foi uma das primeiras atletas a trajar maiôs justos e mais decotados que os de costume, que permitiam à atleta maior mobilidade aos movimentos. Mudanças que podem ser observadas nas imagens abaixo, a primeira de 1932 e a segunda de 1939.

²⁸³ Para mais informações sobre as mudanças nos maiôs da natação, sugiro a leitura da tese: UM MERGULHO NAS IMAGENS DO CORPO E DOS MAIÔS NA NATAÇÃO OLÍMPICA FEMININA BRASILEIRA (1932-2016) de autoria de Rosângela Soares Campos, defendida em 2019, pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da UFG/GO. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/9815/5/Tese%20-%20Ros%C3%A2ngela%20Soares%20Campos%20-%202019.pdf> Acesso em: 19 ago. 2020.

Imagem 14 - Mudanças no maiô de natação da atleta Maria Lenk, 1932 e 1939



Fontes: REVISTA DA SEMANA, 1932, p. 18; EDUCAÇÃO PHYSICA, 1939, p. 20.

A natação foi um elemento central das práticas corporais que eram indicadas para as mulheres até a metade do século XX, o que, possivelmente, deu condições para que o esporte aquático se tornasse o primeiro no qual as mulheres brasileiras puderam participar como competidoras nos Jogos Olímpicos (DEVIDE, 2004).

É importante realçar que as concepções e representações, regulares no século XVIII e que foram apresentadas e analisadas no primeiro capítulo, apontavam para a existência de um ideário que vinculava o corpo das mulheres com os fenômenos da natureza. Nesse ideário, as mulheres e seus corpos (líquidos corporais, excreção hormonal, ciclos reprodutivos, “doenças” psiquiátricas, alterações de humor) seriam especialmente influenciados pelas fases da Lua e pelos regimes das marés. Tais representações ainda ecoavam no século XX, de tal modo que, alguns exercícios em meio

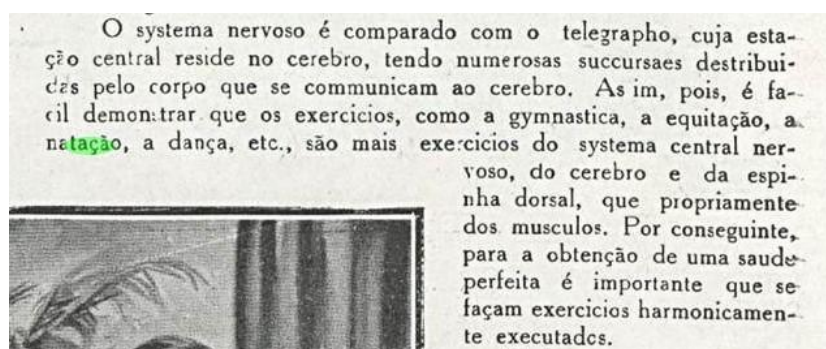
líquido eram prescritos com regularidade para as mulheres. Diferentes tipos de nados e a prática de saltos ornamentais pareciam apropriadas a elas, porém, a prática do polo aquático, considerada por demais competitiva e com alto grau de exigência física, não lhes era indicada.

Sob as influências das colônias alemãs e italianas, algumas mulheres brasileiras, dentre elas Maria Lenk, começaram a praticar a natação nos espaços fechados e privativos que os clubes, fundados por imigrantes, passaram a oferecer nas primeiras décadas do século XX, em cidades como São Paulo (DEVIDE, 2004).

Neste cenário, a natação se constrói como um esporte que apresenta traços convergentes com aquilo que se interpretava como “natureza feminina”: a água lembra a maternidade, e neste contexto as mulheres podem até competir, ao contrário do atletismo e do tênis, nos quais a frágil constituição feminina impediria os bons resultados, além de contribuir para a perda da sua graciosidade (Ibidem, p. 135).

Para além das vantagens físicas, a natação era considerada uma ferramenta importante para a prevenção e o tratamento de doenças do sistema nervoso. Embora pudesse exigir grande esforço físico, a natação não era considerada uma prática que poderia “aumentar”, “endurecer” ou “fazer ver em demasia” os músculos das praticantes e atletas. A natação, como a dança, a ginástica e a equitação eram práticas que harmonizavam tanto o corpo como a mente das mulheres.

Extrato 85 - Práticas corporais indicadas para as mulheres brasileiras nas primeiras décadas do século XX, Revista Feminina, 1919

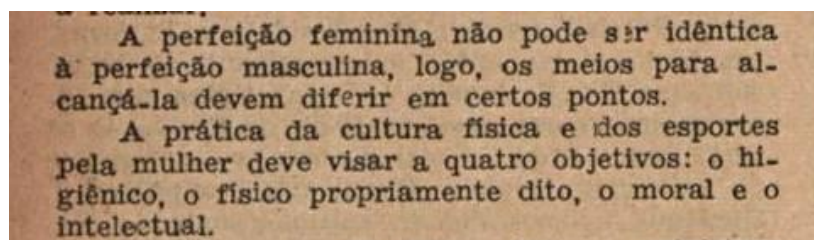


Fonte: REVISTA FEMININA, 1919, p. 22.

O extrato acima revela que as modalidades mais indicadas para as mulheres eram as ginásticas (possivelmente, a sueca e calistênica), equitação, natação e a dança, um conjunto, no qual se acrescentariam as modalidades que Schpun (1997), Goellner (2003,

2005a,b,c), Deive (2004), MELO & SCHETINO (2009) observaram em suas pesquisas: a esgrima, os saltos ornamentais, o turfe/hipismo, o tiro com arco e o ciclismo. É pertinente ressaltar que as ginásticas e os esportes que eram considerados convenientes e incentivados para as mulheres, deveriam promover qualidades e capacidades que fossem “úteis” às praticantes. Mais do que o lazer e o divertimento, para além do gosto de competir e conquistar, essas práticas corporais deveriam ser meios eficientes para a melhoria da saúde, reforçar a beleza e a feminilidade, garantir a funcionalidade dos corpos. Numa discussão sobre a participação das mulheres no esporte (o artigo discutia o futebol), Humberto Ballariny ratificava na revista *Educação Physica*, publicada em 1940, que:

Extrato 86 – Objetivos das práticas corporais para as mulheres na revista *Educação Physica*, n. 49, 1940



Fonte: BALLARINY, 1940, p. 52.

Pensando a partir do caráter de “utilidade” que a práticas corporais deveriam oferecer às mulheres, é possível deduzir que: a) o turfe/hipismo, o tênis²⁸⁴ e a esgrima eram “úteis” porque reforçavam e mantinham os valores distintivos das famílias que tinham condições de praticá-los; b) a natação e os saltos ornamentais eram relevantes pelo caráter “essencialmente” e “naturalmente” afeito do meio aquático com as mulheres; c) as ginásticas, tidas como práticas corporais “racionais”, eram cientificamente indicadas para as necessidades do corpo (disciplina, moral, estética (feminização), fortalecimento de grupos musculares ligados à reprodução, correções ortopédicas); d) as danças, como sugere Schpun (1997), de preferência as clássicas ou modernas, eram úteis porque reforçavam os ideais de feminilidade, através de movimentos tidos como belos, harmoniosos e graciosos (SCHPUN, 1997); e) o ciclismo, porque a prática era útil como meio de transporte e aos poucos se tornava democrática (com a diminuição dos preços e as facilidades de aquisição das bicicletas) (MELO & SCHETINO, 2009). Além dessas

²⁸⁴ Apesar do tênis ter ganhado grande difusão nos séculos XX e XXI, o esporte ainda é “para poucos”, assim como ainda ocorre com a esgrima e o hipismo. Os equipamentos, instalações e o vestuário para a prática da esgrima, do tênis e do hipismo são caros para a grande maioria da população brasileira, e isso limita a adesão das pessoas das classes de renda mais baixa.

práticas, o Jornal dos Sports, veículo informativo de grande projeção na sociedade carioca, trazia na sua edição do dia 03 de outubro de 1948 as seguintes notas sobre os esportes indicados para as mulheres:

Extrato 87 - A mulher nos esportes, Jornal dos Sports, 1948



Fonte: JORNAL DOS SPORTS, 1948, p. 4.

Fortalecidas durante a década de 1920, as mulheres atletas efetivariam suas conquistas no decorrer dos anos de 1930 e 1940, período que ficou marcado pela realização de eventos esportivos nacionais focados na participação das mulheres. Um ano após os 5º Jogos Mundiais Femininos, realizados na cidade de Londres em 1934, o Estado de São Paulo encampou a realização dos Jogos Femininos do Estado de São Paulo, em 1935, cuja programação poliesportiva reuniu um bom número de atletas (GOELLNER, 2005b). Quatorze anos depois, no ano de 1949, no Estado do Rio de Janeiro, foram consumados os Jogos da Primavera, também chamados de Olimpíadas Femininas, que tinham como objetivo “[...] estimular e exaltar a prática dos desportos pelas nossas jovens, operando o milagre da inédita realização de um certame exclusivamente feminino, revestido, por isso mesmo, do deslumbramento que facilmente se poderá avaliar” (JORNAL DOS SPORTS, 1949, p. 1).

Extrato 88 - Inauguração dos Jogos da Primavera, 1949



Fonte: JORNAL DOS SPORTS, 1949, p. 1.

Os Jogos da Primavera, organizados exclusivamente para as mulheres atletas, através do apoio do Jornal dos Sports, contaram com a participação de dezenove clubes cariocas, duas instituições de ensino superior e três colégios do Rio de Janeiro e cidades próximas, em modalidades como: ciclismo, vôlei, atletismo, basquete, esgrima, hipismo, vela, tênis de mesa, tênis e natação (JORNAL DOS SPORTS, 1949, p. 1). De uma forma inédita, esses jogos promoveram condições para que as mulheres cariocas pudessem competir em vários esportes e, também, serem visibilizadas na mídia impressa e através dos programas de rádio como protagonistas das competições esportiva. Porém, embora tivessem sido progressistas e emancipatórios para as atletas, os Jogos da Primavera sublinhavam os cuidados em relação à ordem social do gênero, dentre eles, os reforços das expressões de feminilidade (a escolha da “Rainha da Primavera”) e a programação com esportes “pouco ameaçadores” às condições físicas das praticantes (alinhada ao Decreto-lei nº 3.199 de 04 de abril de 1941, que interditava a participação das mulheres em algumas modalidades esportivas).

A emergência de acontecimentos esportivos indica a presença de muitas mulheres brasileiras em diferentes modalidades, dentro de entidades educacionais e clubes, porém, o inédito no cenário esportivo com mulheres eram as competições em eventos poliesportivos, com dinâmicas de organização similares aos Jogos Olímpicos e os Jogos Mundiais Femininos e com o apoio e a divulgação midiática, como ocorreu com os Jogos da Primavera. Quando esses eventos começaram a se materializar nas grandes cidades brasileiras, ocorreu um aumento das participações das brasileiras em outros eventos

esportivos nacionais e internacionais. Algumas começam a trilhar caminhos de sucesso e, na medida que ganhavam visibilidade, incentivavam a aceitação social das competições com mulheres. Por questões de tempo e espaço, este texto não poderá contemplar as histórias e conquistas de todas essas pioneiras, mas, a título de promover visibilidades, cito: Piedade Coutinho (natação), Melânia Luiz (atletismo), Asaléa de Campos (árbitra de futebol), dentre várias outras.

Entre os anos 1958 e 1966, Maria Esther Bueno se sagrou campeã absoluta nas quadras de tênis, vencendo torneios individuais (1959, 1960, 1965) e em dupla (1958, 1960, 1963, 1965 e 1966), e conquistando a simpatia de partes da sociedade brasileira (GOELLNER, 2005c).

Imagem 15 - Maria Ester Bueno no Torneio de Tênis de Wimbledon em 1963



Fonte: Revista Veja, 2018²⁸⁵

Nesse mesmo período, no ano de 1964, Aida dos Santos, mulher negra, trabalhadora e estudante, nascida numa favela do Rio de Janeiro, participou dos Jogos Olímpicos de Tóquio (GOELLNER, 2005c). Sem apoio técnico, sem calçado próprio para as provas de salto em altura, sem uniforme oficial para o desfile das delegações, sem o suporte dos atletas e dirigentes, Aida dos Santos foi a única mulher presente na delegação brasileira que competiram nos Jogos Olímpicos de 1964. E, apesar de toda a conjuntura repressiva e excludente que vivenciou, mesmo com o menosprezo por parte dos dirigentes do esporte brasileiro e da comissão olímpica, Aida dos Santos logrou sucesso nos eventos

²⁸⁵ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/esporte/maria-esther-bueno-veja-fotos-da-carreira-da-maior-tenista-do-brasil/> Acesso: 21 out. 2020.

classificatórios do salto em altura. Foi a primeira atleta brasileira a se qualificar para uma final olímpica, conquistando uma honrosa e histórica quarta colocação.²⁸⁶

Imagem 16 - A primeira atleta brasileira finalista em Jogos Olímpicos, a carioca Aida dos Santos



Fonte: Site UOL, 2012²⁸⁷

Aqui, é importante ressaltar alguns pontos, em relação à dinâmica das tecnologias de gênero, sobre o período compreendido entre os anos 1930 até 1950: 1) quanto mais as mulheres avançavam e quanto mais ganhavam visibilidade nos esportes, mais intensas se tornavam as negociações e mais viralizadas se tornavam as resistências, no sentido de regular os possíveis distanciamentos da ordem do gênero e dos códigos de feminilidades; 2) a operabilidade das tecnologias de gênero não se baseava apenas na negação, mas no controle e na regulação do que as atletas brasileiras poderiam ou não fazer, quais estéticas seriam ou não valorizadas, quais modalidades seriam ou não incentivadas, quais provas deveriam estar ou não presentes nas competições; 3) as resistências enfrentadas pelas atletas estavam na ordem das práticas discursivas sobre a raça/etnia e a classe social, segundo Staudt & Magalhães (2018), os periódicos esportivos tendiam a operar de duas formas: invisibilizar as expressões imagéticas das atletas negras ou reforçar uma ideia

²⁸⁶ O Ministério da Cultura em parceria com a rede televisiva esportiva ESPN, fizeram um documentário sobre a participação de Aida dos Santos nos Jogos Olímpicos de Tóquio em 1964. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/esporte-fantastico/memoria-do-esporte-brasileiro/videos/aida-dos-santos-uma-mulher-de-garra-relembre-a-trajetoria-vitoriosa-da-atleta-14092018> Acesso em: 28 fev. 2020.

²⁸⁷ Disponível em: <https://olimpiadas.uol.com.br/2012/historia-das-olimpiadas/toquio-1964/imagens/#fotoNavId=pr6912497> Acesso em: 21 out. 2020.

de “predileção natural” das mulheres negras pelos esportes masculinos, no sentido de “[...] torná-las reconhecidas a partir da imoralidade do seu ‘comportamento masculinizado’, colocando em suspeição sua feminilidade e sua sexualidade” (STAUDT & MAGALHÃES, 2018, p. 235).

O excerto abaixo, retirado de um periódico dedicado aos e às profissionais da Educação Física, mas também aos e às amantes dos esportes, indica a dinâmica das resistências em relação à prática do futebol pelas mulheres nos anos de 1940.

Extrato 89 - Resistências à prática do futebol pelas mulheres, *Educação Physica*, n. 49, 1940

rada como encanto físico. Ora o futebol proporciona um anti-estético e desproporcional desenvolvimento aos membros inferiores; por exemplo: tornozelos rochondados, pernas grossas se arqueadas, joelhos deformados, etc..

Aliado a este grotesco aspecto, a perna torna-se sede de traumatismo e contusões incompatíveis com a beleza feminina. E sabemos que os homens sentem-se atraídos por mulheres de físico proporcional e harmonioso.

Quanto às qualidades morais que todos os esportes coletivos desenvolvem, achamos ser o futebol, pela sua natural violência, um exacerbador do espírito combativo e da agressividade qualidades incompatíveis com o temperamento e o caráter feminino.

Quanto ao desenvolvimento intelectual, facilmente concordaremos que o futebol não é dos mais eficientes. Portanto, não sendo aconselhado por motivos higiênicos, físicos ou morais, não será pelo seu reduzíssimo valor intelectual que a mulher o vá praticar.

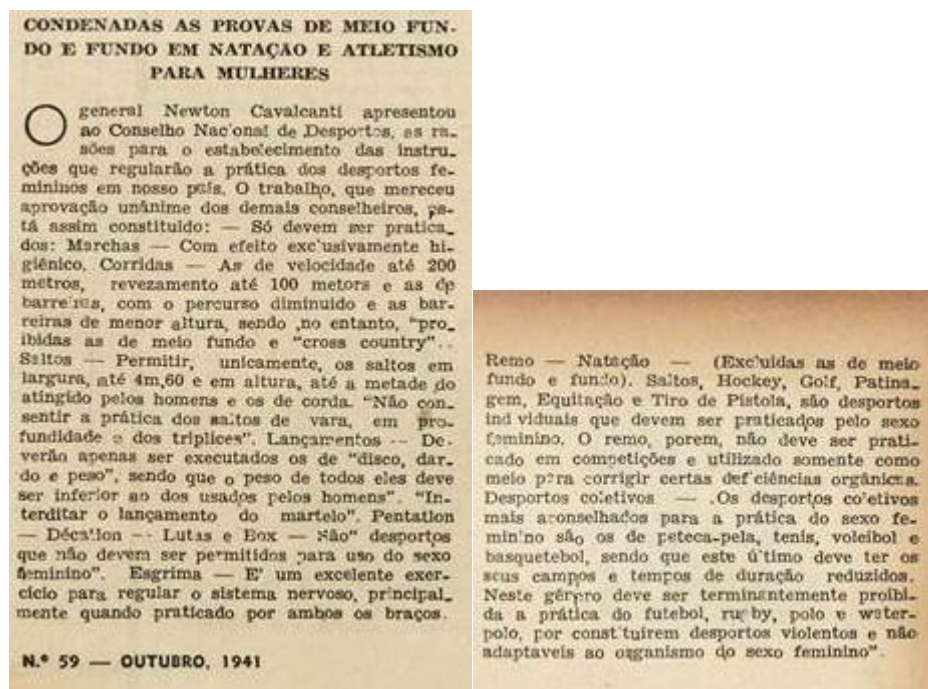
Assim, pelas razões acima expendidas, que envolvem matéria de ordem técnica, é nossa opinião ser o futebol, para a mulher, anti-higiênico e contrário à natural inclinação da alma feminina.

Fonte: BALLARINY, 1940, p. 52.

Num caldeirão discursivo que incorporava o temor de uma possível masculinização do feminino, o desejo de zelar e defender o privilégio dos homens nos esportes e as aspirações na tarefa de colocar em prática ideologias eugenistas, racistas e higienistas que circulavam na ordem política e intelectual brasileira, foi redigido um pedido de reconsideração e regulamentação dos esportes no Brasil. Esse pedido, feito pelo diretor do Centro de Educação Física do Exército Brasileiro, o general Newton de Andrade Cavalcanti, resultou na aprovação de um decreto-lei, cujo artigo 54 especificava quais esportes seriam apropriados ou não às mulheres. O decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, aprovado pelo Conselho Nacional de Desportos e sancionado pelo presidente Getúlio Vargas, evidenciava uma disposição discursiva para a manutenção e o controle da ordem social do gênero, ainda que, em outros espaços viam-se insurgir

resistências. Segundo o decreto-lei, aprovado por unanimidade pelos conselheiros do desporto nacional, os esportes para as mulheres deveriam respeitar as seguintes determinações:

Extrato 90 - Matéria sobre o decreto lei n. 3.199 de 14/04/1941, na Revista Educação Physica, 1941



Fonte: EDUCAÇÃO PHYSICA, 1941, p. 75.

Conforme Goellner (2005c), a história das mulheres brasileiras nos esportes revela que essas determinações não foram colocadas em prática, dado que as mulheres continuaram a competir em várias das modalidades que o Conselho Nacional de Desporto pelo decreto n. 3.199/1941, havia interditado. Acrescentando, cabe problematizar que o discurso de interdição e controle do corpo e dos usufrutos que as mulheres davam a eles nas práticas corporais, encontrava amparo em teorias médicas e ideologias eugenistas, racistas e higienistas, o que significa dizer, que materialização desse discurso num decreto-lei, foi o resultado das relações de poder entre aqueles que ocupavam os cargos políticos, o saber-poder médico e de outros filantropos sociais, acolhidos por uma disposição social favorável. Diante disso, é importante pensar que havia uma conjuntura social que suportava a emergência do discurso de interdição e controle, que suportava a legitimidade dos conselheiros, mas, de outro modo, havia também, dentro dessa mesma conjuntura social, estruturas que subsidiavam as resistências, como fizeram as mulheres e alguns homens.

Ademais, ainda em relação ao excerto, nota-se o processo de configuração de algumas tecnologias de controle do sexo/gênero e sua profícua relação com o dispositivo do esporte e do sexo/gênero, pois, pelo enunciado do Conselho Nacional de Desportos, naquele ano de 1941: a) era urgente criar e manter as diferenças sexuais mediante a generificação das regras, no sentido de controlar quem poderia fazer e o que poderia ser feito; b) as provas, equipamentos, aparelhos e vestimentas pareciam exigir codificações que revelassem o pertencimento ao sexo/gênero; c) era importante que o discurso do decreto-lei estivesse amparado pela ordem discursiva vigente, pois isso lhe daria legitimidade e favoreceria sua operação. Todo esse jogo de poder e saber poderá ser ainda melhor observado no capítulo que segue, quando descrevo o processo de esportivização da ginástica artística e as operações empreendidas que determinariam a bicategorização sexual da modalidade, a divisão sexual do trabalho e a generificação dos aparelhos, regras, movimentos corporais e expressões estéticas.

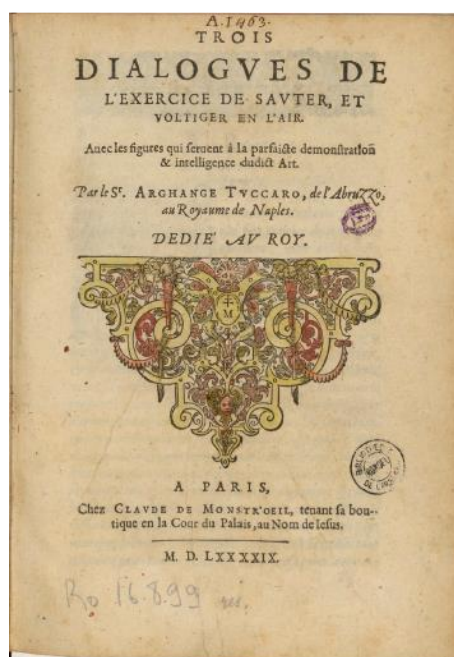
CAPÍTULO IV

O processo de esportivização da ginástica artística e as dinâmicas das tecnologias disciplinares e de gênero

4.1 Funambulescas, ritualísticas e curativas: os “élans”²⁸⁸ dos predecessores dos métodos europeus de ginástica

Nas primeiras décadas do século XVI é possível observar a emergência de várias obras que tinham como finalidade normatizar o ensino e o aprendizado de alguns elementos corporais que hoje fazem parte das ginásticas esportivas modernas²⁸⁹. Embora,

Figura 26 - Contracapa da obra: *Trois dialogues de l'exercice de sauter, et voltiger en l'air* de Arghange Tuccaro, 1599



Fonte: TUCCARO, 1599.

algumas dessas obras tivessem uma função mais pedagógica, a grande maioria tinha como propósito o fortalecimento do corpo e a melhoria de algumas capacidades físicas, como força, resistência, potência muscular e flexibilidade. Poucas delas eram tão específicas como o *Trois dialogues de l'exercice de sauter et voltiger en l'air* de autoria do italiano Arghange Tuccaro e publicado em 1599, com elaboradas ilustrações e discussões sobre o ensino dos saltos acrobáticos e a importância desse aprendizado para os praticantes.

O que diferenciava o manual de Tuccaro dos manuais que apareceriam no século XVIII era que, apesar do autor ter demonstrado certas preocupações com a formação moral do praticante das acrobacias e de conferir algumas características pedagógicas à ao seu ensino, ele

²⁸⁸ A palavra “élan” na língua francesa significa “impulso”, já na dança e na ginástica utilizamos o termo para nos referir ao enlace entre um movimento e outro sem que se perceba nitidamente a mudança ou sem que ocorra uma pausa ou quebra da fluência. No título, “élan” se refere aos impulsos, aos movimentos que se ligarão aos outros que virão logo em seguida.

²⁸⁹ As ginásticas esportivas são: ginástica artística, ginástica rítmica, ginástica de trampolim, ginástica acrobática, ginástica aeróbica, Parkour e ginástica para todos, esta última não sendo de caráter competitivo.

advogava particularmente sobre o treinamento físico, por isso, sua obra era dedicada apenas a um dos elementos da ginástica, o salto, e em particular os saltos mortais e as reversões. Diferentemente da pedagogia do corpo que floresceria através dos métodos ginásticos (sueco, francês e alemão), Tuccaro defendia especificamente o treinamento corporal para a melhoria das capacidades físicas e o aprendizado de elementos acrobáticos como componente espetacular, ou seja, que as acrobacias pudessem ser utilizadas em apresentações e exibições, frequentemente remuneradas. O próprio Tuccaro, conta Joseph (2006c, p. 146), exibia suas habilidades e chegou a participar das nas festas de núpcias do Rei Charles IX com a Arquiduquesa Isabella no ano de 1570.

Figura 27 - Progressões pedagógicas na obra *Trois dialogues de l'exercice de sauter*, Archange Tuccaro, 1599



Fonte: TUCCARO, 1599, p. 62, 63, 139.

Outro aspecto que distingue a obra de Tuccaro e de alguns dos seus contemporâneos, é que Tuccaro não sistematizava os exercícios e nem a sua metodologia de ensino. Na obra dele não há uma definição clara dos benefícios dos exercícios, não há indicações da quantidade de repetições, não há uma estratégia de treinamento organizada em sessões, assim como, não há uma preocupação com a formação de comportamentos úteis para a vida em sociedade.

Ainda que nos séculos XVI e XVII, tivessem sido publicadas outras obras relacionadas à ginástica, em grande parte delas era a dimensão médica determinava o fio condutor que justificava a importância das práticas corporais. Ambroise Paré (1510-1590), por exemplo, famoso médico e cirurgião das cortes francesas, sustentava que o corpo precisava de exercícios para a saúde, e, coerente com a teoria dos humores (sangue,

fleuma, bÍlis amarela e negra), prescrevia exercÍcios intensos para as pessoas que tinham humores frios – homens –, e exercÍcios leves para as pessoas delicadas e temperamentais, como se pensavam ser as mulheres (JOSEPH, 2006c).

Joseph Duchesne (1544-1609), médico da corte de Henry IV da França, devotou uma considerável atenção à ginástica e aos exercÍcios físicos. Ele acreditava que os exercÍcios tinham a capacidade de expelir e equilibrar os humores, regular a digestão, fortalecer o coração, as juntas, a circulação e os pulmões, além de abrir os poros (JOSEPH, 2006c). Além dos exercÍcios no solo, Duchesne prescrevia a natação, especialmente para o tratamento da melancolia e das doenças pulmonares. No caso das mulheres, crianças e homens idosos, Duchesne argumentava que, por suas constituições físicas, esses grupos deveriam realizar atividades delicadas como tocar instrumentos musicais, cantar e declamar poesias (JOSEPH, 2006c).

Laurent Joubert (1529-1583), professor de medicina *Université de Montpellier*, França, foi um grande incentivador da inclusão da prática da ginástica na formação dos médicos franceses no século XVI. Para ele, os exercÍcios físicos deveriam estar relacionados com os movimentos do corpo nas atividades do cotidiano e sua prescrição deveria ser de inteira responsabilidade dos médicos, dado que, segundo ele, os professores de ginástica da época tinham uma formação educacional deficitária, não possuindo competências para tal função (JOSEPH, 2006c).

Após séculos de constrictões, que começam a diminuir a partir do século XVII, o corpo humano é colocado num lugar de destaque nos saberes médico, filosófico e literário. Jean-Jacques Rousseau, filósofo francês, conclamava no século XVII que o homem²⁹⁰ deveria voltar à natureza, não apenas para fazer passeios ao ar livre, reaprender a escalar, cavalgar, correr, lutar, mas para se renovar como indivíduo em todas as suas dimensões, especialmente a dimensão corporal que, para ele, havia sido negada e menosprezada em tempos passados (BAKER, 1988).

“O que Rousseau afirmou, outros colocaram em prática” sugere Baker (1988, p. 100). Para esse autor, alguns dos agentes sociais, ocupantes de posições de poder no século XVIII, operaram teoricamente e pragmaticamente para inserir nos tratados

²⁹⁰ O pensamento de Jean-Jacques Rousseau é misógino e patriarcal, pois, para ele, as mulheres teriam sido criadas para serem submissas e estarem à disposição dos homens. Ele argumentava que os sexos eram incomparáveis e que, portanto, a submissão da mulher seria resguardada pela ordem natural, na qual “o mais forte subjuga o mais fraco”. No discurso de Rousseau, a palavra “homem” não significa “humanidade”, mas os indivíduos do sexo masculino que, segundo ele, deveriam ser educados para a liberdade de pensamento e a liberdade corporal, o oposto, daquilo que ele incentivava para mulheres (ROUSSEAU, 1912 [1764]).

médicos, educacionais e na dimensão cultural de algumas sociedades, estratégias e metodologias que passariam a valorizar as práticas corporais. O corpo que foi relativamente libertado do pecado, poderia enfim ser cuidado, manipulado e corrigido por novas pedagogias apareciam no cenário europeu, as ginásticas e os esportes. Consequentemente, esses novos arranjos, novas formas de pensar, novos valores, novos modos de vida e novas maneiras de utilizar os movimentos corporais (a partir de exercícios físicos ou na prática de jogos, danças, lutas e esportes), foram fundamentais no processo que levaria à configuração da ginástica esportiva, assim como, na própria instituição da disciplina de educação física.

No século XVIII, alguns educadores alemães como, Johann Bernhard Basedow, Gerhard Vieth e Christian G. Salzmann, foram importantes na definição de alguns dos princípios que levariam à inserção da ginástica (exercícios físicos) no contexto educacional. Porém, um outro alemão, chamado Johann Friedrich Guts Muths (1759-1837), se tornaria fundamental após publicar um dos primeiros manuais de ginástica na Europa, o *Gymnastik für die Jugend* – Ginástica para a Juventude de 1793. Conhecido como o “avô da ginástica artística”, Guts Muths influenciou diretamente as obras de Friedrich Ludwig Jahn. Baseado nele, Jahn estabeleceu novos princípios, inventou outros aparelhos e incentivou novas formas de usá-los. Embora sua intenção fosse utilizar a ginástica para o fortalecimento de valores nacionalistas, sua metodologia e as características únicas dos aparelhos e movimentos corporais, favoreceriam a esportivização da ginástica artística e, como consequência, Jahn passaria a ser considerado o “pai” de um esporte chamado ginástica artística, algo ele não aprovaria (LANGLADE & LANGLADE, 1970; BARRULL, 1984; BAKER, 1988; PÚBLIO, 1998; SOARES, C. L., 2005, 2007; QUITZAU, 2014, 2015).

Entre o século XVIII e XIX, em meio às novas dinâmicas sociais e um aumento expressivo da produção de mercadorias, países como França, Inglaterra, Alemanha, Itália se encontravam imersos num cenário de grandes mudanças. Ao mesmo tempo que modernidade favorecia as incertezas e inseguranças, ela parecia incentivar a crença na ordem e no progresso, o que, com efeito, exigiria dos indivíduos e das instituições que se alinhassem aos novos racionalismos e que aderissem aos modos de agir cada vez mais direcionados aos objetivos. Como constatou Weber (2004; 2014), na modernidade, tudo precisava ser controlado, calculado, medido, comparado, mediado, inclusive os indivíduos e seus corpos, pois, era essa a ordem do modelo econômico que se fortalecia,

que tinha fome de força (corporal) e sede de continuidade, era isso que ele precisava para crescer e se espalhar.

A Europa do século XVIII e início do século XIX, especialmente nos países centrais da ‘dupla revolução’ política e econômica, ocorrida respectivamente na França e na Inglaterra, vai desenvolver, através de determinadas políticas de saúde, formas explícitas de controle das populações urbanas, para as quais o corpo dos indivíduos e o ‘corpo social’ são tomados como objetos mensuráveis, passíveis de classificações e generalizações isentas de paixões impregnadas da neutralidade própria da abordagem positivista de ciência. (SOARES, C. L., 2007, p. 19-20).

Foi nesse cenário de exigências que os métodos europeus de ginástica surgiram e fizeram valer suas importâncias. Cada qual no seu tempo e cada um vinculado ao seu próprio contexto e urgências sociais, os métodos de ginástica buscaram mediante distintas sistematizações a formação moral, pedagógica, militar, patriótica, nacionalista, corporal e ortopédica de homens e mulheres. Para isso, reforçaram, criaram e ratificaram as diferenças de classe social, nacionalidade e, sobretudo, as diferenças entre homens e mulheres. Dos sistemas morais, patrióticos e nacionalistas propostos por Guts Muths e Ludwig Jahn, passando pela ginástica médico-corretiva do sueco Pehr Henrick Ling e os exercícios de cunho militar de Francisco Amorós, os métodos europeus de ginástica reforçaram pressupostos sobre a disposição transformadora da virilidade e a organização reprodutora da feminilidade.

Guardadas as diferenças, no que dizia respeito às finalidades, os sistemas europeus de ginástica (alemão, sueco e francês) foram construídos sobre um estrato de práticas corporais (cultura corporal) comuns à quase todas as civilizações. Essas práticas, “[...] podem ser agrupadas em onze famílias: marcha, corrida, saltos, lançamentos, equitação, esportes de combate (especialmente a luta e o boxe), esgrima, trepar/escalar, dança, jogos com bolas e natação” (BARRULL, 1984, p. 77 – tradução livre).²⁹¹

O que quero argumentar é que o ineditismo e a originalidade dos métodos europeus de ginástica não estavam nos seus conteúdos, mas nas sistematizações e

²⁹¹ “Ils étaient englobés dans un ensemble d’activités physiques que l’on retrouvait dans toutes les époques et presque toutes les civilisations et que l’on peut grouper en onze familles : marche, course, sauts, lancers, équitation, sports de combat (essentiellement lutte et boxe), escrime, grimper, danse, jeux de balle, natation. Ces onze familles seront toutes incluses dans les systèmes *gymnastiques* des précurseurs au 19^e siècle” (BARRULL, 1984, p. 77).

finalidades que dispuseram sobre um conjunto de práticas corporais cotidianas. Práticas que carregavam as marcas dos arranjos sociais e do ordenamento de gênero, estruturados e em operação em cada uma das sociedades onde os métodos se desenvolveram. Em tempos de grandes mudanças, os métodos ginásticos surgiram para responder a urgências disciplinares e reguladoras. Do mesmo modo que a caça às bruxas, a opressão das mulheres e seus corpos foram respostas às demandas do sistema capitalista (FEDERICI, 2018), os métodos ginásticos rogaram seus préstimos ao avanço e ao progresso da sociedade, com a promoção de corpos fortes, saudáveis, produtivos e sexualmente ordenados.

4.2 O nacionalismo militar no método de ginástica alemã de Ludwig Jahn, o “pai da ginástica artística”

Nascido em 11 de agosto de 1778, em uma pequena cidade chamada Lanz, Jahn era filho de um pastor luterano e de uma mãe muito religiosa. Sua família, ainda que tivesse poucas condições financeiras, conseguiu provisionar seus estudos e isso mudaria definitivamente sua vida. Embora seja comum relacionar as ações de Jahn com o fortalecimento do patriotismo e nacionalismo alemão, no início ele não prescrevia sua pedagogia corporal para o “povo germânico” como um todo, mas apenas para o Ducado da Prússia, onde havia nascido e crescido, e que era governado pela *Haus von Hohenzollern* (Casa Hohenzollern), família de nobres no poder desde 1701 (KOHN, 1949).

Kohn (1949) sustenta que foi só a partir de 1800 que Jahn começou a ampliar sua concepção de nacionalismo alemão, resultado direto dos contatos que manteve com o escritor e poeta, Ernst Moritz Arndt, outro alemão que se dedicava a combater a ocupação francesa. Foi através dessa relação que Jahn deslocou seu entusiasmo em relação ao Estado da Prússia, para a constituição do povo alemão. E como consequência, em 1806 ele publicou seu primeiro livro, chamado – *Deutsches Volkstum* (Nacionalidade Alemã) –, no qual explicava e fundamentava a dinâmica e a importância da formação de um novo modelo de nacionalismo, não apenas prussiano, mas orgulhosamente alemão (QUITZAU, 2014; KOHN, 1949).

Desde sua formação em teologia na Universidade de Halle, Jahn já demonstrava ser crítico e contrário a alguns hábitos desenvolvidos na sociedade alemã que, para ele, só serviam para enfraquecer o povo, favorecer a frouxidão dos papéis sociais e deixar a

Alemanha ainda mais vulnerável aos ataques dos exércitos externos, especialmente dos que vinham da armada francesa.

No ano de 1809, após ter peregrinado pelos condados do seu país, Jahn retornou para Berlim e ministrou aulas de história, alemão e matemática no *Gymnasium zum grauen Kloster*, a mesma escola onde havia estudado e da qual havia fugido quando ainda era adolescente (KOHN, 1949; QUITZAU, 2014, 2015). Um ano depois, em 1810, ele começou a levar seus alunos para um parque chamado Hasenheide que ficava no subúrbio de Berlim. Naquele espaço, Jahn desenvolvia jogos, brincadeiras, provas de atletismo e reforçava princípios de coletividade e fraternidade através das suas próprias concepções daquilo que deveria prever um sistema de exercícios com valores morais e físicos. Logo depois, em 1811, incentivado pelo interesse e o aumento da adesão de novos praticantes, além do apoio de Ernst Eiselen, seu companheiro na autoria do *Die Deutsche Turnkunst*, Jahn abriu seu primeiro ginásio (*turnplatz*). Nesse local, mais do que ensinar a “*turnkunst*” (a arte da ginástica), ele favoreceu a criação de um espaço no qual os jovens podiam realizar atividades físicas e jogos, discutir e criar estratégias para participar das atividades políticas, sociais e culturais do seu país (KOHN, 1949; HOFMANN, 2014; QUITZAU, 2014, 2015).

Mediante as influências de Guts Muths, Jahn e Eiselen lançam, no ano de 1816, a *Die Deutsche Turnkunst* (A ginástica alemã). Um manual que era mais do que um compêndio de exercícios físicos, mas um tratado para a recuperação de valores, atitudes e comportamentos que os autores acreditavam ter sido o cerne da formação do povo alemão e, que, portanto, deveria ser reestabelecido através de exercícios que aumentassem a força e o orgulho que os alemães nutriam pela sua cultura e seu país (QUITZAU, 2014, 2015).

Focado no desejo de reforçar a cultura, a língua e os valores do povo alemão, Jahn imprimia em tudo o que “tocava” e produzia, aquilo que acreditava ser importante para a incorporação dos princípios nacionalistas e patrióticos. Por isso, se empenhou no fortalecimento do corpo, tanto quanto se lançou numa verdadeira cruzada para a valorização da língua alemã. As palavras que considerava terem raízes em outros idiomas foram trocadas por termos próprios que, segundo ele, estavam na raiz e na alma da cultura alemã (QUITZAU, 2014, 2015). Por exemplo, a palavra grega “*Gymnastik*” e a francesa “*gymnastique*” foram trocadas por “*turnen*” ou “*turnkunst*”²⁹²; o ginásio ou o espaço

²⁹² Em uma conversa informal com a pesquisadora Evelise Amgarten Quitzau, através do aplicativo Messenger em 30/03/2020, ela me informou que a tradução de “*turnkunst*” seria “a arte da ginástica”, um

para a prática da ginástica passou chamado de “*turnplatz*”; o/a ginasta foi nomeado de “*turner*”. Enfim, Jahn, que se considerava um “intérprete do eterno espírito da língua” (JAHN, 1967, p. xxv apud QUITZAU, 2014, p. s506), reestabeleceu toda uma estilística da língua que acreditava ser favorável ao seu projeto.

Além dessas características, Barrull (1984, p. 86) constatou que a ginástica de Jahn tinha outros princípios que influenciariam na esportivização da ginástica artística:

- a) Jahn ia além da “ginástica pedagógica” (Guts Muths), sua sistematização se traduzia num movimento nacionalista, patriótico e militar, no qual o próprio Jahn estava fortemente implicado. Foi por causa do papel político e da eficiência do seu método que sua ginástica fez um sucesso sem precedentes na Alemanha do século XIX, algo que perduraria até o final da primeira guerra mundial, por volta de 1918.
- b) Mais do que Guts Muths, Ling e Amorós, a sistematização proposta por Jahn dava grande enfoque à utilização de aparelhos específicos para a prática, o que ofereceu condições às configurações que passariam a valorizar a dimensão competitiva²⁹³ da prática.
- c) Além disso, a ginástica de Jahn não tinha um caráter estritamente “utilitário”, como era o caso de outros métodos, ao contrário, ela incentivava, ainda que não fosse sua finalidade principal, a especialização do/a praticante naqueles aparelhos usados somente na sua prática (BARRULL, 1984).

A arte da ginástica, tradução literal da palavra alemã *turnkunst*, era para Jahn uma forma de recompor uma parte da dimensão humana que havia se perdido, particularmente, ocasionada pelos excessos de comportamentos refinados e pelos modos de vida copiados de outras sociedades e culturas (QUITZAU, 2014). Alinhado aos discursos médicos da sua época, Jahn era parte de um exército de “filantropos sociais” (FOUCAULT, 1979) que lutava contra alguns modos de usar o corpo, dentre eles, a masturbação, uma prática que ele censurava por acreditar que enfraquecia e desvia a força útil dos meninos e jovens

termo que, apesar de fazer parte do título do primeiro manual de Jahn – *Die Deutsche Turnkunst* (1816) –, não foi muito utilizado pelo autor. Além disso, por se tratar de um termo que designa uma frase e não uma palavra, é comum que a tradução do título da obra seja: “A ginástica alemã” e não “A arte da ginástica alemã”, como poderíamos esperar se acaso a tradução fosse literal.

²⁹³ Ainda que o método de Jahn oferecesse condições para a esportivização da ginástica, Jahn era um opositor ferrenho aos esportes e seu posicionamento influenciou nas oposições do primeiro presidente da Federação Europeia de Ginástica, que depois se tornou a Federação Internacional de Ginástica, o belga Nicolas Cupérus.

(GUTTMANN, 2004). Do mesmo modo que Guts Muths, Jahn acreditava que era preciso restabelecer as capacidades físicas, habilidades e valores, através de retornos planejados e mediados à natureza e às profundas raízes dos valores historicamente menosprezados.

Se de início Jahn tinha o apoio das autoridades alemãs, a partir de 1819, entretanto, durante um dos períodos de restauração das forças, após vitórias sobre a França napoleônica, a prática do *Turnen* (ginástica) foi proibida sob a alegação de era um movimento contrário e ameaçador à nova ordem política desenhada pela Confederação Alemã (HOFMANN, 2014; NAUL, 2002). As condições da ginástica alemã e dos seus praticantes pioraram ainda mais, quando um jovem praticante assassinou um poeta e oficial do Estado, chamado Von Kotzebue, em 23 de março de 1819 (BARRULL, 1984, p. 90). Incidente que foi o estopim para uma crise interna e que provocaria a perseguição de instrutores, praticantes e mesmo o fechamento dos *turnplatz*.

Com o aumento das tensões, praticamente todas as atividades dos *turnplatz* foram suspensas em 1820. Depois, em 1824, Jahn foi preso e libertado um ano depois (BARRULL, 1984, p. 90). Como resultado desse cenário instável e politicamente conflituoso, os praticantes começaram a se organizar em sessões de exercícios ministrados em espaços fechados, longe de possíveis denunciadores, algo que, certamente, favoreceria o caráter da ginástica artística de hoje²⁹⁴.

Com o fim do “bloqueio ginástico”, que havia durado de 1820 até 1842, a ginástica alemã voltou para o centro das atenções, passando, novamente, a ser estimada e estimulada em várias instituições, desde algumas pequenas agremiações até sua inserção no currículo das instituições de ensino formal. Outra situação favoreceu a valorização interna da ginástica alemã, foi o aumento da influência do método sueco na Alemanha. Quando as forças políticas perceberam a disseminação da ginástica sueca, começaram a criar instrumentos para promover e fortalecer a ginástica de Jahn nos clubes e escolas, pois acreditavam que seria inconcebível que o povo alemão fosse educado por um método estrangeiro, estranho aos valores germânicos (NAUL, 2002).

Todavia, em 1849, após várias crises e por causa da participação de alguns indivíduos, militantes revolucionários que se autoproclamavam “*turners*” – ginastas –, a ginástica alemã e seus praticantes voltariam a ser perseguidos. Como forma de resistência, muitos migraram e dispersaram a ginástica alemã por vários outros países, dentre eles os

²⁹⁴ A partir dos Jogos Olímpicos de Roma em 1960, as competições de ginástica passam a ser realizadas apenas dentro de ginásios.

EUA²⁹⁵, Suíça e o Brasil, onde fundaram associações e clubes e começaram a realizar festivais para a valorização e a manutenção dos laços com a cultura alemã. No Brasil, como constatou Quitzau (2017), a primeira sociedade de ginástica alemã (Sociedade Ginástica de Joinville)²⁹⁶ foi fundada em 1858, na cidade de Joinville, Santa Catarina, onde ainda mantém suas atividades (QUITZAU, 2017, p. 2).

Certamente, o caráter ideológico da ginástica alemã serviu tanto para a consolidação dessa pedagogia corporal e moral na sociedade alemã, como para a disseminação do método e a fundação de clubes em outras sociedades. Todo esse processo pode levantar algumas questões em relação à esportivização da ginástica artística: O que teria de “especial” o método de Jahn? Como ele foi sistematizado? Quais exercícios prescrevia e por que eles eram prescritos? Quais aparelhos Jahn “inventou” e/ou teria incentivado os usos? Como ocorreu e sob quais condições as mulheres foram tratadas na ginástica alemã? Qual eram os discursos que amparavam as práticas de interdição, separação e segregação do sexo/gênero na ginástica alemã?

Esses questionamentos pareceram interessantes, porque poderiam apontar alguns aspectos sobre a dinâmica da generificação²⁹⁷ dos aparelhos, dos movimentos corporais, dos regulamentos, regras e mesmo das morfologias sexuadas, que se revelam na estrutura e operabilidade da ginástica artística contemporânea. Em outras palavras, meu desejo seria identificar quais divisões sexuais vinham das práticas de Jahn e quais foram inseridas durante a esportivização da ginástica artística.

Jahn incentivou e expandiu as formas de utilização de aparelhos, como a barra fixa, as barras paralelas e também o cavalo de madeira (QUITZAU, 2015), porém, como seu objetivo era formar cidadão nacionalistas e fortes para os embates militares, ele não via razões suficientes para conceber e prescrever exercícios para as mulheres prussianas/alemãs. Essa exclusão parecia algo tão “natural”, tão elementar, que nem Jahn e nem seus seguidores pareciam impelidos a justificar os porquês das mulheres terem sido desprezadas da ginástica alemã (PFISTER, 2002). Todavia, esse desprezo não demoraria muito para ser questionado, dado que, com o passar do século XIX, um conjunto de práticas discursivas começaram a sublinhar a importância dos exercícios físicos e de

²⁹⁵ Annette R. Hofmann (2015) assevera que, apesar da importância, o *turnen* já estava presente em solo estadunidense quando os refugiados alemães chegaram por volta de 1849. Segundo ela, o *turnen* já tinha sido incluído em algumas instituições educacionais no Estado da Nova Inglaterra nos anos 1820, por outros imigrantes, como por exemplo, Karl Beck, Karl Follen e Franz Lieber (HOFMANN, 2015, p. 122).

²⁹⁶ <https://www.sociedadeginasticajlle.com.br/nossa-historia/>

²⁹⁷ Para Goellner (2016), a generificação está nos “[...] discursos, valores e práticas que produzem representações de feminilidades e masculinidades, as quais, por sua vez, produzem posições sociais que hierarquizam os sujeitos a partir da biologia dos seus corpos” (p. 31).

algumas práticas corporais para a saúde das mulheres e, conseqüentemente, para a saúde da população que elas deveriam gerar (PFISTER, 2002). Com efeito, além das prescrições dedicadas às mulheres e à saúde reprodutiva do seu corpo, a ginástica alemã começou a ser proposta nos currículos das escolas para garotas e moças, o que reforçaria a necessidade de que o sistema fosse adaptado para atender a esse grupo (PFISTER, 2002).

Apesar das adaptações (generificações) que favoreceriam a prática pelas mulheres, a ginástica alemã não foi a primeira sistematização a ser incentivada para elas, pois seu conteúdo e metodologia eram considerados desproporcionais, penosos e sem apelo ou serventia para o projeto que a sociedade do século XIX tinha para o “sexo frágil” (HOFMANN, 2000). A ginástica calistênica²⁹⁸ de Phokion Heinrich Clias (1782-1854), a ginástica para garotas de Adolf Ludwig Werner (1794-1866) (PFISTER, 2002) e a ginástica sueca de Ling é que eram as sistematizações consideradas mais apropriadas e, portanto, mais prescritas ao “sexo frágil”, ao “belo sexo”.

Inicialmente, a ginástica alemã era praticada quase que exclusivamente por meninas e moças oriundas das classes média-alta na Alemanha, Suíça, França e Suécia. Depois, com a sua dispersão, as filhas (mulheres jovens) de imigrantes começaram a praticá-la no interior das agremiações, algumas delas sediadas nos Estados Unidos (PFISTER, 2002, HOFMANN, 2000) e no Brasil (QUITZAU, 2014). Especificamente no contexto brasileiro, as mulheres adultas só começaram a participar das sessões de ginástica alemã, quando alguns departamentos “femininos” foram fundados no interior associações, isso, ao final do século XIX (QUITZAU, 2014).

Enquanto os três métodos de ginástica acima (calistenia, ginástica para garotas e ginástica sueca) se caracterizavam por valorizar os movimentos simples, axiais e com pouca ou nenhuma utilização de aparelhos, realizados em sessões coletivas e controladas atentamente por instrutores/instrutoras. Tudo isso, com a finalidade de melhorar a saúde reprodutiva e a estética da feminilidade das praticantes. O método desenvolvido por Jahn se caracterizava por: a) exercícios que partiam do movimento corporal mais simples para o mais complexo; b) utilização de aparelhos construídos especificamente para a prática; c) execuções que não necessariamente se enquadravam nos modelos de feminilidades da época, pois demandavam exercícios de força, sustentação, giros, apoios, saltos, extensões,

²⁹⁸ A ginástica calistênica para garotas, moças e mulheres, foi disseminada nos Estados Unidos pela educadora Catherine Beecher a partir de 1825 (HOFMANN, 2000).

mobilidades articulares (abertura das pernas), mudanças de direção e nível (PFISTER, 2002).

N'A *ginástica alemã*, diferentemente das críticas que Guts Muths havia feito sobre o enfraquecimento do povo, a decadência do sistema educacional e sobre o que ele chamava de “efeminização” dos jovens (GUTS MUTHS, 1803), Jahn começou a introdução da sua obra tecendo exaltações à cultura alemã e ao seu sistema linguístico (QUITZAU, 2014, 2015). Depois, propôs um conjunto composto por 17 grupos de exercícios e alguns jogos²⁹⁹.

Mediado pelo racionalismo que faria seu manual ser reconhecido e disseminado, os exercícios foram descritos pela forma como deveriam ser executados e como os aparelhos deveriam ser utilizados. Diferentemente de Guts Muths, Jahn não se apegou na construção de justificativas sobre a importância das suas sistematizações, certamente, porque acreditava que o valor da sua pedagogia corporal era auto-evidente (QUITZAU, 2014, 2015; JAHN, 1828).

Quadro 2 - Componentes da Ginástica de Ludwig Jahn

	1 – Andar Graça, duração, velocidade, espaços variados.
	2 – Correr Corrida em linha reta, em meio natural, em espiral, para trás, subindo uma colina; Com ou sem a mensuração do tempo.
	3 - Saltar Saltos em geral (preparatórios para corridas); Tipos particulares de saltos: LIVRES (para frente, lado, trás e girando); (sequenciais, em altura, distância e profundidade); COM VARA (em altura, distância e profundidade).
	4 – Exercícios no cavalo de madeira (vaults) Preparatórios (montar, sentar, atravessar, empurrar, se elevar, balanceios, se apoiar nos joelhos ou nas mãos, se mover); Vaults: simples, compostos, contínuos, duplos, triplos e livres (todos os vaults são realizados para todos os lados e direções, alguns empunhando espada).
	5 – Exercícios de equilíbrio Barras apoiadas no solo, suspensas, tábuas, pranchas e troncos Preparatórios: caminhar (pernas estendidas ou em elevação, se equilibrar em uma perna); Na barra: caminhar com balanceios, se sentar, elevar-se, passar de uma barra para outra, se equilibrar, transportar um objeto, combates, andar de perna de pau, patinar.

²⁹⁹ Como não foram encontradas traduções completas para o inglês, francês, espanhol ou português, os dados apresentados aqui, sobre a obra *Die Deutsche Turnkunst* (A ginástica alemã), se basearam nas publicações de Evelise A. Quitzeau (2014, 2015) e numa tradução incompleta para o inglês feita por Charles Beck em 1828. Segundo Beck (1828), seu objetivo na tradução foi apresentar a sistematização dos exercícios, excluindo o que pudesse ser “estranho” a esse propósito como, por exemplo, o enaltecimento da cultura e da língua alemã feitos por Jahn na obra original. Ainda, assim, a tradução de Beck (1828) sobre os exercícios parece fiel e, por isso, confiável e útil.

	6 – Exercícios na barra fixa Barras fixas ou oscilantes; Explicações sobre: suspensões, empunhaduras, situações sobre a barra (se sentar, se manter, se suspender); Exercícios de suspensão (ascender, descender, se mover, se manter); Exercícios de balanceamento (sentado, para cima, para os lados, para trás, com saída do aparelho, em cima ou embaixo da barra).
	7 – Exercícios nas barras paralelas Se elevar, repousar, suportar em uma posição, se mover ao longo das barras; Exercícios de balanceamentos (sobre as barras, na frente e atrás dos braços), mudanças de barras, exercícios de “8”, círculos e balanceios.
	8 – Escalar (subir/trepar) Escalar/trepar em varas, troncos, mastros, cordas; subir em escadas de madeira ou corda; Tipos de empunhaduras para superfícies perpendiculares e horizontais.
	9 – Atirar, arremessar e lançar Atirar com armas, arco e flecha, em linhas perpendiculares, horizontais e combinadas; Lançamento de dardo (linhas reta, curva e descendente); Lançamento de disco e barra de ferro; Tiros com estilingues.
	10 – Puxar Puxar através de cordas, com o apoio das mãos ou do pescoço, utilizando ou não carretilhas; Sustentar, manter e/ou suportar cargas; Disputas individuais ou em grupo (cabo de guerra).
	11 – Empurrar Empurrar um adversário ou um instrumento em particular.
	12 – Levantar Levantar objetos, aparelhos ou pessoas para medir a força dos braços; Suspender sacos com areia ou pesos.
	13 – Transportar Transportar corpos inanimados (nos braços ou ombros); Transportar pessoas (nas costas, nos ombros ou nos braços).
	14 – Exercícios de alongamento “esticar” Extensões e flexões, inclinações (membros superiores, tronco, quadril e membros inferiores).
	15 – Lutar Contestes em locais limpos (sem pedras ou restos de galhos) e seguros (plano e com superfície macia); Posição do corpo (pés, pernas e tronco); Agarrar (meia pegada, pegada inteira).
	16 – Saltar com arco Saltar por dentro do arco (como é feito com a corda curta); Saltar o arco em corridas e trotes; Com o arco em deslocamento, saltar por cima (vindo de frente e a trás), saltar o arco pelos lados.
	17 – Saltar com corda Corda curta e longa; Corda curta (saltos diretos, duplos, cruzados, em todas as direções, com giros, com diferentes movimentos dos pés); Corda longa (“passar”, “entrar e saltar”, “entrar, saltar e sair”), saltos (em diferentes direções e com giros); em linha simples ou dupla.

Fonte: Adaptado de JAHN, 1828 e QUITZAU, 2015.

Além dos exercícios e das práticas corporais representadas no quadro acima, Jahn e Eiselen propunham jogos, como corridas, piques, jogos alemães com bola, e, para agregar e fortalecer a diversidade nas/das sessões, eles pontuavam também a importância da esgrima, natação, equitação, dança, exercícios militares e bélicos, exercícios acrobáticos (ficar de cabeça para baixo, saltos mortais) e patinação (QUITZAU, 2015).

Como se vê, os exercícios prescritos n'*A ginástica alemã* eram em sua grande maioria utilitários, porém, suas funções não estavam conectadas diretamente às necessidades cotidianas, mas sim, à grande finalidade do método: a formação de cidadãos orgulhosos e úteis à pátria. Desse modo, pode parecer inusitado que as acrobacias, consideradas por Guts Muths, Ling e Amorós como práticas de pouca importância e pouco racionais, fizessem parte de algumas das sessões de Jahn. O que sugere que elas foram inseridas pouco a pouco, conforme mudavam os racionalismos nesse contexto. Até porque, era comum que os clubes e as sociedades ginásticas participassem de apresentações e festivais, não só para disseminar a importância dos métodos, como para agenciar novos e novas praticantes; e nesse caso, as acrobacias cumpriam muito bem seu papel espetacular.

É preciso ressaltar que, embora Jahn não fosse um partidário das acrobacias, em alguma medida, ele acenava para sua importância, pois, de acordo com suas concepções, elas poderiam ajudar os ginastas a alcançar a maestria nos usos dos aparelhos. A título de exemplo, as ilustrações abaixo, retiradas d'*A ginástica alemã*, mostram a execução de elementos corporais na barra fixa e que também eram comuns nos shows de acrobacias realizados nos trapézios das trupes circenses e funambulescas.

Figura 28 - Exercícios na barra fixa, *A ginástica alemã*, Ludwig Jahn, 1828



Fonte: JAHN, 1828, p. 1857.

Com relação aos exercícios no solo, sem o uso de aparelhos, Jahn chegou a sistematizar alguns de alongamento e preparatórios, mas as sessões no solo tinham pouca projeção no seu método, diferentemente do que ocorria com a ginástica sueca. Isso marcava uma grande diferença entre o método de Jahn e as ginásticas sueca³⁰⁰ e calistência, dado que essas últimas incentivam exercitações coletivas no solo com a utilização ou não de pequenos aparelhos, como bastões, cordas ou maças. Como essas sistematizações eram consideradas menos complexas e arriscadas, eram também os métodos apropriados às condições e necessidades das mulheres. Perto da ginástica alemã, a sueca parecia ser pouco esportiva, aliás, quando esse método foi incluído nas competições dos Jogos Olímpicos de Estocolmo em 1912, Coubertin o criticou dizendo que ele parecia ser eficiente apenas para as mulheres, crianças e enfermos (CIPC, 2015).

Hofmann (2000, 2015) constatou que as primeiras sociedades de ginástica alemã, voltadas exclusivamente às mulheres, foram fundadas em 1846 na cidade de Mannheim e, em 1848, em Frankfurt e Main, as três na Alemanha. Nos anos 1850 a prática passou a ser oferecida nas aulas de educação física para garotas, e, em 1880, a oferta foi expandida para as mulheres adultas (HOFMANN, 2000, p. 385). Já no caso estadunidense, o “boom” dos clubes de ginástica alemã ocorreu nos anos 1890 e depois foi decrescendo com as duas grandes Guerras e com as suspeitas e perseguições aos imigrantes alemães, ocasionadas pelas participações da Alemanha nos conflitos mundiais (HOFMANN, 2000, 2015).

As sessões de ginástica alemã para as mulheres, assim como ocorria com os outros métodos, recebiam críticas favoráveis e desfavoráveis. Eduard Müller, instrutor do *turner*, advogava a favor das mulheres e dizia que elas deveriam participar dos mesmos exercícios que eram oferecidos aos homens. Por causa dos seus posicionamentos, Müller era censurado e acusado de ser “negligente” e “irresponsável” (HOFMANN, 2000). Esse instrutor encorajava as sessões para as mulheres sob o argumento de que elas tinham o mesmo sistema circulatório, muscular, ósseo, digestório e nervoso que os homens, consequentemente, deveriam realizar os mesmos exercícios, salvo alguns, que para ele poderiam atentar contra os códigos morais e a decência feminina (HOFMANN, 2000).

³⁰⁰ É importante lembrar que Madame Bergman Osterberg tinha no método sueco o carro chefe da sua escola para instrutoras de educação física, sediada na Inglaterra no final do século XIX e início do século XX. Osterberg que se formara no método sueco, anunciava que sua escola atendia mulheres de boas famílias e que, por isso, sua formação era condizente com os valores morais da sociedade inglesa daquela época.

Todos esses fatos comprovam que as mulheres já estavam inseridas na prática da ginástica alemã, antes mesmo do final do século XIX, quando a patronagem olímpica incluiu a sistematização na programação dos Jogos Olímpicos e alegou, dentre outras coisas, que não havia mulheres atletas suficientes para que fossem incluídas no evento.

Contudo, ainda que já participassem, é preciso dizer que suas presenças nas sessões e nos cargos de direção dos clubes, ainda eram desiguais em relação aos homens. Situação que explica por que nos jogos de poder, os resultados nem sempre eram favoráveis às mulheres. Hofmann (2000) discorre que nas agremiações de ginástica, as mulheres, sobretudo as adultas, tendiam a ser as responsáveis pela decoração dos salões, confecção de bandeiras e faixas, preparação de alimentos e bebidas, e nem sempre tinham permissão para participar dos exercícios físicos e das demonstrações públicas, nos festivais organizados pelos seus clubes. Marie Keilhieber, imigrante alemã que morava nos Estados Unidos, foi uma das poucas mulheres a publicar, no século XIX, um artigo sobre o *Turner*, criticando:

Só digo que, se as damas nas festividades organizadas, como feiras, bailes, café klatschs, etc., são responsáveis pela decoração dos salões, pela organização das coleções e pelo fornecimento de uma boa refeição, isso tem uma certa utilidade, mas é apenas uma parte subordinada das suas atividades. O principal é e será a participação apropriada na solução da tarefa ideal do turnerismo, e essa é a educação de um gênero de corpo e mente sãos. (KEILHIEBER, 1853 apud HOFMANN, 2000, p. 388 – tradução livre).³⁰¹

É interessante dizer que o processo de esportivização da ginástica – a realização de festivais nacionais e internacionais, discussões sobre a dimensão competitiva, a fundação da Federação Internacional de Ginástica³⁰² –, se deu no compasso das lutas e conquistas das mulheres acentuadas por volta da década de 1850. E que, a partir desse período, elas vão acessando e adquirindo habilidades físicas e técnicas na ginástica de aparelhos, mediante as sessões nas sociedades ginásticas e as aulas da prática como componente curricular da educação física escolar. No limite, esse cenário de conquistas e resistências questiona os discursos de Coubertin e dos membros do COI, quando afirmavam que as mulheres não tinham condições físicas para competir na ginástica

³⁰¹ “I only say that if ladies at the organized festivities like fairs, balls, coffee klatschs, etc. are responsible for the decoration of the halls, organizing collections, providing a good meal, this has a certain usefulness, but is only a subordinate part of their activity. The main thing is and will be appropriate participation in the solution of the ideal task of turnerism, and this is the education of a gender of sound body and mind” (KEILHIEBER, 1853 apud HOFMANN, 2000, p. 388).

³⁰² A Federação Internacional de Ginástica foi fundada em 1881 na cidade de Liège, Bélgica.

artística, ou quando alegavam que a ausência das competidoras resultava da falta de um número expressivo de atletas que fossem suficientemente treinadas e competentes para os certames (CIPC, 2015).

4.3 De Atenas 1896 aos dias atuais: partes do processo de esportivização da ginástica artística

Em 25 de novembro de 1892, numa conferência em comemoração ao quinto ano da fundação da *Union des Sociétés Françaises des Sports Athlétiques* (USFSA), Coubertin expôs, pela primeira vez em público, seu projeto para dar continuidade às Olimpíadas e aos Jogos Olímpicos. Na sua fala, ele apresentou um enunciado interessante para se discutir os diferentes modos de esportivização – trajetórias e resultados –, e para pensarmos acerca dos longos processos civilizadores, pelos quais passaram alguns países europeus e que confluíam para a racionalização e a codificação de alguns elementos da cultura corporal de algumas sociedades, resultando em duas pedagogias corporais: as ginásticas e o esporte.

Extrato 91 - Le manifeste olympique, Coubertin, 1994[1892]

Les Exercices physiques ont dans le monde moderne trois capitales: Berlin, Stockholm et Londres – d'où sont sortis pour rayonner ensuite sur d'autres régions trois systèmes basés sur des idées bien connues du monde antique, incomplètement ou inconsciemment admises par le Moyen Age et la Renaissance et que trois mots résument: la guerre, l'hygiène, le sport. Je voudrais en préciser très rapidement les traits

Fonte: COUBERTIN, 1994[1892], p. 25.³⁰³

Esse enunciado ratifica as concepções de Elias (1992, 1993, 1994, 2001) acerca do processo civilizador que, segundo esse autor, se traduzia pela existência de diferentes ferramentas disciplinares que, mediante racionalismos distintos, tinham como objetivo comum o controle social, a incorporação das normas e a construção de um “homem universal” coerente com as necessidades dos Estados-Nação, que, por sua vez, se

³⁰³ “Os Exercícios físicos têm no mundo moderno três capitais: Berlim, Estocolmo e Londres – de onde saíram para se dispersar em outras regiões, três sistemas baseados em ideias conhecidas no mundo antigo, incompletamente ou inconscientemente admitidas na Idade Média e na Renascença e que três palavras os resumem: a guerra, a higiene, o esporte” (COUBERTIN, 1994/1892, p. 25 – tradução livre).

formavam e/ou se fortaleciam sob a iminência das condições de um modelo econômico pujante e que se propagava rapidamente, o sistema capitalista.

Assente em Elias (1992, 1993, 1994, 2001), parece possível argumentar também que o esporte e os métodos ginásticos foram duas faces da mesma moeda, dado que ambos, a partir de distintas ideologias atendiam às diferentes necessidades das sociedades onde apareceram e operaram. Isso dá a pensar que, tanto o esporte moderno como as ginásticas eram, concomitantemente, ferramentas e produtos de um mesmo processo que, segundo Dunning (2011), foi constituído por quatro componentes interrelacionados:

- (a) a elaboração e refino dos padrões sociais;
- (b) um crescimento da pressão social sobre as pessoas para que exercessem um autocontrole mais rigoroso e mais contínuo, e mais intenso sobre seus sentimentos e comportamentos;
- (c) uma mudança no equilíbrio da censura externa e da autocensura a favor da autocensura;
- (d) um crescimento nos níveis de personalidade e ‘habitus’ na importância da “consciência” e do “superego” como reguladores de comportamento. Isto quer dizer que os padrões sociais tornaram-se mais internalizados e passaram a ser operados não apenas conscientemente e com um elemento de escolha, mas também abaixo dos níveis de racionalidade e de controle consciente. (DUNNING, 2011, p. 15).

Elias (1992) dizia que o processo de esportivização apareceu na Europa mais ou menos ao final do século XVIII e seguiu até a primeira metade do século XX. Com o aparecimento de distintas formas de se pensar, organizar e objetivar os elementos das culturas corporais de países como Inglaterra, Alemanha, Suíça, França, Suécia, a esportivização geraria dois projetos para disciplinar, educar e moralizar os corpos e o indivíduo: o modelo esportivo inglês e os sistemas europeus de ginástica.

Acrescentando, Eugen Weber (1971) ao tomar as críticas de Karl Marx ao sistema capitalista, afirma que o esporte e a ginástica funcionaram como o “ópio de classes”. Pois ambos desempenharam importantes funções na organização e nos arranjos sociais de vários países, onde foram usados como ferramentas “apaziguadoras” e “socializadoras”, diante das misérias e da exploração dos/as trabalhadores/as pelo modelo de produção de mercadorias em massa. Para Eugen Weber,

Os ginastas alemães – *Turner* – estavam a redescobrir as qualidades heroicas da sua raça e a ajudar a criar sua ainda virtual nação. Na Inglaterra não havia derrotar a ser vingada, nação a ser forjada para o futuro, mas havia estudantes a domar e a civilizar. Seu desenvolvimento físico não apresentava grandes problemas, mas seu jogo brutal, às vezes, selvagem, tinha que ser disciplinado. Após a década de 1830,

isso foi feito recrutando o espírito elevado em jogos regulados, transformando caçadores furtivos em guardiões dos jogos³⁰⁴. (WEBER, 1971, p. 70 – tradução livre, grifos no original).³⁰⁵

À vista do que foi apresentado, a utilização do termo “esportivização” nas análises dos conflitos entre o modelo esportivo inglês e os métodos ginásticos será feita pensando da seguinte forma:

- 1) os conflitos e as resistências das diferentes culturas ginásticas, frente à inserção das competições de ginástica nos Jogos Olímpicos, não estavam relacionados à organização, codificação e sistematização dos métodos ginásticos, mas ao uso de alguns dos seus elementos para compor uma modalidade competitiva que se aproximava do modelo do esporte inglês;
- 2) os processos de esportivização nos quais foi submetida a ginástica alemã e, em alguma medida a ginástica sueca, e que culminariam com a “criação” do esporte chamado “ginástica artística”, revelam a complexa relação de poder entre a base cultural do esporte e a base cultural dos sistemas de ginástica. Esses processos expõem a orquestra formada pelas exigências internas (Estados e instituições nacionais) e as reivindicações externas (federações internacionais, Comitê Olímpico, comissões de organização e patronagens).

Amparado pelo desejo de escolher, inserir e manter as competições de ginástica nos Jogos Olímpicos, Coubertin chegou a apontar o que o incomodava em cada um dos três métodos de ginástica: a) censurava o demasiado apego do método de Jahn à formação de caráter militar e nacionalista; b) criticava com tom de menosprezo os princípios do método sueco, alegando que a prática serviria apenas para os fracos, crianças e velhos, sendo, dessa maneira, inútil para as competições de alto rendimento; c) condenava os métodos e os objetivos da ginástica francesa, que lhe pareciam voltados para a formação

³⁰⁴ Protetores ou guardiões dos jogos (gamekeepers) são as pessoas que praticam, codificam, guardam ou organizam a prática de um determinado jogo ou esporte, enfim, são todas as pessoas que de alguma maneira mantêm a existência e a funcionalidade de um jogo/esporte.

³⁰⁵ “German gymnasts – Turner – were to rediscover the heroic qualities of their race and help create their still virtual nation. In England there was no defeat to avenge, no nation to forge for the future, but there were schoolboys to tame and civilize. Their physical development presented no great problem, but their wild, sometimes brutal play had to be disciplined. After the 1830s this was done by enlisting high spirits in regulated games and by turning poachers into gamekeepers” (E. WEBER, 1971, p. 70).

de um “exército da salvação”, de pouca utilidade para os eventos competitivos (CIPC, 2015).

Em relação aos esportes, Coubertin alegava que alguns deles, as instituições que os regulavam e seus praticantes, como ocorria com a esgrima, o remo, o golfe, o futebol, o ciclismo, se sentiam “tão especiais” que se recusavam a participar e compartilhar um mesmo evento com outras modalidades. Um comportamento que, para ele, ia de encontro ao ideário de confraternização proposto no projeto de retomada das Olimpíadas. E. Weber (1971) acrescenta que até mesmo o termo “sport” gerava crítica, pois tinha significados distintos ao final do século XIX. Ao passo que algumas modalidades anunciavam que somente elas poderiam ser chamadas de “esporte”, outras se recusavam a usá-lo, pois diziam ter suas próprias histórias, características, princípios e culturas, como foi o caso dos conflitos empreendidos pelas sociedades de ginástica.

Quando Coubertin apresentou seu projeto e os representantes de diferentes instituições esportivas, aristocratas e intelectuais responderam positivamente, parece que eles não tinham a total dimensão do imbróglio que deveriam resolver para alocar inúmeras modalidades, distintas culturas e valores morais, e diferentes nacionalidades num mesmo evento de dimensões internacionais. Com efeito, isso reforça a ideia de que a configuração do esporte contemporâneo foi resultado de uma complexa teia de interdependência e jogos de poder. Jogos que foram extremamente diversificados, complexos, instáveis, mas altamente profícuos que, por questão pragmáticas, impeliu a analisar apenas alguns dos conflitos e resistências no processo esportivização da ginástica artística e como algumas das negociações impactaram e definiram as formas como as mulheres participariam da modalidade.

Como discuti anteriormente, a noção de cultura que os alemães tinham no século XIX, conforme Elias, dava “[...] ênfase especial a diferenças nacionais e identidade particular de grupos” (ELIAS, 1995, p. 25), e isso parece oferecer condições para deduzir que:

- a) Os significados que os ingleses e franceses davam à “cultura”, somado ao *ethos* colonizador (invasores) dessas sociedades, impulsionaram essas nações a espalhar e tentar implantar em outros países e continentes ferramentas que garantissem seu domínio colonial (QUIJANO, 2005), dentre elas o esporte e a ginástica;
- b) Não parece por acaso que um francês, tocado pelo apelo da Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão, se sentisse tentando em dar continuidade

às Olimpíadas, não mais como uma competição local, como já ocorria em outros países³⁰⁶, mas como um acontecimento internacional, poliesportivo, quadrienal e itinerante;

- c) Pela concepção de esportivização elisiana, os sistemas de ginástica e o esporte inglês foram dois produtos do processo civilizatório, mas é possível pensar que as ginásticas passaram por dois momentos de esportivização: o primeiro, que resultaria na criação das ginásticas alemã, sueca e francesa; e o segundo, quando partes desses métodos foram reconfiguradas para atender à dimensão esportiva e competitiva dos eventos que emergiam no cenário europeu, resultando na ginástica esportiva (ginástica artística e as outras modalidades que surgiram depois).

Ao final do século XIX, do mesmo modo que o esporte inglês, os métodos de ginástica eram ferramentas colonizadoras estabelecidas e operantes em outros países e continentes. Ambos vieram na bagagem e nos corpos dos que buscaram exercer o controle, impor a autoridade e a supremacia de suas culturas frente aos povos colonizados. Na Alemanha, a ginástica de Jahn, mesmo após perseguições políticas, foi até a metade do século XX a pedagogia corporal de maior alcance e participação popular, ofertada nos *Turnvereines* (clubes de ginástica) e em aulas de educação física escolar.

De modo geral, todos os métodos ginásticos se organizavam a partir de um conjunto de práticas corporais imbuídas de valores morais e comportamentais, com finalidades coletivas, não competitivas e de cunho utilitário (saúde, correção da postura corporal, patriotismo, cidadania, educação). Em vista disso, a inclusão da ginástica de aparelhos, a partir da ginástica alemã, no programa dos primeiros Jogos Olímpicos foi encarada pelas sociedades ginásticas em 1896, como uma afronta, uma ousadia descabida. E, pelo resultado, os “guardiões da ginástica” pareciam ter razões para se sentirem ultrajados (PAPIN, 2007), afinal, a ginástica esportiva ganhou poder e perdurou, enquanto as outras ginásticas foram dissolvidas em práticas como “ginástica de academia”, “ginástica funcional”, “ginástica localizada”, “ginástica ginecológica”, etc.

Guttmann (2004) sugere que, apesar dos discursos misóginos, racistas, classistas e colonizadores, Coubertin não era um “senhor antiquário”. Por isso, diz o autor, Coubertin incluiu as competições de ginástica no programa olímpico, mesmo que essa prática não tivesse feito parte dos antigos Jogos Olímpicos. Leitor atento, mas seletivo,

³⁰⁶ Sobre a existência de outros “jogos olímpicos” no século XIX, vide capítulo 2.

dos acontecimentos do seu tempo, Coubertin sabia que um evento da magnitude dos Jogos Olímpicos só teria sucesso se englobasse as duas pedagogias corporais de maior abrangência e poder na Europa – o esporte e a ginástica. No limite, a inclusão da ginástica no programa olímpico e sua consequente esportivização, mais do que uma atitude “inovadora”, fizeram parte de um projeto que sustentaria a importância e o domínio das Olimpíadas, sobre o universo competitivo internacional no qual as fronteiras ainda estavam em fase de definição no final do século XIX.

No caso da ginástica de aparelhos, Coubertin definiu e impôs junto ao Congresso de Sorbonne, realizado em 1894, o programa da modalidade para os Jogos de Atenas 1896. Para aumentar o apelo competitivo e estabelecer uma identidade própria à modalidade, a patronagem olímpica começou a exigir que algumas práticas corporais fossem excluídas dos eventos de ginástica, pois, sendo o COI, elas pertenceriam ao domínio de outros esportes. Por exemplo, corridas, lançamentos, arremessos, saltos em distância, altura ou com vara, deveriam ser de responsabilidade do atletismo; os exercícios de luta, levantamento de peso, esgrima e mesmo as práticas de natação, que Jahn prescrevia nas suas sessões, deveriam ser monopolizadas pelos seus próprios esportes. Além exclusões, a ginástica competitiva deveria promover a centralidade do uso dos seus grandes aparelhos (cavalo de madeira, argolas, barra fixa, barras paralelas) e as apresentações coletivas deveriam ser restringidas, tudo em nome da valorização do atleta individual masculino, como enunciava o modelo ideal do campeão olímpico, enaltecido por Coubertin (BARRULL, 1984; PÚBLIO, 1998; PAPIN, 2007; CIPC, 2015).

No tocante ao uso compulsório dos aparelhos, sobretudo dentro das primeiras competições, ressaltou dois pontos importantes:

1. Coubertin e a patronagem receberam várias críticas, censurando desde a arbitrariedade da escolha dos aparelhos às exigências em relação ao formato do evento de ginástica. Esses ataques partiam de domínios discursivos distintos – mídia, meio acadêmico-científico, intelectuais e de algumas federações esportivas –, que denunciavam a artificialidade dos Jogos Olímpicos (eventos, instalações, equipamentos, regulamentos próprios), a exclusão de grupos sociais (atletas profissionais, mulheres, trabalhadores) e os dispêndios financeiros no deslocamento e daqueles países que sediariam o evento;
2. Coubertin e o COI não negaram que os Jogos Olímpicos eram espetáculos, muito menos refutaram a artificialidade das competições esportivas. Ao contrário, eles

empreenderam campanhas publicitárias com a finalidade de espalhar a ideia de que o formato poliesportivo e internacional do evento traduzia o ideal liberal, os avanços, os progressos e o desejo das nações de se reunirem, comparar, revelar e exaltar as qualidades dos seus povos (CIPC, 2015).

Além desses problemas, as características associativistas, coletivistas e populistas dos métodos ginásticos incomodavam o COI, pois existia o receio que as competições olímpicas fossem utilizadas como palco de disputas ideológicas entre as distintas sociedades ginásticas e seus códigos de valores. Nos preparativos para os Jogos Olímpicos de Paris de 1900, Coubertin chegou a sugerir que as agremiações de ginástica não fossem convidadas.

Extrato 92 - The meeting of the olympian games, 1900

Gymnastics are only open to foreign gymnasts as individuals. Gymnastic societies will not be invited to compete in groups, but only to send their best gymnasts to take part in the international championship, which will be individual. Several gymnastic festivals reserved for French societies only will take place during the course of the Exposition. This is a prudent decision; in adhering to it, no attempt has been made to exclude certain nations whilst admitting others, but the aim has been to avoid trouble and dispute. Gymnastic societies, to whatever country they belong, always behave in a more or less martial fashion; they march in military order, preceded by their national flag. After the troubled circumstances of late years, it would be a delicate affair to unite the flags of recent opponents upon the field of contest.

Fonte: COUBERTIN, 1900, p. 805.³⁰⁷

Coubertin (1900) justificava que todas as mudanças impostas eram necessárias para conferir um caráter esportivo, competitivo, libertário e jovial ao evento da ginástica. Para ele, naquele início de século, “[...] todos os tipos de esportes [eram] mais e mais praticados, indicando claramente que nenhum sistema de ginástica, por mais completo e

³⁰⁷ “A ginástica está aberta apenas para ginastas estrangeiros como indivíduos. As sociedades de ginástica não serão convidadas em grupos, mas apenas para enviar seus melhores ginastas para participar do campeonato internacional, que será individual. Vários festivais de ginástica reservados às sociedades francesas ocorrerão apenas durante o curso da Exposição [Universal de Paris]. Esta é uma decisão prudente; ao aderir a ela, nenhuma tentativa foi feita para excluir certas nações admitindo outras, mas o objetivo foi evitar problemas e disputas. As sociedades de ginástica, em qualquer país a que pertencem, sempre se comportam de maneira mais ou menos marcial; eles marcham em ordem militar, precedida por sua bandeira nacional. Após as circunstâncias conturbadas dos últimos anos, seria um assunto delicado unir as bandeiras dos recentes oponentes no campo de disputa” (COUBERTIN, 1900, p. 805 – tradução livre, grifos nossos).

científico que seja, pode[ria] suprir seus espaços de ação beneficente” (COUBERTIN, 1900, p. 811 – tradução livre).³⁰⁸

Bruno Papin (2007) relata que a reconfiguração da ginástica para torná-la suficientemente esportiva, competitiva e atraente ao projeto olímpico, se caracterizou pela aproximação forçada entre duas perspectivas corporais quase que antagônicas e com valores morais muito particulares. Sobre isso, o autor considera:

A originalidade da posição da ginástica artística e esportiva, modalidade esportiva constituída, dentro do processo de emergência das práticas esportivas se apoia na associação de dois conceitos a priori opostos. A ginástica de uma parte, educação física pela prática de exercícios diversos e variados, realizados com ou sem aparelhos cujo objetivo é a formação completa do indivíduo, e o esporte de outra parte, atividade física regulada sob o modelo da competição individual, cujo domínio é a busca da proeza, sem outros fins que a prática por ela mesma e o prazer que oferece. É à luz dessa contradição que é preciso analisar as condições de emergência das primeiras competições de ginástica em Atenas em 1896. Introduzindo a ginástica nos Jogos Olímpicos, mediante uma seleção de exercícios suscetíveis de responder à definição esportiva de excelência corporal, Pierre de Coubertin transgride as normas de uma prática na qual a força do coletivo é primordial. (PAPIN, 2007, p. 25-26 – tradução livre).³⁰⁹

Até o final do século XIX, a ginástica era concebida como um tipo de educação física e moral que visava a formação de “homem completo”, “universal”, e nesse projeto, as mulheres ocupariam o papel de prover a geração e o nascimento desse homem. Por isso, os métodos prescreviam exercícios diversificados (no solo, nos aparelhos, saltos variados, corridas, lançamentos, esgrima, luta, levantamento de peso, trabalho com halteres, natação, jogos sociais), sob regimes morais e culturais restritos. Para aqueles que advogavam a favor das ginásticas, os esportes eram atividades especializadas, cuja prática não demandava anos de treinos e que valorizava em demasia o trabalho unilateral

³⁰⁸ “[...] all kind of sports are more and more practiced, indicates clearly that no system of gymnastic, however complete and scientific it may be, can supply the place of their beneficente action” (COUBERTIN, 1900, p. 811).

³⁰⁹ “L’originalité de la position de la gymnastique artistique et sportive, spécialité sportive constituée, dans le processus d’émergence des pratiques sportives tient dans l’association de deux concepts à priori opposés, la gymnastique d’une part, éducation physique par la pratique d’exercices divers et variés réalisés avec ou sans agrès dont le but est la formation complète de l’individu, et le sport d’autre part, activité physique réglée sur le modèle de la compétition individuelle, dont la dominante est la recherche de la prouesse, sans autres fins que la pratique pour elle-même et le plaisir qu’elle procure. C’est à la lumière de cette contradiction qu’il faut analyser les conditions d’émergence des premières compétitions de gymnastique à Athènes en 1896. En introduisant la gymnastique aux Jeux Olympiques sur la base d’une sélection d’exercices susceptibles de répondre à la définition sportive de l’excellence corporelle, Pierre de Coubertin transgresse les normes d’une pratique pour laquelle la force du collectif est première ” (PAPIN, 2007, p. 25-26).

(PAPIN, 2007). Como consequência, o esporte competitivo desenvolveria indivíduos com corpos desproporcionais, sem utilidade para as tarefas citadinas e moralmente duvidosos aos olhos dos promotores da ginástica (PAPIN, 2007).

Para as agremiações, particularmente aquelas que ministravam a ginástica alemã, quando a patronagem olímpica demandou a exclusão das provas de atletismo e sugeriu que fossem utilizados apenas alguns dos aparelhos, isso não só parecia descaracterizar a modalidade, como desvirtuava as suas finalidades universalizantes (PAPIN, 2007).

Os conflitos entre o modelo esportivo inglês e os métodos ginásticos, eram também conflitos de classe. De acordo com C. L. Soares (2007), Papin (2007), Hofmann (2000), enquanto os sistemas ginásticos eram coletivos e estavam vinculados às necessidades da população, tendo forte vínculos com associações de operários e trabalhadores, o modelo esportivo inglês havia se desenvolvido no ambiente aristocrático e burguês das *public schools*, não prevendo, inicialmente, a participação das classes sociais mais baixas e nem das mulheres, bem ao contrário.

Vigarello (2008) diz que os egressos das *public schools* tendiam a criar e se reunir em clubes privados, nos quais o esporte perdia sua função “educacional” e passava a ser tratado mais como uma prática voltada ao prazer, um deleite acessível apenas aos afortunados. Como essas confrarias de homens burgueses defendiam um caráter “amador” ao esporte, elas consequentemente escolhiam seus associados mediante avaliações sobre seus capitais econômicos, sociais e culturais. Ser um membro significava ter condições financeiras para comprar equipamentos, vestuários, pagar taxas de filiação e ter tempo livre para engajar nas disputas, sem almejar recompensa financeira. Em seu início, o “esporte amador” impôs fronteiras de classe social e de gênero, nele participava quem devia e quem podia arcar com as despesas. Se de um lado as mulheres das classes mais baixas eram interditadas pelo gênero e por suas condições econômicas insuficientes, as mulheres burguesas eram impedidas por restrições morais e culturais, afinal, não era de “bom tom” que elas se associassem a confrarias masculinas e praticassem esportes competitivos.

Essas agremiações com homens e que serviam como palco das masculinidades e virilidades eram tão importantes no jogo de poder que, não por acaso, alguns aristocratas, padrões e patrocinadores das competições internacionais, dentre eles Coubertin (CIPC, 2015), pelejaram para manter o princípio do amadorismo e regular a participação das mulheres nos eventos esportivos.

Sobre essa relação de classe, entre o esporte e a ginástica, Barrull (1984) dizia:

Mas a ginástica e o esporte também são o reflexo ideológico de duas classes sociais: a primeira é a do trabalhador, do empregado, da pequena burguesia, a classe à qual inculcamos por séculos que devemos respeitar os reais valores que levam à submissão: é a classe dominada; o segundo é a aristocracia e a grande burguesia, a nobreza do Antigo Regime associada aos novos ricos da civilização industrial nascente: é a classe dominante. (BARRULL, 1984, p. 191 – tradução livre).³¹⁰

Todo esse complexo jogo de poder, discursos e práticas, conflitos, resistências, adaptações e submissões fizeram parte das relações entre o modelo esportivista e o modelo ginástico até meados dos anos 1930. Gabriel Maucurier, ex-ginasta francês, inspetor de educação física em Paris e um dos dirigentes da *Union des Sociétés de Gymnastique de France*, criticava as mudanças drásticas que havia passado a ginástica:

Infelizmente, o renascimento dos ‘Jogos Olímpicos’ tem a tendência de levar a ginástica a um estágio inferior, tendo as provas de atletismo desaparecido do programa ginástico. Os ginastas, campeões olímpicos de força, apontarão novamente para o desequilíbrio de desenvolvimento que vimos anteriormente. (MARCURIER, 1937?, p. 5).³¹¹

Apesar de tantas resistências, a ginástica artística se tornou uma modalidade competitiva e olímpica, assim como ocorreria com o atletismo, o remo, o tênis e outros esportes. Desde 1896, a modalidade tem feito parte da programação de todos os Jogos Olímpicos. No processo de “adequação”, a ginástica artística, que também já foi chamada de olímpica³¹², foi obrigada a renunciar a algumas das suas práticas corporais, alterou a conformação e o uso dos seus aparelhos, redefiniu sua identidade, elencou e classificou as funções dos movimentos corporais, impôs códigos de valor (valorativos e qualificativos), criou regras e regulamentos, operou divisões e segregações, instituiu torneios e campeonatos com diferentes demandas técnicas (torneios regionais, nacionais, internacionais, olímpicos), incluiu inúmeros avanços tecnológicos (novos materiais,

³¹⁰ “Mais gymnastique et sport sont aussi le reflet idéologique de deux classes sociales: la première c’est celle de l’ouvrier, de l’employé, du petit bourgeois, la classe à laquelle on inculque depuis des siècles qu’il faut respecter les vrais valeurs qui conduisent à la soumission : c’est la classe dominée ; la seconde c’est l’aristocratie et la grande bourgeoisie, la noblesse de l’Ancien Régime associées aux nouveaux riches de la civilisation industrielle naissante : c’est la classe dominante” (BARRULL, 1984, p. 191).

³¹¹ “La renaissance des ‘Jeux Olympiques’ a malheureusement tendance à ramener la gymnastique à un stade inférieur, les épreuves athlétiques ayant disparu du programme gymnique. Les champions gymnastes de force olympique accuseront, de nouveau, le déséquilibre de développement que l’on constatait antérieurement” (MARCURIER, 1937?, p. 5).

³¹² No Brasil, se convencionou chamar “ginástica olímpica”, mas a terminologia utilizada pela Federação Internacional de Ginástica é “ginástica artística”. Desde o final dos anos 1970, existe um movimento no Brasil para mudar o nome da modalidade, dado que outras ginásticas também fazem parte dos eventos olímpicos e, portanto, são olímpicas.

novas modelos de aparelhos, novos equipamentos de segurança), acenou positivamente e se conformou para atender às demandas das transmissões televisivas, patrocinou e realizou capacitações para a troca de saberes, adestrou e especializou o olhar das bancas de arbitragem, enalteceu a performance extraordinária de algumas/alguns atletas, criou e conferiu códigos de feminilidades e masculinidades aos movimentos corporais, instituiu a divisão sexual dos equipamentos, determinou morfologias aos corpos marcados pelo sexo/gênero, incentivou que os códigos e as expressões de feminilidades e masculinidades fossem exibidas e reforçadas durante as rotinas.

4.4 Operações sobre aparelhos, eventos, regras, códigos de pontuação e concepções de feminilidade e masculinidade na ginástica artística

Quando o Estádio Panatenaico abriu as portas para os Jogos de Atenas em 1896, a ginástica artística não existia como esporte, o que sugere que várias questões levantadas naquele momento serviriam como guia a subsequente esportivização da modalidade.

- a) Qual dos métodos ou quais partes deles deveriam servir de base para a esportivização da prática?
- b) Quais práticas corporais deveriam ser mantidas e quais deveriam ser excluídas?
- c) Quais aparelhos (grandes, pequenos, dos dois tipos ou nenhum deles) deveriam ser utilizados?
- d) As séries deveriam ser individuais ou coletivas, como já ocorria nos grandes festivais de ginástica?
- e) Quais estéticas do movimento corporal deveriam prevalecer? Movimentos retos, diretos, cadenciados, ritmados ou movimentos com impulsos, conectados, “arredondados”, constantes e harmoniosos?
- f) O que julgar, como avaliar e qual valor atribuir aos exercícios?
- g) Quem deveria arbitrar e sobre qual conjunto de regras e valores?

Entre os dias 09 e 11 de abril de 1896, as competições de ginástica foram realizadas no gramado do Estádio Panatenaicos, com a participação de oito países (Dinamarca, França, Alemanha, Grécia, Reino Unido, Hungria, Suécia e Suíça) (MALLON & WIDLUND, 2009, p. 91-92). Os ginastas alemães foram os grandes vitoriosos, embora estivessem sem representatividade oficial, dado que a instituição que

comandava a ginástica na Alemanha – a *Deutsche Turnerschaft* –, não havia consentido com a participação no evento³¹³.

Apesar da presença de oito equipes, os alemães lograram sucesso em quase todos os aparelhos, sendo seguidos pelos ginastas gregos que também obtiveram algumas vitórias. Como não havia ainda um quadro de arbitragem especializado, as séries foram avaliadas por instrutores de ginástica, professores de educação física e pelo próprio príncipe grego Georges, que ocupava também o quadro de arbitragem das outras modalidades (MALLON & WIDLUND, 2009). Na ausência de um código de regras e pontuação, “Os árbitros avaliavam a performance em relação a: 1) controle corporal e força e 2) agilidade e mobilidade. A média dos dois componentes davam a nota final” (MALLON & WIDLUND, 2009, p. 91 – tradução livre).³¹⁴

Até os Jogos Olímpicos de Paris 1924, as competições da ginástica artística foram organizadas pelo COI, em conjunto com as comissões organizadoras das cidades sedes. O que significa que os eventos que a FIG começou a organizar, a partir de 1903, como o primeiro Torneio Internacional de Ginástica Masculina, realizado em Antuérpia, Bélgica, tinham formatos distintos dos que eram propostos na programação dos Jogos Olímpicos. Foi também, a partir de 1924, que a “ginástica europeia” – termo que se referia ao resultado da esportivização da ginástica alemã – se tornou o único método aceito nas competições de organizadas pelo COI e pela FIG, o que colocou um ponto final nos pedidos da Federação Sueca de Ginástica, cujo desejo era que os dois métodos (alemão e sueco) fossem mantidos nas competições olímpicas. Para Barrull (1984), os Jogos de Paris marcaram o início de um novo período para a ginástica artística, pois duas tendências apareceram nesse período. A primeira, através da valorização cada vez maior dos grandes aparelhos, e a segunda, pela participação das mulheres em eventos de demonstração que, posteriormente, seriam oficializados nos Jogos Olímpicos de Amsterdã em 1928.

Sedimentada em valores patriarcais e misóginos, com concepções ainda baseadas na formação de um corpo forte, completo, útil e masculino, a FIG demorou seis anos a

³¹³ Segundo relatos de Coubertin (CIPC, 2015), a Alemanha se recusou a participar dos Jogos Olímpicos de 1896 porque, conforme os dirigentes esportivos do país, eles não teriam sido convidados a participar do Congresso de Sourbonne 1894. Além disso, pode-se acrescentar as pressões contrárias a esportivização da ginástica alemã e ainda a animosidade histórica entre a França e a Alemanha.

³¹⁴ ““The judges were to evaluate the performance as to: 1) body control and power, and 2) agility and mobility. The average of the two components gave the final points” (MALLON & WIDLUND, 2009, p. 91).

mais que o COI para organizar o primeiro campeonato mundial de ginástica com mulheres. De início, a instituição se mostrou muito reticente com a presença das mulheres nos eventos, especialmente quando elas começaram a exigir o direito de competir e não apenas “apresentar” ou “demonstrar” as séries de exercícios (BARRULL, 1984). Foi somente em 1934, dois anos antes dos Jogos de Berlim em 1936, que a FIG organizou, junto à décima edição do campeonato mundial de ginástica com homens, o primeiro campeonato mundial de ginástica com mulheres, realizado em Budapeste (BARRULL, 1984).

Com relação ao formato das competições da ginástica artística, as pressões do COI a retirada das provas de corrida e salto – de domínio do atletismo –, se confirmaram em Berlim 1936, quando, pela primeira vez, uma competição de ginástica foi realizada apenas com o uso de aparelhos, mãos livres e pequenos equipamentos (maças, arcos). Todavia, como a FIG ainda se mantinha apegada às tradições, foi somente a partir de 1954, com o Campeonato do Mundo de Ginástica de Roma, que as provas de atletismo foram definitivamente excluídas das competições de ginástica (BARRULL, 1984; PAPIN, 2007). Por isso e por causa de alguns outros fatores, Barrull (1984) considera que a década de 1950 marcou o fim do “período intermediário da ginástica”:

Durante esse período, passamos da ginástica ainda muito militar, resquícios do século XIX, à ginástica esportiva, ainda mais qualificada como artística em 1950. Durante esses trinta anos [começando com a guarda da FIG de todas as competições internacionais em 1924], a disciplina se tornou mais precisa do ponto de vista de seus regulamentos e do seu programa, para chegar em 1952 a algo quase final (BARRULL, 1984, p. 428 – tradução livre).³¹⁵

Barrull (1984) dizia que a ginástica artística estava por chegar ao seu formato definitivo, contemporâneo. Isso queria dizer que algumas provas, alguns aparelhos, alguns “modos de uso dos aparelhos” e alguns eventos nas competições com mulheres seriam mais tarde descartados e/ou adaptados. Ao passo que os aparelhos das competições para os homens (barra fixa, barras paralelas, argolas, cavalo com alça, salto sobre o cavalo, solo) já haviam chegado à configuração atual, nos Jogos Olímpicos de 1932, os aparelhos para as mulheres demorariam mais tempo para serem “adaptados”. O formato atual (barras assimétricas, trave de equilíbrio, salto sobre o cavalo e solo), só foi definido

³¹⁵ “Pendant celle-ci nous sommes passés d’une gymnastique encore très militaire, survivance du 19^e siècle, a une gymnastique sportive, encore qualifiée plus souvent d’artistique en 1950. Durant cette trentaine d’années, la discipline s’est précisée du point de vue de son règlement et de son programme pour en arriver en 1952 à quelque chose de quasiment définitif” (BARRULL, 1984, p. 428).

nos Jogos Olímpicos de Helsinque em 1952 (BARRULL, 1984, p. 659), ou seja, duas décadas após a composição definitiva para os homens.

Outro evento que desapareceu tardiamente, em relação à ginástica artística com homens, foram as séries de conjunto nas competições com mulheres. À medida que as séries de conjunto foram perdendo seu apelo na década de 1930 e foram extintas das competições com homens em 1936³¹⁶, elas foram mantidas para as mulheres até os Jogos Olímpicos de Melbourne em 1956, quando as ginastas apresentaram, pela última vez, rotinas com acompanhamento musical e o manejo de aparelhos portáteis, além de séries individuais, sem acompanhamento musical (BARRULL, 1984, p. 428; PAPIN, 2007, p. 35).

No que se refere às séries com homens, até Paris 1924, além da técnica, harmonia, precisão e sincronismo, a arbitragem avaliava e valorava a importância e conveniência dos exercícios para a fisiologia e anatomia dos ginastas, e, de outro modo, não creditava pontos às acrobacias, consideradas danosas ao corpo masculino (BARRULL, 1984). No limite, os critérios de arbitragem para os homens, inicialmente se ancoravam numa perspectiva médico-higiênica que, por muito tempo, marcaria o discurso e os critérios de avaliação da ginástica artística com mulheres.

Aos poucos, possivelmente influenciada pela entrada das mulheres no cenário competitivo olímpico em 1928³¹⁷, a ginástica artística foi se tornando uma modalidade bicategorizada em relação ao sexo. A partir dos Jogos Olímpicos de Los Angeles 1932, nos quais não ocorreu competições de ginástica com mulheres,³¹⁸ as séries no solo para os homens se tornaram exercícios individuais, as acrobacias foram aceitas e valoradas, e o viés espetacular e performático passou a caracterizar a ginástica artística para os homens.

Pelos critérios de arbitragem, implantados nos Jogos Olímpicos de Londres 1948, nota-se que as dimensões coletiva, fisiológica e anatômica tinham grande influência sobre

³¹⁶ Nos Jogos Olímpicos de Berlim 1936, as séries de conjunto para os homens serviam como preparatório, não contando como um evento avaliativo. Durante as primeiras décadas de 1930, quando a ginástica vai se configurando cada vez mais no domínio esportivo, os conjuntos masculinos vão perdendo força nas competições (BARRULL, 1984; PAPIN, 2007, p. 34).

³¹⁷ As imagens das competições dos Jogos de Amsterdam 1928 mostram as mulheres executando as séries em conjunto a partir do método sueco, caracterizada pelos exercícios coletivos e por um dos seus movimentos clássicos: a extensão do quadril, coluna e ombros, como se fosse um preparatório para a “ponte”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LJHcn3PUGzA>. Acesso em: 28 abril 2020;

³¹⁸ Segundo Barrull (1984), não se sabe o porquê da ausência das competições femininas de ginástica nos Jogos de 1932, talvez, sugere o autor, pela distância da sede, Los Angeles, longe do epicentro da ginástica, e por ter sido os segundos Jogos nos quais as mulheres participariam como competidoras, as federações nacionais dos países europeus, americanos e asiáticos, não fizeram muito esforço para levar as equipes femininas de ginástica.

o julgamento dos conjuntos com mulheres. Distintamente, a arbitragem do solo para os homens, composto apenas por séries individuais, se baseava em critérios como individualidade, originalidade e determinação. Sobre o regulamento de 1948, Barrull (1984) apresenta algumas informações:

[Exercícios no solo com mulheres]: Dificuldade do exercício e valor fisiológico: 15 pontos (os exercícios como a ponte ou os afastamentos de perna [grand écart], sendo indesejáveis, diminuía a nota pelo valor fisiológico e não somavam nada a dificuldade da composição) [...] Beleza e combinação: 15 pontos (BARRULL, 1984, p. 122 – tradução livre).³¹⁹

[Exercícios no solo com homens]: Exercícios a mãos livres (solo): movimentos e saltos artísticos, com vivacidade, atitudes, equilíbrios, deslocamentos, expressões dos sentimentos, elegância, individualidade e originalidade. (BARRULL, 1984, p. 423 – tradução livre).³²⁰

Joan Scott (2005), ao tratar a problemática da igualdade de gênero, a partir de binarismos como: grupo *versus* indivíduo, diferença *versus* homogeneidade, argumenta que existia uma regularidade discursiva no século XIX, que tendia a sublinhar o pertencimento dos homens à categoria de indivíduos, ao passo que as mulheres eram consideradas como seres dotados de características em comum, naturais ao sexo, sendo, desse modo, pensadas como um coletivo, um grupo relativamente homogêneo.

Os homens eram indivíduos porque eram capazes de transcender o sexo; as mulheres não poderiam deixar de ser mulheres e, assim, nunca poderiam alcançar o status de indivíduo. [...] a igualdade pertence a indivíduos e a exclusão a grupos; era pelo fato de pertencer a uma categoria de pessoas com características específicas que as mulheres não eram consideradas iguais aos homens. (SCOTT, 2005, p. 16).

Foi somente após a inserção das séries de solo individuais, em Helsinque 1952, que as campeãs nesse aparelho começaram a ser representadas imgeticamente como indivíduos. Até esse acontecimento, as campeãs eram descritas e nomeadas coletivamente, seus nomes e suas individualidades se perdiam nas imagens e nos

³¹⁹ “Difficulté de l’exercice et valeur physiologique : 15 points (les exercices comme le pont ou le grand écart étant indésirables diminuant la note pour la valeur physiologique et n’ajoutent rien à la difficulté de la composition). [...] Beauté et combinaison : 15 points”(BARRULL, 1984, p. 122).

³²⁰ “Exercice à main libres (sol): mouvements et sauts artistiques, avec de la vie, des attitudes, des équilibres, des déplacements, des expressions, du sentiment, de l’élégance, de l’individualité et de l’originalité” (BARRULL, 1984, p. 423).

enunciados que exaltavam as “equipes”, os “times” de cada país. Uma prática distinta do que ocorria com as competições com homens, nas quais os atletas eram sujeitos “individuais” e “masculinos”, semelhante ao desejo que Coubertin fazia questão de reforçar (CIPC, 2015): enaltecer o atleta masculino e individual. No limite, talvez seja possível pensar que as mulheres, após conquistarem o direito de competir por meio de lutas coletivas, tiveram que batalhar também pelo o estatuto de serem representadas como indivíduo. No quadro da problemática da igualdade de gênero, Scott (2005) atesta que “[...] a igualdade pertence a indivíduos e a exclusão a grupos” (p.17).

O aparelho solo foi um dos últimos ser incluído na configuração atual da ginástica artística. Até os anos de 1930, as rotinas individuais com acrobacias eram consideradas tão danosas para o corpo masculino quanto para o corpo feminino. Embora liberadas para os homens, em 1932, as restrições às acrobacias para as séries com mulheres duraram 18 anos. Foi somente a partir do Campeonato do Mundo de Ginástica de Bale, em 1950, que as ginastas começaram a competir no solo em séries individuais, o que possibilitou que as acrobacias comessem a ser gradualmente inseridas nas séries (BARRULL, 1984).

Outra tecnologia de gênero na ginástica artística que se concretizou de maneira e tempo distinto para homens e mulheres, foi o código de regras e pontuações. Desde as primeiras competições em 1896, já havia pedidos para que fosse construído e implantando um compêndio de regras e pontuações comum e este funcionasse para normalizar e normatizar a ação das bancas de arbitragem. O primeiro código de regras e pontuações, implantado em 1949, foi exclusivamente voltado para a ginástica artística com homens. Já o primeiro código específico para as mulheres só foi implantado em 1958, após nove anos, e depois de três atualizações do código para os homens (BARRULL, 1984; PAPIN, 2007). Alguns consideram essa ferramenta normatizadora afirmou o caráter esportivo e internacional da ginástica artística, e eu acrescentaria que ela ajudou a determinar também o caráter binário da modalidade.

[...] com essa ferramenta de avaliação objetiva, a ginástica é dotada de uma norma de referência compartilhada, permitindo designar o campeão dessa disciplina que se tornava esportiva e de construir uma hierarquia explícita, indiscutível. (PAPIN, 2007, p. 35. Tradução livre).³²¹

³²¹ “Ainsi, avec cet outil d’évaluation objectif, la gymnastique est dotée d’une norme de référence partagée permettant de désigner le champion dans cette discipline devenue sportive, et de construire une hiérarchie explicite, indiscutable” (PAPIN, 2007, p. 35).

Ao passo que, na 15ª Sessão do COI, realizada em Estocolmo 1912, a ginástica artística com homens foi considerada uma disciplina “indispensável” para ideais do projeto olímpico (IOC, 2015b). Após o Campeonato do Mundo de Moscou 1958, quando houve a inserção do acompanhamento musical, a implantação de um código próprio e por causa dos avanços técnicos e das excelentes performances, seriam as mulheres como categoria de atletas que se tornariam indispensáveis para o sucesso da ginástica artística. Porém, esse sucesso foi relativo, dado que sempre foi estrategicamente controlado.

Desde as primeiras participações das mulheres, até os dias atuais, três conjunturas discursivas se mantiveram ativas: a primeira, formada por discursos sobre os riscos e as inconveniências da modalidade para seus corpos “frágeis”, o que resultava em pedidos para a interdição das competições com mulheres; a segunda, instituída por discursos sobre as diferenças sexuais, condicionava a participação das mulheres mediante a criação e a manutenção de divisões e segregações, implantadas através da generificação dos aparelhos, movimentos e dos códigos de regras; a terceira, assentada em discursos de incentivo e controle, previa que as mulheres deveriam competir na ginástica artística, mas que, contudo, seus corpos, suas performances e expressões respeitassem os códigos de feminilidade e o ordenamento de gênero (“fazer e expressar aquilo que é próprio ao sexo”).

4.4.1 Divisão sexual e generificação dos aparelhos, seus modos de uso, códigos de regras e pontuações

Se porventura, Scott (2005) tivesse analisado a questão da igualdade e da desigualdade entre os sexos no esporte, certamente, teria questionado: quais diferenças entre homens e mulheres importam e por que elas importam? Em seu argumento, a autora poderia sugerir que a igualdade entre homens e mulheres é “[..] um princípio absoluto e uma prática historicamente contingente. Não é a ausência ou a eliminação da diferença, mas sim o reconhecimento da diferença e a decisão de ignorá-la ou de levá-la em consideração” (SCOTT, 2005, p. 15). Indo além, Scott (2005) poderia sustentar que não são as diferenças entre homens e mulheres que causam as exclusões nos esportes, mas que as exclusões, separações, divisões e segregações é que se amparam nas diferenças sexuais para se justificarem e, conseqüentemente, garantirem suas operabilidades.

Porém, no momento que as mulheres conquistaram direitos e foram aceitas no cenário esportivo internacional, o processo de diferenciação empreendido na ginástica artística que, até então, tinha tido como finalidade fundamental o caráter competitivo e,

também, instituir uma identidade própria para a modalidade, mudou o foco e passou a se organizar no sentido de “permitir” a participação e tornar “seguro” e “conveniente” o esporte para as mulheres. Aliás, em nenhum momento da história desse esporte ocorreu “adaptações” que tivessem como objetivo atender às necessidades das diferenças dos homens. Como critica Scott (2005, p. 24), “Somente aqueles que não se assemelham ao indivíduo normativo têm sido considerados diferentes”.

Quando a primeira competição internacional de ginástica artística foi realizada em Atenas 1896, já existia, em praticamente todos os continentes, exercitações baseadas nos métodos europeus de ginástica, que “se importavam” com as “diferenças” das mulheres em relação aos homens e, por isso, previam adaptações para atendê-las. Com efeito, a diferença sexual já era um discurso da ordem do acontecimento (FOUCAULT, 2012).

Assim, as práticas de diferenciação sexual e a generificação dos esportes modernos não se deram, exclusivamente, em resposta aos conflitos e às resistências por parte de Alice Milliat, Sophie Elliott-Lynn, FSFI ou através dos movimentos femininos/feministas na década de 1920, a diferenciação que causaria e manteria a desigualdade estava na estrutura e no funcionamento da sociedade ocidental. Todavia, as rápidas e perceptíveis modificações/adaptações, ocorridas na ginástica artística a partir de 1928, no que concerne à diferenciação sexual e ao ordenamento do gênero, foram problemáticas e, por isso, lançam questões relevantes para as discussões sobre a operabilidade das tecnologias de gênero e dos dispositivos esporte, sexo/gênero.

4.4.1.1 *Mesa de salto³²² e cavalo com alças*

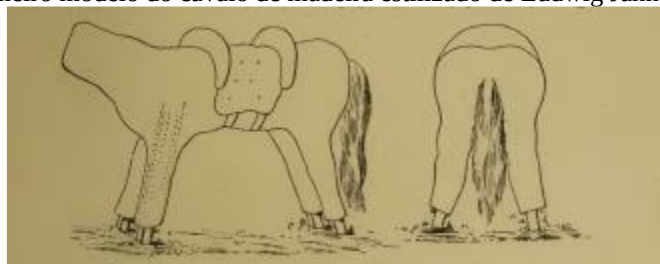
Desde a Roma Antiga se tem conhecimento da utilização de “cavalos de madeira” com a finalidade de ensinar a montaria. Séculos antes do nascimento de Cristo, homens e mulheres que moravam na ilha grega de Creta, já saltavam sobre touros em festivais e feiras. Contudo, foi a partir da metade do século XVII que várias obras consagradas às acrobacias sobre cavalos de madeira começaram a aparecer em maior número na Europa. Fatos que parecem reforçar o interesse e a importância do aparelho para o ensino e a aprendizagem de habilidades de montaria, fossem para fins militares, utilitários ou ritualísticos (SOARES, 2007; BARRULL, 1984; LANGLADE & LANGLADE, 1970).

³²² O aparelho para a execução dos saltos era conhecido como “cavalo”, por isso, se dizia “salto sobre o cavalo”, porém, junto às grandes mudanças na forma e composição do cavalo, ocorridas em 2001, o aparelho passou a se chamar “mesa”, “mesa para salto”.

De acordo com Barrull (1984), Guts Muths teria sido o primeiro a diferenciar os saltos com e sem o apoio das mãos no cavalo de madeira. Na obra *Turnbuch für die sohne des vaterlandes*, publicada em 1817, Guts Muths descrevia um cavalo de madeira estilizado, com patas e calda. Até o início do século XX não havia distinção entre o “cavalo com alças” e o “cavalo sem alças”, os exercícios de saltos, balanceios, movimentos circulares e apoios eram executados sobre um aparelho cuja alças não eram removíveis (BARRULL, 1984).

Em seu tempo, Ludwig Jahn usava três tipos de cavalos nas sessões de exercícios, um era muito parecido com o animal verdadeiro, tinha quatro patas e uma cauda; um outro que era recoberto de couro, sem cauda e com um pescoço ascendente; e um último modelo com duas alças que Jahn chamava de *wooden schwingel*, “cavalo para volteios” (KARTEN, 1910; OLIVEIRA & BORTOLETO, 2011)³²³.

Figura 29 - Primeiro modelo do cavalo de madeira estilizado de Ludwig Jahn, Ginástica Alemã



Fonte: KARSTEN, 1910, p. 49.

Imagem 17 - Cavalo de madeira, recoberto de couro, com alças e pescoço ascendente, usado por Ludwig Jahn



Fonte: KARSTEN, 1910, p. 45.

³²³ Para mais informações: http://www.gymmedia.com/ghent2001/appa/pommel/history_ph.htm Acesso em: 29 abril 2020.

Se existiam diferentes modelos de “cavalos”, existiam também diferentes modos de uso e diferentes formas de lidar e valorizar o aparelho, isso conforme os países que já usavam o aparelho nas sessões de exercícios. Na década de 1860, por exemplo, a Suíça já contava com bons instrutores e, também, já tinha desenvolvido uma boa pedagogia para o uso do cavalo com alças (BARRULL, 1984) e não do salto sobre o cavalo, o que explica a vitória dos ginastas suíços nas provas do cavalo com alças nos Jogos Olímpicos de Atenas em 1896, um dos poucos eventos da ginástica artística no qual os ginastas da Alemanha não lograram vitórias³²⁴.

Como alguns países usavam distintamente o cavalo de madeira ou couro, com ou sem alças, e como não havia entendimento sobre o conjunto de exercícios que deveriam ser cobrados nas competições (saltos versus balanceios e giros), essas incongruências geraram conflitos e a exclusão dos exercícios de salto. Nos Jogos Olímpicos de: Paris em 1900, Londres em 1908, Estocolmo em 1912 e Antuérpia em 1920, o cavalo para saltos não fez parte da programação competitiva, embora tenha sido utilizado em algumas demonstrações (IOC, 2015b; BARRULL, 1984). Barrull (1984) sugere que o passado “acrobático” do aparelho, muito comum entre trupes funambulescas, poderia ter influenciado na sua retirada das competições. Um outro problema era que, inicialmente, o cavalo de madeira servia para as duas competições e ainda não tinha sido dividido em cavalo para saltos e cavalo com alças.

Entre os Jogos Olímpicos de Amsterdam em 1928 e os de Londres em 1948, as mulheres competiram na ginástica artística no formato de equipes, o que significava que as notas das ginastas em cada um dos aparelhos eram somadas às suas equipes, não havia competições no modelo “individual geral”, no qual as atletas, melhores colocadas na soma dos aparelhos, competem entre si. Por isso, alguns documentos, como o *Gymnastics: History of Artistic Gymnastics at the Olympic Games* (2015c), publicado pelo Centro de Estudos Olímpicos, órgão de responsabilidade do COI, deixa entender que as mulheres só teriam iniciado nas competições de salto em 1952, quando, na verdade, elas já vinham competindo nesse aparelho desde os anos de 1930. Todavia, é importante ressaltar uma mudança intrigante que ocorreu no aparelho a partir de 1932, nos Jogos de Los Angeles. Até 1928, enquanto as mulheres ainda não competiam oficialmente nos Jogos Olímpicos, as provas do salto masculino eram realizadas de duas formas, com apoio e repulsão na largura e/ou no comprimento do aparelho, mas logo após a entrada das mulheres no cenário competitivo, isso mudou, e os homens passaram a saltar com apoios

³²⁴ Disponível em: <https://www.olympic.org/athens-1896/gymnastics-artistic> Acesso em: 27 out. 2020.

na largura e as mulheres no comprimento do aparelho que era considerada uma forma de usar menos perigosa, dado que o espaço para o apoio para as mãos é mais amplo (BARRULL, 1984).

Imagem 18 - Saltos sobre o cavalo, mulheres com apoio no comprimento e homens na largura do aparelho



Fonte: Wikipedia, 2020.

Nos Jogos Olímpicos de Melbourne em 1956 novas adaptações foram implantadas. O cavalo para o salto perdeu qualquer resquício das alças e um novo tipo de equipamento foi inserido, o trampolim tipo Reuther (BARRULL, 1984). Esse equipamento favoreceu a execução de saltos cada vez mais difíceis, pois suas características mais elásticas favoreceram o aumento da impulsão no primeiro voo (que lança a/o ginasta em direção a mesa de salto) e, conseqüentemente, promoveu mais velocidade e força na repulsão no segundo voo, quando a/o ginasta executa as acrobacias.

Embora o uso do trampolim pudesse promover a equidade de gênero, pois aproximava as performances de homens e mulheres nos saltos, ele não foi utilizado para esse propósito. Ao contrário, pois junto com sua implantação outra alteração foi inserida a partir de 1956, a saber, a altura da mesa de salto para os homens passou a ser de 1,25 metros e para as mulheres de 1,10 metros de altura (BARRULL, 1984). Em 1976, a altura do aparelho mudou novamente e manteve a orientação da diferenciação sexual, para o salto com homens passou a ficar a 1,35 metros e para as mulheres a 1,20 m, o mesmo padrão atual.

Se por um lado algumas das modificações possibilitaram a criação, o aumento da complexidade, o aperfeiçoamento e a elevação dos níveis de segurança na execução dos

saltos, outras atenderam às demandas pela manutenção das divisões entre os sexos e o compromisso com o ordenamento de gênero. De fato, algumas das modificações no formato dos aparelhos, nas formas de usar e nas avaliações das performances atestam a perenidade das diferenças socialmente construídas. A título de exemplo, o formato do “cavalo” foi alterado para um modelo que lembra uma “mesa” em 2001, no Campeonato Mundial de Ghent, por isso, o aparelho é conhecido hoje como “mesa de salto”. Almeida (2003) e Grossfel (2014) constataram que para a FIG essa reconfiguração aumentou a área de contato das mãos, elevou o nível de segurança para o apoio, aumentou a força de repulsão e, por conseguinte, criou a possibilidade de inovações nas acrobacias, reforçando o caráter espetacular da modalidade. Acrescentando, Almeida (2003), assevera que o trágico acidente da ginasta chinesa Sang Lan em 1998, que a deixou tetraplégica, foi um fator importante que impulsionou as drásticas mudanças na configuração do aparelho.³²⁵

Imagem 19 - Mesa de salto



Fonte: GYMNOVA, 2020.³²⁶

Em conjunto com as diferenciações sexuais, materializadas na morfologia e na forma de usar os aparelhos, os regulamentos e regras, sistematizados nos códigos de pontuação, implantados para os homens em 1949 e para as mulheres em 1958, (BARRULL, 1984), reforçam as desigualdades do sexo/gênero através da classificação, ordenamento e notação dos elementos corporais, e na forma como são aplicadas as penalidades e os incentivos em relação à execução das acrobacias.

³²⁵ Disponível em: <https://www.mcall.com/news/mc-xpm-1998-08-26-3211111-story.html> Acesso em: 27 out. 2020.

³²⁶ Disponível em: <https://www.gymnova.co.uk/montreal-pedestal-base-vaulting-table-ref-3404-p452/> Acesso em: 20 out. 2020.

Embora as competições de salto sejam eventos masculinos e femininos, nos quais homens e mulheres alcançam performances muito similares, a lista de elementos corporais possíveis e com suas respectivas notas, determinadas previamente nos códigos de pontuação, é menor para as mulheres. Nos códigos referentes ao ciclo 2017-2020, a tabela de saltos comporta 98 (noventa e oito) elementos possíveis para os homens e 84 (oitenta e quatro) para as mulheres (FIG, 2016, 2017). Ademais, um elemento acrobático quando é executado por um ginasta e uma ginasta, tem nota distinta, sendo de menor valor para os homens. Por exemplo, o salto de maior grau de dificuldade no código para mulheres, “repulsão a frente mais dois mortais na posição grupada para frente”, o salto “Produnova”, em homenagem à primeira ginasta a executá-lo, Elena Produnova³²⁷, vale 6,4 pontos (FIG, 2016, VT-Group 2-2), porém, o mesmo salto no código masculino vale apenas 5,2 pontos (FIG, 2017, p. 106).

Gurlly (2020) afirma que a forma como os elementos corporais são classificados e valorizados refletem a dinâmica das relações de gênero, na qual os homens, tidos como mais fortes, não necessitariam do mesmo esforço físico para desempenharem as mesmas funções que as mulheres. Como uma das tecnologias de gênero, os códigos de pontuação estabelecem e normatizam o que mulheres e homens aprenderão e deverão apresentar nas competições de ginástica artística. Sob o olhar treinado da banca de arbitragem e em relação à contemplação dos/das espectadores/as, os códigos de pontuação educam os julgamentos e insistem no ordenamento social do gênero, ao mesmo tempo que reforçam a divisão sexual do trabalho.

Com relação ao cavalo com alça, o aparelho mais antigo da ginástica artística, conforme Nestor Soares Publio (2005), ele sofreu poucas alterações morfológicas desde os usos iniciais, nas sessões da ginástica alemã de Jahn e nos clubes de ginástica suíços. As principais alterações foram: o aumento da estabilidade do aparelho, o uso de materiais antiderrapantes e mais flexíveis, a troca por alças mais arredondadas e feitas de materiais mais resistentes, como a fibra de carbono.³²⁸ As últimas mudanças foram feitas no final da década de 1970, quando as “patas” foram substituídas por dois postes de sustentação, mantidos na posição por meio de cabos de aço ou correntes fixadas ao chão (OLIVEIRA & BORTOLETO, 2011, p. 288).

³²⁷ A execução do salto “Produnova” pela ginasta russa Elena Produnova. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=afhQBvags14> Acesso em: 10 jun. 2020.

³²⁸ O aparelho atual tem 105cm de altura em relação ao colchão, 160cm de comprimento e 35cm de largura. As alças têm 12cm de altura e ficam dispostas entre 40 e 45cm uma da outra (FIG, 2020).

Na mesma medida que o aparelho “cavalo com alça” não modificou muito sua morfologia e uso, ele também não passou por adaptações para o uso das mulheres, dado que elas nunca utilizaram o aparelho competitivamente. Possivelmente, porque as práticas corporais que exigiam força, especialmente a estática, força dos membros superiores (PFISTER, 1990), ou que demandavam movimentos com grande afastamento das pernas, típicos do aparelho, eram consideradas inconvenientes e mesmo indecorosos para as mulheres.

4.4.1.2 Barra fixa

A ideia de usar uma barra para a suspensão do corpo não foi de nenhum dos grandes expoentes dos métodos ginásticos (BARRULL, 1984). De forma lúdica, utilitária ou esportiva, a suplantação de obstáculos, a ação de suspender o corpo pela força dos membros superiores é parte de um conjunto de habilidades motoras (locomção, manipulação e equilíbrio) comuns à maioria dos seres humanos (GALLAHUE, 2003). Já na Idade Média, trupes funambulescas utilizavam barras para executar elementos de suspensão, giros, equilíbrios, movimento pendulares e tudo o que precisavam para atrair e manter a atenção dos pagantes (PUBLIO, 2005, 1998).

Contudo, a ação de suspender o corpo, balancear, agarrar e manter a suspensão, mediante exercícios sistematizados, com finalidades específicas e pré-determinadas, apareceu pela primeira vez no século XVI, em uma obra de Joachim Camérarius chamada *Dialogus de gymnasiis* (BARRULL, 1984). Depois, os exercícios de suspensão foram ganhando novas configurações, se adaptando às prescrições da ginástica médica defendida por François Rabelais durante o século XVII, até chegar à ginástica higiênica e patriótica de Guts Muths no século XVIII e depois a Jahn, que conferiria muita atenção e importância ao aparelho (BARRULL, 1984; PUBLIO, 1998).

Como os exercícios na barra fixa tinham caráter utilitário e se baseavam no aprimoramento da força dos membros superiores, eles eram prescritos para os homens e poucas vezes para as mulheres. Concebia-se que cabia aos homens a tarefa içar objetos pesados ou pessoas, passar por cima de cercas, escalar paredes, subir barrancos, retirar pessoas de buracos e de trincheiras, como pregavam tanto Guts Muths (1803), quanto Jahn (1828). Habilidades que não eram concebidas como importantes para as mulheres, dado que elas não faziam parte dos exércitos, dos batalhões de bombeiros ou grupos de

salvamento, além do mais, entendia-se que as tarefas do lar, a reprodução e os cuidados, não demandavam tais habilidades e capacidades físicas.

Apesar de Guts Muths (1803) ter consciência das habilidades motoras fundamentais, ele e depois, Jahn (1828), não indicavam os exercícios na barra fixa para as mulheres, embora também não levantassem restrições quanto ao uso, mas em relação à intensidade dos exercícios. Pierre Arnaud (1996) e Catherine Louveau (2007) observaram que os princípios que regem as práticas corporais são divididos externamente e internamente. Externamente, as práticas corporais se dividem em esportes, jogos, exercícios físicos, atividades aquáticas, modalidades mistas, esportes dedicados aos homens ou mulheres. Internamente as práticas corporais se dividem a partir dos aparelhos, equipamentos, formas de exercitação, sobre quais membros ou áreas do corpo devem ou não receber mais atenção, quais partes dos corpos de homens e mulheres devem ser treinadas, expostas e valorizadas culturalmente. Problematicando as divisões e interdições, Arnaud (1996) afirma:

O acesso das mulheres às práticas esportivas é uma conquista contra as interdições de todas as ordens. Nesse domínio as crenças e os preconceitos se alinham com as verdades científicas e médicas assim como com preocupações políticas. [...] A esse título, sua educação física requer métodos especialmente projetados a fim de desenvolver certas regiões do corpo (entendamos a região inferior do corpo), enquanto que o desenvolvimento das regiões superiores seria esteticamente absurdo. (ARNAUD, 1996, p. 161 – tradução livre).³²⁹

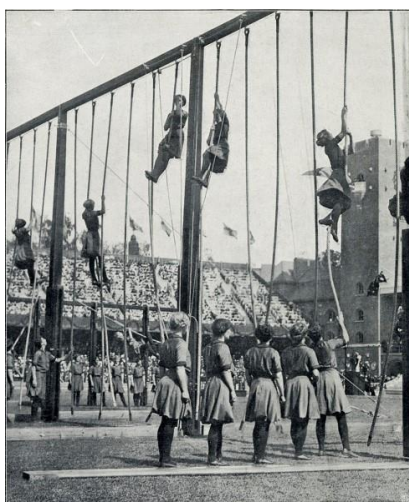
Até o início do século XX os exercícios na barra fixa se dividiam em estáticos e dinâmicos, com suspensões e balanceios. Foi somente a partir dos primeiros anos do século XX, quando novas ligas de aço possibilitaram o feitiço de barras mais fortes, resistentes e flexíveis, que, mesmo com a diminuição no diâmetro da barra começaram a surgir os elementos de rotação (os giros gigantes) no aparelho (BARRULL, 1984). É interessante saber que os giros eram nomeados de duas maneiras, “giro sol” quando os ginastas giravam para frente, considerado o mais “belo” e o “giro lua”, quando a rotação se dava para trás, tido menos interessante, menos “brilhante” que o anterior, constatou Barrull (1984).

³²⁹ “L'accès des femmes aux pratiques sportives est donc une conquête contre des interdits de tous ordres. Dans ce domaine les croyances et les préjugés se conjuguent fort bien avec les certitudes scientifiques et médicales tout comme avec les préoccupations politiques. [...] A ce titre, son éducation physique requiert des méthodes spécialement conçues afin de développer certaines régions du corps (entendons la moitié inférieure) alors que le développement des régions supérieures seraient un non sens du point de vue de l'esthétique” (ARNAUD, 1996, p. 161).

Ainda que as mulheres utilizassem a barra fixa para se exercitarem, o aparelho não foi utilizado nas competições femininas, particularmente porque alguns dos exercícios eram considerados inconvenientes para a capacidade física e a estética do corpo das mulheres. O primeiro código de pontuação para as mulheres, implantado no Campeonato Mundial de Moscou em 1958, ratificava que “Todos os exercícios de força e tração são considerados como indesejáveis, deve-se preferir os exercícios de élan [balanceios, circunduções]” (BARRULL, 1984, p. 590 – tradução livre)³³⁰.

Diante desse discurso, resistências emergiam e se tornavam muito produtivas. Até os Jogos Olímpicos de Paris em 1924, quando a programação das competições incluía tanto o método alemão, como o método sueco, era comum que as mulheres fizessem demonstrações de exercícios de equilíbrio e de suspensão em cordas duplas, como ocorreu nos Jogos Olímpicos de Estocolmo em 1912³³¹ (IOC, 1913). Isso porque as estratégias discursivas, sobretudo as que visavam a interdição e a submissão das mulheres, emergiam de conjunturas políticas e culturais instáveis e constantemente em negociação. Essas negociações se davam entre a patronagem do COI, os comitês organizadores das cidades sedes, governantes dos países anfitriões, representantes das federações esportivas, instituições patrocinadoras e, certamente, através das pressões de indivíduos e movimentos e instituições como foi o caso de Alice Milliat e a FSFI.

Imagem 20 - Demonstração de ginástica sueca por mulheres nos Jogos Olímpicos de Estocolmo, 1912



Fonte: Nates D. Sanders, 2020.³³²

³³⁰ “Tous les exercices de force et de traction sont considérés comme indésirables, on doit leur préférer les exercices en élan” (BARRULL, 1984, p. 590).

³³¹ No vídeo é possível observar a apresentação feminina na ginástica sueca nos Jogos Olímpicos de Estocolmo 1912: <https://www.youtube.com/watch?v=-yUhhAr6xAE> Acesso em: 02 maio 2020;

³³² Disponível em : <https://natedsanders.com/lot-42228.aspx#> Acesso em: 21 out. 2020.

Os resultados das negociações para diferenciar e definir quais aparelhos e quem deveria praticá-los, revelam as assimetrias das relações de gênero e atestam a perenidade dos códigos sexuais no cerne da cultura corporal da ginástica artística. Sobre essa maquinaria que impõe o controle, determina os modos de uso e regula os capitais sociais dos corpos, Louveau assevera:

As formas do trabalho físico, esportivo e de manutenção do corpo, as aparências que resultantes dele (das morfologias corporais aos modos concretos de envolvimento do corpo nas atividades), atestam, antes de tudo, a durabilidade das atribuições sexuais. ‘Mais forte’, sob a foto de um ginasta nas argolas, ‘mais bonita’, sob a de uma garota em arabesque arabesco [...] Embora o objetivo principal seja o desempenho para ambos, cada um tem seu próprio relacionamento com o corpo e seu capital. (2007, p. 55 – tradução livre).³³³

Conforme Davora Meyers (2012), mesmo que as mulheres não tivessem competido nas barras horizontais, com a evolução do aparato e as melhorias nos processos pedagógicos, elas não teriam nenhum problema para executar os mesmos elementos que os homens. Algumas delas, especialmente as mais altas, poderiam até se beneficiar da possibilidade de não bater com o quadril na barra mais baixa, como é comum nos exercícios das barras assimétricas, acrescenta Besson-Durin (1961). Após presenciar os Jogos Olímpicos de Roma em 1960, a professora de educação física, Odette Besson-Durin (1961), aponta que as ginastas apresentavam as mesmas competências que os homens, mesmo na barra fixa que nunca pertenceu às competições com mulheres:

As *barras assimétricas*, relativamente novas na ginástica, acompanharam o movimento e aqui ainda é o trabalho cadenciado que domina. As jovens parecem ter transposto a esse aparelho o trabalho da barra fixa, e nós as vemos girar e evoluir nesse aparelho como seus colegas masculinos o fazem na sua barra. Do mesmo modo que no solo, o espectador fica estupefato diante do ritmo e das ligações audaciosas de alguns movimentos. (BESSON-DURIN, 1961, p. 33 – grifos no original, tradução livre).³³⁴

³³³ “Les formes du travail physique, sportif ou d’entretien du corps, les apparences qui en sont le résultat (des morphotypes aux modes concrets d’engagement du corps dans l’activité) attestent d’abord de la pérennité des assignations de sexe. ‘Plus fort’, sous la photo d’un gymnaste aux anneaux, ‘plus beau’, sous celle d’une jeune fille en arabesque, titraient les deux affiches annonçant un mondial de gymnastique. Alors que l’objectif premier est la performance pour les deux, à chacun son rapport au corps et son capital” (LOUVEAU, 2007, p. 55).

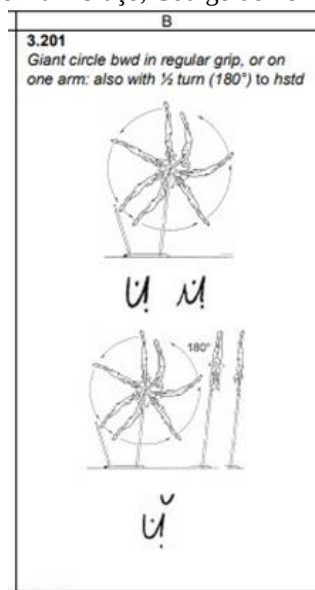
³³⁴ “Les barres asymétriques, bien que relativement nouvelles en gymnastique, ont suivi le mouvement et là encore c’est le travail en élan qui domine. Les jeunes filles semblent avoir transposé à cet engin le travail de la barre fixe, et nous les voyons tourner et évoluer à cet agrès comme leurs camarades masculins le font

Não é incomum ver mulheres ginastas executando movimentos considerados como próprios das séries com homens na barra fixa. Do mesmo modo, também não é incomum presenciar a interdição desses movimentos, seja pela proibição direta ou pela utilização de práticas mais “astutas” como por exemplo, determinar notas menores do que o risco empreendido na execução do elemento. Dessa maneira, em relação às interdições internas, quando um/uma ginasta apresenta pela primeira vez um elemento corporal que não consta no código de pontuação, uma comissão técnica e de arbitragem é encarregada de analisá-lo, determinar ou não sua regulamentação e atribuir a ele uma nota que, teoricamente, deveria estar em conformidade com o grau de dificuldade, exigência física e originalidade do movimento. Entretanto, muitas vezes baseadas na ideia de “periculosidade” ou uma possível descaracterização dos usos do aparelho, as comissões têm escolhido conceder uma nota abaixo da complexidade e/ou originalidade, o que acaba por desestimular sua execução nas competições. Um exemplo foi a subvalorização da nota de dificuldade para o “giro gigante” executado pela ginasta chinesa Liu Xuan³³⁵ nos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996. Mesmo tendo sido a única e a primeira mulher a executar uma rotação de 360° com o corpo suspenso por apenas um dos braços, Xuan recebeu uma nota B (0,20 ponto), numa escala que vai de A (0,10) até I (0,80) (FIG, 2016, UB Group 3-1). Para o comitê técnico, esse elemento era arriscado demais e sua execução nas barras assimétricas poderia descaracterizar os usos do aparelho em favor da barra fixa.³³⁶

à leur barre. De même qu’au sol, le spectateur reste abasourdi devant le rythme et les enchaînements audacieux de certains mouvements” (BÉSSON-DURIN, 1961, p. 33).

³³⁵ Aos 0:10s é possível observar a execução do giro gigante em um dos braços feita por Liu Xuan na série de barras assimétricas, Mundial de Ginástica Artística realizado em San Juan, Porto Rico em 1996. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HXccdNx_24M Acesso em: 02 maio 2020.

³³⁶ Em dois eventos diferentes em anos distintos, duas comentaristas narram o que teriam ouvido de árbitros e árbitras: “Não! Nós não queremos que as barras [assimétricas] tomem esse rumo”, “Mas, infelizmente, o comitê técnico feminino insiste em classificar o giro gigante em uma na nota muito baixa “C”, porque não querem encorajá-lo”. O primeiro enunciado aos 0:33:29” do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=HXccdNx_24M Acesso em: 04 maio 2020; o segundo enunciado aos 0:23” do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=HXccdNx_24M Acesso em: 04 maio 2020.

Extrato 93 - Giro gigante em um braço, Código de Pontuação Feminino 2017-2020

Fonte: FIG, 2016, Barres – Group 3-1.

Essas adaptações e interdições dão a dimensão do funcionamento das tecnologias de gênero na ginástica artística, assim como em praticamente todos os esportes. Na mesma medida que os progressos tecnológicos são incorporados à modalidade, por meio de melhorias nos aparelhos e, conseqüentemente, a criação e a execução de elementos cada vez mais complexos, novas práticas discursivas são acionadas para manter o ordenamento do sexo/gênero. Em consonância com a evolução da ginástica artística, também evoluem e se tornam operacionais novas formas de julgar e valorar, tanto os movimentos corporais, como a expressão e a estética dos corpos. Nesse jogo, a excelência esportiva das ginastas deambula e se equilibra na fronteira tênue, mas resistente, do mais difícil, complexo, original e perfeito movimento e da convincente performance do sexo/gênero e de códigos de feminilidades. Como critica Louveau (1998, p. 55 – tradução livre) “As atividades físicas e esportivas são portadoras de marcas sexuais, homens e mulheres não se distribuem nelas por acaso”.³³⁷

³³⁷ “Les pratiques physiques et sportives sont porteuses d’un marquage sexuel, hommes et femmes ne s’y distribuent pas au hasard” (LOUVEAU, 1998, p. 55)

4.4.1.3 Barras paralelas e barras assimétricas

Langlade & Langlade (1970), Barrull (1984), Publio (2005, 1998) concordam que, de todos os aparelhos da atual configuração da ginástica artística, as barras paralelas são as que têm realmente um “inventor”, Ludwig Jahn. Inicialmente, Jahn utilizava as barras paralelas para o fortalecimento dos braços, mas gradualmente outros modos de uso com rolamentos, reversões, paradas, balanceios e diferentes empunhaduras foram inseridos. Salvo o cuidado para que os exercícios não aumentassem em demasia a força e o volume dos músculos dos braços, as mulheres usam as barras paralelas de maneiras similares aos homens (BARRULL, 1984; GROSSFEDL, 2014; PFISTER, 1990).

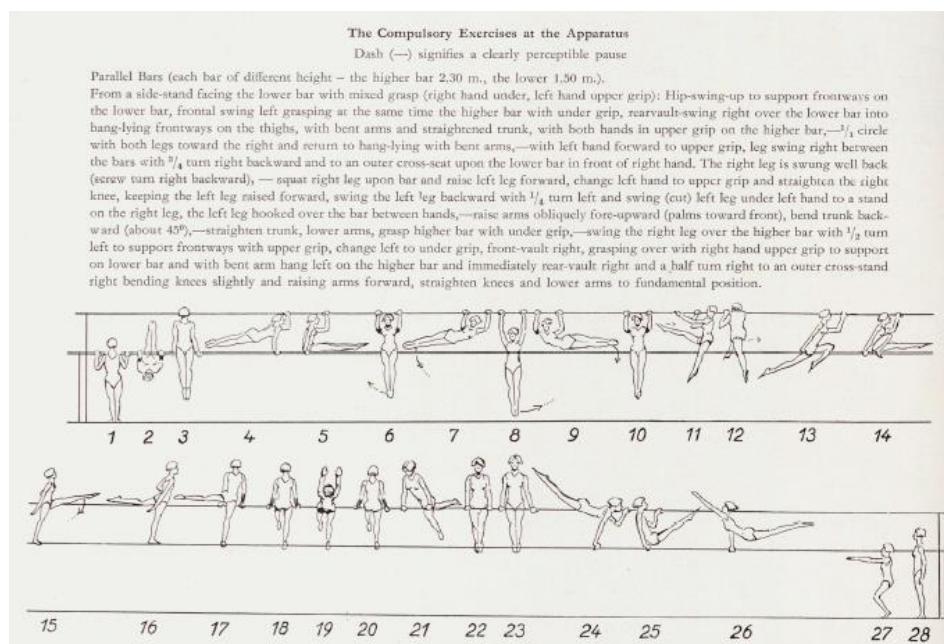
Nos Jogos Olímpicos de Estocolmo em 1912, atletas dinamarquesas e norueguesas se apresentaram nas barras paralelas (IOC, 1913), mas foi somente a partir do Campeonato Mundial de Ginástica de Budapeste em 1934 que, além das séries nas barras paralelas, as ginastas começaram se apresentar, sem fins competitivos, nas barras assimétricas (BARRULL, 1984). Como os campeonatos mundiais da ginástica são “eventos teste” para novos equipamentos, novas regras e regulamentos que, normalmente, podem ser implantados nas competições seguintes, o evento de 1934 serviu tanto para selecionar as/os ginastas que participariam dos Jogos Olímpicos de 1936, como para “testar” o novo formato para as competições femininas e a inclusão das barras assimétricas como aparelho de uso exclusivo das mulheres.

Pelo regulamento dos Jogos Olímpicos de Berlim 1936, as ginastas deveriam se apresentar em duas séries de exercícios nas barras, uma compulsória e outra livre. A rotina compulsória, composta por uma série de exercícios previamente ordenados, foi performada nas barras assimétricas. Já a série livre, com a apresentação de rotinas próprias, as ginastas podiam escolher em qual aparelho executariam suas séries. Como as ginastas já tinham aprendido e treinado nas paralelas (IOC, 1936), elas acabavam por escolher esse aparelho, em detrimento às assimétricas (BARRULL, 1984). Todavia, no Campeonato Mundial de Praga em 1938, enquanto alguns membros da FIG rejeitavam a retirada das provas de atletismo³³⁸ dos eventos da ginástica artística, foi votado que as barras assimétricas substituiriam definitivamente as barras paralelas e se manteriam como

³³⁸ Até a década de 1950, as competições da ginástica artística contavam com provas de atletismo como, corridas, saltos em distância e altura, levantamento e arremesso de peso, etc., resquícios dos antigos sistemas de ginástica.

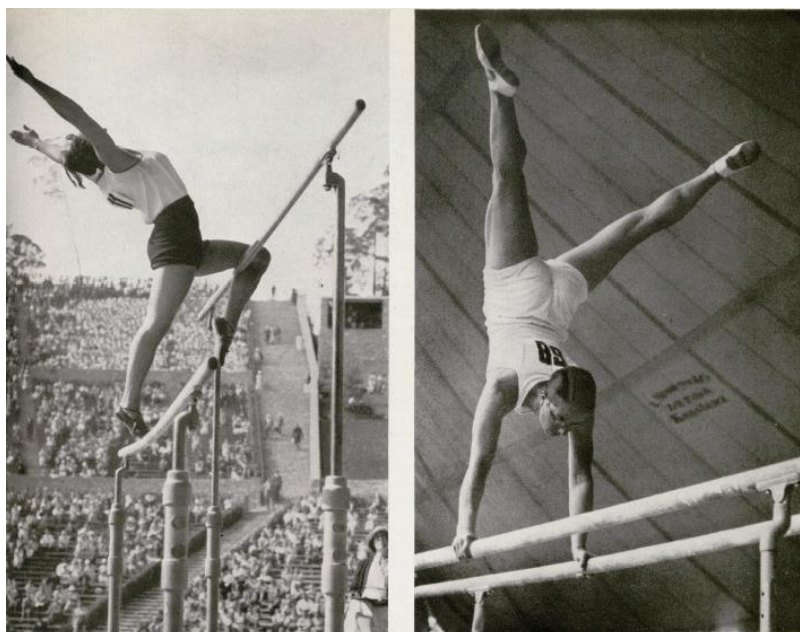
um aparelho estritamente feminino, o único que teria sido “criado” exclusivamente para as mulheres (BARRULL, 1984).

Figura 30 - Série obrigatória para as mulheres nas barras paralelas nos Jogos Olímpicos de Berlim, 1936



Fonte: IOC, 1936, p. 868.

Imagem 21 - Vlasta Dekanová nas séries das barras assimétricas e paralelas, Berlim 1936



Fonte: IOC, 1936, p. 867.

Apesar da troca, algumas ginastas que tinham aprendido e treinado nas barras paralelas, continuaram a se exercitar e se apresentar no aparelho, mas não mais em caráter competitivo. Partes do vocabulário motor que as mulheres desenvolveram nas barras paralelas podem ser observadas nas demonstrações feitas pela alemã Johanna Quaas³³⁹ que, com 100 anos, foi considerada a “ginasta mais longeva do mundo”. Competindo desde 1934, Johanna Quaas se tornou um ícone na modalidade, sua desenvoltura, aliada à sua incrível capacidade física e habilidades, em relação à sua idade, incomuns na ginástica artística, tem encantado e inspirado muitas pessoas (PAYNE, 2017).

A partir de 1934 foi iniciado o processo de feminização das barras paralelas. O aparato que flertava com a possibilidade de usos paralelos e simétricos entre homens e mulheres se tornou distinto e assimétrico. Não só foram impostas alturas diferentes entre as barras, como foi determinado que seu uso deveria enfatizar as qualidades físicas e estéticas do corpo das mulheres. Somadas às outras tecnologias de gênero, as barras assimétricas se tornaram “femininas”, foram agregadas ao arsenal de gênero da ginástica artística e passaram a operar na feminização dos indivíduos e seus corpos. Os antigos usos das barras paralelas, com elementos estáticos e poses bem marcadas, foram substituídos por movimentos contínuos, enlaçados, com balanceios, giros, largadas e retomadas.

Conforme Barker-Ruchti (2009), foi a partir de 1966, em especial com as apresentações da ginasta estadunidense Doris Fuchs Brause³⁴⁰, que as séries nas assimétricas se tornaram mais dinâmicas, sem interrupções nas passagens de uma barra para outra. Formada em um ginásio que não dispunha de barras assimétricas, Doris Brause aprendeu e incorporou um repertório motor cheio de balanceios e giros, que tinha aprendido ao utilizar a barra fixa nos seus treinos. Contudo, afirma Barker-Ruchti (2009), quando Brause começou a apresentar séries dinâmicas e fluídas nas barras assimétricas, suas rotinas não receberam boas avaliações (notas). Talvez, porque as bancas de arbitragem não estivessem habituadas ao julgamento de rotinas tão dinâmicas, com passagens de uma barra a outra sem interrupções, ou, porque as árbitras ainda se mantivessem presas aos usos tradicionais do aparelho (BARKER-RUCHTI, 2009).

³³⁹ Existem inúmeros vídeos das apresentações e de entrevistas dadas por Johanna Quaas na plataforma Youtube, como por exemplo, uma entrevista cedida em 10 de março de 2020: <https://www.youtube.com/watch?v=6ToVaMkmyJ0> e apresentações como: <https://www.youtube.com/watch?v=o625rylh3bY>. Para mais: <https://fanbuzz.com/gymnastics/johanna-quaas-gymnast/>.

³⁴⁰ Série nas barras paralelas da estadunidense Doris Fuchs Brause no Campeonato Mundial de Ginástica Artística de 1966. <https://www.youtube.com/watch?v=8gL8zyk3YDA>

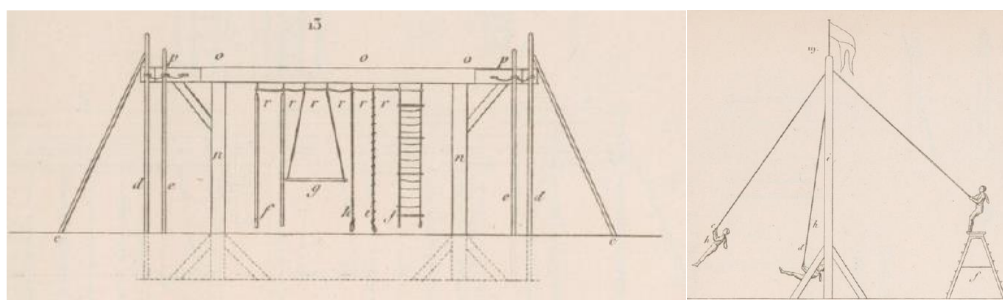
Apesar dessas resistências, o dinamismo apresentado por Brause foi agregado e passou a caracterizar os modos de uso do aparelho atualmente.

4.4.1.4 Argolas

As argolas fazem parte das heranças da cultura funambulesca, dos saltimbancos, equilibristas e toda uma gama de artistas que, antes mesmo das sistematizações dos métodos ginásticos, já tinham incorporado às suas culturas um vasto vocabulário motor próprio para o uso do aparelho. Cada cultura corporal podia utilizar aparelhos com morfologias distintas, as argolas podiam ser pequenas ou grandes como arcos, triangulares ou em formato de trapézio com uma barra amarrada nas pontas por cordas.

Por volta de 1830, Ludwig Jahn já prescrevia exercícios no trapézio para trabalhar as habilidades de puxar, trepar, suspender (BARRULL, 1984). Porém, o formato composto por duas empunhaduras, próximo com a morfologia atual, foi obra de outro alemão, Karl Adolf Spiess, ex-ginasta e educador que descreveu a utilização do aparelho em 1842, mediante as influências de outros métodos ginásticos, sobretudo o de Jahn e do sueco Ling (NAUL, 2002). Diferentemente dos antecessores, Spiess acreditava e preconizava um método de educação física misto, com finalidades educacionais, no qual os exercícios de balanceio e sustentação seriam ministrados igualmente para meninos e meninas (NAUL, 2002, p. 17). Por parte da ginástica francesa, Francisco Amorós y Ordeano utilizava argolas que lembravam os trapézios circenses, prescritas para quase que exclusivamente para o uso masculino. Embora Amorós afirmasse: “As mulheres, antes de serem mães, devem ser robustas [...] isso exige uma educação que as faça fortes, sem excessos e habilidosas, e a ginástica, bem conduzida, é o único meio de obter tais resultados” (AMORÓS Y ORDEANO, 1848/1830a, p. 145-146 – tradução livre), a ginástica francesa, como ocorria com os métodos alemão e sueco, incentivava apenas exercícios moderados a leves para as mulheres.

Figura 31 - Trapézios utilizados por Francisco Amorós y Ordeano, método francês de ginástica



Fonte: AMORÓS, 1848/1830b, pranchas n. II, IV.

Se de início, os exercícios realizados nos trapézios e argolas encorajavam os dinamismos através dos balanceios, a partir de 1926 (BARRULL, 1984), as rotinas vão se tornando mais estáticas e passam a sublinhar a força, a resistência e o controle corporal na execução das poses e no trânsito de um elemento corporal para outro. Com efeito, as movimentações excessivas e as demonstrações de instabilidade passaram a ser deduzidas da nota, o que exigiu dos ginastas elevados níveis de controle corporal. Como as argolas são o único aparelho que se movimenta com o ginasta (PUBLIO, 1998), as séries competitivas passaram a exigir que o dinamismo e a instabilidade fossem controlados, submetidos às capacidades físicas e técnicas dos praticantes.

As argolas e praticamente todos os aparelhos da ginástica artística passaram por processos de generificação, nos quais seus usos e atributos foram submetidos a repetições estilizadas (BUTLER, 2003), dando a ilusão de que o aparelho seria “masculino” porque teria “características masculinas” e porque seu uso requisitaria capacidades físicas “naturais” dos corpos dos homens, como a força de membros superiores. Esse “efeito de gênero” (BUTLER, 2003, p. 200), traduziu constructos socioculturais que associavam os homens ao domínio da razão, da firmeza moral e da estabilidade emocional, e as mulheres ao domínio das emoções, de uma moralidade frouxa e de comportamentos instáveis, geridos por forças externas (fases da lua, puberdade, ciclo menstrual, taxas hormonais, reprodução). Desse modo, quando as mulheres começaram a competir internacionalmente nas argolas, o que ocorreu no Campeonato do Mundo de Ginástica Artística de Praga em 1938, os regulamentos exigiam que as ginastas se apresentassem em séries balançantes, “swinging rings” (BARRULL, 1984), diferentemente, das rotinas estáticas demandadas aos ginastas.

Diferentemente das rotinas com homens, mais estáticas, as séries para as mulheres deveriam ser realizadas com o aparelho em movimento. As diferentes formas sustentação, as poses e as mudanças de um elemento corporal para outro eram executadas enquanto a

ginasta e o aparelho balançavam para frente e para trás, por isso, a prova feminina ficou conhecida como “argolas balançantes” ou “argolas voadoras” (BARRULL, 1984, p. 317). Por causa dos balanceios, a prova era considerada perigosa e isso teria subsidiado os pedidos para que as argolas fossem excluídas da programação para mulheres. Entretanto, nos Jogos Olímpicos de Londres 1948, as argolas balançantes ainda compuseram as provas obrigatórias para as ginastas e contavam pontos para as equipes. A presença das competições desse aparelho e de enunciados que revelam parcialmente o medo e o receio dos usos das argolas balançantes aparecem no relatório oficial dos Jogos Olímpicos de 1948, como se lê abaixo:

A equipe masculina da Finlândia estava na barra fixa, enquanto as britânicas estavam nas argolas balançantes. Um dos ginastas tinha acabado de finalizar um belo exercício voluntário, e logo, o estrondo dos aplausos veio dos espectadores, a ginasta nas argolas refugou bem no momento que se preparava para finalizar a série. A finalização foi considerada como ‘salto perigoso’, então foi com grande alívio que ela aterrissou em segurança, embora, sem dúvida, ela tenha perdido alguns pontos por causa do incidente. (IOC, 1948, p. 391 – tradução livre).³⁴¹

Em 1950 a FIG realizou o Campeonato Mundial de Ginástica Artística de Bale, Suíça, e as argolas balançantes ainda estavam na programação. Porém, logo depois, em 1953, o comitê técnico formado pela FIG votou pela exclusão definitiva das argolas balançantes das competições com mulheres (BARRULL, 1984). Barrull (1984) e Meyers (2012) afirmam que as justificativas dadas pela FIG se baseavam em critérios de segurança, pois, segundo a instituição, os equipamentos não eram eficazes para proteger as ginastas nas aterrissagens e quedas.

Meyers (2012) argumenta que a falta de segurança nas provas das argolas balançantes poderia ter pesado no desejo de retirar a prova das competições, mas outros aspectos também foram decisivos, dentre eles, a) a concepção de que as mulheres não tinham membros superiores fortes o suficiente para suportar os exercícios; b) e o desejo de manutenção da ordem social do gênero traduzida na divisão sexual do trabalho. Quase todos os aparelhos para as mulheres valorizam o trabalho com os membros inferiores (quadril, bacia, coxas, pernas), enquanto os aparelhos para os homens valorizam os

³⁴¹ “The Finnish men’s team were on the horizontal bar, whilst the British women were on the swinging rings. One of the men had just finished a beautiful voluntary exercise, and such a roar of applause went up from the spectators, that the girl on the rings was startled and put ‘off her stroke’ just as she was preparing for the finish. The finish was called a ‘saut perilleux’, so it was with great relief that she was seen to land safely, although she undoubtedly lost some marks through this incident” (IOC, 1948, p. 391).

membros superiores (tronco, ombros, braços e antebraço), divisões que incorporaram os ecos de práticas discursivas dos séculos XVIII e XIX, quando os órgãos reprodutivos representavam e definiam o sexo feminino, “a mulher é seu útero”, dizia Holbrook em 1878 (p.14-15), e a parte superior, voltada à razão, era uma região que simbolizava o sexo masculino.

Acrescento que a ação de excluir as argolas balançantes das programações revela um pouco da dinâmica das tramas de poder dentro dos dispositivos esporte (ginástica artística) e da FIG, em relação à participação das mulheres nas competições. Ao passo que, inicialmente, os modos de uso das argolas foram generificados, apontando o estatismo para os homens e o dinamismo para as mulheres, quando as discussões sobre a periculosidade das rotinas com as mulheres emergiram, elas não tomaram o sentido de “igualar” os modos de uso do aparelho, não foi cogitado exigir rotinas mais estáticas para homens e mulheres. As adaptações empreendidas na ginástica artística sempre operaram em relação ao gênero, o que significa que elas nunca tiveram a finalidade de igualar as condições de homens e mulheres, mas sim, diferenciá-los. Como na ginástica, os processos de adaptação se moveram em uma única direção, possivelmente, estava fora de cogitação readaptar as argolas para as mulheres aos mesmos modos de uso tradicionais aos homens.

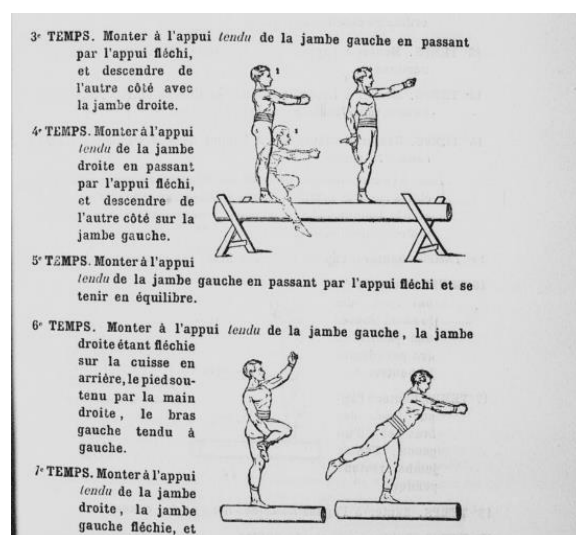
4.4.1.5 Barra (Trave de equilíbrio)

A barra ou trave, que conhecemos associada ao termo “equilíbrio”, tida como um aparelho essencialmente para as mulheres, fez parte das sessões de exercícios para meninos e homens propostas por Guts Muths (1803) e pelo criador da ginástica sueca, Henrik Ling. Ao final da década de 1790, Guts Muths prescrevia exercícios em uma trave de madeira de dezoito metros, que ao invés de ser estável, oscilava por causa da estrutura dos apoios, nos quais um deles, centralizado, era maior do que os das extremidades (GUTS MUTHS, 1803).

Embora Jahn tenha preterido alguns exercícios de equilíbrio, que achava muito funambulescos, como o “andar na corda”, ele utilizava outras formas de trabalhar o equilíbrio através de modelos rudimentares de traves (QUITZAU, 2014; 2015). Na década de 1840, o alemão Adolf Spiess, o mesmo que militava pela inclusão dos exercícios nas argolas para as meninas, reconhecia, também, a importância dos exercícios de equilíbrio na trave para ambos os sexos (NAUL, 2002). Depois, nos anos 1870, Henry

de Jarry Bouffémont, subinspetor de educação física e ginástica nas escolas francesas, descreveu, na obra *Gymnastique Écletique Pour Tous Les Ages* (1871), uma série de exercícios que não se baseavam apenas em um sistema ginástico, mas nas concepções dos métodos de maior influência da época: o alemão, o sueco e o francês. Para Bouffémont (1871), uma pedagogia corporal eficiente seria aquela configurada a partir de exercícios simples e ordenados pelo nível de dificuldade, cuja prática deveria exigir poucos equipamentos, sobretudo aqueles que fossem mais baratos e acessíveis, dentre eles, as traves e barras de madeira para os treinos de equilíbrio.

Figura 32 - Exercícios de equilíbrio na obra *Gymnastique Écletique Pour Tous Les Ages* (1871) de Jarry Bouffémont



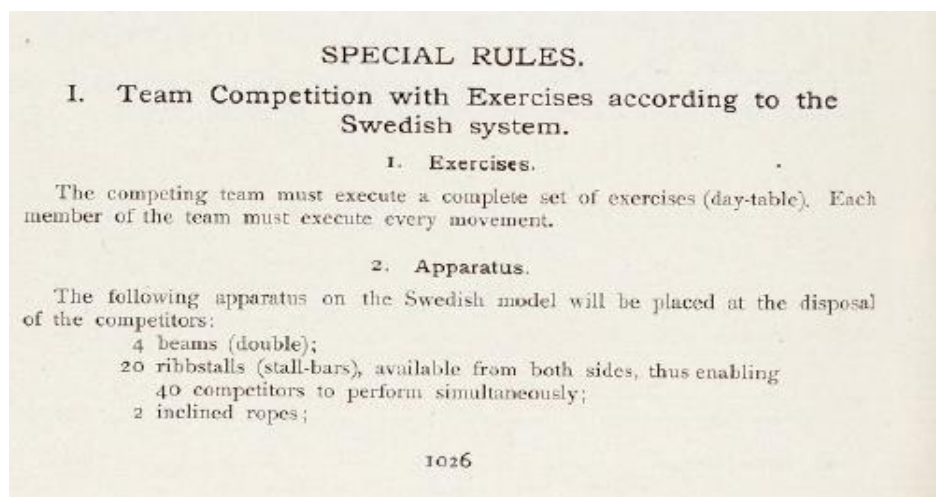
Fonte: BOUFFÉMONT, 1871, p. 135.

Como constatou Naul (2002), em alguns manuais de educação física e ginástica, publicados na segunda metade do século XIX, é possível encontrar prescrições de exercícios de equilíbrio especificamente para as mulheres. Naul (2002) afirma que os exercícios de equilíbrio eram prescritos às mulheres porque se considerava que eles eram menos perigosos e, também, porque o “equilíbrio” era uma habilidade conveniente para as necessidades utilitárias de meninas, moças e mulheres. É bom lembrar que o corpo das mulheres, em parte do discurso biomédico no século XVIII e XIX, era tido como uma matéria em constante desequilíbrio, sendo influenciada tanto pelas fases da lua quanto pelas alterações hormonais, consequentemente, os exercícios que pudessem desenvolver ou restaurar o equilíbrio corporal e que também colaborassem com a “normalização” das funções do corpo, pareciam ser tão convenientes quanto necessários para as mulheres.

Como a trave era um aparelho importante para a pedagogia da ginástica sueca, e como as comissões organizadoras das cidades-sede dos primeiros Jogos Olímpicos eram responsáveis por definir suas próprias programações, a trave foi inserida nas competições com homens nos Jogos Olímpicos de Estocolmo em 1912 (IOC, 1913), e, possivelmente, sugere Barrull (1984), também tenha feito parte da programação dos Jogos Olímpicos de Antuérpia em 1920, os primeiros Jogos realizados após a Primeira Guerra Mundial. O regulamento das competições de 1912 previa a realização de um concurso de ginástica sueca e outro que, apesar de ser chamado de “ginástica europeia” (CIPC, 2015), se baseava na ginástica de aparelhos alemã de Ludwig Jahn.

Por parte da ginástica sueca, os ginastas se apresentaram em equipes nas traves de equilíbrio, espaldares, cordas e em exercícios realizados às “mãos livres”. Atenta aos critérios de harmonia, sincronismo e coletividade, a banca de arbitragem julgava a “[...] uniformidade, a atenção e a correta execução de todos os integrantes, o correto tempo e ritmo em diferentes movimentos, a correta utilização da força e da flexibilidade” (IOC, 1913, p. 1027 – tradução livre) ³⁴².

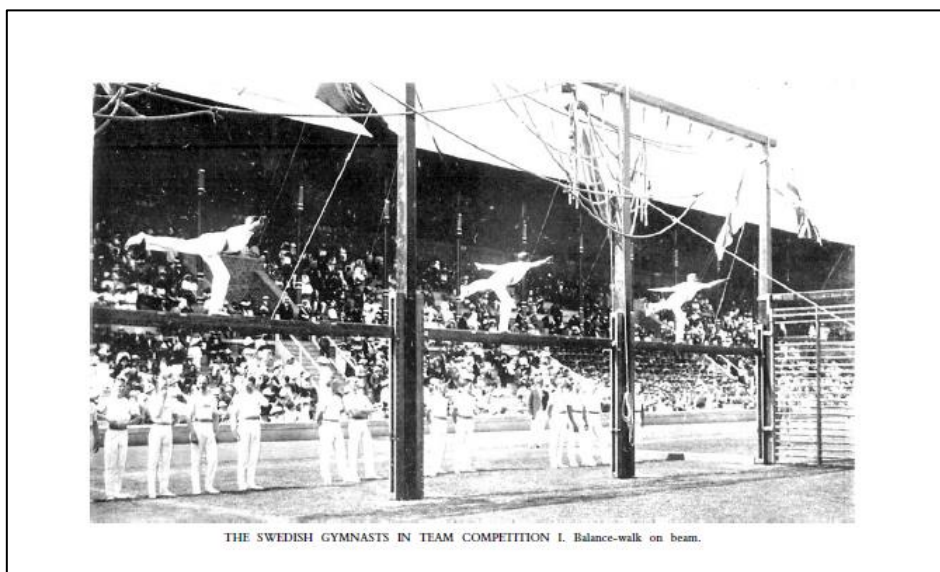
Extrato 94 – Regras especiais das competições com exercícios do Sistema Sueco de ginástica nos Jogos Olímpicos de Estocolmo, 1912



Fonte: IOC, 1913, p. 1026.

³⁴² “[...] uniformity, attention, and correctness of execution by all the members, correct time and rhythm in the different movements, strenght and suppleness in the right place” (IOC, 1913, p. 1027).

Imagem 22 - Homens na trave de equilíbrio nos Jogos Olímpicos de Estocolmo, 1912



Fonte: IOC, 1913, p. 506.

A partir de 1924, quando a FIG se tornou a instituição responsável pela programação e organização das competições de ginástica, o sistema sueco foi retirado das competições olímpicas. Logo, a trave de equilíbrio, que já fazia parte das sessões de demonstração com mulheres, foi estabelecida como um aparelho estritamente dedicado

Imagem 23 - Gabriella Mészáros, trave de equilíbrio, Jogos Olímpicos de Berlim, 1936



Fonte: Women Gymnasts, 2011

às mulheres. Porém, foi somente a partir do Campeonato Mundial de Ginástica Artística de Budapeste, em 1934, que o aparelho foi efetivamente alocado na programação das competições para as mulheres. Foi também nesse campeonato, que a húngara Gabriella Mészáros realizou um elemento de flexibilidade chamado “grand écart”, um afastamento das pernas de 180°, na trave de equilíbrio, o que teria impressionado a arbitragem e o público (BARRULL, 1984). Nos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936, a trave

de equilíbrio participou pela primeira vez das Olimpíadas e Mészáros voltou a repetir sua performance, logrando a maior nota no aparelho (IOC, 1936).

Como todos os outros aparelhos, a trave de equilíbrio também sofreu várias alterações estruturais e anatômicas. A viga de equilíbrio ganhou revestimento mais maleável e menos escorregadio, a base do suporte foi alterada para garantir maior estabilidade e a largura da trave, que era de 8 (oito) centímetros nos Jogos de Berlim 1936, passou na década de 1950 para os atuais 10 (dez) centímetros (BARRUL 1984).

Essas mudanças, juntamente com os conflitos ideológicos entre países capitalistas e socialistas, implantadas nas competições esportivas internacionais, influenciaram diretamente no desenvolvimento de novos elementos na trave (acrobacias, saltos gímnicos, giros), cada vez mais complexos que, inicialmente, foram recebidos com resistências por parte dos comitês técnicos e pela arbitragem. No Campeonato Europeu de Ginástica Artística de 1969, a russa Lyudmila Turishcheva apresentou uma série que foi considerada muito ousada, com elementos acrobáticos incomuns, distintos dos passos de dança, poses e exercícios de flexibilidade que caracterizavam os usos da trave até aquele momento. Apesar das inovações, Turishcheva recebeu notas menores do que era previsto pela comissão técnica da equipe russa (BARKER-RUTCHI, 2009).

Depois, nos Jogos Olímpicos de Munique em 1972, Olga Korbut, apelidada pela imprensa de “a fada russa”, executou pela primeira vez um “mortal para trás” na trave de equilíbrio, porém recebeu uma nota aquém da dificuldade e da originalidade do elemento. Para Barker-Ruchti (2009), não é possível afirmar se o baixo score se deveu às dificuldades de julgamento, ou se, teria sido resultado do apego do comitê técnico para mulheres e da banca de arbitragem aos usos tradicionais do aparelho, nos quais as acrobacias não eram comuns. Conforme pondera Georgia Vinci (2015), parte das desaprovações da FIG em relação à acrobatização da trave de equilíbrio tinha como finalidade preservar as características do aparelho, relegando as acrobacias às rotinas no aparelho solo. Minutas de reuniões técnicas da FIG realizadas em 1973, sustentavam, segundo Vinci, que além do risco de quedas, as acrobacias deixavam as rotinas na trave ‘espasmódicas’ e com ‘pausas frequentes’, deduzindo a harmonia e a fluência das séries (FIG, 1973 apud VINCI, 2015, p. 1933).

4.4.1.6 Solo

A análise do processo de generificação do aparelho solo exige, assim penso, que sejam observados três elementos interdependentes: 1) a rejeição inicial dos elementos acrobáticos que hoje caracterizam as rotinas nesse aparelho; 2) a presença das provas de conjunto e a transição para as séries individuais, primeiro para os homens e depois para as mulheres; 3) as práticas de diferenciação entre as séries com homens e as séries com mulheres, através da generificação do movimento humano, inserção do acompanhamento musical para as mulheres, e por meio das exigências distintas e distintivas presentes nos códigos de pontuação.

1) rejeição dos elementos acrobáticos

Até a década de 1930 as acrobacias não eram incentivadas nas competições, as desconfianças em relação aos saltos mortais, aos flick-flacks, aos rondantes tinham raízes antigas, muitas delas nutridas pelos antigos racionalismos dos métodos europeus de ginástica (LANGLADE & LANGLADE, 1970; BARRULL, 1984; SOARES, 2007). Ao final do século XIX, quando a ginástica artística dava seus primeiros passos no mundo das competições, a cultura circense e a funambulesca ainda era mantida por artistas vindos/as das classes sociais mais baixas. Para alguns as acrobacias eram seus únicos meios de sobrevivência, pois através do espanto, do riso, do encantamento, do suspense e dos movimentos corporais que pareciam rebeldes – dado que não aparentavam ter um padrão –, que os/as artistas auferiam algum ganho financeiro, sobreviviam e faziam sobreviver seus métiers.

Por serem consideradas pouco racionais, já que pareciam não suportar a ordem e a disciplina, e por estabelecerem a cumplicidade entre o movimento, o riso, o espanto e as recompensas financeiras, as acrobacias não pareciam relevantes para a formação do “homem universal”, conforme desejavam as antigas pedagogias corporais. E, seu caráter insubordinado e descomedido também não pareciam suficientemente racionais para os esportes modernos, afeito às regras e aos regulamentos. Outro impeditivo, era que a participação em eventos como os Jogos Olímpicos só era facultada aos/às atletas

comprovadamente “amadores/as”³⁴³, ou seja, somente para aqueles e aquelas que não tinham ganhos financeiros com as práticas corporais. Por fim, o processo de esportivização da ginástica artística também previa a construção de uma identidade própria para a modalidade, o que, certamente, exigia prudência na aproximação com outras culturas corporais.

É importante ressaltar que um dos ideais regulatórios presentes na Europa ao final do século XIX e início do século XX, era busca pela “pureza” (FOUCAULT, 2000; SOARES, 2007). Pureza que, na ginástica artística, foi traduzida pela/o: a) exclusão de todas as provas de atletismo, das lutas e natação da programação da ginástica artística; b) pela criação e regulamentação de aparelhos e movimentos corporais próprios; c) pela construção de costumes, valores, símbolos e signos próprios; d) pela educação de praticantes e de um público próprio que reconhece a prática, compreende sua dinâmica e valoriza sua configuração; e) pelas divisões e distinções claras e operantes (sexo, idade, nível técnico, aparelhos, campeonatos).

Apesar das interdições iniciais, a identidade espetacular da ginástica artística acabou por permitir que aos poucos as acrobacias fossem aceitas e se tornassem essenciais para o esporte. Foucault (1979) dizia que o poder não opera apenas pela via da repressão e da interdição, mas mediante um tipo de anuência controlada e produtiva, algo que podemos observar na construção de resistências à acrobatização desde os antigos métodos até as configurações da ginástica artística. Guts Muths (1803), por exemplo, não negava completamente a importância das acrobacias, ao contrário, ele incentivava alguns exercícios nas “cordas bambas”, contudo, acautelava que a cultura funambulesca deveria ser trabalhada com parcimônia, pois os riscos de lesões poderiam ser altos e, também, porque, segundo ele, a finalidade da sua sistematização não era a de criar espetáculos (GUTS MUTHS, 1803; QUITZAU, 2014, 2015).

Apesar das práticas de resistência mais efetivas entre 1896 a 1928, as acrobacias começaram a ganhar espaço nas competições a partir dos Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1932, quando começaram a ser aceitas nas séries de solo para os homens (BARRULL, 1984). Esse fato marcou uma virada importante no caráter das rotinas no solo que, contudo, não chegou na mesma velocidade para as mulheres. A acrobatização das séries no solo com mulheres só foi acentuada na década de 1970, quando novos elementos

³⁴³ A obrigatoriedade do “amadorismo” só chega ao final com os Jogos Olímpicos de Seul em 1988, quando o COI passou às federações internacionais a responsabilidade de determinar quais atletas seriam elegíveis para participar dos Jogos Olímpicos.

acrobáticos, estéticas corporais e expressões de feminilidade foram realizadas por figuras importantes, como a russa Olga Korbut, Jogos Olímpicos de Munique em 1972, e, depois, pela romena Nadia Comaneci, Jogos Olímpicos de Montreal em 1976 (CERVIS, 2015).

Se de início, pensava-se que as acrobacias não poderiam ser controladas, conduzidas, submetidas e que não tinham utilidade, dentro da cultura esportiva, que não era afeita ao lema olímpico “mais rápido, mais alto, mais forte”, às cronometrações e às contagens; depois, foi percebido que ao incluir as acrobacias, de maneira regulada e codificada, elas poderiam agregar um apelo fundamental para agenciar praticantes, espectadores e patrocinadores. Além disso, foi compreendido que as acrobacias poderiam garantir o status da ginástica “artística” por intermédio de um conjunto de demonstrações atléticas, mas também, artísticas e espetaculares (BARRULL, 1984).

No caso das rotinas no solo para as mulheres e a inserção das acrobacias, Cervis (2015) observou que os avanços na aparelhagem foram fatores importantes:

Na década de 1970, a ginástica artística feminina passou por mudanças rápidas no seu estilo anterior, o que resultou no aumento do número de acrobacias executadas por jovens ginastas. Pesquisas documentais mostram que essa acrobatização foi facilitada, se não, encorajada pela FIG através das melhorias nos equipamentos e pelo emprego de novas regras que requeriam que um grande número de elementos de difícil execução fosse apresentado pelas ginastas. (CERVIS, 2015, p. 1941 – tradução livre).³⁴⁴

Assim, o aumento da complexidade, dificuldade e perfeição na execução das acrobacias, se deu, dentre vários outros fatores, por causa das evoluções tecnológicas empregadas nos tablados que se tornaram mais estáveis, elásticos, macios e seguros. Ao passo que nos Jogos Olímpicos de 1936, as rotinas foram apresentadas pela primeira vez sobre um tablado de madeira de 8 x 8 metros, recoberto com feltro, nos Jogos Olímpicos da Cidade do México em 1968 o praticável já tinha a dimensão atual, 12 x 12 metros, porém, apensar de macio, recoberto com carpete e com melhor elasticidade, a repulsão devolvida às/aos ginastas não favorecia a execução de duplos mortais e piruetas (BARRULL, 1984, p. 643). Isso explica, em partes, a preponderância de exercícios

³⁴⁴ “WAG in the 1970s underwent rapid change from its previous style, resulting in a greater number of acrobatics performed by younger gymnasts. Archival research demonstrates that this acrobatization was facilitated, if not encouraged by the FIG through improvements in equipment as well as the emplacement of new rules requiring that a greater number of difficult elements be performed by the gymnasts” (CERVINS, 2015, p. 1941).

calistênicos, passos e saltos de dança (ballet), e acrobacias simples nas séries de solo femininas em 1968 (BARKER-RUCHTI).

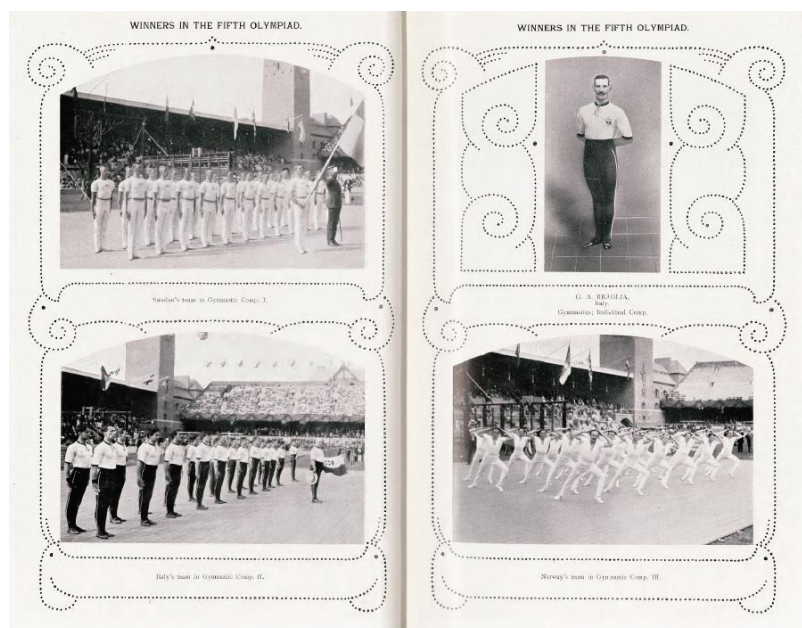
Na década de 1970, as evoluções dos aparelhos se somaram às disputas econômicas e políticas de países capitalistas e socialistas que foram encampadas nas competições internacionais. A ginástica artística ganhou novas dimensões, se tornou mais acrobática e reforçou sua afinidade com as mulheres, ao mesmo tempo que foi se filiando ao discurso que a prática era “[...] um nicho esportivo no qual as mulheres competiriam sem recorrer às qualidades ‘masculinas’ (força, poder, risco) comprometendo suas qualidades femininas – beleza, graça e facilidade de movimento –, ou ameaçando suas capacidades reprodutivas” (CERVIN, 2015, p. 1934 – tradução livre)³⁴⁵.

2) das apresentações dos exercícios de conjunto aos exercícios individuais para homens e mulheres

Até 1930, os exercícios no solo para os homens eram executados em equipes compostas por vários ginastas. As apresentações podiam envolver a utilização de aparelhos portáteis (halteres) e eram, quase sempre, feitas como aquecimento, preparação física e/ou demonstrações, ou seja, nem sempre contavam pontos às competições. A execução dos exercícios, a distribuição dos ginastas em formações geométricas, a prevalência de movimentos retilíneos, ritmados e coletivamente sincronizados, enfatizava o ideal regulatório de masculinidade: corpos viris, em boa forma física, “brancos”, heteronormativos, sem deficiência física aparente, disciplinados, obedientes, saudosos do pertencimento nacional e em relação ao método ginástico que representavam (ANDERSON, 2011; GURLLY, 2020).

³⁴⁵ “WAG was created as a niche sport in which women could compete without ‘masculine’ qualities (strength, power, risk) compromising their feminine qualities – beauty, grace, and ease of movement – or endangering their reproductive capabilities” (CERVIN, 2015, p. 1934).

Imagem 24 - Equipes campeãs da ginástica artística nos Jogos Olímpicos de Estocolmo em 1912



Fonte: IOC, 1913, p. Pl. 24-25.

Em relação às mulheres ginastas, entre 1912 e 1950, as séries de conjunto foram realizadas por meio de movimentos de “mão livres” ou mediante a manipulação de aparelhos portáteis – aros, bolas, bastões, tecidos e até mesmo arcos (bodoques) –, em formações espaciais geometrizadas, com deslocamentos realizados por passos de dança, exercícios estáticos (poses), impulsos, balanceios e circunduções (IOC, 1913, 1936, 1948).

Imagem 25 – Conjunto de ginastas polonesas, Jogos Olímpicos de Berlim, 1936



Fonte: IOC, 1936, p. 869.

Dentro das competições para os homens, as provas de conjunto se tornaram eventos individuais no mesmo período que os elementos acrobáticos começaram a ser

aceitos na ginástica artística, ou seja, a partir do 9º Torneio Internacional de Ginástica realizado na cidade de Luxemburgo em 1930³⁴⁶. Com efeito, nesse mesmo período, os discursos que criticavam o “antifisiologismo” dos exercícios individuais no solo para os homens, particularmente aqueles que depreciavam as acrobacias, foram enfraquecendo, o que permitiu que os homens evoluíssem rapidamente nas rotinas (BARRULL, 1984; BARKER-RUCHTI, 2009). Todavia, embora as mulheres já tivessem feito apresentações no solo na década de 1940, foi somente dez anos depois, em 1950, que as restrições em relação às séries individuais perderam força e possibilitaram a emergência de novas configurações para as mulheres, vinte anos após o processo ter se iniciado para os homens (BARRULL, 1984; BARKER-RUCHTI, 2009).

No intervalo de 1930 a 1950 a ginástica para os homens já havia desenvolvido um vocabulário motor significativo, com estéticas que saudavam e conservavam o passado militar da modalidade, com mãos e braços estendidos (similares às continências), rotinas cadenciadas, sem acompanhamento musical, a carência de exercícios de dança, o que tornavam as séries impressionantes mais pelas proezas e precisões do que pelo teor artístico. Como consequência, quando as mulheres começaram a se apresentar individualmente, as rotinas mesclavam alguns dos elementos do “vocabulário masculino” em conjunto com novos esquemas motores e expressivos, que foram inseridos e “naturalizados” como sendo do domínio das mulheres – exercícios de dança, movimentos circulares, enlaçados e fluídos –, que respondiam aos códigos de feminilidade dos países que tinham grande influência dentro da FIG, durante as décadas de 1940 e 1950 (CERVIN, 2015). As rotinas no solo para as mulheres eram tímidas no quesito acrobático, mas com um apelo estético e artístico muito forte³⁴⁷.

3) as práticas de diferenciação entre as séries masculinas e femininas, particularmente pelo incentivo dos movimentos corporais marcados sexualmente, pela inserção do acompanhamento musical para as séries femininas e pelas exigências sexualmente distintas nos códigos de pontuação.

Ainda que uma das características marcantes do processo de esportivização tenha sido o ordenamento das forças humanas, no sentido de alcançar uma proeza frente às

³⁴⁶ Apesar ganhar espaço nas competições de ginástica, as notas nos exercícios no solo não eram computadas na nota das equipes. Ainda era forte a rejeição às acrobacias, especialmente para o novo aparelho que começava a surgir nas competições de ginástica artística (BARRULL, 1984).

³⁴⁷ Para questões de exemplificação, existem vídeos feitos a partir de 1950 nos quais se pode ver como eram estruturadas as séries femininas no solo, como por exemplo, no link: <https://www.youtube.com/watch?v=A765wqJBStE>

adversidades impostas pelos próprios indivíduos (morfologia corporal, fisiologia, aspectos psicológicos, dentre outros), por outros adversários, pelas adversidades do meio (chuva, sol, calor, frio, vento, altitude, comportamento animal, pressão social, etc.). A esportivização da ginástica passou a apontar que o esforço humano deveria atender tanto as proezas atléticas (mais forte, veloz, alto) como as performances artísticas. Em outras palavras, na atual configuração da ginástica competitiva (ginástica artística, rítmica, trampolim, aeróbica, acrobática) não basta executar um movimento de grande dificuldade física e técnica, é fundamental que o movimento performe apropriadamente os códigos estéticos (beleza, harmonia, proporcionalidade, estrutura, organização) ditados pelas normativas internas e negociados em relação à matriz regulatória social (o que é belo, aprazível e conveniente numa dada conjuntura histórica de poderes).

Tanto as competições para os homens, como as para as mulheres exigem rotinas com altos níveis de complexidade e movimentos corporais esteticamente “perfeitos”, porém, para além dessas demandas, as séries no solo para as mulheres reclamam, também, por interlocuções não verbais que evidenciem e narrem roteiros com emoções, sentimentos ou estados de espírito (FIG, 2016). Com efeito, o que se observa é que a escolha dos elementos corporais, a aparência do movimento ou as estéticas das narrativas, participam e respondem a matrizes socioculturais e políticas que, nesse caso, se relacionam com as prescrições do ordenamento de gênero e dos códigos de feminilidade e masculinidade circulantes num dado momento histórico.

Como forma de problematizar a diferenciação entre os movimentos “masculinos” e “femininos”, em 1957, um ano antes da inserção do acompanhamento musical para as séries individuais para mulheres no solo, que ocorreu 1958, Frederik Jacobus J. Buytendijk, professor de fisiologia e psicologia do movimento humano na Groningen University, Holanda, publicou *Attitudes et Mouvements. Étude fonctionnelle du mouvement humain*, no qual deduzia que, se a diferença fundamental entre os sexos existia, ela poderia ser observada, particularmente, na forma como homens e mulheres usavam seus corpos, como se movimentavam e como se portavam. Para Buytendijk (1957) a natureza do sexo estava na essência do movimento humano, por isso, afirmava:

A marcha feminina pode ser descrita como a negativa do movimento masculino. Poderíamos dizer que a mulher não acentua os intervalos, que não acelera os passos em direção a um ponto final. [...] O movimento feminino é contínuo e igual. Qualquer instantâneo de um movimento feminino parece intimamente ligado ao passado e ao futuro.

A marcha masculina finaliza a todo instante, a feminina não tem um fim marcado. (BUYTENDIJK, 1957, p. 436 – tradução livre).³⁴⁸

Se consideramos que a ginástica artística feminina estava em franca “evolução” na segunda metade da década de 1950, com a definição dos quatro aparelhos atuais em 1952, implantação do primeiro código de regras e pontuação para mulheres em 1958, inserção de acompanhamento musical para as séries de solo, também em 1958 (BARRULL, 1984), os discursos da diferenciação e divisão sexual dos movimentos que emergem da obra de Buytendijk (1957) revelam partes de uma circularidade que pode ter influenciado na caracterização da ginástica artística. Aliás, foi mediante ideários estéticos, expressivos, morfológicos e performáticos do gênero, que a ginástica artística implantou seus códigos de pontuação e regulamentos. A título de exemplo, na página oficial da FIG, a instituição enuncia os ideais regulatórios para as séries no solo de homens e mulheres:

O exercício no solo [masculino] combina elementos dinâmicos, acrobáticos e não-acrobáticos, que mostrem a força, o equilíbrio e a flexibilidade do ginasta. As acrobacias devem ser, na sua direção, tanto para frente quanto para trás, e consistir em rotações e piruetas. Toda a área do piso deve ser usada durante a rotina que não deve exceder 70 segundos. (FIG, 2020a, *online* – tradução livre).³⁴⁹

Acompanhado por música para melhorar a performance, o exercício no solo [feminino] deve combinar sequências de dança e acrobacias. Idealmente, o foco é a autoexpressão, com a ginasta apresentando uma performance, não uma rotina composta por movimentos prescritos. As ginastas devem se esforçar para usar toda a área do praticável. Individualidade, originalidade, maturidade, maestria e artístico são ingredientes essenciais para uma boa pontuação. (FIG, 2020b, *online* – tradução livre).³⁵⁰

³⁴⁸ “La démarche féminine pourrait être décrite comme le négatif du mouvement masculin. On pourrait dire que la femme n’accentue pas les pauses, qu’elle n’accélère pas le pas vers le point final. Mais on peut aussi donner une définition positive de la féminité du mouvement. Le mouvement féminin est continu et égal. Tout instantané d’un mouvement féminin nous semble intimement relié au passé et à l’avenir. La démarche masculine finit à tout instant, la démarche féminine n’a pas de fin marquée” (BUYTENDIJK, 1957, p. 436).

³⁴⁹ “The Floor Exercise combines the dynamic tumbling and non-acrobatic elements that show off the gymnast’s strength, balance and flexibility with style. Tumbling must be both backward and forward in direction, and will consist of both flipping and twisting. The entire floor area should be used during the routine, which should not exceed 70 seconds” (FIG, 2020a, *online*).

³⁵⁰ “Accompanied by music to enhance the performance, the Floor Exercise should combine dance sequences and tumbling. Ideally, the focus is on self-expression, with the gymnast presenting a performance, not a routine of prescribed movements. Gymnasts should strive to use the whole floor area. Individuality, originality, maturity, mastery and artistry in presentation are key ingredients for a good score” (FIG, 2020b, *online*).

Pelos enunciados, observa-se que as tecnologias de gênero na ginástica artística operam e reforçam que homens são diretos, racionais, eficientes, equilibrados e fortes, e que as mulheres são emotivas e sentimentais, que seus movimentos e expressões, apesar de serem “naturalmente” harmoniosos, são mais atrativos se ritmados por forças externas como as do acompanhamento musical. Nessa disposição, na mesma medida que os movimentos corporais foram sexualmente diferenciados, que normas e regras específicas para homens e mulheres foram implantadas, foi exigido que as séries no solo para mulheres evidenciassem a tríade corpo-movimento-emoção(expressão), algo que não ocorre nas séries para os homens.

A tríade corpo-movimento-emoção se traduz nas exigências sobre estéticas de feminilidade para o corpo, o movimento – gracioso, belo, harmonioso –, e a expressão das emoções por intermédio da interpretação musical. O que ocorre é que essa tríade, antes de comparecer nas exigências dos códigos da ginástica, compunha outras práticas corporais na metade do século XX, a saber, Jaques Dalcroze (1865-1950) e a educação musical pela “eurritmia” ou o “bom fluxo”; Isadora Duncam (1878-1927) e seu método de dança naturalista, expressiva e moderna; Rudolf von Laban (1879-1958) e sua sistematização composta por movimentos naturalistas, expressivos e espontâneos.

Embora as séries individuais com acompanhamento musical tenham sido introduzidas no Campeonato Mundial de Ginástica em Moscou 1958³⁵¹ e depois nos Jogos Olímpicos de Roma em 1960 (BARRULL, 1984), testes anteriores já tinham sido realizados, como foi o caso das rotinas apresentadas nos Jogos Olímpicos de Londres em 1948, quando o fundo musical geral grande preocupação se poderia atrapalhar ou não o bom andamento das competições com os homens.

Como a competição das mulheres [Jogos Olímpicos de Londres em 1948] teve que ocorrer ao mesmo tempo que a dos homens, foi considerado na reunião da Federação que a música usada para os exercícios de equipe das mulheres interferiria na concentração dos homens. Decidiu-se, portanto, que os homens parassem as apresentações durante os poucos minutos que a música levava. No entanto, muitos homens não perceberam a música, que de qualquer forma nunca foi muito alta e, de fato, a única interferência sobre os

³⁵¹ As primeiras discussões sobre a inclusão oficial do acompanhamento musical para as séries de solo femininas ocorreram em 1953 no 32º Congresso Técnico realizado na cidade de Roterdã, porém a proposta foi rejeitada porque ainda acreditavam que a música poderia atrapalhar na prática dos outros aparelhos, mesmo que a experiência dos Jogos Olímpicos de Londres 1948 tivesse mostrado o contrário (BARRULL, 1984).

competidores veio do barulho da direção inversa [do público]. (IOC, 1948, p. 391 – tradução livre).³⁵²

Barrull (1984) afirma que a inserção das acrobacias e o acompanhamento musical, garantiram à ginástica artística para as mulheres características que favoreceram seu *status* de esporte-espetáculo e elevaram as mulheres à categoria de protagonistas da modalidade no final da década de 1960 (BARRULL, 1984). Sobre isso, uma testemunha ocular dos Jogos Olímpicos de 1960, Besson-Durin (1961) dizia:

O exercício no solo é certamente aquele que sofreu maior transformação. Nada em comum com as boas e velhas preliminares, *que tinham tanta dificuldade em se afastar de movimentos muitas vezes masculinos*. O trabalho com a música é, sem dúvida, responsável por esse desenvolvimento. Embora alguns anos atrás a dança permanecesse um modo de conexão e permitisse uma sequência mais harmoniosa das diferentes partes acrobáticas do movimento, nos perguntamos se o rodante, cambalhotas, estrelas, flic-flac, etc., não venham a ser incorporados a uma parte da dança. [...] De qualquer forma, para algumas nações a facilidade é tal, o *desenvolvimento é tão perfeito que as dificuldades desaparecem*. A ginasta é graciosa e sorridente, o esforço de fazer caretas se foi e isso é bom. (BESSON-DURIN, 1961, p. 32 – tradução livre, grifos nossos).³⁵³

Desde o início das competições com mulheres na ginástica artística, as exigências de diferenciação sexual se fizeram presentes, entretanto, foi a partir da inserção do acompanhamento musical, em 1958, que os movimentos e as expressões corporais, a convincente exibição das emoções, a interpretação de um tema, passaram a ser exigidos e avaliados. Exigências que, contudo, nunca foram colocadas para os homens. De acordo com o código atual³⁵⁴ (FIG, 2016, 2017), na execução dos exercícios no solo a ginasta,

³⁵² “As the women’s work had to take place at the same time as the men’s it was considered in the Federation meeting that the music used for the women’s team exercises would interfere with the men’s concentration. It was therefore decided that the men should cease work for the few minutes taken by the music. As it happened, however, many of the men took no notice of the music, which in any case was never very loud, and in fact the only interference to the competitors by noise came from the reverse direction” (IOC, 1948, p. 391)

³⁵³ “L’exercice au sol est certainement celui qui a subi la plus grande transformation. Plus rien de commun avec le bon vieux préliminaire qui avait tant de mal à s’évader de mouvements souvent trop masculins. Le travail en musique est sans aucun doute responsable de cette évolution. Alors qu’il y a quelques années, la danse restait un mode de liaison et permettait un enchaînement plus harmonieux des différentes parties acrobatiques du mouvement, on se demande actuellement si rondade, saut périlleux, roue, flip-flap, etc., ne viennent pas s’incruster dans un morceau dansé. [...] De toute façon, pour quelques nations l’aisance est telle, la mise au point si parfaite que les difficultés s’estompent. La gymnaste est gracieuse et souriante, l’effort grimaçant a disparu et c’est tant mieux” (BESSON-DURIN, 1961, p. 32).

³⁵⁴ O ciclo previsto era de 2017 a 2020, fechando com a realização dos Jogos Olímpicos de Tóquio em 2020, porém, por causa da pandemia provocada pelo Covid19, o ano para a finalização do ciclo foi alterado e, a priori, será finalizado em 2021.

[...]demonstra sua capacidade de transformar seu exercício no solo com uma composição bem estruturada dentro de uma representação. Assim, a ginasta deve realizar uma coreografia fluida, revelando beleza, expressividade, musicalidade e técnica perfeita.

[cria e apresenta] uma composição de ginástica artística única e bem equilibrada, combinando harmoniosamente os movimentos do corpo e a expressão da ginasta com o tema e o caráter da música. [...]

[expressa] uma atitude e uma gama de emoções [...] com o rosto e o corpo. *Isso inclui a capacidade da ginasta de se apresentar e se conectar com o júri e o público, bem como a capacidade de gerenciar/controlar sua expressão durante a execução dos movimentos mais difíceis e complexos. É igualmente sua, a capacidade de desempenhar um papel ou expressar um personagem durante a execução. Além da execução técnica, a harmonia artística e a graça feminina também devem ser consideradas* (FIG, 2016, seção 13, p. 1 – tradução livre, grifos nossos).³⁵⁵

De modo geral, os trechos acima mostram, ainda que parcialmente, que as séries de solo feminino são estruturadas para que atendam e salientem um conjunto de atributos considerados como “naturalmente” pertencentes às mulheres, como a graciosidade, a beleza, a expressividade, a emotividade e uma certa disposição das mulheres para exibirem e ostentarem seus corpos. Diferentemente do que ocorre com as rotinas masculinas, as séries femininas são julgadas em relação à emoção ou interpretação de um tema, à complexidade da estruturação, ao grau de dificuldade dos elementos corporais e em relação à perfeição técnica na execução do movimento. Comparando os códigos de pontuação (FIG, 2016, 2017), percebe-se que, às mulheres é cobrada a perfeição estética do movimento como um todo (preparação, execução e finalização), já para os homens as deduções são aplicadas particularmente no quesito “aterrisagem” (finalização), quando os ginastas têm que demonstrar com exatidão milimétrica o domínio sobre seu corpo em relação à acrobacia e ao aparelho. Nas séries de solo para os homens, a estética da

³⁵⁵ “[...] pour laquelle une gymnaste démontre sa capacité à transformer son exercice au sol à partir d’une composition bien structurée en une représentation. Ainsi la gymnaste doit exécuter une chorégraphie fluide révélant beauté, expressivité, musicalité et technique parfaite. L’objectif principal est de créer et présenter une composition de gymnastique artistique unique et bien équilibré en combinant harmonieusement les mouvements du corps et l’expression de la gymnaste avec le thème et la caractère de la musique. [...] L’expression peut être définie, de façon générale, comme une attitude et une gamme d’émotions exprimées par la gymnaste avec à la fois son visage et son corps. Ceci inclut la capacité de la gymnaste à se présenter et à entrer en contact avec le jury et le public, tout comme son aptitude à gérer/contrôler son expression pendant l’exécution des mouvements les plus difficiles et les plus complexes. C’est également, sa capacité à jouer un rôle ou exprimer un caractère pendant l’exécution. En plus de l’exécution technique, l’harmonie artistique et la grâce féminine doivent également être considérées” (FIG, 2016, sec. 13, p. 1).

masculinidade, embora regulatória, não é um item que é avaliado, bonificado ou deduzido.

Aliás, as diferenças nos julgamentos começam antes mesmo das/dos ginastas adentrarem no praticável. Os códigos de pontuação, ainda que camuflados por enunciados sobre a neutralidade, igualdade de condições e segurança das/dos praticantes, deixam revelar o ordenamento de gênero através de descrições, agrupamentos, classificações e notações dos elementos corporais permitidos. No solo, por exemplo, homens e mulheres têm as seguintes possibilidades:

Tabela 1 - Distribuição dos elementos acrobáticos e não acrobáticos nos códigos de pontuação masculino e feminino, ciclo 2017-2021

Elementos corporais nos códigos de pontuação – aparelho solo ³⁵⁶	Código de Pontuação Masculino	Código de Pontuação Feminino
Não acrobáticos	73 (não há divisão dos elementos)	116 74 saltos e saltitos 20 piruetas e giros 22 exercícios de apoio das mãos
Acrobáticos	84 33 saltos para frente 51 saltos para trás	48 26 saltos para frente e para os lados 22 saltos para trás
Total de elementos corporais	157	164

Fonte: Adaptado de FIG, 2016, 2017.

No código para os homens do ciclo 2017-2021 são descritos 73 (setenta e três) elementos não-acrobáticos, dos quais ao menos um deve compor a série no solo (FIG, 2017, p. 22), já no código para as mulheres, são descritos e notados 116 (cento e dezesseis), divididos em três categorias, saltos/saltitos/galopes, piruetas/giros e apoios com as mãos, dos quais, no mínimo três devem estar presentes nas séries femininas (FIG, 2016, seção 13, p. 2).

Essa discrepância na quantidade de elementos acrobáticos e não-acrobáticos em relação ao sexo pode ser analisada por diferentes perspectivas. A primeira, deixa entender que as séries masculinas se caracterizam pelas acrobacias e as femininas pelo caráter estético, artístico e expressivo dos movimentos. A segunda análise, deixa revelar que, ao conquistarem poder nas competições e cargos dentro da FIG, as mulheres teriam

³⁵⁶ Os elementos foram contados e classificados de acordo com os critérios: a diferença na posição do corpo (grupado, estendido, carpado), a diferença na forma de execução (para frente, para trás, para o lado, com giros) e a diferença de valor (uma pirueta, duas piruetas, um mortal, dois mortais, etc).

incentivado o nivelamento das condições nos códigos e regulamentos. Por exemplo, em 1968, quando as mulheres começaram a conquistar o protagonismo nas competições de ginástica, no código para as mulheres constavam 18 (dezoito) tipos de acrobacias em 100 (cem) exercícios (acrobáticos e não-acrobáticos) (BARKER-RUCHTI, 2009, p. 47), já no atual são elencadas 48 (quarenta e oito) acrobacias num total de 164 (cento e sessenta e quatro) exercícios possíveis (FIG, 2016, 2017), uma relação de 18% em 1968 e 29,2% no ciclo atual.

Por fim, ao passo que alguns elementos não-acrobáticos são descritos e notados no código masculino, esses mesmos elementos não contam pontos nas séries com mulheres. Por exemplo: reversões para frente e para trás, abertura ântero-posterior das pernas no solo (*grand écart*), equilíbrios em “aviãozinho”, em *grand écart* ou *penché*, podem render para os homens entre 0,10 a 0,20 pontos, mas não contam nada para as ginastas (FIG, 2016, 2017). Gurlly (2020), argumenta que o comitê técnico da ginástica artística masculina tem compreendido que alguns elementos corporais tendem a ser mais fáceis para as mulheres do que para os homens, como é o caso dos exercícios de flexibilidade, por isso eles são valorizados nas séries dos homens.

Já os exercícios que exigem força, potência e resistência, capacidades físicas tradicionalmente atribuídas aos homens, têm menores valores no código para os homens, do que no código para mulheres. O “duplo mortal para trás na posição grupada”, por exemplo, vale 0,30 para os homens e 0,40 para as mulheres (FIG, 2016, 2017). O que, ao meu ver, reforça a concepção de que os homens seriam naturalmente mais fortes e, mais potentes que as mulheres, por isso, as acrobacias para eles receberiam notas menores.

Barker-Ruchti (2009), ao analisar os códigos de pontuação de 1964 e 1975 e a estética corporal de algumas das grandes ginastas desses períodos, observou que os Jogos Olímpicos de Montreal 1976 marcaram um momento decisivo para a ginástica feminina, quando as acrobacias se consolidaram nos códigos e nas rotinas no solo com mulheres. A pesquisadora revela que, nos anos que entremeiam os dois códigos analisados, ocorreram resistências por parte de países ocidentais que se mostravam desfavoráveis à “acrobatização” excessiva da ginástica artística feminina, pois temiam uma possível masculinização da prática. Além disso, assegura a pesquisadora, temia-se também que o aumento da complexidade e dificuldade das séries, pudesse aumentar os riscos de acidentes com as ginastas.

4.5 A construção do sujeito da ginástica artística: operabilidades das tecnologias disciplinares e de gênero

Como outros esportes, a ginástica artística é um campo de proteção das masculinidades, portanto, é uma arena de negociações distintas e distintivas em relação ao gênero. Esse esporte, desde os antigos sistemas de ginástica, vem atuando como uma pedagogia corporal que disciplina e controla o corpo e o indivíduo; através dela, Guts Muths, considerado o avô da ginástica artística, buscou corrigir a “feminização”, as fraquezas e os desvios comportamentais dos homens (crianças, jovens e adultos) alemães/as; já o pai da ginástica artística, Ludwig Jahn, quis favorecer a formação militar (após derrotas e invasões francesas) e nacionalista do povo alemão (a reunificação dos condados prussianos e a formação do Império Alemão em 1871); o franco-espanhol, Amorós y Ordeano, com seu método francês, se esforçou para fortalecer o poder militar francês e depois atuou dentro das instituições escolares (definiu em grande medida a disciplina de educação física da época); Pehr Ling, baseado nos discursos biomédicos, anatômicos e fisiológicos, criou e implantou a ginástica sueca para corrigir desvios posturais e fortalecer o corpo dos/as praticantes (para as mulheres o objetivo era favorecer a saúde reprodutiva) (BARRULL, 1984; PUBLIO, 1998).

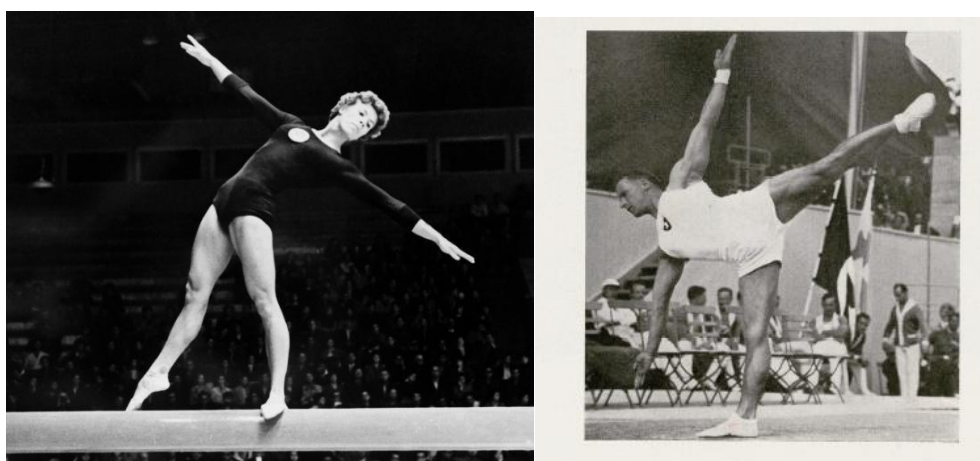
Desse modo, como uma modalidade esportiva de caráter misto, quase tudo na ginástica artística foi configurado para dividir, separar e segregar homens e mulheres. Ser um esporte misto não significa que o gênero não importa, mas que ele responde às necessidades do ordenamento social. Como argumenta Raewyn Connell (1995), “Todas as formas de política de masculinidade envolvem uma relação com o feminino. Quer seja uma relação de rejeição, de coexistência cautelosa ou ainda de apoio caloroso [...]” (p. 195).

Por ser um esporte de grande apelo estético, a ginástica artística passou por um lenta, mas efetiva política de generificação³⁵⁷. Os seis aparelhos para os homens foram definidos em 1936 (solo, mesa de salto, cavalo com alças, argolas, barra fixa e barras paralelas) e os quatro para as mulheres em 1952 (solo, mesa de salto, trave de equilíbrio e barras assimétricas) (BARRULL, 1984). Na medida que o gênero era incorporado aos aparelhos, os movimentos corporais começaram a ser generificados, classificados, valorados, divididos e elencados em duas tabelas de pontuação (código de pontuações

³⁵⁷ Para Goellner (2016), a generificação está nos “[...] discursos, valores e práticas que produzem representações de feminilidades e masculinidades, as quais, por sua vez, produzem posições sociais que hierarquizam os sujeitos a partir da biologia dos seus corpos” (p. 31).

para homens e mulheres) (FIG, 2016, 2017). No caso dos movimentos corporais, os homens continuaram a mostrar e reforçar as estéticas militares (retas, diretas) e racionalizadas (economia de energia para a execução perfeita e útil do movimento) herdadas dos antigos sistemas de ginástica. Já as mulheres, sobretudo, a partir dos anos 1960, começaram a incorporar e performar movimentos circulares, enlaçados, harmoniosos e com a expressão das emoções (BARRULL, 1984; PAPIN, 2007). Nas imagens abaixo, observa-se os movimentos de braço das ginastas ainda eram semelhantes aos dos ginastas.

Imagem 26 - Atleta da URSS, a grande campeã Larissa Latynina no Campeonato do Mundo de Ginástica de Moscou 1958 e Josef Walter, suíço vice-campeão no solo nos Jogos Olímpicos de Berlim, 1936



Fontes: Slate, 2016³⁵⁸ e IOC, 1936, p. 851.

A diferenciação sexual dos movimentos corporais não foi uma disposição centrada no campo esportivo, ela fazia parte da ordem discursiva da década de 1950 e circulava em vários outros campos. Na psicologia comparada, por exemplo, Buytendijk (1957) afirmava que o problema da diferenciação sexual na natureza e a oposição entre homens e mulheres estava no domínio metafísico, atrelado à origem e à essência do sexo. Para esse autor, mesmo que uma fêmea pudesse executar os movimentos “naturais” dos machos, essa ação não retiraria o movimento realizado da alçada natural dos machos.

A forma fenomenal do movimento masculino é, portanto, subdividida em partes, cada uma com um ponto final notadamente pronunciado, e a ação, como um todo, tem um final bem marcado. Esse fim, ou meta, é

³⁵⁸ Disponível em : <https://slate.com/culture/2016/08/larisa-latynina-michael-phelps-olympic-equal-won-the-1958-gymnastics-world-championship-while-pregnant.html> Acesso em: 21 out. 2020.

o momento definidor que dá sentido a todo o movimento e que aparece em cada uma das partes. Qualquer ação abrupta e direta, reta, notadamente finalizada, tem, portanto, um caráter masculino. O mesmo pode ser dito para os movimentos dos animais. Tudo o que é salto, ataque, tudo o que é movimento carnívoro é movimento masculino, mesmo que seja a fêmea quem o executa (BUYTENDIJK, 1957, p. 436 – tradução livre).³⁵⁹

Além da generificação do movimento humano, o vestuário também indica o pertencimento ao gênero, como também evidencia outros marcadores como a classe social e procedência geográfica. Os *leotards* (maiôs de ginástica) das mulheres, que hoje podem ou não encobrir os braços, mas que, obrigatoriamente, precisam desnudar partes do quadril e os membros inferiores, incorporaram o gênero e foram evoluindo conforme os avanços dos tecidos, das técnicas de costura e dos aviamentos. Contrariamente, o vestuário dos homens não mudou muito, exceto pelo uso dos tecidos mais elásticos e pela possibilidade de os ginastas utilizarem shorts nos exercícios no solo e no salto sobre a mesa. Os deixam em evidência as partes inferiores dos atletas, mas não tanto quanto o fazem os *leotards* no corpo das ginastas. Além dos shorts, os homens utilizam calças nos outros eventos (barras paralelas, barra fixa, cavalo com alças, argolas), enquanto para as ginastas o modelo de uniforme não muda em razão do aparelho.

Os códigos de pontuação aprovados para os homens em 1949 e para as mulheres em 1958, hoje, “sugerem” que as séries com mulheres expressem os códigos tradicionais de feminilidade, que sejam de grande plasticidade, beleza, graciosidade e que façam o público se interessar e se conectar com a ginasta (FIG, 2016). Já, para os homens, as séries devem se caracterizar pelo vigor, originalidade, controle do corpo, correto manejo dos aparelhos e pela perfeição nas aterrisagens (FIG, 2017).

Os esportes, como nós os praticamos, nunca são simplesmente uma série de movimentos puramente físicos do corpo. Pelo contrário, são estruturas normativas complexas de interação social que definem, incorporam e reforçam, efetivamente, os limites sociais apropriados do ser e do comportamento humano. E a maneira mais notável pela qual os esportes tradicionais fazem isso é nos dizendo o que significa ser homem ou mulher. (HOWE, 2007, p. 331-332 – tradução livre).

³⁵⁹ “La forme phénoménale du mouvement masculin est donc subdivisée en des parties qui possèdent chacune un point final nettement prononcé et l’action, comme ensemble, a une fin nettement marquée. Cette fin, ou ce but, est le moment déterminant qui donne à l’ensemble du mouvement sa signification et qui apparaît dans chacune des parties. Toute action abrupte et carrée, droite, nettement finalisée, possède donc un caractère masculin. On pourrait dire la même chose d’ailleurs pour les mouvements des animaux. Tout ce qui est saut, attaque, tout ce qui est mouvement de carnassier est un mouvement mâle, même si c’est la femelle qui l’exécute” (BUYTENDIJK, 1957, p. 436).

Imagem 27 - Exemplo de uma organização espacial e disposição dos aparelhos num ginásio de ginástica artística



Fonte: Woodstock Gymnastics Club, 2020.
<https://woodstockgymclub.com/>

Praticada cada vez mais em ginásios fechados a partir da metade do século XIX (BARRULL, 1984), a ginástica artística chegou aos dias atuais como uma boa representação do disciplinamento através do aparelho panóptico, problematizado por Foucault (2011b). Tudo nos ginásios deve estar à disposição do olhar dos/as professores/as, ginastas e qualquer pessoa que adentre o espaço. Ao passo que, através da estrutura do Panóptico de Bentham, descrito por Foucault (2011b), a vigilância parte de uma arquitetura que possibilita alguém ver tudo e a todos sem ser visto, nos ginásios da ginástica, o mecanismo é ainda mais complexo. Não há paredes que delimitam as celas, não há grades para impedir os deslocamentos, as fronteiras e os limites são simbólicos, mas muito eficientes, os aparelhos se deixam ver, não escondem aqueles/as que os usam, porém, demarcam espaços à sua volta, determinam quem pode usá-los e restringem como podem ser usados.

O cotidiano das sessões em um ginásio de ginástica revela as dinâmicas e as operações para a criação, docilização e generificação de corpos, indivíduos, movimentos, representações e autorrepresentações. Sob meu ponto de vista, esse espaço, como poucos outros, traduz as quatro ferramentas disciplinares que Foucault (2011b) elenca: 1) a arte da distribuição, 2) o controle das atividades, 3) a organização das gêneses e 4) a composição das forças, além de expor também, tecnologias que visam instituir, inculcar e incorporar utilidades, funcionalidades e inteligibilidades aos corpos e aos indivíduos.

Segundo Foucault (2011b), um corpo dócil é aquele que “[...] pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (p. 132), e tem sido

esse o corpo que a ginástica artística tem ajudado a construir. Quando as crianças são iniciadas na modalidade, seus corpos são manipulados, corrigidos, modelados, treinados para que obedeçam, respondam e demonstrem capacidades e habilidades, economicamente organizadas e expostas, aos olhares treinados de uma banca de arbitragem que, por sua vez, funciona para atestar a normatividade dos elementos e lhes conferir bonificações e/ou deduções.

O corpo da/o ginasta é resultado de um regime disciplinar longo, nem sempre contínuo, mas estável, composto por repetições e correções diárias que vão dos movimentos corporais mais simples aos mais complexos. Nos primeiros anos de aprendizagem, a pedagogia é basicamente exploratória e ortopédica. Mediado por professores/as, técnicos/as, o corpo é conhecido e reconhecido, toda a modelagem opera através de pequenos, mas eficientes, ajustes das mãos, braços, troncos, pernas, pés e da cabeça. Pular, correr, rolar, saltar, trepar, nada pode continuar a ser como era, os movimentos precisam ser racionalizados, as energias canalizadas e as expressões dos sentidos direcionadas. A fome e a dor, respostas fisiológicas básicas dos humanos, exigem ser cuidadosamente controladas, nem muita dor, nem muita fome, a medida da força que dociliza requer moderação. A conformação do corpo e do sujeito ginástico é minuciosa, aliás, no aprendizado esportivo, “A disciplina é uma anatomia política do detalhe” (FOUCAULT, 2011b, p. 134).

Imagem 28 - Correções e ajustes na ginástica artística



Fonte: Fly High Fitness, 2020.³⁶⁰

Considerada um “esporte espetáculo”, título que tem defendido desde o final da década de 1950 (BARRULL, 1984), a ginástica artística que, inicialmente, era praticada sobre a pelugem gramada de campos abertos, em troncos de árvores pouco confiáveis, em cordas, bastões, sacos cheios de areia e cavalos, que pareciam os cavalos verdadeiros

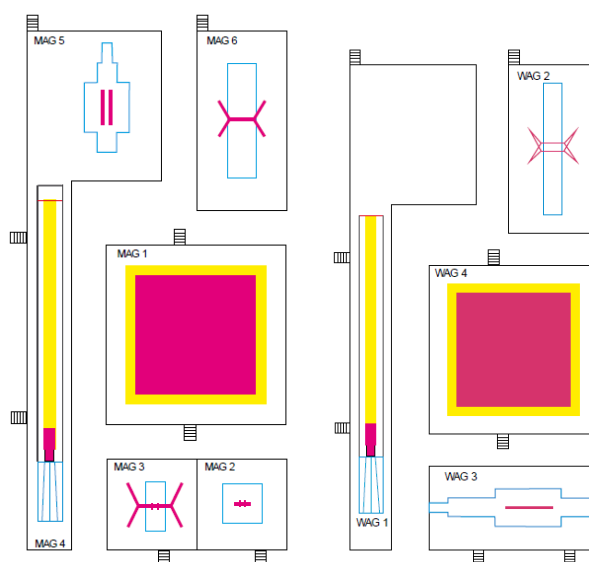
³⁶⁰ Disponível em: <https://www.flyhighfitness.org/iw-courses/kids-gymnastics-classes/> Acesso em: 21 out. 2020.

com cauda, pernas e pescoços, foi levada para o espaço delimitado e delimitador de salas, quadras e ginásios, especialmente, quando as competições foram transferidas para um espaço fechado, por causa das chuvas que caíram durante o Campeonato Mundial de Ginástica Artística realizado na cidade de Roma, em 1954 (BARRULL, 1984, p. 449).

Nos ginásios e salas, nas aulas e sessões de treinamento, nas apresentações e competições, as ferramentas disciplinares e as tecnologias de gênero que, ora se revelam, ora se acobertam, operam eficientemente. Elas estão no enclausuramento da prática e dos praticantes nos ginásios e centros de treinamento, na distribuição espacial dos equipamentos, aparelhos, praticantes e professores/as (técnicos e técnicas), nas aulas e sessões de treinamento, na forma como os indivíduos se apresentam e se dispõem conforme critérios como sexo, idade, capacidade física, nível de aprendizado, finalidade das sessões, posições na hierarquia do saber-poder.

No ginásio, os aparelhos, marcados sexualmente, são dispostos milimetricamente no espaço. Nas competições oficiais da Federação Internacional de Ginástica, eles devem respeitar um compêndio de regras de construção (tipos de materiais, dimensões, funcionalidades e seguranças esperadas) e determinações para sua alocação nas arenas das competições (FIG, 2020).

Figura 33 – Padrão para colocação dos equipamentos da Ginástica Artística Masculina e Feminina nas competições oficiais da FIG³⁶¹



Fonte: FIG, 2020, p. 144-145.

³⁶¹ De acordo com a figura: Ginástica Artística Masculina: MAG 1 – Solo, MAG 2 – Cavalo com alças, MAG 3 – Argolas, MAG 4 – Mesa de Salto, MAG 5 – Barras Paralelas, MAG 6 – Barra Fixa. Ginástica Artística Feminina: WAG 1 – Mesa de Salto, WAG 2 – Barras Assimétricas, WAG 3 – Trave de Equilíbrio, WAG 4 – Solo.

Foucault (2011b) sustenta que na arte da distribuição o espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas forem necessárias para que os corpos sejam corretamente distribuídos, separados e regulados. As pequenas par(celas) devem atuar e corrigir os enquadramentos indecisos, controlar os indivíduos não docilizados ou resistentes, organizar as circulações ordeiras e desreguladas, evitar as formações de grupos e agrupamentos indesejáveis, possivelmente conspiradores e impedir os desaparecimentos suspeitos. Num ginásio de ginástica artística:

Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um[a], apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos”. (FOUCAULT, 2011b, p. 138).

Barker-Ruchti & Tinning (2010), ao analisarem como as ginastas da equipe nacional australiana experimentavam, se sentiam, como lidavam com os regimes disciplinares e com os desapontamentos, perceberam que as ginastas, ainda que pudessem obter poder através das suas performances e conquistas, elas aparentavam ter poucos recursos para instituir resistências suficientemente fortes (a ponto de alterar a balança do poder) às imposições feitas pelas/os técnicas/os e professoras/es. Essa relação parece evidenciar que os indivíduos podem produzir saberes sobre eles mesmos e se darem a conhecer e reconhecer, mas isso não significa, necessariamente, que esse saber-poder que escrutina, revela e confessa seja libertário ou potencialmente instaurador de novas relações de poder, pois, para Foucault (1982), os indivíduos que participam de regimes de poder, podem ser ora sujeitos, ora assujeitados.

As tecnologias disciplinares e de gênero funcionam na ginástica artística para disciplinar, produzir, fazer funcionar, instituir padrões, garantir normatizações, normalizações e especializações, operam sincronicamente no corpo e no grupo. Ao mesmo tempo que criam corpos, indivíduos e saberes ginásticos, incorporam o gênero, engendram expressões de feminilidades e masculinidades e retroalimentam os dispositivos do gênero e esporte.

A divisão dos tempos, espaços, aparelhos, tarefas e indivíduos funcionam, nos ginásios, como nas linhas de montagem das fábricas; ninguém deve ficar desocupado, para tanto, tarefas e metas são propostas, ações de retroalimentação são instaladas, anúncios sonoros comandam: “Vinte repetições!”, “Mantenha os joelhos estendidos!”, “Não relaxe a ponta dos seus pés!”, “Muito bom! Agora, repita o salto dez vezes, seu

corpo precisa memorizá-lo”, “Esse elemento não será bonificado!”. Sobre essa produtividade, que considero particularmente reprodutiva, Barker-Ruchti & Tinning (2010) constataram:

A organização dessa distribuição teve efeitos *produtivos*: primeiro, acelerou os processos de aprendizado das ginastas, pois elas não precisavam esperar sua vez. Segundo, a alocação individual das ginastas para diferentes aparelhos permitiu aos treinadores detectar e corrigir erros instantaneamente. Terceiro, a distribuição individual e próxima permitiu aos treinadores obter informações personalizadas sobre suas ginastas. Eles podiam ver quando suas atletas estavam lutando ou sofrendo. Embora muitas vezes ignorassem essas dificuldades, seu constante contato próximo significava que estavam cientes do estado de bem-estar de suas ginastas. (BARKER-RUCHTI & TINNING, 2010, p. 239-240 - grifos no original, tradução livre).³⁶²

Se o aparelho panóptico oferece alto grau de heterovigilância, nos ginásios e nas salas de dança, os espelhos aumentam infinitamente a potencialidade e a ação do controle, pois, oferecem condições, tanto para a heterovigilância – as/os técnicas/os podem observar, mas são também observados/as –, quanto para a autovigilância, quando as/os ginastas podem observar seus corpos em ação e recolher informações importantes para possíveis ajustes. Da maneira como os espelhos são dispostos, ninguém escapa desses dispositivos refletores, nem quem passa pelo aprendizado, nem quem dirige o processo, por isso, Foucault (2011b) alega que a visibilidade pode ser uma faca de dois gumes.

Quem está submetido a um campo de visibilidade e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder; fá-las funcionar espontaneamente sobre si mesmo; inscreve em si a relação de poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis; torna-se o princípio de sua própria sujeição. (p. 192).

No caso das sessões da ginástica artística com mulheres, a auto e a hétero vigilância se estendem para outros espaços como as salas de dança e ballet, onde os espelhos promovem regimes de visibilidade ainda mais efetivas, dado que naquele espaço, eles estão em toda parte, posicionados especificamente para “fazer ver”, “fazer exhibir” e “fazer saber”. Na frente deles, são executados os movimentos, ensaiadas as

³⁶² “The organization of this distribution had *productive* effects: First, it accelerated the gymnasts’ learning processes as they did not have to wait for their turns. Second, the individual allocation of the gymnasts to differing apparatuses allowed the coaches to instantly detect and correct mistakes. Third, the individual and close distribution allowed the coaches to obtain personalized information about their gymnasts. They could see when their athletes were struggling or hurting. While they often ignored these difficulties, their constant close contact meant that they were aware of their gymnasts’ state of well-being” (BARKER-RUCHTI & TINNING, 2010, p. 239-240 - grifos no original)

poses e repetidas as expressões faciais, tudo exercitado à exaustão. *Pliés, pas de bourrées, jetés, élans e pivots*³⁶³, elementos da dança clássica que gostam de ser chamados na língua francesa, são executados através do apoio comedido das mãos sobre as barras, nem muito firme, nem muito relaxado, mesmo o suporte e apoio, na economia disciplinar, devem ser moderados. Os movimentos, executados e repetidos na barra, em conjunto com alguns módicos deslocamentos na sala, condicionam pequenas partes do corpo que depois promoverão as grandes amplitudes, a perfeição, a ilusão da “naturalidade”.

Nessa pedagogia do corpo e das emoções, as ginastas exercitam, corrigem e incorporam os movimentos, aprendem a executá-los de maneira tão automatizada que “fazem sem ver” (como é comum escutar de dançarinas e ginastas). Depois, já nas competições, as ginastas participam de um “jogo de sedução”, no qual transferem a apreciação do movimento para um tipo olhar que chamo de “voyeurismo institucional”, composto pela banca de arbitragem e do público que aprendeu a apreciar a ginástica artística. Quando a ginasta apresenta sua série, o poder altera sua direção, sem os espelhos, ela já não pode se ver. O poder disciplinar desse momento passa a ser instaurado pela banca de arbitragem, público e pares, sua dinâmica, opera no plano da invisibilidade (FOUCAULT, 2011b). Não que a ginasta não saiba que está sendo observada e avaliada, mas, porque o leque difuso dos olhares e a urgência da tarefa executada (a série de exercícios) impedem que os pontos de projeção do poder sejam identificados.

Como os códigos de pontuação da ginástica artística para mulheres exigem (bonificam ou deduzem pontuações) que as séries sejam femininas, graciosas e que promovam a conexão entre a ginasta, a arbitragem e o público (FIG, 2016), as ginastas têm que aprender e incorporar expressões faciais, poses, olhares que são utilizados especificamente para atender o “voyeurismo institucional”. A título de exemplo, nas competições no aparelho solo é possível notar que as ginastas mudam totalmente suas expressões faciais quando soa o sinal de partida e inicia o acompanhamento musical das suas séries.

Muitos e muitas, ainda se lembram da romena Nadia Comaneci e da comoção que a ginasta causou com sua série de solo e a “nota dez” que logrou nos Jogos Olímpicos de Montreal em 1976. Embora, Comaneci comovesse a arbitragem e o público com seus

³⁶³ Os elementos corporais que compõem a pedagogia do ballet são comumente enunciados na língua francesa, desse modo, *plié* descreve um movimento de flexão dos joelhos; *pas de bourrée* é passo com três movimentos das pernas em direções variadas; *jeté* é o movimento executado em forma de batida ou compasso com extensão total de joelho; *élans* são as conexões que imprimem fluidez num conjunto de movimentos corporais; *pivots* são giros feitos com apoio num ou nos dois pés.

movimentos e expressões faciais, fora do tablado a ginasta era tímida e retraída, o sorriso lhe era fácil. Uma matéria, publicada na revista *Sports Illustrated* de 02 de agosto de 1976, dizia: “Nadia Comaneci não é uma criança expressiva. Ela é conhecida por ter poucos amigos [...] Ela sorri e acena de uma forma estilizada, e apenas porque foi instruída por seu treinador [à época, Bela Karolyi] fora do palco [...] (DEFORD, 1976, p. 30 – tradução livre).

Falar de enclausuramento na análise da ginástica artística pode soar austero, intenso para quem não conhece o cotidiano das aulas e treinos dessa modalidade. Entretanto, quanto mais as ginastas vão progredindo tecnicamente no esporte, mais tempo passam dentro dos ginásios³⁶⁴³⁶⁵, algumas sessões de treino chegam a durar seis horas, divididas em dois turnos, em seis dias da semana. Mulheres e homens ginastas passam grande parte das suas vidas nesses ambientes “privados”, porém, isso não quer dizer que a reclusão tenha o mesmo significado para ambos.

Nos estudos de gênero e teorias feministas a relação entre o público e o privado é um tema caro, estudiosas como Sofia Aboim (2012) e Susan Moller Okin (2009), sustentam que o ordenamento do gênero na sociedade ocidental moderna é resultado de práticas regulatórias, nas quais, o ambiente do lar, caracterizado pelos cuidados com a família e os afazeres domésticos, foi consumado como um espaço “naturalmente” das mulheres. De outro modo, o espaço público, onde transações políticas e financeiras são feitas, onde os capitais culturais e sociais são negociados, onde as leis são discutidas, seria naturalmente dos homens. Segundo Melo & Schetino (2009) a relação público-privado foi tão marcante no Brasil que, até as primeiras décadas do século XX, existia entre as famílias da elite uma verdadeira “cultura da reclusão” para as mulheres, interditando-as às práticas corporais.

Dessa maneira, talvez poderíamos dizer que as ginastas podem ser submetidas a diferentes tipos de enclausuramento nos ginásios, pois as sessões podem agir como uma sucursal da vigilância familiar. Seguramente, as exercitações e os aprendizados podem fortalecer os corpos das mulheres e fornecer uma certa impressão de liberdade, pois, podem se sentir fortes, eficientes, aguerridas, o que é um fato, porém, pela estrutura e operabilidade da ginástica artística, as liberdades dos corpos e das ginastas resultam de processos submetidos às condições do gênero.

³⁶⁴ <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/minha-historia-angelica/#nem-pao-nem-agua>

³⁶⁵ <http://globoesporte.globo.com/ginastica-artistica/noticia/2015/03/treino-refeicao-estudo-tratamento-e-mais-treino-vida-dos-ginastas-no-ct.html>

Embora a família da/do ginasta mantenha uma relação de proximidade com o centro de treinamento, particularmente quando as crianças são iniciadas na prática, de outro modo, quando as/os ginastas alcançam o alto rendimento, essa relação tende a ser alterada. As/os ginastas em fase de treinamento para competições importantes, como mundiais e jogos olímpicos, são frequentemente apartadas/os das famílias e alocadas/os em repúblicas, onde convivem com outras/os ginastas e recebem o suporte de uma equipe multidisciplinar composta de cuidadoras/es, técnicos/as, preparadores/as, nutricionistas, médicos/as, psicólogos/as, fisioterapeutas e professores/as.

Presentes em vários países³⁶⁶ desde a década de 1950, os centros de treinamento especializados garantiram à antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, à Romênia e à Ucrânia bons resultados no cenário das competições internacionais, na década de 1970 (NUNOMURA & OLIVEIRA, 2012). Por isso, se tornaram modelos para a preparação de ginastas em outros países, inclusive o Brasil. Nesses centros, apontam Someleuskiy & Gaverdouskiy (1996 in NUNOMURA & OLIVEIRA, 2012, p. 379):

[...] a preparação centralizada está fundamentada no desenvolvimento de um grupo de ginastas com potencial relativamente semelhante e cujo objetivo é aplicar métodos de treinamento intensivos, amparados por uma estrutura de ponta, que permita um controle mais eficiente dos treinos e dos aspectos médicos e psicológicos que permeiam a formação de um atleta da classe mundial.

Outro exemplo da operabilidade das tecnologias disciplinares e de gênero nos centros de treinamento, vem de uma das equipes mais fortes do mundo, a esquadra estadunidense de ginástica artística feminina, da qual Simone Biles é parte. De 1999 até 2015, conforme os calendários competitivos, as equipes estadunidenses eram colocadas em regimes de concentração num centro esportivo, no meio de uma zona rural, a noventa e seis quilômetros da cidade Houston, EUA. O local, administrado por Marta Károlyi e seu esposo Béla Károlyi, dois premiados técnicos, ambos nascidos na Romênia e que imigraram para os Estados Unidos da América nos anos 1980, se chamava “Karolyi Ranch”.

Até 2015, o Karolyi Ranch foi o centro de treinamento das equipes de ginástica dos Estados Unidos, situação que mudou com os escândalos dos crimes cometidos por

³⁶⁶ O primeiro centro de treinamento em regime de internato para a seleção feminina de ginástica artística brasileira foi fundado em 1995 e começou suas operações em 1997 (NUNOMURA & OLIVEIRA, 2012). De 1997 até 2020, a Confederação Brasileira de Ginástica abriu e encerrou vários centros de treinamento, não possuindo, desse modo, uma política estável, nem mesmo um espaço físico específico para essa tarefa.

um dos médicos responsáveis pela seleção feminina, Larry Nassar, que em 2018 foi acusado e condenado a trezentos e sessenta anos de prisão pelos abusos sexuais que cometeu em centenas de atletas. Como Larry Nassar trabalhava sob a coordenação do casal Károlyi, os técnicos e o centro de treinamento foram acusados de cumplicidade, favorecimento e acobertamento dos crimes, muitos cometidos dentro das instalações do Károlyi Ranch. Segundo a mídia, além de cúmplices, os Károlyis também perpetraram eles mesmos outros crimes como ameaças, lesões físicas, danos psicológicos e abuso de autoridade contra as ginastas, por isso, o centro de treinamento fechou suas portas em 2015 e o casal de treinadores se mudou para a Romênia, sua terra natal, onde aguardam o desenrolar do processo que se arrasta na justiça estadunidense (YAN, 2018).

Com uma cultura de internato, o Károlyi Ranch prezava o distanciamento social das atletas. Exceto em momentos especiais e cuidadosamente organizados, nem mesmo as famílias podiam se hospedar no local. A ideia era que as atletas se concentrassem nos objetivos determinados pelos calendários de treino e das competições, lá deveriam se alimentar, repousar e se tratar sob a coordenação de especialistas como nutricionistas, fisioterapeutas e médicos. Em uma entrevista concedida pela campeã olímpica Gabby Douglas à rede de televisão NBC, a atleta relatou que sua primeira experiência no Károlyi Ranch foi de medo e solidão, que certo dia teria ligado para sua mãe e relatado que se sentia nervosa e amedrontada, desejando retornar à convivência familiar (DOUGLAS, 2012, 3'38"). Já para a ex-ginasta e atual técnica, Mattie Larson, "Existe um sentimento estranho tão logo você coloca o pé no Károlyi Ranch. Ele é distante de qualquer civilização. [...] Ele é totalmente isolado, e isso não é por acaso. Isso era o que Károlyi queria" (LARSON apud YAN, 2018, *online*).

Saberes, técnicas e sistemas de treino transformam o corpo em uma máquina de voar, saltar, girar e se contorcer, deslocam a estilística da existência do indivíduo para outra dimensão, na qual o sujeito passa a se nomear, se reconhecer e ser reconhecido como um ginasta ou uma ginasta. Transformar o corpo, torná-lo apto para desafiar a lei da gravidade e performar corretamente os códigos, (a)condicioná-lo dentro de uma economia política de movimentos e expressões, é fruto de um tipo de pedagogia ortopédica que, na promessa de criar a ilusão da liberdade e poder, adentra o corpo e dociliza sujeito. Porém, assim como Foucault (1982,1988) previa a emergência das resistências e De Lauretis (1994) atestava a possibilidade dos agenciamentos, também é possível afirmar que existem corpos e sujeitos que escapam dos ordenamentos disciplinares e de gênero. Como reforça De Lauretis (1994), o gênero também é

desconstrução, é uma trama em potencial, não é dado natural, como processo e resultado está em constante negociação.

Interdependentes, as tecnologias de gênero e as disciplinares se articulam e investem na composição ou decomposição das forças, pois, a criação do corpo dócil, eficiente e marcado sexualmente, exige a divisão e a distribuição dos indivíduos em espaços bem determinados, onde as tecnologias atuam e o poder atinge o alvo. Porém, onde há relação de poder, há resistências, dizia Foucault (1979), por isso, a tarefa da docilização e incorporação dos códigos da ginástica artística e do gênero, vai demandar, inicialmente, a decomposição dos poderes resolutos para que, depois, esses poderes sejam recompostos, mas em novas configurações mais conformadas e úteis aos dispositivos. “A disciplina não é mais simplesmente uma arte de repartir os corpos, de extrair e acumular o tempo deles, mas de compor forças para obter um aparelho eficiente”, afirmava Foucault (2011b, p. 158).

Para compreender melhor essa técnica de (de)composição das forças, voltemos ao ginásio da ginástica artística. O processo de ensino das técnicas e a ortopedia do corpo exigem que a/o ginasta aceite ser educado, que confie verdadeiramente no poder dos saberes que são projetados sobre ela/ele, que consinta com os comandos dos técnicos e técnicas, contudo, essa permissibilidade não é um atributo, ela precisa ser inculcada e educada. Para tanto, a formação da/do ginasta reivindica que o/a aprendiz se desapegue do poder que cultiva e se disponha em favor do saber que recebe. A/o ginasta deve aceitar e internalizar sua posição na relação de poder-saber – configuração dada pela relação professor/a e aprendiz, pelas regras e regulamentos da modalidade *versus* as vontades e disposições individuais –, e fazer ajustamentos de si a partir da aceitação e da incorporação dos comandos externos. A/o ginasta, ainda que seja um indivíduo singular, é inserida/o num esquema no qual é ao mesmo tempo peça, máquina, produto e grupo.

Na ginástica, o ginásio e a organização das ginastas nesse espaço, os vários regulamentos temporais, bem como os procedimentos de progressão da aprendizagem e o relacionamento entre treinadores/as e atletas, maximizam a eficiência do treinamento e o desenvolvimento das habilidades. As ginastas se tornam produtivas. Ao mesmo tempo, no entanto, essas estruturas e como elas são entendidas controlam os comportamentos das ginastas. (BARKER RUCHTI & TINNING, 2010, p. 232 – tradução livre).³⁶⁷

³⁶⁷ “In gymnastics, the gymnasium and the organization of the gymnasts within this space, the various temporal regulations, as well as learning progression procedures and the relationship between coaches and athletes, maximize training efficiency and skill development. The gymnasts become productive. At the

A (de)composição das forças demanda a eficiência e a exatidão do comando, por isso, as desordens de todas as ordens devem ser minimizadas, pois, desse modo, as prescrições, sinalizações e instruções poderão tornar os movimentos, os corpos e os indivíduos úteis e conformados aos códigos e ordenamentos. No aprendizado, os movimentos, as estéticas corporais e as expressões de feminilidade são estabelecidas, dentre outras técnicas, através de contagens, cronometrizações, gritos de alerta, toques, manipulações, mimetismos faciais (“Veja como a grande campeã se expressa!”, dizem alguns), reforços imagéticos (praticamente todos os centros de treinamento têm pôsteres de grandes atletas), bonificações por produção. As performances ginásticas derivam do correto controle e da (de)composição das forças dos indivíduos, mas também dos seus corpos. De um lado, várias ferramentas inculcam o desejo, a gana de alcançar performances vitoriosas, por outro, nem sempre o corpo responde como o indivíduo gostaria que respondesse, por isso, se seu corpo resiste e não responde positivamente, ele é submetido a regimes ortopédicos que mediam o desenvolvimento de pequenas partes do corpo, corrigem possíveis “defeitos”, realinham assimetrias, reforçam estruturas, aumentam a funcionalidade. Como resultado, o corpo se deforma e conforma, pois como sugere Foucault (2011b), a sujeição continuada é capaz de criar uma relação de docilidade. Se o corpo resistir, faixas podem garantir imobilidades, “caneleiras”³⁶⁸ incrementam a força, elásticos aumentam a resistência, aparelhos garantem extensões e flexões, enfim, existe um vasto maquinário ortopédico que tem sido utilizado na ginástica artística.

same time, however, these structures, and how the gymnasts make sense of them, control the gymnasts' behaviors” (BARKER-RUCHTI & TINNING, 2010, p. 232).

³⁶⁸ As caneleiras são faixas com peso que podem ser presas na região medial da tíbia, conhecida popularmente como “canela”.

Imagem 29 - Aparelho para o incremento da “ponta dos pés” e o corpo (com)formado pelas ginásticas



Fontes: Tutu da Ju, 2017 e Pinterest, 2020.³⁶⁹

Palavras certas e proferidas oportunamente, enunciadas por pessoas legitimadas em espaços de poder também legitimados, criam a ordem e a utilidade, dão a sensação de segurança, ajudam no controle do medo, reforçam a atenção, incentivam a introspecção, favorece a memorização dos elementos (é comum repassar mentalmente os elementos que o corpo executará nas séries). Palmas cadenciadas marcam o ritmo das sessões, definem a força, a constância dos movimentos e mantêm a atenção da/o ginasta em quem comanda o treino. Todo esse arsenal opera tão eficientemente que nada lhe escapa. É comum, escutar no meio da ginástica e da dança: “Uma vez ginasta, sempre ginasta!”, “Uma vez bailaria, sempre bailarina!”, o que traduz que o corpo depois de um longo processo de docilização, se (com)forma e denuncia os regimes históricos na sua construção.

Se é coerente dizer que o gesto eficiente nasce de um corpo disciplinado, isso se dá quando a/o ginasta é submetida/o às hierarquias de poder, com estágios de aprendizagem e interações, entre aqueles/as que sabem com aqueles/as que querem ou precisam aprender. O “controle das gêneses”, atesta Foucault (2011b), se traduz pela relação de dependência do indivíduo e do grupo com o saber daquele/a que ocupa uma posição de poder. Controlar o que pode emergir de uma relação de poder, seria uma forma de domesticidade que se mistura com a transferência de conhecimento (FOUCAULT, 2011b), assim, o/a professor/a ou técnico/a controla o que a/o ginasta aprende – quais elementos, em que ordem devem ser aprendidos, quanto tempo deve ser exercitado – e,

³⁶⁹Disponíveis em: <https://tutudaju.com/acessorios-de-ballet/> e <https://www.pinterest.de/pin/316729786264690618/> Acessos em: 21 out. 2020.

também, o/a ginasta. Nos ginásios, ninguém aprende o que quer, na hora que deseja ou como gostaria, lá o aprendizado é duplamente mediado, o/a técnico/a ensina o que pode e lhe convém, respeitando, todavia, os ordenamentos próprios da modalidade. A gênese é regulada e deve acompanhar codificações pré-determinadas, ensina-se o que “pode” e “vale” a pena ser ensinado, assim como, performa-se o que “pode” e “vale” ser performado. No código de pontuação da ginástica artística feminina existem enunciados que denunciam esse controle da gênese:

O objetivo principal do código de pontuação é de:

1. Promover os meios objetivos de avaliar os exercícios em todos os níveis das competições: regionais, nacionais e internacionais.
2. Uniformizar o julgamento durante as quatro fases das competições oficiais da FIG:
Qualificação
Final por equipe
Individual geral
Final individual por aparelho
3. Permitir identificar as melhores ginastas a cada competição.
4. Guiar os/as treinadores/as e ginastas na construção dos exercícios
5. Informar os/as árbitros/as, treinadores/as e ginastas sobre a existência de outras informações técnicas e regulamentações possivelmente úteis durante as competições. (FIG, 2016, seção 1, p. 1 – tradução livre).

Em esportes de grande apelo estético, como é o caso da ginástica artística, a performance atlética da ginasta se confunde com as exigências estéticas e expressivas, em outras palavras, não basta que a ginasta execute um elemento acrobático, ela precisa interpretar um acompanhamento musical, expressar sentimentos, agir graciosamente e seduzir árbitros/as, mídia e público. E, para que esse jogo de sedução logre sucesso, as expressões das emoções devem ser amparadas em um corpo que, por si só, conjuga os ideais estéticos de feminilidade do seu período. Por exemplo, entre os Jogos Olímpicos de Estocolmo 1928 e os da Cidade do México 1968, o ideário regulador para o corpo e as expressões de gênero estimava ginastas com estéticas corporais muito próximas às das mulheres adultas e não atletas daquela época. As ginastas expressavam códigos de feminilidades de mulheres adultas, cujos corpos, educados pela dança e o ballet, performavam rotinas graciosas, mas tímidas em relação a complexidade das acrobacias. Essas ginastas provinham de países do leste europeu, particularmente, da Tchecoslováquia, Hungria, Polônia e, depois, a partir da década de 1950, da União das Repúblicas Socialista Soviéticas, cuja grande representante foi Larissa Latynina.

Imagem 30 – Representante da URSS, campeã olímpica, Larissa Latynina, 1958



Fonte: Wikiwand, 2020.³⁷⁰

As expressões de feminilidades e as estéticas corporais adultas, representativas das “ginastas bailarinas” (BARKER-RUCHTI, 2009), chegaram ao ápice nas competições nos Jogos Olímpicos da Cidade do México em 1968, quando a tcheca Vera Caslavka dominou o certame da ginástica artística feminina.

Imagem 31 - Vera Caslavka, Tchecoslováquia, Campeonato Europeu de Ginástica Artística de 1967



Fonte: Wikipedia, 2020.³⁷¹

Dentre os vários produtos das relações de poder que foram travadas entre o Bloco Capitalista e o Bloco Socialista, um novo código estético para a feminilidade foi colocado

³⁷⁰ Disponível em: https://www.wikiwand.com/en/Larisa_Latynina Acesso em: 21 out. 2020.

³⁷¹ Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/V%C4%9Bra_%C4%8C%C3%A1slavsk%C3%A1 Acesso em: 21 out. 2020.

em operação no cenário da ginástica artística. Entre os Jogos Olímpicos da Cidade do México 1968 e o final da década de 1980, a estética do corpo e as expressões de feminilidade no ideal regulatório da ginástica artística mudou radicalmente. As “mulheres ginastas” ou “ginastas bailarinas” foram substituídas pelas “ginastas bonecas” ou “ginastas fadas”, cuja figura mais representativa era a russa Olga Korbut que fez grande sucesso nos Jogos Olímpicos de Munique 1972 (BARKER-RUCHTI, 2009; GURLLY, 2020).

Com corpos muito jovens, baixa estatura, com poucos traços da diferenciação sexual, com expressões faciais e corporais infantilizadas, movimentos leves e graciosos, Olga Korbut e, depois, Nadia Comaneci, performavam as pequenas “fadas”. Vestidas em *leotards*³⁷² brancos ou vermelhos, diferentes do *leotard* preto vestido por Vera Caslavskaja, com laços de fita nos cabelos, as ginastas “fadas” eram descritas pela mídia esportiva como miúdas³⁷³, sorridentes, atrevidas, corajosas, mas frágeis, inocentes e muitas vezes ingênuas. A estética pueril de Olga Korbut fez tanto sucesso, que revistas e jornais fizeram matérias e expuseram suas fotos, como foi o caso da revista *Sports Illustrated* de 19 de março de 1973, que cobriu a excursão da equipe russa pelos estados norte-americanos, após os Jogos Olímpicos de 1972.

Imagem 32 - Olga Korbut, *Sports Illustrated*, March 19th, 1973



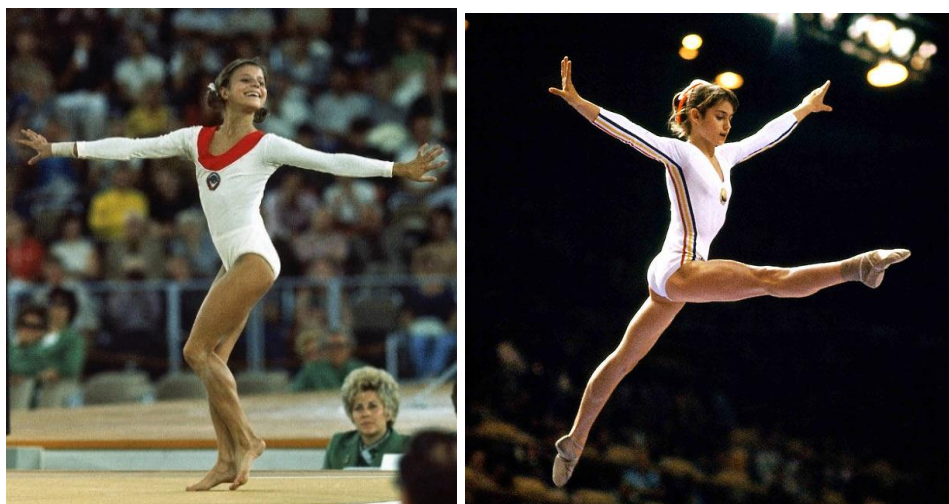
Fonte: DUFFY, 1973.

³⁷² Na ginástica o collant é chamado de leotard.

³⁷³ “Comaneci era 11 anos mais nova que Caslavskaja e, em contraste com o corpo maduro da ginasta tcheca, com 1,60 m e 58 kg, a ginasta romena era, com 1,52 m e 38,5 kg, magra e pré-púbere” (BARKER-RUCHTI, 2009, p. 52 – tradução livre).

O que o mundo precisa de vez em quando é algo novo, espontâneo, descontrolado e até transcendente. [...] Esperava-se que as ginastas russas apresentassem quantidades pródigas de simetria, graça e ousadia e colhessem em troca medalhas de ouro e prata. Naquele estabelecimento [Jogos Olímpicos de Munique 1972], Olga, de 17 anos, era a mais jovem, sem a mais modesta heráldica. Ela derramava energia em quem a via. Seu sorriso de boca larga era, na maioria das vezes, fora de controle e provocava um tipo de reação que apenas um bebê de 6 meses de idade geralmente consegue. Quando Olga ria, todos riam com ela; quando ela chorou [por falhas nas barras assimétricas], também tinha muita companhia. [...] Ela parecia ter asas [...] (DUFFY, 1973, p. 25-26 – tradução livre).³⁷⁴

Imagem 33 - Olga Korbut, URSS, Jogos Olímpicos de Munique 1972 e Nadia Comaneci, Romênia, Jogos Olímpicos de Montreal 1976



Fontes: Fine Art America, 2020 e Revista Veja, 2020.³⁷⁵

A gênese das ginastas “fadas”, no início da década de 1970, traduzia algumas das representações e políticas sobre o corpo e as mulheres que estavam presentes nas disputas ideológicas dos dois blocos político, militar e econômico dominantes. Os blocos, capitaneados pelos Estados Unidos e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas,

³⁷⁴ “What the world need every so often is something new, something spontaneous, uncontrived, even transcendent. [...] Russian girl gymnasts are expected to deliver prodigal amounts of symmetry, grace and daring and reap in return their customary harvest of gold and silver medals. In that establishment 17-years-old 4’ 10” Olga was totally fresh, without even the most modest advance heraldry. She shed energy on anyone who saw her. Her wide-mouthed smile was out of control most of the time, and it drew the kind of reaction that only a 6-months-old baby can usually manage. When Olga laughed everyone laughed with her; when she wept, it turned out, she had plenty of company, too. [...] She seemed to have wings [...]” (DUFFY, 1973, p. 25-26).

³⁷⁵ Disponíveis em: <https://fineartamerica.com/featured/olga-korbut-1972-olympic-games-thomas-pollart.html> e <https://complemento.veja.abril.com.br/esporte/enfim-uma-apresentacao-perfeita/> Acessos em: 21 out. 2020.

encontraram nas competições esportivas internacionais, espaços estratégicos para dar visibilidade e propagandear seus modelos de governamentalidade, cujo projeto dava grande importância à participação e à vitória das mulheres nos eventos internacionais. No caso em específico da URSS, que havia implantado políticas esportivas estatais, as tecnologias disciplinares e de gênero se tornaram ferramentas essenciais, pois provocou uma verdadeira evolução no esporte mundial.

Na ginástica artística feminina ocorreu um aumento considerável da complexidade das rotinas, a inserção de novas acrobacias, o incremento de políticas de controle do gênero e das feminilidades e várias negociações para que a Federação Internacional de Ginástica instituisse políticas que valorizassem os novos elementos de risco³⁷⁶ (GURLLY, 2020; BARKER-RUCHTI, 2009) que surgiam e eram agregados às séries de ginástica. Como resultado dessas disputas de poder, técnicos/técnicas, treinadores/treinadoras começaram a escolher corpos que acreditavam ser mais aptos aos longos e estafantes períodos de treino e aos regimes de reclusão nos centros de excelência esportiva. Segundo Gurlly (2020), os corpos “aptos” deveriam ser facilmente controlados e docilizados (por isso, escolhiam crianças muito novas e imaturas), pois, era urgente que novos elementos fossem agregados às séries e apresentados nas competições, possibilitando notas mais altas para as/os ginastas.

Então, as ginastas e seus corpos deveriam aprender rapidamente e não impor resistências. Além disso, os técnicos, dado que pouquíssimas mulheres alcançavam esse cargo na URSS (BARKER-RUCHTI, 2009), começaram a incorporar alguns elementos da ginástica artística masculina nas séries da ginástica feminina. E, para que esse processo fosse eficaz, era essencial que as ginastas não tivessem passado pelas transformações da puberdade, uma vez que o amadurecimento, as mudanças traduzidas pela passagem da menina para mulher não favoreciam o aprendizado, o adestramento e nem as performances esportivas de alta complexidade (GURLLY, 2020; BARKER-RUCHTI, 2009).

A seleção de crianças para a ginástica artística, particularmente as meninas, também estava relacionada com a presença maciça de homens nas funções de técnicos, preparadores e coordenadores dos programas estatais que, empossados com poder patriarcal e com poder político, encontravam poucas resistências das atletas e das

³⁷⁶ Os elementos de risco, “risk elements”, são movimentos corporais que não se encaixam nas características das acrobacias (repulsão-voo-execução-aterissagem) e que, por sua complexidade, podem favorecer erros e, conseqüentemente, despontuações.

famílias, pois, sendo os técnicos “homens” e “funcionários estatais”, eles conseguiam retirar as meninas dos seus lares, alocá-las nos centros de treinamento, enquanto agiam para cumprir a função dos “pais” e “responsáveis”, mediante o amparo do Estado. Na excursão feita pela equipe russa de ginástica artística feminina pelos Estados Unidos em 1973, a postura dos técnicos que acompanhavam as ginastas chamou a atenção de Duffy (1973), que fez a seguinte consideração:

Mas quem são os três homens do lado de fora [do espaço onde as ginastas treinavam], encarando o teto e observando a casa vazia? Eles poderiam ser seguranças, mas eles são três dos mais famosos técnicos de ginástica da Rússia. Aqui as três melhores ginastas viajam com seus técnicos, que também supervisionam cada um deles uma ginasta mais nova. (DUFFY, 1973, p. 26 – tradução livre).³⁷⁷

Para Barker-Ruchti (2009) as mulheres ganharam espaço e visibilidade nas competições esportivas durante a Guerra Fria porque elas se tornaram peças importantes para as disputas e propagandas ideológicas. A partir dos anos 1990, com o enfraquecimento do bloco socialista que provocou a alteração dramática da balança de poder, os ideais estéticos para o corpo e as expressões de feminilidade se tornaram mais difusas, mas não menos estratégicas. Ginastas com corpos esguios, magros e pueris, ao estilo das “ginastas fadas”, e outras, como Gabby Douglas, Daiane dos Santos, Simone Biles, com corpos musculosos, potentes, expressivos e de tez escura, começaram a dividir o cenário das competições internacionais de ginástica artística. Aliás, com relação a raça/etnia, é importante dizer que, somente após oitenta e quatro anos das primeiras competições oficiais com mulheres nos Jogos Olímpicos de 1928, uma mulher negra se consagrou campeã na prova de individual geral da ginástica artística, fato que ocorreu com o triunfo de Gabby Douglas nos Jogos Olímpicos de Londres em 2012. Todavia, essa situação não mudou nas modalidades olímpicas com forte apelo estético, como o nado artístico, a patinação artística e a Ginástica Rítmica, cujo *début* ocorreu nos Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1984, mas que até hoje, nenhuma mulher negra logrou vitória. Infelizmente, a aprazibilidade estética ainda está na ordem da branquitude e na heteronormatividade, diria Oliveira (2017).

³⁷⁷ “But who are the three men hanging around on the sidelines staring at the ceiling, counting the empty house? They might be security guards, but they are in fact three of Russia’s most famous gymnastics coaches. There three top girls travel with their own coaches, who each also superintends one younger girl during the trip” (DUFFY, 1973, p. 26).

Imagem 34 - Gabby Douglas, primeira mulher negra campeã no “individual geral”, Jogos Olímpicos de Londres 2012



Fonte: The Cut, 2016.³⁷⁸

Parte da construção estética de feminilidade nas competições de ginástica responde a como cada país constrói, reconhece e valoriza certos atributos estéticos para homens e mulheres. As escolas de ginástica como a chinesa, russa, ucraniana e romena, ainda atados aos valores do socialismo, parecem ser fortemente direcionadas às dimensões artísticas, valorizando estéticas mais “feminizadas” em ginastas com corpos magros, marcados por sessões de ballet e que performam movimentos graciosos e harmoniosos, quase sempre, mediante ocultação das massas musculares e do real poder dos corpos. De outro modo, as escolas de ginástica como a estadunidense, a japonesa, francesa, inglesa e mesmo a brasileira, parecem proclamar a construção de séries de grande dificuldade e com elementos corporais de grande valor nos códigos de pontuação. Essas escolas parecem reforçar estéticas mais “atléticas”, com ginastas mais musculosas, corpos compactos, movimentos potentes, coreografias baseadas nas bonificações dos códigos de pontuação e acrobacias que exigem enorme capacidade física e habilidades técnicas.

Apesar dessas diferenças, todos os dois grupos de ginastas são avaliados pelo mesmo arsenal classificatório e valorativo (código de pontuação e regras). Por sua vez, esse compêndio normativo e normalizador é resultado de negociações entre os/as representantes de cada país federado à FIG que, em reuniões e congressos, definem as regras e os regulamentos ao nível internacional. Isso significa que as estéticas,

³⁷⁸ Disponível em : <https://www.thecut.com/2016/08/why-gabby-douglas-wont-compete-in-all-arounds.html> Acesso em: 21 out. 2020.

morfologias e habilidades, exigidas numa dada competição, são resultados das negociações de poder de diferentes ideologias políticas e culturais e que o ideal regulatório de cada ciclo olímpico (período de 4 anos), pode sofrer alterações conforme a dinâmica das negociações de poder.

Imagem 35 - Simone Biles e Alys Raisman, Jogos Olímpicos do Rio 2016



Fonte: Record Esportes.

Mesmo diante dos dois ideais regulatórios, os códigos tradicionais de feminilidades ainda ecoam na ginástica artística. Por isso, é possível observar o uso de estratégias para atenuar e ocultar algumas das representações de poder e potência das ginastas e seus corpos, como exemplo, as ginastas fazem uso de maquiagens, cuidam com esmero dos cabelos, utilizam pequenos enfeites (fitas nos cabelos), aplicam lantejoulas e cristais nos tecidos coloridos e

chamativos dos *leotards*, muitas preferem ocultar seus braços musculosos e potentes³⁷⁹ e outras chegam a portar pequenos mascotes como ursinhos de pelúcia e chaveiros coloridos.

³⁷⁹ <https://esportes.r7.com/esportes-olimpicos/fotos/fortinha-companheira-de-simone-biles-agradece-aos-que-tiraram-sarro-do-seu-corpo-no-passado-17112016#!/foto/1>

CAPÍTULO V

Vontades de saber e poder: os jogos de poder e as tecnologias nos exames, políticas e regulações do sexo/gênero/feminilidades

O gozo dos direitos e liberdades estabelecidos nesta Carta Olímpica deve ser assegurado sem discriminação de qualquer tipo, como raça, cor, sexo, orientação sexual, idioma, religião, opinião política ou outra, origem nacional ou social, propriedade, nascimento ou outro status. (Charte Olympique, 2014, p. 14)

*[...] o Painel conclui que os Regulamentos sobre as DSDs são discriminatórios, mas com base nas evidências [...], **tal discriminação é um meio necessário, razoável e proporcional** de alcançar o objetivo do que é descrito como a integridade do atletismo feminino e a defesa da 'classe protegida' das atletas em determinados eventos (CAS 2018/O/5794 – Caster Semenya versus IAAF, 2019, p. 160).*

5.1 Mulheres, corpos e ideologias: a intrincada trama da suspeição em relação ao sexo/gênero nos esportes

Como busquei apresentar, as tecnologias de gênero nos esportes têm sido aperfeiçoadas, adaptadas e reconfiguradas conforme são tensionadas as tramas do poder no interior da ordem do discurso de um dado momento histórico e em resposta à entrada em cena de poderes localizados (movimentos sociais, lutas identitárias). Essas tecnologias se organizam como teias operatórias da “mecânica de poder” (FOUCAULT, 2006b) instituída pelos dispositivos, neste caso o esporte e do sexo/gênero, que alcançam os indivíduos, tocam e marcam seus corpos, conferem inteligibilidade às suas existências, expressões, desejos e condicionam os usufrutos das suas corporeidades. Como aparelhos reguladores e produtivos, as tecnologias investem nos indivíduos e seus corpos de maneira que ambos passam a se oferecer, confessam e ajudam a construir saberes sobre eles mesmos, tornando possível a instituição de padrões de normalidade e, por conseguinte, matrizes de normalização de sujeitos com autonomia relativa (FOUCAULT, 1982).

Historicamente, as tecnologias de gênero compuseram, influenciaram e suportaram a construção do esporte moderno, ao mesmo tempo em que serviram para fortalecer a profunda e duradora relação dos homens e das masculinidades – tradicionais e hegemônicas (CONNELL, 1995) –, com o fenômeno esportivo, a vontade de ganhar, conquistar e de dominar, não só outros homens, mas, fundamentalmente, o grupo que conformava o “sexo frágil”, o “belo sexo”.

É certo que o esporte moderno não tenha sido instituído apenas por essas tecnologias (de gênero), mas no interior e na relação com uma trama de inúmeros acontecimentos e vários regimes discursivos, nos quais o sexo/gênero foi, desde sempre, um princípio regulador e constitutivo. Aliás, muito daquilo que foi analisado até aqui, aponta para a presença e o funcionamento das tecnologias de gênero nos acontecimentos e nas práticas discursivas que McKay & Laberge (2006) apresentaram, ao discutirem sobre as transformações do esporte moderno no fio da história:

Ao longo da sua difusão, o esporte sofreu diversas transformações sob a influência de uma variedade de movimentos sociais, de ideologias e de realidades locais. Podemos mencionar entre outras: o cristianismo muscular [la christianisme musclé] ; a eugenia ; o racismo ; diferentes correntes do fascismo e do marxismo-leninismo ; o darwinismo social ; o nacionalismo ; os programas de educação física, de saúde e higiene pública patrocinados pelos governos; a miríade de ligas esportivas religiosas, policiais, militares, da juventude e de imigrantes; e o romantismo neoclássico (encarnado pela renascença, sob a égide de Pierre de Coubertin, dos Jogos Olímpicos da Antiguidade a título de festival internacional da corporalidade masculina e da diplomacia) (McKAY & LABERGE, 2006, p. 2 - tradução livre).³⁸⁰

Com a instituição de um regime regulatório, estruturado a partir de valores médios das capacidades físicas (força, resistência, velocidade, potência) e habilidades dos corpos dos homens, a prática esportiva, sobretudo no alto rendimento, condiciona as participações e as performances das mulheres. Desse modo, observaremos a emergência e a operabilidade de uma série de estratégias e instrumentos para determinar a elegibilidade das atletas, conhecidos como: “testes de sexo”, “determinação do sexo”, “exames de verificação do sexo/gênero”, “políticas de elegibilidade para mulheres atletas”, “políticas de regulação da elegibilidade para atletas transexuais, travestis e Intersex”.

Apoiadas/os em diferentes concepções, algumas pesquisadoras sustentam que o processo de examinar e avaliar o sexo das mulheres atletas começou na década de 1960,

³⁸⁰ “Au cours de sa diffusion, le sport subit diverses transformations sous l’influence d’une variété de mouvements sociaux, d’idéologies et de réalités locales. On peut mentionner entre autres : la christianisme musclé ; l’eugénisme ; le racisme ; différents courants du facisme et du marxisme-léninisme ; le darwinisme social ; le nationalisme ; les programmes d’éducation physique, de santé publique et d’hygiène parrainés par les gouvernements ; la myriade de ligues sportives religieuses, policières, militaires, de la jeunesse et d’immigrants ; et le romantisme néoclassique (incarné par la renaissance, sous l’égide de Pierre de Coubertin, des Jeux olympiques antiques à titre de festival international de la corporalité masculine et de la diplomatie)” (McKAY & LABERGE, 2006, p. 2).

como resultado das disputas ideológicas entre os blocos capitalista e socialista (FAUSTO-STERNLING, 2001; LESSA & VOTRE, 2013); já outras/os argumentam que esses exames emergiram na década de 1930, no contexto inquieto e temeroso dos tempos que precediam a Segunda Guerra Mundial (HEGGIE, 2010; BOHUON, 2008, 2012).

Desde a década de 1930 (não como é popularmente sugerido, a década de 1960) essas organizações confiaram em profissionais científicos e médicos para promover um julgamento ‘objetivo’ da elegibilidade de uma atleta para competir nos eventos nacionais e internacionais femininos. A natureza multável desses julgamentos reflete muito sobre nossos preconceitos culturais, sociais e nacionais, enquanto a importância [necessidade] de testá-las se tornou um espaço de conflito para feministas e ativistas dos direitos humanos. (HEGGIE, 2010, p. 157 - tradução livre).³⁸¹

Sustento que foi na década de 1930 que a “vontade de saber” o verdadeiro sexo das atletas emergiu e entrou na ordem discursiva dos eventos esportivos internacionais. Primeiro, porque várias tecnologias de gênero já tinham emergido e operavam desde a entrada das mulheres no cenário das competições internacionais nas primeiras décadas do século XX. Segundo, porque os Jogos de Berlim em 1936 foram um dos eventos mais emblemáticos da história das competições internacionais, um campo tão problemático quanto discursivamente produtivo. A Alemanha, que desde os primeiros anos da década de 1930, viu crescer internamente os apelos nacionalistas e o poder da ideologia nazista, instalada no Terceiro Reich comandado por Adolph Hitler, viu nos Jogos Olímpicos uma oportunidade única para propagandear e disseminar internacionalmente os devaneios sobre uma suposta superioridade física, intelectual, moral e mesmo organizacional de uma não menos suposta “raça ariana” (GUTTMANN, 1992).

No mais, no período entre as duas guerras mundiais viu-se constituir no ocidente o “paradigma hormonal” (CAROL, 2013) ou a “era de ouro da endocrinologia”, nas palavras de Fausto-Sterling (2000), quando os hormônios sexuais passaram para a ordem do discurso das ciências biomédicas. A endocrinologia, que havia cartografado a geografia das glândulas nas primeiras décadas do século XIX, se empenhou entre os anos de 1920 a 1930 na tarefa de isolar, examinar, classificar e definir a funcionalidade dos

³⁸¹ “Since the 1930s (not, as is popularly suggested, the 1960s) these organisations have relied on scientific and medical professionals to provide an ‘objective’ judgement of an athlete’s eligibility to compete in women’s national and international sporting events. The changing nature of these judgements reflects a great deal about our cultural, social and national prejudices, while the matter of testing itself has become a site of conflict for feminists and human rights activists” (HEGGIE, 2010, p. 157).

hormônios sexuais (CAROL, 2013; ROHDEN, 2008). Esse regime de construção de saberes sobre o corpo, que outrora havia se apoiado na anatomia e na funcionalidade dos órgãos, partiu para investigar e perseguir as pistas deixadas pela atuação de substâncias bioativas, capazes de determinar a diferenciação e a funcionalidade dos corpos de homens e mulheres, naturalizadas no vocabulário como “hormônios sexuais”. A invenção dos estrógenos, testosteronas, androsteronas, progesteronas, não apenas chancelou o binarismo dos sexos, como possibilitou a instituição da fármaco-política do sexo/gênero, problematizada por Paul Preciado (2008)

Dito de outra forma, a emergência das tecnologias para a verificação do sexo/gênero foi promovida pelos regimes de verdade sobre os hormônios sexuais que, ao acentuarem a importância dessas substâncias na diferenciação sexual, buscaram comprovar pragmaticamente a existência e a operabilidade dos hormônios sexuais através da estética e da funcionalidade dos corpos, e poucos campos pareciam tão frutíferos como eram os das competições esportivas, onde os seres humanos buscavam se distinguir pela eficiência das suas capacidades físicas, técnicas e mentais. Se “a alma está no sangue”, como declaravam alguns laboratórios no início da década de 1930 (ROHDEN, 2008), a verdade sobre o sexo/gênero estaria nos hormônios que circulavam no sangue.

A edição dos Jogos Olímpicos que foi empreendida na primeira quinzena do mês de agosto de 1936, na cidade de Berlim, foi um dos acontecimentos mais emblemáticos e cheios de disputas políticas e ideológicas no contexto das competições internacionais até a primeira metade do século XX. Inicialmente, porque Adolph Hitler utilizou os jogos para: 1) propagar ao mundo a força militar e ideológica do Terceiro Reich; 2) reforçar o discurso eugenista sobre a superioridade da “raça ariana”; 3) fazer circular que os homens e as mulheres brancas seriam superiores às outras raças/etnias³⁸²; 4) instituir a discriminação religiosa; 5) impor uma estética organizacional e arquitetônica higienista e desumanizada, na qual, a grandeza, as linhas retas, os símbolos serviam para enfatizar a pequenez do indivíduo frente à “grandiosidade” da ideologia nazista (GUTTMANN, 1992; RITCHIE *et al*, 2008; HEGGIE, 2010; BOHUON, 2008, 2012).

Outro acontecimento nos Jogos de Berlim que, a meu ver, pode ter influenciado na “vontade de saber” sobre o sexo das atletas é que esse evento foi o primeiro a ser filmado e a ter algumas partes da filmografia disseminadas para outros países, o que

³⁸² Ainda que o discurso racista do Terceiro Reich fosse unicamente em relação ao povo alemão, ele não estava circunscrito à ideologia nazista, mas operava dentro COI, dos países Europeus e dos Estados Unidos.

promoveu mais visibilidade às competições e aos/às atletas³⁸³. No limite, as representações imagéticas das atletas, por exemplo, podem ter servido para fortalecer as concepções sobre as competências e capacidades físicas das mulheres, contudo, podem ter favorecido também a emergência de questionamentos e de desconfianças sobre a veracidade dos seus sexos. Para Bohuon (2008), o problema era que a cada evento competitivo a sociedade patriarcal, colonial, racista e misógina tomava ciência que as performances das mulheres se aproximavam, perigosamente, dos desempenhos que, até então, se pensava serem exclusivos dos corpos dos homens. Paradoxalmente, essas aproximações não serviram para enfraquecer a matriz regulatória do gênero (BUTLER, 2003) e nem para questionar as epistemologias da diferença sexual (PRECIADO, 2008, 2014), mas para colocar em suspeição a veracidade do sexo das atletas.

Essas mulheres atletas se aproximam dos homens, não só pelo físico, mas também pelo seu desempenho: seus registros extraordinários reduzem cada vez mais a diferença entre os sexos. Em vez de minar a crença na existência natural de categorias sexuais com base em diferenças supostamente biológicas, suscitam-se suspeitas sobre o sexo dessas atletas. (BOHUON, 2008, p. 80 - tradução livre).³⁸⁴

Diante desse cenário, afirmo com base na literatura consultada ter sido a partir dos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936 que emergiram as práticas discursivas para a instituição dos exames de verificação do sexo/gênero no contexto das competições esportivas internacionais. Isso significa que a emergência dos discursos sobre a urgência de se institucionalizar a verificação do sexo/gênero pelo COI/IAAF se deu em 1936, porém, a proveniência discursiva da dúvida e do receio de um possível enfraquecimento das fronteiras da ordem social do gênero, especificamente no esporte moderno, certamente tem raízes nas vitórias e nas conquistas de mulheres como: Louise-Bonne Bunel (1768), Lottie Dod (1887), Annie Londonderry (1895), Stamata Revithi (1896), Helen Preece (1912), Alice Milliat e Sophie Eliott-Lynn (1919) e inúmeras outras mulheres.

Com efeito, a emergência dessa nova tecnologia de gênero, os exames do sexo/gênero, sucedeu a proeminência dos avanços e conquistas das mulheres nas

³⁸³ Disponível em <<https://www.rio2016.com/noticias/jogos-olimpicos-da-era-moderna-116-anos-de-avancos-e-conquistas>> Acesso em: 03 dez. 2016.

³⁸⁴ “Ces athètes femmes se rapprochent des hommes non seulement par le physique, mais aussi para leurs performances: leurs records extraordinaires réduisent de plus en plus l’écart entre les sexes. Au lieu d’ébranler la croyance en l’existence naturelle de catégories de sexe fondées sur des différences supposées biologiques, des soupçons sont émis au sexe de ces sportives” (BOHUON, 2008, p. 80).

competições. Conforme dizia Foucault (1979, p. 24), “A emergência é, portanto, a entrada em cena das forças; é a sua interrupção, o salto pelo qual elas passam dos bastidores para o teatro, cada uma com seu vigor e sua própria juventude”.

5.2 Jogos Olímpicos de Berlim 1936: ideologia nazista e a emergência do discurso da “fraude do sexo”

Muitas das atletas que lograram vitórias em 1936, já haviam participado e conquistado medalhas nas competições dos *International Women's Games* realizados em 1930 e 1934 nas cidades de Praga e Londres, sob a organização e realização da FSFI – *Fédération Sportive Féminine Internationale*, presidida por Alice Milliat. Antes de levantarem suspeitas sobre a veracidade dos seus sexos nos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936, a polonesa Stanisława Walasiiewicz já havia ganhado três medalhas de ouro nos Jogos Mundiais Femininos em 1930 e, em 1934, já tinha conquistado o segundo lugar na corrida de 100 metros e o ouro nos 60 metros rasos, enquanto o tcheco Zdeněk Koubek³⁸⁵, nesse mesmo evento, já havia conquistado o ouro nos 800 metros (DROZDEK-MALOLESZA, 2014). No limite, as vitórias e performances dessas atletas nos Jogos Mundiais Femininos não causaram as mesmas desconfianças, não levantaram os mesmos questionamentos sobre as expressões de feminilidade e, também, não pareciam causar o mesmo receio frente ao ordenamento de gênero e aos regimes de verdades, como ocorreu no evento conduzido pela patronagem do COI e a IAAF em Berlim 1936.

As formas distintas da FSFI e do COI/IAAF de interpretar e lidarem com o estatuto das mulheres atletas, evidenciam os distintos regimes de verdades que essas instituições suportavam e faziam funcionar. Foucault (1994c) dizia que os regimes de verdade são produtos de múltiplas restrições e que cada sociedade, aqui, pensemos na FSFI e no COI/IAAF, possui suas próprias matrizes para determinar o que é falso ou verdadeiro, as formas para sancionar ou não os enunciados, as operações e ferramentas utilizadas para a obtenção da verdade e as condições para que alguns sujeitos, dentro dos seus estatutos, possam dizer que alguma coisa funciona como verdadeiro. Com efeito, dentro do regime de verdade do COI e da IAAF, as performances atléticas e as expressões de gênero e feminilidades de algumas atletas, pareciam não se conformar, pareciam duvidosas.

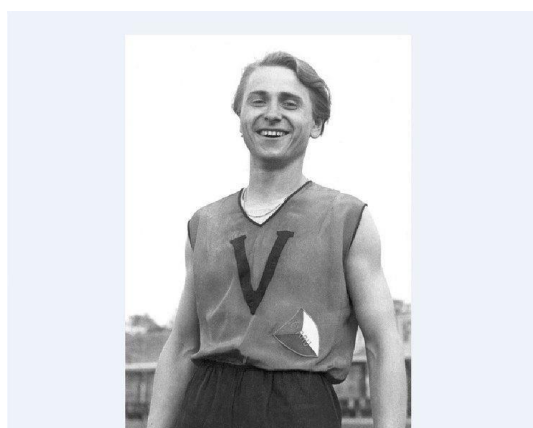
³⁸⁵ Até 1935, Zdeněk Koubek competiu na categoria para mulheres e em 1936 ele passou pelo processo de redesignação genital e se afastou das competições esportivas.

Além da polonesa Stanisława Walasiiewicz, as participações da alemã Dora Ratjen e da estadunidense Helen Stephens nos jogos de 1936 também foram alvos de discussões, suspeitas e mesmo de práticas vexatórias por parte da imprensa esportiva. Outra figura, não menos importante, foi Avery Brundage que era o responsável técnico da equipe estadunidense de atletismo e que, entre os anos de 1952 a 1972, presidiu o COI e defendeu com empenho a implantação dos exames para verificação do sexo.

As práticas de suspeição em relação ao “verdadeiro sexo” das atletas começaram quando a corredora Helen Stephens, após ganhar a prova dos 100 metros rasos, foi acusada de ser um homem vestido de mulher. Essa acusação teria partido de Walasiiewicz, que tinha sido campeã dos 100 metros nas Olimpíadas de Los Angeles 1932, mas que em 1936 havia logrado a medalha de prata (HEGGIE, 2010; ELSAS *et al*, 2000), perdendo para Stephens. Frente às reclamações da equipe polonesa, uma comissão foi montada às pressas que, mediante o escrutínio das genitálias de Stephens, declarou que a atleta era uma mulher de verdade e que, portanto, tinha o direito à posse da medalha de ouro (HEGGIE, 2010).

Aproveitando da situação, Avery Brundage, contrariamente ao que se poderia imaginar, não exigiu que Walasiiewicz passasse pelas mesmas averiguações que Stephens, mas fez circular declarações que incriminavam outros dois ex-atletas, o tcheco Zdeněk Koubek e o britânico Mark Weston, que, antes das suas redesignações genitais, haviam competido na categoria para mulheres, mas que não haviam competido em 1936 (HEGGIE, 2010).

Imagem 36 – O atleta polonês Zdeněk Koubek



Fonte: Alchetron [s.d.]³⁸⁶

³⁸⁶ Disponível em: <https://alchetron.com/Zden%C4%9Bk-Koubek> Acesso em: 07 ago. 2018.

Imagem 37 - Mark Weston e sua esposa, Alberta Matilda, década de 1930



Fonte: Alchetron³⁸⁷

Imagem 38 - Stanisława Walasiiewicz (Stella Walsh) à direita, cumprimentando Helen Stephens pela vitória nos 100 m rasos dos Jogos Olímpicos de Berlim 1936



Fonte: The Guardian, 2012.³⁸⁸

O ato enunciativo de Brundage fez emergir e circular nas competições internacionais, particularmente dentro do atletismo, o discurso de que homens estariam se passando por mulheres nas competições femininas e que algumas das mulheres poderiam não ser “mulheres de verdade”. Esse discurso foi ganhando cada vez mais força com os avanços do nazismo e com a participação e as vitórias das delegações alemãs e de países do leste europeu nos grandes eventos esportivos internacionais. O discurso da vontade de saber o verdadeiro sexo das atletas ganhou ainda mais força quando a imprensa começou a disseminar dúvidas sobre o sexo da atleta alemã Dora Ratjen, que em Berlim havia ficado na quarta colocação da prova do salto em altura (IOC, 1936).

Através da plataforma de pesquisa da *Bibliothèque Nationale Française*, o *Gallica*, busquei por enunciados em jornais e revistas entre 1936 e 1950 que fizessem

³⁸⁷ Disponível em: [https://alchetron.com/Mark-Weston-\(athlete\)](https://alchetron.com/Mark-Weston-(athlete)) Acesso em: 07 ago. 2018.

³⁸⁸ Disponível em: <https://www.theguardian.com/science/the-h-word/2012/aug/02/sex-testing-olympics-myths-rumours-confirmation-bias> Acesso em: 07 ago. 2018.

referência à Dora Ratjen³⁸⁹ e encontrei trinta e duas ocorrências. A minha intenção foi acompanhar a emergência de enunciados sobre o nome da atleta, suas participações e conquistas nos eventos internacionais e o regime discursivo da dúvida, acusação e arbítrios em relação às suas performances e à veracidade do seu sexo.

Até meados de 1938, os enunciados sobre Ratjen estavam relacionados com suas participações, pelo menos na minha interpretação, eles não levantavam dúvidas ou desconfianças sobre o sexo da atleta. Porém, em 02 julho de 1938, um jornal de opinião, machista e quase pornográfico com fofocas, críticas aos costumes e à moral, o *La Vie Parisienne*, trazia uma matéria na qual criticava os oficiais por não terem percebido que tanto as performances, quanto as “atitudes definidas” e “acessórios” de Rajten não eram normais. Segundo o jornal, os enquadramentos das fotos feitas das atletas durante os saltos eram suficientes para identificar e classificar as “conformações naturais” dos e das saltadoras, mas que os oficiais não haviam percebido nada de anormal na saltadora alemã (LA VIE PARISIENNE, 1938).

Extrato 95 - La vie parisienne, 1938

Vous avez pourtant vu, comme moi, des photos de sauteurs franchissant la barre et qui ne laissent souvent aucun doute non seulement sur leurs aptitudes sportives, mais sur d'autres aptitudes plus définies. La position « en ciseau » ou « à l'américaine » ou « à l'écarté » permet, en effet, d'ouvrir des horizons particuliers sur la conformation naturelle des champions et des championnes. Il faut croire que les officiels ne se préoccupent pas de ces... accessoires, puisqu'ils n'avaient rien remarqué d'anormal chez la sauteuse allemande... ...Ou qu'ils ont besoin d'un bon manuel d'anatomie comparée avec des planches adéquates pour leur permettre de distinguer à l'œil nu un sauteur d'une sauteuse...

Fonte: LA VIE PARISIENNE, 1938, p. 1165.

No dia 20 de setembro de 1938, outro periódico, o *Le Miroir des Sports*, fez circular o seguinte enunciado onde também levantava dúvidas sobre a verdade do sexo de Rajten:

³⁸⁹ O link que leva diretamente à pesquisa realizado está disponível em: https://gallica.bnf.fr/services/engine/search/sru?operation=searchRetrieve&version=1.2&startRecord=0&maximumRecords=15&page=1&collapsing=true&exactSearch=true&query=text%20all%20%22Ratjen%20%22%20%20and%20%28gallicapublication_date%3E%3D%221936%22%20and%20gallicapublication_date%3C%3D%221950%22%29 Acesso em: 14 set. 2020.

Se não fosse pelo cabelo, ela pareceria mais um desportista do que uma desportista, a alemã Dora Ratjen, de Bremen, que em Saarbrücken subiu para 1,675 m seu próprio recorde mundial de salto em altura, participou do Campeonato Europeu Feminino de Atletismo em Viena, no domingo [dia 18/09/1938]. (LE MIROIR DES SPORTS, 1938, p. 15 – tradução livre).

Extrato 96 - Le Miroir de Sports, 1938



Fonte: LE MIROIR DES SPORTS, 1938, p. 5.

Ocorreu que, no Campeonato Mundial de Atletismo de Viena, Ratjen bateu novamente seu próprio recorde e aumentou a marca para 1,70 m³⁹⁰, com isso a atleta ganhou ainda mais notoriedade e com a visibilidade vieram novos questionamentos sobre a veracidade do seu sexo. De tal modo que, pouco mais de vinte dias após bater o recorde, uma notícia vinculada por René Moysse no periódico L'Auto de 04 de outubro de 1938, anunciava que Ratjen havia sido submetida a um “controle médico” no qual foi constatado ela não era uma mulher de verdade, que seria submetida ao mesmo processo de Zdeněk Koubek (MOYSE, 1938, p. 1 e 4).

³⁹⁰ “Un saut de 1 m 70 par l'allemande Dora Ratjen” Disponível em : <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4611922h/f5.item.r=Ratjen%20.zoom> Acesso em: 14 set. 2020;

Extrato 97 - Enunciado do L'Auto de 04/10/1938 sobre a desqualificação de Dora Ratjen



Fonte: MOYSE, 1938, p. 1 e 4.

Na segunda parte da matéria, que Moysse (1938) intitulou “Desqualificação justa ou medida... racial!”, são levantadas críticas sobre uma possível convivência da federação alemã. Além disso, o jornalista denunciava que desde os Jogos de Berlim em 1936, a revista L'Auto já havia levantado a necessidade dos controles médicos, porém, que até aquele momento, 1938, somente as atletas na França haviam adotado as fichas médicas (MOYSE, 1938).

A “fraude do sexo”, como muitas matérias destacaram a história de Ratjen, foi anunciada em vários veículos de comunicação na França e suas colônias, como Madagascar e Marrocos. Dentro do hiato temporal pesquisado, a história de Ratjen foi retomada pela última vez em 16 de fevereiro de 1940, quando o jornal *Paris-soir*, através do enviado especial à Amsterdã, Gaston Benac, enunciava:

Extrato 98 – Notícias sobre Dora Ratjen no Journal Paris-soir de 16/02/1940

**La championne
allemande
de saut en hauteur
Dona Ratjen
est devenue le soldat
Heinrich Ratjen...**

(DE NOTRE ENVOYE
SPECIAL
GASTON BENAC.)
AMSTERDAM, 15 Février.
(Par téléphone.)

Au mois d'août dernier
avaient lieu à Vienne des Jeux
internationaux athlétiques fé-
minins ; des jeunes filles et des
femmes athlètes de huit nations
y participèrent. Une des meil-
leures performances fut réali-
sée par une grande et solide
jeune fille blonde de Dresde,
Fraulein Dona Ratjen. Elle
franchit la barre de saut en
hauteur à 1 m. 66 cm., enlevant
brillamment la première place.

Fantassin

Que s'est-il passé depuis lors ?
Ce qu'il y a de certain, écrivent
les journaux danois, c'est qu'un
S. A. a porté ces jours-ci à
Dona Ratjen — qui, d'ailleurs,
depuis deux mois avait revêtu
des costumes masculins — une
convocation sous les drapeaux.
Comme d'autres athlètes, Fra-
ulein Ratjen s'est transformée.
Elle est devenue aujourd'hui le
soldat Heinrich Ratjen, d'un
régiment d'infanterie de Dres-
de. Et, après deux mois d'ins-
truction, remisant ses souve-
nirs d'athlète féminin, Heinrich
Ratjen rejoindra les ouvrages
fortifiés de la ligne Siegfried.
Ses camarades ignoreront sans
doute ses anciens exploits et
aussi... son ancien sexe.

Fonte: BENAC, 1940, p. 3.

[...] por dois meses havia se vestido com trajes masculinos - uma convocação para servir. Como outras atletas, Fraulein Ratjen se transformou. Hoje ela é o soldado Heinrich Ratjen de um regimento de infantaria de Dresden. E, depois de dois meses de treinamento, resgatando as lembranças de atleta feminina, Heinrich Ratjen vai ingressar na obra fortificada da Linha Siegfried. Seus camaradas, sem dúvida, irão ignorar suas façanhas anteriores e também ... seu antigo sexo (BENAC, 1940, p. 3 – tradução livre).

Segundo Heggie (2010), as narrativas sobre a vida de Ratjen ainda não são consensuais junto às pesquisadoras e pesquisadores, pois muitos dos dados foram perdidos com a Segunda Guerra Mundial e, talvez, porque o regime nazista tenha destruído muitos documentos relacionados aos/às atletas que participaram dos jogos de

Berlim. O que Heggie (2010), Elsas *et al* (2000), Bohuon (2012) criticam é que por muito tempo Ratjen foi acusado/a de ter sido o primeiro caso “comprovado” de um homem competindo como mulher em eventos esportivos internacionais. Acusação que, aponta Heggie (2010), só começou a ser questionada a partir da década de 1950, por isso ainda é comum encontrar enunciados que vinculam Ratjen à fraude do sexo nos esportes.

Anne Fausto-Sterling, menciona no primeiro capítulo do seu livro *Sexing the Body* (2000), que as preocupações com o sexo das atletas começaram quando alguns países declararam que representantes do leste europeu poderiam incentivar homens a competir como mulheres e, assim, conquistar medalhas e visibilidade nos eventos internacionais. Suspeita que, para Fausto-Sterling, sempre remetia à tentativa frustrada de Ratjen, um “membro da juventude nazista”, que ao se infiltrar na prova de salto em altura, competiu contra as mulheres em 1936, mas que sua “fraude” não teria surtido o efeito desejado, pois a masculinidade do/a jovem “nazista”, mesmo chegando às finais, só o/a colocou em quarto lugar, atrás de três mulheres (FAUSTO-STERLING, 2000).

Contudo, em algumas das matérias que recolhi e analisei, encontrei enunciados que diziam que Ratjen passaria por um processo para se “tornar um homem” e que seu futuro seria o mesmo do polonês Zdeněk Koubek, como Moyse (1938) afirmou, mas que também estava presente no *Le Petit Marocain*, de 06 de outubro de 1938³⁹¹, e no *La Tribune* de Madagascar de 22 de dezembro de 1938, que informava que Ratjen seria submetida a uma “rápida operação cirúrgica fazendo dela um campeão”³⁹². Desse modo, me alinho a Heggie (2010) ao supor que Ratjen pode ter sido uma pessoa Intersex, acusada de “fraude de sexo” nas competições internacionais. Ao que parece sua vida foi uma mistura do autoritarismo nazista, precariedade de informações sobre a intersexualidade, erros da máquina burocrática legal e, certamente, de práticas discursivas da imprensa, particularmente dos países “capitalistas”, e de instituições esportivas internacionais, circunscritas num contexto histórico de convulsão ideológica (medo do comunismo e dos avanços do Terceiro Reich).

[...] um jornalista de investigação da Der Spiegel pesquisou a questão do gênero de Ratjen e recuperou um material original do Departamento de Medicina Sexual do Hospital Universitário de Kiel, o qual reinterpreta a história de Ratjen de forma totalmente coerente com as controvérsias contemporâneas de gênero e que mina nossa típica história de transgressão fascista/comunista. De acordo com esses registros, a ambiguidade de gênero

³⁹¹ Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k46909655/f9.item.r=Ratjen%20.zoom> Acesso em: 14 set. 2020.

³⁹² Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5694227h/f3.item.r=Ratjen%20.zoom> Acesso em: 14 set. 2020.

de Ratjen não foi descoberta em um evento esportivo ou revelada a um jornalista na década de 1950, mas foi devido a uma contestação sobre o seu cartão de identificação, feita por um policial alemão em uma estação de trem. Enquanto no cartão de identidade de Ratjen dizia que ela era uma mulher, o policial acreditou que ele era um homem; um exame médico o declarou como sendo um homem. Embora o Reich Sports Ministry se opusesse [ao veredicto], a instituição solicitou testes adicionais e sua internação em um sanatório. Logo depois, Ratjen foi aceito como um homem, oficialmente redesignado e recebeu um novo nome e papéis. As circunstâncias de Ratjen parecem ter sido consequências da confusão ocorrida pouco depois do nascimento, quando nem ela e nem seus pais pareciam capazes de corrigir, mesmo depois, quando sua identidade se tornou conflituosa na adolescência, após uma infância vivida sem dúvidas que ela era uma menina. Ratjen tinha, afinal, apenas 17 anos em 1936, quando pediu para competir pela Pátria. Embora a história da deliberada fraude nazista faça melhores manchetes, a história de Ratjen foi provavelmente mais um erro médico, de incerteza sobre o gênero e de silêncios envergonhados (HEGGIE, 2010, p. 162-163 - tradução livre).³⁹³

A vida, a existência, a inteligibilidade de outros corpos e expressões de gênero de mulheres que participaram dos jogos de Berlim, também foram utilizadas na década de 1980, para reforçar a “urgência” de saber o sexo das atletas e, assim, garantir o princípio ilusório da igualdade de condições (*fairness*) nas competições esportivas.

Walasiéwicz, embora morasse nos Estados Unidos, competia sob a bandeira da Polônia, sua terra natal e de onde sua família imigrou, quando ela tinha apenas 3 anos. Após os Jogos de Berlim, de volta aos EUA, Walasiéwicz mudou seu nome para Stella Walsh e trabalhou como recreadora e instrutora de atletismo em Cleveland, Ohio. Lá, em 1980, já uma senhora de 69 anos, foi assassinada numa tentativa de assalto e, por causa das circunstâncias do crime, seu corpo foi submetido a exames cadavéricos. Confessando mais do que os motivos que levaram à supressão da sua vida, o corpo de Walsh confidenciou que ela possuía uma genitália ambígua e, de pronto, toda a cartografia da sua diferença foi divulgada na mídia. Isso revigorou ainda mais, em plena Guerra Fria, as vontades de saber os sexos das atletas, reforçando o protagonismo do dispositivo de

³⁹³ “[...] an investigative journalist from *Der Spiegel* pursued the question of Ratjen’s gender, and retrieved original material from the Department for Sexual Medicine at Kiel University Hospital, which reinterprets Ratjen’s story in a way entirely consistent with contemporary gender controversies, and which undermines our typical story of fascist/communist transgression. According to these records, Ratjen’s gender ambiguity was not discovered at a sporting event, or revealed to a journalist in the 1950s, but was due to an ID-card challenge made by a German police officer at a train station. While Ratjen’s identity card said he was female, the police officer believed him to be male; a medical examination declared him a man. Although the Reich Sports Ministry objected, and requested further testes and a stay in a sanatorium, eventually Ratjen was accepted as a man, officially redesignated, and given a new name and papers. Ratjen’s circumstances appear to have been a consequence of confusion shortly after his birth, which neither her nor his parents seemed able to rectify when his identity became conflicted during adolescence, after a childhood raised unquestioningly as a girl. Ratjen was after all only 17 in 1936 when asked to compete for the Fatherland. Although the story of deliberate Nazi fraud makes better headlines, Ratjen’s story is probably more homely and familiar one of medical error, gender uncertainty, and embarrassed silences” (HEGGIE, 2010, p. 162-163).

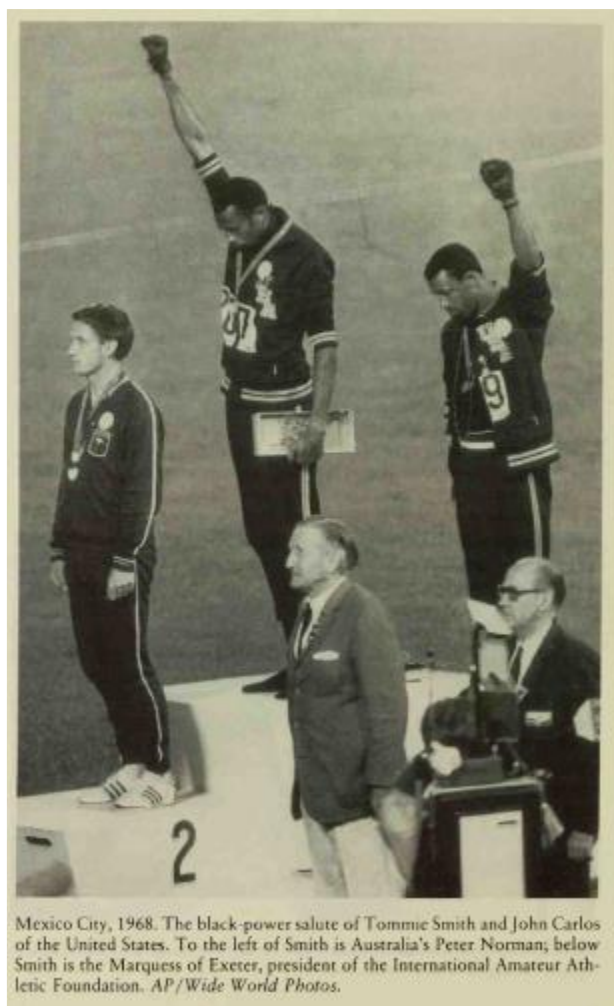
gênero e a instituição de outras tecnologias para escrutinar, classificar e determinar o nível de perfeição da mulher, seu corpo e seu sexo/gênero (HEGGIE, 2010; ELSAS *et al*, 2000; BOHUON, 2012; TANNENBAUN, 2016).

O estadunidense Avery Brundage, que já havia participado ativamente das tramas do COI/IAAF contra a FSFI e os empreendimentos de Alice Milliat, e que havia votado contra a manutenção da corrida de 800 metros para mulheres, após os fatos ocorridos nos Jogos de Amsterdam em 1928 (GUTTMANN, 1992), no primeiro congresso que participou como membro do COI, realizado no mesmo ano de 1936, sugeriu que toda e qualquer mulher atleta nas competições olímpicas deveria ser fisicamente examinada para assegurar que fosse “100% female” (BRUNDAGE, 1936, p. 42 apud BRÖMDAL, 2013, p. 71), pois, alega Brundage, duas atletas que haviam participado dos Jogos Olímpicos tinham sido submetidas, após o evento, a “sex operations” que as teriam “transformado em homens” (BRUNDAGE, 1936, p. 42 apud BRÖMDAL, 2013, p. 71). Foi também através do discurso de resguardar a igualdade de condições, nas competições com mulheres, que Brundage ladrilhou seu caminho e alcançou a presidência do COI em 1952, onde, entre várias ações controversas, se empenhou na normatização, institucionalização e implantação dos exames de sexo/gênero nos eventos olímpicos (BRÖMDAL, 2013).

Somadas às acusações de ser racista e xenofóbico, Brundage ficou conhecido por repreender e penalizar qualquer manifestação política durante os Jogos Olímpicos (GUTTMANN, 1992). Responsável pela inspeção dos preparativos e sobre a situação da população judia na Alemanha antes dos jogos de 1936, quando deveria ter se atentado às práticas antissemitas e genocidas, Brundagem incentivou a participação da equipe olímpica dos EUA no evento que, segundo ele, tinha sido construído para os/as atletas e não para os políticos. Uma afirmação justificada, segundo ele, pelas conquistas do corredor negro estadunidense Jesse Owens, transformado na grande estrela das Olimpíadas de 1936 (GUTTMANN, 1992). O que não impediu Brundage de agir com veemência na punição dos atletas negros, também estadunidenses, Tommie Smith e John Carlos, por terem protestado nos Jogos Olímpicos do México em 1968 contra o racismo e a favor dos direitos civis da população negra nos EUA³⁹⁴ (GUTTMANN, 1992).

³⁹⁴ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/historia-dos-jogos-olimpicos-de-londres-1948-los-angeles-1984-19568408>> Acesso em: 03 jan. 2018.

Imagem 39 - Protesto em favor da luta antirracista, Tommie Smith e John Carlos nos Jogos Olímpicos da Cidade do México em 1968



Fonte: GUTTMANN, 1992, p. 166.

Apesar da emergência discursiva, que denunciava a “urgência” de novas formas para manter o domínio das mulheres e seus corpos sob o maquinário patriarcal, machista, colonial e racista, instada em 1936, a prática de decompor o corpo das atletas para encontrar o “verdadeiro sexo”, emergiu no contexto internacional em 1946, quando a IAAF passou a solicitar “certificados de controle médico” (BRÖMDAL, 2013; HEGGIE, 2010). Apesar da IAAF ter determinado quais eram os parâmetros que certificavam a elegibilidade das atletas, os controles serviam para atestar que os corpos foram inspecionados e avaliados pelo regime de verdade biomédico (BRÖMDAL, 2013).

Brömdal (2013) sustenta que as primeiras práticas institucionalizadas de controle sobre o sexo das atletas foram apresentadas pela *Amateur Athletic Union of USA* em 1938, sob o comando de Brundage, contudo, como já apresentei alguns parágrafos acima, o periódico francês *L'Auto* noticiou que as atletas francesas já portavam fichas médicas,

antes de 04 de outubro de 1938 (MOYSE, 1938), o que sugere que outros países, além dos EUA, já tivessem implantado essa tecnologia de controle do sexo/gênero.

5.3 Dos Jogos Olímpicos de Londres 1948 até Tóquio 1964: ensaios para a submissão das atletas e seus corpos

A partir do Campeonato Europeu de Atletismo, realizado na cidade norueguesa de Oslo em 1946, que a IAAF, primeira federação esportiva internacional filiada ao COI, passou a exigir certificados de elegibilidade das atletas (HEGGIE, 2010). Imposição que foi seguida pelo COI e pela comissão de organização dos Jogos Olímpicos de Londres em 1948 (KARKAZIS *et al*, 2012), no mesmo ano que a *British Women's Amateur Athletic Association* (BWAAA) também começou a demandar atestados médicos das competidoras nos campeonatos ingleses (BRÖMDAL, 2013).

Brömdal (2013) assim como Heggie (2010) asseveram que a política de elegibilidade sobre o sexo/gênero se organizou inicialmente por um tipo de certificação, que eu chamaria de biolocalizada, quando um sujeito legitimado e legitimador de um saber médico atestava o que, dentro da sua cultura, se compreendia como um corpo “100% fêmea”, nos dizeres de Brundage. Isso significa que as primeiras certificações sobre o sexo/gênero das atletas em competições internacionais não seguiam normatizações internacionais, pois nem o COI e nem a IAAF, sabiam ao certo onde buscar a verdade sobre o sexo/gênero (BRÖMDAL, 2013; HEGGIE, 2010), desse modo, foi necessário construir saberes sobre as mulheres atletas para submetê-las ao poder da norma.

Sobre essa dinâmica de construção de saberes e tecnologias de controle, Foucault (2002) chama atenção para o fato de que as instituições que se apropriam, extraem e fazem trabalhar a força produtiva dos indivíduos, o fazem inicialmente através de um saber observatório. Um saber clínico que averigua, esquadrinha, classifica e analisa o corpo e o indivíduo, um saber que se constrói através de informações fornecidas pelo objeto (indivíduo, corpo) para depois, instituir um saber-poder que irá controlar, formar, valorizar, incluir ou excluir, objetivar os indivíduos, suas estéticas e a funcionalidade dos seus corpos. “Trata-se de um poder epistemológico, poder de extrair dos indivíduos um saber e extrair um saber sobre estes indivíduos submetidos ao olhar e já controlados por estes diferentes poderes” (FOUCAULT, 2002, p. 121).

Como a institucionalização dos exames emergiu logo após a Segunda Guerra Mundial, algumas pesquisadoras e pesquisadores (WARREN, 2007; HEGGIE, 2010; KARKAZIS *et al*, 2012; BRÖMDAL, 2013) tendem afirmar que o racionalismo, as atitudes pragmáticas para a implementação da verificação do sexo/gênero das atletas foram uma das várias disposições que emergiram da Guerra Fria, da disputa ideológica entre os blocos dominados pelos Estados Unidos da América (USA) e pela antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Os porta-vozes dos dois lados tentavam demonstrar por todos os meios que o seu [país, bloco econômico e político] era o melhor, o mais rico, o mais poderoso, o possuidor de armas mais mortíferas, com maiores colheitas e cidadãos mais trabalhadores e patriotas. Os soviéticos exaltavam sua liberdade de religião, enquanto muitos norte-americanos exaltavam sua fé em Deus. Naturalmente, essa disputa feroz absorveu o esporte amador internacional. Cada lado interpretou o lema olímpico ‘*citius, altius, fortius*’, lendo nele que seus próprios atletas seriam “*mais rápidos e mais fortes*” e chegariam ‘*mais alto*’. (WARREN, 2007, p. 164 - grifos no original, tradução livre).³⁹⁵

Os tempos pós Segunda Guerra Mundial trouxeram com eles mais do que lembranças incorporadas na estética de corpos amputados, lesionados, de mentes deprimidas, fóbicas e compulsivas, eles fizeram circular crendices sobre os efeitos mágicos dos hormônios nos corpos de homens ex-combatentes e de uma população europeia cansada e envelhecida (TRAMONTANO, 2017). Todavia, junto com a esperança sobre a testosterona, vieram também o receio e a desaprovação do seu uso indiscriminado, o que para Lucas Tramontano (2017), significava serem usados fora das prescrições e cuidados dos saberes médicos e na dopagem de corpos de alta performance esportiva. Com efeito, afirma Warren (2007), as décadas de 1950 e 1960 sublinharam as preocupações no campo das competições internacionais, a saber, pelo ato de macular os princípios do Olimpismo em função da vitória a qualquer custo e da visibilidade a qualquer preço, através do *doping* e da participação de homens competindo contra mulheres.

[...] os primeiros anos do século XX são geralmente representados como um período de luta e triunfo para os esportes femininos, com a eventual aceitação de um significativo programa de mulheres na Olimpíada de 1924 e a proliferação de organizações nacionais para o esporte

³⁹⁵ “Los portavoces de cada bando intentaban por todos los medios demostrar que el suyo era el mejor, el más rico, el más poderoso, poseedor de armas más mortíferas, mayores cosechas y ciudadanos más trabajadores y patriotas. Los soviéticos ensalzaban su libertad de religión, mientras que muchos norteamericanos exaltaban su fe en Dios. Naturalmente, esa feroz competencia empapó el deporte *amateur* internacional. Cada bando interpretó el *motto* olímpico ‘*citius, altius, fortius*’ leyendo en él que sus propios atletas serían ‘*más rápidos y más fuertes*’ y llegarían ‘*más alto*’” (WARREN, 2007, p. 164 - grifos no original).

feminino. Mas como o esporte internacional tomou seu lugar como uma "guerra sublimada", na metade do século XX, o desejo de ganhar, aparentemente, tornou-se tão premente para algumas nações que trapaças deliberadas e sistemáticas tomaram parte nos eventos de homens e mulheres. Consequentemente, o doping e a fraude de gênero tornaram-se preocupações centrais no final dos anos 50 e 60, resultando na eventual introdução de testes sistemáticos para quaisquer eventos desportivos internacionais no final dos anos 60. A explicação usual para a introdução dos testes de sexo é uma lista de fraudes de gênero (ou a suspeita de fraudes), a maioria delas satisfazia um estereótipo específico: competidoras musculosas e com voz grave vivendo sob regimes totalitários, fascistas ou comunistas (HEGGIE, 2010, p. 157 - tradução livre).³⁹⁶

Em 1947, a União Soviética contava em seu território com várias federações esportivas e tinha o apoio de vários países membros dentro da estrutura do COI, por isso, o país se organizou para pleitear seu reconhecimento, representatividade no conselho executivo olímpico e sua consequente participação nos Jogos Olímpicos (GUTTMANN, 1992). Brundage e Edström – presidente da IAAF e figura de destaque que emperrou algumas das lutas da FSFI pela igualdade de condições para as atletas –, mesmo diante das evidências que a URSS possuía um programa estatal de apoio à prática esportiva profissional e que o comitê olímpico russo não era um órgão suprapartidário, mas um apêndice da aparelhagem do Estado Soviético, preferiram não impor barreiras ao pedido de reconhecimento da URSS. Com efeito, no Congresso Olímpico de Viena em 1951, os membros do COI votaram favoravelmente à participação soviética e também israelita nos Jogos Olímpicos de Helsinque em 1952 (GUTTMANN, 1992; WARREN, 2007).

A entrada em cena da URSS e sua representação no conselho diretivo do COI, somadas ao seu enorme poder político, econômico, militar e ideológico desarranjou totalmente a balança de poder que pendia a favor dos Estados Unidos e seus aliados. Pela primeira vez, relata Guttman (1992), o COI se deu conta que as disputas e os conflitos dos blocos econômico-ideológicos tinham se instalado e operavam em suas entranhas. Alguns dos resultados dessa nova dinâmica do poder já foram apresentados, como a influência da URSS na configuração da ginástica artística (regras, regulamentos, estéticas

³⁹⁶ “[...] the early years of the twentieth century are generally represented as a period of struggle and triumph for women’s sports, with the eventual acceptance of a significant women’s programme in the Olympics in 1924 and the proliferation of national organisations for women’s sport. But a international sport took its as ‘sublimated war’ at mid-century, the desire to win apparently became so pressing for some nations that deliberate and systematic cheating took place in both the men’s and women’s events. Consequently, doping and gender fraud became central concerns in the late 1950s and 60s. The usual explanation for the introduction of sex testing is a list of gender frauds (or suspected frauds) most of whom fulfil a specific stereotype: physically muscular, deep-voiced competitors living under totalitarian, fascist or communist regimes” (HEGGIE, 2010, p. 157).

e expressões de feminilidade e masculinidade, usos dos aparelhos, acrobatização das séries com mulheres, implantação de centros de excelência).

Em Helsinque 1952, o mundo assistiu espantado aos enfrentamentos encenados por atletas socialistas *versus* capitalistas, foram disputas tão acirradas que Warren (2007) afirma que mais de cem recordes foram batidos. Os contestes travados ultrapassaram o cenário das quadras, piscinas e estádios, pois, os blocos foram também geograficamente divididos, as delegações dos países ocidentais foram hospedadas na Vila Olímpica de Kapylae, enquanto as delegações da URSS e dos seus países coligados foram hospedadas na cidade Otaniemi, no litoral do Mar Báltico, oito quilômetros do centro da cidade de Helsinque.³⁹⁷ Como novidade, as provas de equitação da categoria adestramento foram tornadas eventos mistos, o que permitiu, pela primeira vez, que mulheres pudessem competir diretamente contra homens³⁹⁸, e como resultado, a amazona dinamarquesa Lis Hartel conquistou a medalha de prata (IOC, 2017b).

A corrida pelas medalhas havia dado início. No entanto, os atletas soviéticos e americanos viveram sob uma pressão agonizante, forçados a acumular medalhas para demonstrar a superioridade de seu país. Então, os soviéticos deram provas claras de que eles tinham um talento feminino de exceção no campo do atletismo. (WARREN, 2007, p. 165 - tradução livre).³⁹⁹

A partir da década de 1950 as mulheres se tornaram uma categoria de grande importância nas disputas internacionais. Embora a ênfase das políticas sobre as mulheres ainda fosse sobre os esportes considerados femininos e convenientes às condições dos seus corpos e estéticas, a partir da transferência do espírito da guerra para os estádios, quando a medalha de ouro ganhou novos significados (vitória, conquista, excelência e proeza de uma nação sobre outra), ocorreu um aumento substancial do número de mulheres, mesmo naqueles esportes tradicionalmente masculinos (WAMSLEY & PFISTER, 2005).

Os países ocidentais, incomodados com a entrada massiva de atletas homens e mulheres soviéticos nas competições internacionais e em relação à visibilidade que suas

³⁹⁷ Disponível em: <https://library.olympic.org/Default/doc/SYRACUSE/70779/the-official-report-of-the-organising-committee-for-the-games-of-the-xv-olympiad-ed-sulo-kolkka?_lg=en-GB#_ga=2.110956033.528559761.1515263718-1076862022.1514392894> Acesso em: 06 jan. 2018.

³⁹⁸ Disponível em: <<https://www.olympic.org/helsinki-1952>> Acesso em: 06 jan. 2018.

³⁹⁹ “La carrera por las medallas había dado comienzo. Sin embargo, los atletas soviéticos y norteamericanos vivían bajo una agonizante presión, obligados como estaban a acumular medallas para demostrar la superioridad de su país. Enseguida los soviéticos dieron clara prueba de que contaban con un talento femenino de excepción en el ámbito del atletismo” (WARREN, 2007, p. 165).

vitórias poderiam conferir aos modelos político, econômico e cultural do oriente socialista, tentaram responder rapidamente, favorecendo e pressionando as mulheres ocidentais a se alistarem nessa nova guerra (WAMSLEY & PFISTER, 2005). Contudo, enquanto o processo de fabricação de mulheres atletas no ocidente esbarrava no medo da masculinização, ao contrário, as atletas soviéticas, particularmente nas modalidades nas quais as estéticas de feminilidade não eram fatores de avaliação, eram fabricadas através de treinamentos de força, hipertrofia e dietas controladas. Como resultado, apontam Wamsley & Pfister (2005), as atletas do oriente socialista perturbavam as representações sobre a morfologia, fisiologia e códigos estéticos de feminilidade ocidentais, borrando, perigosamente as fronteiras do gênero e levantando dúvidas sobre a veracidade do sexo/gênero. Conforme Warren (2007), a URSS ditava um modelo de “supertrabalhadoras”, as “stakhanovitas”, ao passo que os Estados Unidos garantiam um modelo mais conservador e fortemente atado aos valores da ascese cristã.

Livres da carga das decadentes noções ocidentais segundo as quais a feminilidade equivalia a ser bonita, sensual e graciosa como uma estrela de cinema, uma mulher soviética podia vangloriar-se de sua força física, seus músculos, seu suor e suas habilidades manuais de um modo que repelia as mulheres norte-americanas. E o que era mais importante: algumas soviéticas eram “Stakhanovitas”, o termo empregado para as supertrabalhadoras. [...] O norte-americano médio, contudo, vivia imerso em um sistema no qual as crenças religiosas (quer dizer, que “as mulheres são mais débeis”, que “as mulheres não deviam ter acesso ao trabalho dos homens”) todavia exercia uma poderosa influência. O aborto e o adultério seguiam sendo um crime nos Estados Unidos, e resultava difícil obter o divórcio. Grande parte das profissões seguiam vetadas às mulheres. Os norte-americanos conservadores depreciavam as mulheres soviéticas por ser frequentemente pouco femininas, ímpias, carentes de todo o glamour e em nada atrativas. Segundo a visão oficial norte-americana, o que os soviéticos chamavam “liberdade das mulheres” era uma vergonha porque não era uma liberdade democrática. As desportivas norte-americanas tiveram que demonstrar uma postura dolorosamente defensiva, obrigadas como estavam a dar constante prova de sua feminilidade. (WARREN, 2007, p. 166 - tradução livre).⁴⁰⁰

400 “Libres de la carga de las decadentes nociones occidentales según las cuales la feminidad equivalía a ser guapa, sensual y blanda como una estrella de cine, una mujer soviética podía vanagloriarse de su fuerza física, sus músculos, su sudor y sus habilidades manuales de un modo que repelía a las mujeres norteamericanas. Y lo que era más importante: algunas soviéticas eran “Stakhanovitas”, el término empleado para las supertrabajadoras[...] El norteamericano medio, sin embargo, vivía inmerso en un sistema en el que las creencias religiosas (es decir, que “las mujeres son más débiles”, que “las mujeres no debían tener acceso al trabajo de los hombres”) todavía ejercía una poderosa influencia. El aborto y el adulterio seguían siendo un crimen en los Estados Unidos, y resultaba difícil obtener el divorcio. Gran parte de las profesiones seguían vetadas a las mujeres. Los norteamericanos conservadores despreciaban a las mujeres soviéticas por ser a menudo poco femeninas, ímpias, carentes de todo glamour y en nada atractivas. Según la visión oficial norteamericana, lo que los soviéticos llamaban “libertad de las mujeres” era una vergüenza porque no era una libertad democrática. Las deportistas norteamericanas tuvieron que demostrar

Durante boa parte da década de 1960, as irmãs nascidas na atual Ucrânia, Tamara e Irina Press, representando a esquadra soviética no atletismo, venceram quase todas as provas que disputaram. Suas marcas não só contribuíram para colocar a URSS no topo das medalhas como possibilitaram a quebra de vários recordes. Nos Jogos Olímpicos de Roma, Tamara Press ganhou o ouro e bateu o recorde mundial do arremesso de peso, além de ter conquistado a prata no lançamento de disco (IOC,1960b), prova em que semanas mais tarde ganharia o ouro e bateria outro recorde mundial. Também em Roma, Irina Press ganhou o ouro na corrida de 80 metros com barreiras, o que fez as irmãs serem as primeiras a ganhar ouro na mesma edição dos Jogos Olímpicos.

Imagem 40 - As campeãs do lançamento de disco, Tamara Press (URSS), Nina Ponomareva (URSS) e Lia Manoliu (ROM), Jogos Olímpicos de Roma, 1960

The winners of the discus throw. From the left: Tamara Press (URS), silver medal; Nina Ponomareva (URS), gold medal and Lia Manoliu (ROM), bronze medal.



Fonte: IOC, 1960b, p. 208.

Depois, nos Jogos Olímpicos de Tóquio em 1964, Tamara ganhou duas medalhas de ouro (arremesso de peso e lançamento de disco) e ainda bateu seus próprios recordes nas duas provas (IOC, 1964b), uma façanha que voltou a assombrar alguns dos protetores do patriarcado colonial ocidental, como ocorreu com Brundage (COI) e Edström (IAAF) que, segundo Wamsley & Pfister (2005), censuravam as irmãs por “não serem femininas” e demasiadamente “masculinizadas”, mas que, todavia, “[...] davam as costas aos atletas do sexo masculino, como os levantadores de peso que ingeriam esteroides [...] – a massa

una postura dolorosamente defensiva, obrigadas como estaban a dar constante prueba de sua feminidad” (WARREN, 2007, p. 166).

muscular era adequada, até desejada para alguns esportes olímpicos, mas não para as mulheres” (WAMSLEY & PFISTER, 2005, p. 119 – tradução livre).⁴⁰¹

Como consequência das vitórias e quebras de recordes, de um ameaçador enfraquecimento das barreiras do ordenamento do gênero e em resposta ao aumento de visibilidade da ideologia socialista, o COI e a IAAF empreenderam com afinco, a normatização e a implantação de exames que pudessem garantir que atletas como as irmãs Press fossem realmente “100% fêmeas”, como havia desejado, caprichosamente, Brundage, nos tempos de Berlim 1936 (BRÖMDAL, 2013).

Warren (2007) conta que era comum que a imprensa europeia lançasse questionamentos sobre as irmãs Press, mas as dúvidas eram apontadas também a qualquer outra atleta do oriente socialista cuja expressão de feminilidade (estética, comportamental e atlética) não correspondesse ao código de feminilidade ocidental da década de 1960.

Imagem 41 - Tamara Press (à direita) abraçando sua irmã mais nova Irina Press



Fonte: Bilgi University of Istanbul, 2018.⁴⁰²

Tamara e Irina eram duas mulheres corpulentas e musculosas, como de Adão incluído. El SportsJones comenta: “Dizer que eram um pouco masculinas seria como dizer que o edifício World Trade Center é um pouco alto”. As duas tinham pelos faciais. Tamara tinha coxas grossas e musculosas como as de um levantador de pesos e um dorso poderoso com pouca sugestão de seios que ficavam em ambos os lados da coluna vertebral. Quando os espectadores focaram seus binóculos e observaram as duas mulheres entrar em ação, ondas de rumores varreram as arquibancadas. De imediato se considerou as irmãs Press como as últimas “monstruosidades”. Tamara, a maior e mais corpulenta

⁴⁰¹ “Yet, the IOC turned its back on male athletes such as the weight lifters who ingested steroids to enhance their training programmes – muscle mass was appropriate, even desired for some Olympic sports, but not for women” (WAMSLEY & PFISTER, 2005, p. 119).

⁴⁰² Disponível em: <http://genderverification.blogspot.com> Acesso em: 08 ago. 2018.

das duas, era a que mais curiosidade e ultraje provocava. Quando fez sua primeira aparição, seguramente deve ter sentido intensamente o escrutínio ao qual estava submetida... junto com a enorme responsabilidade que suportavam sobre seus amplos ombros: demonstrar que seu país era melhor do que nenhum outro. (WARREN, 2007, p. 169 - tradução livre).⁴⁰³

Imagem 42 - Tamara Press no arremesso de peso, Jogos Olímpicos de Roma, 1960



Fonte: IOC, 1960b, p. 210.

Imagem 43 - Irina Press na prova dos 80 metros com barreiras



Fonte: Alchetron, 2018.⁴⁰⁴

⁴⁰³ “Tamara e Irina eram duas mulheres corpulentas e musculosas, nua de Adão incluída. El *SportsJones* comenta: “Decir que eran un poco masculinas sería como decir que el edificio del World Trade Center es un poco alto”. Las dos tenían vello facial. Tamara tenía unos muslos gruesos y musculados como los de un levantador de pesas y un poderoso torso con la mínima sugerencia de pechos asomando a ambos lados del canalillo. Cuando los espectadores enfocaron sus prismáticos y observaron a las dos mujeres entrar en acción, oleadas de rumores recorrieron las gradas. De inmediato se consideró a las hermanas Press como las últimas “monstruosidades”. Tamara, la mayor y más corpulenta de las dos, era la que más curiosidad y ultraje provocaba. Cuando completó su primera aparición, a buen seguro debió de sentir intensamente el escrutinio al que estaba sometida... junto con la enorme responsabilidad que soportaban sus anchos hombros: demostrar que su país era mejor que ningún otro” (WARREN, 2007, p. 169).

⁴⁰⁴ Disponível em: <https://alchetron.com/Irina-Press> Acesso em: 09 ago. 2018.

Louveau (1998) critica a forma como a imprensa esportiva historicamente tem observado, analisado e feito descrições sobre o corpo das mulheres atletas, que para ela, não leva em consideração os requisitos próprios de cada esporte e/ou prova, como se uma jogadora de vôlei e uma arremessadora de peso, uma nadadora e uma ginasta, tivessem que conjugar as mesmas gramáticas de gênero e códigos de feminilidade. Além disso, acrescenta Louveau (1998) que as análises de jornais e revistas tendem a não problematizar que as atletas, seus corpos, estéticas e expressões respondem a outros marcadores como idade, classe social, nacionalidade, raça/etnia, o que sublinha a ilusão de uma “matriz” para as mulheres.

Sobre as distintas formas como homens e mulheres tendem a ser julgados/as no contexto esportivo, Wamsley & Pfister (2005) sustentam uma matriz de significados observados no contexto da década de 1930 que, apesar de simples, parece ter ainda uma certa coerência. De acordo com Wamsley & Pfister (2005), dentro e fora das competições, os homens tendiam a ser julgados, primeiro por suas performances (atléticas, empresariais, políticas, oratórias), depois por seus comportamentos e por último através da aparência dos seus corpos. De outro modo, as mulheres, atletas ou não, tendiam a ser julgadas inicialmente pela aparência, depois por seus comportamentos e por último eram qualificadas pelas performances que desempenhavam. Com efeito, quanto mais atléticas e vitoriosas eram as atletas, mais incertezas levantavam e geravam uma série de biopoderes, aplicados primeiro sobre aquelas atletas que haviam transgredido quadros regulatórios (corpo, sexo/gênero, sexualidade, produtividade) e, depois, sobre o grupo de indivíduos, sobre a massa, sobre a “mulher-espécie”, como diria Foucault (2000c).

Nas irmãs Press, seus corpos, suas habilidades e seus comportamentos, considerados arredios, tímidos e pouco abertos aos escrutínios da imprensa jornalística, tudo parecia levantar dúvidas, especialmente, porque o COI e a IAAF pareciam ter incorporado o que Foucault (2008c) chamou de “poder pastoral”, cujo empreendimento estava na tentativa de “proteger” os rebanhos de “atletas normais” e “não marcados pela ideologia”⁴⁰⁵ das ameaças de indivíduos que representariam a própria “razão de Estado” do comunismo/socialismo (FOUCAULT, 2008c). Por isso, para proteger “indivíduos” e “populações” o COI e a IAAF começaram a propor que parâmetros científicos fossem

⁴⁰⁵ Aqui quero dizer, que o pensamento era que os/as atletas do ocidente capitalista não eram “marcados ideologicamente”, que a ideologia era da natureza do “outro” oriental e socialista. Em alusão aos ataques de grupos religiosos e de políticas direitistas à “ideologia de gênero” que, segundo esses “poderes pastorais”, poderia desarticular o ordenamento natural do sexo-gênero (a biologia define o papel e a expressão do gênero), em função de uma agenda “esquerdista”, “comunista”, contrária aos valores da família e da cristandade.

descobertos ou regulamentados para que os exames para a atestação do sexo/gênero pudessem se tornar compulsórios. Já desgastadas pelos escrutínios jornalísticos e incomodadas com os constantes questionamentos sobre seus sexos e suas feminilidades, quando as irmãs Press souberam que os exames seriam institucionalizados, padronizados e obrigatórios, que seus corpos seriam submetidos a averiguações anatômicas, que elas consideravam ultrajantes, elas se afastaram das competições oficiais, logo depois dos Jogos Olímpicos de Tóquio 1964, fato que adicionou novos enunciados aos discursos sobre a urgência das testagens (WARREN, 2007).

5.4 Toda a diferença anatômica será percebida, mas apenas algumas serão punidas: a compulsoriedade dos exames de sexo/gênero a partir de 1966

Segundo Brömdal (2013), a IAAF foi a primeira instituição esportiva internacional a implantar de forma compulsória as “verificações de sexo” nas atletas que participaram dos *Commonwealth Games*⁴⁰⁶ realizados na Jamaica em 1966. Certamente, a implantação desses testes no contexto das disputas entre países colonizados, sitiadas em um país cuja população era majoritariamente negra e que até 1962 ainda era uma colônia inglesa, não foi uma razão do acaso, pois, como afirma Bohuon (2012), se de início os exames de sexo/gênero “apanhavam” mais mulheres não ocidentais e negras, na atualidade, são as atletas africanas, indianas e latinas as que têm sido submetidas aos escrutínios e às exclusões, muitas vezes, estampadas em capas de revistas e jornais, como tem ocorrido com a corredora sul africana, Caster Semenya⁴⁰⁷.

Até os jogos de Tóquio em 1964, os *Medical Certificate for Female* (IOC, 1964a, p. 170) eram solicitados para as competidoras do atletismo e ainda assim, não eram normatizados, nem institucionalizados pelo COI. Nas pesquisas que conduziu, sobre atletas Intersex em esportes de alto rendimento, Brömdal (2013) constatou que Brundage, então presidente do COI, promoveu uma campanha em 1966 para que, a exemplo dos *Commonwealth Games* e do Campeonato Europeu de Atletismo de Budapeste, realizado também em 1966, os eventos sob a tutela olímpica ou sobre sua influência histórica promovessem a testagem de todas as atletas, em todas as provas e modalidades esportivas.

⁴⁰⁶ Os *Commonwealth Games* nasceram na década de 1930 e, inicialmente, era conhecido como os Jogos do Império Britânico, pois agregava os países de língua inglesa com “laços coloniais” em comum, em relação ao Império Britânico.

⁴⁰⁷ <https://globoesporte.globo.com/atletismo/noticia/caster-semenya-perde-apelacao-e-so-competira-se-tomar-medicao-para-reduzir-nivel-de-testosterona.ghtml>

Como resultado, num congresso olímpico realizado em Teerã, em 1967, o COI confirmou que implantaria dois dispositivos biopolíticos, as testagens para coibir o doping⁴⁰⁸ e as averiguações para confirmar o sexo, ambos empreendidos nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1967 (BRÖMDAL, 2013; TRAMONTANO, 2017; HEGGIE, 2010; BOHUON, 2008, 2012).

Em Winnipeg 1967, as atletas foram submetidas a uma constrangedora “naked parade” (HEGGIE, 2010, p. 159), na qual, desfilaram nuas na frente de um painel composto por três especialistas, “doutoras”, como enunciou o Jornal Folha de São Paulo no dia 23 de julho de 1967 (FOLHA DE SÃO PAULO, 1967) junto com uma imagem (logo abaixo) de uma atleta em trajes esportivos, sentada num campo de competição, passando batom. Já o jornal A Tribuna (SP), também de 23 de julho de 1967, anunciou que os exames foram realizados em cerca de 100 atletas, para “assegurar que pertencem mesmo ao ‘belo sexo’”, pois, segundo o entrevistado, Max Avre, médico responsável pelos Jogos, “Há atletas que têm características femininas, mas que possuem a energia e a força [sic] dos homens”, desse modo, dizia o médico,

‘ao competir contra mulheres, *desfrutam de indubitável vantagem*, sem se mencionar que com isso incorriam numa *fraude*’ [sic]. [...] *alguns atletas varões resultaram tão semelhantes as mulheres*, sexualmente falando, que até as provas médicas deixaram *dúvidas sobre sua verdadeira condição*. ‘Se se apresentar um caso igual, agora – procederemos com *provas de laboratório*, que são *definitivas*’ (AVRE apud A TRIBUNA, 1967, p. 5 – grifos meus).

⁴⁰⁸ Segundo Tramontano (2017), a primeira lista de substâncias proibidas, incluíam álcool, *pep pills* (anfetaminas), cocaína, vasodilatadores, opiáceos e haxixe, já os hormônios anabolizantes só foram incluídos na lista em 1976, depois que os exames para a detecção dessas substâncias foram criados em 1973. (TRAMONTANO, 2017, p. 187-188).

Extrato 99 - Exames de verificação do sexo/gênero, Pan-Americano de Winnipeg, 1967



Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO, 1967, p. 13.

Extrato 100 - Exames de verificação do sexo/gênero, Winnipeg, 1967

Ontem, cerca de 100 competidoras foram examinadas, para assegurar-se de que pertencem mesmo ao "bêlo sexo". O dr. Max Avren, médico-chefe dos Jogos, expressou que os exames são impostos pelos novos regulamentos pan-americanos e que eles ficaram a cargo de médicas, sob a direção da dra. Sheena Guest.

"Há atletas que têm características femininas, mas que possuem a energia e a força de homens" — declarou o médico Avren, prosseguindo — "desse modo, ao competir contra mulheres, desfrutam de indubitável vantagem, sem se mencionar que com isso incorriam numa fraude. Acrescentou, ainda, que alguns atletas varões resultaram tão semelhantes as mulheres, sexualmente falando, que até as provas médicas deixaram dúvidas sobre sua verdadeira condição. "Se se apresentar um caso igual, agora — finalizou o médico — "procederemos com provas de laboratório, que são definitivas".

Fonte: A TRIBUNA, 1967, p. 5.

Os dois extratos trazem enunciados interessantes e problemáticos que representam a entrada das mulheres num campo historicamente dominado pelos homens, cujos códigos de feminilidades precisam ser constantemente reforçados, mas que, embora a aparência e a expressão do gênero sejam elementos fundamentais, não garantem a alocação de algumas mulheres à “categoria feminina”.

No segundo extrato, as afirmações deixam saber que os exames de sexo/gênero deveriam garantir que as atletas pertenciam, “verdadeiramente”, ao “belo sexo”, não porque eram “femininas” e “semelhantes às mulheres”, mas porque não eram tão fortes e atléticas como os homens. Desse modo, as inspeções iniciais eram realizadas sobre a morfologia e a geografia do corpo, mas, sob a ordem da dúvida, a verdadeira condição do sexo da atleta se revelaria, “definitivamente” – segundo Avre –, diante das investigações laboratoriais. No limite, a verdade do sexo não estava apenas no sexo encarnado e exposto, mas num jogo de verdade cuja matriz de autenticidade estava na ordem da expressão de feminilidade, anatomia, morfologia e da submissão das faculdades corporais das mulheres às dos homens. A história dos exames de verificação do sexo/gênero evidencia uma economia política do detalhe em função da hierarquização das diferenças.

Heggie (2010) conta, a partir das informações colhidas por Larned, que a primeira atleta a ser “reprovada” na bateria de exames realizados em Winnipeg foi uma corredora que não apresentava, de acordo com as especialistas, características sexuais secundárias “suficientes” para competir com as mulheres. A atleta reprovada descreveu a dinâmica dos exames e o veredicto da exclusão da seguinte forma:

Eles nos alinharam fora de uma sala onde havia três médicas sentadas em uma fileira atrás das mesas. Você tinha que entrar e puxar para cima sua camisa e empurrar para baixo suas calças. Em seguida, elas olhavam (observavam) enquanto você as esperava conferir e decidir se você estava OK. Enquanto eu estava na fila, eu me lembro de uma das velocistas, uma menina minúscula, magra, que saiu sacudindo a cabeça para frente e para trás dizendo. ‘Bem, eu falhei, eu não tinha a parte de cima grande o suficiente. Elas disseram que eu não posso correr e eu tenho que voltar para casa porque eu não sou ‘grande’ o suficiente’ (D. LARNED, 1976, p. 8 *apud* HEGGIE, 2010, p. 159-160 - tradução livre).⁴⁰⁹

⁴⁰⁹ “They lined us up outside a room where there were three doctors sitting in a row behind desks. You had to go in and pull up your shirt and push down your pants. Then they just looked while you waited for them to confer and decide if you were OK. While I was in line I remember one of the sprinters, a tiny, skinny girl, came out shaking her head back and forth saying. ‘Well, I failed, I didn’t have enough up top. They say I can’t run and I have to go home because I’m not ‘big’ enough’” (D. LARNED, 1976, p. 8 *apud* HEGGIE, 2010, p. 159-160).

Mesmo diante de inúmeras reclamações e censuras públicas por parte de algumas federações esportivas, COI e IAAF mantiveram as “naked parades”, porém, como foi enunciado no extrato do jornal A Tribuna (1967), novas técnicas, mais detalhadas, começaram a ganhar forma e viriam a fortalecer as epistemologias da diferença sexual, nos dizeres de Preciado (2008, 2014). Consequentemente, além dos exames anatômicos, os testes começaram a se apoiar nos saberes das ciências biológicas e moleculares para afirmar que a verdade do sexo se encontrava nas entranhas das células, onde nem mesmo o indivíduo conseguiria acessar.

No limite, a tarefa não era mais confirmar a verdade do sexo, mas sustentar sua hierarquização por meio da submissão das mulheres à compulsoriedade do “segundo sexo” (BEAUVOIR, 1980), do epítome naturalizado da eterna perdedora. Os testes funcionaram como tecnologias disciplinares na medida que visavam reconhecer, atestar e regular alguns indivíduos, cujas “impurezas” (DOUGLAS, 1976) – estudadas, analisadas, catalogadas, classificadas, corrigidas ou excluídas –, forneciam saberes importantes, não porque denunciavam as “anormalidades”, mas porque através delas inculcavam a existência de uma normalidade que, por sua vez, ao ser aplicada coletivamente, garantiria a segurança da população – aqui, a hierarquização sexual –, confiante na naturalidade dos seus modelos normativos⁴¹⁰. Com efeito, o poder exercido incitou, induziu, contornou, facilitou ou dificultou, ampliou ou limitou, agiu na estruturação de um “estado de dominação” (FOUCAULT, 1979) instituído pela hierarquia do gênero, na qual, “Cada indivíduo é convidado a respeitar a identidade que o designa atribuindo-lhe funções que comandam a ordem social. Assim constituída, a sociedade pode, então, *conciliar a igualdade dos princípios com uma desigualdade concreta*” (RIOT-SARCEY, 2014, p. 555).

⁴¹⁰ “Temos, portanto aqui uma coisa que parte da norma e que se serve de certas distribuições consideradas, digamos assim, mais normais que as outras, mais favoráveis em todo caso que as outras. São essas distribuições que vão servir de norma. A norma está em jogo no interior das normalidades diferenciais. O normal é que é primeiro, e a norma se deduz dele, ou é a partir desse estudo das normalidades que a norma se fixa e desempenha seu papel operatório. Logo, eu diria que não se trata mais de uma normação, mas sim, no sentido estrito, de uma normalização” (FOUCAULT, 2008b, p. 83).

5.5 A economia microscópica da diferença na naturalização das desigualdades: as testagens da cromatina sexual (1968-1984) e dos locis SRY e DYZ-1 (1984-1998)

A busca da diferença com fins de manter as desigualdades, assistida por inovações científicas e economias políticas, traduz as concepções e os desejos de partes da estrutura social afeita à disciplinar corpos, criar individualidades, instituir padrões e, com eles, governar territórios, grupos e populações (FOUCAULT, 2008b). Essa anatomia política pode ser compreendida como uma descoberta pontual (um novo paradigma científico), mas como o resultado de diferentes estratégias, de distintos processos, que mesmo sendo às vezes conflitantes, fazem parte de uma tática geral.

E que tática seria essa? Aquela de criar, inventar e fazer circular saberes que garantem o dispositivo do sexo/gênero, a estrutura e funcionamento do dispositivo do esporte, ambos reflexos e ferramentas de uma sociedade que se garante pela disposição da desigualdade de homens e mulheres, interseccionada com raça/etnia, classe social, sexualidade, nacionalidade, ascense religiosa, pertencimento geográfico. Essas táticas também estariam nos saberes-poderes que operaram para vasculhar o corpo, particularmente o corpo das mulheres, “descobrimdo” e hierarquizando as diferenças como elementos fundantes, auto-evidentes e naturais das desigualdades sociais.

No limite, a “verdade do sexo” deveria estar em outros lugares, para além da anatomia e das expressões, talvez, em regiões de difícil acesso, em territórios sem nomes e linguajares próprios, estava nos microterritórios com múltiplos poderes das células, onde se escondiam sob o pseudônimo de “Corpúsculo de Barr” ou “Cromatina Sexual”.

Antes mesmo dos Jogos de Winnipeg 1967, a IAAF já ensaiava a implantação de novos exames para a determinação do sexo, que, para a instituição e a *American Medical Association* (JAMA, 1966), deveriam se somar às inspeções visuais, mas a partir de uma racionalidade científica e, supostamente, mais efetiva e menos problemática. No editorial do *Journal of American Medical Association* (1966), cujo extrato apresento logo abaixo, é enunciado que a maioria das mulheres podem ser rapidamente identificadas como mulheres, porém, outras e, mesmo homens jovens vestidos em trajes femininos, podem ser dificilmente identificáveis. Como consequência, critica o editor, algumas mulheres que haviam participado em competições femininas do atletismo e conquistado medalhas e recordes, numa situação “embaraçosa”, teriam “se tornado” homens. Porém, continua o texto, quando a IAAF começou a exigir exames para a confirmação do sexo, “[...] ocorreu uma infeliz epidemia de alguma doença não identificada ou lesão que evitou que alguns

membros da equipe da URSS participassem desse momento” (JAMA, 1966, p. 1117 – tradução livre). Por fim, mesmo conscientes da falibilidade do teste, o editorial sugere a implantação dos exames para a cromatina sexual (Corpúsculo de Barr) pelas instituições esportivas, pois através dela a IAAF “[...] poderia assegurar tanto a dignidade como a integridade” (JAMA, 1966, p. 1118 – tradução livre) das atletas.

Extrato 101 - A importância dos testes de cromatina sexual na American Medical Association, 1966

INTRODUCING THE, UH, LADIES

Most young ladies, we are pleased to observe, are readily identifiable as ladies. Of course, every physician knows that the visible appurtenances of femininity are less obvious in some women, who are nonetheless completely feminine. It is also true that some young men, particularly when they wear women's clothing, are extremely difficult to distinguish from the ladies without a physical examination.

While these facts may appear trite, they can create problems in unexpected ways. We have recently discovered, from the pages of a national news magazine, that the difficulty of infallible sex differentiation has produced a serious dilemma in international sport. In summary, certain “lady” contestants in track and field have, over the years, turned out to be men. And to compound embarrassment, several of these individuals hold, or held, records in their events—records for women, that is.

The International Amateur Athletic Federation faced up to this situation at a recent sports meet by ordering physical examinations for all lady contestants. One striking coincidence occurring at the same time was an unfortunate epidemic of some unidentified illness or injury which prevented several members of the USSR team from attending this meet.

Not surprisingly, other athletes objected to parading in a state of undress before a panel of gynecologists, even though the latter were, apparently, women. Perhaps we might suggest, following up the light-hearted remarks of Bunge,¹ that the Federation consider using the buccal smear method of sex chromatin determination introduced by Moore and Barr.² Undressing is unnecessary, the

method is painless, and evaluation can be done rapidly and accurately by a trained technician. Although all workers in this field caution against identifying chromatin-positivity with femaleness, the equation would seem a workable one in this instance. Although positive tests can mislead, Klinefelter's syndrome represents the commonest clinical syndrome of chromatin-positive cells in a phenotypically male individual, and not only is this syndrome uncommon, but persons having it seem singularly unathletic.

Perhaps, by using this test, the Federation could assure both dignity and integrity.

¹ Bunge, R.G.: Sex and the Olympic Games, *JAMA* 173: adv. 196 (July 29) 1965.
² Moore, K.L., and Barr, M.L.: Smears From the Oral Mucosa in the Detection of Chromosomal Sex, *Lancet* 2:57-58 (July 9) 1965.

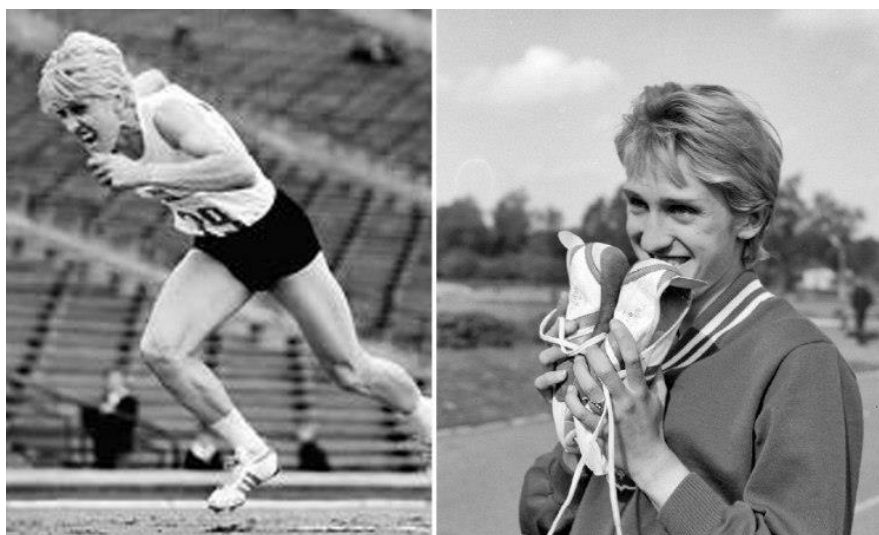
Fonte: JAMA, 1966, p. 117-118.

“Descoberto” em 1949, o Corpúsculo de Barr (cromatina sexual) seria a compensação natural para a dupla carga genética dos indivíduos femininos da espécie humana, ou seja, um dos cromossomos X ficaria inativado, enquanto o outro alelo X, se manifestaria (KARKAZIS *et al*, 2012; HEGGIE, 2010). Tal inativação, dada pela espiralização de um dos cromossomos X, se daria apenas nas fêmeas humanas, já que nos machos da nossa espécie, aqueles com cariótipo XY, o corpúsculo não deveria estar presente, uma vez que não haveria necessidade de “inativar” um dos cromossomos X. (KARKAZIS *et al*, 2012; HEGGIE, 2010). Em outras palavras, a atleta para ser “aprovada” deveria apresentar, junto à face interna da membrana nuclear, uma pequena mancha de cromatina mais intensamente corada, um detalhe que comprovaria a inativação dada pela espiralização de um dos cromossomos X⁴¹¹, e que professaria que, possivelmente, ela era uma mulher “normal” e não um homem ou uma variação intersexual (KARKAZIS *et al*, 2012; HEGGIE, 2010; PIRES, 2020)

⁴¹¹ “Los humanos nacen con 46 cromosomas, en 23 pares. Los dos cromosomas que determinan el sexo del niño son el X(hembra) y el Y (macho). La mayoría de las mujeres son XX, mientras que la mayoría de los hombres son XY. En la época de la Guerra Fría, todavía se daba por sentado que la mera presencia de un cromosoma Y determinaba absolutamente el sexo masculino. Sin embargo, las nuevas investigaciones científicas estaban descubriendo que, en un número muy escaso entre miles de nacimientos, podía existir una increíble serie de variaciones. Hay personas que nacen con un cromosoma de un único sexo (son 45X o 45Y). Otros nacen con un tercer cromosoma sexual (los 47XXY, 47XYY o 47XXX)” (WARREN, 2007, p. 172-17).

Embora tivesse participado do campeonato europeu de 1965, após confirmarem sua elegibilidade, e ter conquistado duas medalhas de ouro (100 e 200 metros rasos), em 1967, no Campeonato Europeu de Atletismo, a polonesa Ewa Klobukowska, segundo contam Ritchie, Reynard e Lewis (2008), Elsa *et al* (2000) e Pires (2020), se tornou a primeira mulher desqualificada das competições, porque um de seus alelos X não tinha sido “desativado como deveria pela natureza”. Klobukowska era um caso incomum de “hermafroditismo”⁴¹² com um mosaico cromossomial (46XX/46XY), ou seja, para os regimes de verdade da época Klobukowska seria geneticamente homem e mulher ou nem homem, nem mulher, e, portanto, não seria “justo” que competisse contra mulheres de cariótipo XX, ou “100% fêmeas”, como insistia defender Avery Brundage.

Imagem 44 - Corredora e recordista polonesa Ewa Klobukowska



Fonte: Unbelievable Facts, 2016.⁴¹³

Foi sobre a promessa de regeneração, reparação ou reordenamento dos indivíduos impuros, perigosos, invertidos ou degenerados que a sociedade contemporânea fez criar e colocou em prática os projetos eugênicos e higienistas – dentre eles as sistematizações ginásticas –, ao final do século XIX, que se espalharam – a partir de diferentes práticas discursivas –, por todo o mundo ocidental. Pois bem, para que esses indivíduos pudessem ser “corrigidos” ou mesmo para que suas existências fossem prevenidas ou impedidas, era necessário que as causas das suas “diferenças” fossem estudadas

⁴¹² Como já foi colocado não se usa mais o termo “hermafrodita”, mas como os estudos nos quais estou me baseando expressam dessa forma, prefiro utilizar, não porque concorde com o termo, mas porque neste momento seu uso me ajudará a criticá-lo depois.

⁴¹³ Disponível em: <https://www.unbelievable-facts.com/2016/08/facts-about-olympic-games.html/4>
Acesso em: 07 ago. 2018.

detalhadamente e que as consequências das suas “más formações” fossem minunciosamente nomeadas, descritas, classificadas e controladas. A atleta Klobukowska não foi apenas exposta e confrontada, sua existência foi duvidada e narrativas da sua vida foram rasuradas, como constataram Ritchie, Reynard & Lewis (2008):

Ela foi despojada de suas medalhas e punida publicamente. Acredita-se que ela tinha um mosaicismo XX / XXY. Aos olhos dos órgãos reguladores, o caso de Klobukowska e outros justificavam a verificação de gênero e o entusiasmo pelos testes obrigatórios continuou. Na realidade, no entanto, a introdução da análise do Corpúsculo de Barr criou mais problemas do que resolveu – confirmar ou refutar o sexo puramente através de um teste cromossômico não leva em conta as complexidades da própria determinação sexual. Mulheres com síndrome de insensibilidade ao andrógeno teriam sido impedidas de competir devido à presença de cromossomos sexuais XY apesar do fenótipo inteiramente feminino. (RITCHIE, REYNARD & LEWIS, 2008, p. 397 - tradução livre).⁴¹⁴

Nas primeiras páginas da aula inaugural de 1970, Foucault (2012) nos chama a atenção para o fato que o discurso não está na coerência dos encadeamentos de palavras, frases e orações, mas que responde por práticas que visam a estruturação, organização e o funcionamento do nosso próprio imaginário social. A título de exemplo, quando lancei uma busca na Hemeroteca Digital Brasileira a partir do descritivo “Klobukowska” dentro do período de 1960 a 1969⁴¹⁵, encontrei vinte duas ocorrências sobre a atleta, sendo que todas aquelas que foram publicadas antes de setembro de 1967 (mês e ano do exame e exclusão da atleta polonesa) apresentavam suas marcas, tempos, recordes e medalhas. Porém, imediatamente após ser reprovada nos testes sexuais, as matérias sobre Klobukowska começaram a discursar sobre “invertidos sexuais, criados como moças”⁴¹⁶, “falsas mulheres”, pessoas com “aparência física ambígua”⁴¹⁷ que além de fraudar as competições femininas, se tornaram “objetos” que aguçaram a curiosidade e o interesse de médicos esportivos e outros profissionais. A instituição de exames para a verificação do sexo/gênero, sob a alegação de identificar possíveis homens nas competições

⁴¹⁴ “She was stripped of her medals and publicly chastised. It is believed that she had XX/XY mosaicism. In the eyes of the regulatory bodies, the case of Klobukowska and others justified gender verification and enthusiasm for compulsory testing continued. In reality, however, the introduction of Barr body analysis created more problems than it solved – confirming or refuting sex purely via a chromosomal test fails to take account of the complexities of sex determination itself. Women with complete androgen insensitivity syndrome would have been barred from competing due to the presence of XY sex chromosomes despite an entirely female phenotype” (RITCHIE, REYNARD & LEWIS, 2008, p. 397).

⁴¹⁵ Aqui se encontra o resultado da busca na Hemeroteca Digital Brasileira: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx> Acesso em: 21 set. 2020;

⁴¹⁶ http://memoria.bn.br/DocReader/112518_03/35240

⁴¹⁷ http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/85770

femininas, fundou uma nova ordem discursiva no contexto esportivo e, como consequência, promoveu a emergência e/ou a circularidade de palavras e termos para nomear e fazer existir (ou não) pessoas e ordenar as diferenças. No limite, os exames para coibir a presença de homens eram tecnologias para submeter as mulheres e seus corpos e fazê-los operar, “corretamente”, no interior de um sistema de hierarquização das diferenças sexuais, cerne do esporte moderno.

Ironicamente, o corpo desordeiro e transgressivo de Klobukowska, contrariando os veredictos sobre sua feminilidade insuficiente e até infértil, teria engravidado e gerado um filho (WARREN, 2007), uma “prova” que, mesmo conjugando o verbo daquele período, não foi suficiente para inocentá-lo. Warren (2007) conta que a atleta fez questão de informar sua gravidez ao COI e a IAAF, não apenas para dizer que era uma “verdadeira mulher”, mas para reforçar que seu sexo era mais do que a presença ou ausência de um cromossomo.

Embora Avery Brundage, então presidente do COI, afirmasse em 1968 que, apesar da instituição ter participado da seleção de possíveis técnicas e instrumentos para a condução dos exames de verificação do sexo, ter conduzido alguns testes em Tóquio 1964 e realizado cerca de 50 testes, num total de 250 atletas, nos Jogos de Inverno de Grenoble 1968 (BRÖMDAL, 2013), não cabia nem ao comitê nem à comissão de organização a condução desses exames, mas sim às federações internacionais esportivas. Um discurso que não se materializou, pois, a relação entre o COI e a IAAF (a instituição esportiva que praticamente conduziu a história das testagens de sexo/gênero) sempre foi a de uma irmandade altamente produtiva, como já discuti no capítulo quatro.

Diferentemente das outras edições, nos Jogos da Cidade do México 1968 todas as oitocentas e três atletas foram testadas para a cromatina sexual, ou seja, a tecnologia de controle do sexo/gênero alcançou pela primeira vez todas as mulheres atletas. Porém, para resguardar total segredo sobre os resultados dos exames, conforme Brömdal (2013), não se tem informação sobre possíveis testes positivos em alguns dos eventos olímpicos. Essa falta de informação era parte de um modelo comportamental do COI e da IAAF para tentar dirimir as críticas sobre as exposições empreendidas pela mídia das atletas “reprovadas”, o que, para as comissões médicas dessas instituições, poderiam causar grandes constrangimentos às atletas. Embora achasse que poderia guardar segredo sobre as exclusões, a comissão médica do COI, sob o comando do Príncipe Alexandre de Mérode, enaltecia o caráter científico, a eficiência e a conveniência da retirada de células

a partir de esfregaço bucal, algo que Mérode, dizia ser tão confortável para as atletas que algumas delas sorriam enquanto colhiam suas células para os exames.

Extrato 102 - Relato da Comissão Médica do COI sobre os exames de sexo em Grenoble 1968

The sex tests took place before the opening of the Games and were carried out with the greatest respect for human rights and with absolute secrecy. After having learned how simple the procedure is, the athletes submitted themselves to it with a smile. In this case, the test consisted of taking a buccal smear in order to determine the sex chromatin granules.

The results obtained were so clear that it was not necessary to undertake any supplementary test - each athlete will be informed of this fact through the intermediary of the National Olympic Committees.

Fonte: IOC, 1968, p. 72.

Baseado no quadro abaixo, organizado por Brömdal (2013, p. 88-89), referente à dinâmica das implantações das verificações/testagens do sexo/feminilidade/gênero, nos Jogos Olímpicos de Verão e Inverno, é possível ter uma dimensão da estrutura e do funcionamento dessa tecnologia de gênero no interior das necessidades reivindicadas pelos dispositivos (esporte e gênero). Tecnologias que mantiveram, e, ainda mantém, estreita relação com os acontecimentos e ordenamentos discursivos de campos científicos, políticos, econômicos e culturais, cujas relações, favorecem a emergência de novos regimes de verdade, alterações nas taxionomias dos sujeitos, adaptações de técnicas e instrumentos.

O sentido de apresentar a tabela abaixo não está na demarcação de uma continuidade histórica dos exames de verificação do sexo/gênero, mas na ideia de mostrar as suas descontinuidades e suas dispersões,

[...] é demarcar os acidentes, os ínfimos desvios – ou ao contrário, as inversões completas –, os erros, as falhas na apreciação, os maus cálculos que deram nascimento ao que existe e tem valor para nós; é descobrir na raiz daquilo que nós conhecemos e daquilo que nós somos – não existe a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente. (FOUCAULT, 1979, p. 21).

Tabela 2 - Exames obrigatórios para o sexo/feminilidade/gênero nos Jogos Olímpicos de Verão e Inverno (1968-1998)

Ano/local	Classificação do teste	Formato do teste	Total mulheres/total testes	Mulheres consideradas irregulares
1968 – JOI Grenoble	Verificação do sexo	Teste de cromatina sexual (Corpúsculo de Barr) para cromossomo X e teste de fluorescência para o cromossomo Y	250/50	Nenhuma
1968 – JOV Cidade do México	Controle do sexo	Como acima	803/803 (pela primeira vez todas as mulheres são testadas e algumas retestadas)	Nenhuma informação foi divulgada ⁴¹⁸
1972 – JOI Sapporo	Checagem do sexo	Como acima	205/2017 (algumas apresentaram certificados e outras foram retestadas)	Nenhuma
1972 – JOV Munique	Controle do sexo	Como acima	1059/960 (114 apresentaram previamente certificados)	3
1976 – JOI Innsbruck	Checagem do sexo (alguns outros documentos já traziam “teste de feminilidade)	Como acima	231/241	Nenhuma informação foi divulgada
1976 – JOV Montreal	Testagens da feminilidade	Como acima	2018/1800 (algumas apresentaram certificados e outras foram retestadas)	4
1980 – JOI Lake Placid	Testagens da feminilidade	Como acima	232/ ± 232 (algumas apresentaram certificados)	Nenhuma informação foi divulgada
1980 – JOV Moscou	Testes de feminilidade	Como acima	1115/995 (200 apresentaram certificados e algumas foram retestadas)	Nenhuma
1984 – JOI Sarajevo	Controle de feminilidade	Como acima	274/262 (algumas apresentaram certificados e outras foram retestadas)	Nenhuma informação foi divulgada
1984 – JOV Los Angeles	Verificação do gênero	Como acima	1566/1610 (220 apresentaram certificados e aproximadamente 18 foram retestadas)	6
1988 – JOI Calgary	Verificação do gênero	Como acima	301/296 (algumas apresentaram certificados e outras foram retestadas)	Nenhuma
1988 – JOV Seoul	Verificação do gênero	Como acima	2194/2305 (255 apresentaram certificados e algumas foram retestadas)	Nenhuma informação foi divulgada
1992 – JOI Albertville	Controle/testagem de gênero	Cadeia de reação de polimerase (PCR) para detectar a presença do	488/±488 (algumas apresentaram certificados e outras foram retestadas)	Nenhuma informação foi divulgada

⁴¹⁸ Segundo Brömdal (2013), em algumas edições dos Jogos Olímpicos, o Comitê Olímpico e as Comissões Médicas dos eventos não liberaram informações sobre o número de atletas consideradas irregulares.

			cromossomo Y (SRY e/ou DYZ-1)		
1992 – JOV Barcelona	Teste de gênero		Como acima	2704/2406 (algumas apresentaram certificados e outras foram retestadas)	15
1994 – JOI Lillehammer	Testagem de gênero	de	Como acima	522/±522 (algumas apresentaram certificados e outras foram retestadas)	Nenhuma informação foi divulgada
1996 – JOV Atlanta	Verificação de gênero	do	Como acima	3779/3091 (296 apresentaram certificados, 379 competiram em eventos abertos que não exigiam testes e algumas foram retestadas)	8 (3 AIS, 4 IAIS, 1 5AR) ⁴¹⁹ A maioria tinha se submetido a gonadectomia antes dos Jogos)
1998 – JOI Nagano	Teste de verificação de gênero	do	Como acima	815/679 (136 apresentaram certificados)	Nenhuma informação foi disponibilizada

Fonte: Adaptada de BRÖMDAL, 2013, p. 88-89.

Como é possível observar na tabela, dos Jogos da Cidade do México 1968 até os Jogos de Inverno Innsbruck 1976, as testagens eram chamadas pelo COI de “verificação do sexo”, “controle do sexo”, “checagem do sexo”, o termo “sex” dava a entender que os exames poderiam, ainda que nunca tivessem sido, ser aplicados para homens e mulheres (BRÖMDAL, 2013). Em 1976, com a realização dos Jogos Olímpicos de Montreal a terminologia mudou novamente e até os Jogos de Inverno de Sarajevo 1984 os exames foram chamados de “testagem da feminilidade”, “teste de feminilidade” ou “controle de feminilidade”. Depois, de 1984 até 2011 (os dados não estão nessa tabela, mas serão discutidos mais a frente), os exames passaram a utilizar o “gênero” como descritivo do processo de escrutínio dos corpos das atletas, quando foram depois substituídos por terminologias mais eficientes politicamente, como, “políticas de elegibilidade”, “hiperandrogenia” focando basicamente mulheres com variações intersexuais sensíveis aos hormônios andrógenos.

Entre 1968 e 1998, conforme a tabela, é possível observar a emergência de três taxionomias, “sexo”, “feminilidade” e “gênero”, que são reguladas através da ação de estratégias e técnicas como os exames para a cromatina sexual (de 1968 a 1984), depois (1992 a 1998) com os testes para a polimerase do cromossomo Y, conhecido como SRY (*sex-determining region Y*). Apesar de mudanças na taxionomia e no design das técnicas

⁴¹⁹ AIS – Síndrome da Insensibilidade Androgênica; IAIS – Síndrome da Insensibilidade Androgênica Incompleta; 5AR – 5α redutase tipo 2 – todas consideradas variações intersexuais.

de inspeção, as tecnologias de gênero dos exames de verificação do sexo/gênero continuaram tendo os mesmos objetivos de controlar e regular as atletas e seus corpos,

Outra atleta duramente perseguida após “falhar” no Teste de Barr foi a principal corredora da equipe espanhola, María José Martínez-Patiño. Essa atleta enfrentou tantas práticas de violência e violação que sua luta contra a IAAF/COI ganhou enorme projeção midiática e foi discutida em vários espaços de poder (universidades, federações esportivas, movimentos de direitos humanos, movimentos feministas e LGBTQIA+). O caso de Patiño começou quando a atleta, após ter esquecido sua “carteira rosa” – documento que atestava a aprovação das atletas nos testes sexuais (LESSA & VOTRE, 2013) –, foi submetida a novos testes para a cromatina sexual, cujo resultado positivo a desqualificaria poucas horas antes de entrar na pista das competições dos Jogos Mundiais Universitários de Kobe, Japão, em 1985 (SÁNCHEZ, MARTÍNEZ-PATIÑO & VILAIN, 2013; HEGGIE, 2010; FAUTO-STERLING, 2000, ELSA *et al* 2000).

Imagem 45 - A "carteira rosa" de Maria José Martínez-Patiños que confirmava sua aprovação no teste para cromatina sexual feito em 1983



Fonte: The Lancet (2005).⁴²⁰

Como a própria atleta descreveu num artigo, escrito em parceria com Francisco J. Sánchez e Eric Vilain, intitulado *The New Policy on Hyperandrogenism in Elite Female Athlete is Not About 'Sex Testing'* (2013), seus sonhos, sua vida pessoal e afetiva, as ajudas financeiras concedidas pelo ministério dos esportes espanhol, tudo foi descarrilhado pela presença microscópica de um cromossomo Y em seu corpo. Assim teria ocorrido com Dora Ratjen, Ewa Klobukowska e praticamente todas as outras atletas que reprovaram nos testes sexuais, Patiños havia vivido sua vida como uma mulher

⁴²⁰ Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(05\)67841-5/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(05)67841-5/fulltext)
Acesso em: 07 ago. 2018.

“normal” até ter a identidade questionada (SÁNCHEZ, MARTÍNEZ-PATIÑO & VILAIN, 2013).

Depois de submetida a vários testes e exames, alguns para a confirmação da heterocromossomia (XY) e outros sobre a fisiologia do seu corpo, Patiño, em conjunto com algumas cientistas, se lançou no empreendimento de provar que sua variação intersexual não lhe dava nenhuma vantagem frente às outras atletas, dado que suas células eram insensíveis à testosterona produzidas pelo seu próprio corpo – a variação intersexual de Patiños condizia com a Síndrome da Insensibilidade Androgênica (AIS). Em outras palavras, a presença do cromossomo Y não lhe conferia nenhuma vantagem sobre outras atletas dioicas (XX). Com efeito, a atleta foi readmitida nas competições, entretanto, nunca mais conseguiu alcançar os mesmos tempos e marcas, seu corpo não adquiriu a mesma força, velocidade, potência, resistências (aeróbica, cardiovascular, anaeróbica) depois que foi violado e exposto (SÁNCHEZ, MARTÍNEZ-PATIÑO & VILAIN, 2013; FAUSTO-STERLING, 2000).

Hoje, María José Martínez-Patiño é professora do Departamento de Educação Especial na Universidade de Vigo, Espanha. Contudo, embora tenha subsidiado muitas críticas acerca dos exames para a cromatina sexual e sobre as inspeções ginecológicas, ela ratifica que não é contrária às regulamentações que a COI/IAAF tem imposto, especificamente as políticas de elegibilidade para mulheres com ou em situação de hiperandrogenia (SÁNCHEZ, MARTÍNEZ-PATIÑO & VILAIN, 2013). Em conjunto com os outros pesquisadores, Patiño afirma no artigo que a nova política de regulamentação não tem nada a ver com o “sexo”, mas como um meio de não excluir pessoas intersexuais e transexuais das competições. Que os esportes não são arenas de igualdade, portanto, que seria ao menos interessante estabelecer condições “justas” para as competições femininas. Problematicamente, Patiños, Sánchez e Vilain (2013) argumentam que o COI e a IAAF não estão preocupados com o “sexo”, “biológico” ou “social”, mas com as vantagens que um maior aporte de testosterona traria aos corpos das atletas Intersexos. Sobre isso enfatizam:

Novamente, a nova política do COI não é um teste de verificação do sexo. Algumas mulheres estarão acima ou abaixo da amplitude típica de andrógenos, e isso não as torna mais ou menos femininas. Em vez disso, **o teste é um rastreio que eventualmente pode resultar na exclusão de uma pessoa de competir contra atletas do sexo feminino se seus níveis de testosterona estiverem dentro da faixa masculina e não for encontrada uma condição que a impeça de utilizar andrógenos.** Consequentemente, as mulheres XY que têm uma

síndrome de insensibilidade aos andrógenos e que podem ter ou não testículos intactos poderão competir com as mulheres, **embora tenham desenvolvido algumas características que geralmente estão presentes nos homens, mas não nas mulheres.** (SÁNCHEZ, MARTÍNEZ-PATIÑO & VILAIN, 2013 - tradução livre, grifos meus).⁴²¹

Em 1991, as pressões e críticas que partiam do campo acadêmico e científico (PIRES, 2020), levaram o COI e a IAAF a decidirem abandonar as testagens para o Corpúsculo de Barr depois das deliberações de um grupo de trabalho, organizado por essas instituições e sitiado em Monte Carlo. Embora tenha consentido com o abandono dos exames da cromatina sexual, a IAAF, no Campeonato Mundial de Tóquio que foi realizado logo após os pareceres de Monte Carlo, decidiu lançar mão de uma estratégia duplamente produtiva: 1) inspecionar visualmente as atletas enquanto elas colhiam amostras para os testes antidoping; e 2) averiguar as atletas no ato dos exames médicos. Contudo, logo que as críticas sobre a obrigatoriedade e sobre uma possível retomada das inspeções visuais começaram a avolumar, a IAAF decide abandonar em 1992 os procedimentos de testagem (PIRES, 2020). Para o vice-presidente da instituição, Arne Ljungqvist, o aumento da visibilidade das competições de atletismo, com mais público nos estádios e em frente às televisões, além dos novos tecidos e modelos das roupas esportivas (mais justas, mais curtas e mais elásticas), dificilmente homens participariam como mulheres nas competições (BRÖMDAL, 2013). Porém, acrescentava Ljungqvist, se alguma suspeita fosse levantada, a comissão organizadora do evento poderia solicitar uma inspeção pontual da atleta alvo das denúncias. É importante ressaltar que, a IAAF e o COI continuaram a se envolver e a fortalecer suas redes de trabalho e estudos sobre as políticas sobre o sexo/gênero, como assegura Brömdal (2013), as testagens resultavam de relações de saber-poder de cientistas ciceroneados pelas comissões médicas das duas entidades esportivas.

Se por um lado a IAAF para com as testagens obrigatórias, o COI, logo após concordar banir os testes para o Corpúsculo de Barr, se empenhou rapidamente em instituir um outro exame que dizia ser mais inovador e efetivo que a cromatina sexual.

⁴²¹ “Again, the IOC’s new policy is not a sex-verification test. Some women will be above or below the typical androgen range, and this does not make them any more or less female. Rather, **the test is a screening that may eventually result in the exclusion of a person from competing against female athletes if her testosterone levels are within the male range and she is not found to have a condition that prevents her from utilizing androgens.** Consequently, **XY women who have an androgen insensitivity syndrome and who may or not have intact testicles will be allowed to compete with women even though they developed some characteristics that are usually present in men but not in women**” (SÁNCHEZ, MARTÍNEZ-PATIÑO & VILAIN, 2013 - grifos meus).

Porém, como aponta Pires (2020), essa “nova” técnica, chamada de “reação em cadeia da polimerase” (*PCR Testing*), era tão controversa quanto a anterior, pois, segundo os/as cientistas, as amostras poderiam ser facilmente contaminadas e também porque não havia consenso sobre os protagonismos dos *locus* SRY e do DYZ-1, instalados no cromossomo Y, na conformação das gônadas, no caso, os testículos. Ainda assim, o COI decidiu aplicar nos Jogos Olímpicos de Barcelona 1992 esse novo tipo de escrutínio do corpo das atletas, não mais sobre o cromossomo X inativado, mas em regiões do cromossomo Y, se acaso ele fosse identificado nos cariótipos das atletas (PIRES, 2020; BRÖMDAL, 2013; BOHUON, 2008, 2012, ELSA *et al* 2000). O *PCR Testing* consistia na análise de ambos os *locis* do cromossomo Y, o SRY e o DYZ-1, feitas a partir de amostras de células da parede bucal, recolhidas através de esfregaços na parte interna da boca.

Em Barcelona 1992, cerca de 2406 (dois mil, quatrocentos e seis) exames foram realizados, com onze (11) atletas testando positivos para o DYZ-1, três (3) atletas para o SRY e uma (1) para ambos os genes, um total de 15 atletas “pegas” nos exames para o *locis* SRY (ELSA *et al*, 2000; BRÖMDAL, 2013). O problema é que não havia consenso científico sobre o protagonismo dos genes SRY e DYZ-1 na conformação das gônadas, essas diminutas regiões, segundo os/as cientistas, não eram necessariamente “masculina”, o que poderia resultar em falsos positivos. Contudo, mesmo ciente das contrariedades, o COI manteve os *PCR Testings* (ELSA *et al* 2000).

A título de exemplo, Durval Damiani, Vaê Dichtchenian e Nuvarte Setian (2000), profissionais da Unidade de Endocrinologia Pediátrica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, argumentam que a determinação gonadal ainda é um enigma para a ciência. Ao que parece, dizem os/as pesquisadores/as, a conformação das gônadas (testículos e ovários) resulta de uma “cascata” de genes, na qual ainda não se sabe com precisão o papel de cada um dos genes e como eles se comportam na presença ou ausência de outros.

Mesmo diante das críticas, os *PCR Testings* foram aplicados nos Jogos de Inverno de Lillehammer em 1994 (522 atletas testadas), depois nos Jogos Olímpicos de Verão Atlanta 1996 empreendidos 3091⁴²² testes, cujos resultados apontaram para a presença de oito (8) mulheres com variação intersexual, das quais sete (7) apresentaram insensibilidade ao hormônio andrógeno (ELSA *et al*, 2000; BRÖMDAL, 2017). Isso significava que os corpos daquelas atletas não eram capazes de captar e tirar proveito dos

⁴²² Existem divergências na quantidade de exames, enquanto Brömdal (2013) aponta para 3091 atletas testadas, Elsa *et al* (2000) afirma que foram empreendidos 3387 *PCR Testings*.

hormônios anabolizantes endógenos (produzidos pelo próprio corpo). Apesar das contundentes críticas em relação ao custo-benefício – os gastos laboratoriais foram dispendiosos, cerca de 150.000 dólares (ELSA *et al*, 2000, p. 252) – e sobre a eficiência e a fidedignidade dos *PCR Testings*, o COI voltou a examinar 679 (seiscentas e setenta e nove) atletas nos Jogos de Inverno de Nagano 1998, sem nunca ter divulgado os seus resultados (BRÖMDAL, 2013). A título de exemplo, só entre os Jogos Olímpicos de Verão de 1972 até 1996, foram aplicados (11373) onze mil, trezentos e setenta e três testes (cromatina sexual e PCR), dos quais foi constatado que (27) vinte e sete atletas poderiam apresentar possíveis variações intersexuais, ou seja, a média de 1 x 424, um caso para cada quatrocentos e vinte e quatro testes (ELSA *et al*, 2000).

Depois de uma bateria de testes, realizados durante os Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996, ex-judoca brasileira, que Edinanci Silva recebeu o veredicto que mudaria sua vida, assim, como das outras sete atletas que também haviam “falhado” nos testes de PCR. Edinanci Silva, mulher latina, negra, nordestina e pobre, chegou em São Paulo em 1993 e na mala trazia saudades, sonhos e medos. Lutando contra as adversárias, mas contra várias adversidades, conseguiu formar seu corpo e sua identidade como uma competidora de nível internacional, porém, o potencial do seu corpo e suas expressões de feminilidade, logo levantaram questionamentos sobre a veracidade e/ou pureza do seu sexo. De tal modo que, após Atlanta 1996, sua vida, seu corpo, sua sexualidade e sua identidade foram ostensivamente alvos da imprensa e das políticas sobre as atletas, tanto no Brasil quanto internacionalmente (PIRES, 2020).

Após o ato performativo – aquela enunciação que institui, constitui e constrói aquilo que anuncia, por exemplo, quando o COI anuncia que uma atleta apresenta uma DSD – Diferenças do Desenvolvimento Sexual⁴²³, ele promove a constituição de um sujeito intersex, nem “100% mulher”, nem “100% homem”, como gostava de discursar Brundage –, Edinanci foi exposta a uma gama de exames e testes que violaram seu corpo em busca de confissões (PIRES, 2020).

O corpo que um dia lhe havia permitido se sentir forte e atlética, foi colocado em suspeição, causava mais medo do que orgulho (PIRES, 2020). De tal modo que, após ser avisada que poderia não viver mais do que vinte e cinco anos, Edinanci aceitou passar por um conjunto de cirurgias para a retirada das suas glândulas endócrinas, a extirpação de partes do seu ovário, a completa retirada de um testículo não descido e uma clitoroplastia, tudo isso e mais, várias sessões de terapia hormonal deveriam ser

⁴²³ Alguns documentos fazem referência à tradução “Desordens do Desenvolvimento Sexual”.

suficientes para a atleta diminuir os “riscos de vida” do seu corpo dissidente, e para que pudesse retomar sua vida e sua carreira esportiva (PIRES, 2020). Edinanci, assim como várias outras atletas com alguma variação intersexual, viveu uma saga biomédica, individual, identitária e resiliente que Bárbara Pires (2020) apresenta em sua tese de doutoramento: *A gestão da integridade: corpo, sujeição e regulação das variações intersexuais no esporte de alto rendimento*, defendida em 2020.

Entre 1968 e 1998, as tecnologias de gênero responsáveis pela identificação, classificação e hierarquização das diferenças sexuais sofreram várias alterações, algumas foram adaptadas e outras foram abandonadas. Foram três taxionomias, primeiro diziam que procuravam inspecionar o “sexo”, depois a tarefa foi testar e checar a “feminilidade” e, por fim, ansiaram por verificar e determinar o “gênero”. Para tanto, três técnicas de escrutínio foram colocadas em operação, a primeira fez acreditar que a verdade do sexo estava materializada na carne, à vista, na diferença entre os órgãos genitais; a segunda, cuja entrada em cena não destituiu as operações da primeira, fez buscar a confirmação do sexo a partir da presença inativada do cromossomo X; a terceira, fez anunciar que a verdade do sexo estava na presença ativa do cromossomo Y e que algumas regiões ali (SRY, DYZ-1) poderiam favorecer o crescimento de testículos e, por consequência, a produção endógena da testosterona. Empreendimento que, para mim, revela uma disposição de buscar e/ou construir um marcador que pudesse dar conta das múltiplas dimensões do sexo, e de forçar, “a lâminas e microscópicos”⁴²⁴, a ideia de uma matriz binária (homem-mulher, macho-fêmea, XY-XX, testículos-ovários, testosterona-progesterona) sobre um grupo de pessoas e corpos que comunicavam a diversidade e a complexidade das existências. Como consequência do projeto inacabado de disciplinamento dos corpos e governo das pessoas dissidentes, o COI e a IAAF se lançaram na tarefa de implantar políticas regulatórias não mais sobre o ser ontológico, mas sobre o rendimento que as mulheres poderiam alcançar com seus corpos.

5.6 Políticas de elegibilidade para mulheres atletas: regulação e normalização do sexo/gênero e das performances

Há um referente corporal aqui, uma condição minha à qual não posso aludir e que não posso narrar precisamente, mesmo que não haja dúvidas sobre onde meu corpo esteve e o que fez ou deixou de fazer.

As histórias não captam o corpo a que se referem. Mesmo a história deste corpo não é totalmente narrável. De certa forma, ser um corpo é o mesmo que ser privado de uma recordação completa da própria vida. Meu corpo tem uma história da qual não posso ter recordações (BUTLER, 2015, p. 54).

⁴²⁴ Quero fazer alusão à expressão “a ferro e fogo”, que significaria na força e na violência.

Desde a desistência da IAAF de aplicar testagens, exclusivamente para fins de controlar o sexo/gênero, em 1992, o COI manteve sua política, apoiada principalmente na forte influência do belga Alexandre Mérode, fundador e presidente da Comissão Médica (1968-2002), que defendia que o COI nunca teve a intenção de determinar se alguém era ou não mulher, mas que os exames eram os únicos meios para “[...] desestimular uma prática antiética que consistia em *agravar as anomalias* [variações intersexuais] em vez de reduzi-las no interesse do desempenho esportivo” (IOC, 1992b, p. 21 *apud* BRÖMDAL, 2013, p. 114, grifos meus).

O que ocorria é que até mesmo a IAAF criticava a falta de objetividade dos testes aplicados pelo COI, não porque não eram válidos, mas porque a IAAF já fazia projeções para a implantação de novas políticas de controle, particularmente, baseadas em mensurações hormonais. Para isso, já havia até composto grupos de estudos e feito acordos com centros de estudos e cientistas (BRÖMDAL, 2013). Em 1994, o sueco Arne Ljungqvist, vice-presidente da IAAF de 1981 a 1999, que havia se tornado membro do COI no mesmo ano, passou a questionar dentro das reuniões e congressos olímpicos a manutenção dos *PCR Testings*, que por sua vez, eram defendidos vivamente por Mérode e por alguns cientistas/médicos dentro e fora do COI (BRÖMDAL, 2013).

Brömdal (2013) conta que o tom das críticas de Ljungqvist sobe durante uma reunião realizada em 1997, que na ocasião, alegou que as testagens responderam às necessidades de anos atrás, mas que não era mais o caso, pois homens poderiam ser aprovados e mulheres não. Ljungqvist afirmava que os testes hormonais poderiam detectar se as atletas tinham altos ou baixos níveis de testosterona que, para ele, poderia influenciar diretamente nos resultados das competições (BRÖMDAL, 2013).

Essas disputas de poder, aqui representadas pelas defesas de Mérode e os *PCR Testings* contra Ljungqvist e as políticas de controle hormonal, revelam o desconforto criativo de um jogo de verdade que se reconfigurava no interior dos confrontos entre discursos que emergiram em diferentes momentos históricos e que eram defendidos por sujeitos que ocupavam posições de poder distintas, mas não desiguais. Como resultado desse jogo de poder e verdade, a Comissão Jurídica do COI, julgou procedente um pedido feito por Ljungqvist, e considerou que os testes em cadeia da polimerase (*PCR Testing*) deveriam ser descontinuados imediatamente, antes mesmo da realização dos Jogos Olímpicos de Sidney 2000 (BRÖMDAL, 2013). Além dessas pressões, a Comissão de Atletas, criada em 1981 e que contava com a presença de atletas mulheres, também se

empenhou na tarefa de analisar a política de gênero do COI e logo demandou que os testes fossem abandonados e que não fossem aplicados nos Jogos de Sidney 2000 (PIRES, 2020).

Durante os Jogos de Sidney, a comissão organizadora e o COI propagandearam que as atletas não seriam submetidas a exames compulsórios para a verificação do sexo/gênero. Embora essa notícia pudesse ter soado um alívio, ela deixava esconder que o COI e as Comissões Médicas e Organizadora haviam fortalecido os protocolos para as testagens antidoping (PIRES, 2020), o que significava que as atletas suspeitas poderiam ser “sorteadas” para exames que visavam coibir o uso de substâncias proibidas pelo código esportivo, dentre elas, a testosterona.

Na superfície, o COI não buscava mais condenar atletas amadores, banir comportamentos não-virtuosos ou descobrir homens mascarados de mulheres – a entidade passou a produzir um discurso sobre justiça e equidade dentro do paradigma de direitos construído após a Segunda Guerra. As categorias iniciais de “proteção” e “suspeição” se emaranhavam neste novo sistema de normas, moralidades e economias. (PIRES, 2020, p. 143-144).

Apesar desse hiato, renunciar às políticas regulatórias sobre as mulheres não estava na agenda do COI nem da sua Comissão Médica e muito menos da IAAF, dado que em Sidney 2000 o COI anunciou que promoveria a formação de um grupo de trabalho composto por especialistas em diversas áreas, sob a responsabilidade de estudar e arquitetar novas estratégias e técnicas para o controle do sexo/gênero (PIRES, 2020; BRÖMDAL, 2013).

Sem demora, a promessa foi cumprida. No ano de 2003, em Estocolmo, uma comissão de especialistas, composta por Arne Ljungqvist (homem, Suécia), Odile Cohen-Haguenauer (mulher, França), Myron Genel (homem, Estados Unidos), Joe Leigh Simpson (homem, Estados Unidos), Martin Ritzen (homem, Suécia), Marc Fellous (homem, França) e Patrick Schamasch (homem, França) (IOC, 2003a), todos eles e elas brancos e representantes de países “desenvolvidos”, nenhuma pessoa negra e nenhuma representação da Ásia, Oriente Médio, África, Oceania e nem da América Latina. Esse grupo realizou reuniões e analisou diferentes regimes de verdade sobre o sexo/gênero, identidade de gênero, intersexualidade, cirurgias de redesignação genital e terapias hormonais, como resultado, definiram recomendações para a inserção de mulheres e homens transexuais nas competições, sob as seguintes condições:

- Que as cirurgias de mudanças anatômicas tivessem sido completadas, incluindo as alterações na genitália externa e gonadectomia;
- Que o reconhecimento das suas redesignações tivessem sido outorgadas por autoridades oficiais apropriadas;
- Que a terapia hormonal apropriada para a redesignação de sexo tivesse sido administrada através de meios verificáveis e por uma extensão de tempo suficiente para minimizar as vantagens relacionadas ao gênero nas competições esportivas. (IOC, 2003a, p. 1 – tradução livre).

Essa regulamentação foi aprovada e implantada em 2004, porém, em respeito ao local e ano da sua arquitetura, foi nomeada de “Consenso de Estocolmo 2003”. Seus princípios influenciaram outras federações esportivas internacionais, e logo dariam suporte para novas políticas de controle, cada vez mais baseadas na regulação dos níveis hormonais de esteroides anabólicos. A IAAF, impulsionada pelo seu *ethos* empreiteiro – em relação aos controles (gênero e doping) –, publicou, em 2006, a *Policy on Gender Verification*, resultado dos grupos estudos implantados pela instituição a partir de 1990 e em alinhamento com algumas das recomendações do Consenso de Estocolmo 2003.

A política de gênero de 2006 estendeu sua operabilidade a grupos que não haviam sido contemplados em 2003, dentre eles, atletas intersexuais e/ou com algum distúrbio relacionado ao aumento da produção de hormônios androgênicos (IAAF, 2006; IOC, 2003a,b). Além disso, a IAAF confirmava a disposição de avaliar as atletas “caso a caso”, deixando no passado as testagens em massa, o que, de fato, tornou as estratégias e as técnicas de controle ainda mais insidiosas e eficientes. Primeiro, porque os próprios médicos das comissões nacionais deveriam reportar os problemas relacionados à questão do sexo/gênero percebidos por eles/elas; segundo, porque as atletas “suspeitas” ou “contestadas”⁴²⁵ seriam convidadas a passar por uma bateria de testes a qualquer momento, mas, sobretudo quando membros de outras delegações, ou a própria comissão médica da competição, fizessem denúncias; terceiro, porque, pela primeira vez, uma regulação definia o tempo mínimo de 2 anos de terapia hormonal e espera após a gonadectomia em pessoas transexuais (essa regra de “dois anos” foi baseada no tempo de exclusão das/os atletas pelos casos de doping, ou seja, não havia estudos que embasassem a escolha desse tempo (JONES *et al*, 2017)); e, por último, porque na regulação de 2006 a IAAF já começava a evidenciar seu *modus operandi* cada vez mais racionalizado (em

⁴²⁵ Bárbara Pires (2020), constatou e discutiu como algumas atletas eram constantemente “contestadas” ou eram sempre “sorteadas” para novos exames antidoping, em cada competição internacional que participavam.

relação aos fins e objetivos), propondo divisões e classificações como: mulheres com variações intersexuais sensíveis e insensíveis à testosterona endógena, mulheres com distúrbios hiperandrogênicos, mulheres transexuais redesignadas pré e pós púberes; mulheres com quadros “normais” de androgenia (IAAF, 2006).

Sem querer me delongar no consenso de 2003 e a regulação de 2006, me parece interessante dizer que tanto o COI como a IAAF não tinham um conjunto de parâmetros, dados, técnicas e exames normatizados. O que ocorreu foi que as instituições utilizaram alguns dados colhidos durante as competições para analisá-los no interior dos saberes da fisiologia, da bioquímica e da endocrinologia, e, conseqüentemente, criar suas regulações. Como um *patchwork*, as peças eram trocadas conforme as necessidades da IAAF/COI e as pressões na teia das relações de poder. Essa disposição foi revelada quando Arne Ljungqvist, presidente da comissão médica do COI em 2003 e membro do conselho diretivo da IAAF, projetou, no Consenso de Estocolmo, as questões que deveriam ser respondidas pelas políticas de gênero:

(A) Por quanto tempo seria a influência hormonal da puberdade precoce? (B) A influência da testosterona na força muscular durante a puberdade masculina pode desaparecer? (C) Quanto tempo deve durar o tratamento com hormônios femininos para ser considerado suficiente? (D) Como ter certeza de que o tratamento necessário com hormônio feminino realmente ocorrerá? (IAAF, 2006, p. 5; IOC, 2003b, p. 1).⁴²⁶

Como tenho reforçado que considero as tecnologias (disciplinares, controle, poder, gênero) as redes operatórias que os dispositivos possuem para alcançar e enredar os indivíduos no interior de arranjos de verdade, saber e poder, cuja composição responde aos próprios dispositivos. No mesmo ano que a IAAF publicou a política de gênero, uma atleta proveniente de uma família pobre, moradora da vila Tamil Nadu ao sul da Índia, chamada Santhi Soundarajan, conquistaria uma medalha de prata nos 800 metros e dois ouros nos 1500 metros e no revezamento 4 x 400 metros, nos Jogos Sul-Asiáticos de Colombo, Sri Lanka, realizados entre os dias 18 e 28 de agosto de 2006. Vitórias que apontavam para um futuro cheio de boas possibilidades, como atleta campeã, Santhi receberia prêmios oferecidos pelo governo indiano, poderia galgar cargos na administração esportiva do seu país e, assim, ajudar financeiramente a família que vivia

⁴²⁶ “(A) For how long will the hormonal influence of the earlier puberty be of importance? (B) Will the testosterone influence on the muscular strength during male puberty ever disappear? (C) For how long should the treatment with female hormones last in order to be considered sufficient? (D) How can one make sure that the required treatment with female hormone does really take place?” (IAAF, 2006, p. 5; IOC, 2003b, p. 1).

ainda constringida por um sistema de castas que não havia ficado no passado – Santhi e sua família pertenciam à casta dos *dalits*, os intocáveis, o mais baixo estrato desse sistema⁴²⁷ (PIRES, 2020; BRÖMDAL, 2013).

Como frisei, tudo parecia apontar para boas realizações. Só parecia. Com as conquistas no Sri Lanka, Santhi partiu para representar seu país no Jogos Asiáticos de Doha, Qatar, com competições entre 18 a 28 de agosto de 2006. Nesse evento, a corredora conquistou uma medalha de prata nos 800 metros – mesma prova que foi excluída das competições femininas nos Jogos Olímpicos de 1928 e que tinha retornado para o programa nos Jogos Olímpicos de Roma 1960 –, um êxito que levantou suspeitas, pois a IAAF solicitou que a atleta passasse pelos exames de sexo/gênero. Mas o que examinar? Sobre quais padrões comparar? Que tipos de testes e exames aplicar? Enfim, não havia nada na regulação de 2006 que orientasse. Contudo, havia dois pontos instrutivos: 1º) a atleta seria “convidada” a qualquer momento a passar por exames determinados por uma banca de especialistas do IAAF (ginecologista, endocrinologista, psicólogo e um/a médico/a da clínica geral); 2) caberia a esse comitê técnico julgar os resultados dos testes e dar um veredicto (IAAF, 2006; PIRES, 2020; BRÖMDAL, 2013).

No dia 18 de dezembro de 2006, o jornal ESPN, especialista na cobertura de eventos esportivos, enunciava que Santhi havia sido desqualificada porque não “possuía características sexuais de uma mulher”, que seus “cromossomos eram anormais”. Como consequência, a IAAF ordenou à Federação de Atletismo da Índia que devolvesse as medalhas conquistadas por Santhi (ESPN, 2006), o que fez com que a atleta perguntasse por que a culpavam, o que havia feito e se poderia voltar a correr ao fim do processo.⁴²⁸ Santhi começou a colocar em dúvida sua subjetividade e seu pertencimento ao ordenamento social, uma luta que tentou enfrentar colocando um fim em sua própria vida, alguns meses depois de ter devolvido as medalhas⁴²⁹. Para Butler afirmar que: “Pôr em questão um regime de verdade, quando é o regime que governa a subjetivação, é pôr em questão de mim mesma e, com efeito, minha capacidade de dizer a verdade sobre mim mesma [...]” (BUTLER, 2015, p. 35).

⁴²⁷ A história de Santhi Soundarajan foi objeto de várias publicações jornalísticas: <https://thebridge.in/athletics/she-dared-santhi-soundarajan-story-past-torments-present-struggles/> http://www.chinadaily.com.cn/sports/2007-01/10/content_779666.htm <https://www.thenewsminute.com/article/don-t-do-female-athletes-tn-s-santhi-soundarajan-caster-semenya-case-101366> Acessos em: 06 set. 2020.

⁴²⁸ Disponível em: http://www.chinadaily.com.cn/sports/2007-01/10/content_779666.htm Acesso em: 06 set. 2020.

⁴²⁹ Disponível em: <https://www.hindustantimes.com/india/athlete-santhi-soundarajan-attempts-suicide/story-QzxxUV7se3nK1p60zXSsmL.html> Acesso em: 07 set. 2020.

Amparada por atletas, ex-atletas, pessoas ligadas a federação indiana e ao comitê olímpico indiano, e, sobretudo, por órgãos de apoio a pessoas intersexuais, Santhi foi aos poucos restabelecendo e fortalecendo sua subjetividade, começou a se sentir segura e passou a ser uma voz importante nas agendas de diferentes movimentos e organizações sociais, especialmente para as causas intersex, com críticas às políticas de gênero nos esportes.⁴³⁰

O controle sobre o corpo, sexualidade, identidade e dos modos de uso dos corpos implantado sobre as mulheres, dentro e fora do contexto esportivo, se configura e tem uma dinâmica que é própria das estratificações sociais. As mulheres negras, latinas, asiáticas de tez retinta, pobres, não heterossexuais, transexuais, travestis e intersex estão no grupo que tem sofrido com humilhações e exposições da mídia. A ex-atleta brasileira Edinanci Silva, ouro em dois Pan-Americanos (2003 e 2007) e bronze em dois Campeonatos Mundiais de Judô (1997 e 2003), censurava as práticas da mídia jornalística que haviam exposto sua vida, seu corpo, sua sexualidade e sua identidade, quando ela foi reprovada, junto com outras sete mulheres, nas verificações do sexo/gênero realizadas nos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996 (PIRES, 2020).

Além de Edinanci e Santhi, duas outras atletas também indianas foram humilhadas, violentadas e tiveram suas vidas expostas e suas identidades questionadas a partir de exames e desconfiças sobre as suas condições, possivelmente, variantes intersexuais. Em 2001, Pratima Gaonkar⁴³¹, indiana e atleta de ponta da juventude universitária da Índia, foi acusada de ter trapaceado no Campeonato Asiático de Atletismo Júnior, onde havia ganhado a medalha de prata na prova dos 4 x 400 metros (PIRES, 2020). Acuada e temerosa que fosse inquirida, julgada e condenada, Gaonkar preferiu tirar sua própria vida, amarrando um saco com pedras e se jogando num poço d'água (PIRES, 2020). Seu corpo, já sem vida, não impôs resistência à bateria de exames que as autoridades indianas empreenderam e que depois apresentaram à mídia que, por sua vez, denunciou que a morfologia do corpo de Gaonkar não era totalmente feminina, não era “100% mulher” aos regimes de verdade que estruturam e fazem funcionar os esportes de alto rendimento na sociedade contemporânea. Como concluiu Pires (2020, p. 268):

quando se imagina e se coordena todo um projeto global de esporte de alto rendimento onde a noção de pureza e de unidade ainda é central

⁴³⁰Disponível em: <https://www.thenewsminute.com/article/don-t-do-female-athletes-tn-s-santhi-soundarajan-caster-semenya-case-101366> Acesso em: 07 set. 2020.

⁴³¹Disponível em: <https://indianexpress.com/article/sports/sport-others/the-girl-before-dutee-chand-pratima-gaonkar-5346699/> Acesso em: 07 set. 2020.

para o seu funcionamento, com toda certeza teremos (como temos) situações de exclusão radical e/ou de exclusão constitutiva em que se disputam as formas, os conteúdos e os limites dessa mesma incorporação.

Na mesma medida que as políticas de regulação de 2003 e 2006 evocaram a inclusão de corpos femininos devidamente “corrigidos” nas competições, elas fortaleceram o discurso de que a igualdade de condições só seria alcançada pelo “controle” e/ou “retificação” dos níveis hormonais e pela devida “correção” da anatomia e de partes da fisiologia (endócrina, cardiomuscular, pulmonar) do corpo. Como aponta Pires (2020), ocorreu uma reorganização do discurso que anteriormente se apoiava na “suspeição” da fraude (homens ou “não mulheres” competindo na categoria feminina), para outro que funciona prometendo garantir a “integridade” da saúde das atletas, mas que, na realidade, funciona para assegurar a ficção da igualdade de condições, violando, corrigindo e excluindo os corpos dissidentes. Como resultado, essas regulamentações inauguraram, em pleno século XXI, um novo regime de produção e normatização do sexo/gênero baseado na manutenção das taxas da testosterona, em “correções” anatômicas e fisiológicas e no tempo que a atleta viveu sob os efeitos dos hormônios androgênicos. As fronteiras entre atletas homens e mulheres, anteriormente evidenciadas pelas diferenças na anatomia e na genética, passaram a operar através de princípios mais complexos e eficientes, nos quais a performance do corpo que alcança a vitória responde aos níveis da testosterona sérica e a um espectro de masculinidade/virilidade ditado pelas epistemologias das diferenças sexuais: densidade óssea, tamanho do coração, débito cardíaco, VO² (absorção de oxigênio), volume dos pulmões e da caixa torácica, cujas evidências científicas não foram sequer acordadas (HARPER, 2015, 2019; KARKAZIS *et al*, 2012; BRÖMDAL, 2013).

Do mesmo modo que o COI e a IAAF receberam críticas em relação aos testes para o Corpúsculo de Barr e depois o *Locis* SRY e DYZ-1, as políticas implantadas a partir da regulamentação de 2003 e 2006 não respondiam às questões como: a) Quais seriam as vantagens da testosterona endógena para as mulheres atletas?; b) Quais eram as definições para o gênero nas políticas de regulação?; c) Quais fatores eram levados em consideração quando o COI e a IAAF tinham que resolver casos de “suspeição” e “contestações”?; d) Que técnicas as instituições usavam para examinar os casos suspeitos?; e) A partir de qual taxa de testosterona a atleta teria vantagens nas competições?

No limite, IAAF e COI haviam implantando uma política que operava “*case by case*”, sem estarem amparadas em regimes de verdades científicas e estruturados, o que leva a crer que essas instituições lançaram um discurso ou um “acidente” à espera do “cozimento do tempo” que poderia torná-lo uma verdade, algo que alertava Nietzsche e depois Foucault (NIETZSCHE, 1882 *apud* FOUCAULT, 1979, p. 19). Uma estratégia que ainda hoje é utilizada por essas instituições, pois a cada regulamentação lançada e implantada, novos embates surgem e a tecnologia de gênero sofre modificações nos seus instrumentos e técnicas. O que evidencia que a história das políticas de controle do sexo/gênero tem se fundado sobre práticas descontínuas e em resposta às emergências de acontecimentos, assim como chamou a atenção Foucault (2000a), quando criticava que a história tradicional havia se apegado às concepções totalizantes, investidas de um sentido e tecidas dentro por modelos de poder-saber pouco flexíveis.

Essa ideia de continuidade e descontinuidade das políticas sobre o sexo/gênero nos esportes de alto rendimento volta a se fazer presente, quando uma mulher negra, representante de um país africano, com forte constituição muscular e com um corpo incrivelmente resistente e veloz, com conjugações de códigos de feminilidade não “satisfatórias”, vestida em roupas esportivas que não deixavam visíveis possíveis os relevos dos sexos, com aspiraram um dia a IAAF (BRÖMDAL, 2013), chamada Caster Semenya, bateu o recorde da prova dos 800 metros por duas vezes em 2009.

A vitória, o recorde e a visibilidade colocaram Semenya em “suspeição” no Mundial de Atletismo de Berlim em 2009⁴³², de tal modo que a IAAF “convidaria” a atleta a participar de uma série de testes e exames para identificar, diagnosticar e “retificar qualquer ambiguidade” (IOC, 2003b, p. 1 e IAAF, 2006, p. 4). Logo as notícias sobre a “anormalidade” do corpo de Semenya começariam a estampar as manchetes dos jornais, com declarações do secretário geral da IAAF, Pierre Weiss, que anunciava:

Nós não temos uma legislação específica para esse assunto, como acontece com o doping. Não há nada que possa nos indicar que decisão tomar em casos desse tipo. Mas está claro que ela é uma mulher, mas talvez não seja 100%. Temos de verificar apenas se ela pode ter uma vantagem no esporte por ficar entre os dois sexos (GLOBO ESPORTE [online], 2009, sp., grifos meus).

⁴³²Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Atletismo/0,,MUL1300147-16316,00-EXAMES+PROVAM+QUE+A+FUNDISTA+SULAFRICANA+CASTER+SEMENYA+E+HERMAFR ODITA.html> Acesso em: 09 set. 2020.

Embora Pierre Weiss tivesse evocado, antecipadamente, algumas das verdades estruturavam e funcionavam dentro da IAAF, o relatório oficial sobre o caso de Caster Semenya só foi publicado quase um ano após as competições de agosto de 2009. Nesse documento, a instituição apresentava o acordo de um grupo de especialistas (ginecologista, endocrinologista, clínico geral, psicólogo e um/uma especialista em gênero) que determinava não somente o sexo de Semenya, mas os limites da categoria feminina, e, também, as necessidades para a atualização das antigas políticas de sexo/gênero, mediante os dados colhidos nesse caso e nos outros que já aponte – Edinanci Silva, Santhi Soundarajan, Pratima Gaonkar, Pinki Pramanik, Maria José Patiño.

Freada pelas burocracias e, certamente, pela latência que o patriarcado faz funcionar no interior das instituições quando o assunto é rever bloqueios, exclusões e interdições em relação às mulheres, Semenya teve enfrentar a IAAF e colocar em xeque as regulações que operavam sem embasamento científico e sem parâmetros sobre sua situação. Como se não bastasse ter sido violada, exposta e questionada por práticas que anunciavam a proteção do *fairness*, sua jornada para retornar às corridas, sua vida pessoal e outros dados sobre seu corpo, que as instituições tinham prometido tornar sigilosos, foram capas e manchetes de vários jornais e revistas entre 2009 a 2010 (PIRES, 2020).

Conforme afirma Pires (2020), Caster Semenya só foi readmitida nas competições internacionais de atletismo após ter exposto as políticas regulatórias arcaicas e infundadas da IAAF através de uma carta publicada em março de 2010, e depois de ter consentido ser submetida à hormonoterapia para readequação dos seus níveis séricos de testosterona, protocolo que, naquela época, era prescrito no tratamento da intersexualidade.

Consequentemente, a IAAF promoveu a implantação de duas novas políticas sobre o sexo/gênero em 2011, disfarçadas nos termos “elegibilidade, hiperandrogenia e redesignação sexual”: 1) *Regulations Governing Eligibility of Female with Hyperandrogenism to Compete in Women’s Competition* (IAAF, 2011a) e 2) *Regulations Governing Eligibility Athletes who have Undergone Sex Reassignment to Compete in Women’s Competition* (IAAF, 2011b). Diferentemente das regulações de 2003 e 2006, através das políticas de elegibilidade de 2011 a IAAF instituiu quatro subdivisões na categoria “mulheres”, a primeira, voltada para aquelas em condição de hiperandrogenia; a segunda que definia as possibilidades de existência, pertencimento e uso dos corpos para mulheres com alguma condição intersex; a terceira, organizada para regular a participação de mulheres transexuais com processos de redesignação genital finalizados (anteriores e posteriores à puberdade) – o que excluía as mulheres trans em transição e as

mulheres travestis; e, por último, uma quarta subdivisão onde são alocadas as mulheres cisgênero, chamadas de “normais” e/ou “padrão”, e que, por isso, servem como exemplos estatísticos desse modelo regulatório (IAAF, 2011a,b).

Como ocorreu nas outras regulamentações, as de 2011 apontavam para a garantia do *fairness* e o “respeito à essência das classificações masculinas e femininas” (IAAF, 2011a, p. 2) que, segundo a IAAF (2011a), vinha desde 1928 com a entrada oficial das mulheres no cenário das competições de atletismo. Anunciando que havia abandonado qualquer referência à verificação ou política de gênero, a IAAF (2011a) sustentava que a regulamentação operaria apenas na categoria feminina, pois, de acordo com a instituição, era nessa categoria que algumas atletas poderiam apresentar traços masculinos e performances atléticas incomuns que além de ameaçar o *fairness*, poderia representar também um fator de perigo para a própria atleta. No limite, para a IAAF as políticas de elegibilidade não tinham como objetivos impedir fraudes, mas garantir a igualdade de condições através da identificação, diagnóstico e tratamento de possíveis distúrbios (variações intersexuais e condições de hiperandrogenia) que colocassem em risco a saúde das atletas.

Com os Jogos Olímpicos de Londres em 2012, o COI fez somar às regulações da IAAF sua própria política, chamada de *Regulations on Female Hyperandrogenism* (IOC, 2012). Nesses três documentos, as mulheres (cisgênero em condição de hiperandrogenia, transexuais e intersex) seriam controladas através de testes e exames para a verificação dos níveis da testosterona sérica (endógena), cirurgias de redesignação genital e gonadectomias, terapias hormonais e “tempos supressão” dos efeitos da testosterona, para que fossem garantidas a ética esportiva do *fairness* e a biopolítica sobre a saúde das mulheres.

Pela primeira vez, as políticas de sexo/gênero definem e passam a operar com um teto para os níveis da testosterona permitidos às atletas, as taxas do hormônio não deveriam exceder 10 nmol/L, condição que IAAF considerava corresponder ao “valor normal médio para os homens” (IAAF, 2011a, p. 12 – tradução livre, grifos nossos), e que, para o COI, estava relacionado à “média para os homens” (IOC, 2012, s/p. – tradução livre, grifos meus). Cuidados com as terminologias, empreendidos em resposta às pressões e críticas sobre o teor sexista das regulações e que no fundo apenas camuflavam os reais objetivos dessa biopolítica das mulheres. Essas estratégias no uso de palavras, termos e conceitos também podem ser explicadas pela relação entre a produção e implantação das regulações e os amparos dos biopoderes oferecidos pelos saberes

científicos, ambos no interior de disputas de poder por parte de movimentos sociais, disposições políticas, culturais e econômicas dos períodos nos quais essas políticas de controle emergiram. Apesar das regulações de 2011 e 2012 terem sublinhado um tom discursivo mais científico, nenhuma delas apresentou os referenciais sobre os quais as normativas foram baseadas. Uma reorganização que ficará ainda mais evidente na regulamentação publicada em 2018, toda ela pretensamente baseada em saberes científicos e alinhada às circularidades discursivas no interior de movimentos feministas, de gênero e LGBTQIA+, como será analisado mais à frente.

A ideia aqui não é apresentar e discorrer sobre as três regulações, duas da IAAF em 2011 e uma do COI em 2012, mas problematizar algumas das suas características e exigências. No limite, a tarefa é evidenciar a dinâmica da emergência dessas tecnologias de gênero e seus princípios operatórios, dado que, no conjunto argumentativo desta tese, essas regulamentações participam das redes de poder que alcançam as mulheres, identificando-as, marcando-as, classificando-as e demarcando as fronteiras para os usos dos seus corpos e as possibilidades de seu pertencimento ao universo das competições esportivas de alto rendimento.

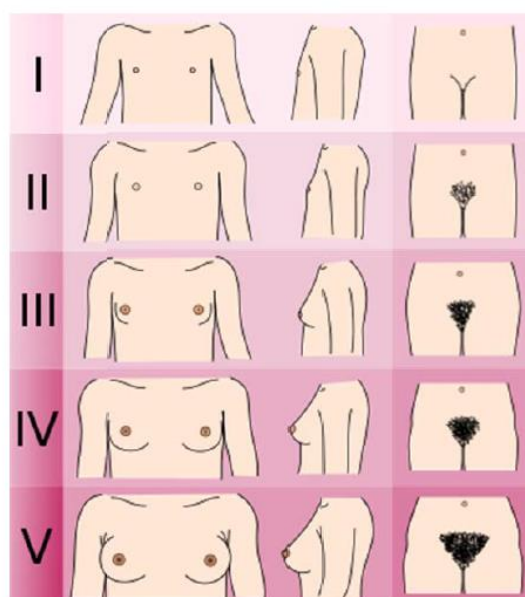
Nas três regulações citadas acima, as três subcategorias de mulher – cisgênero em condição de HA, intersex e transexual –, deveriam ser submetidas à seguinte bateria de exames e testes: 1) exames clínicos e anamneses para a verificação de “sinais de virilização” (IAAF, 2011a, p. 11): aparência física (massa muscular, desenvolvimento de caracteres sexuais secundários como seios, quantidade e distribuição dos pelos (hirsutismo), largura e conformação do quadril), voz grave, hipertrofia do clitóris.; 2) exames e análises endocrinológicas da urina e do sangue para quantificar e qualificar os hormônios androgênicos; 3) caso necessário, exames de imagem (tomografias, ressonâncias magnéticas), testes genéticos (dentre eles o Teste de Barr e o PCR Test) e análises psicológicas. Tudo isso para subsidiar o veredicto de uma banca de especialistas sobre o sexo/gênero/identidade e o pertencimento da atleta a uma categoria. Disposição que reforça que o sexo/gênero são muito mais construções sociais negociadas do que o resultado de composições biológicas. Por fim, se o corpo da atleta produzisse testosterona acima do teto de 10 nmol/L, sua condição deveria ser “corrigida” com gonadectomias e uso de medicamentos supressores da testosterona (IAAF, 2011a,b; IOC, 2012).

Figura 34 - Ficha de pontuação de hirsutismo (aumento na quantidade de pelos) organizada por Ferriman e Gallwey e utilizada pela IAAF em 2011. (Nota 0 (zero) em todos os campos indica a ausência de pelos).

Body Area	Date of exam :					
Upper Lip					Score	
Chin					Score	
Chest					Score	
Upper Abdomen					Score	
Lower Abdomen					Score	
Arms					Score	
Thigh					Score	
Upper Back					Score	
Lower Back					Score	
TOTAL SCORE						

Fonte: IAAF, 2011a, p. 22.

Figura 35 – Escala Tanner-Whitehouse, utilizada pela IAAF na tarefa de qualificar a diferenciação sexual em mulheres (seios e áreas genitais)



Fonte: IAAF, 2011a, p. 23.

Para as mulheres transexuais, além dos testes e exames acima, elas deveriam apresentar: a) documento legal (certidão de nascimento, passaporte, identidade) que comprovasse a legitimidade do sexo atribuído (o que excluía as mulheres trans de países que não reconheciam a identidade de gênero); b) relatórios detalhados da cirurgia de redesignação genital, com descrições sobre o procedimento, a data da sua realização e quais outros procedimentos e técnicas que foram utilizados; c) relatório detalhado dos procedimentos pós-cirúrgicos com: protocolo da terapia hormonal, dosagem, periodicidade, tipo de medicação utilizada, respostas endocrinológicas e fisiológicas à terapia. Esses dados seriam analisados pela comissão médica, observando os seguintes critérios: 1) a idade da atleta; 2) se a cirurgia foi feita antes ou após o período púbere, (atletas redesignadas antes do período da puberdade, seriam consideradas elegíveis mais rapidamente); 3) a natureza do procedimento cirúrgico utilizado no processo de redesignação genital; 4) o período entre a conclusão da cirurgia e o pedido de ingresso nas competições; 5) os níveis hormonais (após a redesignação genital); 5) a natureza, o tempo e a duração dos tratamentos pós-cirúrgicos; e, finalmente, a atleta deveria comprovar que os seus níveis hormonais para a testosterona não teriam excedido, em nenhum momento nos 12 (doze) meses anteriores à competição, o teto de 10 nmol/L, exigidos pela regulamentação. Especificamente, o COI ainda exigia que a atleta trans comprovasse a estabilidade da identidade de gênero por no mínimo 4 (quatro) anos, hiato que representava o tempo da realização de duas Olimpíadas (IOC, 2012), mas que não tinha nenhuma evidência científica.

As mulheres intersex, trans ou em condição de hiperandrogenia, mesmo após anunciadas como elegíveis, deveriam ser monitoradas constantemente e, se acaso ocorresse alguma alteração nos seus padrões hormonais, todo o procedimento anterior deveria ser reiniciado. Aliás, a regulação olímpica previa que a atleta transexual que apresentasse qualquer alteração hormonal seria punida também com 12 (doze) meses de suspensão das competições (IOC, 2012).

Em 2012, Dutee Chand com dezesseis anos se despontava como a mais nova promessa do atletismo indiano ao conquistar uma medalha de ouro na prova mais veloz do esporte, os 100 metros, num campeonato nacional. Porém, quando expôs sua performance atlética aos olhos internacionais e conquistou duas medalhas de ouro no Campeonato de Atletismo Júnior de Taipei em 2014, seu corpo foi colocado em suspeição. Algo nele não se submetia às regulações de 2011 da IAAF, por isso, exames e testes mais detalhados foram empreendidos, afinal, Chand apresentava “traços

masculinos e uma capacidade incomum” (IAAF, 2011a, p. 1), assim como teria sido com Caster Semenya.

Encaixada nas condições de exclusão ou no mínimo candidata às correções, Dutee Chand foi suspensa das competições de atletismo internacionais em 2014, após ter recusado que seu corpo fosse submetido à “normalização”. Para a IAAF, o corpo de Chand produzia “altos níveis de testosterona”⁴³³, por isso, não caberia na categoria feminina sem que fosse tratado e corrigido. Apoiada por sua compatriota, Santhi Soundarajan⁴³⁴, pelas disputas que Caster Semenya já havia encampado contra a IAAF, e suportada por grupos de apoio às causas LGBTQIA+, cuja projeção no cenário esportivo tinha aumentado, Chand enviou cartas e memorandos à Federação de Atletismo da Índia e à IAAF na esperança de reverter sua situação, fato que não ocorreu.

Em 13 de julho de 2015, após quase um ano da sua suspensão, Chand impetrou uma ação contra a IAAF e o COI no *Tribunal Arbitral du Sport (Court of Arbitration for Sport)* (CAS). No auto, ela argumentava que apesar de seu corpo produzir testosterona acima do que a IAAF e o COI consideravam como “normal” ou dentro da “média” para mulheres, isso não significava que estava cometendo o *doping* e que seus hormônios não lhe davam “vantagens” junto às outras corredoras, visto que todas as atletas de alto rendimento possuíam outras vantagens “naturais”, mas que, contudo, nunca foram consideradas anormais ou desleais. Chand acrescentava que não havia estudos científicos que comprovassem as vantagens da testosterona endógena na performance atlética das mulheres, pois os dados que a IAAF utilizava eram referentes a estudos sobre os efeitos da testosterona exógena nos casos de doping. Com efeito, Chand criticava que demandar cirurgias e terapias hormonais sem necessidade, baseadas na pretensa vantagem atlética e sob a justificativa de “corrigir” um corpo que não tinha nenhum problema de saúde, violaria seu direito como ser humano (CAS 2014/A/3759, 2014).

Sustentada por um dossiê de provas, argumentações e críticas, organizado em 161 (cento e sessenta e uma) páginas, Chand expunha a violência das práticas que fora submetida e denunciava que havia sido enganada e seu corpo violado pela *Athletic Federation of India* (AFI) em nome da IAAF. Segundo Chand, a AFI teria dito que ela passaria por exames de rotina para avaliar a sua saúde, controlar os riscos de *doping* e criar um arquivo com informações dos/as atletas de alto rendimento da Índia. Por isso, a

⁴³³Disponível em: <https://www.nytimes.com/2014/10/07/sports/sprinter-dutee-chand-fights-ban-over-her-testosterone-level.html> Acesso em: 09 set. 2020.

⁴³⁴Disponível em: <https://www.thehindu.com/sport/other-sports/dutee-chand-finds-support-in-santhi/article6226836.ece> Acesso em: 09 set. 2020.

atleta foi conduzida para um laboratório que, ao invés de colher seu sangue, a submeteu a exames de ultrassonografia abdominal. Para tanto, o laboratório teria alegado que as enfermeiras responsáveis pela coleta de sangue não estavam trabalhando e que, portanto, Chand deveria passar “apenas” pela ultrassonografia (CAS 2014/A/3759, 2014).

A atleta descobriu posteriormente que os exames e testes tinham sido exigidos por integrantes da própria AFI em junho de 2014, logo após a instituição ter sido questionada por outras instituições e atletas, sobre a aparência masculinizada de Dutee Chand. Portanto, continua Chand, para evitar constrangimentos e embargos ao atletismo indiano, a AFI votou que seria necessário que o corpo da atleta fosse examinado.

Em 30 de junho de 2014, a AFI enviou uma carta sobre a Atleta para a ISA [Autoridade Esportiva da Índia]. A carta, assinada pelo Secretário da AFI, Sr. C. K. Valson, foi intitulada "Assunto: - *Problema de verificação de gênero*". A carta começava:

O abaixo-assinado foi levado ao conhecimento de que existem dúvidas sobre o gênero de uma atleta, Sra. Dutee Chand. O atleta ganhou uma Medalha de Ouro nos 200m (Mulheres) e no Revezamento 4x400 (Mulheres), no recém-concluído 17º Campeonato Asiático Júnior de Atletismo realizado na Taipei Chinesa. Durante os campeonatos acima mencionados, as dúvidas foram expressas pela Associação Asiática de Atletismo sobre sua questão de gênero.

Como está ciente [sic] que também no passado anterior, tais casos de Hiperandrogenismo[sic] Feminino trouxeram constrangimento para o nome justo dos esportes na Índia.

Ela está treinando no SAI Center Bangalore, Karnataka. [...]

Em vista do acima, vocês podem querer [permitir] realizar o teste de verificação de gênero na Sra. Dutee Chand conforme o protocolo estabelecido, de modo a evitar qualquer constrangimento para a Índia na arena internacional em uma fase posterior. O assunto pode [deve] ser retomado de forma urgente, já que a atleta deve partir [foi convocada para] em 18 de julho de 2014 para o Campeonato Mundial de Atletismo Júnior. (CAS 2014 / A / 3759, 2014, online - grifos no original - tradução livre).⁴³⁵

⁴³⁵ “On 30 June 2014, the AFI sent a letter about the Athlete to the SAI [Sports Authority of India]. The letter, which was signed by the Secretary of the AFI, Mr. C. K. Valson, was entitled “*Subject: - Gender Verification Issue*”. It stated:

It has been brought to the notice of the undersigned that there are definite doubts regarding the gender of an Athlete Ms. Dutee Chand. The athlete has won a Gold Medal in 200m (Women) and as well as 4x400 Relay (Women), in the recently concluded 17th Asian Junior Athletic Championships held at Chinese Taipei. During the above mentioned championships, also, doubts were expressed by the Asian Athletics Association regarding her gender issue.

As is aware [sic] that in the previous past also such cases of Female Hperandrogenism [sic] have brought embarrassment to the fair name of sports in India.

She is presently training at SAI Centre Bangalore, Karnataka. [...]

In view of the above you may like to conduct Gender verification test of Ms. Dutee Chand as per the established protocol, so as to avoid any embarrassment to India in the International arena at a later stage.

Logo, em 13 de julho de 2014, depois dos resultados dos exames, Dutee Chand foi notificada que seria impedida de participar de qualquer evento esportivo nacional ou internacional, se não concordasse se submeter às correções cirúrgicas e hormonoterapias que reestabeleceriam a normalidade do seu corpo. Submissão que Chand rechaçou e fez saber a AFI através de uma carta enviada para a instituição em 18 de setembro de 2014, na qual elencava um conjunto de críticas acerca dos protocolos cirúrgicos e medicamentosos, ao ideário do “fair play”, às políticas antidoping e às práticas de normalização e normatização dos corpos das atletas (CAS 2014/A/3759, 2014).

O alto nível de andrógeno produzido pelo meu corpo é natural. Não tenho dopado ou enganado. Se eu seguir as diretrizes da IAAF que você anexou, eu vou ter que passar por intervenções médicas para reduzir meu nível de androgênico que foi produzido naturalmente. Os especialistas me dizem que a base para esta política não é científica e que essas intervenções são invasivas, muitas vezes irreversíveis e prejudicam minha saúde agora e no meu futuro. Eu me sinto perfeitamente saudável e não tenho reclamações de saúde, então não quero passar por esses procedimentos porque os especialistas também me dizem que eles provavelmente terão efeitos colaterais sérios. Também entendo que essas intervenções provavelmente diminuirão o meu nível de desempenho devido aos efeitos colaterais sérios e porque interferirão na maneira como meu corpo trabalhou toda a minha vida. Além disso, não consigo entender por que me pedem para consertar o meu corpo dessa maneira, simplesmente para participar como mulher. Eu nasci uma mulher, fui criada como mulher, eu me identifico como uma mulher e acredito que eu deveria ter permissão para competir com outras mulheres, muitas das quais são mais altas do que eu ou vêm de origens mais privilegiadas, coisas que certamente dão a elas uma vantagem sobre mim. (CAS 2014 / A / 3759, 2014, p. 8-9 - tradução livre).⁴³⁶

The matter may be taken up on an urgent basis as the athlete is bound to leave on 18th July, 2014, for World Junior Athletics Championships” (CAS 2014/A/3759, 2014, online - grifos no original)

⁴³⁶ “The high androgen level produced by my body is natural. I have not doped or cheated. If I follow the IAAF guidelines you have attached, I will have to undergo medical interventions in order to reduce my naturally-produced androgen level. Experts tell me that the basis for this policy is unscientific and that these interventions are invasive often irreversible and will harm my health now and into my future. I feel perfectly healthy and I have no health complaints so I do not want to undergo these procedures because the experts also tell me they are likely to have serious side effects. I also understand that these interventions will most likely decrease my performance level because of the serious side effects and because they will interfere with the way my body has worked my whole life. Also, I am unable to understand why I am asked to fix my body in certain way simply for participation as a woman. I was born a woman, reared up as a woman, I identify as a woman and I believe I should be allowed to compete with other women, many of whom are either taller than me or come from more privileged backgrounds, things that most certainly give them an edge over me” (CAS 2014/A/3759, 2014, p. 8-9).

Depois de ter impetrado uma ação contra a IAAF/COI, Chand ganhou a ação no dia 24 de julho de 2015 (CAS 2014/A/3759, 2014; JONES, ARCELUS & BOUMAN, 2017) e, com o veredito a seu favor, tanto ela quanto Caster Semenya, que também havia impetrado outra ação, não só reconquistaram o direito de voltar às competições internacionais, como carimbaram seus passaportes para os Jogos Olímpicos do Rio 2016, onde acreditaram que não precisariam dar explicações seus corpos e suas performances. Contudo, elas estavam enganadas.

No Rio 2016, Semenya conquistou a medalha de ouro na prova dos 800 metros e ainda superou o recorde da prova em seu país. Todavia, Chand mesmo tendo sido a primeira mulher indiana em trinta e seis anos a se qualificar para os Jogos Olímpicos, na prova dos 100 metros rasos, teve que enfrentar repressões e impedimentos por parte do Comitê Olímpico Indiano e da AFI. Enquanto os dirigentes indianos viajaram confortavelmente nas classes executivas, a atleta teve que enfrentar trinta e seis horas de viagem na classe econômica para chegar ao Rio de Janeiro. Sem o apoio do seu técnico, que não viajou para o evento, sem apoio financeiro e sem o reconhecimento em seu país, cujo esporte mais valorizado é o críquete, Chand não chegou feliz aos Jogos do Rio, suas costas doíam e seus tênis não eram apropriados para a grande corrida, logo, foi eliminada nas provas classificatórias.^{437 438}

Imagem 46 - A sul africana, recordista e campeã olímpica dos 800 metros nos JO Rio 2016, Caster Semenya



Fonte: The Guardian, 2018.⁴³⁹

⁴³⁷ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/atletismo/noticia/2016/08/dor-e-choro-atleta-que-derrubou-testes-de-feminilidade-faz-apelo-no-rio.html> Acesso em: 09 set. 2020.

⁴³⁸ Disponível em: <https://www.theguardian.com/sport/2018/jan/23/caster-semenya-dutee-chand-iaaf-hyperandrogenic#img-1> Acesso em: 09 set. 2020.

⁴³⁹ Disponível em: <https://www.theguardian.com/sport/2018/jan/23/caster-semenya-dutee-chand-iaaf-hyperandrogenic#img-1> Acesso em: 09 set. 2020.

Imagem 47 - Dutee Chand preparada para o desfile de abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016



Fonte: Globo Esporte, 2016.⁴⁴⁰

Ao dar o ganho de causa a Chand, o CAS determinou um prazo de dois anos, a contar de julho de 2015, para que a IAAF apresentasse evidências que a HA promovia vantagens às atletas, porém, em julho de 2017 a CAS concedeu a extensão do prazo em dois meses (CAS, 2018). Em setembro de 2017, a IAAF apresentou relatórios e estudos, grande parte deles baseados num estudo feito por Stephane Berman e Pierre-Yves Garnier – ambos membros da comissão médica da IAAF –, chamado: *Serum androgen levels and their relation to performance in track and field: mass spectrometry results from 2127 observations in male and female elite athletes* (BERMON & GARNIER, 2017). Como resultado, em 19 de janeiro de 2018 o painel de julgamento do CAS considerou as partes e determinou mais seis meses de suspensão das regulações para a HA, porém, deixou aberta uma condição: a IAAF poderia abandonar as antigas regulações e propor outras, assim, encerraria o processo referente a Dutee Chand e à *Regulations Governing Eligibility of Female with Hyperandrogenism to Compete in Women's Competition* (IAAF, 2011a) (CAS, 2018). E foi justamente isso que ocorreu, como mostrarei mais à frente.

No mesmo ano que Chand conquistou uma vitória no campo legal, o COI publicou outra regulamentação, chamada *Consensus Meeting on Sex Reassignment and Hyperandrogenism* (IOC, 2015a), recomendando que nenhum tipo de intervenção cirúrgica deveria ser exigida para permitir a elegibilidade de mulheres transexuais, intersex e em condição de hiperandrogenia. Essa orientação foi, sem dúvida, um marco

⁴⁴⁰ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/atletismo/noticia/2016/08/dor-e-choro-atleta-que-derrubou-testes-de-feminilidade-faz-apelo-no-rio.html> Acesso em: 09 set. 2020.

para as questões trans (demandas de pessoas transexuais e travestis), particularmente para as mulheres que não queriam ou não viam necessidade de passar por cirurgias de redesignação genital, como tem sido o caso das mulheres travestis⁴⁴¹, uma categoria que conquistou pela primeira vez na história o direito de competir internacionalmente e nos Jogos Olímpicos.

Embora o consenso de 2015 tenha apresentado avanços, a vontade de manter o ordenamento do gênero, camuflada pela justificativa de garantir a igualdade de condições e de velar pela saúde das atletas, resultou na manutenção da imposição de tratamentos medicamentosos e terapias hormonais para as atletas trans, travestis, intersex e cis em condição de HA. Se acaso alguma delas se negasse a ser submetida aos processos de normalização, ela poderia ser convidada a participar das competições masculinas (IOC, 2015a), como se isso, para o COI, fosse uma garantia de que esse grupo de pessoas não seria automaticamente excluído das competições, respeitando as demandas dos direitos humanos, mas, contudo, conservando os ideais regulatórios do *fairness* e da integridade das competidoras.

Como apresentei nos outros capítulos, o ideal ético do *fairness* foi instituído nos primeiros Jogos Olímpicos, tendo feito parte do projeto de reconfiguração do evento. Entretanto, no caso dos homens, o *fairness* operava de duas formas: 1ª) como uma forma de garantir a posse e a organização das competições internacionais sob o domínio de aristocratas e burgueses, o que significa excluir a participação de trabalhadores, operários e atletas profissionais; 2ª) como um meio de regular o uso comercial e financeiro dos Jogos Olímpicos por parte dos atletas profissionais e trabalhadores, distintos do seletor grupo de pessoas que competiam para se divertir. Já, em relação às mulheres, o *fairness* serviu como regra moral e cultural para os discursos que justificavam a separação, segregação e apartação baseada no sexo/gênero, o que, além de controlar e regular essa categoria, fez surgir um “estado de domínio” (FOUCAULT, 1979) fundado na concepção de que a bicategorização sexual seria a melhor maneira de garantir a presença das mulheres nas competições esportivas.

Um outro ponto que gostaria de sublinhar é que as regulações, particularmente as que emergiram a partir dos anos 2000, traziam o discurso de que a identificação,

⁴⁴¹ É importante dizer que não existe um consenso no grupo de mulheres trans e travestis, pois algumas mulheres têm exigido o direito à identidade travesti, que, para elas, não estaria à mercê do poder médico e de uma pressuposta higienização do corpo não binário. Travers (2006) analisa as duas categorias, transexuais e travestis, designando “*gender conformers*”, pessoas transexuais que buscam conformar suas existências às típicas expressões de gênero (homem ou mulher) e “*gender transformers*” (mulheres travestis), aquelas que não desejam se conformar às expressões de gênero socialmente aceitas.

diagnóstico e tratamento, “case by case”, das possíveis desordens no desenvolvimento sexual seriam condutas apropriadas para garantir tanto o *fairness* quanto a integridade das atletas. Pois bem, essa dobradinha cartesiana e positivista, “justiça e integridade”, assim como, “ordem e progresso”, revela a organização e a operação de biopoderes sobre algumas atletas, cujos “distúrbios”, anunciados como individuais, poderiam trazer riscos a suas saúdes. Com efeito, a integridade da atleta individual seria garantida através de correções parametrizadas por medianas de dados coletivos, o que poderia significar um paradoxo (analisar “caso a caso” e corrigir por meio de médias coletivas), mas que, na realidade, expõe o funcionamento de um aparato disciplinador que age sobre os indivíduos e as estratégias de governamentalidade sobre um grupo, população, sociedade, formadas pelo “encontro entre as tecnologias de dominação sobre os outros e as técnicas de si” (FOUCAULT, 1988, p. 19). Não por acaso, no texto do consenso de 2015, o COI reiterava sua disposição para criar novas parcerias com outras federações internacionais, comitês olímpicos nacionais e organizações esportivas, para atualizar as políticas de elegibilidade e, assim, definir se a testosterona endógena poderia ou não dar vantagens às mulheres (trans, intersex, travestis e em condição de HA) (IOC, 2015a).

Um dos produtos da resistência organizada pela IAAF, em resposta à suspensão da regulação da elegibilidade para atletas em condição de hiperandrogenia de 2011, e após não ter provado quais seriam as vantagens das atletas em condição de hiperandrogenia em relação às mulheres “normais”, a IAAF, publicou em 23 de abril de 2018, uma outra regulamentação, ainda mais restritiva e racionalizada, amparada por vários estudos, escrita numa linguagem mais científica e numa diagramação esteticamente mais acadêmica, chamada: *Eligibility Regulations for the Female Classification – Athletes with Differences of Sex Development* (IAAF, 2018). Como se vê, essa política de controle já não anunciava mais a hiperandrogenia como foco do seu interesse, no lugar, a IAAF passou a utilizar “atletas com diferenças de desenvolvimento sexual”, da sigla DSD – *Disorders of Sex Development*⁴⁴², o que apontava diretamente para as atletas com variações intersexuais. Concordando com Pires (2020), essa regulamentação tinha um alvo certo, Caster Semenya.

Confrontadas as políticas de elegibilidade de 2011 e 2012 com essa de 2018, alguns pontos me chamaram a atenção. De início, é possível observar que a regulamentação de 2018 foi redigida com um certo “cuidado” com o vocabulário e a formatação do texto. Ao passo que os documentos de 2011 e 2012 não apresentavam os

⁴⁴² <https://isna.org/node/1066/>

referenciais científicos utilizados (artigos, estudos, convenções), em 2018 a IAAF recorreu e citou uma profusão de artigos científicos. Enquanto nas regulamentações de 2011 e 2012 é possível encontrar palavras como “normal”, “anormal”, “desordens”, “problemas”, em 2018 os/as autores/as tiveram a precaução de não as utilizar ou de adaptá-las. A palavra “desordem” foi trocada por “diferença”, o que distinguiu o documento da atual diretriz voltada às pessoas com variações intersexuais, a *Clinical Guidelines for the Management of Disorders of Sex Development in Childhood* (ISNA, 2006).

Certamente, o emprego da palavra “diferença”, no lugar de “desordem”, parece se alinhar mais favoravelmente às lutas das pessoas intersex contra as cirurgias de correção genital em crianças, consideradas por muitos e muitas como uma forma de mutilação e desrespeito para com a complexa diversidade dos corpos e os diferentes espectros para o sexo (GAUDENZI, 2018; CAMPOS DOS SANTOS, 2020). Circunstâncias que, nos exige pesar a fragilidade do ordenamento binário, fundado e mantido sobre a suposta existência de apenas dois sexos possíveis, “macho” e “fêmea” (FAUSTO-STERLING, 2000; GAUDENZI, 2018; ISNA, 2018; CAMPOS DOS SANTOS, 2020).

Um dos enunciados da regulação de 2018, reforça o discurso de que algumas atletas poderiam ser interditadas e/ou excluídas das competições com mulheres, se acaso seus corpos não fossem devidamente normalizados e ameaçassem o “equilíbrio” dos testes femininos. Segundo a IAAF, essa regulamentação tinha como objetivo “[...] garantir uma concorrência justa e significativa dentro da classificação feminina, em benefício da ampla classe de atletas do sexo feminino” (IAAF, 2018, p. 2, tradução livre, grifos nossos). Para tanto, após identificar e classificar as “diferenças do desenvolvimento sexual”, para cada atleta será indicado um tratamento específico, com o objetivo de corrigir suas taxas para a testosterona sérica. Todavia, se esse processo de normalização não for possível ou se a atleta não concordar com a hormonoterapia, a IAAF ratificava a mesma recomendação feita pelo COI em 2015: “para evitar a discriminação, se não for elegível para a competição feminina, a atleta deve ser elegível para competir nas competições masculinas” (IOC, 2015a, p. 3 – tradução livre).

Para além, a regulação de 2018 enunciava que as atletas e seus casos seriam analisados a partir de dois critérios: “atletas relevantes” e “eventos restritos”. A “atleta relevante” seria aquela que apresentasse alguma variação intersex ou condição de hiperandrogenia, conforme uma lista de DSD’s:

- a) Deficiência tipo 2 da 5 α - redutase;
- b) Síndrome parcial de insensibilidade androgênica;
- c) Deficiência tipo 3 da 17 β - hidroxisteroide desidrogenase;
- d) Hiperplasia adrenal congênita;
- e) Deficiência da 3 β - hidroxisteroide;
- f) DSD ovotesticular;
- g) ou qualquer outra desordem⁴⁴³ genética que envolva uma disfunção de esteroidogênese gonadal. (IAAF, 2018, p. 3 – tradução livre).

Com relação aos níveis hormonais da testosterona, que eram de até 10 nmol/L, a nova regulação impôs que eles não deveriam ser iguais ou maior do que 5 nmol/L, particularmente, se o corpo da atleta fosse sensível à testosterona, o que significava dizer que poderia utilizá-la para conferir vantagens anabólicas à competidora (IAAF, 2018, p. 3, tradução livre). Em outras palavras, nenhuma atleta seria considerada elegível se seu corpo produzisse, ainda que naturalmente, e usufrísse da testosterona, sobretudo, se a produção fosse igual ou maior que 5 nmol/L, metade do valor imposto nas regulações de 2011 e 2012.

Já como “eventos restritos”, a IAAF considerou aqueles nos quais as variações intersexuais ou outras condições de hiperandrogenia poderiam oferecer vantagens atléticas, dentre eles: as corridas individuais ou de revezamento em distâncias entre 400 a 1500 metros, com ou sem barreiras. Recorte que circunscrevia justamente as provas nas quais Semenya havia se sagrado campeã, os 800 e os 1500 metros. Para Franklin *et al* (2018), essa nova política de elegibilidade sistematiza as perseguições que Semenya tem enfrentado desde o momento que ousou ocupar o pódio de medalhas e bater os recordes que eram tidos como imbatíveis para as mulheres.

Com relação às mulheres trans (transexuais e travestis), a regulação de 2018 não apresenta menções específicas, porém, o teto de 5 nmol/L de testosterona sérica foi tomado como referência pelas outras federações esportivas. Todavia, muitas dúvidas sobre a política de elegibilidade para mulheres trans ainda rondam e levantam discussões dentro e fora das federações internacionais e do COI: a) Qual seria o tempo mínimo de terapia hormonal para atletas trans?; b) Critérios diferentes deveriam ser levados em consideração para as atletas redesignadas antes e após a puberdade?; c) As experiências esportivas anteriores ao processo de redesignação genital ofereceriam vantagens às atletas

⁴⁴³ Ao citar o *Clinical Guidelines for the Management of Disorders of Sex Development in Childhood* (2006), a IAAF mantém a palavra original, “desordem”, mas no texto do regulamento a instituição preferiu utilizar a palavra “diferença”.

trans?⁴⁴⁴; d) Deveriam ser exigidos critérios distintos, conforme o esporte praticado?; e) Ligas e classificações deveriam ser criadas para atender especificamente mulheres trans, travestis e intersex? Questões que ainda não foram respondidas e que têm levantado debates, conflitos e ataques, como foram aqueles enfrentados por Tiffany Abreu – primeira mulher trans a competir na liga nacional brasileira de voleibol –, vindos de várias frentes, dentre elas da ex-atleta Ana Paula Henkel⁴⁴⁵, da/do deputada/o estadual de São Paulo, Beth Sayão⁴⁴⁶ e Altair Morais⁴⁴⁷.

A falta de respostas e as pressões por parte de dirigentes esportivos e da mídia fizeram a Federação Internacional de Voleibol (FIVB) pleitear, no dia 24 de janeiro de 2018, a criação de uma comissão médica, com o objetivo de definir e implementar seu próprio sistema de elegibilidade.⁴⁴⁸ Uma tarefa que até o momento parece não ter sido cumprida, pois após um ano do primeiro comunicado, a FIVB informou que vai prolongar o grupo de estudos e trabalhos sobre as questões trans⁴⁴⁹ e que, até segunda ordem, não aceitará que atletas trans participem das competições internacionais de voleibol.^{450 451 452}

Como resultado da falta de estudos científicos e dados sobre as questões trans nos esportes de alto rendimento e por causa das perseguições que enfrentou, tendo em vista a aplicabilidade, a coerência científica e as violações aos direitos civis e humanos propostos na *Eligibility Regulations for the Female Classification – Athletes with Differences of Sex Development*, Caster Semenya acionou novamente a *Court Arbitration of Sports*. Todavia, até a última decisão, publicada em 01 de maio de 2019 – Dia Internacional do/a Trabalhador/a –, a corte arbitral havia julgado procedente as regras impostas pela IAAF, impedindo a participação de Semenya e outras mulheres com variações intersexuais, se acaso não normalizassem suas taxas de testosterona sérica. Na decisão, a CAS “[...] concluiu que as regulações das DSD são discriminatórias, mas [...] tal discriminação é um

⁴⁴⁴ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/04/atletismo-tem-regras-mais-rigidas-do-que-o-coi-para-atletas-transgenero.shtml>>. Acesso em: 13 set. 2018.

⁴⁴⁵ <https://veja.abril.com.br/esporte/caso-tiffany-so-controle-de-testosterona-nao-tira-a-vantagem/>

⁴⁴⁶ <https://tribunadejundiai.com.br/mais/esportes/tiffany-abreu-tenta-derrubar-projeto-de-lei-que-proibe-trans-no-esporte-em-sp/>

⁴⁴⁷ <https://webvolei.com.br/2020/08/votacao-do-projeto-de-lei-contra-atletas-trans-e-adiada-na-alesp/>

⁴⁴⁸ Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/volei/noticia/leva-vantagem-consultora-do-coi-nao-acredita-em-reviravolta-do-caso-tiffany.ghtml>>. Acesso em: 13 set. 2018.

⁴⁴⁹ Até o momento da confecção deste artigo não foram encontradas informações sobre a concretização do grupo de estudos para as questões trans no site oficial da Federação Internacional de Voleibol. Disponível em: <<http://www.fivb.org/EN/Medical/index.asp>> Acesso em: 06 abr. 2019.

⁴⁵⁰ Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/volei/noticia/de-olho-no-caso-de-semenya-fivb-prolonga-trabalho-de-grupo-de-estudos-sobre-atletas-trans.ghtml>> Acesso em: 06 abr. 2019.

⁴⁵¹ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/04/tiffany-fica-fora-da-selecao-de-volei-mas-nao-por-opcao-de-ze-roberto.shtml>>. Acesso em: 13 set. 2018.

⁴⁵² Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/volei/noticia/de-olho-no-caso-de-semenya-fivb-prolonga-trabalho-de-grupo-de-estudos-sobre-atletas-trans.ghtml>> Acesso em: 06 abr. 2019.

meio necessário, razoável e proporcional para atingir o objetivo da IAAF de preservar a integridade do atletismo feminino nos Eventos Restritos” (CAS, 2019, p. 2 – tradução livre).⁴⁵³ Logo após, Semenya anunciou que impetraria novos processos nas cortes europeias e sul africanas. Mais do que uma atleta incrível, a mulher atleta Semenya tem se recusado a usar máscaras, tem deixado a mostra sua face de Medusa – indignada, raivosa, agressiva, mas forte, resiliente e resistente –, já acostumada a correr com lobos.

Os casos de Caster Semenya, Dutee Chand, Santhi, Ednanci Silva, Tiffany Abreu evidenciam questões que são de difícil acesso e lida, eles abrem uma ferida que revela um dos ramos das políticas do que Mbembe (2018), chamou de “alterocídio”, quando a presença de pessoas, de outros “outros” que não se conformam com os quadros normativos, com existências que questionam padrões de normalidade, são consideradas ameaçadoras, exigindo que barreiras e fronteiras sejam construídas para que “os normais” se sintam protegidos. Alinhada à “necropolítica” de Mbembe (2018), a pesquisadora Yordanna Lara Rego (2019), acrescenta o “alterocídio” e a operação da “necropolítica”, ganham contornos ainda mais violentos quando os marcadores da raça e das identidades trans são acionadas às existências já transgressivas e excluídas. Segundo a autora, na intersecção entre a necropolítica e as existências trans e, seguramente, intersex, a “necrotransfobia”, a morte não estaria associada apenas ao ato do homicídio, mas à exposição dessas pessoas aos instrumentos que as excluem, marcam, invisibilizam, questionam suas existências, estigmatizam suas vidas e as excluem das esferas sociais, dentre as quais, as que tenho discutido: o direito e a liberdade das mulheres e seus corpos nas competições esportivas. É esse tipo de violência que tem se instaurado sobre Caster Semenya e outras mulheres, uma violência que exige correção e submissão e que tem reforçado e mantido a produção e o desempenho das mulheres a mercê de uma ordem dada pelo patriarcado, machista, racista e colonizador.

⁴⁵³ “The Panel found that the DSD Regulations are discriminatory but the majority of the Panel found that, on the basis of the evidence submitted by the parties, such discrimination is a necessary, reasonable and proportionate means of achieving the IAAF’s aim of preserving the integrity of female athletics in the Restricted Events” (CAS, 2019, p. 2).

Considerações finais

Durante toda a trajetória dos quatro anos e meio, nos quais me empenhei na busca e análise dos enunciados que historicamente têm sustentado as práticas das separações entre homens e mulheres nos esportes, encarei diversas problemáticas, interdições e controles de toda ordem. Porém, ainda que alguns empecilhos tenham dificultado a tarefa, eles não impediram a construção desta arqueogenealogia. O projeto visava identificar, analisar e problematizar o quadro discursivo que tem garantido as interdições, separações e segregações baseadas no sexo/gênero no esporte. A pergunta que me rondava era: o que tem garantido e justificado a separação de homens e mulheres no esporte, mesmo após os avanços nos métodos e nos sistemas de treinamento, na melhoria dos regimes dietéticos e de repouso, na implantação de cuidados médicos, psicológicos, fisioterápicos, no uso de novas tecnologias para o aumento das performances, na criação de novas instalações e equipamentos e na instituição de políticas em favor da igualdade de gênero? Sobre quais regimes de verdade e jogos de poder temos sustentado de forma naturalizada a bicategorização sexual nas competições esportivas? Quais são as dinâmicas e as operabilidades das tecnologias de gênero que têm garantido e retroalimentado a perenidade das divisões e segregações de mulheres e homens? Como e sob quais discursos essas tecnologias têm ajudado a manter o caráter “natural” e “necessário” da segregação sexual?

Com essas perguntas em mente, mas aberto às reorganizações, revisões e desapegos de antigas certezas, me esgueirei num campo de acontecimentos (enunciados, eventos, práticas, saberes localizados) tão rico quanto perigosamente ludibriante. A ideia inicial era identificar e analisar os enunciados e discursos dos esportes modernos, mas logo isso se mostrou impossível, por várias razões, dentre as quais elenco três:

1ª) A quantidade enorme de práticas corporais competitivas que se organizam sob o guarda-chuva do termo “esporte”, cada qual com suas próprias dinâmicas, regras, equipamentos, códigos de valoração e muitas delas inseridas em jogos políticos localizados ou influenciadas por questões econômicas e culturais. O futebol, por exemplo, carrega significados e valores que o fez ser transformado em “paixão nacional” e possibilitou seu uso como ferramenta política e ideológica em diferentes momentos da história do Brasil.

2ª) Historicamente, cada um dos esportes se desenvolveu a partir de disposições muito próprias: alguns foram/são considerados “naturalmente” masculinos e,

portanto, tidos como territórios de domínio dos homens; outros, como a ginástica artística, se mostraram mais receptíveis às mulheres, mas que, contudo, foram utilizados para regulá-las em favor do domínio masculino. Já outros esportes, como a ginástica rítmica, desde sua emergência foram considerados femininos, sendo indicados às condições e às possibilidades das mulheres e seus corpos.

3ª) Embora todos os esportes exijam de alguma forma desempenhos atléticos (chegar mais rápido, saltar mais alto, levantar mais peso, fazer mais gols ou pontos, dominar a execução de elementos), algumas modalidades operam sobre aspectos como, a estética do movimento corporal, as expressões não orais de sentimentos e sentidos, além de requererem performances de gênero e flexões de feminilidade e masculinidade ajustadas por códigos de regras e regulamentos que, consequentemente e correlatamente, se alinham e refletem o ordenamento social e a divisão sexual da sociedade.

Dessa maneira, diante da impossibilidade da tarefa de investigar, revelar e analisar “os esportes”, busquei examinar os discursos, os enunciados, as práticas, os eventos e as resistências dos saberes localizados em relação às mulheres, seus corpos, os usufrutos que poderiam conferir às suas corporeidades e como elas ascenderam às práticas corporais competitivas ou não. Uma disposição que influenciaria diretamente nos avanços das mulheres nos esportes, nas competições e no campo das negociações políticas sobre o corpo, o gênero e as expressões de feminilidade.

Inicialmente, minha pesquisa recorreu a um conjunto de investigações e análises composto por tratados médicos, manuais de conduta, matérias jornalísticas e relatos da presença e atuação de mulheres em distintas práticas corporais durante o século XVIII. Com isso busquei evidenciar a emergência de alguns dos regimes de verdade presentes naquele período, no campo biomédico, filosófico, moral, cultural e econômico de países como a Inglaterra, França, Alemanha, Estados Unidos e Brasil. Mediante os enunciados e as práticas discursivas encontradas nesse recorte temporal e espacial, observei o enfraquecimento da medicina galênica que era baseada na teoria dos humores, e a emergência e a constituição do caráter “científico” da medicina clínica. Constatei que, em meio aos enfrentamentos contra os códigos morais e culturais, as mulheres gozavam de uma certa liberdade no campo das práticas corporais competitivas, dado que o processo de esportivização ainda não havia sido instaurado e as ciências biomédicas também não haviam interposto restrições baseadas na anatomia e na fisiologia do corpo feminino.

Apesar da importância dessas análises, mas em respeito à tarefa de evitar a apresentação de uma tese extensa e pragmaticamente inviável para a leitura e os bons apontamentos que poderiam provir da banca examinadora, boa parte dos apontamentos referentes ao século XVIII foi suprimida e as informações que me pareceram cruciais foram apresentadas na primeira parte do capítulo I, que chamei de: *“Rápidos olhares sobre o século XVIII: algumas mulheres inda correm, pulam e voleiam”*.

De modo geral, meu propósito foi o de construir uma arqueogenealogia das interdições, separações e segregações do sexo/gênero nos esportes, todavia, como puderam ler e compreender, a centralidade do meu esforço apontou para a emergência do esporte moderno; o reestabelecimento e a dinâmica das Olimpíadas e Jogos Olímpicos; as negociações empreendidas por algumas mulheres e suas instituições “femininas” com alguns homens e suas instituições “masculinas”; o processo de esportivização da ginástica artística, no qual evidenciei e analisei atentamente o funcionamento das tecnologias de gênero; e, por último, investiguei os jogos de poder e saber que configuraram as políticas sobre o sexo/gênero promovidas por exames, testes e inquirições, todas elas operadas exclusivamente sobre o corpo das mulheres atletas cisgêneras, transgêneras, travestis e intersexos.

Se de um lado a longa trajetória e o número expressivo de documentos analisados resultou num texto robusto e, confesso, extenso, por outro, o percurso e os dados permitiram vislumbrar algumas questões importantes, dentre as quais aponto:

Os princípios do esporte moderno começaram a ser assentados no final do século XVIII, no mesmo período que a clínica moderna nascia e começava a descrever e enunciar “coisas” que, até então, eram invisíveis e/ou não estavam na ordem do poder ser enunciado. Isso significa que a emergência do esporte moderno, um dispositivo disciplinar, educacional e distintivo, se deu num cenário social estruturado e sistematizado pela divisão sexual e o ordenamento do sexo/gênero. Um contexto no qual emergiam novos regimes de verdade que, apoiados em discursos de razão científica, “descobriam”, explicavam e justificavam as desigualdades de gênero através das diferenças anatômicas e fisiológicas de mulheres e homens. Um conjunto de enunciados e práticas discursivas que, ao me ver, aponta uma questão interessante, pois, se no século XVIII as fronteiras entre os sexos não eram tão definidas – o que permitia a realização de competições de homens contra mulheres, de crianças contra idosos –, a partir do século XIX, esses eventos vão se tornando cada vez mais raros, dado que o discurso científico

tornariam os homens e as mulheres tão diferentes quanto opostos, com funções sociais distintas e determinadas pela “natureza” dos seus corpos e ontologias.

As desigualdades de gênero que eram instituídas pelas diferenças sexuais respondiam às necessidades do sistema capitalista – ávido pelo aumento da produção de mercadorias e pela conquista de novos mercados –, sem ameaçar a estrutura e a funcionalidade do arranjo social. Em outras palavras, a instituição do esporte moderno, na passagem dos séculos XVIII para o XIX, respondeu positivamente para a manutenção de várias assimetrias de poder (classista, sexista, racista e colonialista), e favoreceu que um grupo de homens brancos, aristocratas, europeus e ricos pudesse se reunir, definir e regular as práticas corporais competitivas e os eventos esportivos a nível regional, nacional e internacional, na passagem do século XIX para o XX.

Desse modo, não foi por acaso que um grupo de homens ricos, sob a regência de um aristocrata francês de nome Pierre de Coubertin, pudesse se reunir, projetar e colocar em prática o restabelecimento das Olimpíadas e dos Jogos Olímpicos, cujos primeiros regulamentos determinavam a interdição total das mulheres como atletas oficiais, dos trabalhadores de algumas profissões e dos atletas profissionais. Creditado como uma ferramenta para a paz e a congregação dos países, o projeto olímpico nasceu sexista, classista e eurocentrista.

Interditadas nos Jogos Olímpicos, nas competições públicas, nos esportes considerados viris, agressivos, extenuantes, violentos e, supostamente, perigosos para seus corpos, as mulheres encamparam resistências e negociaram autonomias desde o final do século XIX. É importante ressaltar que a participação em competições e contestes, públicos e privados, não era algo novo na história das mulheres, pelo contrário, muitas já eram conhecidas pelos seus feitos no tênis, natação, hipismo e ciclismo.

No âmbito das ciências, algumas já censuravam e propunham novos olhares sobre os enunciados que reforçavam as hierarquias entre os sexos, como por exemplo, a teoria darwinista e as verdades das ciências biomédicas, sobretudo, da anatomia e fisiologia que justificavam as desigualdades de gênero a partir das diferenças dos corpos sexuais. Aliás, a produtividade da relação entre o esporte moderno e a teoria evolucionista está no enaltecimento que ambos os fenômenos dão ao “melhor”, “mais forte”, “mais rápido”, ao “grande campeão” que ainda hoje é representado pelo homem/macho, masculino, viril e sem deficiência física, e que sobrepuja os mais “fracos” e se impõe frente às mulheres/fêmeas.

Os saberes localizados, vivenciados e dispostos cotidianamente, que evidenciavam de maneira positiva as competências físicas e psicológicas das mulheres atletas ou não, somados às lutas e aos avanços intermediados por feministas, sufragistas, dentro ou fora do plano educacional, profissional e atlético, empreendidos durante os séculos XIX e XX, tensionaram as relações de poder e forçaram a reconfiguração do esporte moderno. Como resultado, é possível observar a inserção gradual das mulheres nas competições e, conseqüentemente, a organização de todo um conjunto de alterações/adaptações nas regras, regulamentos, eventos e equipamentos que “permitiram” a participação das atletas sem, contudo, alterar o estatuto da divisão sexual dos esportes.

Como discorri no corpo desse meu trabalho, entre enfrentamentos e negociações, as mulheres alcançaram algumas conquistas importantes no campo esportivo, no entanto, seus avanços nunca deixaram de ser condicionados, regulados e politicamente orquestrados. Primeiro, porque eles dependiam da capacidade, da potência e do apoio em relação ao poder que as mulheres haviam adquirido frente a um poder instalado, estruturado e funcional, pouco flexível às mudanças e às conquistas das mulheres. Essa tese do controle e do condicionamento fica evidente na regularidade de enunciados como: “as mulheres foram *aceitas* nos Jogos Olímpicos de Amsterdã em 1928”, “em 1984 *foi permitido* a realização da maratona com mulheres”, “o COI e a FIFA *acenaram positivamente* para a realização do futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996”. Como se essas conquistas não fossem fruto das lutas das mulheres, mas da permissividade benevolente e, algumas vezes, do “olhar visionário” dos dirigentes esportivos, quase todos eles, homens.

O segundo ponto que levanto, sobre os avanços controlados e orquestrados das mulheres no campo esportivo, é que a presença e a relevância das atletas nas competições internacionais aumentaram no limite que as mulheres passaram a ser importantes na consecução de projetos políticos globais, como foi o caso dos Jogos Olímpicos de Berlim 1936. Nesse evento, as atletas foram ferramentas importantes tanto a favor quanto contra os discursos das propagandas nazistas e do projeto eugenista, este último em plena disposição nos Estados Unidos e no centro das discussões intelectuais e políticas no Brasil dos anos de 1930. Depois, entre o final da Segunda Guerra e a retomada dos Jogos Olímpicos em 1948 até o início da década de 1990, as atletas voltaram a ser peças essenciais, sobretudo, porque suas performances passariam a fazer parte das disputas entre os blocos econômicos e ideológicos formados por países capitalistas e socialistas.

Em suma, desde o fim dos anos 1990, as atletas, suas performances e suas conquistas têm feito parte de projetos que enaltecem os países numa guerra distinta daquela com armas em punho, dentro de estádios, campos, piscinas, ginásios e arenas. Além disso, as atletas passaram a ser valorizadas porque suas performances, mas sobretudo suas imagens sexualizadas, começaram a agregar valor econômico através do gerenciamento do interesse televisivo, midiático e publicitário. Ressalto que a representação imagética e o apelo social dos e das atletas podem gerar mais capital econômico do que os prêmios que recebem por suas conquistas esportivas, porém, é inegável que ainda temos valorizado mais as imagens sexualizadas das mulheres do que seus feitos nas quadras, gramados, piscinas e ginásios.

O que essa conjuntura indica é que, apesar da perenidade de algumas interdições, a dinâmica estrutural e sistemática do esporte moderno em relação às mulheres tem sido definida e mantida por jogos políticos nos quais elas aparecem tanto como jogadoras como peças do tabuleiro. Vejamos, por exemplo, os processos de feminilização e feminização (YANNOULAS, 2011) que se fortalecem no esporte e nas competições a partir da década de 1920. A feminilização, que é o aumento da quantidade de mulheres no campo esportivo, e a feminização, compreendida como as transformações no significado e nos valores sociais como resultado do aumento do quantitativo de mulheres (YANNOULAS, 2011), revelam que o poder e a maior participação das mulheres nos esportes não são resultados apenas de práticas de repressão e interdição, mas de permissões controladas (separações e segregações) que têm criado a dupla ilusão de que as mulheres e as atletas conquistaram tanto autonomia como liberdade no cenário esportivo.

Com o aumento do poder e representação, promovidos pela feminilização do esporte, as resistências não operaram contra o poder em si, mas no que diz respeito aos seus efeitos como, por exemplo, a feminização de modalidades, eventos e equipamentos e a acentuação das fronteiras entre os esportes “femininos” e “masculinos”. Disso resulta que os jogos de interdição, separação e segregação baseados no sexo/gênero foram se tornando cada vez mais complexos, insidiosos e, também, mais eficientes. O domínio dos homens, outrora mantido pelo veto e a coibição, passou a ser assegurado por um poder mais maleável, sinuoso e arrevesado que, em sua defesa, evoca presunçosamente um tipo de função patriarcal “protetora”. Manter homens e mulheres separados nas competições seria uma forma de garantir a integridade das atletas, coibir treinamentos desumanos, desestimular regimes dietéticos perigosos, prevenir e punir o uso de substâncias

hormonais danosas, evitar o aliciamento dos corpos intersexos ou qualquer outra disposição que coloque em perigo as atletas, frente ao desejo de vencer e bater recordes fora do domínio daquilo que se tem enunciado como natural para as “mulheres de verdade”⁴⁵⁴.

Seguramente, o acesso das mulheres às práticas corporais, aos esportes e às competições; a entrada de novos jogos de verdade mais favoráveis às mulheres na ordem das práticas discursivas e a emergência de um cenário de lutas e vitórias femininas e/ou feministas, parece ter promovido às mulheres maior autonomia, no sentido de poderem deliberar sobre seus corpos, suas vontades e se constituírem como sujeitos de direitos e deveres, entretanto, isso não significa que elas tenham conquistado mais liberdade no campo das práticas corporais e dos esportes.

Dito de outro modo, historicamente as mulheres conquistaram o acesso a diferentes práticas corporais, se empreenderam em treinamentos físicos e regimes dietéticos próximos dos empreendidos pelos homens, participaram de negociações políticas no interior de algumas instituições esportivas, porém, contraditoriamente, elas foram mantidas “em seus lugares” através da divisão interna e externa dos esportes e de um quadro regulatório que normaliza e normatiza seus corpos e suas performances conforme a matriz do sexo/gênero.

Externamente, as modalidades que: a) visam sobrepujar o oponente através do contato corporal; b) fazem o uso direto da força corporal contra objetos pesados ou adversárias/os; c) projetam o corpo dentro e através do espaço, em longas distâncias; d) promovem disputas nas quais o contato corporal é iminente, têm sido compreendidas e representadas mais como masculinas do que femininas (KOIVULA, 2001). Já os esportes com forte apelo estético, com pouco ou nenhum contato físico, sobretudo entre os/as oponentes; aquelas modalidades que não têm como objetivo principal a “invasão de territórios” mediante o uso da força; ou aqueles esportes que não estejam assentados em valores e costumes baseados num tipo de masculinidade “tradicional” ou “hegemônica” (CONNELL, 1995), como o futebol, o rúgbi, o futebol americano, têm sido considerados ora como esportes mistos, ora como exclusivamente para mulheres.

⁴⁵⁴ O enunciado “mulher de verdade” começou a circular nas competições esportivas internacionais a partir da década de 1930, sobretudo, após os Jogos Olímpicos de Berlim, quando o então recém eleito membro do COI, Avery Brundage, apresentou seu projeto de testar compulsoriamente todas as atletas para coibir a participação de homens e/ou pessoas intersexo nos eventos para mulheres. Hoje, esse enunciado tem sido utilizado para criticar e atacar a participação de mulheres transexuais, travestis e intersexo nas competições, sob a argumentação de que essas mulheres, “não verdadeiras”, poderiam desordenar a ética da igualdade de condições em desfavor das “mulheres de verdade”.

Internamente, conforme analisei a ginástica artística, as modalidades são bicategorizadas conforme o sexo mediante a criação de eventos, provas, aparelhos, equipamentos, regras e regulamentos distintos e distintivos para homens e mulheres. É de praxe que nesses esportes sejam instituídas matrizes normativas e normalizadoras que ditam o aprendizado, a técnica e a tática em relação ao sexo/gênero, e que controlem o desempenho médio (atletico, estético e tático) através de dispositivos de segurança sob a forma de tabelas e quadros estatísticos que enunciam as performances esperadas “para mulheres normais” ou “normais para as mulheres”.

Destarte, reforço que, embora tenham conquistado autonomia, as mulheres-atletas não conquistaram necessariamente mais liberdade no campo das práticas corporais e do esporte. O aumento no quantitativo de mulheres, eventos e políticas de gênero, sob a forma da feminilização do esporte, não garantiu a feminização desse fenômeno social. E esse é um grande problema, pois, como argumenta Bryson (1983), o acesso das mulheres ao esporte moderno se deu sob a forma de “encaixe”, ou seja, elas passaram a participar de uma estrutura prevista para enaltecer as masculinidades e inferiorizar as feminilidades.

Como vimos, antes de avançarem sobre o terreno das competições, antes de ameaçarem as patronagens que comandavam as instituições esportivas, antes de invadirem as “cidadelas da masculinidade” (TERRET, 2005), as mulheres já enfrentavam toda uma série de interditos e disposições reguladoras de cunho moral e cultural. Não obstante, quando elas avançam definitivamente e oficialmente sobre o “território masculino” – marcadamente por suas participações nos Jogos Olímpicos de Amsterdã 1928 –, todo um aparato político e estratégico foi colocado em funcionamento com a finalidade de lhes garantir o “direito” ao acesso aos esportes e às competições, mediante a adaptação das provas, equipamentos e aparelhos às capacidades físicas e psicológicas.

O postulado que justificava esse conjunto de adaptações era e ainda tem sido garantir a igualdade de condições. Somente para as competições com mulheres é que o ideal da igualdade de condições tem servido para assegurar a normalização e a normatização do sexo/gênero. Para além de coibir trapaças e casos de *doping*, como também ocorre nas competições com homens, para as mulheres-atletas, o ideal do *fair play* opera como um dispositivo de segurança que sustenta e regula a “natureza” dessa categoria de ser, a “mulher”, como também cristaliza concepções sobre a “naturalidade” e a “necessidade” da separação dos sexos/gêneros.

Mesmo após as mulheres conquistarem a “oficialização” em 1928, Coubertin sustentou até a sua morte em 1937 que não havia nada mais antiestético e inviável do que

assistir mulheres a competir, por isso, o dirigente esportivo dizia que elas até poderiam competir, mas que seus eventos ficassem à sombra, distante da visibilidade que era comum às competições com homens. No mesmo sentido, alguns membros da IAAF e do COI, dentre eles Avery Brundage e Sigfrid Edstrøm, conclamavam que tanto a *Fédération Sportive Féminine Internationale* (FSFI) como qualquer representatividade apoiada por essa instituição criada em função e a favor das mulheres, fosse varrida da face da terra. Para esses dirigentes, a FSFI só atrapalhava o bom andamento das outras federações e do esporte internacional.

No limite, é possível afirmar que os jogos de interdição, separação e segregação sempre fizeram parte das relações entre as mulheres, os homens e os esportes. O que parece mudar são as dinâmicas e as operabilidades das tecnologias do sexo/gênero e o uso político dos esportes com mulheres, em resposta às disposições do modelo político-econômico neoliberal, cujo reflexo está na constituição do esporte como um fenômeno globalizado, propício à intervenção de capitais livres e a transformação de tudo e todos/todas em mercadoria e serviços.

Sobre as tecnologias de gênero, sua emergência e suas operabilidades foram evidenciadas e analisadas a partir da esportivização e da generificação da ginástica artística, e através da criação e implantação de exames de verificação do sexo/gênero no interior das competições do atletismo.

Com a ascensão de Adolph Hitler e o Terceiro Reich, os Jogos Olímpicos de Berlim em 1936 foram utilizados como veículos para a propaganda nazista, afinal, esse evento internacional e cheio de simbolismos parecia uma vitrine perfeita. As imagens das instalações, competições e atletas, somadas às incontáveis matérias jornalísticas e extratos das filmagens do evento, distribuídas para diversas transmissoras de televisão, poderiam ser espalhadas pelo mundo e atestariam, segundo acreditavam os nazistas, a potência organizacional do regime e o mérito dos alemães de servirem de modelo para uma utópica “raça ariana pura”.

Foi a partir dos Jogos de Berlim que as mulheres-atletas começaram a ser percebidas como peças fundamentais para qualquer projeto que se assentasse sobre o viés nacionalista, colonialista e ideológico. De um lado, era enunciado que suas participações deveriam ser incentivadas, o que significava lhes garantir mais acesso ao campo prático e simbólico dos esportes. Todavia, de outro lado, discursos de cunho moral, cultural e mesmo científicos asseveraram que suas atuações não deveriam exceder certos limites previamente estabelecidos e cujos valores, codificados e classificados, compilavam o

padrão médio das performances das atletas. Na medida que se propagava a ideia de que as mulheres, enfim, haviam conquistado a liberdade para competir, os campos de atuação e as suas performances passaram a ser controladas e reguladas. Numa paráfrase, eu diria: “Deram às mulheres o que era das mulheres, e aos homens o que era dos homens”.

No interior dos eventos que as mulheres acessaram, os equipamentos foram adaptados, regras foram revistas e os modos como deveriam usar seus corpos foram definidos e cuidadosamente supervisionados. Vejamos alguns exemplos da ginástica artística. No processo de ratificação da trave de equilíbrio como um aparelho conveniente e exclusivamente de uso das mulheres, começou a ser enunciado que o aparelho conjugava características consideradas naturais ao corpo e importantes para as ginastas, como equilíbrio, cadência, ritmo, delicadeza, domínio e perfeição dos movimentos. Já as barras paralelas, usadas também pelas mulheres até fins da década de 1930, passaram por um processo de diferenciação sexual. As barras foram colocadas em diferentes alturas, por isso o aparelho foi chamado de “barras assimétricas”, os elementos passaram a exigir menos força estática e os movimentos corporais passaram a utilizar mais a força dos membros inferiores e menos dos membros superiores, já que estes últimos eram e ainda são típicos das provas com homens.

Como até 1949 não existia um código de pontuação institucionalizado, nem para homens e nem para mulheres, a arbitragem julgava e valorava a execução, a complexidade e o caráter salutar dos exercícios. Os mesmos componentes estéticos e expressivos que eram performados pelos homens, eram também conjugados pelas mulheres. Porém, a partir do final da década de 1950, a estética e as expressões não orais se tornaram essenciais nas competições de ginástica, como consequência, no auge dos conflitos da Guerra Fria, ocorreu um verdadeiro processo de hiperbolização e distinção das representações de masculinidades e feminilidades, pois esses aspectos poderiam garantir pontos importantes nas disputas entre os diferentes blocos econômicos, políticos e ideológicos.

De maneiras distintas e a partir das competições do atletismo dos fins dos anos 1930, tanto a performance atlética quanto a expressão dos códigos tradicionais de feminilidade tomaram o foco das atenções, não porque a aparência dos corpos e dos movimentos “contassem pontos” para as corredoras, saltadoras, lançadoras, mas porque o corpo – invólucro encarnado e figurativo do sexo/gênero e das expressões de feminilidades –, poderia denunciar possíveis “fraudes do sexo”. Era necessário que as atletas atuassem conforme se esperava das “mulheres” e que suas estéticas e expressões

confirmassem que elas eram verdadeiramente “femininas”. As atletas que não conjugavam o alto desempenho com as expressões de feminilidade, suficientemente convincentes, poderiam ser acusadas de não serem “mulheres de verdade” e poderiam ser “convidadas” a passar por vexatórios exames de sexo.

A partir dessa conjuntura, se viu recrudescer os discursos que denunciavam a urgência na criação e implantação de exames e testes de sexo/gênero que pudessem garantir, “cientificamente” e, portanto, “inegavelmente”, a veracidade do sexo/gênero das atletas e, como consequência, a igualdade de condições nas competições com mulheres. De pronto, o que ocorreu foi a instalação de uma circularidade enunciativa e discursiva que seria materializada na década de 1960, quando os testes e exames de sexo/gênero foram, enfim, institucionalizados e implantados nas competições comandadas pela Federação Internacional de Atletismo e pelo COI. Essas duas instituições, criadas por homens e a deles mesmos, têm firmado historicamente e feito funcionar até hoje, um quadro regulatório altamente complexo, associado e interdependente, apoiado por diferentes jogos de verdade e economias políticas, que atualmente tem atendido pelo nome de “políticas de elegibilidade para mulheres atletas”.

Sobre as regulações impostas pelas políticas de elegibilidade, que as instituições acima alegam não se tratar de “exames e testes de sexo/gênero”, volto a afirmar que apesar de terem conquistado autonomia, as mulheres-atletas não se libertaram dos controles externos sobre seus corpos. Ao contrário, pois a feminilização – aumento no quantitativo de mulheres – foi seguida pela interposição de diferentes estratégias de “feminização” do esporte que, na sua estrutura e funcionamento são convenientes para a manutenção do domínio dos homens.

Nesse caso, o caso do *doping* parece elucidativo. Exceto nos casos de testar e verificar a utilização de hormônios e outras substâncias potencializadoras, proibidas por um código de regras que muda constantemente, não existem outros exames e testes prescritos para os homens-atletas. Diferentemente das mulheres, quando um homem-atleta apresenta altos níveis de testosterona ou outros potencializadores, os testes de *doping* são feitos apenas para coibir a utilização de agentes exógenos. Em outras palavras, se as substâncias potencializadoras são produzidas pelo próprio corpo do homem-atleta, os agentes endógenos, esse não receberá nenhuma punição e os níveis dessas substâncias não serão “normalizados” para garantir a igualdade de condições nas competições. Ademais, nenhum homem-atleta teve a veracidade do seu sexo/gênero testada e averiguada. Nunca fomos questionados se nossos corpos poderiam ou não alcançar e/ou

ultrapassar uma marca, um recorde, uma performance. Ao que tudo indica, quando esses dispositivos de segurança são aplicados aos nossos desempenhos atléticos, eles não funcionam para nos impedir ou controlar, mas para nos compelir alto rendimento. Algo que não é certamente “positivo”, no sentido de saudável, mas que evidencia uma enorme diferença em relação aos dispositivos de segurança aplicados para as mulheres-atletas.

Voltando à questão das mulheres-atletas no campo das negociações e economias políticas dos esportes e competições internacionais, foi a partir da década de 1950 que dois quadros regulatórios distintos apareceram e se tornam aos poucos perenes na dinâmica do esporte contemporâneo. No primeiro deles, o aumento do desempenho atlético, resultado de treinos especializados e dietéticas específicas, as modificações nas estéticas corporais, evidenciadas pela hipertrofia e pelo delineamento dos músculos, as exhibições de força, potência, velocidade e de ações combativas, encenadas cada vez mais publicamente, foram seguidas de um conjunto de cuidados, a saber, não se aproximar em demasia daquilo que os homens-atletas apresentavam e representavam e não deixar dúvidas de que eram “verdadeiras mulheres” em corpos “verdadeiramente femininos”.

Em relação ao segundo quadro regulatório, em alguns pontos muito parecido com o anterior, nos esportes que valoravam, ou seja, pontuavam certos componentes estéticos-expressivos, a melhoria do desempenho, o alcance do pódio estava na condição de que as atletas performassem de maneira hiperbolizada os símbolos e códigos da feminilidade. No caso da ginástica artística, não basta executar um elemento acrobático de alta dificuldade, é preciso executá-lo com perfeição, em movimentos delicados e harmoniosos e em respeito às características do aparelho e da “identidade” que a Federação Internacional de Ginástica imprime à ginástica artística feminina⁴⁵⁵. Dessa maneira, os *leotards* – os collants -, começaram a ser feitos com tecidos coloridos, brilhantes e flexíveis, capazes de evidenciar os contornos do corpo, amplificando os apelos dos signos de feminilidade, recobrando silhuetas comprometedoras, a saber, músculos trabalhados por anos de treinos e dietas, e denunciando relevos “incomuns” para o que se considera “normal” para os corpos das mulheres. Nos esportes de caráter estético-expressivo, as cores, tecidos, pedrarias, maquiagens, fitas e laços no cabelo, penteados elaborados, cumprem funções importantes: suavizam a estética dos músculos hipertrofiados, amenizam a exibição do poder e da potência dos corpos e subsidiam jogos de sedução instalados entre as atletas, bancas de arbitragem e o voyeurismo do público.

⁴⁵⁵ Disponível em: <https://www.fig-gymnastics.com/site/pages/disciplines/pres-wag.php> Acesso em: 01 março 2021.

Em ambos os formatos, nunca bastou às atletas serem mulheres, sempre lhes foi exigido que convencessem que eram “mulheres de verdade” ou “verdadeiramente mulheres”. Contudo, como o corpo nem sempre confessa a “verdade”, ela tem sido buscada e produzida nas suas entranhas, tem sido construída ao sabor das oscilações e das agitações de diferentes regimes de poder-saber, através do que Foucault (1988, 1994b, 1998b) chamou de “jogos de verdades”, um conjunto de regras que permite aos indivíduos identificar e diferenciar o “verdadeiro” e o “falso” num objeto, num corpo, em outros indivíduos...

A partir da década de 1980, num momento em que as políticas regulatórias sobre as mulheres-atletas nas competições do atletismo vão se tornando cada vez mais complexas e eficientes, as regulações no campo da ginástica artística voltam a ser revisitadas, isso no início da década de 1990, com a derrocada do regime soviético e a ascensão do domínio estadunidense no contexto esportivo internacional. As políticas de elegibilidade construídas e implantadas pelo COI e a IAAF, logo foram incorporadas por praticamente todas as federações esportivas, o que seguramente reflete o domínio dessas instituições e seus “jogos de verdade” no acesso e na permanência das mulheres-atletas, em praticamente todas as modalidades e em todos os eventos esportivos, desde os nacionais aos internacionais.

Desde a institucionalização dos testes de verificação do sexo/gênero, através da cromatina sexual em 1968, até as atuais políticas de elegibilidade para mulheres-atletas, podemos observar a existência de um discurso médico-paternalista-dominador, que tem prometido “proteger” a integridade física e psicológica das atletas e “garantir” a igualdade de condições nas competições com mulheres. Mediante as promessas de: identificar, diagnosticar e tratar as mulheres cisgêneras e intersexuais em “condição de hiperandrogenia”, a saber, produção “excessiva” e sensibilidade para a testosterona endógena; tratar e “normalizar” o tempo (identitário e de submissão às terapias) e os parâmetros hormonais dos corpos de mulheres transexuais e travestis; a associação altamente fecunda entre o COI e a IAAF tem determinado e submetido o desempenho das mulheres-atletas a quadros regulatórios inflexíveis, enunciados como “científicos” e, portanto, pretensamente “neutros” e objetivos.

Aliás, esses quadros não são só rígidos, eles têm fôlego, se mostram fortemente estruturados e sistematizados, mesmo diante de processos jurídicos desgastantes, cheios de incongruências e repletos de impressões “digitais” deixadas pelo poder patriarcal, racista e colonialista que os criam e mantém. Cito o caso do Tribunal Arbitral Esportivo,

órgão que já foi da alçada do COI, que decidiu no dia 1º de maio de 2019 pela interdição da atual campeã mundial dos 800 e 1500 metros, a atleta sul-africana Caster Semenya, das competições internacionais do atletismo. Para o tribunal, Semenya deveria se submeter a terapias hormonais ou gonadectomias no sentido de normalização seus níveis de testosterona endógena, pois, conforme os autos do processo, esse seria um “mal necessário”, um preço a ser pago, para garantir a igualdade de condições entre a atleta intersexo e as mulheres cisgêneras e/ou com níveis “normais” de testosterona nas competições. Indo além, o tribunal chegou a ratificar as políticas de elegibilidade da IAAF deveriam ser respeitadas, uma vez que cabe somente a essa instituição a organização, a realização e o controle do atletismo mundial.

Num campo marcado por valores patriarcais e sexistas, dominado por instituições comandadas quase que exclusivamente por homens, como é o caso do esporte de alto rendimento, não basta às atletas que sejam mulheres, não é suficiente que se identifiquem e se expressem como mulheres, é necessário que seus desempenhos atléticos confirmem a pertença ao gênero. É fundamental que as vitórias e os recordes das mulheres-atletas não ameacem aquele que seria o último bastião de proteção das masculinidades e virilidades, o esporte moderno, como bem ratificaram Norbert Elias (1992), Thierry Terret (2005), Catherine Louveau (1998), dentre outras/as pesquisadoras/es.

A perenidade das fronteiras, a disposição tenaz e eficaz das muralhas que contornam e protegem esse bastião ou, como chamou Terret (2005), essa “cidadela masculina”, indicam que as políticas de igualdade de gênero como, por exemplo, o *IOC Gender Equality Review Project* apresentado em março de 2018⁴⁵⁶, podem ser importantes para a feminilização nos esportes olímpicos, porém, são pouco eficazes para diminuir o medo da feminização e na luta contra as exclusões de mulheres transexuais, travestis, intersexos ou em condição de hiperandrogenia. Pesquisas rápidas por sites de notícias e pelas páginas das federações esportivas internacionais evidenciam a falta de representatividade ou a desvalorização da representação das mulheres-atletas nos esportes tradicionalmente masculinos; o uso da estética e da sexualização do corpo das atletas em campanhas publicitárias em detrimento às performances atléticas; o enraizamento das concepções de que os esportes com contato físico, invasão de territórios e subjugação de oponentes, naturalmente não suportariam nem as misturas e muito menos a igualdade

⁴⁵⁶Disponível

em:

https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/News/2018/03/IOC-Gender-Equality-Report-March-2018.pdf#_ga=2.27022141.1452055161.1604353394-1159753565.1596665034
Acesso em: 02 nov. 2020.

entre homens e mulheres; as perseguições, os ataques e os controles desumanos impostos às mulheres-atletas transexuais, intersexos e travestis; a naturalização do discurso de que a segregação sexual seria a única via possível para garantir a participação das mulheres e manter a identidade do esporte de alto rendimento.

Sobre a identidade e as características do esporte moderno, é necessário questionar: seria possível alcançar igualdade e equidade de gênero a partir da atual matriz do esporte de alto rendimento?⁴⁵⁷ Sabemos de experiências com a implantação de competições mistas – revezamentos no atletismo e na natação, equipes mistas no basquete, judô e triatlon, duplas mistas no tênis de mesa, tiro esportivo, tiro com arco e tênis –, porém todas as ações se fundamentam no princípio do dimorfismo sexual e segregação sexual interna, ou seja, as mulheres revezam, lutam ou marcam outras mulheres e os homens outros homens. Além disso, promover competições mistas não significa a inclusão de mulheres intersexo, travestis e transexuais, pois estas ainda são submetidas às regulações de elegibilidade e outras exclusões estruturais e sistêmicas. Embora o objetivo de qualquer atleta seja a vitória, sabemos que as mulheres transexuais, travestis e intersexo têm sido constrangidas a manter seus desempenhos no limite da “normalidade”, pois a visibilidade promovida pelas conquistas e recordes ainda é para elas uma “faca de dois gumes” (FOUCAULT, 2011b). Se de um lado, suas presenças são representativas, por outro, têm sido utilizadas para denunciar supostos riscos para as atletas cisgêneras e os “esportes femininos”.

Seguramente, as diferenças entre os seres humanos e os corpos existem, o que se tem problematizado são os valores e as funções que socialmente são implicados às diferenças. No caso dos esportes, poderíamos questionar por que algumas diferenças e, sobretudo, por que as diferenças sexuais se tornaram o veículo de organização desse fenômeno social? Mudanças pontuais poderiam solucionar problemas que estão na estrutura e na funcionalidade do esporte moderno, cuja organização e influência segue uma via de mão única do alto rendimento às práticas pedagógicas, amadoras, lazer/recreação? Ou será que seria mais interessante pensar na implosão desse modelo de esporte, ferramenta neoliberal, patriarcal, colonialista, racista, homo-lesbo-transfóbica?

⁴⁵⁷ Durante as arguições, a professora Silvana Vilodre Goellner asseverou que a instituição da igualdade e/ou equidade de gênero nos esportes exige mais do que intervenções sistemáticas, mas a “implosão das estruturas” do atual modelo do esporte alto rendimento. Um modelo neoliberal cuja prioridade tem sido o lucro e as transações financeiras conduzidas por uma elite econômica dominada por homens, em detrimento às competições, ao jogo, aos/as atletas e espectadores. O que está em jogo nas competições contemporâneas não é a qualidade dos desempenhos e/ou as relações sociais produzidas, mas sua capacidade de gerar lucro, portanto, “experiências” com esportes mistos ou a valorização do desempenho das mulheres ao mesmo nível que dos homens poderiam ser financeiramente arriscadas ou pouco lucrativas.

Acredito que, se historicamente temos buscado confirmar que o sexo/gênero é uma construção social e discursiva, suscetível a revisões e reconstruções, me parece, desse modo, paradoxal acreditar que a questão do sexo/gênero nos esportes passe apenas por mudanças estratégicas, pelo aumento da participação das mulheres, implantação de “políticas de gênero” tão burocráticas quanto publicitárias, inserção de eventos mistos. O que quero dizer é que praticamente todas as pesquisas sobre o esporte e o sexo/gênero lançam críticas sobre a estrutura e a sistematicidade da dupla esporte-gênero, sobretudo, quando se fala do alto rendimento, porém as intervenções, quando feitas, se dão na ordem da operabilidade dessa dupla. É como se reparássemos uma casa, rebocando e pintando suas paredes, sem mexer nas suas colunas de sustentação, para resolver um problema no telhado.

Apesar dessas críticas, seguramente os esportes mistos podem ser oportunidades ricas, favoráveis às interações de sexo/gênero, onde homens e mulheres podem se conhecer e se reconhecer na ação do corpo que joga e compete, onde podem aprender a se organizar e se comportar como equipes, onde as diferenças sexuais deverão ser gerenciadas taticamente. Porém, no formato dos esportes mistos que temos visto ser implantados, essa ferramenta terá pouca efetividade em relação às desigualdades de gênero. Vou tentar explicar a partir de dois casos: o revezamento misto 4 x 100 medley na natação⁴⁵⁸ e o basquete misto 3 x 3⁴⁵⁹. No caso do revezamento, não há nada que impeça que homens e mulheres nadem uns contra os outros, porém, a tática costumeira é colocar as mulheres para nadar umas contra outras, em tipos de nados que se considera mais rentosos para elas. No basquete misto, apesar dos/das atletas estarem no mesmo jogo, homens marcam apenas homens e mulheres apenas mulheres. Apesar do revezamento na natação promover condições para possíveis mudanças táticas, em ambos os esportes o que dá significado ao termo “misto” é a importância vinculada ao sexo/gênero, ou seja, neles, ser mulher ou homem importa. Ademais, dizer que um esporte é misto, não significa que não seja bicategorizado internamente, pois no basquete 3x3, os homens só podem marcar outros homens e as mulheres apenas mulheres. Por fim, não basta um esporte ser declarado misto para que ele seja inclusivo para pessoas transexuais, travestis e intersexos, pois, na matriz da divisão pela bicategorização sexual, esse grupo

⁴⁵⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=r_kQY4IxQMo&feature=emb_logo Acesso em: 01 março 2021.

⁴⁵⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VcH8dBAwWSg> Acesso em: 01 março 2021.

continuará a ser percebido como aquele que desestabiliza, desordena, afinal, esses esportes só funcionam quando o sexo/gênero está “corretamente” ordenado.

Talvez, a saída fosse implantar sistemas de equivalência baseados nos atuais dispositivos de segurança – esses quadros, tabelas que apresentam e elencam a força, velocidade, potência, eficácia e eficiência técnica dos/das atletas –, e dividir os eventos conforme as competências, capacidades físicas e biotipos – categorias baseadas no peso e na altura dos/das competidores/as. Sobre as competências físicas e técnicas, já existem artigos que analisaram a atuação de homens e mulheres no futebol e, como resultado, foi observado que ambos os sexos dominam a modalidade de formas muito similares (CASTELLANO *et al*, 2014), o que poderia questionar a necessidade das categorias sexuais. Para além, também é necessário dizer que várias modalidades esportivas nem precisariam ser bicategorizadas, pois as competências que exigem não se baseiam unicamente nas capacidades condicionais (força, resistência, flexibilidade e velocidade), mas em capacidades coordenativas (orientação espacial, equilíbrio, ritmo, esquema corporal e velocidade de reação), como são os casos das competições de Tiro, Natação Artística, Saltos Ornamentais, Hipismo, Golfe, Vela, Ginástica Rítmica, Tiro com Arco, dentre outras.

O problema da bicategorização não é uma tarefa de fácil resolução, não está na ordem do “sim” ou “não”, mas na complexa tarefa do talvez, tentativa e erro. Se é que dá para falar em “erro”, quando o “certo” hoje determina que separar, segregar e discriminar são absolutamente necessários e justos. O fenômeno esportivo é tão complexo quanto os corpos, os indivíduos e a sociedade, de algum modo, ele reflete a matriz que rege a estrutura e a sistematicidade do que compreendemos como sociedade contemporânea. Na verdade, o esporte tem servido historicamente com um aparelho especular, nele e através dele reconhecemos e somos reconhecidos, identificamos e participamos de jogos de verdade e de negociações políticas empreendidas nas disputas pelo poder, distinguimos e ratificamos os ordenamentos do sexo/gênero, classe, raça e nacionalidades. Há tempos o esporte não se resume a competir e alcançar a vitória, mas a performar espetáculos cada vez mais lucrativos, seja pela venda imediata dos feitos e das performances ou através da incessante vinculação da imagem do/da atleta a empresas, objetos e serviços. Desse modo, apesar das críticas aos esportes mistos, é preciso reconhecer que eles são os primeiros passos tímidos de uma jornada complexa, instável e longa, cuja linha deverá ser sempre provisória.

REFERÊNCIAS

A TRIBUNA. São Paulo, SP: 2º Caderno, 23 de jul.1967. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/153931_01/71814?pesq=Winnipeg Acesso em: 20 set. 2020.

ABOIM, Sofia. Do público e do privado: uma perspectiva de gênero sobre uma dicotomia moderna. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, SC: v. 20, n. 1, p. 95-117, abril 2012.

ADDISON, [?]. Quem praestare potest mulier galeata pudorem. **The Spectator**, n. 57, may 5th, 2017 London, UK. Disponível em: <http://spectator.libraries.rutgers.edu/text/may1711/no57.html> Acesso em: 07 set. 2018.

ALLEN, Dennis W. Young England: muscular Christianity and the politics of the body in Tom Brown's Schooldays. In: HALL, Donald E. (Ed.). **Muscular Cristianity: embodying the victorian age**. London, GB: Cambridge University Press, 1994, p. 114-132.

ALMEIDA, Presciliana Duarte de (Ed.). **A Mensageira**. Revista literária dedicada á mulher brasileira, ano 1, n. 1, 15 out. 1897, São Paulo: SP: Typographia Brasil de Carlos Gerke & Comp., 1897. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/per352438_contente/per352438_itm1/P4.html Acesso em: 20 dez. 2019.

AMORÓS Y ORDEANO, Francisco. **Nouveau manuel complet d'éducation physique, gymnastique et morale**. Tome 1. Paris, France: La Librairie Encyclopédie de Roret, 1848/1830a.

_____. **Nouveau manuel complet d'éducation physique, gymnastique et morale. Atlas**. Paris, France: La Librairie Encyclopédie de Roret, 1848/1830b.

ANDERSON, Eric. The rise and fall of western homophobia. **Journal of Feminist Scholarship**, v. 1, n. 1, p. 80-94, 2011.

ANTHONY, Susan B. Champion of her sex. Miss Susan B. Anthony tells the story of her remarkable life to "Nellie Bly". [Entrevista concedida a Nellie Bly]. New York, USA: **The world**, p. 10, February 2nd 1896. Disponível em: <http://www.rarenewspapers.com/view/621269?acl=851761768&imagelist=1> Acesso em: 11 dez. 2019.

APPELBAUM, Stanley; KELLY, Richard (Orgs.). **Great drawings and illustrations from Punch 1841-1901**. New York, USA: Dover Publications, Inc., 1981. Disponível em: <https://archive.org/details/greatdrawingsill00appe> Acesso em: 29 nov. 2019.

ARNAUD, Pierre. Le genre ou le sexe? Sport féminin et changement social (XIXe – Xxe siècle). In: ARNAUD, Pierre ; TERRET, Thierry. **Histoire du sport féminin (Tome 2). Sport masculin-sport féminin : éducation et société**. Espaces et Temps du Sport. Paris, France: Ed. L'Harmattan, 1996, p. 147-183.

BACA, Katie Ericksen. Eliza Burt Gamble [online]. **Darwin Correspondence Project**. University of Cambridge. Cambridge, UK: 2018. Disponível em: <https://www.darwinproject.ac.uk/eliza-burt-gamble> Acesso em: 27 nov. 2019.

BAKER, William J. **Sports in the Western world**. Revised Edition. Illinois, USA: University of Illinois Press, 1988. Disponível em: <https://archive.org/details/sportsinwesternw00bake/mode/2up> Acesso em: 11 mar. 2020.

BALLANTYNE, Kaye. N. KAYSER, Manfred. GROOTEGOED, J. Anton. Sex and gender issues in competitive sports: investigation of a historical case leads to a new viewpoint. **British Journal Sports Medicine**, n. 46, p. 614-617, 2012.

BALLARINY, Humberto. Porque a mulher não deve praticar o futebol. **Revista Educação Physica**, n. 49, p. 36-52, 1940. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/164070/3894> Acesso em: 28 fev. 2020.

BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da crítica feminista à ciência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, SC: v. 1, n. 16, p. 207-228, janeiro/abril, 2008.

BANDY, Susan J. Gender. In: POPE, S. W. & NAURIGHT, John (Orgs.). **Routledge Companion to Sports History**. New York, USA: Taylor & Francis Group, 2010, p.129-147.

BARBANTI, Valdir. O que é esporte? **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**. v. 11, n. 1, p. 54-58, 2012. Disponível em: <http://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/833> Acesso em: 06 nov. 2019.

BARKER-RUCHTI, Natalie. Ballerinas and pixies: a genealogy of the changing female gymnastics body. **The International Journal of the History of Sport**, v. 26, n. 1, p. 45-62, January 2009.

_____. “They must be working hard” An (Auto-)Ethnographic Account of Women’s Artistic Gymnastics. **Critical Studies. Critical Methodologies**, v. 8, n. 3, p. 372-380, August 2008.

BARKER-RUCHTI, Natalie; GRAHN, Karin; ANNERSTEDT, Claes. Moving towards Inclusion: An Analysis of Photographs from the 1926 Women's Games in Gothenburg. **The International Journal of the History of Sport**, v. 30, n. 8, p. 871-891, 2013. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09523367.2013.784275> Acesso em: 29 jan. 2020.

BARKER-RUCHTI, Natalie; TINNING, Richard. Foucault in Leotards: Corporeal Discipline in Women’s Artistic Gymnastics. **Sociology of Sport Journal**, v. 27, p. 229-250, 2010.

BARREIRO, José Carlos. **Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência**. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2002.

BARRULL, Raymond. **Les étapes de la gymnastique au sol et aux agrès en France et dans le Monde**. Fédération Française de Gymnastique. Montréjeau, France: FABBRO, 1984.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: A experiência vivida**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1980.

BENAC, Gaston. La championne allemande de saut en hauteur Dona (sic) Ratjen est devenu le soldat Heinrich Ratjen. **Paris-Soir**, n. 24, p. 3, Paris, France, le 16 février 1940.

BERMON, Stéphane *et al.* Serum Androgen Levels in Elite Female Athletes. **Journal of Clinical Endocrinology and Metabolism**, v. 99, n. 11, p. 4328-4335, November 2014.

BERMON, Stéphane; GARNIER, Pierre-Yves. Serum androgen levels and their relation to performance in track and field: mass spectrometry results from 2127 observations in male and female elite athletes. **British Journal of Sports Medicine**, [online], p. 1-7, July 2017. Disponível em: <https://sci-hub.tw/10.1136/bjsports-2017-097792> Acesso em: 06 ago 2018.

BESSON-DURIN, Odette. Gymnastique Féminine à Rome. **Revue EPS**, nº 53, p. 31-33, janvier 1961.

BIANCHI, Andria. Transgender women in sport. **Journal of the Philosophy of Sport**, [online], p. 1-14, April 2017.

BIRRELL, Susan; COLE, Cheryl L. Double Fault: Renee Richards and the Construction and Naturalization of Difference. In: BIRRELL, Susan; COLE, Cheryl L. (Orgs.). **Women, Sport, and Culture**. Human Kinetics, USA, 1994, p. 373-397.

BLACKWELL, Antoinette Brown. **The sexes throughout nature**. New York, USA: G.P. Putnam's Sons, 1875. Disponível em: <https://archive.org/details/cu31924031174372/page/n8> Acesso em: 27 nov. 2019.

BOHUON, Anaïs. Sport e bicatégorisation par sexe: test de féminité et ambiguïtés du discours médical. **Nouvelles Questions Féministes**, v. 27, p. 80-91, Paris, France: Editions Antipodes, 2008.

_____. **Le test de féminité dans les compétitions sportives: une histoire classée X?** Donnemarie-Dontilly, France: Éditions iXe, 2012.

BORGES, Guilherme Roman. A lebensführung: encontros e desencontros entre Michel Foucault e Max Weber. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo**, v. 100, p. 671-691, jan./dez. 2005.

BOUFFÉMONT, Henry de Jarry de. **Gymnastique Écletique Pour Tous Les Ages**. Paris, France: Librairie Militaire Dumaine, 1871. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6436202c/f1.image.r=Bouff%C3%A9mont> Acesso em: 12 jan. 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 3 ed. Rio de Janeiro, RJ: Edições BestBolso, 2016.

_____. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

_____. Programa para uma sociologia do esporte. In: **Coisas ditas**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2004, p. 207-220.

_____. Como se pode ser desportista? In: **Questões de Sociologia**. Lisboa, Portugal: Fim de Século Edições, 2003, p. 181-204.

_____. **A profissão de sociólogo**: preliminares epistemológicas. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1999.

_____. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu**: Sociologia [Coletânea]. 2 ed. São Paulo, SP: Editora Ática, 1983, p. 122-154.

BRATCH, Valer. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 3 ed. Ijuí (RS): Ed. Unijuí, 2005a.

_____. Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento? In: SOUZA JÚNIOR, M. **Educação Física Escolar**: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica. Recife: EDUPE, 2005b, p. 97-106.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 329-376, jan./jun. 2006.

BRASIL. Lei nº 9.615 de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. **Portal da Câmara dos Deputados Federais**. Legislação Informatizada [online]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1998/lei-9615-24-marco-1998-351240-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em: 06 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Glossário temático: promoção da saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – Ensino Médio**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc-etapa-ensino-medio> Acesso em: 17 fev. 2020.

BRÖMDAL, Annette C. G. **The phantom category of 'Intesex' in Elite Sports**. Advisor: Mary Lou Rasmussen. 2013. 285 f. Thesis. (Doctor in Philosophy). Faculty of Education of Monash University, Australia, May, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/313905203_The_phantom_category_of_'Intersex'_in_elite_sports_knowledge_about_'Disturbing'_female_bodies_and_athletic_performances Acesso em: 04 fev. 2018.

BRUNI, Georges. Divers. A la Fédération Sportive Féminine Internationale. **Le Gaulois**, 61e année, 3e série, n. 17983, le 30 décembre 1926, p. 6. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k540749x/f1.item.r=Sophie%20Elyott-Lynn.zoom> Acesso em: 28 jan. 2020.

BRYSON, Lois. Sport and the oppression of women. **Journal of Sociology**, v. 19, n. 3, p. 413-426, November 1983.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**. Histórias de deuses e heróis. 34 ed., Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 2006.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Tradução de Rogério Bettoni. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. **Undoing Gender**. New York, USA: Routledge, 2004.

_____. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade, 2 ed. Belo Horizonte, MG: Ed. Autêntica, 2001, p. 151-172.

BUYTENDIJK, Frederik Jacobus Johanne. **Attitudes et Mouvements**. Étude fonctionnelle du mouvement humain. Bruges, Belgique: Desclée de Brouwer, 1957.

CAMPOS DOS SANTOS, Thais Emília. **Educação de crianças e adolescentes intersexo**. Orientador: Raul Aragão Martins. 2020. 180 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, UNESP. Campus Marília, São Paulo, 2020.

CAROL, Anne. A virilidade diante da medicina. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, George (Org.). **História da Virilidade**, v. 3, Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 7-12.

CARPENTIER, Florence. Alice Milliat: A Feminist Pioneer for Women's Sport. In: BAYLE, Emmanuel; CLASTRES, Patrick. (Ed.). **Global Sport Leaders**, London, UK: Palgrave Macmillan, p. 61-81, 2018. Disponível em: [sci-hub.tw/10.1007/978-3-319-76753-6_3](https://doi.org/10.1007/978-3-319-76753-6_3) Acesso em: 22 jan. 2020.

CAS – Court of Arbitration for Sport. **Media Release**. Athletics Dutee Chand Case. [online]. Lausanne, Suisse: 19th January 2018. Disponível em: https://www.tas-cas.org/fileadmin/user_upload/Media_Release_3759_Jan_2018.pdf Acesso em: 05 out. 2020.

_____. **CAS 2014/A/3759**. Dutee Chand v. Athletic Federation of India (AFI) & International Association of Athletics Federation (IAAF). [online]. Lausanne, Suisse: September, 2014. Disponível em: http://www.tas-cas.org/fileadmin/user_upload/award_internet.pdf Acesso em: 12 jan. 2018.

_____. **CAS 2018/O/5794 Mokgadi Caster Semenya v. International Association of Athletics Federations**. CAS 2018/O/5798 Athletics South Africa v. International Association of Athletics Federations. [online]. Lausanne, Suisse: April 30th 2019. Disponível em: https://www.tas-cas.org/fileadmin/user_upload/CAS_Award_-_redacted_-_Semenya_ASA_IAAF.pdf Acesso em: 06 out. 2020.

_____. **Media Release**. Athletics. CAS Arbitration: Caster Semenya, Athletics South Africa (AS) and International Association of Athletics Federations (IAAF). Decision. [online]. Lausanne, Suisse: May 1st 2019. Disponível em: https://www.tas-cas.org/fileadmin/user_upload/Media_Release_CAS_Arbitration_Caster_Semenya_ASA_IAAF.pdf

cas.org/fileadmin/user_upload/Media_Release_Semenya_ASA_IAAF_decision.pdf
Acesso em: 06 out. 2020.

CASPERSEN, Carl. J; POWELL, Kenneth E; GREGORY, M. Christenson. Physical activity, exercise, and physical fitness: definitions and distinctions for health-related research. **Public Health Reports**, Washington, D.C., v. 100, n. 2, p. 126-131, 1985. Disponível em : <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1424733/> Acesso em: 07 nov. 2019.

CASTELLANO, Julen *et al.* Gender differences in match performance characteristics of soccer players competing in the UEFA Champions League. **Human Movement Science**, v. 33, p. 159-171, fev. 2014.

CELNART, Élisabeth [Mme. Celnart ou Élisabeth Bayle-Mouillard]. **Nouveau manuel complet de la bonne compagnie ou guide de la politesse, et de la bienséance**. Lyon, France: Perisse Frères, 1839. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k63794372> Acesso em: 07 dez. 2019.

CERVI, Georgia. Gymnasts are not merely circus phenomena: influences on the development of Women's Artistic Gymnastics during the 1970s. **The International Journal of the History of Sport**, v. 32, n. 16, p. 1929-1946, 2015.

CHASE, Cheryl. What is the agenda of the intersex patient advocacy movement? **Prepared for First World Congress: Hormonal and Genetic Basis of Sexual Differentiation Disorders**. Tempe Arizona, May 17-18th, 2002. (proceedings to be published by The Endocrinologist). Disponível em: <http://www.isna.org/agenda> Acesso em: 20 set. 2018.

CHRISP, Peter. **A history of fashion and costume**. The Victorian Age. Hong Kong: Bailey Publishing Associates Ltd. 2005.

CIDADE, Maria Luiza Rovaris. **Nomes (im)próprios**: registro civil, norma cisgênera e racionalidades do sistema judiciário. Orientador: Pedro Paulo Gastalho de Bicalho. 2016. 200 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

CIO – COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE. **Bulletin Officiel du Comité International**. 4e année, n. 14, septembre 1929. Disponível em: <https://library.olympic.org/Default/digital-viewer/c-169757> Acesso em: 03 fev. 2020.

_____. La requête des Haltérophiles. **Revue Olympique. Sport, Éducation Physique et Hygiène**, n. 96, p. 185-186, décembre 1913a. Disponível em: <https://library.olympic.org/Default/digital-viewer/c-169712> Acesso em: 07 jan. 2020.

_____. Le Congrès Olympique. **Revue Olympique. Sport, Éducation Physique et Hygiène**, n. 86, p. 19-20, février 1913b. Disponível em: <https://library.olympic.org/Default/digital-viewer/c-169692> Acesso em: 30 dez. 2019.

_____. Le emblème et le drapeau de 1914. **Revue Olympique. Sport, Éducation Physique et Hygiène**, n. 92, p. 119-120, août, 1913c. Disponível em: <https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll1/id/13335/rec/61> Acesso em: 14 dez. 2019.

_____. Les femmes aux Jeux Olympiques. **Revue Olympique. Sport, Éducation Physique et Hygiène**, n. 79, p. 109-111, juillet 1912a. Disponível em: <https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll1/id/13229/rec/1> Acesso em: 08 jan. 2020.

_____. L'Éugénie. **Revue Olympique. Sport, Éducation Physique et Hygiène**, n. 83, p. 163-166, novembre 1912b. Disponível em: <https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll1/id/13262/rec/9> Acesso em: 09 jan. 2020.

_____. **Revue Olympique. Sport, Éducation Physique et Hygiène**, n. 84, décembre, 1912c. Disponível em: <https://library.olympic.org/Default/digital-viewer/c-169689> Acesso em: 07 jan. 2020.

_____. **Revue Olympique. Sport, Éducation Physique et Hygiène**, n. 32, août 1908. Disponível em: <https://library.olympic.org/Default/digital-viewer/c-168769> Acesso em: 13 jan. 2020.

_____. **Bulletin du Comité Olympique des Jeux Olympiques**, n. 4, avril 1895. Disponível em: <https://library.olympic.org/Default/digital-viewer/c-168405> Acesso em: 15 jan. 2019.

_____. **Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques**, n. 1, juillet 1894a. Disponível em: <https://library.olympic.org/Default/digital-viewer/c-81284> Acesso em: 03 jan. 2020.

_____. **Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques**, n. 2, octobre, 1894b. Disponível em: <https://library.olympic.org/Default/digital-viewer/c-168399> Acesso em: 07 jan. 2020.

CIPC - COMITÉ INTERNACIONAL PIERRE DE COUBERTIN. **Pierre de Coubertin (1863-1937) Olimpismo Seleção de Textos**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2015.

CITELI, Maria Tereza. Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento. **Estudos Feministas**, Florianópolis, SC: n. 1, ano 9, p. 131-145, 2º semestre, 2001.

Clinical Guidelines for the Management of Disorders of Sex Development in Childhood (2006) [online]. Disponível em: http://www.isna.org/books/clinical_guidelines Acesso em: 20 set. 2018.

CIXOUS, Hélène. **La risa de la Medusa**. Ensayos sobre la escritura. Barcelona: Anthropos e Madrid: Comunidad de Madri, 1995.

COB - Comitê Olímpico Brasileiro. **Confederações Brasileiras**. [online]. Disponível em: <http://www.cob.org.br/pt/Confederacoes> Acesso em: 23 set. 2015.

COLLINEAU, Alfred. **La gymnastique, notions physiologiques et pédagogies, applications hygiéniques et médicales**. Paris, France: Baillière et Fils, 1884. Disponível em: <https://archive.org/details/b28065827/page/n4> Acesso em: 19 dez. 2019.

CONNELL, (Raewyn) Robert W. Políticas da Masculinidade. **Revista Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995.

CORNELISSEN, Scarlett. A delicate balance: major sport events and development. In: LEVERMORE, Roger & BEACOM, Aaron (Eds.). **Sport and International Development**. United Kingdom, UK: Palgrave Macmillan, 2009, p. 76-97.

COSTA, Guilherme. "Respeito, mas não concordo com ela no feminino", diz Tandara sobre Tifanny. **Globo Esporte** [online], 02 fev. 2018. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/volei/noticia/respeito-mas-nao-concordo-com-ela-no-feminino-diz-tandara-sobre-tifanny.ghtml> Acesso em: 13 ago. 2018.

COUBERTIN, Pierre de. Les Jeux Olympiques a Much Wenlock. Une page de l'histoire d'athlétisme. **Le Revue Athlétique**, n. 12, p. 705-713, le 25 décembre 1890. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9693246c/f719.item.r=Wenlock> Acesso em: 14 jan. 2020.

_____. The meeting of the Olympian Games. **The North American Review**, v. 170, n. 523, p. 802-811, 1900. Disponível em: <https://archive.org/details/jstor-25105011/page/n1/mode/2up> Acesso em: 17 abril 2020.

_____. Les Sports de Neige. Luges, toboggans, bobsleighs. In : CIO – Comité International Olympique. **Revue Olympique**, 2^e série, n. 25, p. 9-14, Janvier, 1908. Disponível em: <https://library.olympic.org/Default/digital-viewer/c-80467> Acesso em: 03 fev. 2020.

_____. **Mémoires Olympiques**. Lausanne, Suíça: Bureau International de Pédagogie Sportive, 1931.

_____. Déclarations do Sr. Pierre de Coubertin recueillies para Andre Lang. **Le Journal**, n. 16.019, p. 1, Paris, France: le 27 août 1936. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k76348013/f1.item> Acesso em: 08 jan. 2020.

_____. **Le manifeste olympique**. Envoi de Juan-Antonio Samaranch. Lausanne, Suisse: Les Éditions du Grand Pont, 1994 [1892]. Disponível em : https://library.olympic.org/Default/doc/SYRACUSE/57527/le-manifeste-olympique-pierre-de-coubertin-envoi-de-juan-antonio-samaranch-pref-de-francois-d-amat?_lg=en-GB Acesso em : 19 março 2020.

COUBERTIN, Pierre *et al.* **Les Jeux Olympiques**. v. 2, Paris, França: C. Meessner & N. Kargadouris, 1896. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3202258/f19.image.r=Les%20jeux%20olympiques> Acesso em: 30 dez. 2019.

COX, Barbara; THOMPSON, Shona. Multiple bodies: sportswomen, soccer and sexuality. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 35, n. 1, p. 5-20, 2000.

DAMIANI, Durval. DICHTCHEKENIAN, Vaê. SETIAN, Nuvarte. O enigma da determinação gonadal – o que existe além do cromossomo Y? **Arq. Bras. Endocrinol. Metab.**, v. 44, n. 3, p. 248-256, jun. 2000.

DAMICO, José Geraldo Soares; KNUTH, Alan Goulart. O des(encontro) das práticas corporais e atividade física: hibridações e borramentos no campo da saúde. **Rev. Movimento**, v. 20, n. 1, p. 329-350, jan./mar. 2014.

DARWIN, Charles. **The descent of man, and selection in relation to sex**. Second Edition. London, UK: Jhon Murray, Albemarle Street, 1901 [1871]. Disponível em: https://ia803001.us.archive.org/28/items/ncbs.BB-001_0_0_0_1/BB-001_0_0_0_1.pdf Acesso em: 21 nov. 2019.

DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1994, p. 206-242.

DEFORD, Frank. The world flipped over Nadia Comaneci, a sprite who made gymnastics child's play. **Sports Illustrated**, v. 45, n. 5, p. 28-31, August 2, 1976. Disponível em: <https://vault.si.com/vault/43217#&gid=ci0258c0be000d26ef&pid=43217---028---image> Acesso em: 29 ago. 2020.

DeFRANTZ, Anita. The changing role of women in the Olympic Games. **Olympic Review**. Official Publication of the Olympic Movement, v. 26, n. 15, p. 18-21, June-July, 1997. Disponível em: <https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll1/id/35785/rec/1> Acesso em: 31 jan. 2020.

_____. Alice Milliat and the Women's Games. **Olympic Review**. Official Publication of the Olympic Movement, v. 26, n. 31, p. 27-28, February-March, 2000. Disponível em: <https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll1/id/36785/rec/5> Acesso em: 31 jan. 2020.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias da gente brasileira**. Volume 1: Colônia. São Paulo, SP: Leya, 2016.

_____. "Jogos de cavalheiros": as atividades físicas antes da chegada do esporte. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de. (Orgs.). **História dos Esportes no Brasil**. Do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 13-34.

_____. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 10 ed. São Paulo, SP: Contexto, 2015, p. 78-114.

_____. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1994.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: DELEUZE, Gilles (Org.) **O mistério de Ariana**. Lisboa, PORT: Vega, 1996, p. 83-96.

DERRIDA, Jacques. **Positions**. Paris, France: Les Éditions de Minuit, 1972. (Collection 'Critique').

_____. **Margens da filosofia**. Tradução de Joaquim Torres Costa, António M. Magalhães. Campinas, SP: Papirus, 1991.

DEVAY, Francis. **Traité spécial d'hygiène des familles**. Particulièrement dans ses rapports avec le mariage et au moral et les maladies héréditaires. Deuxième édition, refondue et corrigée. Paris, France: LABÉ, Librairie de la Faculté de Médecine, 1858. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9734739v.texteImage> Acesso em : 20 nov. 2019.

DEVIDE, Fabiano Pires. A natação como elemento da cultura física feminina no início do século XX: construindo corpos saudáveis, belos e graciosos. **Rev. Movimento**, v. 10, n. 2, p. 125-144, maio/agosto, 2004.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 10 ed., 3 reimp. São Paulo: Contexto, 2015, p. 223-240.

DOUGLAS, Gabrielle. Entrevista cedida à NBC SPORTS. TODAY goes inside Karolyi Ranch. [online], Juin 30th, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9Yw0v0YrUwQ&t=157s> Acesso em: 27 maio 2020.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. São Paulo, SP: Ed. Perspectiva S.A., 1976 [1966].

DROZDEK-MALOLEPSZA, Teresa. Women's World Games (1922-1934). **Kultura Fizyczna**, v. 13, n. 1, 59-73, 2014.

DUARTE, URBANO. Anno dois mil. **Revista da Semana**, n. 1, p. 3, 20 de maio de 1900. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=025909_01&PagFis=3 Acesso em: 23 fev. 2020.

DUFFY, Martha. Hello to a Russian pixie. **Sports Illustrated**, v. 38, n. 11, p. 24-27, March 19th, 1973. Disponível em: <https://vault.si.com/vault/41070#&gid=ci0258be9bf02e278a&pid=41070---027---image> Acesso em: 01 junho 2020.

DUNNING, Eric. **Sports Matters: Sociological studies of sports, violence and civilization**. Routledge: London, 1999.

_____. "Figurando" o esporte moderno: algumas reflexões sobre esporte, violência e civilização com referência especial ao futebol. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, CE, v. 42, n. 1, p. 11-26, jan./jun., 2011.

DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph. As relações entre os sexos no esporte. In: KNIJNIK, Jorge Dorfman (Org.). **Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro, RJ: Apicuri, 2010, p. 67-108.

EDUCAÇÃO PHYSICA. **Revista de Esportes e Saúde**, n. 29, outubro, 1941. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/164070/4778> Acesso em: 28 fev. 2020.

_____. **Revista de Esportes e Saúde**, n. 30, maio/1939. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/164070/2299?pesq=Lenk> Acesso em: 27 fev. 2020.

EISEN, Arnold. The meanings and confusions of Weberian 'rationality'. **British Journal of Sociology**, v. 29, n. 1, p. 57-70, 1978.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **Introdução à Sociologia**. Lisboa, Portugal: Edições 70 LDA, 2008.

_____. Introdução. In: ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa, Portugal: Difusão Editorial Lda, 1992, p. 39-99.

_____. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. 2. ed., Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 1994, 1 v.

_____. **O processo civilizador**: formação do estado e da civilização. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 1993, 2 v.

ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa, Portugal: Difusão Editorial Lda, 1992. (Coleção Memória e Sociedade).

ELLIOTT, Lynne. **Children and Games in the Middle Ages**. Oxford, UK: Crabtree Publishing Company, 2004. (Coleção The Medieval World). Disponível em: <https://archive.org/details/childrengamesinm00elli/mode/2up> Acesso em: 08 fev. 2020.

ELSAS, Louis J. *et al.* Gender verification of female athletes. **Genetic in Medicine**, v. 2, n. 4, p. 249-254, Julho/Agosto 2000. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11252710> Acesso em: 04 fev. 2018.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud, 2008.

ESPN. **Indian runner fails gender test, loses medal**. [online], 18 de dezembro de 2006. Disponível em: <https://www.espn.com/olympics/trackandfield/news/story?id=2701018> Acesso em: 26 set. 2020.

FÁBIO, André Cabette. Dois séculos separa a igualdade de mulheres e homens no Brasil. [online]. **Jornal A Folha**. 26 set. 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/asmais/2015/09/1675183-no-ritmo-atual-fim-da-desigualdade-entre-homens-e-mulheres-demoraria-240-anos.shtml> Acesso em: 02 out. 2015.

FASICK, Laura. Charles Kingsley's scientific treatment of gender. In: HALL, Donald E. (Ed.). **Muscular Cristianity**: embodying the victorian age, London, GB: Cambridge University Press, 1994, p. 91-113.

FAUCHÉ, M. Serge. Des exercices du corps à la guérison de l'esprit aux XVIIIe et XIXe siècles. **Revue d'histoire des sciences**, v. 52, n. 2, p. 285-306, 1999.

FAURE, Jean-Michel; SUAUD, Charles. **La raison des sports**: Sociologie d'une pratique universelle et singulière. Paris, France: Éditions Raisons d'Agir, 2015.

FAURE, Olivier. O olhar dos médicos. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Orgs). **História do corpo: Da Revolução à Grande Guerra**, 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 13-56.

FAUSTO-STERLING, Anne. **Sexing the Body**. 1ª ed. New York, USA: Basic Books, a member of the Perseus Books Group, 2000.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo, SP: Editora Elefante, 2018.

FEREZ, Sylvain. From Women's Exclusion to Gender Institution: A Brief History of the Sexual Categorization Process within Sport. **The International Journal of the History of Sport**, v. 29, n. 2, p. 272-285, 2012. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/09523367.2012.641221?needAccess=true> Acesso em: 20 março 2020.

FIFA - Fédération Internationale de Football Association. **Regulations - FIFA Gender Verification**. [online]. Zurique, Suíça, 30 maio 2011. Disponível em: http://www.fifa.com/mm/document/footballdevelopment/medical/01/45/42/02/genderverification_efsd.pdf Acesso em: 27 set. 2015.

FIG - Fédération Internationale de Gymnastique. **FIG Apparatus Norms**. [online]. March 2020. Disponível em: http://www.fig-gymnastics.com/publicdir/rules/files/en_Apparatus%20Norms.pdf Acesso em: 23 maio 2020.

_____. **Men Artistic Gymnastics**. Apparatus [online], 2020a. Disponível em: <https://www.gymnastics.sport/site/pages/disciplines/app-mag.php> Acesso em: 21 jun. 2020.

_____. **Women Artistic Gymnastics**. Apparatus [online], 2020b. Disponível em: <https://www.gymnastics.sport/site/pages/disciplines/app-wag.php> Acesso em: 21 jun. 2020.

_____. **Code de Pointage 2017-2020 - Gymnastique Masculine**. (2017). Disponível em: http://www.fig-gymnastics.com/publicdir/rules/files/mag/CoP_MAG_2017-2020_ICI-e.pdf Acesso em: 28 abril 2018.

_____. **Code de Pointage 2017-2020 - Gymnastique Féminine**. (2016). Disponível em: http://www.fig-gymnastics.com/publicdir/rules/files/fr_WAG%20CoP%202017-2020.pdf Acesso em: 28 abril 2018.

FINA - Fédération Internationale de Natation. **Programação Kazan 2015**. [online]. Disponível em: <http://sistema.cbdaweb.org.br/cbdaweb/uploads/noticia/p19qos6cniub41u9me8jkl91e957.pdf> Acesso em: 23 set. 2015.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault. In: **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. 1 ed. São Paulo, SP: Parábola Editorial, p. 123-151, 2013.

_____. Foucault e a Análise do Discurso na Educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 197-223, novembro/2001.

FLETCHER, Sheila. **Feminists and Bureaucrats**. A study in the development of girls' education in the nineteenth century. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2008.

FLORESTA, Nísia. **Opúsculo Humanitário**. Rio de Janeiro, RJ: Typographia de M. A. SILVA LIMA, 1853. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7743>
Acesso em: 21 dez. 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO, Ano XLVII, n. 13.716, p. 12, São Paulo: SP, 23 de julho de 1967. Disponível em:
<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=2634&keyword=Winnipeg&anchor=5187735&origem=busca&originURL=&pd=19fd9d4ab8f985a70158f7adee4bf529> Acesso em: 20 set. 2020.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 10 ed., 3 imp., São Paulo: Contexto, 2015, p. 510-553.

FORD, Bonnie; ROENIK, Alyssa. **The gymnastics factory. The rise and fall of the Karolyi Ranch**. [online]. ESPN International, July 14th, 2020. Disponível em:
https://www.espn.com/espn/feature/story/_/id/29235446/the-karolyi-ranch-where-us-women-gymnastics-gold-was-forged-price Acesso em: 02 set. 2020.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 22 ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2012.

_____. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. 21^a ed. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 2011a.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 39 ed. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b.

_____. **Nascimento da Biopolítica. Curso dado no Collège de France (1978-1979)**. EWALD, François & FONTANA, Alessandro (Orgs.). São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008a.

_____. **Segurança, Território, População**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008b.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. 2. ed.- São Paulo, SP: Martins Fontes, 2006a.

_____. Ética, Sexualidade, Política. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Ditos & Escritos V**. 2 ed., Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2006b.

_____. Estratégia, Poder-Saber. In: MOTTA, Manoel B. (Org.). **Ditos & Escritos IV**. 2 ed., Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2006c.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. 3 ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

_____. Sobre a Arqueologia das Ciências. Resposta ao Círculo de Epistemologia. In: MOTTA, Manoel Barros (Org.). **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de**

pensamento. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000a, p. 82-118. (Coleção Ditos & Escritos II).

_____. Michel Foucault explica seu último livro. *In*: MOTTA, Manoel Barros da Motta (Org.). **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento.** Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000b, p. 119-126. (Coleção Ditos & Escritos II).

_____. **Em defesa da sociedade:** Curso no Collège de France (1975 - 1976). São Paulo, SP: Ed. Martins Fontes, 2000c.

_____. **História da Sexualidade 2:** o uso dos prazeres. 8 ed. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1998a.

_____. **Microfísica do poder.** 13 ed. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1998b.

_____. L'éthique du souci de soi comme pratique de la liberté. *In*: **Dits et écrits IV (1954-1988).** DEFERT, Daniel & EWALD, François (Orgs.). Paris, France: Guallimard, v. 4, 1994a, p. 708-729.

_____. Les techniques de soi. *In*: **Dits et écrits IV (1980-1988).** DEFERT, Daniel & EWALD, François (Org.). Paris, France: Guallimard, v. 4, 1994b, p. 783-812.

_____. La fonction politique de l'intellectuel. *In*: **Dits et écrits III (1976-1979).** Paris, France: Édition Gallimard, 1994c, p. 109-114.

_____. **Technologies of the self.** A seminar with Michel Foucault. Edited by Luther H. Martin, Huck Gutman, Patrick H. Hutton. Anherst, USA: The University of Massachusetts Press, 1988, p. 16-49.

_____. **História da sexualidade 3:** o cuidado de si. 1 ed. n. 16. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1985.

_____. The subject and power. **Critical inquiry**, v. 8, n. 4, p. 777-795, 1982. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1343197> Acesso em: 27 dez. 2019.

_____. Body/Power. *In*: GORDON, Colin (Org.). **Power/knowledge. Selected Interviews and Other Writings 1972-1977.** Michel Foucault. New York, USA: Pantheon Books, 1980a, p. 55-62.

_____. The Politics of Health in the Eighteenth Century. *In*: GORDON, Colin (Org.). **Power/knowledge. Selected Interviews and Other Writings 1972-1977.** Michel Foucault. New York, USA: Pantheon Books, 1980b, p. 166-182.

_____. **Microfísica do Poder.** 23 ed. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1979.

_____. **O nascimento da clínica.** Rio de Janeiro, RJ: Forense-Universitária, 1977.

_____. **A arqueologia do saber.** Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1972.

FOURNARAKI, Eleni; PAPAKONTANTINO, Zinon. **Sport, Bodily, Culture and Classical Antiquity in Modern Greece.** New York, USA: Routledge Ed., 2011.

FRANKE, Werner W; BERENDONK, Brigitte. Hormonal doping and androgenization of athletes: a secret program of the German Democratic Republic government. **Clinical Chemistry**, v. 43, n. 7, p. 1262-1279, 1997.

FRANKLIN, Simon *et al.* What statistical data of observational performance can tell us and what they cannot: the case of Dutee Chand v. AFI & IAAF. **Br. J. Sports Med**, 2018. [online]. Disponível em: <https://bjsm.bmj.com/content/early/2018/02/22/bjsports-2017-098513.citation-tools> Acesso em: 26 set. 2018.

FRANTZOPOULOU, Aikaterini *et al.* Acrobatic Gymnastics in Greece from ancient times to the present day. **Studies in Physical Culture and Tourism**, v. 18, n. 4, p. 337-342, 2011.

FRASER, Nancy. Reconhecimento sem Ética? **Lua nova**, São Paulo, n. 70, p. 107-138, 2007.

FSFSF – Fédération des Sociétés Féminines Sportives de France. Les sports et la femme. Comment fut fondée la Fédération Internationale Féminine. **L'Auto**, 22e année, n 7628, p. 4, le 03 novembre 1921. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4628726x/f1.image.r=novembre%201921> Acesso em: 25 jan. 2020.

GALTON, Francis. **Inquiries into Human Faculty and Its Development**. London, UK: Macmillan and CO., 1883. Disponível em: <https://ia801304.us.archive.org/3/items/b21914631/b21914631.pdf> Acesso em: 10 jan. 2020.

GALTON, Francis. **Hereditary Genius an inquiry into its laws and consequences**. London, UK: Macmillan and CO., 1869. Disponível em: [https://archive.org/search.php?query=Francis+Galton&&and\[\]=year%3A%221869%22](https://archive.org/search.php?query=Francis+Galton&&and[]=year%3A%221869%22) Acesso em: 10 jan. 2020.

GAMBLE, Eliza Burt. **The evolution of woman: an inquiry into dogma of her inferiority to man**. New York, USA and London, UK: G.P. Putnam's Sons, 1894 [1893]. Disponível em: <https://ia800702.us.archive.org/16/items/evolutionwomana01gambgoog/evolutionwomana01gambgoog.pdf> Acesso em: 27 nov. 2019.

GARBER, Marjorie; VICKERS, Nancy (Eds.). **The Medusa reader**. New York, USA and London, UK: Routledge, 2003. Disponível em: <http://libgen.lc/ads.php?md5=261EE4FFDE5ADEF695634E18D3C4F1D3> Acesso em: 21 jan. 2020.

GARDINER, E. Norman. **Athletics of the Ancient World**. Oxford, UK: Oxford University Press, 1967 [1930]. Disponível em: <https://archive.org/details/athleticsofancie00gard/page/n1/mode/2up> Acesso em: 03 março de 2020.

GARDNER, George. **Viagens no Brasil: principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841**. 2. ed. Tradução de Albertino Pinheiro. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 1942 [1849].

Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/308/1/223%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf> Acesso em: 21 dez. 2019.

GAUDENZI, Paula. Intersexualidade: entre saberes e intervenções. **CSP - Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 1, p. 1-11, 2018.

GAZETA DE NOTÍCIAS, n. 29, Rio de Janeiro, RJ: 29 de janeiro de 1878. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/103730_01/3595 Acesso em: 30 jul. 2020.

_____. n. 247, Rio de Janeiro, RJ: 06 de setembro de 1877. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/103730_01/3015 Acesso em: 30 jul. 2020.

GEDDES, Patrick; THOMSON, John Arthur. **The evolution of sex**. Second Edition. New York, USA: The Walter Scott Publishing CO., LTD., 1908 [1889] Disponível em: <https://archive.org/details/b21729888/page/n5> Acesso em: 18 nov. 2019.

GIBSON, Joan. Educating for silence: renaissance women and the language arts. **Hypatia**, v. 4, n. 1, p. 9-27, 1989. Disponível em: <https://sci-hub.tw/10.1111/j.1527-2001.1989.tb00865.x> Acesso em: 08 fev. 2020.

GIOPOPO, Christiane. Eugenia: a higiene como estratégia de segregação. **Educar**, Curitiba, PR: Editora UFPR, n. 12, p. 167-180, 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n12/n12a15.pdf> Acesso em: 09 jan. 2020.

GLOBO ESPORTE. **Exames comprovam que a fundista sul-africana Caster Semenya é hermafrodita. Porta-voz da Iaaf garante que atleta não perderá ouro do Mundial de Berlim** [online], 10 de setembro de 2009. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Atletismo/0,,MUL1300147-16316,00-EXAMES+PROVAM+QUE+A+FUNDISTA+SULAFRICANA+CASTER+SEMENYA+E+HERMAFRODITA.html> Acesso em: 03 out. 2020.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. **Revista USP**, n. 108, p. 29-38, jan./fev./mar., 2016.

_____. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**. Porto Alegre, RS: v. 13, n. 02, p. 173-196, maio/agosto 2007.

_____. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.**, v. 19, n. 2, p. 143-151, abr./jun. 2005a.

_____. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**. v. 8, n. 1, p. 85-100, jan./jun. 2005b.

_____. A bela mãe e mulher. **Pro-Posições**, v. 16, n. 7, p. 79-102, maio/ago. 2005c.

_____. **Bela, maternal e feminina. Imagens da mulher na revista Educação Physica**. Ijuí, RS: Editora Ijuí, 2003. (Coleção Educação Física).

_____. **O método francês e a educação física no Brasil: da caserna à escola**. Orientador: Adroaldo Cezar Araújo Gaya. 1992. 215 f. Dissertação (Mestrado em

Ciências do Movimento). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola Superior de Educação Física. Porto Alegre, RS, 1992.

GOELLNER, Silvana Vilodre; FRAGA, Alex Branco. A inominável Sandwina e as obreiras da vida: silêncios e incentivos nas obras inaugurais de Fernando de Azevedo. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, v. 25, n. 2, p. 21-84, jan. 2004.

_____. Antinoüs e Sandwina: encontros e desencontros na educação dos corpos brasileiros. **Rev. Movimento**, v. 9, n. 3, p. 59-82, set./dez. 2003.

GOLD, John R.; GOLD, Margaret M. From A to B: the sumer olympics, 1896-2008. In: GOLD, J. R.; GOLD, M. M. (Eds.). **Olympic Cities**. City agenda, planning and the world's games 1896-2016. 2 ed., Oxon, UK: Taylor and Francis Group, 2011.

Disponível em:

<https://libgen.is/book/index.php?md5=950698A8BA0F68AA5533B1F8365052F6>

Acesso em: 26 dez. 2019.

GRAVES-BROWN, Carolyn. **Dancing for Hathor. Women in Ancient Egypt**. London, UK and New York, USA: Continuum Books, 2010.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana**. 5 ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2005.

GROSSFELD, Abie. Changes during the 110 years of the World Artistic Gymnastics Championships. **Science of Gymnastics**, v. 6, n. 2, p. 5-27, 2014.

GURLLY, Aaron W. From powerhouses to pixies and back: boys, men, and troubled masculinity in artistic gymnastics. In: MAGRATH, Rory; CLELAND, Jamie; ANDERSON, Eric. (Orgs). **The Palgrave Handbook of Masculinity and Sport**. Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan, 2020, p. 135-150.

GUTS MUTHS, Joahnn C. F. **Gymnastics for Youth or a pratical guide to healthful and amusing exercices for the use of schools**. Tradução de C. G. Salzmann. Philadelphia, USA: P. Byrne, 1803.

GUTTMANN, Allen. **Sports: the first five millennia**. Massachusetts, USA: University of Massachusetts Press, 2004.

_____. **The Olympics**. A history of the Modern Games. Illinois, USA: University of Illinois Press, 1992.

HALL, Donald E. Muscular Christianity: reading and writing the male social body. In: HALL, Donald. E. (Eds.). **Muscular christianity: embodying the victorian age**. London, GB: Cambridge University Press, 1994, p. 3-16.

HALL, Marshall. **Commentaires on some of more important of diseases of females**. In three parts. London, UK: Longman, Rees, Orme, Brown, Parternoster-Row, 1827. Disponível em: <https://ia802601.us.archive.org/5/items/b21460747/b21460747.pdf> Acesso em: 18 nov. 2019.

HALL, M. Ann. The Game of Choice: girl's and women's soccer in Canada. In: HONG, Fan; MANGAN, J. A. (Eds). **Soccer, women, sexual liberation**. Kicking off a

New Era. London, UK: Frank Cass, 2005, p. 31-48. Disponível em: <http://libgen.lc/ads.php?md5=5473ca5e01f817ff5110fdb51339c656> Acesso em: 13 fev. 2020.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença**. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 103-133.

HAMPSTEAD PHYSICAL TRAINING COLLEGE AND GYMNASIUM. **Madame Bergman Osterberg's Physical Training College**: Kingsfield, Dartford Heath, Kent. Kent, UK: [s.n.], p. 1-4, [1903a?]. Disponível em: <http://libcdm1.uncg.edu/cdm/compoundobject/collection/PEPamp/id/3318/rec/1> Acesso em: 12 dez. 2019.

_____. **Madame Bergman Osterberg's Physical Training College**: Kingsfield, Dartford Heath, Kent. Kent, UK: [s.n.], p. 1-12, [1903b?]. Disponível em: <http://libcdm1.uncg.edu/cdm/compoundobject/collection/PEPamp/id/3388/rec/2> Acesso em: 12 dez. 2019.

HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos pagu**, n. 22, p. 201-246, 2004.

_____. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n.5, p. 07-41, 1995.

HARGREAVES, Jennifer A. **Sporting females**. Critical issues in the history and sociology of women's sports. London and New York: Routledge, 1994. Disponível em: <http://93.174.95.29/ads/24DDEB083D198877D4207F9A87E75B6F> Acesso em: 10 dez. 2019.

_____. ‘Playing like gentlemen while behaving like ladies’: contradictory features of the formative years of women's sport. **The International Journal of the History of Sport**, v. 2, n. 1, p. 40-52, 1985.

HARPER, Joanna. **Sporting gender**. The history, science, and stories of transgender and intersex athletes. New York, USA: Rowam & Littlefield, 2019.

_____. Race times for transgender athletes. **Journal of Sporting Cultures and Identities**, v. 6, n. 1, p. 1-9, 2015.

HARVEY, Alexander. **Relative influence of the male and female parents in the reproduction of the animal species**. Edinburgh, UK: Murray and Gibb, Aug. 1854. Disponível em: <https://ia801300.us.archive.org/5/items/b22367767/b22367767.pdf> Acesso em: 18 nov. 2019.

HECK, Sandra. A Sport for Everyone? Inclusion and Exclusion in the Organisation of the First Olympic Modern Pentathlon. **The International Journal of the History of Sport**, v. 31, n. 5, p. 526-541, 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/09523367.2013.798305?needAccess=true> Acesso em: 08 jan. 2020.

HEGGIE, Vanessa. Testing sex and gender in sports: reinventing, reimagining and reconstructing histories. **Endeavour**, v. 34, n. 4, p. 157-163, 2010. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3007680/> Acesso em: 04 fev. 2018.

HENKEL, Ana Paula. Biologia não é de esquerda nem de direita. **O Estadão**, 28 dez. 2017. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/ana-paula-henkel/biologia-nao-e-de-esquerda-nem-de-direita/> Acesso em 14 ago. 2018 e Disponível em: <https://michelsonborges.wordpress.com/2017/12/28/biologia-nao-e-de-esquerda-nem-de-direita/> Acesso em: 21 dez. 2020.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 596-609, set./dez. 2007.

HOFMANN, Annette R. The American Turners: their past and present. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, n. 2, p. 119-127, 2015.

_____. Lady “Turners” in the United States: German American Identity, Gender Concerns, and “Turnerism”. **Journal of Sport History**, v. 27, n. 3, Special Issue: Ethnicity, Gender, and Sport in Diverse Historical Contexts, p. 383-404, 2000.

HOLDBROOK, Martin Luther. **Parturition without pain**. A code of directions for escaping from the primal curse. Eight Edition, enlarged. New York, USA: M. L. Holbrook Publisher, 1878. Disponível em: <https://archive.org/details/101597780.nlm.nih.gov/page/n6> Acesso em: 18 nov. 2019.

HOWE, Leslie A. Being and playing: sport and the valorization of gender. In: MORGAN, William J. (Orgs.). **Ethics in Sport**. 2 ed. Human Kinetics: USA, 2007, p. 331-345.

HOWELL, Reet; HOWELL, Maxwell L. Women in the Medieval and Renaissance Period: spectator only. **Canadian Journal of History of Sports**, v. 17, n. 1, p. 11-37, 1986. Disponível em: <https://sci-hub.tw/10.1123/cjhs.17.1.11> Acesso em: 08 fev. 2020.

HUIZINGA, JOHAN. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo, SP: Perspectiva, coleção Estudos, 1996, 4 v.

HURWITZ, Brian; RICHARDSON, Ruth. Inspector General James Barry MD: putting the woman in her place. **British Medical Journal**, v. 298, p. 299-305, february 4th 1989. Disponível em: <https://sci-hub.tw/https://dx.doi.org/10.1136%2Fbmj.298.6669.299> Acesso em : 25 nov. 2019.

IAAF - International Association of Athletics Federations. **IAAF - Eligibility Regulations for the female classification. (Athletes with differences of sex development)** (2018). [online]. Disponível em: <https://www.iaaf.org/news/press-release/eligibility-regulations-for-female-classifica>. Acesso em: 20 set. 2018.

_____. **Regulations Governing Eligibility of Female with Hyperandrogenism to Compete in Women’s Competition**. (2011a) [online]. Disponível em: <https://www.iaaf.org/about-iaaf/documents/medical> e [http://www.bmj.com/sites/default/files/response_attachments/2014/06/IAAF%20Regulations%20\(Final\)-AMG-30.04.2011.pdf](http://www.bmj.com/sites/default/files/response_attachments/2014/06/IAAF%20Regulations%20(Final)-AMG-30.04.2011.pdf) Acesso em: 11 jan. 2018;

_____. **Regulations Governing Eligibility of Athletes who have undergone Sex Reassignment to Compete in Women's Competition.** (2011b) [online]. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/2bc3fc_476cfbfe00df48c3aa5322a29d5e11b2.pdf> Acesso em: 16 jan. 2018;

_____. **IAAF - Policy on gender verification. (2006).** [online]. Disponível em: https://ihra.org.au/wp-content/uploads/2009/01/iaaf_policy_on_gender_verification.pdf. Acesso em: 20 set. 2018.

_____. **Minutes of the Meeting of the Council of the IAAF held in the Haus des Deutschen Sports on the Reichssportfeld, Berlin, 28/07/1936.** Disponível na Internet via correio eletrônico: doudou-sall.gaye@worldathletics.org. Mensagem: A message was sent from the World Athletics website to the Official Documents contact area. Data: 02 de fevereiro de 2020.

_____. Minutes of the Twelfth Congress of the International Amateur Athletic Federation, held in Stockholm, Sweden, at the Tow Hall, on the 28th and 29th of August, 1934. In: IAAF – International Amateur Athletic Federation. **Handbook of the International Amateur Athletic Federation. 1932-1934.** Suécia, dezembro de 1934. Disponível na Internet via correio eletrônico: doudou-sall.gaye@worldathletics.org. Mensagem: A message was sent from the World Athletics website to the Official Documents contact area. Data: 03 de fevereiro de 2020.

_____. Minutes of the Eleventh Congress of the International Amateur Athletic Federation, held in Los Angeles, California, USA., at the Biltmore Hotel on the 29th of July and the 8th and 9th of August, 1932. In: IAAF – International Amateur Athletic Federation. **Handbook of the International Amateur Athletic Federation. 1932-1934.** Suécia, dezembro de 1934. Disponível na Internet via correio eletrônico: doudou-sall.gaye@worldathletics.org. Mensagem: A message was sent from the World Athletics website to the Official Documents contact area. Data: 03 de fevereiro de 2020.

_____. **Minutes of the meeting of the Council of the IAAF. The 19th May of 1930, at Berlin.** [online]. Disponível na Internet via correio eletrônico: doudou-sall.gaye@worldathletics.org. Mensagem: A message was sent from the World Athletics website to the Official Documents contact area. Data: 02 de fevereiro de 2020.

_____. **Minutes of the meeting of the Council of the IAAF held at Amsterdam, Holland, the 13th and 14th of August of 1927.** [online]. Disponível na Internet via correio eletrônico: doudou-sall.gaye@worldathletics.org. Mensagem: A message was sent from the World Athletics website to the Official Documents contact area. Data: 02 de fevereiro de 2020.

INGHAM, Alan G. A biographical analysis framed by the work of Marx, Weber, Durkheim and Freud. In: GIULIANOTTI, Richard (Ed.). **Sport and Modern Social Theorists.** Great Britain: Antony Rowe Ltd, Chippenham and Eastbourne, 2004, p. 11-32. Disponível em: <https://libgen.is/book/index.php?md5=7B906C400CD5A7F26DA82C8E0AA423C9> Acesso em: 27 dez. 2019.

IOC – International Olympic Committee. **Factsheet. Women in the Olympic Movement.** (Update – June, 2020). Disponível em :

https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Factsheets-Reference-Documents/Women-in-the-Olympic-Movement/Factsheet-Women-in-the-Olympic-Movement.pdf#_ga=2.203640147.2127558717.1597096112-1159753565.1596665034 Acesso em : 10 ago. 2020.

_____. **Factsheet. Women in the Olympic Movement.** (update – October, 2018). 2018. Disponível em :
https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Factsheets-Reference-Documents/Women-in-the-Olympic-Movement/Factsheet-Women-in-the-Olympic-Movement.pdf#_ga=2.47700967.1572570459.1580579620-1971485397.1580478811
 Acesso em : 02 fev. 2020.

_____. **A brief history of tennis.** [online] May 03rd 2017a. Disponível em:
<https://www.olympic.org/news/a-brief-history-of-tennis> Acesso em: 30 de set. 2019.

_____. **Factsheet. The games of the Olympiad.** (update – december, 2017), 2017b. Disponível em :
<https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Factsheets-Reference-Documents/Games/OG/Factsheet-The-Games-of-the-Olympiad.pdf> Acesso em : 02 fev. 2020.

_____. **Consensus Meeting on Sex Reassignment and Hyperandrogenism.** November 2015a. Disponível em:
https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/IOC/Who-We-Are/Commissions/Medical-and-Scientific-Commission/EN-IOC-Consensus-Meeting-on-Sex-Reassignment-and-Hyperandrogenism.pdf#_ga=2.263316876.1885088449.1515708066-1076862022.1514392894 Acesso em: 11 jan. 2018.

_____. **GYMNASTICS: History of Artistic Gymnastics at the Olympic Games.** Reference Document. Olympic Studies Centre, March, 2015b. Disponível em:
https://stillmed.olympic.org/AssetsDocs/OSC%20Section/pdf/QR_sports_summer/Sports_Olympiques_gymnastique_artistique_eng.pdf Acesso em: 26 abril 2020.

_____. **IOC - Statement of the Stockholm consensus on sex reassignment in sports,** 2003a. Disponível em:
https://stillmed.olympic.org/Documents/Reports/EN/en_report_905.pdf. Acesso em: 18 set. 2018.

_____. **IOC - Explanatory note to the recommendation on sex reassignment and sports,** 2003b. Disponível em:
https://stillmed.olympic.org/Documents/Reports/EN/en_report_905.pdf Acesso em: 18 set. 2018.

_____. **The Official Report of the XVIII Olympiad of Tokyo 1964.** The Organizing Committee of the XVII Olympiad, v. 1 1964a. Disponível em:
<https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll8/id/27912/> Acesso em: 18 set. 2020.

_____. **The Official Report of the XVIII Olympiad of Tokyo 1964.** The Organizing Committee of the XVII Olympiad, v. 2, 1964b. Disponível em: <https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll8/id/27246/> Acesso em: 18 set. 2020.

_____. **IOC Medical Commission – Newsletter**, n. 5, p. 71-73, February 1968. Disponível em: <https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll1/id/28403/rec/2> Acesso em: 23 set. 2020.

_____. **The Official Report of the XVII Olympiad Rome 1960.** The Organizing Committee of the XVII Olympiad, v. 1, 1960a. Disponível em: <https://library.olympic.org/Default/digital-viewer/c-53271> Acesso em: 18 set. 2020.

_____. **The Official Report of the XVII Olympiad Rome 1960.** The Organizing Committee of the XVII Olympiad, v. 2, 1960b. Disponível em: <https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll8/id/21636/> Acesso em: 18 set. 2020.

_____. **The XIth Olympic Games Berlin 1936 Official Report.** Berlin, GE: Wilhelm Limpert, 1936. Organisationskomitee für die XI Olympiade Berlin 1936 E.V. Berlin, GE: Wilhelm Limpert, 1936. Disponível em: <https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll8/id/15825/rec/1> Acesso em: 03 maio de 2020 ;

_____. **The Official Report of the Organizing Committee for the XIV Olympiad – London 1948.** London, UK: MeCorquodale & CO. LTD, 1948 ;

_____. **Official Bulletin of the International Olympic Committee.** 10º ano, n. 28bis, May 1935. Disponível em: <https://library.olympic.org/Default/digital-viewer/c-169792> Acesso em : 01 fev. 2020.

_____. **The Games of the X Olympiad Los Angeles 1932. Official Report.** Los Angeles, USA: Published by the Xth Olympiade Committee of the Games of Los Angeles, USA, 1932 Ltd., 1933.

_____. **Official Report of the Olympic Games of 1928 celebrated at Amsterdam.** VAN ROSSEM, G. (Ed.). Amsterdam, Holland: Amsterdam J. H. de Bussy Ltd., 1928.

_____. **Official Bulletin of the International Olympic Committee.** 2º ano, n. 7, Juin, 1927. Disponível em: <https://library.olympic.org/Default/digital-viewer/c-169741> Acesso em: 07 jan. 2020.

_____. **The Official Report of the Olympic Games of Stockholm 1912.** The Swedish Olympic Committee. Wahlström & Widstrand, Stockholm, 1913. Disponível em: <http://olympic-museum.de/o-reports/olympic-games-official-report-1912.php> Acesso em: 10 jan. 2019;

ISNA - Intersex Society North America. **Clinical Guidelines for the Management of Disorders of Sex Development in Childhood (2006).** Disponível em: http://www.isna.org/books/clinical_guidelines. Acesso em: 20 set. 2018.

_____. **What is intersex?** Disponível em: http://www.isna.org/faq/what_is_intersex. Acesso em: 12 set. 2018.

JAHN, Friedrich Ludwig. **Treatise on Gymnastics**. Take chiefly from the German of F. L. Jahn. Tradução para o inglês: BECK, Charles. Northampton, Massachusetts, USA: Published by Simeon Butler, 1828. Disponível em: <https://archive.org/details/61420950R.nlm.nih.gov> Acesso em: 29 jan. 2018.

JAMA – Journal of American Medical Association. **Editorial**, v. 198, n. 10, dez., 1966, p. 117-118. Disponível em: <https://sci-hub.tw/10.1001/jama.1966.03110230133035> Acesso em: 21 set. 2020.

JEFFERSON, Laura; BLOOR, Karen; MAYNARD, Alan. Women in medicine: historical perspectives and recent trends. **British Medical Bulletin**, v. 114, 2015, p. 5-15. Disponível em: <https://academic.oup.com/bmb/article/114/1/5/246075> Acesso em : 25 nov. 2019.

JONES, Bethany Alice; ARCELUS, Jon; BOUMAN, Walter Pierre. **Sport and Transgender People: A Systematic Review of the Literature Relating to Sport Participation and Competitive Sport Policies**. *Sports Medicine*, v. 47, n. 4, p. 701-706, April 2017.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro (RJ), n. 231, p. 11, 01 de outubro de 1949. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_06/63017 Acesso em: 18 ago. 2020.

_____. Rio de Janeiro (RJ), n. 5, p. 12, 05 de janeiro de 1920. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_04/108?pesq= Acesso em: 25 fev. 2020.

_____. Rio de Janeiro (RJ), n. 229, p. 16, 17 de agosto de 1913. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_03/20311 Acesso em: 25 fev. 2020.

_____. Rio de Janeiro (RJ), n. 287 (1), p. 4, 14 de outubro de 1911. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_03/10577?pesq=%22regata%20feminina%22 Acesso em: 26 fev. 2020.

_____. Rio de Janeiro (RJ), n. 322, p. 2, 18 de novembro de 1897. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/8576 Acesso em: 30 jul. 2020.

JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro (RJ), Ano XVIII, n. 6.169, p. 1 e 3, 01 de outubro de 1949. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/112518_01/34293 Acesso em: 18 ago. 2020.

_____. Rio de Janeiro (RJ), Ano XVII, n. 5.865, p. 4, 03 de outubro de 1948. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/112518_01/31630 Acesso em: 18 ago. 2020.

JOSEPH, Ludwig H. Physical education in the early Middle Ages. In: ZEIGLER, E. F. (Org.). **Physical education in the Middle Ages**. Victoria, Canadá: Trafford Publishing, 2006a, p. 17-25.

_____. Gymnastics during the renaissance as a part of humanistic. *In*: ZEIGLER, E. F. (Org.). **Physical education in the Middle Ages**. Victoria, Canadá: Trafford Publishing, 2006b, p. 96-109.

_____. Medical gymnastics in sixteenth and seventeenth centuries. *In*: ZEIGLER, E. F. (Org.). **Physical education in the Middle Ages**. Victoria, Canadá: Trafford Publishing, 2006c, p. 138-158.

KARKAZIS, Katrina *et al.* Out of Bounds? A critique of the new policies on hyperandrogenism in elite female athletes. **The American Journal of Bioethics**, v. 12, n. 7, p. 3-16, 2012. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22694023> Acesso em: 04 fev. 2018.

KARSTEN, Brand. **Turnvater Jahn, der wegweiser zu Deutschlands einheit**: den deutschen turnen und vaterlandsfreunden. Schloeßmanns Verlagsbuchhandlung: Hamburg, Germany, 1910. Disponível em: <https://archive.org/details/turnvaterjahnder00bran/page/44/mode/2up> Acesso em: 29 abril 2020.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. *In*: HIRATA, H. *et al* (Orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2009, p. 67–75.

KELLER, Evelyn Fox. Gender and science: origin, history, and politics. **Osiris**, v. 4, n. 10, p. 27-38, 1995.

KENT, Susan King. **Sex and Suffrage in Britain (1860-1914)**. London, UK: Routledge, 1990. Disponível em: <http://93.174.95.29/ads/E3CD4E6534BC49C04720C069A386AF67> Acesso em: 25 nov. 2019.

KIM, Kun Suk; KIM, Jongwon. Disorders of Sex Development. **Korean Journal of Urology**, n. 53, p. 1-8, 2012. Disponível em: <https://synapse.koreamed.org/Synapse/Data/PDFData/0020KJU/kju-53-1.pdf> Acesso em: 10 jan. 2018.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **A mulher brasileira e o esporte**: seu corpo, sua história. São Paulo, SP: Mackenzie, 2003.

KNIBIEHLER, Yvonne. Les médecins et la ‘nature féminine’ au temps du Code Civil. **Annales ESC**. n. 4, p. 824-845, juil/aout 1976. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/AsPDF/ahess_0395-2649_1976_num_31_4_293751.pdf Acesso em: 17 nov. 2019.

KOHN, Hans. Father Jahn’s Nationalism. **The Review of Politics**, v. 11, n. 4, oct. 1949, p. 419-432.

KOIVULA, Nathalie. Perceived characteristics of sports categorized as gender-neutral, feminine and masculine. **Journal of Sport Behavior**, v. 24, n. 4, p. 377-393, 2001.

KVIECZYNSKI, Angélica. Nem pão, nem água. O relato de uma ginasta com transtorno alimentar obrigada a se pesar quatro vezes por dia. **Minha história**. Especial

para o UOL. [online]. 15 abril 2019. Disponível em:
<https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/minha-historia-angelica/> Acesso em: 27 maio 2020.

LA VIE AU GRAND AIR, n. 49, Paris, France: le 20 août 1899. Disponível em:
<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3200705j.r=Bergman-%C3%96sterberg?rk=21459;2> Acesso em: 19 dez. 2019.

LA VIE PARISIENNE: mœurs élégantes, choses du jour, fantaisies, voyages, théâtres, musique, modes. Paris, France: le 02 juillet 1938, p. 1165. Disponível em :
<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k12540572/f349.item.r=Ratjen.zoom> Acesso em: 14 set. 2020.

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. ULLMANN, Lisa (Org.). Tradução de Anna Maria Barros de Vecchi e Maria Sílvia Mourão. São Paulo, SP: Summus, 1978.

LANGLADE, Alberto; LANGLADE, Nelly R. de. **Teoria General de la Gimnasia**, 2 ed. Buenos Aires, Argentina: Editorial Stadium, 1970.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará, 2001.

LAZZAROTTI FILHO, Ari *et al.* O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. **Rev. Movimento**, v. 16, n. 1, p. 11-29, jan./mar., 2010.

LAYDEN, Joe. **Women in sport**. The complet book on the world's greatest female athletes. Los Angeles, USA: RR Donnelley & Sons Company, 1997. Disponível em:
<https://archive.org/details/womeninsportscom0000layd/page/n7> Acesso em: 20 dez. 2019.

LANTERI, Doutora [Julieta Lanteri]. O sport e a mão da mulher. **Sport Illustrado**, n. 1, v. 1, p. 3?, 07 de agosto de 1920. Disponível em :
http://memoria.bn.br/pdf/182664/per182664_1920_00001.pdf Acesso em : 23 fev. 2020.

LE CORSAIRE, 2nd année, Paris, France, le 01 janvier 1852. Disponível em:
<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4686108z/f1.item.r=Amor%C3%B3s> Acesso em: 24 ago. 2020.

LE FIGARO, 31 année, 3^a serie, n. 301, p. 3, Paris, France, le 27 décembre 1885. Disponível em:
<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2795262/f1.image.r=Zappas%20Olympics> Acesso em: 28 dez. 2019.

LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

_____. **A civilização do ocidente medieval**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

LE MIROIR DES SPORTS, n. 1.029, p. 15, Paris, France, le 20 septembre 1938.

LEITE JR. Jorge. **Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico.** São Paulo, SP: Annablume, FAPESP, 2011.

LENSKYJ, Helen Jefferson. Women's Olympics: protest, strategy or both? *In*: DART, J., WAGG, S. (Eds). **Sport, protest and globalization.** Global Culture and Sport Series. London, UK: Palgrave Macmillan, 2016, p. 35-50.

LENNON, Troy. Anni Londonderry rode around world and into the record books. **The Daily Telegraph**, [online]. sept. 24th, 2015. Disponível em: <https://www.dailytelegraph.com.au/news/today-in-history/annie-londonderry-rode-around-world-and-into-the-record-books/news-story/e62a7e9a30d539e49b96d3d8f88bc9fa> Acesso em: 11 dez. 2019.

LESSA, Patrícia; VOTRE, Sebastião Josué. Carteira rosa: a tecnofabricação dos corpos sexuados nos testes de feminilidade na olímpiada de 1968. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, RS: v. 35, n. 2, p. 263-279, junho 2013.

LOUVEAU, Catherine. Le corps sportif: un capital rentable pour tous? **Actuel Marx. Revue Corps dominés, corps en rupture**, n. 41, p. 55-70, 2007/1.

_____. Première partie: au fil des jours: les femmes et les hommes dans les pratiques physiques et sportives. *In*: DAVISSE, Annick et LOVEAU, Catherine (Orgs.). **Sports, école, société** : la différence des sexes. Féminin, masculin et activités sportives. Espace et Temps du Sport. Paris, France: L'Harmattan, 1998, p. 21-198.

LOVISOLO, Hugo. Mulheres e esporte: processo civilizador ou (des)civilizador. **LOGOS 33. Comunicação e Esporte**. v. 17, n. 2, p. 29-39, 2º sem., 2010.

MACALOON, John J. **This Great Symbol: Pierre de Coubertin and the Origins of the Modern Olympic Games.** London and New York: Routledge - Taylor & Francis Group, 2008.

MAGUIRE, Joseph. Sportization. *In*: **The Blackwell Encyclopedia of Sociology.** Malden, MA, USA: John Wiley & Sons, Ltd. 2007, p. 1-2. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/9781405165518.wbeoss242> Acesso em: 13 abril 2020.

MALLON, Bill; HEIJMANS, Jeroen. **Historical Dictionary of the Olympic Movement.** 4 ed., Toronto, CN: The Scarecrow Press. Inc., 2011.

MALLON, Bill; TURE, Widlund. **The 1896 Olympic Games.** Results for all competitors in all events with commentary. Jefferson, North Carolina, London: McFarland & Company, Inc., Publishers, 2009.

MANGAN, James Anthony. The social construction of Victorian femininity: emancipation, education and exercise. *In*: MANGAN, J. A. (Org.). **A sport-loving society: Victorian and Edwardian middle-class England at play.** London, UK: Routledge Taylor & Francis Group, 2006, p. 145-152.

MANEVIEUX, Bruyset de. **Traité sur la connaissance du royal jeu de paume et des principes qui sont relatifs aux différentes parties qu'on y joue.** Neuchatel, France:

[s.n.], 1783. Disponível em:

<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b86261180?rk=85837;2> Acesso em: 18 dez. 2019.

MANSFIELD, Louise; MALCOLM, Dominic. Sociology. *In*: POPE, S. W. & NAURIGHT, J. (Orgs.). **Routledge Companion to Sports History**, New York, USA: Taylor & Francis Group, 2010, p. 99-113.

MANOURY, Paul. Une école d'éducation physique pour jeunes filles. **LA VIE AU GRAND AIR**. Paris, France: n. 49, p. 586-587, le 20 août 1899. Disponível em : <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3200705j.r=Bergman-%C3%96sterberg?rk=21459;2> Acesso em: 19 dez. 2019.

MARLLON, Bill; WIDLAN, Ture. **The 1896 Olympic Games**: results for all competitors in all events, with commentary. Jefferson, North Carolina, and London: MacFarland & Company, Inc., 2009.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do feminino**: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro, RJ: Editora Fiocruz, 2004;

MAUDURIER, Gabriel. **Les bases fondamentales de la gymnastique**. Paris, France: Imprimerie Gyot, 1937?. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9659623h.texteImage> Acesso em: 18 abril 2020.

MAUDSLEY, Henry. **Sex in mind and in education**. Syracuse, New York, USA: C. W. Bardeen Publisher, 1884. Disponível em: <https://ia600206.us.archive.org/35/items/sexinmindandine00maudgoog/sexinmindandine00maudgoog.pdf> Acesso em: 09 dez. 2019.

_____. **Body and mind**: an inquiry into their connection and mutual influence, specially in reference to mental disorders. London, UK: MacMillan CO., 1870. Disponível em: [https://archive.org/search.php?query=body+and+mind&&and\[\]=year%3A%221870%22](https://archive.org/search.php?query=body+and+mind&&and[]=year%3A%221870%22) Acesso em: 09 dez. 2019.

MATOS, Gregório de, (1636-1965). Regra de bem viver, que a persuasões de alguns amigos deu a uns noivos, que se casavam. *In*: WISNIK, José Miguel. **Poemas escolhidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 167-168.

MAUSS, Marcel. **As técnicas corporais**: sociologia e antropologia. São Paulo, SP: EPU/EDUSP, 1974. 2 v.

MAYEUR, Françoise. L'éducation des filles en France au XIXe siècle : historiographie et problématiques. *In*: **Problèmes de l'histoire de l'éducation. Actes des séminaires organisés par l'École française de Rome et l'Università di Roma - la Sapienza (janvier-mai 1985)**. Rome: École Française de Rome, n. 104, p. 79-90, 1988. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/efr_0000-0000_1988_act_104_1_3267 Acesso em: 10 dez. 2019.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. São Paulo, SP: N1-Edições, 2018.

McCRONE, Kathleen E. The 'lady blue'. Sport at the Oxbridge women's college from their foundation to 1914. In: MANGAN, J. A. (Org.). **A sport-loving society: Victorian and Edwardian middle-class England at play**. London, UK: Routledge Taylor & Francis Group, 2006, p. 153-176.

McCRONE, Kathleen E. Play Up! Play Up! And Play the Game! Sport at the Late Victorian Girls Public School. **The Journal of British Studies**, 2nd ed., v. 23, p. 106-134, March, 1984.

McKAY, Jim; LABERGE, Suzanne. Sport et masculinités. **Clio. Historie, femmes et sociétés** [online]. v. 23, p. 1-18, 2006.

MEDEIROS & ALBUQUERQUE, José Joaquim de Campos da Costa. Correio Semanal. **Revista da Semana**, n. 1, p. 2-4, 20 de maio de 1900. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=025909_01&PagFis=3 Acesso em: 23 fev. 2020.

MEIGS, Charles D. **Lecture of some of the distinctive characteristics of the female**. Philadelphia, USA: T.K. and P.G. Collins, 1847. Disponível em: <https://ia601904.us.archive.org/35/items/9514342.nlm.nih.gov/9514342.pdf> Acesso em: 14 nov. 2019.

MELO, Victor Andrade de. O corpo esportivo nas searas tupiniquins – panorama histórico. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Márcia (Orgs.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 507-530.

_____. Por uma história do conceito esporte. Diálogos com Reinhart Koselleck. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, SP: v. 32, n. 1, p. 41-57, setembro 2010.

_____. **Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

MELO, Victor Andrade de; SCHETINO, André. A bicicleta, o ciclismo e as mulheres na transição dos séculos XIX e XX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p.111-134, jan./abril, 2009.

MELO, Victor Andrade de; FORTES, Rafael. A história do esporte: panorama e perspectiva. **Rev. Fronteiras**. Dourados, MS: v. 12, n. 22, p. 11-35, jul./dez. 2010.

MENNESSON, Christine. Être une femme dans un sport "masculin". Modes de socialisation et construction des dispositions sexuées. **Sociétés Contemporaines**, n. 55, p. 69-90, 2004.

MENNESSON, Christine; CROQUETTE, Elsa; GUÉRANDEL, Carine. Genre et activités sportives. **Agora débats/jeunesses** (Jeune, genre et société), n. 41, p. 66-80, 2006.

MESSNER, Michael A. Sports and male domination: the female athlete as contested ideological terrain. **Sociology of Sport Journal**, n. 5, p. 197-2011, 1988.

MEYERS, Dvora. Female Gymnasts Used to Compete on the Rings, But the Game Changed. **Jezebel**, 08 jul. 2012 [online]. Disponível em:

<https://jezebel.com/5932478/female-gymnasts-used-to-compete-on-the-rings-but-the-game-changed> Acesso em: 11 jan. 2019.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. Práticas de gênero e carreiras políticas: vertentes explicativas. **Estudos Feministas**, v. 18, n. 3, p. 653-679, Florianópolis, SC: set/dez, 2010.

MILLIAT, Alice. Les sports et la femme. Amis et Ennemis. **L'Auto**, 25^e année, n. 8.433, p. 4, le 17 janvier 1924. Disponível: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k46847307/f4.item.r=1924> Acesso em : 05 fev. 2020.

_____. Mme. Alice Milliat ou le sport et la femme. In: D'ESPEZEL, Pierre (dir.). **Les Cahiers de la République des Lettres des Sciences et des Arts**. 2^e année, n. 6. Paris, France : Le Beaux-Arts, le 15 Mai 1927. Disponível em : <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6118762q/f83.item> Acesso em: 30 jan. 2020.

_____. L'Éducation Physique et Sportive de la Femme. **Le Miroir des Sports**, n. 344 (nouvelle série n. 3), Paris, France: le 22 juillet, 1920. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6525308v/f2.image> Acesso em: 30 jan. 2020.

MILNE, Marjorie J. Perseus and Medusa on an Attic Vase. **The Metropolitan Museum of Art Bulletin**: New Series, v. 4, n. 5, p. 126-130, jan./1946.

MOCEANU, Dominique. **Off balance: a memoir**. New York, USA: Tuschstone, 2012.

MORENO, Andrea. A propósito de Ling, da ginástica sueca e da circulação de impressos em língua portuguesa. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, v. 37, n. 2, p. 128-135, 2015.

MOTA, Cahê; ROCHA, Danielle; GUERRA, Marcos. Simone Biles brilha no solo, conquista a quinta medalha e vira rainha no Rio. **Globo Esporte** [online]. Rio de Janeiro, 16 agosto 2016. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/ginastica-artistica/noticia/2016/08/simone-biles-brilha-no-solo-conquista-quinta-medalha-e-vira-rainha-no-rio.html> Acesso em: 20 maio 2020.

MOYSE, René. Mademoiselle Dora était... monsieur Ratjen. **L'Auto**, n. 13.802, p. 1 e 4, Paris, France: le 04 octobre 1938.

MROZEK, Donald J. The 'Amazon' and the American 'Lady': sexual fears of women as athletes. In: MANGAN, J. A.; PARK, Roberta J. (Orgs.) **From 'fair sex' to feminism: sport and the socialization of women in the industrial and post-industrial eras**. Great Britain: A. Wheaton & CO. Ltd. Exeter, 1987, p. 282-298.

NAAF - NATIONAL AMATEUR ATHLETIC FEDERATION. Fifth Annual Meeting, Women's Division, National Amateur Athletic Federation. **American Physical Education Review**, v. 34, n. 4, p. 241-242, 1929.

NAUL, Roland. History of sport and physical education in Germany, 1800-1945. In: NAUL, Roland; HARDMAN, Ken (Eds.). **Sport and Physical Education in Germany**. London, UK: Routledge, 2002, p. 15-26.

NUNOMURA, Myrian; OLIVEIRA, Maurício Santos. Centro de excelência e ginástica artística feminina: a perspectiva dos técnicos brasileiros. **Motriz**, Rio Claro, v. 18, n. 2, p. 378-392, abr./jun. 2012.

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. **Estudos Feministas**, v. 16, n. 2, p. 305-332, maio-agosto, 2008.

OLIVEIRA, Eleonora Menicucci. O feminismo desconstruindo e reconstruindo o conhecimento. **Estudos Feministas**, v. 16, n. 1, p. 229-245, Florianópolis, SC: janeiro/abril, 2008.

OLIVEIRA, Mauricio & BORTOLETO, Marco. Apontamentos sobre a evolução histórica, material e morfológica dos aparelhos da ginástica artística masculina. **Revista da Educação Física**, Maringá, PR, v. 22, n. 2, p. 283-295, 2º trimestre 2011.

OLIVEIRA, Megg Rayara de. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. Orientadora: Maria Rita de Assis César. 2017, 190 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR: 2017.

OLYMPIC.ORG. Official Website of the Olympic Movement. **Summer Olympic Games 1900**. [online] Disponível em: <http://www.olympic.org/paris-1900-summer-olympics> Acesso em 20 set. 2015.

PAPIN, Bruno. **Conversion et reconversion des élites sportives**. Approche socio-historique de la gymnastique artistique et sportive. Collection Sports en Société. Paris, France: L'Harmattan, 2007.

PARRATT, Cartriona M. Athletic "Womanhood": exploring sources for female sport in Victorian and Edwardian England. **Journal of Sport History**, v. 16, n. 2, p. 140-157, Summer 1989.

PASSOS, Adriano M. R. **Performances e Performatividade**: negociações de gênero e sexualidade em aulas de Educação Física. Orientadora: Eliane Gonçalves. 2014. 148 f. Dissertação. (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Goiás, 2014.

PAYNE, Marissa. 'My face is old but my heart is young': World's oldest gymnast still has move at 91. **The Independent** [online], 03 jul. 2017. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/life-style/health-and-families/my-face-is-old-but-my-heart-is-young-world-s-oldest-gymnast-still-has-moves-at-91-a7808246.html> Acesso em: 10 jan. 2019.

PFISTER, Gertrud. Cultural confrontations: German Turnen, Swedish gymnastics and english sport - European diversity in physical activities from a historical perspective. **Culture, Sport, Society**, v. 6 n. 1, p. 61-91, 2003.

_____. Sport for women. German women in sport and physical education: from exclusion to integration. In: NAUL, Roland; HARDMAN, Ken (Ed.). **Sport and Physical Education in Germany**. London, UK: Routledge, 2002, p. 191-202.

_____. The medical discourse on female physical culture in Germany in the 19th and early 20th centuries. **Journal of Sport History**, v. 17, n. 2, p. 183-198, 1990.

PINTO, Celi Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polít.**, v. 18, n. 36, p. 15-23, Curitiba, PR: jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf> Acesso em: 12 nov. 2019.

PIRES, Bárbara Gomes. **A gestão da integridade: corpo, sujeição e regulação das variações intersexuais no esporte de alto rendimento**. Orientadora: María Elvira Díaz-Benítez. 2020. 322 f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro – Museu Nacional. Rio de Janeiro, RJ, 2020.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso. Uma “volta ao mundo” com mulheres capoeiras: gênero e cultura negra no Brasil (1850-1920). In: XAVIER, Giovana; FARIA, Juliana Barreto; GOMES, Flávio (Orgs). **Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação**. São Paulo, SP: Selo Negro Edições, 2012, p. 282-296.

POSTOW, Betsy Carol. Women and Masculine Sports. **Journal of the Philosophy of Sport**, v. 7, n. 1, p. 51-58, 1980.

PRECIADO, Paul (B). **Testo yonqui**. Madri: España, 2008;

_____. **Manifesto contrassexual. Políticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo, SP: n-1 edições, 2014;

PRUDHOMME-PONCET, Laurence. Mixité et non-mixité : l'exemple du football féminin. **Clio. Femmes, Genre, Histoire [online]**. v. 18, p. 1-7, 2003.

PÚBLIO, Nestor Soares. Origem da Ginástica Olímpica. In: **Compreendendo a Ginástica Artística**. NUNOMURA, Myrian & NISTA-PICCOLO, Vilma Lení (ORgs.). São Paulo: Phorte, 2005, p. 15-26.

PÚBLIO, Nestor Soares. **Evolução histórica da ginástica olímpica**. Guarulhos, SP: Ed. Phorte, 1998.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. CLASCO: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, Argentina, p. 117-142, 2005.

QUINTILLAN, Ghislaine. Alice Milliat and the women's games. **Olympic Review**, v. 26, n. 31, p. 27-28, February-March/2000. Disponível em: <https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll1/id/36785/rec/5> Acesso em: 02 fev. 2020.

QUITZAU, Evelise Amgarten. Da ‘Ginástica para a juventude’ a ‘A ginástica alemã’: observações acerca dos primeiros manuais alemães de ginástica. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 2, n. 37, p. 111-118, 2015.

_____. “A Ginástica Alemã”: Aspectos da obra de Friedrich Ludwig Jahn. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. S501-S514, abr./jun. 2014.

_____. “O trabalho na forma de alegria juvenil”. A ginástica segundo Johann Christoph Friedrich Guts Muths. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 2, p. 359-373, abr./jun. 2012.

_____. Entre a graciosidade e a força: as mulheres nas sociedades ginásticas teuto-brasileiras (1901-1938). **Anais do XX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e do VII Congresso Internacional de Ciências do Esporte**. 17 a 21 setembro, 2017. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/congoce/7conice/index> Acesso em 10 nov. 2017;

RACIBORSKI, Adam. **Traité de la menstruation**: ses rapport avec l’ovulation, la fécondation, l’hygiène de la puberté et de l’age critique, son role dans les diferentes maladies, ses troubles et leur traitement. Paris, France : J-B Bailliére et Fils, Libraries de L’Académie Impériale de Médecine, 1868. Disponível em: <https://ia800205.us.archive.org/30/items/traitdelamenst00raci/traitdelamenst00raci.pdf> Acesso em: 20 nov. 2019.

RADFORD, Peter. Was the long eighteenth century a Golden age for women in sport? The cases of Mme Bunel and Alicia Thornton. **Early Modern Women: An Interdisciplinary Journal**, v. 12, n. 1, p. 183-194, 2017.

RADFORD, Peter F. Women’s foot-races in the 18th and 19th centuries: a popular and widespread practice. **Canadian Journal of History of Sport**. v. 25, n. 1, p. 50-61, 1994. Disponível em: <https://www.cabdirect.org/cabdirect/abstract/19941806594> Acesso em: 02 out. 2019

RAYMOND, Janice G. **The Transsexual Empire**: the making of the she-male. Boston, USA: Athenes Series, Beacon Press 1979.

REESER, Jonathan C. Gender identity and sport: is the playing field level? **British Journal of Sports Medicine**. v. 39, n. 10, p. 695-699, 2005. Disponível em: <http://bjsm.bmj.com/content/39/10/695> Acesso em: 12 fev. 2018.

REGO, Yordanna Lara. Necrotransfobia: políticas de extermínio na periferia do capitalismo brasileiro. **Revista Humanidade e Inovação**, v. 6, n. 16, p. 167-181, 2019.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: Conceitos essenciais. São Carlos, SP: Claraluz, 2005.

REVISTA DA SEMANA, Rio de Janeiro (RJ), n. 28, 25 de junho de 1932. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/025909_03/5606?pesq=%22Maria%20Lenk%22 Acesso em : 27 fev. 2020.

_____. Rio de Janeiro (RJ), n. 642, 31 agosto de 1912. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/025909_01/15278?pesq=sport Acesso em : 26 fev. 2020.

REVISTA FEMININA, São Paulo (SP), ano 4, n. 57, fevereiro 1919. Disponível em : <http://memoria.bn.br/DocReader/212547/615?pesq=natação> Acesso em: 27 fev. 2020.

_____. São Paulo (SP), ano 4, n. 32, janeiro, 1917. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=212547> Acesso em: 23 fev. 2020.

REVISTA MÉDICA BRASILEIRA. **Jornal da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro**. Ano 1, n. 1, Rio de Janeiro, RJ: Typographia Imparcial de F. P. BRITO, maio de 1841. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/revista-medica-brasileira/146366> Acesso em: 22 dez. 2019.

RIOT-SARCEY, Michèle. Michel Foucault para pensar o gênero: sujeito e poder. In: **O gênero nas Ciências Sociais: releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour**. 1 ed. São Paulo, SP: Editora Unesp; Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2014, p. 553-567.

RITCHIE, Robert; REYNARD, John; LEWIS, Tom. Intersex and the Olympic Games. **Journal of the Royal Society of Medicine**, v. 101, n. 8, p. 395-399, August 2008.

ROBIN, Gay. **Women in Ancient Egypt**. 2. ed. England, UK: Harvard University Press, 1996. Disponível em: <https://archive.org/details/womeninancienteg00robi/page/n3/mode/2up> Acesso em: 04 março 2020.

ROCHA, Danielle; VERÍSSIMO, Pedro. Treino, rejeição, estudo, tratamento e mais treino: a vida dos ginastas no CT. **Ginástica Artística**. **Globo Esporte** [online], 14 março 2015. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ginastica-artistica/noticia/2015/03/treino-refeicao-estudo-tratamento-e-mais-treino-vida-dos-ginastas-no-ct.html> Acesso em: 27 maio 2020.

RODULFO, Kristina. Simone Biles would like you to not compare her to male athletes. **Elle Magazine** [online], August 12th, 2016. Disponível em: <https://www.elle.com/culture/news/a38468/simone-biles-im-not-the-next-usain-bolt-michael-phelps/> Acesso em: 21 maio 2020.

ROHDEN, Fabíola. O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, p. 133-152, supl., jun./2008.

_____. A obsessão da medicina com a questão da diferença entre os sexos. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena e CARRARA, Sérgio. **Sexualidades e Saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro, RJ. Garamond, 2004, p. 183-196.

_____. **Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher**. 2 ed., Rio de Janeiro, RJ: Editora Fiocruz, 2001.

ROQUETE, José Ignacio. **Código do bom tom ou regras de civilidade e de bem viver no XIX século**. Paris, France: J.P. Aillaud, 1845. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k131713t.image> Acesso em: 23 dez. 2019.

ROSEN, David. The volcano and the cathedral: muscular Cristianity and the origins of primal manliness. In: HALL, Donald E. (ed.). **Muscular Cristianity: embodying the victorian age**. London, GB: Cambridge University Press, 1994, p. 17-44.

ROSOL, Nathalie. “Le sport vers le féminisme”. L’engagement du milieu athlétique féminin français au temps de la FSFSF (1917-1936). **Staps**, n. 36, p. 63-77, 2004/4. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-staps-2004-4-page-63.htm> Acesso em: 18 jan. 2020.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Émile, ou de l’Éducation**. Tome troisième et dernier. Paris, France : Jean Gillequin et Cie, Éditeurs, 1912 [1764]; Disponível em: <https://ia800502.us.archive.org/20/items/emile03rous/emile03rous.pdf> Acesso em: 03 dez. 2019.

RUBIN, Gayle. O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo. Tradução de Christine Rufino Dabat, Edileusa Oliveira da Rocha e Sonia Corrêa. **Recife: S.O.S Corpo**. 1993. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1740519/mod_resource/content/1/Gayle%20Rubin_trafico_texto%20traduzido%20%286%29.pdf Acesso em: 04 dez. 2019.

RUSSELL, Keith. The evolution of gymnastics. In: CAINE, D. J.; RUSSELL, K. **Handbook of Sports Medicine and Science**. Gymnastics. West Sussex, UK: John Wiley & Sons, Ltd., 2013, p. 3-16.

SÁ, Edgar Maciel de. MARQUES, Fabrício. REBELLO, Helena. GUERRA, Marcos. Semenya deixa preconceito e rivais para trás e conquista ouro nos 800m. **Globo Esporte**. [online]. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/atletismo/noticia/2016/08/semenya-deixa-preconceito-e-rivals-para-tras-e-conquista-ouro-nos-800m.html> Acesso em: 12 jan. 2018.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976.

SAINT-MARTIN, Jean. Pierre de Coubertin y los primeros Juegos Olímpicos de Atenas 1896. In: Historias de los Juegos Olímpicos. **Istor - Revista de Historia Internacional**. CIDE. Año: XVII, n. 65, p. 21-41, verano de 2016.

SALAS, Javier. Verificação do Sexo, nova humilhação para as jogadoras de Futebol. **Brasil El País**. 02 jun. 2015, [online]. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/01/ciencia/1433159953_245845.html Acesso em: 26 set. 2015.

SANISLO, Teresa. Protecting manliness in the age of Enlightenment the new physical education and gymnastics in Germany. In: GLEIXNER, Ulrike; GRAY, Marion W. **Gender in transition**. Discourse and practice in german-speaking Europe, 1750-1830. Michigan, USA: The University of Michigan Press, 2006, p. 265-281. Disponível em:

<http://93.174.95.29/ads/1D8EFFAA116D40A55CA799D5C30959FD> Acesso em: 13 março 2020.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Higiene e higienismo entre o Império e a República. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Márcia (Orgs.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2011, p. 283-312.

SCHAIBLE, Charles Henry. **An essay on the systematic training of the body**. A memorial essay published on the occasion of the First Centenary Festival of Friedrich Ludwig Jahn. London, UK: Trübner & CO., Ludgate Hill, 1878. Disponível em: <https://archive.org/details/essayonsystemati00scha/page/n13/mode/2up> Acesso em: 02 abril 2020.

SCHIEBINGER, Londa. Women in science: historical perspectives. In: URRY, C. M. *et al* (Eds.). **Women at work: a meeting on the status of women in astronomy**. Baltimore: Space Telescope Science Institute, 1993, p. 11-19. Disponível em: <http://www.stsci.edu/stsci/meetings/WiA/schieb.pdf> Acesso em: 24 nov. 2019.

SCHPUN, Mônica Raisa. Códigos sexados e vida urbana em São Paulo: as práticas esportivas da oligarquia nos anos vinte. In: SCHPUN, M. R. **Gênero sem Fronteiras**. Florianópolis, SC: Editora Mulheres, 1997, p. 45-72.

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. **Revista de Estudos Feministas**, v. 13, n. 1, p. 11-30, Florianópolis, SC: 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul/dez 1995.

SELL, Carlos Eduardo. Racionalidade e racionalização em Max Weber. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 79, p. 153-172, Jun./2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A Produção Social da Identidade e da Diferença. In: **Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, pp. 73-102.

SIRVENT, Fernández Rafael. **Biografía de Francisco Amorós y Ondeano (1770-1848)**. Diretor: Emilio La Parra. 2004. 501 f. Tesis doctoral. Universidad de Alicante, Facultad de Filosofía y Letras, Espanha. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2004.

SMITH-ROSENBERG, Carroll; ROSENBERG, Charles. The female animal: medical and biological views of woman and her role in nineteenth-century America. **The Journal of American History**, v. 60, n. 2, p. 332-356, sep. 1973.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808 a 1850)**. 2ª ed. revis. ampl. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2004.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação física: raízes europeias e Brasil**. 4 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

_____. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. 3 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. *In*: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 10 ed. 3 imp. São Paulo, SP: Contexto, 2015, p. 362-400.

SOUSA, Kátia Menezes de Sousa. Discursos de inovação e as urgências da sociedade: reflexões acerca do dispositivo de segurança em Michel Foucault. **Revista ABRALIN**, v. 14, n. 2, p. 73-91, jul./dez. 2015.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

SPORT ILLUSTRADO. Rio de Janeiro (RJ), Anno II, n. 32, p. 20?, 08 de janeiro de 1921. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/182664/per182664_1921_00023.pdf Acesso em: 26 fev. 2020.

STEVENSON, Sarah Ann Hackett. **The physiology of woman, embracing, girlhood, maternity and mature age**. 3rd Edition. St. Louis, USA: R.S. Pearle, 1882. Disponível em : <https://ia802601.us.archive.org/35/items/b20425430/b20425430.pdf> Acesso em : 26 nov. 2019.

STAUDT, Jéferson Luis; MAGALHÃES, Magna Lima. “Naturalmente” feitas, subalternas e masculinas: representações da mulher negra na revista Educação Physica (1939-1944). **Métis: história & cultura**, v. 17, n. 33, p. 227-247, jan./jun. 2018.

STEELE, Richard. **Poetical Miscellanies, confliting of original poems and translations**. 2nd Edition. London, UK: J. Tonson, 1727. Disponível em: <https://ia802707.us.archive.org/31/items/poeticalmiscell00unkngoog/poeticalmiscell00unkngoog.pdf> Acesso em: 15 jul. 2020.

STONE, Alison. On the Genealogy of Women: A Defence of Anti-Essentialism. *In*: Gillis S., Howie G., Munford R. (Eds). **Third Wave Feminism**. London, UK: Palgrave Macmillan, 2004, p. 85-96.

STRUTT, Joseph. **The sports and pastimes of the people of England**. From the earliest period, including the rural and domestic recreations, may games, mummeries, pageants, processions and pompous spectacles, illustrated by reproductions from ancient paintings in which are represented most of the popular diversions. London, UK: Methuen & CO, 1801. Disponível em: <https://ia800306.us.archive.org/31/items/sportspastimesof00struuoft/sportspastimesof00struuoft.pdf> Acesso em: 02 out. 2019.

TANNENBAUM, Rob. The life and murder of Stella Walsh, Intersex Olympic Champion. **Longreads** [online], August, 2016. Disponível em: <https://longreads.com/2016/08/18/the-life-and-murder-of-stella-walsh-intersex-olympic-champion/> Acesso em: 15 set. 2020.

TÄNNSJÖ, Torbjörn. Against Sexual Discrimination in Sports. *In*: MORGAN, William J. (Org.). **Ethics in Sport**. Human Kinetics, USA, 2007, p. 347-358.

TARASOULEAS, Athanasios. Stamata Revithi, “Alias Melpomeni”. Sport And Women. **Olympic Review**. Official Publication of the Olympic Movement. v. XXVI, n. 17, p. 53-54, oct./nov. 1997. Disponível em:

<https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll1/id/25070/rec/1> Acesso em: 28 dez. 2017.

TEETZEL, Sarah; TORRES, Cesar r. Drug testing, sex verification and the 1967 Pan-American Games. **The International Journal of the History of Sport**, v. 33, p. 1-20, 2016. Disponível em: <https://sci-hub.tw/https://doi.org/10.1080/09523367.2015.1134499#> Acesso em: 20 set. 2020.

TERRET, Thierry. From Alice Milliat to Marie-Thérèse Eyquem: revisting women's sport in France (1920-1960). **The International Journal of the History of Sport**, v. 27, n. 7, p.1154-1172, May 2010.

TERRET, Thierry. Conquêtes, résistances et arrangements. In: TERRET, Thierry. **Sport et Genre - La conquête d'une citadelle masculine**. Espaces et Temps du sport. Paris, France: L'Harmattan, 2005, p. 09-13.

THARSO, Paulo de. A elegância ...debanda. **Revista Feminina**, v. 4, n. 34, p. 19?, março, 1917. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=212547&PagFis=57> Acesso em : 24 fev. 2020.

THE NEW YORK TIMES. **Helen Preece to ride here**. November 05th, p. 33, 1911. Disponível em: https://www.newspapers.com/clip/15002673/the_new_york_times/ Acesso em: 08 jan. 2020.

THÉBERGE, Nancy. Sport, caractère physique et différenciation sexuelle. **Sociologie et sociétés**. v. XXVII, n. 1, p. 105-116, printemps 1995.

TOOHEY, Kristine ; VEAL, Anthony James. **Olympic Games**. A social science perspective. 2 ed. Trowbridge, UK: Cromwell Press, 2007.

TORRES, Peyronnet de. Le sport féminin apparait atteint un période de stagnation. **Le Miroir des Sports**. n. 585 (nouvelle série n. 249), le 18 Mars 1925. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9788067c.r=18%20mars%201925?rk=21459;2> Acesso em: 30 jan. 2020.

TRAMONTANO, Lucas. **Testosterona**: as múltiplas faces de uma molécula. Orientadora: Jane Araújo Russo. 2017, 399 f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

TRAVERS, Ann. QUEERING SPORT: Lesbian Softball League and the Transgender Challenge. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 41, n. 3, p. 431-446, 2006.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação**. Maringá, SP: Eduem, 2010.

TUBINO, M. J. G.; GARRIDO, F.; TUBINO, F. **Dicionário enciclopédico Tubino do esporte**. Rio de Janeiro, RJ: SENAC, 2006.

TUCCARO, Arghange. **Trois dialogues de l'exercice de sauter et voltiger en l'air**. Paris, FR: Chez Claude de Monstr'oeil, 1599. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k882581s/f207.image> Acesso em: 03 maio 2020.

VALENTIS, Mary; DEVANE, Anne. **Female rage**. Unlocking its secrets, claiming its power. The Medusa myth retold by Arnold Weinstein. New York, USA: Carol Southern Books, 1994.

VAN DALEN, Deobold B. The idea of physical education during the Middle Ages and Renaissance. (Preamble). In: ZEIGLER, E. F. (Org.) **Sport and physical education in the Middle Ages**. Victoria, Canadá: Trafford Publishing, 2006, p. xix – xxvi.

VEJA. A conquista da Grécia **Veja na História**. [online]. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/historia/olimpiada-1896/especial-jogos-olimpicos-era-moderna-atenas.shtml> Acesso em: 22 jul. 2016.

VICKERS, Jonathan R. **The Acrobatic Body in Ancient Greek Society**. Supervisor: Aara Suksi. 2016, 273 f. Thesis for the degree in Doctor of Philosophy. The University of Western Ontario, Canada, 2016. Disponível em: <https://ir.lib.uwo.ca/cgi/viewcontent.cgi?article=5498&context=etd> Acesso em: 05 março 2020.

VIGARELLO, Georges. Exercitar-se, jogar. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Orgs.). **História do corpo: Da Renascença às Luzes**. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 303-400.

VIGARELLO, Georges; HOLT, Richard. O corpo trabalhado. Ginastas e esportistas no século XIX. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Orgs.). **História do corpo: Da Revolução à Grande Guerra**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 393-478.

VOTRE, Sebastião; MOURÃO, Ludmila. Ignoring Taboos: Maria Lenk, Latin American Inspirationalist. **The International Journal of the History of Sports**, v. 18, n. 1, p. 196-218, 2001.

YAN, Holly. **Karolyi Ranch produced champions and a culture of fear, ex-gymnasts say**. [online]. CNN USA, February 2nd, 2018. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2018/02/02/us/karolyi-ranch-gymnastics-abuse-allegations/index.html> Acesso em: 02 set. 2020.

WAMSLEY, Kevin B.; PFISTER, Gertrud. Olympic men and women: the politics of gender in the Modern Games. In: YOUNG, Kevin; WAMSLEY, Kevin. B. (Orgs.). **Olympics historical and sociological studies of the Modern Games**. Oxford, UK: Elsevier Ltd., 2005, p. 103-125.

WARE, Seamus. An Irishwoman's part in admission of women athletes to the Olympic Games – Sophie Peirce. **Journal of Olympic History**, v. 13, p. 12-13, 2005/1. Disponível em: <http://isoh.org/wp-content/uploads/2015/03/156.pdf> Acesso em: 02 fev. 2020.

WARREN, Patrícia Nell. TAMARA E IRINA PRESS - Ascenso y declive de las pruebas de verificación de sexo. In: WARREN, Patrícia Nell. **EL VESTUARIO DE**

COLOR ROSA - Semblanzas de deportistas gays, lesbianas, transexuales y bisexuales. Madrid, ESP: Editorial EGALES, 2007, p. 163-181.

WASHINGTON, Robert E; KAREN, David. Sport and Society. **Annual Review of Sociology**, v. 2, p. 187-212, 2001.

WEBER, Eugen. Pierre de Coubertin and the introduction of organized sport in France. **Journal of Contemporary History**, v. 5, n. 2, p. 3-26, 1970.

_____. Gymnastics and Sports in Fin-de-Siècle France: Opium of the Classes? **The American Historical Review**, v. 76, n. 1, p. 70-98, fev./1971.

WEBER, Max. A “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais. In: **Max Weber - Sociologia**. Gabriel Cohn (Org.). 5 ed. São Paulo, SP: Ed. Ática, 1991, p. 79-127.

_____. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Ensaio de Sociologia**. 5 ed. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2008.

_____. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 4 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José G. **Formação do Brasil Colonial**. 4 ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, RJ: Editora Nova Fronteira, 2005.

WESTBERG, Johannes. Adjusting Swedish gymnastics to the female nature: Discrepancies in the gendering of girls’ physical education in the mid-nineteenth century. **Espacio, Tiempo y Educación**, v. 5, n. 1, p. 261-279, 2018.

WILK, Stephen R. **Medusa**: solving the mystery. New York, USA: Oxford University Press, 2000.

WISE, Sarah. Inconvenient People Lunacy, Liberty and the Mad-Doctors in Victorian England. Great Britain, UK: **The Bodley Head**. 2012. Disponível em: <https://libgen.is/book/index.php?md5=434A6C96D328E7747ED883CB708B1808> Acesso em: 09 dez. 2019.

YAN, Holly. Karolyis Ranch produced champions and a culture of fear, ex-gymnasts say. **CNN** [online], February 2nd, 2018. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2018/02/02/us/karolyi-ranch-gymnastics-abuse-allegations/index.html> Acesso em: 27 maio 2020.

YANNOULAS, Silvia. Feminização ou feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. **Temporalis**, ano 11, n. 22, p. 271-292, jul./dez. 2011.

YOUNG, David C. **A brief history of the Olympic Games**. Malden, USA: Blackwell Publishing, 2004. Disponível em: <https://libgen.is/book/index.php?md5=7017602950F10FF95FF6877C465355D4> Acesso em: 26 dez. 2019.